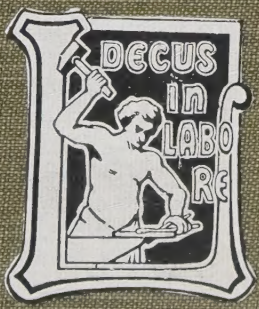
OBRAS PRIMAS da LITTERATURA PORTUGUEZA

SERMÕES

DO

Padre ANTONIO VIEIRA



OBRAS COMPLETAS
DO
PADRE ANTONIO VIEIRA
—
SERMÕES

SERMÕES

VOLUME IX

Revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves

Prègador, ou S. Paulo, ou Vieira
D. Luiz de Sousa, Arc. de Braga.

ALMA COLLEGE
ST. IGNATIUS' CHURCH
LIBRARY
3220-43RD ST. S.E.
PORTLAND, OREGON
Alma, California
ALMA COLLEGE
252
LIBRARY
V673
Alma, California

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
R. DAS CARMELITAS, 144
—
1908

0111

IMPRENSA MODERNA, de Manoel Lello
Rua da Rainha D. Amelia, 61 — PORTO

Composto em machina americana
((MERGENTHALER))

SERMÃO

DE

SANTA IRIA *

Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes. [1]

I

Assim como segurar a vida da eternidade é a maior prudencia, assim perdel-a, ou arriscal-a é a mais rematada loucura. Só aquelle que se soube salvar, posto que em tudo o mais obrasse como nescio, foi prudente; e só aquelle que não sabe segurar este ponto, ainda que em tudo pareça prudente, é louco. Isto é o que nos ensinou o divino Mestre, e isto o que hoje nos repete o Evangelho na tão sabida parabola das dez Virgens. Cinco dellas, diz Christo, eram loucas, e cinco prudentes: *Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes.* [2] E em que consistiu a prudencia das prudentes, e a loucura das loucas? Consistiu em que depois da prevenção de umas e não de outras, as prudentes com as suas alampadas accezas, entraram em companhia do Esposo ás bodas do céu: e as loucas com as alampadas apagadas, acharam a porta cerrada, e ficaram de fóra. O' Iria, Virgem entre todas, e em tudo singularissima! Singular na vida, singular na morte, singu-

---

* Foi prégado este Sermão em Santarem. Qualquer que seja o valor historico que deva dar-se á vida de Santa Iria, tal qual a apresenta Vieira, a verdade é que, basta só a parte moral d'este Sermão para dar-lhe um lugar distincto na serie dos Sermões do genial prégador.

[1] *Math.*, XXV.

[2] *Math.*, XXV, 2.

lar na sepultura, e com singularidade, nem antes, nem depois de vós communicada a outrem, verdadeiramente unica! A cada uma das outras Virgens, cuja santidade e gloria celebra a Igreja, o louvor que particularmente lhe canta, é haver sido uma do numero das prudentes: *Hæc est virgo sapiens, et una de numero prudentum.* Eu, porém, o que singularmente admiro na nossa Santa, é que não só foi virgem do numero das prudentes, senão tambem do numero das loucas. As prudentes achou-as a morte com as alampadas accezas; as loucas com as alampadas apagadas: e a S. Iria como a achou? Não ha duvida que com a alampada apagada, como logo veremos. Mas nisto mesmo consistiu aquella excellencia que a fez singular e unica entre todas, e sobre todas. As outras Virgens entraram no céu com as alampadas accezas; Iria com a alampada apagada: as outras com applausos de Virgens prudentes; Iria com supposições de virgem louca: e porque na opinião do mundo foi uma do numero das loucas, por isso excedeu singular e unicamente a todas as prudentes. Esta será a materia do meu discurso, tanto para gloria de S. Iria, como para exemplo de Santarem. E porque vejo que a novidade do assumpto vos parece difficultosa, seja essa tambem nova razão de me ajudardes a pedir mais que a ordinaria graça. *Ave Maria.*

II

Sentença é divina, tão infallivel na verdade, como provada na experiencia, que aquella graça da natureza, a que os olhos chamam formosura, não é mais que uma apparencia da mesma vista enganosa e vã. Comecemos por aqui, pois este foi o principio fatal daquella horrenda tragedia, que depois de convertida em gloria, tirou e deu o nome a esta antiquissima e nobilissima republica. E' a graça e formosura enganosa e vã: *Fallax gratia, et vana est pulchritudo*, [1] diz o Espirito Santo por bocca de Salomão, o mais experi-

[1] *Prov.*, XXXI, 30.

mentado neste engano, e o mais desenganado desta vaidade. Nem era necessario o testemunho de tão soberanas auctoridades divina e humana, para persuadir esta fé á vista. Até os Poetas, que tanto se empregam em disfarçar e encobrir a falsidade desta apparencia, e com nomes de diamantes, rubis e safiras procuram fazer solida a sua vaidade, não puderam deixar de confessar quão fragil é, e de pouca dura: *Forma bonum fragile est*, disse Ovidio: e Seneca: *Res est forma fugax.* Os philosophos que mais professam o verdadeiro, concedendo-lhe os poderes, não lhe poderam negar a fraqueza e falsidade. Socrates chamou á formosura tyrannia, mas de breve tempo: *Brevis temporis tyrannis;* Theophrasto chamou-lhe engano mudo: *Deceptio tacita;* porque sem fallar engana. E que direi dos Santos Padres? S. Jeronymo diz, que a formosura é um esquecimento do uso da razão: *Oblivio rationis;* e aonde falta o lume da razão, quaes serão as cegueiras dos sentidos? S. Basilio, S. Bernardo, S. Efrem, S. Isidoro Pelusiota, e outros Santos, para descobrir o mesmo engano, sem chegar aos horrores da sepultura, consideram as fealdades interiores que este especioso véu occulta ainda em vida, e correndo a cortina ao idolo tão adorado da formosura, não só a demonstram feia, mas asquerosa e medonha. Porém não são estes ainda os assombros da nossa tragedia.

S. João Chrysostomo e S. Gregorio Nazianzeno, parando mais benignamente só na superficie, em que consiste a formosura, suppoem sem mais apparato, que é uma pintura de duas côres, branco e vermelho. Assim a descreveu no seu amado aquella Pastora tão bem entendida como Salomão: *Dilectus meus candidus, et rubicundus.* A formosura pois em toda a sua esphera, ou é natural, ou artificial, ou moral. O branco e vermelho da artificial é o que se vae comprar ás boticas, onde estão venaes toda a semana as caras com que se ha de apparecer ao domingo. O da formosura moral celebra Nazianzeno na santa virgem Gorgonia, da qual diz, que o branco de que usava no rosto, era o que causa o jejum; e o vermelho, com que tingia as faces, o que tira a ellas o pejo: *Unus illi rubor placebat, quem pudor affert, unus candor, quem parit abstinentia.* Finalmente, S. Chrysostomo definindo a formosura natural physicamente, diz que

não é outra coisa que uma mistura de fleima e sangue: *Pulchritudo est phlegma cum sanguine mixtum:* a fleima faz o branco, o sangue o vermelho. Mas o que eu noto digno de particular advertencia nestes dois humores, é que a composição delles causa a formosura, e a descomposição as enfermidades. Sendo porém as enfermidades as armas naturaes da morte, muito mais mortes tem causado a fleima e o sangue, em quanto origem da formosura, que em quanto instrumento da mesma morte. Em Dina matou a formosura a Sichem, em Dalila matou a Samsão, em Judith matou a Holofernes, em Helena a toda a Troya, em Lucrecia a toda a Roma, em Florinda a toda a Hespanha, e na nossa Santa, que é mais, não a outrem, senão a ella mesma. Outros adoeceram da sua formosura, mas a quem matou a mesma formosura, foi á mesma Iria.

III

Entre as façanhas tragicas que executou o amôr cego, guiado por este engano da vista, nenhum caso foi tão similhante em seus effeitos ao de Iria, como o de Bersabé, posto que de nenhum modo egual. Era David rei e santo, quando viu que não devera a Bersabé; e ambas estas columnas derrubou de um tiro aquella vista, triumphando do profano no rei, e do sagrado no Propheta a sua formosura. Tal a formosura de Iria, que, segundo a descrevem as historias, e a encarecem as tradições, ainda por seu mal, ou seu bem, era maior que a que cegou David. Viu-a uma vez Britaldo, filho do Senhor de Nabancia, e no mesmo ponto adoeceu com tão perigoso accidente, que sem duvida morrera da ferida, se a mesma causa della com animo varonil o não visitara. Sarou-o milagrosamente com o signal da cruz, acompanhado de razões santas; debaixo da promessa, porém, que no caso de acceitar esposo humano, não seria outro senão a elle. Até aqui o que facilmente se podia crêr. O que agora se segue, nem imaginar-se podia. Composto e emendado o primeiro amôr juvenil e profano, dois annos gastou o demonio em conquistar outros annos mais maduros, e render fam-

bem e profanar o sagrado. Era Remigio monge, e por suas cãs e virtudes mestre de Iria, em cujo peito a continuação da mesma vista accendeu tal fogo, que, trocado o affecto paternal em amôr libidinoso, em vez de a animar e louvar depois da primeira batalha, como tão gloriosamente vencedora, determinou de a render a seu furioso appetite, e triumphar nella da mesma victoria. Declarou-se sem reverencia de Deus, nem pejo de si mesmo: e como a santa discipula com os mesmos documentos santissimos que delle tinha recebido, lhe estranhasse a fealdade de tão sacrilego e abominavel intento; que faria a hypocrisia daquellas tão verdes cãs, vendo-as assim confundidas e affrontadas? Não ha vicio que uma vez precipitado, se não despenhe em outros maiores. Resolve-se a vingar uma affronta com outra, e o velho máu e infame, a infamar a constante honestidade da castissima donzella. Não das hervas de que se sustentava como ermitão, mas de outras exquisitas e venenosas, temperou por arte magica uma bebida, a qual sem saber a innocente o que tomava, lhe causou uma tal inchação no ventre, que, não podendo encobrir as roupas o que cobriam, davam manifestos signaes de ter concebido, e não estar longe do parto. O primeiro que chorou com publicas lagrimas a desgraça e cahida da sua filha espiritual, foi o mesmo machinador daquelle engano, e não só Britaldo (do qual diremos depois) mas todo o povo que d'antes venerava a Iria como santa, carregando-a agora de nomes feios e vis, a publicava por mulher leviana, ficta, escandalosa e torpe, infiel aos homens, traidora á sua profissão, e adultera ao mesmo Deus. Neste abysmo de confusão e miseria, passou Iria os dias que lhe restavam de vida, desprezada e infamada nos olhos e boccas do mundo: em si mesma, porém, e para com seu divino Esposo, tão fiel, tão constante, e tão pura como os puros espiritos. E porque (temos chegado a nosso ponto) e porque Iria, sendo na realidade virgem prudente e prudentissima, na opinião do mundo era louca, e quando as outras sahiram a receber o Esposo com as alampadas accezas, ella sahiu com a sua escurecida e apagada, esta notavel differença, foi a excellencia singular que a fez mais illustre e gloriosa que todas. Isto é o que prometti, e o que digo: vêde agora se tenho razão.

Acabou Santa Iria a vida com opinião de louca, e esta foi a maior excellencia, e a maior prova de sua heroica virtude, conservar-se virgem prudente na realidade, sendo louca na opinião. Se não fôra heroicamente prudente, quando se viu infamada e reputada por louca, havia de perder totalmente o juizo, e enlouquecer verdadeiramente. Não me atrevera a dizer tanto, se não fôra sentença expressa do mesmo Deus no Texto original: *Calumnia insanire facit sapientem.* [1] A calumnia e o falso testemunho, faz endoidecer o sabio. E os Setenta Interpretes declarando esta doidice, ou o modo deste endoidecer, dizem que é *circumferendo*, dando-lhe volta ao juizo. Mas o nosso parece que está duvidoso em crêr um tamanho excesso, porque o contradiz a experiencia. E' certo que ha muitas calumnias e muitos falsos testemunhos, e comtudo não vemos endoidecer os calumniados. Se assim fôra, todo o mundo estivera na casa dos loucos. Pois se ha tantos calumniados, porque ha tão poucos doidos? Porque ha poucos sizudos. A Escriptura não diz que a calumnia faz endoidecer a todos, senão aos sabios: *Calumnia insanire facit sapientem.* Calumniado e infamado, só perde o juizo quem o tem. Nesta circumstancia consistiu o heroico da virtude da nossa Santa. Sendo Virgem prudente, vêr-se reputada por loucâ, e não enlouquecer. As Virgens nescias bem me rio eu que endoidecessem, porque não tinham juizo para tanto. E para que vejaes se tinha bastante razão Iria para lhe dar o juizo uma volta, vêde quantas voltas deu o seu caso a todos os juizos da terra onde vivia. Todos d'antes a reputavam por virgem purissima, e tanto que foi calumniada, todos a reputaram má mulher, trocando o conceito e juizo que da sua virtude faziam. E se aquelle caso foi bastante para voltar os juizos de todos, quanto mais poderoso seria para dar uma volta ao juizo da mesma a quem tocava, e na parte mais viva e mais delicada da honra, qual é a honestidade de uma donzella nobre? Sem duvida endoideceria, sendo tão sabia e tão prudente, se a sua sabedoria e prudencia não fôra excellentemente heroica.

Por excellentemente heroica louvam todos os San-

[1] *Eccl.*, VII, 8.

tos a constancia de Suzana, calumniada e infamada; mas as circumstancias do seu caso nenhuma comparação teem com o de Santa Iria. Diz S. Ambrosio que accusada Suzana, calava, porque tinha contra si o numero e a edade dos seus accusadores: *Numerus sacerdotum, atque senectus vocem auferebat puellæ.* Todos se compadeciam de Suzana, e todos defendiam sua innocencia, e ella, comtudo, não se defendia, mas calava; porque os accusadores eram dois, e ella uma: os accusadores velhos, e ella moça. Vêde agora quanto vae de caso a caso. Suzana tinha dois contra si, e Iria não só dois contra si, nem só duzentos, senão universalmente todos, e a uma voz: não havendo quem ao menos puzesse em duvida a sua culpa, mas reconhecendo-a todos por verdadeira, suppondo-a todos por certa, e condemnando-a todos como provada. Suzana tinha contra si uma só edade, e uma só condição de homens: e Iria tinha contra si todas as edades, e todas as condições, e todos os estados: os velhos e os moços; os grandes e os pequenos; os ecclesiasticos e os leigos; os nobres e os plebeus, os homens e as mulheres, sem haver algum ou alguma que não accrescontasse á sua infamia algum novo nome, e novo genero de affronta. Finalmente, com circumstancia de desamparo, e contrariedade inaudita, e não imaginavel, nem a si mesma se tinha Iria por si, senão contra si. Porque ainda que no peito tinha a consciencia e a virtude, pouco abaixo do mesmo peito tinha o corpo do delicto, e a evidencia da prova. A razão, a innocencia, a verdade, a consciencia, tudo alli estava opprimido da sem razão, da calumnia, da mentira, da injustiça, do odio, da vingança: e posto que a consciencia diante de Deus vale mil testemunhas, diante dos homens tinha Iria contra si uma só, que valia para com elles mais que muitas mil, qual é a dos olhos. Que importa que a defendesse a consciencia, que se não vê, quando testemunhava contra ella a vista de todos? E que comparação teem com esta afflicção as angustias a que se viu reduzida Suzana: *Angustiæ sunt mihi undique?* [1]

A bebida que deu a Iria Remigio, pôde-lhe causar a falsa inchação, mas da mesma inchação vista e

[1] *Daniel*, XIII, 22.

crida, parece que não podia deixar de subir á cabeça da Santa uma tal perturbação que lhe não tirasse o juizo. Os grandes trabalhos, afflicções, e angustias, chamam-se na Sagrada Escriptura calix. Bastem por todos os exemplos os do Texto de Jeremias: *Sume calicem vini furoris hujus de manu mea, et propinabis de illo cunctis gentibus ad quas ego mittam te, et bibent, et turbabuntur, et insanient.* [1] E n'outra parte: *Calix aureus Babylon in manu Domini inebrians universam terram.* [2] E porque razão os grandes trabalhos e afflicções se chamam calix? Os mesmos Textos o dizem. Porque assim como o vinho demasiadamente bebido tira o juizo: *Calix in manu Domini inebrians;* assim os trabalhos, angustias, e afflicções, se são grandes, têm os mesmos effeitos em quem os padece, e o fazem endoidecer: *Et bibent, et turbabuntur, et insanient.* Tal foi o effeito daquella terrivel tempestade, em que diz David, que as ondas subiam até o céu, e desciam até os abysmos: *Ascendunt usque al cœlos, et descendunt usque ad abyssos.* [3] Como se a tempestade não fôra de agua, e os pilotos a tiveram bebido toda, assim os descreve o Propheta areados, com o juizo perdido, e não se podendo ter em pé: *Anima eorum in malis tabescebat, turbati sunt, et moti sunt, quasi ebrius.* [4] Os homens não tinham naufragado, mas o juizo e' o entendimento, e toda a sciencia nautica, já estava assombrada, afogada, e perdida: *Omnis sapientia eorum devorata est.* Nada foi menor que esta, a tempestade em que se viu correr fortuna (deixae-me chamar-lhe assim) a náu Santa Iria. Verdadeiramente subiram as ondas ao céu: *Ascendunt usque ad cœlos;* porque chegaram a bater o celeste e quebrar no estrellado de suas virtudes: e desceram até os abysmos: *Et descendunt usque ad abyssos;* porque até o mais profundo da deshonra e da infamia, chegou o abatimento das suas affrontas. Todos os ventos e elementos se conjuraram para o seu naufragio, ajudando o horror delle o escuro da noite, o inchado das velas, e o apagado do farol. O

---

[1] *Jerem.*, XXV, 15 e 16.
[2] *Ibid.*, LI, 7.
[3] *Psal.* CVI, 26.
[4] *Ibid.*, 27.

escuro da noite; nenhuma claridade apparecia que podesse descobrir o engano: o inchado das velas; porque todo o artificio magico consistiu na inchação, que não diminuia, ou amainava, antes crescia: e o apagado do farol; porque sendo Iria virgem prudente, o mesmo vento lhe apagou a alampada, ficando tão escurecida como as das loucas. Que se seguia pois neste estado senão arear, enlonquecer e perder o juizo? Mas como o lastro era a consciencia, o bojo a largueza de animo, o leme a prudencia, e o piloto o juizo de Iria, tão fóra esteve de arear, ou se perder, que sempre esteve firme, constante e superior a todos os mares. Só se pareceu com Suzana no admiravel silencio, tanto em si, quando devêra estar fóra de si, que tudo soffria, calava e comia comsigo. E comia comsigo, torno a dizer.

Sobre a sentença que allegámos do Espirito Santo, em que diz que a calumnia faz endoidecer os sabios, accrescentou logo o mesmo Texto, que para maior perdição do juizo, faz tambem a calumnia perder a fortaleza do coração: *Et perdet robur cordis illius.* Mas o que neste additamento merece não vulgar reparo, é a versão Syriaca, a qual em logar da fortaleza do coração traslada o coração dos dentes, *Et perdet cor dentium illius.* [1] Quem viu nunca, nem ouviu tal anatomia do coração? Por ventura o coração tem dentes? O coração dos que a calumnia endoidece, não; mas o dos que não perdem nella o juizo, sim. A calumnia, o falso testemunho, e a affronta e infamia que della resulta, teem muitas durezas que quebrar, que mastigar, que moer e remoer: e isto só o faz um coração tão generoso, tão grande, e tão forte como o de S. Iria. Outro coração que em tal estado se achasse com dentes, morder-se-ia de raiva, comer-se-ia de desesperação, ou se enviaria como um leão furioso a despedaçar vivo o enganoso auctor de tão estranha maldade; porém o coração heroico de Iria nunca mais em si, que quando tantas razões tinha para sahir fóra de si, tudo soffria, tudo calava, tudo comia comsigo. O' mulher mais que mulher, em quem só a prudencia póde digerir o que tragou a innocencia! A innocencia tragou a bebida, a

[1] *Eccl.*, VII, 8.

prudencia digeriu a infamia. Na opinião como louca e não virgem, na realidade como virgem prudentissima, e não das cinco, mas superior a todas: *Quinque autem ex eis erant prudentes.*

IV

Muito foi não enlouquecer S. Iria na opinião de louca, mas muito mais foi ainda não se conformar com a mesma opinião, e vendo-se infamada não cooperar com a mesma infamia. E' tal a força e poder da infamia (notem muito isto os que tão facilmente infamam as honras alheias) é tal a força e poder da infamia, que sendo a calumnia testemunho falso, a mesma infamia fará que a innocencia infamada o faça verdadeiro. Houve um homem rico, diz Christo, o qual encommendou o governo de suas herdades a um criado com nome de administrador dellas. E sendo este infamado como dissipador das rendas que cobrava: *Qui diffamatus est apud illum, quasi dissipasset bona ipsius;* [1] chamou-o o amo, e mandou-lhe que désse contas, porque não havia de exercitar mais o officio: *Redde rationem villicationis tuæ, jam enim non poteris villicare.* O que é, ou o que deve ter toda a parabola, é ser verosimil; e esta ultima resolução parece que o não foi, por duas razões: primeira, porque a culpa do delatado mais mostra ser fundada em suspeita, que em verdadeira prova: isso quer dizer aquelle *quasi*, *quasi dissipasset bona ipsius.* Segunda, porque foi privado do officio antes de se lhe tomar conta, nem se vêr se a dava boa ou má: *Redde rationem, non enim jam poteris villicare.* Pois se a parabola foi composta por Christo, e o amo procedeu racional e justificadamente, como tira o officio ao criado, antes de lhe tomar conta, e por prova ao parecer duvidosa? Porque o homem estava já infamado, *Diffamatus est apud illum*, e em homem infamado, ainda que não houvesse culpa para se lhe tirar o officio, havia causa para se lh'o não fiar. De sorte que o amo não privou ao criado do officio pela prova das culpas pas-

[1] *Luc.*, XVI, 1.

sadas, senão pela probabilidade das futuras; porque é tal a força e poder da infamia, que se a calumnia infamou o innocente, a mesma infamia o fará culpado. Tanta é a connexão que tem a infamia com a culpa. Ainda no mais innocente ou a suppõe, ou a causa; porque a calumnia antes de infamar, é testemunho do que não foi, mas depois de ter infamado, é prophecia do que ha de ser. No mesmo caso o temos. Que fez o criado quando se viu infamado com o amo? Por ventura tratou de se purgar da infamia e tirar a limpo a sua honra? Antes tudo pelo contrario. O que fez foi falsificar escripturas, mudar numeros, tempos e firmas, e com roubos manifestos e certos ratificar a infamia dos duvidosos. Está elle infamado? Pois elle perderá a innocencia, se a não tem perdido, e fará as mesmas e peores infamias, se as não tem feito.

E para que apertemos bem esta consequencia ainda em comparação da nosas Santa, ponhamol-a tambem em sugeito santo. Uma das notaveis petições que fez David a Deus, foi esta: *Redime me à calumniis hominum ut custodiam mandata tua.* [1] Peço-vos, Senhor, que me livreis das calumnias e falsos testemunhos dos homens, para que eu guarde vossos mandamentos. Quem haverá que se não admire deste *para que?* A guarda dos mandamentos de Deus só depende do alvedrio proprio: e não ha poder algum criado, ou humano ou angelico, ou diabolico, que possa impedir ao mais fraco homem a observancia da Lei divina. Como pede logo David a Deus, que o livre das calumnias dos homens, para que guarde os seus mandamentos? Porque ainda que as calumnias e falsos testemunhos não tiram ao homem o alvedrio, tiram-lhe a fama; e um homem infamado está no maior risco, e na maior tentação de não fazer caso da Lei de Deus, e de se precipitar ás mesmas baixezas e commetter os mesmos delictos de que se vê infamado. S. Agostinho diz que a todo o homem é necessaria a consciencia e mais a fama: a consciencia para si, a fama para os outros: *Conscientiam propter nos, famam propter alios.* Disse bem o grande Doutor, mas não disse tudo: a consciencia é necessaria para nós, e a fama para os ou-

[1] *Psal.*, CXVIII, 134.

tros; mas não só para os outros, senão tambem para nós, porque se perdermos a fama, tambem perderemos a consciencia. Este é o verdadeiro sentido, e a fortissima consequencia das palavras de David, nas quaes se deve notar, que não só diz a Deus que o livre das calumnias, senão propriamente, que o resgate dellas: *Redime me à calumniis hominum.* Se um homem se visse captivo nas masmorras de Argel, não teria muita razão de dizer a Deus: Senhor, resgatae-me deste captiveiro, para que não chegue a risco de renegar? Pois do mesmo modo diz David a Deus que o resgate das calumnias dos homens, para que guarde seus mandamentos; porque sendo tão santo David, não fiava da sua virtude, nem da sua constancia, que, calumniado e infamado, em vez de perseverar firme na observancia da Lei divina, a mesma infamia o não precipitaria aos vicios de que se via calumniado.

Agora entendereis a verdadeira razão e astucia porque Remigio vendo-se resistido de S. Iria, se resolveu a buscar um meio de a infamar publicamente. Bem podia ser odio e vingança, como diziamos, mas não foi senão um novo e ultimo artificio de a render, entendendo que se emquanto conservava a honra e opinião resistiu com tanta fortaleza, depois de affrontada com uma infamia tão publica, não tendo já que perder, se renderia. A razão natural, certa e experimentada desta moral philosophia é a grande dependencia que tem a virtude da honra. A honra é o segundo Anjo da guarda da virtude, e mais poderoso para comnosco, que todos os Anjos, porque é Anjo que se vê. Quando os filhos de Israël sahiram do Egypto, e caminharam para a Terra de Promissão, cada um tinha o seu Anjo da guarda, o qual os guardava, como a nós o nosso invisivelmente; mas além destes Anjos invisiveis, diante de todos ia outro visivel e manifesto aos olhos, e este era o que os guiava, e ao qual seguiam. Mostrava-se este Anjo em duas columnas, uma de nuvem, com que de dia os defendia do sol, e outra de fogo, com que de noite os allumiava: *Per diem in columna nubis, per noctem in columna ignis.* [1] Tal é o Anjo da guarda da virtude, a que chamei segundo, e lhe pudera dar o nome de primei-

[1] *Exod.*, XIII, 21.

ro. Toda a virtude, e mais a da honestidade, de que fallamos, tem suas sustentações de dia e de noite, e em ambas nos guia e nos defende o Anjo da guarda da honra. De dia contra o calor do appetite, como nuvem que refrigera: *Per diem in columna nubis:* e de noite contra as confianças da escuridade, como fogo que allumia: *Per noctem in columna ignis.*

São a honra e a virtude entre si, como os bons paes em respeito dos filhos, e os bons filhos em respeito dos paes que lhes deram o ser. A virtude gera a boa fama, e a boa fama defende a virtude. Samsão e seus paes todos caminhavam pela mesma estrada, mas quem os defendeu do leão que sahiu do bosque? Não os paes ao filho, senão o filho aos paes. A virtude é a que dá o ser á honra e á fama; mas a honra e a fama são as que defendem a virtude. D'aqui se entenderá uma notavel providencia, com que Deus permittiu que se introduzisse no mundo uma grande injustiça. E que injustiça é esta? E' que sendo os peccados contra a honestidade egualmente graves para com Deus nas mulheres e nos homens, nas mulheres, ainda que sejam veniaes, tiram a honra, e nos homens, ainda que sejam mortaes, não. E porque permittiu a Providencia Divina no mundo uma tão grande injustiça? Porque defendendo a honra ao menos de uma das partes a castidade, tivesse resistencia o vicio da torpeza, e não abrazasse totalmente o mesmo mundo, diz S. Efrem. Tanto mais poderosa é na natureza humana, ainda depois de corrupta, a estimação da honra, que a tentação do appetite! Porque viviam castamente os athletas, e todos os que haviam de correr nos jogos olympicos, sendo gentios? Assim o affirma S. Paulo: *Hi qui in stadio currunt, ab omnibus se abstinent.* [1] E o motivo, posto que vão, desta sua abstinencia, era, diz o mesmo Apostolo, porque com a estimação da honra e fama, venciam e mortificavam o appetite. Não se póde negar que a conservação da virtude tem o seu trabalho; mas não é necessario ser bom, para soffrer o trabalhoso della, por conseguir o honroso. Não hei de provar este ponto com auctoridades de Santos, mas com o exemplo dos homens mais máus, mais vis, e mais mofinos do

[1] *1.ª ad Corinth.*, IX, 24 e 25.

mundo. A gente peor, e mais mofina do mundo, são os hypocritas, e tambem as hypocritas: porque? Porque padecem o trabalhoso da virtude, e perdem o meritorio. Mas nisso mesmo nos provam e nos ensinam quão poderoso é mais que tudo na natureza humana, ainda depravada, o amôr da opinião e da honra. Nos seus jejuns, nas suas penitencias, e nas suas largas orações ou superstições, são martyres do diabo, e comtudo se dão por bem pagos de supportar todo o trabalhoso da virtude, só por conseguir o honroso della.

E como a honra (cuja ambição natural nasceu com o homem) não só é o incitamento e premio da virtude, senão a unica guarda e defensora della, esta foi a singularissima gloria de S. Iria, que, infamada e perdida totalmente a honra, desarmada e sem defeza... que digo, desarmada e sem defeza? Só, desamparada e combatida de todas as partes, não por um inimigo, nem por muitos, senão por todos os que a conheciam; não com um só genero de affrontas, senão com todas as machinas que o ódio, a astucia, e a maldade podem inventar; nem por um dia ou muitos dias, senão por toda a vida: se conservasse comtudo a virtude tão constante, firme, inteira, e sem a menor lesão nem abalo, como se estivera cercada de muros de bronze, e torres de diamante! A fortificação das cidades mais inexpugnaveis, segundo a architectura militar antiga, consistia em muro e antemural, o muro que cingia e defendia a cidade, o antemural que cingia e defendia o muro. Assim o canta o Propheta Isaias da cidade de Jérusalem, a que chama fortissima: *Urbs fortitudinis nostræ Sion murus ponetur in ea, et antemurale.* [1] Sitiada porém, e batida uma destas cidades, que succedia? O que Jeremias chora da mesma Jérusalem: *Luxit antemurale, et murus pariter dissipatus est:* [2] Cahiu o antemural, e juntamente cahiu logo o muro: e o antemural, e o muro, e a cidade tudo ficou por terra. A mystica e espiritual Jérusalem é a alma ornada de todas as

[1] *Isai.*, XXVI, 1.
[2] *Thren.*, II, 8.

perfeições: *Formosa sicut Jerusalem*, [1] o muro é a virtude, o antemural que o defende é a honra: e tanto que cahiu, e se perdeu a honra, logo cahiu e se perdeu tambem a virtude. E' o que acontece tambem hoje, fallando em phrase militar moderna. Tanto que se perderam as fortificações exteriores, logo as muralhas são picadas, minadas, e voadas, e a praça se entregou aos inimigos. O mesmo succede á virtude. Perdida a honra e a fama, entra no seu logar a affronta e a infamia, e por estas não só brechas, mas portas abertas, se franquea o passo livre a todas as maldades. Assim como dissemos que a honra era o Anjo da guarda para a virtude, assim diz S. Paulo que a affronta é o laço do demonio para os vicios: *Oportet autem illum et bonum testimonium habere, ut non in opprobrium incidat, et in laqueum diaboli.* [2] De maneira que é tão necessaria a honra e boa fama para conservar a virtude, e tão poderosa a deshonra e a má fama para a destruir, que o mesmo é cahir em infamia, que cahir no laço do demonio: *Ne incidat in opprobrium, et in laqueum diaboli.*

Estas são as regras e perigos geraes da virtude affrontada e infamada, nas quaes tambem havia de ser comprehendida a nossa Santa, se com virtude singularissimamente heroica não fôra a excepção de todas ellas. Só Santa Iria soube desaffrontar as affrontas, e afamar as infamias. De Judith, diz a Sagrada Escriptura que era famosissima entre todas as mulheres: *Et erat hæc in omnibus famosissima.* [3] E dando a razão deste superlativo de famosa, accrescenta o Texto: *Quoniam timebat Dominum valde, nec erat qui malum loqueretur de illa.* Porque era muito temente a Deus, e não havia pessoa alguma que della dissesse mal. Vêde agora quanto vae de fama a fama, e de Judith a Iria. Judith era temente a Deus, e Iria temente a Deus: de Judith não havia quem dissesse mal, de Iria não havia quem não dissesse os maiores males: e se a virtude de Judith era famosissima com boa fama, julgae se a virtude de Iria no meio de tantas infamias era mais que famosissima?

---

[1] *Cant.*, I, 5.
[2] *1.ª Epist. ad Tim.*, III, 7.
[3] *Judith.*, VIII, 8.

S. Paulo deu por empreza á virtude heroica aquella famosa disjunctiva: *Per infamiam, et bonam famam:* [1] ou por boa fama, ou por infamia. Judith e Iria partiram entre si esta sentença: a Judith tocou o *per bonam famam*, e a Iria o *per infamiam*. Mas a esta parte deu o Apostolo o primeiro logar, porque o mais heroico da virtude não consiste em ser famosissima com boa fama, senão em ser famosissima na infamia. Maior virtude é a infamada, que a famosa: porque a famosa póde ter por fim a gloria propria, e a infamada não tem outra gloria, nem outro fim senão a Deus. Tal foi o mais que heroico resplandor da nossa gloriosissima Virgem. Para com Deus com a alampada acceza e resplandecente, como virgem prudente; e para com os homens com a mesma alampada apagada e escurecida, como virgem louca: *Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes.*

V

Atégora não fallamos em Britaldo, segunda e funestissima parte desta cruel tragedia. Esquecido Britaldo do milagre, com que Iria lhe déra a saude, mas mui lembrado da promessa condicional que lhe tinha feito, seguindo a falsa mas apparente opinião de todos, e julgando a innocente e castissima virgem por tão infiel a Deus como a si mesmo, com aquelle odio, em que o amôr desprezado e a dignidade da pessoa lesa se converte em furor; irado, vingativo, e poderoso, que faria? Soube o logar em que Iria, nas ribeiras do rio Nabão, passava o silencio das noites em familiarissima conversação com Deus, não queixando-se das suas infamias, mas dando-lhe infinitas graças por ellas; e alli mandou a seus soldados que lhe tirassem a vida. Executaram a detestavel sentença os impios ministros, e tão enganados e cegos como quem os mandava, fazendo a morte mais cruel com exquisitas tyrannias, aberto o sagrado corpo em feridas, e envolto em seu sangue, o lançaram na corrente do rio, que assim o dispunha tambem a fera sentença.

[1] *2.ª Epist. ad Corinth.*, VI, 8.

Já agora estará satisfeito o cego amôr de Remigio, já estará satisfeito o odio tambem cego de Britaldo; mas muito mais satisfeita está a alma de Iria, a quem estas duas cegueiras abriram os olhos da mortalidade, para que eternamente começassem a vêr a Deus, e gosar, como estão gosando, os applausos do céu, onde não chegam as infamias da terra.

Mas porque na mesma terra não bastou o sangue de Iria, nem as aguas do Nabão, para lavar a sua infamia, ainda contumaz nos juizos e linguas dos homens; justo será que nós ponhamos em questão, e resolvamos séria e sinceramente, qual dos dois foi mais cruel com Iria nesta lastimosa tragedia, se Remigio ou Britaldo, ambos captivos de sua formosura, e ambos vingadores do seu constante e santo desamôr? Que fez Britaldo, e que fez Remigio? Remigio tirou-lhe a fama, Britaldo tirou-lhe a vida: e não ha duvida que mais a offendeu e martyrisou Remigio, que Britaldo. Parece que se apostou o Espirito Santo a avogar por esta causa, provando com Textos expressos a verdade da minha resolução. No Cap. 26 do Ecclesiastico diz assim o Texto sagrado: *Delaturam civitatis, et collectionem populi, calumniam mendacem, super mortem omnia gravia.* [1] A accusação de uma cidade, e o ajuntamento de um povo, e uma calumnia falsa e mentirosa, todas estas coisas são mais graves e mais difficultosas de soffrer que a morte. Vêde se tive eu razão para dizer, que este Texto foi ditado pelo Espirito Santo e escripto nos Canones do Ecclesiastico, em prova expressa do nosso caso por todas suas circumstancias. Santa Iria foi accusada por toda a cidade de Nabancia, *accusationem civitatis:* foi approvado o seu delicto por todo o ajuntamento do povo, porque ninguem houve em todo elle, que defendesse, nem accudisse por sua innocencia, nem ainda o imaginasse, *collectionem populi:* e tudo isto fundado em uma calumnia falsa e mentirosa, e tanto mais enganosa, quanto com maiores apparencias, *et calumniam mendacem:* e se cada uma destas coisas, por decisão canonica do mesmo tribunal divino, é mais grave e intoleravel de soffrer que a mesma morte, *omnia super mortem gravia;* quanto mais todas

[1] *Eccl.*, XXVI, 6 e 7.

juntas? Logo não ha duvida, que a calumnia e engano de Remigio, que occasionou a accusação de toda a cidade e conspiração de todo o povo unido no mesmo conceito e na mesma voz, com que todos criam a abominavam a Iria, foi mais grave e mais cruel que a morte que lhe deu Britaldo.

Britaldo valeu-se do seu poder, mas poder humano, Remigio não lhe bastando o humano, soccorreu-se do magico e diabolico: e tanto mais poderoso foi este, quanto mais penetrantes as suas armas. Britaldo offendeu a Iria com armas de ferro, Remigio com settas de carvão, e de carvões tirados do fogo do inferno. Mas quem nos provará esta differença não esperada? David, que entendia muito bem de armas, diz que as mais poderosas de todas são as settas, que levam na ponta carvões: *Sagittæ potentis acutæ cum carbonibus desolatoriis.* [1] E porque são mais poderosas as settas com carvões, que as armas de ferro? Porque as armas de ferro ferem, as armas de carvão tisnam; e as armas de ferro que ferem, podem tirar a vida, as de carvão que tisnam, tiram e infamam a honra. Taes foram as settas de Remigio tiradas de longe e á falsa fé, comparadas com as de Britaldo executadas de perto. As de Britaldo tiraram-lhe a vida, mas vestiram-na de purpura com o sangue: as de Remigio, deixaram-na viva, mas tisnaram-lhe a honra com o carvão da infamia. Seja juiz nesta causa o mesmo Christo. Os inimigos de Christo não só lhe quizeram tirar a vida, senão tambem a honra: para lhe tirarem a vida, pregaram-no em uma cruz: para lhe tirarem a honra, puzeram-no entre dois ladrões. E qual destas duas circumstancias sentiu mais o Senhor, a companhia dos ladrões, ou os cravos da cruz? E' certo que a companhia dos ladrões, como elle mesmo declarou, quando o prenderam para o crucificarem: *Tanquam ad latronem venistis comprehendere me.* [2] E a razão manifesta é, porque o ferro dos cravos tirou-lhe a vida, a companhia dos ladrões infamava-lhe a honra. Por isso prophetisou Jeremias, que morreria farto de affrontas: *Saturabitur oppro-*

[1] *Psal.* CXIX, 4.

[2] *Matth.*, XXVI, 55.

briis, [1] sendo que na mesma cruz teve sêde de mais tormentos, como declarou, quando disse, *Sitio*. [2] E tudo foi. Morreu sequioso de tormentos, porque ainda desejava mais o seu amôr; de affrontas porém farto, porque não teve mais que desejar a sua paciencia.

Isto mesmo se deve julgar sobre a morte da nossa Santa, comparada com as suas infamias. E se me perguntardes porque foi mais cruel o martyrio de quem lhe infamou a honra, que de quem lhe tirou a vida; o mesmo Espirito Santo que defende esta causa deu a razão: *Bonæ vitæ numerus dierum, bonum autem nomen permanebit in ævum*. [3] A vida é um bem que morre; a honra e a fama é bem immortal: a vida, por larga que seja, tem os dias contados; a fama, por mais que conte annos e seculos, nunca lhe ha de achar conto, nem fim, porque os seus são eternos: a vida conserva-se em um só corpo, que é o proprio, o qual por mais forte e robusto que seja, por fim se ha de resolver em poucas cinzas: a fama vive nas almas, nos olhos e na bocca de todos, lembrada nas memorias, fallada nas linguas, escripta nos annaes, esculpida nos marmores, e repetida sonoramente sempre nos echos e trombetas da mesma fama. Em summa, a morte mata, ou apressa o fim do que necessariamente ha de morrer: a infamia affronta, afea, escurece e faz abominavel um ser immortal, menos cruel e mais piedosa se o pudera matar. E como a morte offende a mortalidade da vida, e a infamia a immortalidade da honra, muito mais cruel e deshumano foi Remigio com Iria infamando-a, que Britaldo mandando-lhe tirar a vida.

E se considerarmos o barbaro e injustissimo motivo da calumniosa infamia, que foi a honradissima resistencia e constantissima castidade da purissima virgem, ainda foi mais clara e manifesta a cega e sacrilega ousadia de querer matar Remigio não só na pessoa mortal, mas na mesma virtude immortal, a sua natural immortalidade. Um principal attributo da virtude da castidade, como virtude verdadeiramente angelica, é ser immortal. Outra vez o mesmo

[1] *Thr.*, III, 30.
[2] *Joan.*, XIX, 28.
[3] *Eccl.*, XLI, 16.

Espirito Santo no Cap. 4.º da Sabedoria exclamando assim: *O quàm pulchra est casta generatio cum claritate, immortalis est enim memoria illius, quoniam nota est apud Deum, et apud homines.* [1] O' quão formosa é a geração casta, porque a sua memoria é immortal para com Deus, e para com os homens. Com razão reparam os Interpretes aqui na palavra *generatio*, porque a castidade das Virgens, da qual a entende a Igreja, tão fóra está de ter geração, que antes em a renunciar para sempre, consiste a sua essencia e excellencia. Pois se este supremo gráu da castidade consiste em renunciar para sempre a geração; que geração é esta que nella tanto louva, e engrandece o Espirito Santo? Direi. O fructo da geração é a perpetuidade dos homens, os quaes como morrem, e hão de morrer em si, perpetuam-se nos filhos. Mas esta perpetuidade é mortal, porque os filhos, assim como seus paes, tambem são mortaes; porém a geração casta e virginal em vez de filhos mortaes gera outra successão mais nobre e immortal; porque della nascem duas immortalidades, uma para com Deus, e outra para com os homens: para com os homens a da memoria immortal, e para com Deus a da gloria tambem immortal: *Immortalis est enim memoria illius, quoniam nota est apud Deum, et apud homines.*

Agora quero eu fallar com Remigio. Vem cá, monge sacrilego e infame, tu não lias este mesmo Texto em todas as solemnidades das Virgens? Pois como te atreveste e muito mais depois que experimentaste a constancia virginal de Iria, a querel-a despojar da immortalidade da sua virtude? Não creio que foi erro do máu monge contra a fé destas palavras, mas que foi agudeza do seu entendimento furioso, com que as quiz interpretar ao seu infernal intento. Todos estes louvores da castidade virginal não os dá a Escriptura só á geração casta, senão á geração casta com claridade: *O' quàm pulchra est casta generatio cum claritate.* Pois já que eu, diz Remigio, lhe não pude render a castidade, quero-lhe escurecer a claridade: e como a claridade ficar escurecida com a infamia, seja embora immortal na memoria

[1] *Sap.*, IV, 1.

dos homens: *Immortalis est enim memoria illius;* porque será immortal a memoria da sua deshonra, e não a da sua virtude. Assim foi vivendo e morrendo Iria, infamada na opinião dos presentes; e com a mesma affronta havia de continuar depois da morte infamada na memoria dos vindouros: de sorte que esta mesma virgem, que hoje celebramos como unica entre as Virgens prudentes, a haviamos de desprezar e aborrecer como uma das loucas. Mas nesta mesma opposição e contrariedade consistiu a sua maior gloria, clara e escura juntamente, *apud Deum, et homines:* na terra, escura para com os homens, e no céu clara para com Deus. Diga-se pois das outras Virgens, *O' quam pulchra est casta generatio cum claritate*, ellas formosas com a claridade; porém Iria mais formosa que todas, porque formosa com claridade e sem claridade: com claridade, porque clara para com Deus na virtude; e sem claridade, porque escura para com os homens na infamia. E se duvidaes e quereis saber como deste claro e escuro se podia compôr uma perfeita formosura, digo que como a da lua: *Pulchra ut luna.* [1] A lua no ultimo posto, ou paroxismo do seu minguante, para a parte de dentro e do céu, está clara, e para a parte de fóra, e da terra, toda escura. Assim tambem a nossa Santa, para a parte de fóra, onde ficaram as Virgens loucas com a alampada apagada, escurecida com ellas nos olhos dos homens: *Quinque autem ex eis erant fatuæ;* mas para a parte de dentro, onde entraram as prudentes, com a alampada acceza e resplandecente, como virgem prudentissima aos olhos de Deus: *Et quinque prudentes.*

VI

Mas esperae um pouco, que assim como a lua totalmente escurecida se restitue outra vez á sua natural luz e formosura, e não só resplandece em si, mas allumia o mundo; assim triumphando a virtude contra a malicia, a verdade contra a mentira, e a justiça

[1] *Cant.*, VI, 9.

divina contra a astucia e temeridade humana, as affrontas de Iria se converteram em honras, as infamias em louvores, os desprezos em applausos, e as injurias em glorias. E que fez Deus para isso? Caso maravilhoso! Trocou a ordem universal de sua providencia, e para accudir pela honra de Iria, anticipou o dia do Juizo. Morreu a innocentissima Virgem mais ferida das calumnias, que das feridas que lhe deram a morte: e como se o fim de sua vida fosse o fim do mundo, no mesmo dia sentenciou Deus a sua causa, e lhe deu a gloriosa victoria de seus calumniadores. David, como dissemos, pedia a Deus que o remisse das calumnias dos homens: *Redime me á calumniis hominum:* [1] Deus promette que assim o fará a todos os calumniados: mas quando, ou para quando? Para o dia do Juizo? Isto significam expressa e literalmente aquellas palavras que o mesmo Senhor então dirá: *Respicite, et levate capita vestra, quoniam appropinquat redemptio vestra.* [2] Então se publicará naquelle immenso theatro, em que nos havemos de achar todos, a innocencia dos justos e o engano e malicia dos que falsamente os calumniaram. Até S. Paulo nas calumnias que contra elle levantaram seus emulos, se consolava com a certeza desta esperança, e com a mesma nos exhorta a que não queiramos julgar antes de tempo: *Nolite ante tempus judicare, quoadusque veniat Dominus, qui et illuminabit abscondita tenebrarum, et tunc erit laus unicuique a Deo.* [3] Pois se Deus tem assignalado aquelle ultimo dia para julgar as causas dos innocentes; se então se ha de alluniar tudo o que agora está escuro, e manifestar-se tudo o que agora está encoberto; e se então com testemunho e auctoridade irrefragavel serão louvados de Deus os que agora são calumniados dos homens: *Et tunc laus erit unicuique à Deo:* sendo já passados antes do dia do Juizo, e depois do caso de S. Iria mais de mil annos; porque não esperou Deus por aquelle *tunc*, e o anticipou tanto tempo antes, *ante tempus*? Porque teve S. Iria paciencia para soffrer, e não Deus para esperar. Que fez Iria no meio de tantas calumnias,

---

[1] *Psal.* CXVIII, 134.
[2] *Luc.*, XXI, 28.
[3] *1.ª ad Corinth.*, 5.

affrontada, infamada e condemnada de todos? Não se queixou, não se defendeu, não accusou a traição do falso amigo, e antes quiz que o seu credito fosse o reo do que não tinha commettido, que descobrir o auctor de tão horrenda maldade. E agradou-se Deus tanto daquelle silencio, daquella modestia, e daquella paciencia, que a não teve o mesmo Deus para esperar as tardanças do tempo, e dispensando, ou quebrando todas as leis ordinarias de sua providencia, a que o mundo reputava por mulher louca, declarou por Virgem prudentissima, e a que todos infamavam de peccadora, canonisou por santa, sendo os sellos pendentes das bullas da sua canonisação, como lhe chamam os sagrados Canones, os muitos e prodigiosos milagres com que então publicou e provou o céu a innocencia e santidade de Iria.

Dois elementos concorreram para os tormentos, que na vida e na morte padeceu a Santa, que foram, a terra e a agua. A terra na villa de Nabancia, a agua no rio Nabão: a terra por Remigio, o auctor que machinou o engano a que se seguiu a infamia em todo o povo; a agua por Britaldo, o tyranno que a sentenciou ao martyrio, a que se seguiu a crueldade de seus soldados, que mortalmente ferida a lançaram por seu mandado na corrente do rio. E para que os mesmos elementos em maiores e melhores theatros concorressem para a honra da mesma santa infamada e morta: a Nabão succedeu o Tejo, e a Nabancia Santarem: o Tejo principe de todos os rios de Hespanha, e Santarem antiquissima côrte dos reis de Portugal. O Tejo levantando no fundo de suas areias de ouro, e lavrando de finisimos marmores o mausoleo do seu sepulchro; e Santarem com o epitaphio, gravando nas pedras de suas torres, e magnificos e sagrados edificios, o nome de Iria, com sobrenome ou antenome de santa. E porque para a infamia no elemento da terra tinha concorrido o inferno: assim foi tambem gloriosa e justa correspondencia, que para o sepulchro no elemento da agua concorresse o céu: o inferno com as confeições da arte magica, temperadas por astucia dos demonios; e o céu com os primores da architectura fabricados por mãos de Anjos. Assim vingou Deus e honrou a Moysés em um e outro elemento as injurias do rio Nilo, e as da terra do Egypto, com os triumphos do mar Vermelho e Terra de

Promissão. E se o sepulchro de Moysés o escondeu Deus aos olhos dos homens, para que elles o não idolatrassem, em injuria do mesmo Deus, tambem depois de uma vez visto o sepulchro de Iria, o escondeu Deus aos olhos dos homens, em castigo e restituição da offensa que tinham feito ao mesmo Deus nas injurias da sua santa. Onde está hoje o sepulchro de S. Iria? Nem no fundo do Tejo o penetram os olhos, nem o acham as ancoras: todos o crêem, e ninguem o vê. Porque? Porque assim como Deus no céu premeia a virtude da fé com a vista, assim na terra quiz satisfazer com a fé dos presentes o delicto da vista dos passados, para que glorifique tanto á mesma santa a fé dos presentes com a verdade do que não vê, como a offenderam os olhos dos passados com a mentira do que viram.

O' ditosa e bemaventurada Iria, não menos nas suas mesmas offensas, que nas suas glorias! Se a offensa de Deus em Adão pelos grandes bens que della occasionalmente se seguiram, se chama, com razão, feliz; sem encarecimento se póde dizer o mesmo do affrontoso testemunho levantado contra a virginal pureza de S. Iria. A apparencia do ventre foi phantastica e supposta, mas o parto do mesmo ventre foi verdadeiro e admiravel. Se assim não houvera succedido, esta illustrissima republica tão fecunda de milagres, não seria Santarem, nem os filhos de Santarem, filhos de S. Iria. Todos os filhos de Santarem são o parto daquelle ventre. Christo Senhor nosso não teve peccado proprio; mas porque morreu por peccado que não commettera, diz o Propheta Isaias, que duraria sem fim a posteridade de seus filhos: *Si posuerit animam suam pro peccato, videbit semen longævum.* [1] Mais de mil e seiscentos annos ha que dura a posteridade dos filhos de Christo, e mais de mil que dura e continúa a dos filhos de S. Iria. A virgindade é virtude esteril, mas em S. Iria foi fecundissima: *Donec sterilis peperit plurimos.* [2] Tantos filhos, como vemos, e todos para maior maravilha filhos de Mãe Virgem. Vistes já, ou imaginastes um grande monte de trigo murado de lyrios? Pois tal é o ventre

[1] *Isai.*, LIII, 10.
[2] *1.º Livr. dos Reis*, II, 5.

da minha Santa Esposa, diz o divino Salomão, Christo: *Venter tuus acervus tritici vallatus liliis.* [1] Ventre murado de lyrios pela pureza virginal de Iria, com que naquella falsa e magica inchação se defendeu constantissimamente de todos os golpes da calumnia, da infamia, e da mesma morte: e monte de trigo innumeravel pela multidão dos filhos sem numero, que por tantas edades e seculos lhe nasceram, e em tantos morgados de religiosissimas familias se continuam e multiplicam. Filhos de Mãe e Virgem, digo outra vez, e com privilegio, que nem na mesma Mãe de Deus teve tal singularidade de maravilhoso. Que diz o Propheta fallando do parto da Mãe de Deus? *Ecce Virgo concipiet, et pariet filium.* [2] Conceberá uma Virgem, e parirá um filho. Foi parto de Virgem, mas parto a que precedeu conceição. O dos filhos de S. Iria tambem são parto de Virgem, mas parto sem conceição, porque o tumor do ventre foi falso, e os filhos da mesma Virgem são verdadeiros.

Agora se seguia exhortar eu aos mesmos filhos, a que imitem a mãe; mas só lhes digo, por cautela muito importante, que se lembrem do que a mesma mãe padeceu pelo engano dos olhos duas vezes enganados: uma vez enganados em Remigio e Britaldo por amarem o que viram: e outra vez enganados em todos os mais, por crerem o que viam. Se amarem o que virem, serão loucos; se não crerem nem ao que virem, serão prudentes: e com estas duas advertencias serão verdadeiros filhos de uma Virgem, que com opinião de louca soube ser prudentissima: *Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes.*

[1] *Cant.*, VII, 2.
[2] *Isai.*, VII, 14.

SERMÃO

DE

TODOS OS SANTOS *

Beati mundi corde. [1]

I

A festa mais universal, e a festa mais particular: a festa mais de todos, e a festa mais de cada um, é a que hoje celebra, e nos manda celebrar a Igreja. E' a mais universal, e mais de todos, porque começando pela fonte de toda a santidade, que é Christo, e pela Rainha de todos os Santos, que é a Virgem Santissima, fazemos festa hoje a todas as gerarchias dos Anjos; fazemos festa aos Patriarchas, e aos Prophetas; aos Apostolos, e aos Martyres; aos Confessores e ás Virgens. E não ha bemaventurado na Igreja triumphante, ou canonisado, ou não canonisado, ou conhecido ou não conhecido na militante, que não tenha a sua parte, ou o seu todo neste grande dia. E este mesmo tão universal, e tão de todos, é tambem o mais particular, e mais proprio de cada um; porque hoje se celebram os Santos de cada nação, os Santos de cada reino, os Santos de cada Religião, os Santos de cada cidade, os Santos de cada familia. Vêde quão nosso, e quão

* Foi pregado este Sermão em Lisboa, no convento de Odivellas, em 1644.

Este Sermão, diz o padre Honorati, é a coróa de todos os panegyricos. Seu assumpto é conjunctamente o mais pratico e o mais encomiastico; a disposição ou divisão corresponde á ordem em que a Igreja classifica os Santos nas Matinas da presente solemnidade; finalmente a elocução corre como rio caudaloso, e posto que não faz gala d'effeitos oratorios, nem por isso é desornada, nem menos arrebatadora.

[1] *Math.*, v.

particular é este dia. Não só celebramos os Santos desta nossa cidade, senão cada um de nós os Santos da nossa familia, e do nosso sangue. Nenhuma familia de christãos haverá tão desgraçada, que não tenha muitos ascendentes na Gloria. Fazemos pois hoje festa a nossos paes, a nossos avós, a nossos irmãos, e os que tendes filhos no céu, ou innocentes ou adultos, fazeis tambem festa hoje a vossos filhos. Ainda é mais nossa esta festa; porque se Deus nos fizer mercê de que nos salvemos, tambem virá tempo, e não será muito tarde, em que nós entremos no numero de todos os Santos, e tambem será nosso este dia. Agora celebramos, e depois seremos celebrados: agora nós celebramos a elles, e depois outros nos celebrarão a nós. Esta ultima consideração, que é tão verdadeira, foi a que fez alguma devoção á minha tibieza neste dia tão santo, e quizera tratar nelle alguma materia que nos ajude a conseguir tão grande felicidade. Dividirei tudo o que disser em dois discursos, fundados nas duas palavras que tomei por thema, e nas duas do titulo da festa. Pois a festa é de todos os Santos, no primeiro discurso veremos quão grande coisa é ser Santos: e no segundo, quão facilmente o podemos ser todos. O primeiro nos dá a primeira palavra do thema: *Beati:* o segundo nos dará a segunda: *Mundo corde.* [1] Digamos á Virgem Santissima: *Regina Sanctorum omnium ora pro nobis;* e offereçamos-lhe a costumada *Ave Maria.*

II

Beati mundi corde.

A mais poderosa inclinação, e o maior appetite do homem, é desejar ser. Bem nos conhecia este natural o demonio, quando esta foi a primeira pedra sobre que fundou a ruina a nossos primeiros paes. A primeira coisa que lhes disse, e que lhes prometteu, foi que seriam: *Eritis*: [2] e este *Eritis*, este *sereis* foi o que

[1] *Math.*, v, 8.
[2] *Gen.*, III, 5.

destruiu o mundo. Não está o erro em desejarem os homens ser; mas está em não desejarem ser o que importa. Uns desejam ser ricos, outros desejam ser nobres, outros desejam ser sabios, outros desejam ser poderosos, outros desejam ser conhecidos e afamados; e quasi todos desejam tudo isto, e todos erram. Só uma coisa devem os homens desejar ser, que é ser santos. Assim emendou Deus o *sereis* do demonio, com outro *sereis*, dizendo: *Sancti eritis, quia ego Sanctus sum:* [1] O demonio disse: Sereis como Deus, sendo sabios; e Deus disse: Sereis como Deus, sendo Santos. E vae tanto de um *sereis* a outro *sereis*, que o *sereis* do demonio não só nos tirou o ser como Deus, mas tirou-nos tambem o ser, porque nos tirou o ser Santo: e o *sereis* de Deus exhortando-nos a ser Santos, como elle é, não só nos restitue o ser como Deus, senão tambem o ser. Quando Moysés perguntou a Deus o que era, respondeu definindo-se: *Ego sum qui sum.* [2] Eu sou o que sou; porque só Deus tem por essencia o ser. Agora diz a todos os homens por bocca do mesmo Moysés: Se sois tão amigos, e tão ambiciosos de ser, sêde santos, e sereis; porque tudo o que não é ser santo, é não ser. Sêde rei, sêde imperador, sêde papa: se não sois santo, não sois nada. Pelo contrario, ainda que sejaes a mais vil, e mais desprezada creatura do mundo, se sois santo, sois tudo o que póde chegar a ser o maior e mais bem afortunado homem; porque sois como aquelle que só é, e só tem ser, que é Deus. Todo o outro ser, por maior que pareça, não é, porque vem a parar em não ser. Só o ser santo é o verdadeiro ser, porque é o que só é, e o que ha de permanecer por toda a eternidade.

Bastava esta só razão para os homens que temos alma immortal, desejarmos a santidade sobre todas as coisas, e desprezarmos todas as coisas só por ser santos. Mas quero que os mesmos Santos, e todos os Santos nos ensinem e animem a esta verdade. Todos os Santos quantos ha e póde haver, pela mesma ordem em que hoje os celebra a Igreja, se reduzem a quatro classes: Deus, que tambem se presa de

[1] *Levit.*, XI, 45.
[2] *Exod.*, III, 14.

ser, e de se chamar Santo: a Mãe de Deus, que é a mais santa entre todas as puras creaturas: os Santos Anjos repartidos em nove côros: os homens santos divididos em seis gerarchias. Ora vejamos como todos estes Santos nos ensinam a estimar sobretudo o ser santos, e comecemos por Deus.

Se perguntamos aos Theologos qual é o maior attributo de Deus? Responder-nos-hão que todos são eguaes; porque todos e cada um delles é Deus. Mas se perguntarmos qual é o que mais declara e engrandece o ser do mesmo Deus? S. Dionysio Areopagita, que é o que mais altamente escreveu dos attributos divinos, diz, que o ser Santo: *Deus per excellentiam cuncta excellentem Sanctus Sanctorum prædicatur.* Quando dizemos que Deus é Santo, e Santo dos Santos, louvamos em Deus uma excellencia, que é mais excellente que todas: *Excellentiam cuncta excellentem.* O grande doutor da Igreja Santo Ambrosio, ainda disse mais, ou com maior expressão: *Nihil pretiosius invenimus, quo Deus prædicare possimus, nisi ut sanctum appellemus: quodlibet aliud inferius est Deo, inferius est Domino.* Quando queremos louvar e engrandecer a Deus, nenhuma coisa achamos de maior estimação e de maior preço, que chamar-lhe santo, porque tudo o demais que dissermos é inferior a Deus, e só quando lhe chamamos santo dizemos o que é. Antigamente como Deus era só conhecido em Judea, no resto do mundo havia muitos chamados deuses, os quaes todos tinham sacrificios e sacerdotes. E que fez o verdadeiro Deus, para se distinguir dos deuses falsos? Mandou que o seu Summo Sacerdote trouxesse na testa uma lamina de oiro com esta letra: *Sanctum Domino:* [1] a santidade ao Senhor. Porque só aquelle Senhor que tem por attributo o ser santo, é o verdadeiro Deus.

Mais fizeram os Prophetas: os quaes fallando de Deus, deixavam o nome de Deus, e o trocavam pelo nome de Santo. Lêde Isaias, e os demais, e achareis: *Ad sanctum Israël respicient: Blasphemaverunt sanctum Israël: In sancto Israël lætaberis: Veniat consilium sancti Israël:* [2] e assim em muitos outros logares:

[1] *Exod.*, XXVIII, 36.
[2] *Isai*, XVII, 7; I, 4; XLI, 16; V, 19.

não havendo panegyrico, invectiva, ou declamação, em que não tragam sempre na bocca o santo de Israël, o Santo de Israël. E que Santo de Israël é este? E' Abrahão, Isaac, ou Jacob? E' Moysés, Josuë, ou David? E' Elias ou Elizeu? Não. O Santo de Israël, de que fallam os Prophetas, é Deus. Pois se é Deus, porque lhe não chamam Deus, ou o Deus de Israël? Porque em Israël havia naquelle tempo muitos idolatras, que veneravam e sacrificavam aos deuses falsos da gentilidade: e para distinguir o Deus verdadeiro dos deuses falsos, não acharam os Prophetas outra differença mais individual, nem outra distincção mais adequada, que chamar-lhe o Santo. Se lhe chamaram Deus, equivocava-se o nome de Deus com o dos idolos, a quem os idolatras tambem chamavam deuses; mas chamando-lhe o Santo, tiravam toda a equivocação, e toda a duvida, porque só o attributo da santidade era o que distinguia e provava no Deus de Israël a unica e a verdadeira divindade. Tanto significa, tanto monta, e tão alta e divina coisa é ainda no mesmo Deus o ser santo!

Mas se os Prophetas queriam distinguir o Deus verdadeiro dos falsos; porque não fundavam a distincção na verdade, senão na santidade; porque não diziam o verdadeiro de Israël, senão o Santo de Israël? Porque ainda que o verdadeiro se oppõe formalmente ao falso, mais se qualifica o ser divino pelo attributo de Santo, que pelo de verdadeiro. Ouvi uma das maiores ponderações com que se póde avaliar e conhecer quão sublime e divina coisa é ainda na estimação e veneração do mesmo Deus o ser santo. Jurou Deus a David que seria o seu reino eterno, porque delle descenderia o Messias: e como fez Deus este juramento, ou por quem jurou? Coisa estupenda! *Semel juravi in Sancto meo, si David mentiar, semen ejus in æternum manebit.* [1] Jurei a David pelo meu Santo, que não hei de faltar á verdade do que lhe prometti e que lia de ser pae do Messias: *In sancto meo:* pelo meu Santo! E que Santo é este pelo qual Deus jura? Já sabeis que o juramento se faz sempre por aquillo que mais se venera, ou mais se estima. Fóra de nós juramos pela vida d'El-rei, pela Cruz, por

[1] *Psal.*, LXXXVIII, 36.

Christo, por Deus; porque é o que mais veneramos: dentro em nós juramos por nossa vida, por nossa alma; porque é o que mais estimamos. Da mesma maneira não tendo Deus fóra de si por quem jurar, jura pelo que tem dentro em si: e jura por si mesmo, em quanto santo, porque o ser santo é o que mais estima, o que mais préza, e, se se póde dizer assim, o que mais venera. Parece que havia Deus de jurar pela sua verdade, e jura pela sua santidade, como se ficára mais estabelecida a verdade do seu juramento na firmeza da sua santidade, que na da sua mesma verdade. Em Deus tudo é egual, e tão verdadeiro é, como santo, e tão santo, como verdadeiro: mas buscando Deus dentro de si mesmo um attributo, que ou fosse ou parecesse mais soberano, e mais digno de veneração, pelo qual podesse jurar, jurou Deus verdadeiro por Deus Santo: *Semel juravi in Sancto meo.*

III

Por tão altos e tão admiraveis termos como estes nos ensinou Deus em commum, quão grande coisa seja o ser Santos, e o mesmo documento confirmou cada uma das tres Pessoas divinas em particular por exemplos não menos maravilhosos. Sobre a Encarnação da Pessoa do Filho, mandou o Eterno Padre por embaixador o Anjo S. Gabriel, e o que lhe deu por instrucção que dissesse de sua parte á Virgem Santissima, foi que o Filho de Deus, e seu, que de suas entranhas havia de nascer, seria santo: *Ideoque et quod nascetur ex te sanctum, vocabitur Filius Dei.* [1] De sorte que tendo o Eterno Padre um Filho egual a si mesmo, e querendo que por segunda geração, e segundo nascimento, sendo Deus, fosse tambem homem, o que lhe deu a elle, e o que prometteu a sua Mãe, foi que seria Santo: *Quod nascetur ex te sanctum.* Notae o *Sanctum*, e o *Ex te:* Santo, e de vós. Não lhe deu riquezas, porque o fez Filho de uma Mãe muito pobre: *Ex te:* não lhe deu honras, porque o fez Filho de uma Mãe muito humilde: *Ex te:* não

[1] *Luc.*, I, 35.

lhe deu mandos, nem dignidades, nem imperios temporaes, porque ainda que a Virgem era descendente de reis, todos esses sceptros e corôas tinham já degenerado aos instrumentos mecanicos de um official, com quem era desposada: *Ex te.* E que lhe deu? Deu-lhe o ser Santo: *Quod nascetur ex te sanctum.* Pois a seu Filho não lhe daria outra coisa um Pae omnipotente? Os paes tudo quanto teem, e tudo quanto podem, dão a seus filhos, e mais se são primogenitos e unicos, como Christo era. Pois a um Filho primogenito, e um Filho unico, um Pae todo poderoso, um Pae Deus e Senhor de tudo, não lhe dá outra coisa mais que o ser santo? Não; e por isso mesmo. Ao Filho primogenito, e unico do Eterno Padre, competia-lhe a herança de todos os bens de seu pae: e todos os bens que Deus tem, e todos os que póde dar, é fazer a um homem santo e mais santo: porque tudo o mais, ou não é nada, ou para ser alguma coisa, ha de ser tambem santificado e santo. Em quanto Filho herdeiro de sua Mãe, pertenciam-lhe ao mesmo Christo o sceptro de David e a casa de Jacob, que tambem Deus lhe mandou prometter: *Dabit illi sedem David Patris ejus et regnabit in domo Jacob:* [1] mas essa mesma casa e esse mesmo sceptro deu-lh'o Deus a seu Filho por tal modo, que, de temporal que era, o converteu em espiritual, para que tudo nelle fosse só santidade, e elle por todos os modos mais e mais santo.

Vêde como dizem o que digo, os que viram o mesmo Unigenito do Padre: *Vidimus gloriam ejus, gloriam quasi Unigeniti à Patre, plenum gratiæ, et veritatis.* [2] Vimos (diz S. João) a sua gloria, a sua magestade, a sua grandeza, e bem mostrava que era gloria, que era magestade, que era grandeza de Filho Unigenito do Eterno Padre. E em que consistia essa gloria, essa magestade e essa grandeza? *Plenum gratiæ, et veritatis:* em ser cheio de graça e de verdade. A graça é a santidade formal, ou a fórma santificante, que faz e denomina santos: e nesta graça, nesta santidade, neste ser santo, consistia toda a gloria, toda a grandeza, e toda a magestade do unico

[1] *Luc.*, I, 14.
[2] *Joan.*, I, 32.

herdeiro do Padre. E se perguntardes ao Evangelista a razão de serem só estes os bens que contém a herança de um Pae todo poderoso e Senhor de tudo, o mesmo Evangelista tem já dado a razão nas mesmas palavras: *Plenum gratiæ, et veritatis:* cheio de graça, e de verdade. Porque tudo o que não é graça de Deus e santidade é mentira. As riquezas mentira, as honras mentira, os mandos mentira: só o estar em graça de Deus é verdade, só o viver em graça de Deus é verdade, só o morrer em graça de Deus, em que consiste o ser santo, é verdade: *Plenum gratiæ, et veritatis.* Isto deu o Eterno Padre a seu Filho, para que vós aprendaes a saber o que haveis de procurar aos vossos. Procurae-lhes que sejam santos, e esta é a maior riqueza, a maior honra, a maior felicidade que lhe podeis alcançar, e os maiores e só verdadeiros bens, de que os podeis deixar por herdeiros.

Vamos á Pessoa do Filho. A Pessoa do Filho é a Sabedoria de Deus. Fez-se homem a Sabedoria Divina: veiu ao mundo para ensinar aos homens: e que lhes ensinou? Nenhuma outra coisa senão a serem santos. Naquella escada de Jacob, como todos sabeis, representou-se em visão e prophecia a Encarnação do Verbo Eterno. No alto da escada estava Deus inclinado sobre ella; porque uma das Pessoas Divinas havia de descer ao mundo: ao pé da escada estava Jacob, que era o homem, ou o genero humano: porque o modo com que Deus havia de descer, era encarnando e fazendo-se homem: e a escada chegava da terra ao céu; porque o fim do mysterio da Encarnação, e o fim porque Deus desceu do céu á terra, foi para ensinar e mostrar ao homem como havia de subir da terra ao céu. E para esta subida tão notavel e tão nova, que até então estava ignorada, que é o que ensinou o Deus que desceu e encarnou: que é o que ensinou o Verbo e a Sabedoria Divina a Jacob, ou ao homem, que nelle se representava? O mesmo Verbo o diz no Capitulo decimo da mesma Sabedoria, fallando do mesmo Jacob: *Ostendit illi Regnum Dei, et dedit illi scientiam Sanctorum:* [1] Mostrou-lhe o céu, e o reino de Deus, e ensinou-lhe a sciencia de ser santos. De sorte, que vindo a Sabedoria Divina

[1] *Sap.*, x, 10.

em Pessoa, e descendo do céu á terra a ser Mestre dos homens, a nova cadeira que instituiu nesta grande universidade do mundo, e a sciencia que professou foi só ensinar a ser santos, e nenhuma outra. A rethorica deixou-a aos Tullios e aos Demosthenes; a philosophia aos Platões e aos Aristoteles; as mathematicas aos Ptolomeus e aos Euclides; a medicina aos Apollos e aos Esculapios; a jurisprudencia aos Solões e aos Lycurgos; e para si tomou só a sciencia de ensinar a salvar, e fazer santos: *Regnum Dei, et scientiam Sanctorum.*

Em todas as sciencias é certo que ha muitos erros dos quaes nasce a differença das opiniões: em todas as sciencias ha muitas ignorancias, as quaes confessam todos os maiores lettrados, que não comprehendem, nem alcançam. Pois vinha a Sabedoria de Deus ao mundo, porque não allumiou estes erros; porque não tirou estas ignorancias? Porque errar ou acertar em todas essas materias, sabel-as ou não as saber, nenhuma coisa importa: o que só importa é saber salvar: o que só importa, é acertar a ser santos: e isto é o que só nos veiu ensinar o Filho de Deus. Nem ensinou aos philosophos a composição do contínuo: nem aos geometras a quadratura do circulo: nem aos mareantes a altura de leste a oeste: nem aos chimicos o descobrimento da pedra philosophal: nem aos medicos as virtudes das hervas, das plantas, e dos mesmos elementos: nem aos astrologos e astronomos o curso, a grandeza, o numero, as influencias dos astros: só nos ensinou a ser humildes, só nos ensinou a ser castos, só nos ensinou a desprezar as riquezas, só nos ensinou a perdoar as injurias, só nos ensinou a soffrer as perseguições, só nos ensinou a chorar e aborrecer os peccados, é a amar e exercitar as virtudes: porque estas são as regras e as conclusões, estes os preceitos e os theoremas, por onde se aprende a ser santos, que é a sciencia que professou e veiu ensinar a Pessoa do Filho de Deus: *Scientiam Sanctorum.*

A Pessoa do Espirito Santo com o seu proprio nome nos prova e confirma o mesmo. O Padre tambem é Espirito, e tambem é Santo. Pois porque se chama só a terceira Pessoa Espirito Santo? A razão é (dizem todos os Theologos) porque ao Espirito Santo compete o officio de sanctificar e de fazer Santos,

Todas as obras de Deus, que chamam *ad extra*, isto é, que sáem de Deus e se terminam ás creaturas, são indivisamente de toda a Santissima Trindade, na qual o poder e o obrar não só é egual, senão um só e o mesmo. Mas por certa propriedade, fundada na natureza, na origem das mesmas Pessoas, umas obras se attribuem a umas Pessoas e outras a outras. E porque á terceira Pessoa se attribue particularmente o sanctificar e fazer Santos, por isso se chama Santo.

E para que vejaes quão grande significação é na mesma Pessoa do Espirito o nome de Santo, e o attributo ou attribuição de santificar, notae o muito que com ella se suppre, e a grande carencia, ou vazio que com ella se enche. O nome ou antonomasia de Santo, e o officio de sanctificar e fazer Santos, não lhe podéra competir ao Pae, que é a fonte original e innascivel da santidade? Não lhe podéra competir ao Filho, que foi o que encarnando nos mereceu essa mesma santidade? Sim. Pois porque se deu ao Espirito Santo? Disse com alto pensamento Ruperto, que para supprir a infecundidade da terceira Pessoa. A Divindade no Padre é fecunda, no Filho é fecunda, no Espirito Santo não é fecunda. No Padre é fecunda, porque gera o Filho: no Filho é fecunda, porque juntamente com o Padre produz o Espirito Santo: no Espirito Santo só não é fecunda, porque não produz outra Pessoa Divina. Pois que meio podia haver para supprir na terceira Pessoa esta infecundidade? O meio foi cederem nella as outras Pessoas Divinas a virtude ou attribuição de santificar e fazer Santos, e o titulo e antonomasia de se chamar Santo. A terceira Pessoa não póde gerar, nem produzir pessoa que seja Deus? Pois faça santos. A terceira Pessoa não se póde chamar Pae, nem se póde chamar Filho? Pois chame-se Santo. Tão grande, tão alta, tão sublime, tão divina coisa é ser santo; e com tão maravilhosos documentos nos ensinaram esta verdade em si mesmas as tres Pessoas Divinas!

IV

Depois do Padre, Filho, e Espirito Santo, segue-se a Filha do Padre, a Mãe do Filho, a Esposa do Espirito Santo, a Virgem Santissima, a qual, como a

mais santa entre todas as puras creaturas, nos dirá melhor que todas, quão grande bem é sermos santos. No Capitulo vinte e quatro do Ecclesiastico nos refere a mesma Senhora, como Deus, que a escolheu por morada, lhe deu a herança de tudo quanto tinha vinculado ao povo de Israël, que era o morgado do mesmo Deus: *Tunc præcepit, et dixit mihi Creator omnium, et qui creavit me requievit in tabernaculo meo et dixit mihi, in Israel hæreditare.* [1] E que vos parece que escolheria e tomaria para si a Virgem Maria, de toda a universidade de bens naturaes e sobrenaturaes deste immenso morgado? Só tomou o que era santo, e nenhuma outra coisa. Do que não era santo, posto que fosse precioso e estimado, não quiz nada, porque tudo é nada: do que era santo, tomou tudo, porque só o ser santo é tudo. Oiçamos a mesma Senhora, e ponderemos o que diz, com a attenção que suas palavras merecem. Primeiramente do que pertence ao logar, diz que escolheu uma cidade santa, e uma casa santa, para nella servir a Deus em sua presença sem nenhum outro cuidado: *In habitatione sancta coram ipso ministravi, et in civitate sanctificata similiter requievi.* [2] E quanto ao que pertencia á Pessoa, sendo tantos e tão excellentes os dotes naturaes que Deus desde seu principio tinha repartido com as mulheres famosas daquella nação, de tudo isto nenhum caso fez a Senhora: tudo deixou, tudo desprezou, e só tomou e quiz para si a santidade de todos os Santos: *In plenitudine Sanctorum detentio mea.* [3] Detive-me (diz) na enchente de todos os Santos (porque tudo o que não é ser santo, póde inchar, mas não póde encher) aqui me detive, aqui parei, aqui insisti, nem tive para onde passar d'aqui.

Oh quem me dera ter neste auditorio todas as senhoras do mundo, tão prendadas e tão prezas, tão fidas e tão retidas das vaidades do mesmo mundo, para que vissem o de que só se haviam de deixar prender e deter, á imitação da maior Senhora e Rainha de todas! Tudo quanto a apprehensão e phantasia feminil estima e preza, viu a bemditissima Virgem no

---

[1] *Eccl.*, XXIV, 12 e 13.
[2] *Ibid.*, 14 e 15.
[3] *Ibid.*, 16.

grande theatro de Israël, de que Deus a fizera herdeira: *In Israel hæreditare.* Viu a nobreza do sangue, antiga e illustre em Sára, soberana e real em Michol; mas não a deteve o esplendor da nobreza, nem lhe moveu, ou alterou os espiritos. Viu a formosura servida e adorada em Rachel, buscada e preferida em Abisay; mas não a deteve a formosura, nem julgou por digna de ser vista a que leva apoz si os olhos. Viu a fecundidade grande e invejada em Lia, maior e mais desvanecida em Fenéna; mas não a deteve o appetite natural de ser Mãe, nem desejou perpetuar-se em mais vidas. Viu a riqueza domestica em Rebecca, e os thesouros reaes em Sulamites; mas não a deteve cubiça ou ambição de riquezas, porque tinha o coração em outros thesouros. Viu as galas e affeites de Jezabel, e todo o valor do Oriente engastado nas joias de Esther; mas não a deteve a apparencia vã dos apparatos do corpo, como a que só cuidava em ornar o espirito. Viu a que o mundo chama ventura, nas bodas não esperadas de Ruth, e nas muito venturosas de Sefora; mas não a deteve o especioso laço das bodas, antes lhe fizeram horror as delicias do thalamo. Viu as victorias e triumphos de Debora, e os despojos e tropheos da famosa Judith; mas não a deteve a fama com o ruido de seus applausos, nem affectou victorias e triumphos. Viu, finalmente, coroada Abigail, e assentada Berzabee em egual throno com Salomão, mas não a deteve a soberania daquellas alturas, porque era mais alto o seu animo que os thronos, e de maior esphera que as corôas.

Pois, Senhora, se todos estes bens da natureza e da fortuna, se todas estas grandezas e felicidades da vida, que os homens tanto estimam, tanto prézam, e tanto invejam, nem divididas nem juntas, vos encheram os olhos; se por todas passastes pizando-as, e nenhuma vos pareceu digna, nem de vos deter um momento, nem de vos fazer parar um passo; que é o que vistes, que só vos agradou, que é o que vistes, que só vos deteve, ou teve mão, para que alli parassem os passos do vosso desejo, para que d'alli não passassem os vossos affectos? Vi a humildade, diz a Senhora, vi o desprezo de si e do mundo, vi o recolhimento, vi o silencio, vi a modestia, vi a temperança, vi a paciencia, vi a fortaleza, vi a mortificação das paixões, e a resignação da propria vontade,

vi o amôr de Deus, e a caridade do proximo, vi em fim toda a santidade, virtudes e graça, de que estiveram cheios os Santos; e nesta enchente da santidade é que só tomei pé, nesta parei, nesta me detive, e nesta me detenho: *Et in plenitudine Sanctorum detentio mea.* Isto é o que diz de si a Mãe de Deus: E porque este foi o seu juizo, e a sua eleição, por isso foi Mãe de Deus, não só porque estimou o ser santa, mais que todas as coisas, mas porque deixou e desprezou todas as coisas, para ser mais santa.

V

Os Anjos, que são a terceira classe dos Santos que hoje celebra a Igreja, assim como nos persuadem com suas inspirações, nos ensinam com seu exemplo, quão grande coisa é ser santos. O exercicio dos Anjos do céu é estarem sempre louvando a Deus. Nós não o sabemos louvar, porque o não vêmos, elles que o estão sempre vendo, só o louvam como devem. Mas quaes são os louvores ou as lisonjas que os Anjos cantam a Deus? O Propheta Isaias, que uma vez foi admittido a os ouvir, o disse: *Seraphim stabant, et clamabant alter ad alterum: Sanctus, Sanctus, Sanctus:* [1] Estavam os Serafins divididos em dois côros, e o que cantavam alternadamente a grandes vozes, era: Santo, Santo, Santo. Isto diziam e repetiam sem cessar: como tambem os ouviu d'ahi a oitocentos annos S. João no seu Apocalypse: *Et requiem non habebant, dicentia: Sanctus, Sanctus, Sanctus.* [2] Se isto não estivera tão expresso em um e outro Testamento, quem tal cuidára? Deus não é um objecto immenso, as grandezas de Deus não são infinitas, os Anjos que o vêem e conhecem intuitivamente, não são tão entendidos e tão sabios? Pois como não variam de vozes, nem de pensamento? Porque não discorrem por outras perfeições divinas, porque não louvam, e não engrandecem outros attributos? Por isso mesmo. Porque vêem a Deus, porque o conhecem, e

[1] *Isai.*, VI, 2 e 3.
[2] *Apoc.*, IV, 8.

porque são entendidos. Quem louva ou lisongeia discretamente, diz tudo o que póde, e tudo o que mais agrada: e a maior grandeza que se póde dizer de Deus, e o louvor que mais lhe agrada, é chamar-lhe Santo. Por isso o primeiro côro dos Anjos diz santo, e o segundo responde santo: o primeiro torna a dizer santo, e o segundo torna a repetir santo: e isto dizem, e isto estão sempre dizendo sem cessar, uma e mil vezes, e isto hão de continuar a dizer por toda a eternidade; porque depois de dizerem que Deus é santo, santo, e mais santo, nem os Serafins do céu, que são os Anjos de mais alto entendimento, e de mais profunda sciencia, sabem dizer mais, nem lhe fica mais que dizer. E' Deus eterno, é immenso, é infinito, é omnipotente; mas tudo isso são grandezas, porque estão juntas com o ser santo. Se Deus por impossivel não fôra santo, todos os outros seus attributos careceram da sua maior perfeição. Por isso é perfeição em Deus o ser eterno, porque é eternamente santo: por isso é perfeição o ser immenso, porque é immensamente santo: por isso é perfeição o ser infinito, porque é infinitamente santo: por isso é perfeição o ser omnipotente, porque é todo poderosamente santo: *Sanctus*, *Sanctus*, *Sanctus*.

Isto é o que os Anjos dizem de Deus. E de si que dizem, ou que podem dizer? O que podem e são obrigados a dizer todos os que perseveram no Céu, e o não perderam; é, que todo o seu bem, e toda a sua felicidade, consistiu em ser santos. Houve no céu entre os Anjos aquella grande batalha que sabemos: Lucifer com os máus rebellou-se contra Deus: S. Miguel com os bons seguiu as partes de seu Senhor: estes venceram, aquelles foram vencidos: e que ganharam os que ganharam a victoria; que perderam os que perderam a batalha? Nenhuma outra coisa mais que o ser ou não ser santos. Os que ganharam a victoria, ganharam o ser santos, porque ficaram confirmados em graça: os que perderam a batalha, perderam o ser santos, porque foram privados da mesma graça, e em tudo o mais que tinham por natureza, ficaram como d'antes eram.

D'aqui se entenderá um famoso logar de Ezechiel no Capitulo vinte e oito, onde chama Cherubim a Lucifer: *Tu Cherub extentus, et protegens, et posui te in monte sancto Dei, in medio lapidum ignitorum*

ambulasti: perfectus in viis tuis à die conditionis tuæ, donec inventa est iniquitas in te: [1] Tu, ó Cherubim, eras o Anjo de maior esphera, e que debaixo de tuas azas tinhas todos os outros: *Tu Cherub extensus, et protegens.* Eu te creei santo, e em graça, e te puz no céu: *Posui te in monte sancto Dei:* Tu estavas entre os Seraîns, onde passeavas com liberdade de superior: *In medio lapidum ignitorum ambulasti:* E desde o dia de tua creação foste perfeito, até que em ti se achou o peccado e maldade, que tu inventaste: *Perfectus in viis tuis, donec inventa est iniquitas in te.* Em summa, que Lucifer, como diz o Texto, e declaram conformemente todos os Padres, era por natureza Seraîm, e creado entre os Seraîns, e superior a todos. Pois se era Seraîm, como lhe chama o Propheta em nome de Deus, não Seraîm, senão Cherubim ? E se lhe nega o nome de Seraîm, porque já não era Anjo, senão demonio, porque lhe chama Cherubim: *Tu Cherub ?* Porque Seraîm significa amôr e amante; Cherubim significa sciencia e sabio: e ainda que Lucifer pela rebellião e pelo peccado, perdeu o amôr e a graça de Deus, e os outros dons sobrenaturaes, não perdeu a sabedoria e as sciencias, nem os dotes do entendimento e da natureza, com que fôra creado. Tão anjo ficou no saber, como d'antes era, tão anjo no poder, tão anjo na capacidade da esphera, tão anjo na belleza e formosura natural, e em tudo o mais como d'antes; e sómente privado da graça e da santidade, em que por sua culpa e maldade se não quiz conservar.

De sorte que a principal differença que então houve, e hoje ha, entre Miguel e Lucifer, é que Miguel chama-se S. Miguel, e Lucifer não se chama Santo. Direis que tambem foi privado Lucifer da gloria e da vista de Deus. Não foi, porque essa ainda a não tinha, que se já tivera visto a Deus, não o podéra offender, nem perder a graça e santidade. Mas assim como Deus o privou da graça e da santidade, porque o não privou tambem de tudo o mais ? Quando um vassallo se rebella contra seu rei, confiscam-lhe todos seus bens. Pois se Lucifer se rebellou contra Deus, porque lhe confiscam só a graça e a santidade,

[1] *Ezec.*, XXVIII, 14 e 15.

e lhe deixam tudo o mais? Porque só a graça e a santidade são bens: tudo o mais que teem os Anjos máus, uma vez que não teem santidade, antes são males que bens. A sciencia sem santidade, é ignorancia: a formosura sem santidade, é fealdade: o poder sem santidade, é fraqueza: a grandeza sem santidade, é miseria: e por isso são os Anjos máus as mais miseraveis de todas as creaturas, assim como os Anjos bons as mais felizes, e bemaventuradas de todas: estes porque são santos, aquelles porque não são santos.

VI

Vamos aos homens, e perguntae a todos os que estão no céu, que coisa é ser santos? A esta pergunta não quero responder com Escripturas, nem com palavras, senão com obras. As coisas estimam-se pelo que valem, e pelo que custam. Tudo o que fizeram e padeceram os Santos, foi por ser santos. A esperança tão longa, e tão constante dos Patriarchas, a fé e paciencia dos Prophetas, o zelo e prégação dos Apostolos, os formentos e mortes dos Martyres, as penitencias e asperezas dos Confessores, a continencia e pureza das Virgens: tudo santo, e tudo por ser santos. Mas não é esta a materia, que se haja de passar e escurecer com uma tão abbreviada generalidade. Discorramos por cada uma das gerarchias dos Santos, e vejamos quanto se empenharam por conseguir este nome.

Olhae para os Patriarchas nos dois primeiros, e vereis a Isaac lançado sobre a lenha, esperando com a garganta nua o rigor, por não dizer a deshumanidade do golpe, e a Abrahão com a espada em uma mão, para cortar a cabeça ao unico filho, e com o fogo na outra para o queimar em holocausto, e sepultar em cinzas. Podia haver maior resolução, nem mais heroico e deliberado empenho, assim na sujeição do filho ao pae, como na obediencia do pae a Deus? O mesmo Deus confessou que não podia ser maior. Mas se virdes que um Anjo naquelle mesmo instante tem mão no braço a Abrahão, voltae os olhos para o de Jephte armado d'outra espada, e do mesmo

zelo, e vereis não suspenso, mas executado o tremendo sacrificio, derramando o pae animoso com suas proprias mãos o sangue da innocente filha, tambem unica, e sem herdeiro. E porque vos parece que se atreveram estes dois homens, sendo paes, a uma tão espantosa e medonha acção, de que se estremece o amôr, e tapa os olhos a natureza? Abrahão por não quebrar um preceito, Jephte por não faltar a um voto, e ambos por ser santos. Abrahão podia duvidar com grande fundamento, se um preceito tão novo e inaudito, e tão repugnante ás promessas que o mesmo Deus lhe tinha feito, era illusão: Jephte com maior razão ainda, podia duvidar se o voto naquelle caso obrigava, não sendo tal a sua tenção, nem lhe tendo vindo tal coisa ao pensamento; e comtudo ambos seguiram a parte mais difficultosa e mais segura, por não deixar em escrupulo a salvação, nem pôr em duvida o ser santos.

Aos Patriarchas seguem-se os Prophetas, e aos Prophetas os Apostolos. E se entre os Prophetas vos assombraes de vêr um Isaias serrado pelo meio, e um Daniel no lago dos leões, e um Jonas engulido da baleia; nos Apostolos, que foram menos em numero, vereis a Pedro crucificado, a Paulo degolado, a André aspado, a Filippe apedrejado, a Bartholomeu esfolado, a Matheus e Thomé alanceados, a Simão e Thaddeu despedaçados, e todos em fim dando o sangue e a vida em testemunho da fé que prégaram, não só para ser santos elles em si, mas para fazer santos a outros.

E que direi eu de vós, ó fortissimo e luzidissimo exercito dos Martyres, tão infinito no numero, como nos exquisitos generos de martyrios? Se entro no amphytheatro de Roma, vejo-vos lançados ás feras, ou lançados aos Neros, aos Decios, aos Diocleciaños, aos Trajanos mais feros que as mesmas feras. A muitos de vós reverenciaram os leões, os ursos, os tigres: mas a nenhum perdoou a vida a impiedade mais que brutal dos tyrannos, sempre mais obstinados e furiosos. As pedras de Estevão, as settas de Sebastião, as grelhas de Lourenço e Vicente, já eram formentos vulgares. Que machinas e invenções de atormentar não excogitou a sevicia, raivosa de se vêr vencida, para combater e tentar vossa fortaleza? A uns martyres penduravam pelos cabellos, ou por um

pé, ou por ambos, ou pelos dedos pollegares, e assim no ar, despidos, com azorragues de nervos, rematados em pelotas de chumbo, ou abrolhos de aço, os batiam e martellavam com tal força e continuação, os crueis e robustos algozes, que ao principio açoitavam os corpos, depois feriam as mesmas chagas, ou uma só chaga, até que não tinham já que açoitar nem ferir. A outros estirados, e desconjuntados no eculeo, ou estendidos na catasta, aravam ou cardavam os membros com pentes e garfos de ferro, a que propriamente chamavam escorpiões, ou mettidos debaixo de grandes pedras de moinho, lhe espremiam como em lagar o sangue, e lhe moíam e imprensavam os ossos, até ficarem uma pasta confusa, sem figura, nem similhança do que d'antes eram. A outros cobriam todos de pez, rezina, e enxofre, e ateando-lhes o fogo, os faziam arder em pé como tochas, ou luminarias, nas festas dos idolos, esforçando-os para este supplicio com lhes dar a beber chumbo derretido. A outros nos mais rigorosos frios do inverno mettiam em tanques enregelados com banhos de agua quente á vista, e liberdade de se passarem a elles, para que enfraquecesse o remedio os que não vencia o tormento. A outros coziam em coiro juntamente com serpentes e cães damnados, e assim os lançavam ao mar, para que naquella estreita, medonha, e asquerosa prizão, primeiro acabassem mordidos e atassalhados dos dentes venenosos, do que afogados das ondas. A outros escallavam vivos pelos peitos, e lhes arrancavam o coração e entranhas palpitantes, ou lhes atavam as mãos e os pés a quatro ramos grossos de arvores dobrados á força, e soltos ao mesmo tempo com que subita e violentissimamente os espedaçavam em quartos. A outros assentavam em cadeiras de ferro afogueado, a outros faziam andar descalços sobre laminas ardentes, a outros mettiam em caldeiras de azeite e alcatrão fervendo, a outros em bois de metal abrazado, a outros em fornalhas de chammas vivas. E tudo isto soffriam e supportavam aquelles valorosos cavalleiros de Christo, não só com paciencia e constancia, mas com jubilo e alegria: Porque? Só por ser, e segurar o ser santos, como exclama a Igreja: *Omnes sancti quanta passi sunt tormenta, ut securi pervenirent ad palmam martyrii.*

VII

Os Santos Doutores, esquadrão tambem laureado, não fizeram ou não se desfizeram menos por ser santos. Foram a luz do mundo, e o sal da terra; e assim como a tocha se consume para allumiar, e o sal se derrete para conservar; assim elles para allumiar as cegueiras do mundo, e conservar a fé e religião em sua pureza, não só se póde dizer com verdade, que consumiram a vida, mas que derreteram e estillaram a alma. Todos esses livros, tantos e tão admiraveis, de S. Basilio, de S. Chrysostomo, de Santo Athanasio, de Santo Ambrosio, de S. Jeronymo, de Santo Agostinho, e dos dois Gregorios, quatro Doutores da Igreja Grega, e quatro da Latina, e os dois que depois se accrescentaram a este sagrado numero, Santo Thomaz, e S. Boaventura: os livros egualmente doutissimos dos santos Bispos, Hilario, Cypriano, Fulgencio, Epifanio, Isidoro, e um e outro Cyrillo: e os dos antiquissimos Padres, Clemente Romano, Dionysio Areopagita, Erineu, Justino, Gregorio Thaumaturgo, Clemente Alexandrino, Lactancio, e infinitos outros. Todos estes escriptos, digo, cheios de divina e celestial doutrina, que outra coisa são sem encarecimento nem metaphora, senão as almas dos mesmos santos, e as quintas essencias dos seus entendimentos, estilladas pela penna?

Alli se vêem refutadas e convencidas todas as seitas dos antigos philosophos, pitagoricos, platonicos, cynicos, peripateticos, epicurios, estoicos: alli os mysterios profundissimos da fé, facilitados e criveis, e os argumentos contrarios desvanecidos: alli as Tradições Apostolicas successivamente continuadas, e as definições dos Concilios geraes e particulares estabelecidas; alli as difficuldades da Sagrada Escriptura, e os logares escuros della declarados, e o Velho e Novo Testamento, e os Evangelhos entre si concordes: alli as questões altissimas da Theologia subtilissimamente disputadas e resolutas; as controversas debatidas e examinadas: e o certo como certo, falso como falso, e o provavel como provavel, tudo decidido: alli as herezias antigas e modernas expugnadas, e as cavillações dos hereges desfeitas, e os Textos sagrados,

corruptos e adulterados por elles, conservados em sua original pureza: os Arios, os Apollinares, os Macedonios, os Nestorios, os Donatos, os Pelagios, os Manichéus, ou Eutiquios, os Elvidios, os Jovinianos, os Vigilancios, e os Lutheros, e Calvinos, que em nossos tempos os resuscitaram, sepultados outra vez e convencidos; alli finalmente os vicios perseguidos, os abusos emendados, as virtudes sinceras e solidas louvadas, as falsas e apparentes confundidas, e toda a perfeição evangelica digesta, praticada, e posta em seu ponto.

E para tudo isto (que muitos não entendem, nem capacitam) que comprehensão e vastidão de todas as sciencias divinas e humanas, era necessaria: que memoria de todas as historias sagradas e profanas: que escrutinio da chronologia de todos os tempos: que noticias de todas as terras e gentes, de suas leis, costumes, cerimonias, ritos: que intelligencia e conhecimento exacto de todas as linguas, latina, grega, hebrea, caldaica, syriaca, umas originaes dos Textos sagrados, outras em que foram vertidos? E que estudo, que applicação, que continuação e trabalho era outrosim necessario para adquirir esta immensa erudição, ajudado o engenho natural, e elevado de continuas orações ao céu, donde vem a verdadeira luz? Estas eram as minas em que cavavam e suavam aquelles diligentissimos e utilissimos operarios, estas as riquezas inestimaveis que mettiam e accumulavam nos thesouros da Igreja, estas as armas finissimas e escudos impenetraveis, de que forneciam a Torre de David, para as futuras occasiões e batalhas, como hoje se experimenta: empregando e applicando a estas (que com razão se chamam obras) todas as forças do espirito, todas as potencias da alma, e todos os sentidos do corpo: negando-lhe o descanço de dia, e o repouso e somno de noite; e chegando a não gosar, nem sentir o mesmo que comiam, como á meza d'El-rei S. Luiz de França lhe aconteceu a Santo Thomaz. Mas como eram tão doutos e sabios, sabiam melhor que todos, quão grande coisa é ser santos, e por isso o procuravam elles ser com esta vida, e que os demais o fossem com esta mesma doutrina.

Por outro caminho bem diverso conquistaram o ser santos os Anacoretas, deixando o trato e com-

munieação das gentes, e indo-se viver aos desertos; mas tambem lá lhes não faltaram batalhas, porque se levavam a si comsigo; nem victorias, porque os levava Deus. Estas eram as plantas do céu, de que estavam cultivados os ermos da Palestina, da Thebaida, do Egypto, e aqui viviam como anjos, porque souberam fugir dos homens, os Paulos, os Hilariões, os Arsenios, os Onofres, os Pacomios, os Macarios. Em muitos annos, e alguns em toda a vida, não se viam: eram porém muito para vêr aquellas veneraveis cãs nunca tocadas de ferro, como Nazarenos da Lei da graça, qual de noventa, qual de cento, qual de cento e vinte annos, estendendo o jejum e a abstinencia as vidas, que tanto desbarata e abrevia o regalo. Habitavam as grutas e covas, das quaes quando sahiam, mais pareciam cadaveres, que homens vivos. Das mãos de S. Pedro de Alcantara, escreve Santa Thereza, que eram como feitas de raizes: e o mesmo podemos dizer das estatuas, ou similhanças destes Santos velhos, sêccos, pallidos, mirrados, e como feitos ou tecidos das raizes das mesmas hervas, de que se sustentavam.

Mas como na carne enfraquecida e debilitada com as penitencias se criam, e crescem os mais robustos espiritos, invejosos os do inferno de tanta santidade, se armaram fortemente contra elles, e fazendo daquelles desertos campanha, lhes davam cruelissimos combates. Umas vezes lhes appareciam os demonios transfigurados em aspides, basiliscos, dragões, e outros monstros horrendos, que os queriam tragar, como ao grande Antonio: outras os assombravam com tremores da terra, relampagos, trovões e raios, com que parecia que as mesmas grutas se partiam, e cahiam sobre elles os montes: e talvez na maior serenidade e frescura do ar, lhes traziam e punham diante dos olhos as mesmas figuras humanas, de que tinham fugido, mais capazes pelo gesto, e pelos trajos de provocar amôr, que medo, e estes eram entre todos os mais apertados, e furiosos assaltos. Mas que faziam aquelles constantissimos athletas da castidade, quando os cilicios de que sempre andavam armados, lhes não bastavam? Ou se valiam dos lagos e rios enregelados, como S. Francisco, ou das silvas e espinhos, como S. Bento, ou do fogo mettendo nelle a mão, e deixando derreter os dedos, como S. Diogo: e

desta sorte com a memoria do mesmo inferno, que lhes fazia a guerra, o venciam, e triumphavam delle. Assim venciam, porque eram assistidos da graça de Deus, e assistia-os tão efficazmente com sua graça, porque elles continuamente assistiam tambem a Deus, orando e contemplando.

De alguns se escreve, que de noite mediam as horas da oração com um novo e admiravel relogio do sol, porque começavam a orar, quando se punha, e acabavam, quando nascia. Mais fazia Simeão Estelita, a quem com razão podemos chamar anacoreta do ar, e não da terra. Vivia sobre uma columna de trinta e cinco covados de alto, onde perseverou oitenta annos ao sol, ao frio, á neve, aos ventos, comendo uma só vez na semana, e orando de dia e de noite, quasi sem dormir. Umas vezes orava de joelhos e prostrado, outras em pé, e com os braços abertos, e nesta postura estava reverenciando continuamente a Deus com tão profundas inclinações, que dobrava a cabeça até os artelhos. Theodoreto, testemunha de vista, quiz saber o numero a estas inclinações, e tendo contado mil duzentas e quarenta e quatro, cançado de contar, não foi por diante. Oh assombro, oh prodigio, oh exemplo singularissimo do que póde a fraqueza do nosso barro fortalecida da graça! Um tal genero de vida mais foi admiravel que imitavel. Mas o que mais admira, é, que lhe não faltaram imitadores. Estelita quer dizer o habitador da columna, e houve outro Estelita tambem Simeão, e outro Estelita Daniel, e outros. Tanto preço tem nos que o sabem avaliar o ser santo!

VIII

Por remate, ou por corôa de todos os Santos, põe a Igreja no ultimo logar o suavissimo côro das Virgens, cujas vozes, posto que mais delicadas, mas egualmente fortes, nos acabarão de persuadir, como ellas se persuadiram, esta mesma verdade. Pesa-me de chegar tão tarde a essa gerarchia, em que é obrigação deter-me mais um pouco, mas como a materia é de casa, ao menos das grades para dentro será de agrado. Vos de fóra seja embora de paciencia.

Que extremos não obraram as santas Virgens por ser santas? Que façanhas não emprehenderam varonilmente? Que rigores e asperezas não executaram em si mesmas? Que galas, que regalos, que delicias e contentamentos da vida, que riquezas, que grandezas, que pompas e fortunas do mundo não desprezaram? Que finezas, que excessos, que machinas dos que as pretendiam, não resistiram? Que bodas humanas, por altas e soberanas que fossem, não renunciaram, só por conservar e defender a virginal pureza, e manter a fé promettida a Christo, com quem se tinham desposado? Santa Edita, filha de Elgaro, rei de Inglaterra, morto o pae e um irmão que tinha unico, ficou herdeira do reino, e por mais instancias que lhe fizeram os povos, juntos em côrtes, que se cazasse, nem o amôr da casa real, em que nascera, nem a successão da familia e da corôa, nem a memoria do pae e irmão, que nella se extinguia, foram bastantes para a mover um ponto da firmeza de seu proposito, nem para a arrancar do canto de uma Religião, onde coberta de cilicio amortalhou a vida, e depois sepultou o corpo, que permaneceu incorrupto. Santa Eufrosina, senhora illustrissima em Alexandria, não podendo de outro modo fugir e escapar de seu pae, e do matrimonio nobilissimo concertado por elle, mudando o trajo de mulher e o nome, e chamando-se Esmaragdo, desconhecida e em terra estranha, tomou o habito de monge, em que viveu trinta e oito annos enterrada em uma estreita cella, donde nunca sahiu. Santa Petronilla, filho do principe dos Apostolos S. Pedro (antes de ser chamado ao Apostolado) tendo feito voto a Christo de perpetua virgindade, e não se podendo defender das bodas de Flaco, senhor romano, que com amôr a solicitava, e com poder de armas a queria obrigar a ser sua esposa, pediu de prazo trez dias pera deliberar, e nelles com ferventissimas orações impetrou do mesmo Christo lhe tirasse a vida, e assim o conseguiu valorosa e gloriosamente no fim do terceiro dia. Mais violentamente se defendeu de similhante perigo Santa Maxelende, illustrissima por sangue nos estados de Flandres, mas mais pela illustre causa de o haver derramado. Celebraram-se com grande pompa as festas das bodas, concertadas por seus paes com Harduino, senhor principal, rico e poderoso, que, entre

muitos que pretendiam esta fortuna, a tinha alcançado: foi levada por força a santa virgem ás mesmas festas, mas negou a mão com tal desengano, e persistiu nelle com tal firmeza, que, affrontado e corrido o esposo de se vêr desprezado, trocando o amôr em furia, se arremessou á espada, e a Santa se deixou matar intrepidamente.

E posto que em tantos e tão apertados casos fosse admiravel o valor e constancia, com que todas estas Santas defenderam a pureza virginal que tinham prometido a Christo, considerada, porém, a condição natural de mulheres, ainda tenho por maior façanha a de Santa Brigida, Virgem, chamada de Escocia, e a de Santa Uvilgo-fortis, que alguns, com errado, mas bem apropriado nome, chamam *Virgo fortis*. Eram estas santas o extremo da formosura, e vendo-se por esta causa solicitadas e pretendidas de muitos e poderosos senhores para o matrimonio, pediram a seu Divino Esposo as privasse daquella graça, que outras tanto estimam, e com tantas artes affectam: e o Senhor, que só se namora da belleza da alma, se agradou tanta desta petição, que de repente ficaram tão feias e disformes, que ninguem as podia vêr, e só ellas se viam contentes.

Que direi dos rigores, asperezas e piedosas tyrannias, com que estes anjos em carne a mortificavam, affligiam, e verdadeiramente martyrizavam? A austeridade de vida, o rigor e horror das penitencias de Santa Clara, primeira copia do retrato original de Christo crucificado, seu Padre S. Francisco, quem ha que a possa declarar? A de Santa Azella, virgem romana, dentro em Roma, e quando Roma era o maior theatro das delicias e vaidades do mundo, declarou S. Jeronymo. Diz, que da mais populosa cidade fez ermo, que a terra nua lhe servia de cama e de logar de oração: que os joelhos, pela muita continuação della, se lhe tinham endurecido em callos como de camello: que se sustentava do jejum, e que só o quebrava com pão e agua, mas com tal moderação e parcimonia, que nunca nem com o pão matava a fome, nem com a agua a sêde: que jámais viu, nem foi vista de homem, ainda quando visitava os sepulchros dos Martyres, e que tendo uma irmã, tambem donzella, esta a amava, mas não a via. Santa Margarida, filha dos reis de Hungria, de quatro annos tomou o habito

de monja, e de cinco se vestiu de cilicio: de dia, para mortificar os passos, entre os pés e o calçado mettia certos abrolhos de ferro, e de noite, para o pouco somno que tomava sobre uma taboa, se cingia de pelles de ouriços com todos seus espinhos. Santa Genoveva, padroeira da real cidade de Pariz, a quem o famosissimo Semeão Estelita desde a Grecia, onde vivia sobre a sua columna, mandava visitar a França, e encommendar-se em suas orações. Santa Macrina, irmã de S. Basilio Magno, tanto no sangue, como na aspereza e severidade da vida: Santa Lutgardis, legitima filha do gloriosissimo patriarcha S. Bernardo, singular herdeira de seu ardentissimo espirito, e dignissimo exemplar de todas as que vestem e professam o mesmo habito: estas santas Virgens e muitas outras, que extraordinarios modos de penitencias não inventaram, mais engenhosas para se martyrisar a si mesmas, que os tyrannos para atormentar os Martyres ?

E' coisa digna de admiração, que padecendo os Martyres pela fé e culto de Christo, os tyrannos não déssem em executar nelles os mesmos tormentos da Paixão de Christo: mas isto o inventou e executou em Santa Catharina de Sena, e em Santa Clara de Monte Falco, o amôr de seu Divino Esposo. Catharina com as chagas nas mãos, nos pés, e no lado, e a corôa de espinhos na cabeça: e Clara com todos os instrumentos da mesma Paixão do Senhor, insculpidos, e entalhados no coração. Até as doenças mais penosas provocavam e conseguiam, para que onde não podiam chegar as dôres fabricadas da arte, penetrassem as da natureza, e não houvesse em corpos tão delicados parte alguma, dentro nem fóra dos ossos, que não penasse com particular tormento. Todas as enfermidades de quantas é capaz o corpo humano, padeceu juntamente e por toda a vida Santa Lidovina, com excesso da paciencia de Job, e affronta da industria do demonio. Uma Christina houve, entre as outras, que não se satisfazendo das penas desta vida, padeceu as do purgatorio por muitos annos: como tambem Santa Thereza experimentou as do inferno. A mesma Santa Thereza dizia: *Aut pati, aut mori:* ou padecer ou morrer; porque se não atrevia a viver sem padecer. E Santa Magdalena de Pazzi, não sei se com maior energia: *Pati, non mori:* pade-

cer, sim, morrer não; porque na morte acaba-se o exercicio de padecer, e na vida, dura e persevera. Mas dizei-me, Virgens purissimas (ou dizei-o aos que o não sabem entender) porque fostes tão ambiciosas de penas? A vossa vida não era inculpavel e innocente? As vossas almas não eram gratissimas a Deus? Pois porque sois tão inimigas, ou tão tyrannas de vossos corpos? Deixae esses rigores e essas penitencias para as Theodoras e Pelagias, que foram grandes peccadoras: deixae-as para uma Maria Egypciaca, que viveu dezesete annos em torpezas, enlaçada do demonio, e sendo laço dos homens: mas vós que não tendes peccados graves que pagar, e se alguns tivestes leves, os tendes tão abundantemente satisfeito, porque vos mortificaes, porque vos affligis, porque vos martyrizaes com tanto excesso? Porque sabiam quão grande coisa era ser santas, e o queriam ser mais e mais.

IX

E se estes extremos fizeram as santas Virgens por conservar a pureza virginal na paz, que fariam para a defender na guerra? A maior e mais dura guerra com que podiam combater a constancia daquellas fortissimas donzellas os amorosos inimigos, que tão prendados estavam de sua belleza, era a terrivel e perigosa indifferença com que lhes propunham a eleição de um de dois extremos: ou o matrimonio, ou o martyrio; ou casar ou morrer: ou perder o estado virginal ou a vida. Entre estes dois extremos não se dava meio, e cada um delles vestido das circumstancias que o acompanhavam, ainda era mais perigoso e mais terrivel. Porque a vida que se lhes offerecia no matrimonio, era adornada de joias, de riquezas, de delicias, de corôas, e ainda do mesmo imperio do mundo: e a morte que se lhes ameaçava no martyrio, era armada de affrontas, de açoites, de carceres, de cadêas, de grilhões, de algemas, de torquezes, de serras, de rodas de navalhas e de todos os instrumentos e machinas, com que póde atormentar o ferro e o fogo. Deixo os menores estados e fortunas, posto que illustres e grandes, que a Santa Cecilia se dotavam com as bodas de Valeriano, a Santa

Tecla com as de Tamiris, a Santa Ignez com o filho do prefeito de Roma, a Santa Luzia, a Santa Felicula, a Santa Flavia Dometilla com outros de similhante qualidade e riqueza; só é muito para não passar em silencio, que a Santa Diphna se offerecesse com o matrimonio a corôa de Ibernia, a Santa Efigenia a de Ethiopia, e a Santa Catharina e Santa Suzana todo o imperio romano, que naquelle tempo dominava o universo; a uma com as bodas do imperador Maximino, e a outra com as de Maximiano. Mas pezou tanto mais que tudo isto na estimação daquelles invenciveis corações a pureza virginal, que professavam e tinham consagrado a Christo, que pela conservar inteira e sem mancha dariam mil corôas e mil imperios, pezando-lhes sómente de ter uma só vida, e não mil vidas, a que deram e sacrificaram pela defender. Não chegava Ignez a ser mulher; porque era menina de treze annos, mas foi tão varonil e tão bizarro o seu animo, que não só acceitou a morte como martyrio, mas a justificou como castigo. Disse quando a levavam a morrer, como refere Santo Ambrosio, que justamente ia sentenciado e condemnado á morte o seu corpo, pois contentára a outros olhos, que não eram os de seu Esposo, Christo: *Pereat corpus, quod amari potest oculis, quibus nolo.*

E já que estamos nesta materia, não vos quero ficar devedor de dois casos, que em toda a historia ecclesiastica me contentaram singularmente, e de tal resolução e bizarria, que só por instincto divino se poderam emprehender e executar. Nem me noteis de multiplicar tantos exemplos; porque quando se ha de fallar de muitos Santos, senão no dia de todos? A maior deshumanidade que os tyrannos usavam com as santas Virgens, era mandal-as metter nas casas publicas entre as mulheres infames, para que alli perdessem por força a mesma castidade virginal, que defendiam, não entendendo que esta virtude, como as demais, está na alma, e não no corpo, e que só se perde pelo consentimento, e não pelo sentimento. Sendo pois levada Santa Eufrasia a uma destas casas, seguiu-a um soldado denodado, para lograr a occasião. Era virgem prudente, levava uma redoma de oleo comsigo, e disse ao soldado desta maneira: Com condição que desistas do teu intento, eu te darei um oleo, com o qual se entrares untado nas batalhas,

não poderás ser ferido dos inimigos. E para que vejas por experiencia a virtude deste oleo, eis aqui me unto o pescoço com elle, faze tu prova com a tua espada, e seja com toda a força. Fel-o assim o soldado, e descarregando um talho com a maior força que pôde, a cabeça da Santa saltou fóra dos hombros, o corpo cahiu morto em terra, e a pureza virginal ficou em pé, e inteira. Era Santa Eufrasia de Antiochia; a que agora se segue era de Aquilea, e chama-se Digna. Tendo rendido aquella cidade Atila, rei dos Hunos, gente feroz e barbara, coube esta Santa donzella por despojo a um capitão, o qual tambem a quiz despojar da mais estimada joia, que como tal tinha consagrado a Christo. Estavam alojados em uma torre que cahia sobre o rio Natizon, e provocada Digna do seu patrão, sem mostrar que se negava ao que elle pretendia, pediu-lhe que quizesse subir ao alto da torre, como a logar mais retirado: subiram, e tanto que se lá viu Digna, voltada para o barbaro, que vinha atraz, disse-lhe: se me queres lograr, segue-me: e dizendo isto, lançou-se da torre abaixo no rio, onde afogando com a vida a sua injuria salvou com a morte a sua castidade. Oh Digna, verdadeiramente digna de eterna memoria, e que ao teu valor e ao de Eufrasia se levantem duas estatuas de bronze no templo da virtude! Ambas tirastes do perigo mais purificada a pureza, uma por agua, outra por sangue, merecedoras ambas, que por vós se dissesse de vosso Divino Esposo: *Hic est Jesus, qui venit per aquam, et sanguinem; non in aqua solum, sed in aqua et sanguine.* [1]

Mas tornando ás santas Virgens, que acceitaram antes a morte que o matrimonio, só por conservar o estado virginal, ainda temos outras que fizeram maior façanha, porque conservaram o mesmo estado virginal juntamente com o matrimonio. Isto foi conservar a sarça verde no meio das chammas, e não martyrio que passou em um ou em poucos dias, senão de toda a vida. Santa Pulcheria, filha do imperador Arcadio, e por morte de seu irmão Theodosio herdeira do Imperio, casou com Marciano, com tal condição, que ella havia de guardar o voto que tinha

[1] *1. Joan.*, v, 6.

feito de perpetua virgindade, e assim o guardou: o throno era commum, mas o thalamo dividido. Mais fizeram aquelles dois famosissimos pares, um de Allemanha, outro de Inglaterra, a imperatriz Santa Conegundes, e o imperador Santo Henrique; a rainha Santa Edita, e o rei Santo Eduardo. Ambos estes principes foram cazados, e em toda a vida, não só um delles, senão ambos, reciprocamente virgens. E porque não pareça que esta soberania anda vinculada ás corôas, e só se acha em animos reaes, na mesma virtude foram insignes Santa Basiliza e S. Julião, cazados, de fortuna particular, posto que de nobre sangue. Mas se o estado do matrimonio é tão santo, que sendo d'antes puro contracto, o fez Christo um dos Sacramentos de sua Igreja, e como tal uma das fontes da graça: se o uso e commercio natural delle é licito e justo; porque se abstiveram estes Santos dos interesses do mesmo commercio, do agrado tão doce e lisongeiro dos filhos, da multiplicação da familia, que o mesmo Deus chama benção sua; da successão da casa propria, para a qual o que se trabalha, é com gosto, e o que se adquire, sem dôr, porque não ha de passar a outros, e finalmente porque se privaram daquelle unico reparo da mortalidade, e quizeram não só morrer em si, mas acabar comsigo? Só se admirará desta resolução, como de todas as outras que temos referido, quem não souber quão grande coisa é ser santo, e quanto póde a ambição desta grandeza, nos que verdadeiramente a conhecem. Tudo o que a natureza appetece, tudo o que os sentidos amam, tudo o que o gosto deseja, tudo o que mais sollicita e se pega ao coração, tudo o que honra a memoria e conserva a posteridade, deixaram e desprezaram estes Santos: e pelo contrario, tudo o que encontra e repugna a estes mesmos appetites naturaes, tudo o que molesta e affligе esses mesmos affectos humanos, tudo mortificaram, tudo venceram, tudo sopearam, tudo abraçaram por vontade e sem obrigação; por gosto e sem repugnancia; por amôr e sem difficuldade: Porque? Porque queriam e haviam de ser santos: e por isso hoje o são, e os celebramos como bemaventurados: *Beati*.

X

De todo este largo discurso, estou vendo que tirastes duas conclusões, todos os que me ouvistes: uma muito conforme ao assumpto que propuz, e outra muito contraria a elle. A primeira conclusão é, que verdadeiramente e sem duvida, é muito grande coisa o ser santos. Porque se Deus entre todos seus attributos de infinita perfeição estima, e em certo modo reverencêa sobre todos o attributo de santo; e se todas as pessoas da Santissima Trindade, e cada uma em particular, nos deram tão soberanos exemplos, e documentos desta mesma estimação: se a Virgem Mãe de Deus, por antonomasia Virgem Prudentissima, entre todos os bens e felicidades da terra e do céu, nenhuma outra lhe levou os olhos, roubou o coração, e prendeu os passos senão a santidade de todos os Santos, em que tambem o mesmo Deus seu Filho a sublimou sobre todos: se os Anjos e Serafins que assistem ao lado do throno divino, o que só exaltam e apregoam, e os louvores que cantam á Magestade de seu Senhor, é ser santo, santo, e mais santo: e se a excellencia em que o mesmo Senhor confirmou aos Anjos bons e obedientes, e a de que privou aos maus e rebeldes, foi a de ser santos: e se os Santos de todas as gerarchias, Patriarchas, Prophetas, Apostolos, Martyres, Confessores, Virgens, tanto trabalharam, tanto padeceram, e taes extremos e excessos fizeram por chegar, como chegaram, a ser santos: não ha duvida que o ser santo é grande coisa, e não só é grande, senão a maior de todas. E esta é a primeira conclusão que inteiramente concorda com a primeira parte do meu assumpto.

A segunda conclusão, e totalmente contraria á segunda parte delle, é que eu prometti de vos provar quão facilmente podemos todos ser santos, e tudo quanto até agora tenho mostrado e discorrido pelas vidas e acções dos mesmos Santos, e por suas grandes batalhas e victorias, são coisas todas tão difficultosas e repugnantes á natureza, e tão superiores á fraqueza humana, que antes parece nos impossibilitam totalmente, e nos tiram toda a esperança, não só de chegar a ser, mas ainda de aspirar a ser santos. Ora

não vos desanimeis os que isto inferis, antes vos animae e consolae muito; porque a facilidade que vos prometti, ainda é mais facil do que eu propuz, e vós podeis imaginar. Tudo o que fizeram os Santos por ser santos, foi muito bem empregado, e ainda pouco; porque muito mais importa, muito mais vale, e muito mais é ser santos; mas para chegar a o ser, não é necessario tanto, senão muito menos. Não é necessario guardar a perpetua continencia das Virgens; porque tendes a licença e liberdade do matrimonio, com que foram santos Adão e Eva, Zacharias e Isabel, Joaquim e Anna. Não é necessario ser anacoreta, nem ir viver aos desertos, porque podeis ser santos na vossa casa, como José, Samuel, David, que morreram na sua. Não é necessario ser doutor, nem queimar as pestanas sobre os livros, porque basta que saibaes os mysterios da fé, e os mandamentos, como S. Paulo, por sobrenome o Simples, S. Junipero, S. Hermano, e aquelles de quem dizia Santo Agostinho: Levantam-se os indoutos, e levam o reino do céu aos letrados. Não é necessario ser martyr: porque não só não padecendo martyrio, mas fugindo delle, e escondendo-vos, podeis ser santo, como o foi Santo Athanasio, S. Felix, S. Silvestre, e outros. Nem menos é necessario ser Apostolo, Patriarcha, ou Prophéta, porque esses officios e dignidades passaram com o tempo, e podeis ser santos, como o foram todos os que depois delles vieram.

Pois que é necessario para ser santo? Uma só coisa, e muito facil, e que está na mão de todos, que é a boa consciencia, ou limpeza de coração, como diz o nosso thema: *Beati mundi corde.* Olhae como Deus quiz facilitar o céu, e o ser santos, que poz a bemaventurança e a santidade em uma coisa, que ninguem ha que não tenha, e a mais livre e mais nossa, que é o coração. Assim como o coração é a fonte da vida, assim é tambem a fonte da santidade; e assim como basta o coração para viver, ainda que faltem outros membros e sentidos, assim, e muito mais basta a pureza de coração para ser santo, ainda que tudo o mais falte. Se o ser santo dependera dos olhos, não fôra santo Tobias, que era cego: se dependera dos pés, não fôra santo Jacob, que era manco: se dependera de algum outro membro do corpo, não fôra santo Job, que estava tolhido de todos,

e só lhe ficou a lingua; e ainda que não tivera lingua, tambem fôra santo, porque Santa Christina sendo-lhe a lingua cortada, louvava a Deus com o coração; e com o coração sem lingua, eram taes as suas vozes, que as ouviam, não só os Anjos no céu, senão tambem os circumstantes na terra. De sorte que para um homem ser santo, não é necessario coisa alguma fóra do homem, nem ainda é necessario todo o homem: basta-lhe uma só parte, e essa a primeira que vive, e a ultima que morre, para que lhe não possa faltar em toda a vida, que é o coração.

Tende o coração puro, e, ou vos faltem, ou sobejem todas as outras coisas, nem a falta vos será impedimento, nem a abundancia estorvo para ser santo. [1] Salomão pedia a Deus que o não fizesse rico nem pobre; mas que lhe désse o necessario para passar a vida, receiando-se que não poderia ser santo em qualquer daquelles extremos: mas eu vos asseguro, que ou sejaes rico, ou pobre, ou pobrissimo, de qualquer modo podeis ser santo. Se fôrdes rico, e poderdes dar a esmola, dae-a, e sereis santo, como foi S. João Esmoler: se fôrdes pobre, e tiverdes necessidade de pedir esmola, pedi-a, e sereis santo, como foi Santo Aleixo: e se fôrdes tão desamparado, que não tenhaes quem vos dê esmola, tende paciencia, e sereis santo, como foi S. Lazaro.

Tertulliano teve para si, que os reis e imperadores não só não podiam ser santos, mas nem ainda christãos; mas errou neste sentimento, como em outros Tertulliano: porque escreveu, quando ainda no christianismo não havia mais coròas que as do martyrio. Rei foi de França S. Luiz, rei de Inglaterra Santo Eduardo, rei de Escocia S. Guilhelmo, rei da Suecia S. Erico, rei de Dinamarca S. Canuto, rei de Bohemia S. Casimiro, rei da Noruega S. Oláu, rei de Castella S. Fernando, e imperador Santo Henrique: e todos santos. Porque se na grandeza da sua fortuna teem maior materia para os vicios os principes tambem teem mais alta esphera para as virtudes.

Das dignidades ecclesiasticas se deve fazer o mesmo juizo. Uns santos vereis com mitras de Bispos,

[1] *Prov.*, XXX, 8.

com capellos de Cardeaes, e thiaras de Pontifices na cabeça, e outros com essas mitras, capellos, e thiaras aos pés: e porque? Uns porque deixaram o lustre da dignidade, outros porque sustentaram o pezo: uns porque reconheceram o perigo, outros porque continuaram o trabalho; mas uns e outros santos. Não foi menos santo S. Gregorio sendo Papa, do que S. Pedro Celestino, porque renunciou a thiara: nem menos Santo Agostinho sendo bispo, do que Santo Thomaz, porque recusou as mitras: nem menos S. Carlos Borromeu sendo cardeal, do que S. Francisco de Borja, porque não quiz acceitar os capellos.

Aquelle é e será mais santo em qualquer estado, que usar delle com mais puro coração. E senão discorrei por todos os estados, ou altos ou baixos do mundo, e achareis nelles o vosso, para que vejaes que no vosso, se quizerdes, podeis ser santo. Que logares ha mais mal avaliados no mundo que os palacios dos reis, como officinas da vaidade, da potencia, da inveja, e do engano, onde nunca ou raramente entra a verdade, mas nem por isso ha nelles officio que não esteja santificado. Mordomo-mór foi S. Leodegario, camareiro-mór S. Jacintho, estribeiro-mór S. Vandrigilo, monteiro-mór S. Mauraneo, porteiro-mór S. Patricio, copeiro-mór S. Patroclo, capitão da guarda S. Sebastião, veador S. Satúro, secretario Santo Anastacio, conselheiro S. João Damasceno, S. Germano, S. Melanio, e em cada um destes officios muitos outros santos.

Uma das profissões mais arriscadas a não ser justo, é a dos ministros da justiça, ou sejam os que a sentenceam, ou os que a defendem, ou os que a escrevem, ou os que a executam; mas todos se o fizerem com pureza de coração, podem ser santos. Santo Ereberto, e Santo Thomaz de Cantuaria foram chancelleres, S. Hyeroteo e S. Dionysio Areopagita desembargadores, S. Pudente e S. Apollonio senadores, S. Fulgencio procurador da fazenda real: Santo Ambrosio, S. Chrysostomo, e S. Cypriano advogados: S. Marciano, S. Genesio, e S. Claudio escrivães: Santo Anastacio e S. Ferreolo juizes do crime: S. Apronianno e S. Basilides esbirros ou beleguins; e até no vilissimo exercicio de algozes foram santos S. Cyriaco, S. Estratonico, e outro.

Em nenhum genero de vida parece que anda mais

arriscada a eterna, que no daquelles que trazem a soldo a temporal á custa do sangue proprio e alheio: tão duros como o ferro, de que se vestem, tão violentos como o fogo de que se armam, e tão vãos e jactanciosos como o vento, que nas caixas e trombetas os chama, e nas bandeiras os guia. E' porém infinito o numero de soldados santos, que dando a vida constantemente por Christo na Igreja militante, ornados de corôas e palmas entraram na triumphante. Só na perseguição de Trajano padeceram martyrio de uma vez seis mil soldados, que foi a famosa legião dos Thebeus: e na de Diocleciano e Maximiano, tambem em um só dia dez mil, desterrados primeiro para a Armenia, e depois crucificados. Não fallo nos generaes, como S. Eustachio e Constantino, nem nos marechaes, como S. Nicostrato e Santo Antiocho, nem nos tribunos ou mestres de campo, como S. Marcellino e S. Floreano; nem nos capitães de cavallos, como S. Querino e S. Vital, nem nos capitães de infanteria, como S. Gordio e S. Marcello; nem nos alferes, como S. Exuperio e S. Juliano; porque da virtude e valor dos soldados, se vê quão santos seriam os que os governavam.

S. Paulo disse que a raiz de todos os peccados é a cubiça; e estando estas raizes tão arreigadas nos que professam a mercancia, e tão estendidas em cada um por todas as partes do mundo: nem por isso deixam de produzir fructos de santidade. Dellas nasceu um S. Francisco de Assis, um S. Fulgencio, um S. Guido, e não só um, senão dois Firumencios, ambos santos, e outros muitos.

E se de todos estes exercicios de sua natureza tão perigosos, e quasi encontrados com aquelles em que se lavram os santos, tem dado a terra ao céu tantos e tão gloriosos, que será nos officios e artes mecanicas, em que o trabalho, companheiro inseparavel das virtudes, desterra a ociosidade, que é a origem de todos os vicios? Não fallando no gloriosissimo S. José, nos santos Apostolos, e no mesmo Christo, que depois de fabricar o mundo, se não desprezou de trabalhar em uma destas artes, escolhendo entre todas a que mais sympathia tinha com o lenho da Cruz. S. Jacobo de Bohemia foi carpinteiro, S. Sinforiano esculptor, S. Paulo Hellatico torneiro, S. Floro serrador, S. Eligio ourives, S. Andronico prateiro, S.

Dunstano ferreiro, S. Marciano armeiro, S. Gildas, fundidor, S. Proculo pedreiro, S. Chrispim sapateiro, S. Homobono alfaiate, S. Onufrio fecelão, S. Gualfundo celeiro, S. Aquilas correeiro, S. João de Deus livreiro, S. Isidoro lavrador, S. Mauricio hortelão, S. Leonardo pastor, S. Alderico, vaqueiro, S. Arnoldo marinheiro, S. Pathenio pescador, S. Venthiro almocreve, S. Ricardo carreiro, S. Adriano correio, S. Guilhelmo moleiro, S. Gemiano taverneiro, S. Quiriaco cozinheiro, S. Alexandre carvoeiro, S. Henrique carniceiro, S. Erinéu varredor das immundicies, ou carretão: e não ha officio, estado ou exercicio tão trabalhoso, tão baixo, e ainda tão pouco limpo, que se se faz com limpeza de coração, não possa fazer santos: *Beati mundi corde.*

XI

Temos visto como em todos os estados, em todos os officios, e em todas as fortunas podemos alcançar a maior fortuna de todas, que é ser santos: temos visto que o instrumento necessario para ser santos, é só e unicamente o coração, comtanto que seja puro e limpo; só resta para complemento da facilidade com que vos prometti que todos podemos ser santos, declarar quão facilmente podem todos conseguir esta mesma limpeza. A limpeza do coração consiste em estar limpo de peccados; e não ha nenhum peccador, por grande que seja, que não possa conseguir esta limpeza de coração, tão breve e tão facilmente, que se entrou nesta Igreja peccador, não possa sahir della santo. Presentou-se a Christo um leproso e pondo-se de joelhos: *Genu flexo:* disse assim: *Domine, si vis, potes me mundare.* [1] Senhor, se quereis, bem me podeis alimpar desta lepra. Respondeu o Senhor: *Volo, mundare:* Quero: sê limpo: e no mesmo ponto ficou limpo daquelle tão feio e tão asqueroso mal: *Et confestim mundata est lepra ejus.* [2] Póde haver maior brevidade, póde haver maior facilidade de conseguir a limpeza? Parece que não. Pois eu vos digo,

[1] *Math*, VIII, 2 e 3.
[2] *Ibid.*, 3.

e é de fé, que muito mais breve, e muito mais facilmente podeis conseguir a limpeza de coração, se o mesmo coração quizer. A lepra do coração mais feia, mais immunda, e mais asquerosa que a do corpo, é o peccado. E para que vejaes quanto mais facil, e mais brevemente se consegue a limpeza desta lepra, ponhamos o mesmo leproso que Christo curou, á vista de um coração tambem leproso pelo peccado, e veremos qual consegue a limpeza com maior facilidade.

Estava leproso o coração de David, não outro, senão aquelle coração, de quem elle disse com os mesmos termos do nosso Texto: *Cor mundum crea in me Deus.* [1] E estava tão penetrado da lepra, que havia já um anno que perseverava no peccado, quando o exhortou o Propheta Natan, a que considerasse o estado miseravel de sua consciencia, e se convertesse de todo coração a Deus, de quem vivia tão esquecido. Fel-o assim David: mas que fez? Sómente disse: *Peccavi.* [2] Pequei: e não tinha bem pronunciado esta palavra, quando o Propheta lhe disse, que já estava perdoado, e restituido á graça de Deus: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum.* [3] Comparae-me agora a David com o leproso, e vêde qual conseguiu a limpeza da lepra mais facil, e mais brevemente. O leproso poz-se de joelhos: *Genu flexo:* e David não se ajoelhou: o leproso disse cinco palavras: *Si vis, potes me mundare:* e David não disse mais que uma: *Peccavi:* e com tudo isto o leproso não tinha ainda conseguido a limpeza, antes estava duvidoso della: *Si vis:* e David já a tinha conseguido, e estava certificado disso da parte do mesmo Deus: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum.* Logo muito mais facil, e muito mais brevemente conseguiu o coração de David a limpeza da sua lepra, do que o leproso a da sua. Mas quando a conseguiu o leproso? Quando Christo lhe respondeu: *Volo, mundare:* Quero; sê limpo. Agora vos peço eu que me respondaes a mim, e eu vos prometto que com a vossa resposta ficarão limpos os vossos corações, ainda mais brevemente que o leproso com a resposta de Chris-

---

[1] *Psal.* L, 12.
[2] 2.º *Livr. dos Reïs,* XII, 13.
[3] *Ibidem.*

to; porque a resposta de Christo communicou a limpeza ao leproso com duas palavras, e a vossa resposta ha de communicar a limpeza aos vossos corações só com uma syllaba. Respondei, pois Christãos, ao que vos pergunto: Não vos peza muito de ter offendido a um Deus, infinita magestade e bondade, por ser elle quem é? Não vos peza, e vos arrependeis entranhavelmente de ter sido tão ingratos a um Deus, que vos creou, e vos déu o ser, e vos remiu com seu sangue? Não detestaes de todo coração todos vossos peccados, por serem offensas suas? Não tendes nesta hora firmes propositos de nunca mais o offender? Sim? Pois este *sim*, dito de todo coração, basta para que o mesmo coração fique e esteja já limpo de todos seus peccados: e esse *sim*, sendo uma só syllaba, fez nos vossos corações o mesmo effeito, e mais maravilhoso ainda que as palavras de Christo no leproso.

Pois se na limpeza do coração consiste o ser santos, e esta limpeza de coração se póde conseguir tão facilmente só com um movimento do mesmo coração; que coração haverá tão fraco, ou que homem de tão fraco e de tão pouco coração, que não se resolva a ser santo? Se o ser santo fôra uma coisa muito difficultosa, bem nos merecia o céu e a bemaventurança, que pela gosar eternamente se venceram todas as difficuldades. Mas é tão facil, que sem vos bulir do logar onde estaes, e sem mover pé nem mão, nem fazer ou padecer coisa alguma, só com um acto do coração, e o acto mais natural, mais facil, e mais suave do mesmo coração, que é amar, e amar o summo bem, podemos ser santos. Exhorta Moysés a amar a Deus de todo coração, que é o mandamento em que se encerram todos, e conclue assim: *Mandatum hoc non supra te est, neque procul positum.* [1] Este mandamento não é sobre nós, nem está longe de nós: se fôra sobre nós, e estivera lá no céu: *In cœlo situm:* [2] tel-o-iamos por impossivel: se estivera longe de nós, e com muito mar em meio: *Trans mare positum:* [3] tel-o-iamos por mui difficultoso. Mas

[1] *Deut.*, XXX, 11.
[2] *Ibid.*, 12.
[3] *Ibid.*, 13.

é muito facil, e está muito perto, porque está o cumprimento delle dentro do nosso coração: *Sed juxta te est sermo valde in corde tuo.* [1] Moysés, que não promettia o céu, disse que estava perto de nós o cumprimento deste preceito: mas Christo, que promette o céu, ainda disse mais, e melhor; porque diz que o preceito e o céu, e o merecimento delle, não só está perto de nós, senão dentro de nós: *Regnum Dei intra vos est.* [2] Cuidamos que o céu onde subiram os santos está muito longe, e enganamo-nos: o céu não está longe, senão muito perto, e mais ainda que perto, porque está dentro de nós, e dentro do que está mais dentro, que é o coração. E que haja almas, e tantas almas, que tendo o céu dentro de si na vida, fiquem fóra do céu na morte; e que podendo tão facilmente purificar o coração, e ser santas, só porque não querem, o não sejam? Se para amar a Deus, e ganhar o céu, houveramos de atravessar os mares tormentosos, e contrastar com todos os elementos, pouco era que se fizesse pela bemaventurança certa do céu, o que tantos fazem por tão pequenos interesses da terra: mas tendo-nos Christo tão facilitada a bemaventurança, que entre a mesma bemaventurança e o coração, não haja mais que a condição de ser limpo: *Beati mundi corde:* e podendo o mesmo coração alcançar essa limpeza em um instante de tempo, e com um acto de amôr, e de amôr ao summo bem: que não sejamos todos santos, e não queiramos ser bemaventurados?

Quero acabar esta admiração com um ai de S. Bernardo, prégando neste mesmo dia aos seus Religiosos, o qual a elles, e a todos póde servir de exemplo e de confusão: *Beati mundo corde, quoniam ipsi Deum videbunt: Beati planè, et omninò beati qui vid'bunt, in quem desiderant angeli prospicere. Tibi dixit cor meum, exquæsivit, te facies mea, faciem tuam Domine requiram. Quid enim mihi est in cœlo, et à te quid volui super terram? Defecit caro mea, et cor meum, Deus cordis mei, et pars mea, Deus in æternum: quando adimplebis me lætitia cum vultu tuo? Væ mihi ab immunditia cordis mei, quâ*

[1] *Deut.*, XXX, 14.
[2] *Luc.*, XVII, 21.

impediente, nedum mereor ad beatam illam visionem admitti. Quer dizer: Bemaventurados os limpos de coração, e verdadeiramente bemaventurados, porque elles verão aquella face divina, a qual os Anjos sempre estão vendo, e sempre estão desejando vêr. A vós, Senhor, diz o meu coração: Nenhuma coisa desejo, senão vêr-vos face a face, porque nenhuma outra ha para mim, nem na terra, nem no mesmo céu. Desmaia o meu coração nas ancias deste desejo, porque só o Deus do meu coração é o unico, e todo o bem, que o póde satisfazer. E quando chegará aquella ditosa hora, em que com a vista de vosso rosto fique satisfeito? Mas ai de mim, diz Bernardo, que pela pouca limpeza de meu coração (quero-o dizer com as suas proprias palavras) ai de mim, que a impureza e immundicia de meu coração me impede e faz indigno de ser admittido áquella bemaventurada vista! *Væ mihi ab immunditia cordis mei, quâ impediente nedum mereor ad beatam illam visionem admitti.* E se isto dizia de si um coração tão puro, um coração tão santo, um coração tão elevado, tão extatico, tão serafico, e tão abrazado no amôr divino? Se isto dizia no coração de Bernardo a humildade; que dirá n'outros corações a verdade? Se o corpo estiver no claustro, e o coração no mundo? Se o coração, depois de se dar a Deus, estiver sacrificado ao idolo? Se o coração, que devêra estar cheio de caridade e amôr de Deus, estiver ardendo em amôr, que não é caridade? Se as palavras que sáem do coração, e os pensamentos que não sáem, forem envoltos em impureza? Ai de tal coração, e de quem o tem: *Væ mihi ab immunditia cordis mei!* Este *Væ*, e este ai de S. Bernardo em dia de Todos os Santos, fique por materia de meditação a todos os que o querem ser. Advirtam porém, e tenham por certo, que se este ai de conhecimento e temor, se converter em ai de dôr, em ai de pesar, em ai de verdadeiro e firme arrependimento, esse mesmo ai dito de todo coração, com ser uma só syllaba (como dizia) bastará para purificar de tal sorte o mesmo coração, que sendo nesta vida santificado por graça, mereça ser na outra beatificado por gloria: *Beati mundi corde.*

SERMÃO

DO

BEATO ESTANISLAU KOSTKA

DA COMPANHIA DE JESUS *

Beatus venter, qui te portavit. [1]

I

Louvar o filho pela mãe, ou engrandecer a mãe pelo filho, invento foi não vulgar de uma eloquencia do vulgo. Assim disse quem não tinha aprendido a bem fallar na lingua propria: e assim o farei eu na estranha. Hei-de fallar de um beato; e não posso deixar de beatificar o ventre de que nasceu: *Beatus venter, qui te portavit.* Esta é a obrigação de louvar o filho, e esta a necessidade de não poder louvar juntamente a mãe. Mas qual mãe? o filho é Estanislau: e quando eu ponho os olhos neste bemdito filho, vejo uma, duas, e tres mães, cada uma das quaes o quer por seu. Não basta aqui a espada de Salomão; porque são mais de duas as que litigam.

Viveu um pouco Estanislau, e não podia viver muito. Aos Anjos concede-se pouca via, ou pouco

---

[1] *Luc.*, II.

* Foi prégado este Sermão, em italiano, em Roma, em 1674, na igreja de Santo André di *Monte Cavallo*, noviciado da Companhia de Jesus. Assistiu a este Sermão, escreve o padre Honorati, o padre João Paula Oliva, Geral da Companhia e celebre prégador do seu tempo.

Ficou tão maravilhado com a eloquencia de Vieira que lhe escreveu uma carta de parabens, elogiando sobretudo a novidade e delicadeza do assumpto. O Sermão é inteiramente panegyrico. E' muito engenhoso e elegante, posto que não seja dos mais eloquentes.

espaço de viadores; e não póde continuar muito quem começa pelo fim. Comtudo em uma via tão breve, e em uma vida tão curta, foi Estanislau tres vezes concebido e tres vezes nascido. Não digo coisa nova, e sem exemplo: mas o exemplo é tão unico, e tão alto, que a faz mais admiravel e mais nova. Fallando de seu proprio Filho diz Deus por bocca de David: *Filius meus es tu, ego hodie genui te:* [1] Vós sois filho meu, e eu vos gerei hoje. Mas quando foi este *hodie*, e este hoje? Em um, em dois, e em tres nascimentos. *Hodie*, hoje na geração eterna: *hodie*, hoje na encarnação temporal: *hodie*, hoje na resurreição gloriosa. Assim o affirma S. Paulo. E isto que só se crê de um homem Deus, nós o veremos por seu modo em um moçosinho, que não chegou a ser homem. Christo tres vezes nascido de um só pae: Estanislau tres vezes nascido, mas de tres mães.

E que mães foram estas? Uma em Polonia illustrissima: outra em Germania divinissima: e a terceira em Roma perfeitissima. Em Polonia a mãe natural, que lhe deu o primeiro ser: em Germania a Mãe de Deus e sua, que lhe deu o segundo: em Roma a Companhia de Jesus, que lhe deu o ultimo, e apenas concebido no ventre o tresladou á sepultura. Foi Estanislau o primeiro que morreu nesta casa: e sendo ella verdadeiramente *Mater viventium*, [2] elle foi o seu *Primogenitus mortuorum*. [3] Não devia uma tal mãe ter outro primogenito, nem um tal primogenito outra mãe. A primeira mãe cede facilmente á terceira: a terceira cede gloriosamente á segunda: e eu para louvar a Estanislau em todas tres, que farei? Não farei, nem posso fazer mais, nem menos, que provar o meu thema em todas tres. Veremos pois em outros tantos correlativos um filho bemaventurado beatificado em tres mães, e tres mães bemaventuradas, e beatificadas em um filho: *Beatus venter, qui te portavit.* Temos não só proposto, mas já dividido o discurso: comecemos pela primeira parte.

---

[1] *Psal.* II, 7.
[2] *Gen.* III, 20.
[3] *Apoc.*, I, 5.

II

Beatus venter, qui te portavit.

Concebido que foi Estanislau (começo assim, porque em materia grande e em tempo breve, nem se deve perder tempo, nem palavra): concebido que foi Estanislau no ventre da primeira mãe, eis que apparece milagrosamente sobre o mesmo ventre o nome de Jesus, não escripto, ou pintado, mas esculpido e relevado na mesma carne, e todo cercado de raios. Ouvistes, ou lestes algum hora caso similhante? Prodigio verdadeiramente estupendo e inaudito; mas se eu me não engano, já de muito longe antevisto e promettido. Do nome de Jesus tinha prophetisado Isaias em uma palavra de dobrada significação duas coisas singulares, que veriam os seculos futuros. A primeira, que aquelle nome seria nomeado do céu: a segunda, que do céu seria esculpido. *Nomen, quod os Domini nominabit; nomen, quod os Domini insculpet.* [1] E quando se cumpriu este oraculo? A primeira promessa se cumpriu antes da conceição de Christo, quando o Anjo annunciou do céu o nome de Jesus: *Quod vocatum est ab angelo, priusquam in utero conciperetur.* [2] A segunda não estava ainda cumprida, e se verificou na conceição de Estanislau, quando no ventre da mãe appareceu o nome de Jesus esculpido: *Nomen, quod os Domini insculpet.* Mas o nome de Jesus no ventre de uma mulher? No ventre de uma mulher aquelle nome: *Quod est super omne nomen,* [3] não só escripto, ou subscripto com lettras; não pintado, ou divisado com côres; mas formado da mesma carne? Sim, da mesma carne; e aqui está o mais admiravel, e o mais miraculoso do milagre. Nas entranhas da Mãe de Deus encarnou Deus o seu Verbo: e nas entranhas da mãe de Estanislau encarnou o Verbo o seu nome. Naquelle ventre a encarnação do Verbo occulta: neste a encarnação do

[1] *Isai.*, LXII, 2.
[2] *Luc.*, II, 22.
[3] *Phil.*, II, 9.

nome manifesta: naquelle com milagre novo e ineffavel, que não terá segundo; neste com milagre novo e inaudito, que não teve primeiro. O' mulher verdadeiramente beatificada e consagrada! O teu ventre foi o primeiro templo de Estanislau: e posto que ainda se não podia adorar o santo, já se devia adorar o templo: *Ut in nomine Jesu omne genu flectatur.* [1]

Esta é, senhores, a primeira folha da vida de Estanislau, na qual vos peço que façaes reflexão sobre o que eu principalmente admiro, e é, que sendo todos os santos obra de Deus, só esta firmou o mesmo Deus, e subscreveu com o seu nome. Se vissemos que um famosissimo artifice, depois de ter entalhado em marmore muitas estatuas, ou pintado em laminas de bronze muitas figuras, todas que espirassem vida, e causassem espanto, e ao pé de uma só dellas imprimisse a sua divisa, ou escrevesse o seu nome, que diria o mundo? Diria com razão que aquella era a obra mais primorosa da sua arte, aquella a mais estimada delle, e mais perfeita. Eu não me atrevo a dizer tanto; mas tanto é o que em similhantes casos fazem os artifices humanos, e tanto o que fez (bem que uma só vez) o Divino. D'aqui se entenderá um famoso Texto de S. João, ainda entre os doutos difficultoso: *Hunc enim Pater signavit Deus.* [2] Quer dizer, que no composto ineffavel de Christo, imprimiu e estampou Deus Padre o seu sello. Assim o declara mais expressamente o mesmo Texto original grego: *Hunc enim Pater sigillavit Deus.* Ora vêde.

Creou Deus, e vestiu a terra com tanta variedade de creaturas, cuja formosa vista suspende e leva apoz si os olhos; mas não imprimiu o seu sello na terra. Creou o céu bordado de oiro sobre azul, com sol, lua, e estrellas, vencendo a arte e a ordem não só a materia, senão a fórma de todas as sublunares; mas não imprimiu o seu sello no céu. Creou os homens, e Anjos, os Cherubins, e os Serafins, e posto que em todos, e cada um, ou com similhança, ou com diversidade admiravel, tivesse ideado a sua propria imagem, nem por isso imprimiu nelles a estampa do seu sello. E porque? Não eram obras dignas da mão e

---

[1] *Philip.*, II, 9.
[2] *Joan.*, VI, 27.

do pincel divino? Sim, eram, e muito: *Vidit cuncta, quæ fecerat, et erant valde bona.* [1] Porque razão logo não as honra Deus, ou não se honra de imprimir nellas o seu sello? Porque tinha o supremo Artifice na mente outra obra mais nobre, mais sublime, mais divina, mais sua; e esta só julgou por digna de a signalar, e distinguir de todas as outras com a divisa do seu nome. Assim foi: *Creavit Dominus novum super terram.* [2] Sahiu Deus ao mundo com aquelle artefacto novo e incomprehensivel, aonde atou o humano com o divino, o creado com o increado, o finito com o infinito, unidos e divididos juntamente em um supposto: e como aquella era a maior obra sua, aonde empregou todo o poder, e a sabedoria, compendiou toda a arte; esta só subscreveu com o seu nome, e sellou com o seu sello: *Hunc Pater signavit Deus.* Este é o verdadeiro sentido do Texto. Mas eu tremo de applicar a similhança. Só não posso deixar de dizer o que se não póde negar. De Christo é verdadeiro dizer: *Hunc Pater signavit Deus:* de Estanislau não se póde negar: *Hunc Filius signavit Deus:* Christo signalado com o sello do Padre, Estanislau sigillado com o nome do Filho.

Mal qual será o significado deste grande signal? Um signal, um prodigio, um portento tão novo e inaudito, não podia não ter, e encerrar em si uma grande significação. E qual foi esta? Todos dirão, que ser Estanislau signalado no ventre da mãe com o nome de Jesus, significa que aquelle menino seria um insigne ou assignaladissimo jesuita (fallo ao vosso modo). Um Xavier, um Borja, um Gonzaga, e tantos outros martyres e confessores, e ainda o mesmo pae de todos, foram jesuitas feitos: Estanislau foi jesuita nascido. Esta é a energia com que dizemos que o orador se faz, e o poeta nasce. Foi Estanislau jesuita nascido, e, o que é mais, muito antes de nascido já jesuita. Morreu Estanislau no noviciado; e podia competir na antiguidade com o mesmo fundador. Santo Ignacio viveu sessenta e cinco annos; e teve dezeseis de jesuita: Estanislau viveu dezoito annos; e teve de jesuita dezenove; porque já desde a conceição era jesuita.

---

[1] *Gen.*, I, 31.
[2] *Jerem.*, XXXI, 22.

Certamente este significado parece proprio e natural; mas segundo a nossa divisão, pertence á terceira mãe, e não á primeira, de que agora fallamos. Qual foi logo o verdadeiro significado daquelle miraculoso Jesus em respeito á primeira mãe de Estanislau, que é a de Polonia? Eu não quero, nem posso querer outra interpretação, nem mais propria, nem mais certa, que a do primeiro Interprete do mesmo nome. O Anjo que foi o primeiro que pronunciou e interpretou o Santissimo Nome de Jesus, que disse: *Ipse enim salvum faciet populum suum:* Porque elle salvará o seu povo. Este é o verdadeiro significado daquelle signal. Sabeis que quer dizer o nome de Jesus estampado sobre Estanislau concebido em Polonia? Quer dizer, que aquelle Menino seria o salvador e libertador do seu povo: *Ipse enim salvum faciet populum suum.* [1] O effeito provou o prodigio. Quantas cidades de Polonia, e quantas vezes ardiam em peste, e recorrendo a Estanislau não só catholicos, mas tambem hereges, e como se ao seu mandado embainhasse a espada o Anjo percussor, todas ficavam livres? Porém estes eram povos particulares, e o signal diz mais: *Populum suum*, não um, ou alguns povos, mas todo o povo, todo o reino, toda a nação: e assim o experimentou a Polonia toda.

O maior perigo em que jámais se viu toda Polonia, foi o anno de seiscentos vinte e um, quando Osman, com exercito de trezentos mil Turcos, e maior numero de Tartaros, não só a vinha invadir, mas inundar: não só a conquistal-a em parte, mas a dominal-a, e devoral-a toda. E qual foi o remedio e o soccorro em caso e aperto tão desesperado? Já o rei e o reino tinham pedido a Roma a cabeça de Estanislau, para que elle o fosse das suas armas, sustento, e muro da patria, quando entre grande temor, e pouca esperança, amanheceu o dia decretorio de dez de outubro, decretorio, mas immortal. No mesmo dia entrou a cabeça de Estanislau na Polonia: no mesmo dia appareceu Estanislau visivel no ar, não armado, mas orando: no mesmo dia foi visto o Menino Jesus, que do collo e braços da Mãe voltando a Estanislau lhe dava a mão: no mesmo dia se deu a

[1] *Math.*, 1, 21.

desegualissima batalha: e no mesmo foi roto Osman; e a multidão immensa dos barbaros feros, armada e attonita, precipitou a fugida. Assim ficou em pé e salva aquella grão muralha do christianismo; e, Estanislau nas vozes, nas pinturas, nas estatuas, nas escripturas, acclamado salvador, e libertador da sua patria, e do seu povo: *Ipse enim salvum faciet populum suum.*

Tal foi o significado daquelle grande signal. Mas a maior gloria do caso, a meu juizo, é que o signal, o significado, a Mãe, o Filho, a victoria, o turco, tudo foi visto por S. João, e o deixou escripto ou retratado de sua propria penna em uma das mais famosas figuras do seu Apocalypse. E agora (contra o que costumo) citarei a multidão de Auctores, que, quando não são necessarios, mais servem de embaraçar e escurecer, que de declarar o que dizem. Santo Antonino, Ubertino de Casalis, Paulo Burgense, Pedro Galatino, Celio Panonio, Lyrano, Dionysio Carthusiano, Serafino de Fermo, Ribera, Viegas, Sá, Cornelio A Lapide, e os outros commentadores, que escreveram depois do imperio ottomano, todos concordam que em boa parte do Apocalypse estão historiadas as perseguições da seita mahometana contra a Igreja, e as victorias e triumphos da Igreja contra ella. Isto posto, oiçamos o Texto de S. João. Diz que viu successivamente no céu (isto é, no ar) dois signaes, ambos grandes e espantosos: o primeiro tão formoso e alegre, como o segundo feio e formidavel. O primeiro era uma mulher vestida de sol, coroada de estrellas, e que tinha a lua debaixo dos pés: *Signum magnum apparuit in cœlo: Mulier amicta sole, et luna pedibus ejus, et in capite ejus corona stellarum duodecim.* [1] O segundo era um grande dragão de côr leonada, ou vermelha, o qual tinha sete cabeças, e nellas sete diademas, e dez pontas: e assim soberbo e armado, se penetrou e poz em campo contra a mulher que estava prenhe, para tragar um filho que della havia de nascer: *Et visum est aliud signum in cœlo: et ecce draco magnus rufus, habens capita septem, et cornua decem: et in capitibus ejus diademata septem: et draco stetit ante mulierem, quæ erat pa-*

[1] *Apoc.*, XII, 1.

ritura, ut cum peperisset, filium et devoraret. [1] E quem foram ou haviam de ser esta mulher, e este dragão?

Além dos commentadores citados, Cedrino, Zonoras, Genebrardo, Capomzachio, Ludovico Legronense, e outros graves auctores, reconhecem no dragão o turco e seu imperio: dragão venenoso, feroz, e sanguinolento por violencia e tyrannia, e por discordia e socordia nossa, formidavel no poder e dominador de tantas provincias e coroado de tantos reinos. A mulher, posto que com differente explicação e applicação, se ouve commummente nomear nos pulpitos: este sentido na fecundidade das Escripturas não desfaz, nem contradiz, a probabilidade de outros, principalmente sendo o mais certo interprete das prophecias o tempo, cujos successos futuros, sem desacreditar os passados, se declaram mais nos presentes. E se o auctor da Historia Prophetica Carmelitana, e os que o seguem, reconhecem naquella mulher prodigiosa a mãe de Elias, vencedor futuro do Anti-Christo; e Aurelio, e outros, a explicam da mãe de Heraclio, vencedor já passado de Cosroas: com muito maior razão a posso eu interpretar da mãe de Estanislau, famoso triumphador em nossos dias de todo o poder ottomano.

Para que se veja a propriedade do caso, voltemos com a applicação sobre a mesma historia. Primeiramente a mãe de Estanislau com aquelle santissimo nome bordado ou esculpido no claustro natural, que desde sua conceição o encerrava e cobria, ninguem póde negar que fosse um grande e prodigioso signal, *Signum magnum*. Diz o Texto, que a mesma mulher estava prenhe, *In utero habens;* e assim era. Diz que o parto desta visinha esperança havia de ser um filho varão, pouco depois arrebatado ao céu. *Peperit filium masculum, qui raptus est ad Deum, et ad thronum ejus:* [2] e assim o foi Estanislau na primeira flôr da sua edade arrebatado e roubado do céu. Diz que a mulher estava vestida do sol, *amicta sole;* e este sol era aquelle nome de Jesus, o qual por isso como sol estava todo cercado de raios, e resplandores. Diz,

---

[1] *Apoc.*, XII, 3, 4 e 5.
[2] *Ibid.*

que então appareceu contra elle o dragão formidavel, *rufus*, ameaçando fogo e sangue; soberbo com todas as corôas que tem e de que é cabeça, *In capitibus ejus diademata septem;* e armado com todo o poder e fortaleza de seus exercitos, *et cornua decem;* e estes são os com que o turco invadiu a Polonia. Diz, finalmente, que tambem a mulher appareceu coroada, e não com corôa tecida das folhas murciaes, senão de estrellas, *In capite ejus corona stellarum;* e assim havia de apparecer coroada pela famosissima victoria: e com corôa de estrellas, porque a victoria foi do céu, e não da terra. E para que ninguem duvidasse da verdade do mysterio, como se S. João na base da figura escrevesse a summa da historia, conclue com aquellas poucas e grandes lettras, *Et luna sub pedibus ejus*, que a mulher tinha a lua debaixo dos pés; porque a Lua ottomana, aquella Lua que ondeando nas bandeiras inimigas ameaçava um tão grande eclipse á Igreja, ella foi a eclipsada, ella a rebatida e abatida, ella a pizada e mettida debaixo dos pés, *sub pedibus.* E posto que a victoria fosse do triumphante filho como libertador da patria; comtudo o prophetico Evangelista a attribue á mãe prodigiosa; porque segundo o Texto tão louvado do Evangelho, a gloria do filho se deve attribuir á mãe, e ao feliz ventre, que em si o trouxe: *Beatus venter, qui te portavit.*

III

A segunda mãe de Estanislau foi a Mãe de Deus. Offereceu Estanislau á Mãe de Deus um dom grande, e lhe pediu outro maior. O que offereceu foi a pureza virginal com perpetuo voto: o que pediu foi que a mesma Mãe sempre Virgem fosse mãe sua. Se o alcançou, ou não, aqui póde estar a duvida. A virgindade que offereceu, parece que merecia a maternidade que pedia: porque a S. João, entre todos os Apostolos, foi concedida a maternidade de Maria, não por outra prerogativa, que pela da virgindade: *Matrem Virginem virgini commendavit.* [1] Comtudo este

[1] *S. Hyer.*

exemplo, por ser singular e unico, não faz argumento; e ainda que o fizesse, não é bastante: porque, como notou Salmeirão daquelle Texto de S. João: *Ex illa hora accepit eam discipulus in suam:* [1] só se prova que João acceitou a Virgem por mãe; mas não que a Virgem acceitasse a João por filho. E se esta acceitação se póde duvidar de João, quanto mais (dirá alguem) de Estanislau?

Para solução da duvida e prova da minha proposição, ouvi um caso maravilhoso, e não maravilhoso com uma só, senão com tres maravilhas. Enfermo mortalmente Estanislau em Germania, entre as ultimas respirações da vida o affligia uma só dôr: não de morrer, porque o desejava; mas de morrer sem o Santissimo Viatico; porque a casa era de um herege, que por nenhum modo o quiz consentir. No meio destas devotas angustias ouviu o céu as anciosas preces de Estanislau, e o soccorreu não com um, mas com tres milagres. O primeiro foi, que dois Anjos, em falta de sacerdote, lhe trouxeram o pão dos Anjos, e o commungaram por Viatico. O segundo, que logo appareceu no mesmo aposento a benditissima Virgem, e com a só vista sua toda cheia de divindade o restituiu da morte á vida. O terceiro, que depondo amorosamente o Menino Jesus, que trazia nos braços, o recostou no mesmo leito em que jazia Estanislau. Retende na memoria os dois primeiros milagres, em quanto eu admiro este ultimo, e lhe tiro a consequencia. O Menino Jesus no leito de Estanislau, e Estanislau e o Menino Jesus ambos no mesmo leito? Logo este foi o acto de posse, com que a Virgem acceitou a filiação de Estanislau e lhe deu a investidura da sua maternidade. Quiz a Mãe de Deus, que o Menino Jesus e Estanislau, como dois irmãos e dois filhinhos da mesma mãe, repousassem juntamente no mesmo leito, para declarar, que desde aquelle ponto em deante um e outro eram seus filhos, e um e outro entre si irmãos.

Não é consequencia minha, mas de Salomão. Tinha dito a Alma santa, *In lectulo meo quæsivi quem diligit anima mea:* [2] e continuando sem cessar neste

[1] *Joan.*, XIX, 27.
[2] *Cant.*, III, 1.

mesmo desejo, em seguimento sempre do que tanto suspirava, rompeu neste amoroso affecto: *Quis mihi det te fratrem meum sugentem ubera matris meæ, ut inveniam te!* [1] O' irmão meu, se eu fosse tão feliz, que depois de vos buscar tantas vezes e com tão ancioso desejo, finalmente vos achasse pendente dos peitos e braços de minha mãe! Assim dizia, e assim desejava aquella alma: e eu entendo bem o que deseja mas não entendo como falla. Quer achar o Menino Jesus; e em logar de dizer, o meu Senhor, diz, o meu irmão: *Quis mihi det te fratrem meum?* Quel-o achar pendente dos braços e peitos da mãe; e em logar de dizer, da mãe sua, diz, da mãe minha: *Sugentem ubera matris meæ?* Sim; porque aquella alma fallava desejando, e fallava muito coherente ao seu desejo. Desejava achar o Menino Jesus, e o logar onde o buscava, era o seu leito, *In lectulo meo quæsivi quem diligit anima mea:* e uma vez que o achasse onde o buscava, uma vez que o tivesse comsigo no mesmo leito, já o Menino Jesus era seu irmão: *Quis mihi det te fratrem meum?* E já a Mãe do Menino Jesus era mãe sua: *Sugentem ubera matris meæ.* Logo bem digo eu, e bem provo, que metter a Virgem o Menino Jesus no mesmo leito com Estanislau, foi acceitar a Estanislau por filho, e dar-lhe solemnemente a posse da sua maternidade.

O mesmo rito, ou a mesma solemnidade se observou no acto de acceitar por filho a João, não na Cruz, como todos cuidam, senão na Cêa. Na Cruz foi publicada a filiação, na Cêa foi tomada a posse. E quando? Quando foi admittido João a jazer no mesmo leito com Christo, e a repousar sobre o seu peito. Todos os que lêem a Escriptura Sagrada sabem que era uso dos Hebreus pôrem-se á meza não assentados, senão jazendo; não em cadeiras como nós, senão em leitos. E que fez S. João? Passou do seu leito ao de Christo, alli se recostou sobre o seu peito: *Recubuit super pectus ejus.* [2] E aqui tomou a primeira posse de irmão de Christo, e filho de Maria, a qual posse depois foi declarada e publicada na Cruz. Exquisitamente Arnoldo Carnotense: *Discipulus, qui*

[1] *Ibid.*, VIII, 1.
[2] *Joan.*, XXI, 20.

in Cœnâ Dominicâ cervical sibi in pectore Magistri aptavit, post illud reclinatorium vices filii naturalis accepit. Assim João, e assim Estanislau: João reclinado sobre o peito de Jesus, e Jesus passado dos peitos da Mãe ao peito de Estanislau; e ambos jazendo, não em differentes leitos, senão no mesmo. Logo, e por isso, João e Estanislau, um e outro irmão de Jesus, um e outro filho de Maria: *Post illud reclinatorium naturalis filii vices accepit.*

E se alguem me perguntar qual maternidade, ou qual filiação fosse mais perfeita, se a de João ou a de Estanislau, digo que a de João foi mais authentica, porém a de Estanislau mais perfeita. Quem mais altamente fallou de S. João no privilegio de filho da Virgem, foi o Cardeal S. Pedro Damião. Chegou a imaginar que as palavras, *Ecce filius tuus; Ecce mater tua*, [1] tiveram a efficacia das palavras da consagração: e como Christo nosso Senhor no mysterio da Sagrada Eucharistia consagrou o corpo e sangue recebido da Virgem Maria, assim em S. João consagrou a relação de filho seu: e que por isso não contente com dizer: *Ecce filius tuus*, ajuntou, *Ecce Mater tua;* porque a relação devia ser mutua e reciproca de mãe a filho, e de filho a mãe: de mãe a filho, *Ecce filius tuus;* de filho a mãe, *Ecce mater tua.* Comtudo tal pensamento é mais forte, que solido, porque para fundar verdadeira relação não basta só o affecto de mãe a respeito do filho, e o obsequio do filho a respeito da mãe; mas é necessario de mais, que a mãe dê verdadeiramente ao filho o ser e a vida. Isto não teve S. João, e Estanislau sim. Lembrae-vos agora dos dois milagres já referidos, que depositei em a vossa memoria.

S. João não recebeu o ser e a vida da Virgem Santissima Senhora nossa; mas a Virgem é certo que verdadeiramente a deu a Estanislau, porque estando mais morto que moribundo, e quasi espirando, a mesma Senhora, como sua segunda mãe, lhe deu milagrosamente a segunda e nova vida. Até áquelle ponto filho Estanislau da mãe natural, que lhe deu o primeiro ser; daquelle ponto em diante filho da mãe sobrenatural que lhe deu o segundo. Agora entendereis o mysterio de uma grande implicancia,

---

[1] *Joan.*, XIX, 26 e 27.

que se acha em um milagre combinado com o outro. O primeiro foi, que os Anjos lhe deram o Viatico: o segundo, que no mesmo ponto a Rainha dos Anjos Maria Santissima Senhora nossa lhe restituiu a vida. Já se vê a implicancia. Se lhe queria restituir a vida, porque lhe faz dar o Viatico? E se lhe dá o Viatico para a morte, porque lhe restitue a vida? Porque naquelle mesmo ponto acabava Estanislau uma vida e começava outra. Morria á vida recebida da mãe natural, e por isso se lhe deu o Viatico; nascia ao ser recebido da mãe sobrenatural, e por isso se lhe deu a vida. E como Estanislau verdadeiramente recebeu o ser e a vida de Maria Santissima Senhora nossa, e João não, por esta circumstancia tão substancial foi mais perfeitamente filho seu que o mesmo João.

E para que se veja quão bem merecida foi esta filiação, fundada como a de João na prerogativa da pureza virginal, e quão propria de filho da Mãe virgem; quando a Virgem Santissima Senhora nossa foi annunciada pelo Anjo: *Turbata est in sermone ejus.* [1] E porque? Sómente porque as palavras da embaixada pareciam contrarias ao voto da sua virgindade. Por isso se perturbou de tal sorte, que para que não desmaiasse, foi necessario que o Anjo chamado, *Fortitudo Dei*, a confortasse, dizendo: *Ne timeas Maria.* [2] E a pureza de Estanislau era tão propria de filho daquella purissima Mãe, que se alguma vez acaso ouvia alguma palavra menos casta, se perturbava elle tambem com tal excesso, que subitamente desmaiava e cahia amortecido. E' exemplo que não se lê de algum outro santo, e tanto mais raro, quanto não foi uma só vez, senão muitas as que lhe aconteceu. Mais. Eram tão divinos os raios de pureza, que resplandeciam no soberano rosto da Mãe de Deus, que, como diz Santo Epifanio, só com ser vista infundia castidade: e foi experiencia de muitos, sendo tentados do vicio contrario áquella virtude, que só com pôrem os olhos no rosto de Estanislau, fugia a tentação. Era a vista de Maria Santissima Senhora nossa como a visão de Deus, que faz simi-

---

[1] *Luc.*, I, 29.
[2] *Ibid.*, 30.

lhantes a si aos que o vêem: *Similes ei erimus, quoniam videbimus eum.* [1] Esta graça que communicou Deus a sua Mãe, communicou a Mãe de Deus a seu filho Estanislau.

Mas o que eu mais admiro, é que nunca em toda a sua vida se atrevesse o demonio a o tentar em materia da pureza, ainda com um minimo pensamento: privilegio verdadeiramente divino, e muito mais admiravel em tal sugeito. Era Estanislau moço, illustre, e de gentil presença; e estas são as tres lanças com que o Joab do inferno fere mortalmente, e todas emprega no peito dos Absalões. Logo se o demonio se achava tão fortemente armado contra Estanislau; porque o não tenta? Porque era filho da sempre Virgem Santissima Senhora nossa. Ao filho primogenito desta grande Mãe tentou o demonio tres vezes: a primeira na gula, a segunda na vangloria, a terceira na cubiça; mas, como nota o Angelico Doutor Santo Thomaz, não o tentou na castidade. E porque motivo ou respeito? Christo permittiu ser tentado, não por outro fim, que o do nosso exemplo: e o exemplo desta difficil virtude, era o mais necessario á fragilidade humana. Porque não deu logo esta permissão ao demonio em materia da pureza? Porque era indecente uma tal tentação no Filho de Maria Santissima Senhora nossa. Nos outros vicios tentado, mas não vencido: neste vicio, nem vencido, nem tentado. Como Filho de Deus, *Si Filius Dei es*, tentou-o o demonio com todas as outras suggestões: como filho de Maria, *Filius hominis*, posto que tão descomedido o demonio, não se atreveu a o tentar em tal materia.

Este foi o respeito porque o demonio não teve atrevimento para tentar a Estanislau na pureza. Mas nem por isso deixou de o tentar em outros modos, uma, duas, e tres vezes, como a Christo. Revestiu-se de noite de uma phantasma medonha, e appareceu a Estanislau em figura de um monstro fero e esfaimado, que, com uma grande bocca aberta, e os dentes arreganhados, ameaçava de o engulir. E que fez Estanislau? Riu-se daquella mascara tão feia, como quem a pintava, e com dois dedos em fórma de cruz o fez re-

[1] *1.ª Epist.*, III, 2.

tirar e fugir. Mas eu lhe quero tomar o passo. Pára, demonio. Tu não sabes ser tentador. Queres tentar a Estanislau, e o tentas com cocos como a menino? Tenta-o como a mancebo com outra figura daquellas de que tu te serves para render aos da sua edade. Tenta-o como a Sichem, como a José, como a Samsão. Qual é pois a razão, porque o demonio não tenta a Estanislau como a mancebo com figuras deleitosas que provoquem o appetite, senão medonhas, feias, e phantasticas, como a menino? Porque Estanislau estava convertido em menino, por milagre da castidade heroica. Ouvi uma philosophia desta virtude, que por ventura nunca ouvistes. A castidade heroica cresce para baixo. E quanto um homem sobe pela edade, tanto desce pela castidade.

Escreve o Texto sagrado a historia de José, e antes de ser tentado lhe chama *vir: Erat vir in cunctis prospere agens:* [1] vae por deante, e quando foi tentado da Egypcia lhe chama *adolescens: Et mulier molesta erat adolescenti:* [2] finalmente, chega ao carcere, onde já vencedor padecia pela mesma virtude, e lhe chama *puer: Erat ibi puer hebræus.* [3] Já vêdes a dificuldade. Primeiro se devia chamar *puer*, depois *adolescens*, depois *vir:* mas primeiro *vir*, depois *adolescens*, depois *puer?* Sim; porque José tinha dois modos de crescer: *Filius accrescens Joseph, filius accrescens.* [4] Pela edade crescia para cima, *puer, adolescens, vir:* pela castidade decrescia para baixo, *vir, adolescens, puer.* Assim o significou o mesmo José, respondendo á tentadora. *Quomodo possum?* [5] Não disse, não quero, senão, não posso; porque aquillo que no homem é livre, no menino é necessario; aquillo que no mancebo é virtude, no menino é impossibilidade: *Quomodo possum?* Ao mesmo modo Estanislau. José, como heroe da castidade, crescia da juventude á adolescencia, e da adolescencia á puericia; e Estanislau, que ainda não chegava á perfeita juventude, crescia da adolescencia á puericia, e da pue-

[1] *Gen.*, XXXIX, 2.
[2] *Ibid.*, 10.
[3] *Ibid.*, XLI, 12.
[4] *Ibid.*, XLIX, 22.
[5] *Ibid.*, XXXIX, 8.

ricia á infancia. E porque o demonio em José tinha já aprendido esta philosophia, que d'antes não sabia, desesperado de vencer a Estanislau como mancebo, o tentou como menino. Mas como este menino era irmão do outro, e ambos filhos da Mãe Virgem, ambos lançaram fóra o espirito immundo. E merece a mesma Mãe que nós lhe digamos pela virtude deste segundo filho, o mesmo que lhe foi dito pela virtude do primeiro: *Beatus venter, qui te portavit.*

IV

Somos chegados á terceira mãe, e posto que tarde, já estamos em casa. Depois de Estanislau ter por mãe a Mãe de Deus, parece que não era necessario, nem conveniente, nem decente ter outra. Mas a mesma Mãe de Deus por eleição sua lhe deu a terceira mãe, mandando a Estanislau que entrasse na Companhia de Jesus. Se esta Religião não tivera outro louvor, este só bastava para a fazer gloriosa. O Filho de Deus mandou os seus Discipulos da sua escóla á escóla do Espirito Santo: *Ille vos docebit omnia quæcumque dixero vobis.* [1] A Mãe de Deus mandou o seu filho amado da sua escóla á escola da Companhia.

No mesmo ponto tratou Estanislau de entrar no Noviciado de Vienna, onde então se achava. E porque não foi recebido, por respeito de seu pae, se deliberou a fugir incognito, e ir buscar a Companhia em Augusta. Nesta viagem noto eu, que não fazendo Estanislau milagre algum jámais em beneficio proprio, só por vir á Companhia fez milagres. Caminhava elle disfarçado em trajo de peregrino, pobre, só, a pé, e com um bordãosinho na mão, quando de um seu irmão mais velho, e do seu aio, que em uma carroça a seis cavallos o vinham seguindo, foi descoberto em tal passo, que viu Estanislau como o povo de Israël entre os carros de Pharaö, e o mar

[1] *Joan.*, XIV, 26.

Vermelho. Diante impedia a passagem um rio, que cortava a estrada; detraz vinha correndo a toda a furia a carroça de seus perseguidores. Que fará o pobre fugitivo? Como se o bordãosinho de Estanislau fosse a vara de Moysés (mas mais piedosa e mais innocente) a carroça e os cavallos, apesar do cocheiro, e dos repetidos golpes do açoite, pararam immoveis, como se fossem de marmore: e o rio passou-o elle por cima da agua a pé seguro e enxuto, como se d'uma á outra ribeira fosse continente. Não fez barca da capa, como seu patricio S. Jacintho, porque a não tinha.

Desta maneira fazendo milagres por se vêr na Companhia, chegou Estanislau a Augusta. Mas ainda naquelle collegio o não quizeram receber. O mesmo vento que apaga o fogo, se é pequeno, se é grande, o accende mais. Assim cresceu com a contrariedade a constancia de Estanislau, e de uma resolução tão grande subiu a outra maior. Resolve vir a Roma com intenção e animo firme, se não fosse admittido em Italia, de passar a França, a Hespanha, ás Indias, e a qualquer parte do mundo, até conseguir a Companhia. Fez Estanilau pela Companhia, o que a Companhia faz por Deus. A profissão da Companhia é servir a Deus em qualquer parte do mundo; e a resolução de Estanislau foi buscar em qualquer parte do mundo a Companhia, para servir a Deus nella.

Agora entendereis a razão ou o artificio porque a Beatissima Virgem, assignalando a Estanislau a Religião que havia de pretender, não lhe assignalou o logar em que o haviam de admittir. Mãe Santissima, se mandaes a Estanislau que entre na Companhia, porque não lhe assignaes a Provincia, o Collegio, o Noviciado aonde ha de entrar? Quiz a Santissima Mãe, que o seu filho fosse filho de toda a Companhia, e que vivendo e morrendo em um só logar, merecesse e se sacrificasse a Deus em todos. Fez a Mãe de Deus como Deus. Disse Deus ao pae dos crentes: Abrahão, sacrifica-me o teu filho. E aonde Senhor? *Super unum montium, quem monstravero tibi:* [1] Em um dos montes, que eu te mostrarei depois. E porque não assignalou Deus o monte determinado, onde havia de ser sacrificado Isaac, isto é, o monte

[1] *Gen.*, XXII, 2.

Moria? Porque quiz Deus fazer de um sacrificio muitos sacrificios: e que havendo de ser sacrificado o filho em um só monte na execução, no proposito e na intenção fosse sacrificado em todos os montes. Caminhava o animoso pae com o fogo em uma mão e com a espada na outra; via um monte e dizia: Aqui é; e não era alli: passava adiante, via outro monte, dizia: este é; não era aquelle: e como baixel no meio da tempestade, que cada onda parece que o ha de submergir, e lhe perdoa, assim Abrahão, subindo e descendo, ia passando de monte em monte, até chegar ao destinado Moria, em que finalmente sacrificou o filho, sacrificado já em todos os outros. Do mesmo modo Estanislau, depois que recebeu o preceito da Mãe de Deus. Em Vienna dizia: Aqui é: e não era Vienna: em Augusta dizia: Aqui é; e não era Augusta. E posto que o monte destinado para o sacrificio havia de ser o monte Quirinal, e a ara o noviciado de Santo André, já elle anticipadamente se tinha sacrificado em todas as Provincias, e em todas as Casas da universal Companhia. Passava á Allemanha, como se passasse á Europa, e ao mundo: atravessava o Danubio, como se atravessasse o Mediterraneo e o Oceano. E não tendo ainda logar na Companhia, pela immensa extensão do seu grande proposito, já tinha entrado e servia a Deus em todos.

Com esta vastissima resolução, tendo caminhado a pé mil e duzentas milhas, chegou Estanislau com o habito de peregrino e mendigo a Roma, aonde por fim entre os braços do Padre Geral S. Francisco de Borja foi admittido á Companhia nesta Casa. O noviciado já sabeis que é o ventre materno, em que a Religião concebe e fórma a seus filhos. E que fez Estanislau neste noviciado de Santo André? Esta pergunta dá em terra com todo o meu panegyrico. Entrando aqui Estanislau não fazia mais que o que fazem todos os outros noviços. Não mais do que fazem todos os outros? E para isto lhe mandou a Mãe de Deus que entrasse na Companhia? Quem poderá crêr tal coisa? Os demais veem á Religião para ser santos; e Estanislau parece que entrou na Religião ou para deixar de ser santo, ou para ser menos santo do que d'antes era. No seculo é certo que Estanislau vestia asperos e continuos cilicios: e aqui não sempre: no seculo se disciplinava cada dia com

cadêas de ferro até derramar sangue; menos vezes e com menos rigor aqui: no seculo se levantava sempre á meia noite a ter oração até a alva; e aqui se levantava tambem á oração, porém mais tarde, e por menos tempo: no seculo tinha aquelle seu irmão, que pela virtude o affligia e martyrisava, como um crudelissimo tyranno; e aqui se achou em meio de tantos irmãos, que o tratavam com summa caridade e benevolencia. Logo veiu Estanislau (dirá alguem) á Companhia não a ser, senão a deixar de ser santo; e se foi santo, e tão grande santo, foi santo no seculo, e não na Companhia.

Quem assim discorre, não sabe que coisa seja Religião, nem que Religião seja esta. Muito maior santo foi Estanislau na Companhia fazendo menos, que no seculo fazendo mais; porque na Religião o que diminuia nas obras, multiplicava nas virtudes; e o que tirava ao precioso acrescentava ao preço. Dizei-me: como se lavram os diamantes? Põe-se o diamante na roda, e tirando-lhe ao diamante partes de diamante, fica o diamante mais polido, e lustroso. Por isso poz a soberana Virgem este diamante nesta officina. Mas que havia de tirar Estanislau, se era todo santo? A propria vontade, ainda que tão santa. No seculo era santo; mas santo á sua vontade: e na Religião santo; mas debaixo da roda daquella virtude, que é mais propria da Companhia, isto é, a obediencia, e por isso muito mais santo. No seculo merecia no que fazia; na Religião merecia no que fazia, e no que não fazia, porque quanto fazia, e quanto deixava de fazer, era por obediencia. Com esta arte aperfeiçoou a Companhia a santidade de Estanislau, e aquella virtude, que era já santa, a fez quasi divina.

Pediram os Hebreus a Arão, que lhes fizesse um deus visivel. E que respondeu Arão? *Tollite inaures aureas, de uxorum, filiorumque, et filiarum vestrarum, et afferte ad me:* [1] Trazei-me os ornatos de oiro das orelhas de toda a vossa familia. E para fazer um deus, o ornato das orelhas? Sim. Obrou mal Arão; mas discorreu bem. A orelha, como todos sabem, é o sentido da obediencia: *In auditu auris obedivit mihi.* [2] Jul-

---

[1] *Exod.*, XXXII, 2.
[2] *Psalm.* XVII, 42.

gou pois Arão, que só do oiro, que é ornato daquelle sentido, só da materia da obediencia se podia fabricar uma estatua da divindade. A razão é, porque aquillo que se faz por propria vontade, por mais santo que seja, tem liga de humano; porém aquillo que se faz por obediencia, todo é divino. Fallo da perfeita obediencia, que é aquella que se ensina nesta escóla. Em dois sujeitos está Deus unido ao homem: em Christo, e no Superior: Christo é Deus e homem, o Superior é homem e Deus: *Ego dixi: Dii estis.* E qual é maior união, aquella com que está unido Deus ao homem em Christo, ou aquella com que está unido Deus ao homem no Superior? Fallo a auditorio erudito, o qual bem sabe que aquella união physica e hypostatica, é absolutamente maior que a outra moral. Comparando porém de uma parte a physica, e da outra a moral, ao proposito, em que eu fallo, esta é maior que aquella. E porque? Porque a união de Deus ao homem em Christo, admitte duas vontades distinctas, uma humana, outra divina; de modo, que nem a divina é humana, nem a humana é divina: *Non mea voluntas, sed tua fiat.* [1] Porém a união de Deus ao homem no Superior, não admitte duas vontades distinctas, senão uma só, com tal distinção e unidade, que a humana é juntamente divina e a divina é juntamente humana; porque a vontade de Deus é a vontade do Superior, e a vontade do Superior é a vontade de Deus: *Qui vos audit me audit.* [2] D'aqui é, que o que renuncia inteiramente a vontade propria na vontade do Superior, já as suas obras não teem nada de humanas, mas em tudo são divinas. E porque esta é a obediencia ensinada de Santo Ignacio, e praticada nesta primeira escóla sua da perfeição; esta foi a razão porque a Mãe de Deus mandou a seu querido filho viesse a esta officina, escolhendo-a a ella entre todas não só para aperfeiçoar mais a perfeição de Estanislau, nem só para santificar mais sua santidade, senão tambem para a divinisar. Tal foi neste noviciado a vida de Estanislau, não de anjo, como todos lhe chamavam, mas de mais que Anjo, e verdadeiramente divina.

---

[1] *Luc.*, XXII, 42.
[2] *Luc.*, X, 16.

V.

Sómente (com isto acabo) se póde duvidar, e com grande admiração: se a Mãe de Deus mandou a Estanislau á Companhia para purificar, para refinar, e para santificar mais a sua santidade, porque lhe concedeu tão pouca vida na mesma Companhia? Corria o decimo mez de seu noviciado, e era o dia de S. Lourenço, quando Estanislau, com a meditação daquellas chammas, se sentiu accender mais ardentemente daquelle fogo divino, que sempre o abrazava. Era tão forte o incendio, que, passando muitas vezes da alma ao corpo, o arrancava da terra, e levantava no ar, ou lhe inflammava o coração, o peito e o rosto com um fogo tão sensivel e tão vivo que era necessario ser soccorrido com banhos de agua fria, para que não se abrazasse totalmente, e se convertesse em um carvão serafico, como aquelle de Isaias. Vencido, finalmente, e arrebatado deste incendio, toma Estanislau a penna, escreve uma ternissima carta á sua segunda Mãe, na qual lhe representava a força já intoleravel de seus desejos, e lhe supplicava o chamasse ao céu á visinha festa de sua gloriosa Assumpção. Caso miraculoso, e verdadeiramente suavissimo! Encommenda a carta ao mesmo S. Lourenço, para que a ponha em mãos de sua Mãe: persevera são até os quatorze do mesmo mez, e ao amanhecer do dia seguinte, como já tinha predito, foi assumpto á festa da Assumpção. Assim deixou Estanislau o Noviciado e a Companhia, que este paraiso só se podia deixar por aquelle paraiso, e esta mãe só por aquella Mãe. Porém eu não admiro tanto o milagre da morte, quanto a brevidade da sua vida. Para tão poucos dias é mandado Estanislau á Companhia? Para tão poucos dias tanto apparato de apparições, de difficuldades, de peregrinações, de perseguições, de milagres? Sim; para tão poucos dias. Porque era conveniente assim, tanto para a gloria do filho, como para a gloria da mãe. O filho miraculoso em se aperfeiçoar; a mãe miraculosa em o parir, ambos em tão breve tempo.

Notaveis foram o primeiro e ultimo milagre de Christo. No primeiro converteu a agua em vinho; porém isto é o que faz a vide. Chove a agua do céu,

e a vide a converte em vinho. No ultimo milagre, e o maior de todos, converteu o pão e o vinho em carne e sangue; e isto é o que faz o corpo humano. Come pão e bebe vinho, e o converte em carne e sangue. E posto que esta não é transubstanciação (maravilha propria sómente daquelle altissimo mysterio) é verdadeira conversão. Pois se a natureza na vide converte a agua em vinho, e no corpo humano converte o pão e o vinho em carne e sangue; estes por que razão não hão de ser milagres? Pela indifferença do tempo. A natureza, porque ha mister introduzir as disposições pouco a pouco, obra depois de largo tempo; mas se aquillo mesmo que a natureza faz depois de muito tempo, se fizesse em brevissimo, já não seria obra da natureza senão milagre da Omnipotencia. Assim succedeu em Estanislau, e tanto com maior milagre, quanto a graça é superior á natureza. A natureza, para formar um elephante, o traz dois annos no ventre da mãe. E Santo Ignacio, que queria formar sugeitos grandes, não se contentou com um anno, instituiu dois de noviciado, e depois o terceiro. A estes espaços se havia de ir aperfeiçoando Estanislau pouco a pouco, se a graça houvesse de obrar connaturalmente; porém como a Omnipotencia queria sahir ao mundo com um grande milagre da mesma graça, o que havia de fazer em muitos annos, fez em poucos mezes. O' bemaventurado e milagroso filho! O' bemaventurada e milagrosa mãe! O filho milagroso em se aperfeiçoar sem tempo; a mãe milagrosa em o parir antes de tempo. Da mãe do Baptista diz o Evangelho: *Impletum est tempus pariendi, et peperit.* [1] E da mãe do Estanislau podemos dizer com Isaias: *Antequam parturiret, et peperit.* [2]

Sabeis, senhores, que coisa foi Estanislau, este moço tão santo, este noviço tão divino? Não foi outra (deixae-m'o dizer assim) não foi outra coisa que um aborto daquella grande mãe. Abortou a Companhia o primeiro parto, e pariu um filho morto, que já tem resuscitado seis mortos. Da infinidade de outros milagres não quero fallar. S. Paulo diz de si, que foi aborto de Christo: *Novissimè tamquam abortivo, vi-*

[1] *Luc*, I, 57.
[2] *Isai.*, LXVI, 7.

sus est et mihi. [1] E porque foi abortivo S. Paulo? Porque os outros Apostolos tiveram o noviciado da escóla de Christo, não só de dois annos, senão tambem de tres; e S. Paulo, começando o noviciado em Damasco, abreviando-se-lhe o tempo, o foi acabar no paraiso, e da escola de Ananias passou á do céu. Assim o diz Santo Thomaz, e o collige em boa chronologia das palavras do mesmo Apostolo: *Ante annos quatuordecim.* [2] Abortivo Paulo, e abortivo Estanislau: [3] Paulo da primeira Companhia de Jesus; Estanislau da segunda, e ambos gloria de uma e outra mãe. Bemaventurada, pois, a terceira e ultima mãe de Estanislau, bemaventurada a Companhia de Jesus pelo primeiro dos seus Beatos, e bemaventurada esta Casa pelo primogenito de seus filhos, e não bemaventurada, porque chegou a o parir; mas bemaventurada, e mil vezes bemaventurada, só porque o trouxe em seu ventre: *Beatus venter, qui te portavit.*

VI

Estanislau meu, já tenho acabado: e a minha oração cançada do pouco que se tem adiantado em vossos louvores, humildemente se põe a vossos pés, não perorando, mas orando. O memorial que vos apresento, é breve, e não meu, senão desta vossa mãe, que tanto amastes sempre. O que vos supplica vossa terceira mãe, é, que diante do throno da segunda vos lembreis de presente que sois filho da primeira. Aquelle grande dragão já duas vezes vencido de vós, agora enfurecido e contumaz levanta a cabeça, infesta, e ameaça a vossa Polonia. Em campanha está o Marte daquelle grande reino; e posto que laureado de tantos triumphos, e seguido de fortissimo e florentissimo exercito, e sobre tudo acompanhado de si mesmo: sem vós, se tem por só. Está, digo, na campanha El-rei João o III cuja espada, como a de Gedeão, é de Deus juntamente e sua: *Gladius Domi-*

---

[1] *1.ª Epist. ad Corinth.*, XV, 8.
[2] *2.º Ibid.*, XII, 2.
[3] *D. Th.*

ni, et Gedeonis. [1] Em quanto sua, não menos que a do grão Macchabeu, confia mais em vossa ajuda, que em seu proprio valor. Vós sois o seu Jeremias defunto e vivo, de quem confessa com piedade christã, e verdadeiramente real, o que do outro dizia Onias: *Hic est fratrum amator, hic est qui multum orat pro populo.* [2] Na batalha e victoria memoravel do anno passado no campo de Cocim (na qual o mesmo rei deu o reino ao reino, antes que o reino lhe désse a corôa), elle foi o capitão e vós o vencedor. Assim o confessa Sua Magestade, que vos escolheu por Patrono, primeiro daquella jornada, e depois de todo o reino. Assim o escreveu á Santidade de nosso senhor Clemente X supplicando-lhe confirmasse o seu patrocinio; e assim o provastes vós, rendendo-se Cocim no mesmo dia vosso, hoje faz um anno.

Isto é, ó novo e glorioso Protector da vossa patria, isto é o que tendes feito, e esta a summa da nossa supplica: *Quod facis, fac.* Prosegui, imitae-vos a vós mesmo, e como sois a todos admiração, sêde a vós mesmo exemplo. Se aquelle barbaro infesta a Polonia, e na Polonia ameaça o mundo, defendei vós a muralha universal do Christianismo: e se a soberba da sua meia Lua traz por mote: *Donec totum impleat orbem:* seja a alma da vossa empreza: *Donec auferatur luna.* [3]

Mas para que rogo eu e exhorto a Estanislau, se elle tem empenhado a sua cabeça em defeza da sua patria, e a este fim desfez um milagre para fazer muitos? Duas vezes foi aberto o sepulchro de Estanislau: a primeira se achou o seu corpo incorrupto e inteiro, premio devido á sua pureza: a segunda (e foi ao tempo quando a Polonia mandou pedir a sua cabeça) se acharam os ossos despidos da carne, e soltos. E que razão haveria (direis vós) para cessar o primeiro milagre? Não para que tivesse fim, não: senão para que se multiplicasse em outros maiores e mais proveitosos ao mundo. Para que nos ossos de Estanislau, repartidos pelo mesmo mundo, se semeasse nelles o remedio, a saude, e a vida dada por

---

[1] *Juizes*, VII, 20.
[2] *2. Mach.*, XV, 14.
[3] *Psal.* LXXI, 7.

seus merecimentos a tantos; e principalmente para que pudesse passar a Polonia a sua cabeça, como o maior e mais poderoso soccorro, que lhe podia mandar a cabeça do mundo. O' ditosa patria, ditoso reino, ditoso rei!

El-rei Joram sitiado de Senacherib, e do potentissimo exercito dos Assyrios, ameaçou que havia de tirar a cabeça a Eliseu, porque não fazia levantar o sitio com suas orações: *Hæc faciat mihi Deus, et hæc addat, si steterit caput Elisei super ipsum hodie.* [1] E o successo foi, que Eliseu, por livrar a sua cabeça, levantou o sitio no mesmo dia. Não assim Estanislau, senão que elle mesmo se tirou a si a cabeça, e nella se levou a si á sua patria, para salvar ao seu rei e ao seu reino. Segura pois está, e estará a Polonia, em quanto este Eliseu ajudar o seu Joram. Tendo-se pedido licença a El-rei D. Manuel de Portugal, chamado o Conquistador, para que pudessem ser trazidos da India ao sepulchro dos seus maiores os ossos do grande Albuquerque, a negou, dizendo, que em quanto estivessem em Gôa os ossos de Albuquerque, estaria seguro o Oriente. E com quanta maior razão posso eu esperar e prometter, que em quanto as reliquias de Estanislau estiverem em Polonia, está seguro o rei, seguro o reino, e segura a muralha da christandade?

Isto deve Estanislau á primeira mãe; isto lhe pede continuamente a terceira; e isto lhe concederá sem duvida com seu potentissimo braço a segunda. E por isso, emfim, será elle tambem sempre louvado em todas as suas tres mães, e por todas tres se lhe cantará com applauso concorde do céu, da patria e de todo o resto do mundo: *Beatus venter, qui te portavit.*

[1] 4.º *Livr. dos Reis*, VI, 31.

SERMÃO

DE

SANTA CATHARINA*

VIRGEM E MARTYR

Ne fortè. [1]

I

Breve clausula para thema; porém grande para sermão! E tão grande e tão forte a significação deste *ne fortè*, que com ella se sustentam e são fortes todas as fortalezas: e as que não são fortes, nem se defendem, só por falta della se rendem e são vencidas. E que quer dizer *ne fortè*? Quer dizer: para que não por algum caso; para que não por alguma desgraça; para que não por algum engano; para que não por alguma violencia; para que não por algum descuido proprio, ou diligencia e industria alheia. E' o *ne fortè* um adverbio, sempre vigilante, mas indeciso: é uma suspensão do que é: é uma duvida do que será: é um cuidado solicito do que póde ser. E' um receio temeroso do futuro, não esquecido do passado, nem divertido do presente: e neste circulo de todos os

[1] *Math.*

* Foi prégado este Sermão na occasião em que se celebrava em Lisboa uma grande victoria. A primeira vista, commenta o padre Honorati, causa extranheza que sendo este um sermão de parabens, o orador entre logo com uma larga parenese sobre a volubilidade da fortuna. Mas foi com sabio conselho de obra politica e piedade christã: para que os portuguezes confiando demasiadamente no seu valor e desvanecendo-se pela victoria, não deixassem d'acautelar-se d'um inimigo tão poderoso como era Castella: e para que referissem totalmente a Deus tão grande favor e assim não desmerecessem outras victorias.

tempos acautelado para todos. Deriva-se a palavra *ne fortè* daquella que o mundo chama fortuna, e é uma força tão poderosa e tão forte, que desarma a mesma fortuna de todos os seus poderes; porque a quem estiver cuidadoso do que ella póde fazer ou desfazer, nunca lhe acontecerá que diga — não cuidei —, que é a primeira maxima da prudencia.

De prudentes e nescias se compõe toda a historia do nosso Evangelho, gloriosa para umas, e tragica para outras. As prudentes foram as aventurosas, porque disseram: *Ne fortè:* as nescias as sem ventura, porque o não souberam dizer. As prudentes com as alampadas accezas entraram ás bodas; as nescias ás escuras, e com ellas apagadas, ficaram de fóra. Cuidaram as nescias que se lhes não apagariam as alampadas, cuidaram que seriam soccorridas das companheiras, cuidaram que ainda que chegassem tarde, se lhes abririam as portas: e depois de tanto cuidar, acharam que não tinham cuidado; porque não cuidaram quando, e como convinha, nem souberam dizer a tempo, *ne fortè.* Tres vezes o disseram as prudentes: na consideração, na prevenção, e na resolução. Na consideração, considerando que por falta do sustento natural do oleo se podia apagar o fogo, e morrer a luz das alampadas: na prevenção, porque se preveniram de o levar nas redomas, para dellas o supprir, quando faltasse: na resolução, porque faltando ás companheiras, resolutamente lhes responderam, que não as podiam soccorrer, porque podia não bastar para todas: *Ne fortè non sufficiat nobis, et vobis.* [1]

O' Virgem fortissima, e prudentissima Catharina, que bem retratada vos vejo nas cinco prudentes do Evangelho, como Juno pelo pincel de Zeuxis nas cinco escolhidas de Argentina! Offereceu o imperador Maximino a Catharina tudo o que podia dar neste mundo a fortuna, que eram as bodas, e corôa imperial: mas porque a Virgem prudentissima, ainda com prudencia humana, considerou nesta grande offerta, não o que era, senão o que podia ser; desprezou a corôa da terra sujeita á roda da fortuna, e segurou a que hoje gosa no céu, que a mesma fortuna

[1] *Math.*, XXV, 9.

nem póde dar, nem tirar: *Ne fortè*. Este será o argumento do meu discurso, tão proprio do tempo presente, como das graças que devemos dar a Deus pelas fortunas do mesmo tempo. Mas como para acertar a dar estas graças é necessario que o mesmo Deus nos assista com a sua; peçamol-a primeiro, por intercessão da cheia de graça. *Ave Maria.*

II

Ne fortè

Todos os titulos que nos obrigam a dar graças a Deus pelos triumphos do tempo presente, me parece que estou vendo copiados e divididos nas gloriosas insignias daquella sagrada imagem. Está adornada a imagem de S. Catharina com os tres instrumentos, ou tropheus da sua victoria — uma palma, uma espada, uma roda. Os oradores evangelicos, que, entre salvas, repiques e luminarias celebraram atégora a felicidade de nossas armas na campanha deste anno, uns tomaram por assumpto a palma, outros a espada: na palma, fazendo panegyricos á victoria; na espada, ao valor dos capitães e soldados. E porque nenhum atégora fallou na roda, ella será o meu assumpto. As palmas, que teem as raizes na terra, todas se podem seccar, ou murchar: só são perpetuamente verdes aquellas que viu S. João no seu Apocalypse: *Et palmæ in manibus eorum.* [1] As espadas tambem teem os seus revezes na terra, ainda que sejam descidas do céu. Do céu trouxe a alma do Propheta Jeremias a espada que metteu na mão a Judas Macchabeu: mas depois de tantas victorias, emfim póde dizer com David aquelle valorosissimo capitão: *Gladius meus non salvavit me;* [2] porque na tragica batalha contra Bachides e Alcimo não defendeu ao grande Macchabeu a sua espada, e com ella cahiu morto. Tudo isto são avisos ás palmas, rebates ás espadas, e desenganos a todo o vencedor, que no meio dos maiores triumphos podem temer a roda.

---

[1] *Apoc.*, VII, 9.
[2] *Psalm.* XLIII, 7.

Esta roda, pois, como prometti, será o meu argumento, o qual sobre os eixos della se resolverá em dois discursos, quanto fôr possivel, breves.

III

Ne fortè. Variamente pintaram os antigos a que elles chamaram Fortuna. Uns lhe puzeram na mão o mundo, outros uma cornucopia, outros um leme: uns a formaram de oiro, outros de vidro, e todos a fizeram cega, todos em figura de mulher, todos com azas nos pés, e os pés sobre uma roda. Em muitas coisas erraram, como gentios; em outras acertaram como experimentados e prudentes. Erraram no nome de Fortuna, que significa caso, ou fado: erraram na cegueira dos olhos; erraram nas insignias e poderes das mãos; porque o governo do mundo, significado no leme, e a distribuição de todas as coisas, significada na cornucopia, pertence sómente á Providencia Divina, a qual não cegamente, ou com os olhos tapados, mas com a perspicacia de sua sabedoria, e com a balança de sua justiça na mão, é a que reparte a cada um e a todos, o que para os fins da mesma Providencia com altissimo conselho tem ordenado e disposto. Acertaram, porém, os mesmos gentios na figura que lhe deram de mulher, pela inconstancia; nas azas dos pés, pela velocidade com que se muda; e sobre tudo em lhos pôrem sobre uma roda; porque nem no prospero, nem no adverso, e muito menos no prospero, teve jámais firmeza. Dos que a fizeram de oiro diremos depois: o que agora sómente me parece dizer, é que os que a fingiram de vidro pela fragilidade, fingiram e encareceram pouco; porque ainda que a formassem de bronze, nunca lhe podiam segurar a inconstancia da roda.

Em uma das fabricas particulares e famosas do Templo, diz o Texto sagrado, que fez Salomão dez bases de bronze, quadradas e eguaes por todas as partes: *Fecit decem bases aneas, quatuor cubitorum longitudinis bases singulas, et quatuor cubitorum latitudinis.* [1] Diz mais (o que se o não dissera, não

[1] *3.º Livr. dos Reis,* VII, 27.

se imaginára) que estas dez bases as assentára cada uma sobre quatro rodas: *Et quatuor rotæ per bases singulas:* [1] accrescentando para maior clareza, que as rodas eram propriamente como as das carrocas, com seus eixos, raios, e tudo o mais fundido tambem do mesmo bronze: *Tales autem rotæ erant, quales solent in curru fieri; et axes earum, et radii, et canthi, et modioli, omnia fusilia.* [2] Toda esta miudeza foi necessario que se explicasse, para que se entendesse a obra, da qual se não fôra o auctor Salomão, quem haveria que ao menos não estranhasse tal modo de architectura? As bases são o fundamento e firmeza de toda a fabrica: a figura quadrada, entre todas as figuras a mais firme: o bronze entre todos os metaes o mais forte. Pelo contrario as rodas com eixos, e todos os outros instrumentos de se moverem, são entre todas as coisas a menos constante, a menos estavel, a menos firme. Pois porque assenta a sabedoria de Salomão toda a firmeza e fortaleza das suas bases sobre rodas? Assentadas as bases sobre rodas ficam sendo as rodas bases das bases: e isto, que não faria, não digo eu Vitruvio, senão o architecto mais imperito, que o fizesse Salomão? Sim, e com tanta arte como mysterio. Aquella obra era o chamado mar Eneo, fabricado antes de espelhos, e para espelho dos que nelle se fossem vêr e compôr. Quiz pois o mais sabio de todos os homens, que na mesma traça, disposição, e ordem da fabrica, vissem e reconhecessem todos, que não ha, nem póde haver neste mundo coisa alguma tão solida, tão forte, tão firme, nem ainda tão santa (qual aquella era), que, como se estivera fundada sobre rodas, não esteja sempre sujeita ás voltas, declinações e mudanças de qualquer impulso, impressão, ou movimento contrario. Tudo o que se diz da fortuna, e seus poderes, é fingido e falso: só uma coisa ha nella certa e verdadeira, que é a roda.

E para que nos vamos chegando ao nosso caso, deixados os vidros e bronzes, que são nomes metaphoricos, fallemos agora com o proprio do homem, e de todas as coisas humanas, que é o barro. Mandou Deus nosso Senhor ao Propheta Jeremias, que

---

[1] *3.º Liv. dos Reis*, VII, 33.
[2] *Ibid.*, 33.

fosse á officina de um oleiro, e que depois de vêr o que aquelle homem fazia, lhe declararia o por que lá o mandava. Foi o Propheta, e diz que achou o oleiro trabalhando sobre a sua roda: *Et ecce ipse faciebat opus super rotam.* [1] E notando então com particular advertencia, o que fazia, viu que ao principio estava formando um vaso muito polido, o qual, como se lhe descompuzesse e desmanchasse entre as mãos, desfel-o, e, como irado contra elle, tornou a amassar e pôr na roda o mesmo barro, e fez outro vaso muito differente, como lhe veiu á phantasia. Aqui fallou então Deus ao Propheta, e lhe disse desta maneira: Assim como o oleiro tem nas suas mãos o barro, e delle faz uns vasos, e desfaz outros; assim tenho eu nas minhas mãos o mundo, e posso desfazer uns reinos, e fazer outros ao meu arbitrio. E se elle com a ponta de um pé dá estas voltas á sua roda, julga tu, se o poderei fazer eu. Vae a Jérusalem, conta-lhe o que viste, e dize-lhe que o primeiro vaso tão polido que o oleiro fazia, é o reino de Israël, tão amado e favorecido da minha Providencia, o qual com a sua rebeldia se me descompõe entre as mãos; e que ainda estou aparelhado para lhe perdoar, e arrepender do que tenho determinado: mas que se elle se não quizer emendar, darei volta á roda, e do mesmo barro farei outro vaso. Jérusalem passará para Babylonia, e o reino, que aqui é d'El-rei Joaquim com liberdade, lá será de Nabucodonosor com perpetuo captiveiro. E assim foi.

O' que facilmente se engana o juizo humano nas apprehensões de qualquer successo prospero! Por isso disse sabia e prudentissimamente o grande senador romano, Severino Boecio, que melhor e mais util é ao homem a fortuna adversa, que a prospera: *Plus reor hominibus adversam, quam prosperam prodesse fortunam.* [2] E dá a razão; porque a prospera mente, e a adversa desengana: *Illa enim semper specie felicitatis, cum videtur blanda, mentitur: hæc semper vera est, cum se instabilem mutatione demonstrat. Illa fallit, hæc instruit.* Quem se não quizer enganar com as lisonjas da fortuna prospera, olhe para

[1] *Jerem.*, XVIII, 3.
[2] Boet. de Consol. Libro 2. pros. 38

a roda. Nella, e do mesmo barro faz Deus reinos, e desfaz reinos; desfaz Jérusalens, e accrescenta Babylonias; captiva os livres, e restitue a liberdade aos captivos. Assim o fez a benignidade Divina, dando outra volta á roda, e restituindo os captivos de Babylonia á liberdade, de que poucos já se lembravam, ao fim de setenta annos: caso bem parecido ao nosso.

IV

Lá, depois de setenta annos; cá, depois de sessenta, uns e outros prophetisados: mas nem por isso cuide alguem, que para todas estas voltas da roda são necessarios tantos espaços, ou tantos vagares do tempo. As rodas do carro de Ezechiel, em que Deus se lhe mostrou governando todo este mundo, eram cada uma composta de duas, uma roda atravessada, e outra cruzada com ella pelo meio. Isso quer dizer: *Rota in medio rotæ.* [1] E que rodas eram e são estas? Uma é a roda da fortuna, outra a roda do tempo. Mas de tal maneira unidas e travadas entre si, e tão independentes uma do curso da outra, que para a roda da fortuna dar uma volta inteira, não é necessario que a dê tambem inteira o tempo. As voltas da roda do tempo são as mesmas que as do sol. O sol dá uma volta maior cada anno, e uma maior cada dia. Porém para a fortuna dar uma volta inteira aos maiores imperios, não são necessarios annos nem dias.

O maior imperio e monarchia que tinha havido no mundo, era a dos Assyrios e Chaldeus. E quantas horas houve mister a roda da fortuna para derrubar esta, e levantar sobre ella outra maior? Diga-o a Escriptura Sagrada por bocca de Daniel, que se achou presente: *Eadem nocte interfectus est Balthasar rex Chaldæus, et Darius Medus successit regnum:* [2] Na mesma noite fatal em que o rei com mil magnates da sua monarchia, convidados para um solemne banquete, estavam brindando aos seus deu-

---

1 *Ezech.*, x, 10.
2 *Dan.*, v, 30 e 31.

ses, foi morto (diz Daniel, Balthasar, rei Chaldeu, e lhe succedeu no imperio Dario Medo. De sorte que tanto mais depressa deu volta a roda da fortuna, que a roda do tempo, que, não tendo o tempo em ausencia do sol andado um dia natural, nem meio dia; a fortuna, morto Balthasar, e succedendo-lhe na corôa Dario, já tinha posto por terra a monarchia dos Assyrios e Chaldeus, e levantado até as nuvens a dos Persas e Medos.

Cahiu a monarchia, mas não cahiu a côrte; porque ficaram em pé os famosos muros de Babylonia, com os seus jardins cultivados no ar, por isso chamados hortos pensiles; onde porém até as flôres não escaparam de ficar tristemente murchas e seccas, servindo a mãos estranhas, que as não tinham regado. E para que alguem não imagine da roda da fortuna, que, não perdoando ás corôas, ao menos dá quartel ás pedras; passando do maior imperio da Asia á melhor cidade da Europa, oiçamos em outra noite não menos tragica, quão precipitada é a sua volta tambem em estas ruinas.

Falla Seneca da antiga Lugduno, que anoitecendo cidade, amanheceu cinza, e escreve assim: *Tot pulcherrima opera, quæ singula illustrare urbes singulas possent, una nox stravit. Et in tanta pace, quantum ne bello quidem timeri potest, accidit. Quis credat? Lugdunum, quod ostendebatur in Gallia, quæritur. Omnibus fortuna, quos publicè afflixit, quod passuri erant, timere permisit. Nulla res magna non aliquod habuit ruinæ suæ spatium. In hac una nox interfuit inter urbem maximam et nullam. Denique diutius illam perisse, quam periit, narro.*[1] E' lastima haver de affrontar com a traducção de qualquer outra lingua a elegancia destas palavras. Aquelles famosos edificios (diz Seneca), que, cada um delles pudéra ennobrecer e illustrar uma cidade, todos egualou com a terra uma noite; e aconteceu na bella paz, o que nem da mais barbara guerra se devera temer. Quem tal crêra? Aquella Lugduno, que se mostrava por maravilha da Gallia, busca-se nella, e não se acha. A todos os que a fortuna affligiu publicamente, permittiu que temessem o que haviam de pade-

1 Senec. Epist.

cer, e a nenhuma coisa grande deixou de dar o tempo algum espaço á sua propria ruina. Só nesta entre a cidade maxima e o nada, não houve mais que uma noite. Ainda acabou mais depressa do que eu o escrevo.» Até qui a narração e ponderação do grande philosopho. E como para as maiores voltas e mudanças da roda da fortuna não são necessarios annos, nem dias inteiros, e da ametade de um dia sobejam ainda horas e essas as mais occultas á vista; que segurança póde haver tão confiada, que entre os abraços mais lisongeiros da felicidade não tema os seus revezes? E que reino ou republica, que rei ou capitão prudente, que entre os maiores triumphos lhe não esteja sempre batendo ás portas do coração aquella voz duvidosa: *Ne fortè?*

V

Não é minha tenção com este discurso querer que a muito nobre cidade de Lisboa entristeça a sua alegria, nem ponha silencio aos seus applausos: porque seria ser ingrata ao céu, e negar os publicos pregões da fama aos que com o seu esforço e sangue tão honradamente lhos mereceram. O que só desejo é que toda esta monarchia de Portugal se não deixe tanto inchar do vento da fortuna, que se fie della, e a crêa. Ouvi debaixo de um paradoxo o mais sizudo juizo da prudencia militar. Como na guerra não ha coisa mais para estimar que o vencer; assim não ha outra mais para temer que a mesma victoria. Quando o sabio capitão se vir mais victorioso e triumphante na carroça de Marte e da fortuna, então é que mais se deve temer da volta das suas rodas.

Vencedor Abrahão de quatro reis, que tinham vencido outros cinco, e levado captivo com parte delles a Loth seu sobrinho, fizeram mais famosa esta interpreza tres circumstancias notaveis: uma da parte dos reis vencidos, outra da parte de Abrahão vencedor, e a terceira da parte de Deus, que neste acontecimento lhe appareceu e fallou. Notavel da parte dos reis vencidos; porque naquella mesma noite em que contentes e divertidos estavam brindando á sua victoria, deu sobre elles Abrahão, com que a não

chegaram a lograr quatro horas inteiras, bastando tão pouco espaço de tempo para dar volta a roda, e de victoriosos e triumphantes se verem vencidos. Notavel da parte de Abrahão vencedor; porque voltando triumphante com parabens e applausos de Melchisedech, rei de Salem, nenhuma demonstração fez de festejar o seu proprio triumpho. Não havia então salvas de artilheria, nem repiques, nem luminarias; mas conforme o uso daquelle tempo, pudéra levantar tropheus, que eram arvores, desgalhados os ramos. e penduradas delles as armas e despojos dos inimigos que Abrahão desprezou generosamente. Notavel emfim da parte de Deus; porque naquella mesma occasião lhe appareceu o Senhor dos exercitos, e lhe disse estas notaveis palavras: *Noli timere, Abraham, ego protector tuus;* [1] ou, como se lê no Texto original: *Ego scutum tuum:* Não temas, Abrahão, que eu sou o teu protector e o teu escudo. Aqui é o meu reparo, e primeiro que tudo, naquelle *noli timere:* Não temas. Não é este Abrahão aquelle mesmo, que pouco ha tão animoso e destemido, com resolução quasi temeraria se atreveu a acommetter quatro reis victoriosos e triumphantes só com trezentos e dezoito homens de sua casa? Não é aquelle mesmo que com tanta arte, disposição, e ordem militar soube repartir os seus, e de tal modo, e a tal tempo investiu os inimigos, que, sem lograr de se defenderem, os poz a todos em fugida? Pois se antes não temeu a batalha, sendo tão arriscada; como agora teme, depois de a vencer, e tão venturosamente? D'antes podia temer os inimigos por muitos e victoriosos; mas agora depois de desbaratados e vencidos a quem teme, ou de quem se teme? Teme-se da sua propria victoria. Por isso Deus, que, para vencer a batalha, lhe não deu a espada; para conservar e defender a victoria, lhe promette o escudo: *Ego scutum tuum.*

Vêde quanta razão e quantas razões tinha Abrahão para temer e se temer da sua victoria: *Noli timere.* Considerava Abrahão que elle era um, e os reis que vencêra quatro: e na comparação de um a muitos, que coração haverá tão agigantado, que com

[1] *Gen.*, XV, 1.

os pés na campanha não tema? O Gigante Golias coberto de ferro, e maior na sua soberba, que na sua estatura, nunca se atreveu em quarenta dias a desafiar mais que a um: *Ad singulare certamen.* [1] De Hercules, cujas forças e façanhas é mais certo que foram fabulosas, do que verdadeiras, é comtudo verdadeiro o proverbio que: *Nec Hercules contra duos.* E posto que as de Judas Macchabeu, canonisadas na Escriptura Sagrada, não admittem duvida, tambem a não ha, de que na ultima batalha, que teve quasi vencida, acabou sem remedio, nem resistencia, não vencido no valor, mas opprimido da multidão. Considerava mais Abrahão, que o poder menor competindo com o grandemente maior, ainda quando vence, sempre fica desegual: e é tal a differença nesta desproporção defensiva, que o maior, ainda perdendo muitas batalhas, facilmente se conserva na sua mesma grandeza; e o menor, tendo necessidade de muitas victorias para se conservar, bastará perder só uma para se perder. Finalmente, temia Abrahão a sua victoria; porque não olhava para ella só, senão juntamente para a dos mesmos inimigos, a quem vencêra. E se elles (dizia comsigo) não lograram a sua victoria quatro horas inteiras; que segurança posso eu ter de me sustentar sempre na minha? Por ventura pregou ella algum cravo na roda da fortuna, para que não dê aquellas voltas que continuamente está dando o mundo, sem jámais parar?

O' como pudéra o mesmo Abrahão confirmar este seu temor depois da victoria dos quatro reis, com o exemplo de outros quatro do Egypto, onde já no tempo de Abrahão se começavam a coroar os homens! Sesostris, rei do Egypto, depois de vencer outros quatro reis visinhos, se desvaneceu a tanta soberba, que em logar de outros tantos cavallos, mandou que os quatro reis vencidos tirassem pela sua carroça. Assim se fez. Em um dia porém de grande celebridade, advertiu que um dos reis vencidos de tal maneira caminhava ao compasso dos outros, que o rosto e os olhos sempre os levava voltados, e postos no rodar da mesma carroça. E como Sesostris lhe perguntasse, com que pensamento o fazia; respondeu: *In-*

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XVII, 10.

tueor volumen hoc assiduum rotæ, in qua vicissim ima summa, et summa ima fiunt: Levo sempre postos os olhos nesta roda; porque vejo nella, que assim como esta parte que agora está em baixo, esteve já em cima; assim a que está em cima, com meia volta só torna a estar em baixo. Entendeu o mysterio o rei victorioso e soberbo, e mandou logo tirar do jugo aos vencidos. As victorias proprias, vistas sem os olhos na roda, ensoberbecem; com os olhos nella, humilham. Com os olhos na roda, aos vencidos causam esperança, e aos vencedores temor. Por isso Abrahão temia a sua victoria, e todos os grandes Capitães temeram sempre as suas.

Ouvi isto mesmo admiravelmente discursado por Seneca, o poeta, e com a mesma propriedade representado por El-rei Agamenon, rei e general do exercito grego, depois de abrazada Troya: *Stat aviâus ùâ victor, et lentum Ilium metitur oculis:* Olhava para Troya vencida o vencedor Agamenon; e porque a não podia vêr toda de uma vez, lentamente, e pouco a pouco ia medindo com os olhos sua grandeza. A primeira coisa que deve fazer o prudente vencedor, é tomar bem as medidas ao paiz vencido: *Et lentum Ilium metitur oculis.* E que se seguirá d'aqui.? O que aconteceu a Agamenon: *Victamque quamvis videat, haud credit sibi potuisse vinci:* e ainda que Agamenon estava vendo vencida a Troya, não acabava de crêr, nem de se persuadir a si mesmo, que elle á tivesse vencido. Não se podia louvar mais, nem encarecer melhor a grandeza da victoria. Na opinião invencivel, aos olhos vencida. E passando da terra á corôa, da metropole ao rei, e de Troya a Priamo, a conclusão do juizo de Agamenon foi esta: *Tu me superbum, Priame, tu timidum facis:* Tu, ó Priamo, me fazes soberbo, e tu me fazes timido. Quando vejo que venci um tão grande rei como Priamo, monarcha e senhor de toda a Asia, veem-me pensamentos de soberba: *Tu me superbum, Priame.* Mas quando no mesmo Priamo me vejo a mim, como em espelho, e quando considero e reconheço que assim como eu o venci a elle, outro me póde vencer a mim; e dando volta a fortuna, como hoje me vejo vencedor, ámanhã me posso vêr vencido, todos os ardores da soberba se me convertem em frios de temor: *Tu me superbum, tu timidum facis.*

Este foi o juizo de Abrahão em temer a sua victoria: e este o de Agamenon em temer a sua: e o meu no nosso caso qual será? Porque não me persuado a temer, nem quero persuadir temores, e por outra parte quizera prometter segurança ás nossas victorias, sujeitas todas aos revezes da roda da fortuna: só no escudo que Deus prometteu a Abrahão, que é circulo permanente, as acho. Escreve Plinio, que em Roma no portico de Pompeu se via com admiração a pintura de um soldado sem mais armas que um escudo, obra de Peligroto, famoso naquella arte: e o que nella se admirava era estar pintado o soldado em tal acção no meio de uma escada, que ninguem podia divisar se subia, ou descia: *Hujus (Pelignoti) est tabula in porticu Pompei, in quâ dubitatur ascendentem cum clypeo pinxerit, an descendentem.* Toda a escada, senhores meus, ainda que em differente figura, é tambem roda: porque pelos mesmos degráus se póde subir ou descer. No meio desta escada vejo aos nossos soldados armados tambem de escudo á defensiva, qual é a nossa guerra: e posto que na presente victoria parece que estão em acção de subir, como egualmente é sem questão, que podem descer, nesta duvida ou contingencia, não lhes posso affirmar coisa certa. E' verdade que estou vendo muitos arcos triumphaes levantados; mas estes, ainda que não tiveram as bases na terra, não podem segurar firmeza ao que significam. Nos iris, ou arcos celestes, não só observaram os mathematicos, mas experimentaram os rusticos, que quando o sol sobe, os arcos descem, e quando o sol desce, os arcos sobem. E se nas voltas que dá o sol ao mundo, se vê esta differença naquelles espelhos; se quando os arcos se abatem, é signal que sobe o sol ao Zenith, e quando os arcos cerscem e se levantam, é signal que o mesmo principe dos planetas desce ao occaso; que juizo se póde formar do apparente destes triumfaes meteoros, para segurar o augmento das monarchias, ou sua declinação? A que hoje parece que sobe, ámanhã póde descer, e a que hoje desce, ámanhã póde subir; e só no escudo, que embraça o braço de Deus (e é circulo, como dizia, permanente), se póde segurar o prudente temor, para que não diga: *Ne fortè*,

VI

Temos satisfeito neste primeiro discurso ao Evangelho, ao thema, ao tempo e caso presente, e ao *ne fortè* das Virgens prudentes. Agora vejamos como a Virgem prudentissima, que nos deu a roda, com o exemplo e successos gloriosos das suas victorias nos ensina o que devemos desprezar, temer, ou assegurar em todas as voltas, que á da fortuna, e á do proprio alvedrio póde dar o mundo.

Primeiramente, assim como é prudencia nas coisas duvidosas e contingentes dizer: *Ne fortè;* assim nas certas, e que não podem ter duvida, dizer: *Ne fortè;* é a maior imprudencia. A mais imprudente mulher (tambem virgem) que houve no mundo, foi a destruidora delle, Eva. E porque? Porque sobre a verdade mais certa, e a certeza mais infallivel, da qual se não podia duvidar, disse: *Ne fortè.* Tinha Deus notificado a Adão, e nelle a Eva, que no dia em que comessem da arvore vedada, ficariam sujeitos á morte. E sendo as palavras expressas do preceito, *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris.* Eva respondendo á pergunta do demonio, e referindo o mesmo preceito, accrescentou-lhe um *ne fortè: præcepit nobis Deus, ne comederemus, et ne tangeremus illud, ne fortè moriamur.* E que se seguiu deste *ne fortè* da Virgem nescia do Paraiso? Seguiu-se o erro que emendou o *ne fortè* das Virgens prudentes do Evangelho. O *ne fortè* da nescia poz duvida, onde não podia haver duvida: o *ne fortè* das prudentes não admittiu duvida, onde podia haver muitas.

Podiam duvidar, sendo companheiras, como eram, se seria contra as leis da verdadeira e fiel companhia não ser commum de todas, o que era particular de algumas. Podiam duvidar, sendo amigas, se era obrigação em tal aperto offerecerem-lhes ellas o oleo, ainda que o não pedissem, quanto mais não lh'o negar, tendo-o pedido. Podiam duvidar, se nas circumstancias de um caso tão preciso, era licito descomporem o acompanhamento, e desfazerem o apparato das bodas, para o qual foram escolhidas em tal numero, e para tantas parelhas. Podiam duvidar, se sentiriam, como era razão, o desar daquella falta o

Esposo e Esposa, que eram os senhores a quem serviam, e de cujo agrado e favor dependia o seu bem, e toda a sua esperança. Podiam duvidar, em fim, se era contra o primor, contra a cortezia, contra a nobreza, contra o credito e reputação, e contra todos os outros respeitos e pontos de honra, que tão escrupulosamente observam nas acções publicas os que as fazem nos olhos do mundo, e sujeitas aos seus juizos. Pois se em dar ou não dar aquelle soccorro havia tantas duvidas, como se resolveram as prudentes a o negar, principalmente sendo muito pouco o que haviam de dispender, sabendo que o Esposo já vinha: *Ecce sponsus venit?* [1]

A razão deste tão bem fundado reparo, é muito mal praticada nas côrtes, e por isso necessario que a nossa, com quem fallo, a oiça. O que importava á prevenção das Virgens prudentes, e o que dependia de ella bastar, ou não bastar para todas, não era menos infallivelmente que o entrar ás bodas, ou não entrar; o ganhar o céu, ou perdel-o; o salvar, ou não salvar: e em materia de salvação não se ha de admittir duvida, nem contingencia, por menor ou minima que seja. Todos os pontos do primor, do credito, da reputação, e honra humana, em chegando a este ponto, são nada. Todas as obrigações e finezas da amizade e do amôr, ainda que seja o que mais cega, que é o dos paes para com os filhos, a qualquer sombra deste perigo se devem converter em odio; este só respeito ha de vencer todos os respeitos, esta só dependencia todas as dependencias, este só interesse todos os interesses. Cuide o mundo, murmure a vaidade, diga a fama o que quizer; arrisque-se em fim tudo o que se póde arriscar, perca-se tudo o que se póde perder, com tanto que se não arrisque, ou ponha em duvida a salvação.

Tão sizudo, e tão forte como isto foi o *ne fortè* das Virgens prudentes. Mas por isso mesmo não só parece deshumano, senão contrario a toda a razão, e proximidade. Se tanto reparo, e tanto escrupulo fazeis neste ponto, por ser da salvação; porque não reparaes na de vossas companheiras? Não vêdes, que seguindo o vosso conselho, vão arriscadas a se

[1] *Math.* XXV, 6.

lhes fecharem as portas do céu, e o perderem, e se perderem para sempre? Assim o viam como sabias, e o sentiam como amigas. Mas esta é a obrigação precisa e indispensavel, e este o privilegio soberanissimo da salvação propria. Se a duvida ou risco da minha salvação, em qualquer caso se encontra com a alheia, seja a alheia de quem fôr, e de quantos fôr: sou obrigado a tratar tão amicamente da minha salvação, que me salve eu, ainda que se perca todo o mundo. Não é menos divino este tremendo documento, que da bocca da mesma Verdade: *Qui prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur?* [1] Que lhe aproveita a um homem (diz o Salvador dos homens) salvar elle, ou que por seu meio se salvem todas as almas do mundo, se elle perder a sua? Aqui não ha senão dar um ponto na bocca. E este foi o fecho com que as prudentes acabaram de concluir, não a desculpa, senão a obrigação que tiveram de não acudir á salvação das companheiras, pois era com duvida e risco da propria: *Ne forte non sufficiat nobis, et vobis.* [2]

VII

Em confirmação desta notavel verdade, que é bem saibam todos, para que nos fiemos das diligencias proprias, e não de dependencias alheias; seguiu-se o alegre e triste fim da historia do Evangelho. As prudentes entraram ás bodas, as portas do céu tornaram a se fechar, e posto que as nescias vieram e bateram, ficaram de fóra. Cuidava eu que as Virgens prudentes vendo-se já dentro no céu, sem duvida, nem perigo da salvação propria, ao menos se lembrassem de interceder pelas companheiras; mas este foi o segundo e novo desengano, para que cada um se fie só de si. Lá vão chorando as tristes e miseraveis nescias, que nem na terra tiveram remedio, nem no céu o acharam. E que effeitos causaria esta lastimosa vista no coração, no zelo, e no valor de Ca-

[1] *Math.*, XVI, 26.
[2] *Ibid.*, XXV, 6.

tharina? Com assombro dos outros Santos, dos Anjos, e do mesmo Evangelho, resolve-se a fazer abrir outra vez as portas do céu, já fechadas, e que entrem tambem as nescias.

Já vejo que reparam os Doutos na proposição; mas notem o solido fundamento della. As nescias do Evangelho são aquellas, cujas alampadas se apagaram por falta de oleo, e por esta falta não entraram ás bodas. E estas nescias, que sómente o são em parabola e similhança, em realidade e verdade, significam aquellas almas a quem falta o lume da fé e o oleo da caridade, sem o qual, ainda que haja fé, é fé morta, e o lume da mesma fé apagado, sendo que só com elle ardente, e ella viva, se póde entrar no céu. Taes eram, e pela maior parte idolatras os que habitavam a grande cidade de Alexandria, patria da nossa Santa, onde então residia o imperador Maximino, o maior inimigo de Christo, e o mais cruel tyranno e perseguidor dos Christãos. Estava alli Catharina cheia de fé entre infieis, estava cheia de sabedoria entre ignorantes, estava cheia de luz entre cegos, estava cheia de piedade entre tyrannos. E que fariam dentro daquelle generoso coração, e como rebentando nelle todas estas heroicas virtudes, e cada uma dellas? A fé o incitava a converter a infidelidade, a sabedoria a ensinar a ignorancia, a luz a allumiar a cegueira, a piedade a abrandar e amansar a tyrannia; e sobre tudo o abrazava a vista da perdição de tantas almas. Se Catharina fôra uma das dez Virgens, com duvida e contingencia da salvação, diria com as prudentes da parabola: *Ne fortè:* mas como depois de o mesmo Christo lhe dar o annel de Esposo, ella era a Esposa, que não podia deixar de entrar ás bodas: *Exierunt obviam sponso, et sponsæ;* [1] por isso em logar de dizer: *Ne fortè;* (notae muito) em logar de dizer: *Ne fortè:* disse: *Si fortè.*

Si fortè, disse com novidade inaudita em logar de *ne fortè*, e é bem que reparemos muito na differença destes dois adverbios: porque em tão pequena mudança de lettras teem a significação totalmente

[1] *Math.*, XXV, 1.

contraria. O *ne fortè*, significa, *para que não*, como já vimos; o *si fortè*, quer dizer, *se por ventura:* o *ne fortè*, é adverbio seguro e frio; o *si fortè*, animoso e ardente: o *ne fortè*, fecha as portas ao temor: o *si fortè*, abre-as á esperança: o *ne fortè*, é freio para a cautela; o *si fortè*, é espora para a ousadia: o *ne fortè*, diz: Não te arrisques; o *si fortè*, diz: Aventurate: finalmente, o *ne fortè*, tem por effeito evitar o mal, que suspeita; e o *si fortè*, tem por objecto emprehender e conseguir o bem, a que aspira. Mas este bem não ha de ser qualquer bem ordinario e vulgar, senão grande, senão arduo, senão heroico, e que tenha mais gráus de difficultoso, que de possivel. Para prova do *ne fortè*, basta o das Virgens do Evangelho, que deixamos tão debatido. Para declaração e exemplo do *si fortè*, temos dois famosos no Testamento Velho, e tão medonhos, como atrevidos.

Tendo os Philisteus com innumeravel exercito posto em tal aperto os filhos de Israël, que para guarecerem as vidas, se escondiam pelas covas e grutas dos montes, veiu ao pensamento de Jonathas, filho d'El-rei Saül, que se elle rompesse as sentinellas na hora mais secreta do somno, o desaccordo do mesmo somno, e a escuridades da noite, podia pôr os inimigos em tal confusão, que sentindo-se ferir e matar, sem saber por quem, elles mesmos voltassem as armas uns contra os outros, e se desbaratassem e fugissem. Assim o imaginou aquelle principe, assim o executou, e assim succedeu, sendo os auctores desta prodigiosa façanha o mesmo Jonathas, e o seu pagem da lança sómente. Mas com que motivo racional em caso tão difficultoso? Sem outro motivo ou impulso mais, que a ousadia de um animoso *si fortè*. Assim o disse o mesmo Jonathas, quando acommetteu a empreza, deixando-a toda a Deus, e á ventura: *Veni, transeamus ad stationem incircumcisorum horum, si fortè faciat Dominus pro nobis.* [1] O segundo exemplo ainda foi maior, se póde ser; porque não teve parte nelle o soccorro da noite. Quando Josuë repartia as conquistas da Terra de Promissão, pediu-lhe seu antigo companheiro Caleb um sitio chamado o Monte dos Gigantes, em que elles se mantinham inexpugnavel-

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XIV, 6.

mente fortificados: *Da mi montem istum, in quo Enacim (idest Gigantes) sunt, et urbes magnæ, atque munitæ.* [1] Mas se os homens de ordinaria estatura em comparação dos gigantes são pygmeus, e os muros que defendiam as suas cidades, eram tão agigantados como elles: com que confiança Caleb, que contava oitenta annos de edade, se atreve a tão desegual e difficultosa conquista? Com a mesma confiança e impulsos de um intrepido e valoroso *si fortè: Si fortè sit Dominus mecum, et potuero delere eos.* [2]

Tal era o fortissimo *si fortè*, de que estava armada a nossa valorosissima aventureira para assaltar outro monte mais alto, e conquistar outras muralhas mais impenetraveis, e abrir as portas do céu ás nescias da sua patria, tanto mais nescias e ignorantes, que não sabiam chorar, nem ainda conhecer a miseravel cegueira que as tinha fóra delle então, e para sempre. Sendo tão grande a difficuldade da empreza, ainda a difficultou com outra maior, naquella mesma occasião a tyrannia do imperador Maximino. Lançou bando, que todos os subditos do seu imperio, agradecidos ás mercês com que os deuses immortaes o favoreciam, lhe viessem offerecer sacrificio publico, sob pena da vida, e da sua indignação aos que assim o não desobedecessem. A indignação do tyranno, significava os exquisitos tormentos, com que a morte por si só terrivel, se fazia muito mais formidavel. E aqui se viu Catharina mettida entre dois extremos os mais repugnantes á natureza, e ainda á mesma graça. De uma parte o céu, da outra o inferno: de uma parte a morte temporal propria, da outra a eterna alheia: de uma parte a perdição, da outra a salvação de tantas almas. Mas naquelle sublime espirito não foram necessarios muitos discursos para a mais heroica deliberação. A morte (diz Catharina) é certa, a salvação duvidosa: mas a morte é minha, a salvação é dos proximos: aventure-se pois Catharina a conseguir a salvação alheia, e perca embora de contado a vida propria.

Em toda a Escriptura Sagrada ha só uma deliberação que tenha alguma similhança com esta. Ti-

---

[1] *Josuë.* XIV. 12.
[2] *Ibid.*

nha passado El-rei Assuero um decreto, por industria e vingança de seu grande privado Aman, para que em certo dia assignalado, nas cento e vinte e sete provincias sujeitas a seu imperio morressem todos os hebreus que nellas se achavam. Teve esta noticia Esther, que tambem era hebrea, resolve-se a procurar a salvação do seu povo; porém querendo fallar ao rei, soube que havia outro novo e segundo decreto seu, em que prohibia, que nenhum homem, nem mulher pudesse entrar á sua presença sob pena de perder no mesmo instante a vida: *Quòd sive vir, sive mulier, non vocatus, interius atrium regis intraverit, absque ulla cunctatione interficiatur.* [1] Tudo eram traças do mesmo Aman, para que a execução da morte universal dos hebreus se não pudesse revogar. E aqui temos a Esther mettida entre as duas pontas de um fatal dilemma, por ambas as partes mortal. Se não entra ao rei, executa-se o primeiro decreto, e morre o povo: se se atreve a entrar, executa-se o segundo, e morre Esther. Que faria pois a generosa heroina, vendo-se expressamente comprehendida nas palavras do decreto: *Sive vir, sive mulier?* Execute-se embora (diz) a morte em mim, com tanto que nesse mesmo risco me aventure eu a conseguir a salvação do meu povo. Isto disse a famosa resolução de Esther, e nisto parece que se egualou o seu *si fortè*, com o *si fortè* de Catharina. Mas não consinto eu tal egualdade; nem foi assim: porque? Porque no mesmo decreto se accrescentava esta condição: *Nisi fortè rex auream virgam ad eum tetenderit pro signo clementiæ:* [2] Excepto sómente o caso em que o rei estenda o sceptro de oiro sobre quem entrar, em signal de clemencia. De sorte que o *si fortè* de Esther tinha por si o *nisi fortè* de Assuero; porém o de Catharina era *si fortè* sem *nisi fortè*. Aquelle tinha por si a condicional do rei, este tinha contra si a condição do tyranno: aquelle tinha por si a clemencia, este a crueldade inexoravel; aquelle o sceptro de oiro, este não o sceptro, senão a espada; não o oiro, senão o ferro, tantas vezes tinto no sangue christão, e insaciavel delle. Em summa, que o bando era

[1] *Esth.*, IV, 11.
[2] *Ibid.*

absoluto, e sem excepção; a morte certa, e sem duvida; os tormentos exquisitos, e eguaes á sevicia e crueldade do tyranno: e a tudo isto se offereceu uma donzella, que ainda não tinha edade para se chamar mulher, com a esperança incerta, duvidosa, e sómente possivel, da salvação alheia, á ventura e contingencia de se poder ou não poder conseguir: *Si fortè.*

VIII

Mas porque é mais facil o desejar, que o fazer, e menos difficil o resolver, que o executar; passemos do pensamento ás mãos, e vejamos como a nossa conquistadora do céu e das almas, entra e se empenha bizarra nas suas aventuras. O primeiro tiro que fez foi á cabeça. Presenta-se ao imperador, armada da sua eloquencia, e acompanhada só de si mesma. Estranha-lhe a publicidade do bando, o terror das ameaças, o sacrilegio dos sacrificios, a falsidade dos deuses com nome de immortaes, sendo páus e pedras: e sobre este exordio passou á doutrina da verdadeira fé. Pasma Maximino de tal audacia e atrevimento na fraqueza daquelle sexo e edade, e cumprindo-se no impio idolatra a discreta maldição de David, que sejam similhantes aos idolos os que os adoram: *Similes illis fiant, qui faciunt ea:* [1] elle ficou mais idolo, que idolatra. Os idolos teem olhos, e não vêem; elle ficou cego: os idolos teem ouvidos, e não ouvem; elle ficou surdo: os idolos teem lingua, e não fallam; elle ficou mudo; cego á luz, surdo á voz, mudo á força da razão, a que não podia resistir, nem queria ceder.

Não ha cabeças mais duras de penetrar e converter, que as coroadas: e se o rei, ou tyranno, por dentro é máu e vicioso, e por fóra hypocrita, estas apparencias de religião, com que se justificam, os endurecem e obstinam mais. Taes hão de ser as artes do Anti-Christo na falsa introducção da sua divindade: e taes eram em Maximino, sem artificio, o zelo e veneração da que cria nos seus deuses, e negava

[1] *Psalm.* CXIII, 8.

e blasphemava em Christo. Com tão pouca esperança de vencer, começou a primeira aventura de Catharina, o que elle não estranhou, porque na empreza do seu heroico *si fortè*, sempre levou os olhos postos nas duas faces da contingencia, uma alegre, outra triste; uma prospera, outra adversa; uma vencedora, outra não. Comtudo, depois que o imperador fallou e ouviu, se não alcançou delle a inteira victoria, conseguiu parte della. E qual foi? porque nem o mesmo imperador o entendeu. Foi que se o não fez catholico da nossa fé, fel-o herege da sua. Alcançou delle modesta e sabiamente a Santa, que entre ella e seus philosophos se disputasse publicamente a questão da verdadeira ou falsa divindade dos deuses. E aqui fraqueou a astucia do imperador, e se viu a subtileza de Catharina; porque o que se põe em questão e disputa, egualmente se põe em duvida; e quem duvida da sua fé, qualquer que seja, já é herege della.»

Appareceram emfim os philosophos em uma salla, que era o theatro da famosa disputa, não menos em numero que cincoenta, e tão varios cada um nos trajos, e no mesmo aspecto, como nas seitas. Não se viam alli armas, posto que todas as universidades tinham destinado áquella campanha os seus Achilles. Affrontaram-se elles de haver de contender em lettras com uma mulher, não desmaiando porém ella de vencer a tantos homens de tanta fama e tanta presumpção, que todos se estimavam banhados na lagoa Estygia. Assim tinha cada um por invulneravel a sua seita, e inexpugnavel ás outras. Para abreviar pois o conflicto, e não ter suspensa a expectação dos circumstantes, todos se compromelteram na sabedoria de um, o mais velho e veneravel, de mais celebrada opinião. Fallou este, e com egual arrogancia e eloquencia ostentou por largo espaço quanto sabia. Mas Catharina, sem desprezar a pompa das palavras, nem temer o estrondo dos argumentos, com modestas e vivas razões desfez, e desbaratou tudo com tal evidencia, que o philosopho compromissario do duello, attonito e pasmado, se rendeu, e convencido se lançou a seus pés. Os demais, já convencidos nelle, com o mesmo assombro do que ouviram e ignoravam, não só reconheceram inteiramente a verdade, mas não podendo reprimir com o silencio os impulsos della, sem pejo do imperador presente, e

de toda a Alexandria e com affronta de todas as escolas da Grecia, confessaram publicamente a falsidade dos deuses e a unica divindade do Crucificado Jesus Christo.

Esta publica confissão foi o maior triumpho da victoria de Catharina, maior contra Democritos e Diogenes sem espada, que se fôra contra Scipiões armados. As batalhas mais invenciveis são as do entendimento; porque onde as feridas não tiram sangue, nem a fraqueza se vê pela côr, nenhum sabio se confessa vencido. Diz S. Paulo que a sciencia incha: *Scientia inflat*, [1] E não só é difficil, sem graça, muito singular sciencia sem inchação, mas sempre a inchação é maior que a sciencia. A maior sciencia, e o maior entendimento, que Deus creou entre homens e Anjos, foi o de Lucifer; mas ainda foi maior a sua inchação e soberba: *Similis ero Altissimo*. [2] Contra esta rebellião se deu no céu aquella grande batalha de entendimentos: *Factum est prælium magnum in cælo*. [3] Sahiu vencedor Miguel, ficou vencido Lucifer: mas de que modo vencido? Com tal inchação e soberba do seu saber, e tão namorado do mesmo entendimento que o cegou, que antes quiz cahir do céu, que descer-se da sua opinião. Ha mais de seis mil annos, que arde no inferno Lucifer, e ha de arder por toda a eternidade, só por não admittir um instante, em que confesse que errou.

A' vista desta desventura do céu, triumphe mais, ó Catharina, o *si fortè* das vossas aventuras. Maiores circumstancias teve esta victoria vossa, que a do capitão general de Deus na batalha do Empyreo. A sua partiu-se entre o céu e o inferno: a vossa inteiramente toda foi do céu. Na sua ficaram só no céu duas partes das tres Gerarchias, que foram as vencedoras; e a terceira vencida foi precipitada no inferno. Na vossa só foram cincoenta os que vieram á batalha, e todos cincoenta venceram, todos cincoenta vos seguiram, todos cincoenta pisaram o inferno e voaram ao céu, cujas portas vós lhes abristes, e nenhum ficou de fóra. Quando no céu á voz de Mi-

---

[1] *1.ª ad Corinth*, VIII, 1.
[2] *Isai.*, XIV, 14.
[3] *Apoc*, XII, 7.

guel — *Quis sicut Deus* — se partiram os dois exercitos, um victorioso, outro cahido, houve Anjos e Archanjos, houve Principados e Potestades, houve Cherubins e Serafins, houve emfim, em todos os nove córos dos Espiritos celestiaes, muitos que seguiram a seita de Lucifer; porém á voz de Catharina (que tambem foi contra os deuses falsos), quem como o Deus verdadeiro? Sendo tantas e tão varias as seitas dos philosophos, como elles mesmos; nenhum houve (fineza não vista no céu) que não deixasse a propria. Antes se viu naquella uniforme conversão, ou divina metamorphose uma singular maravilha ao entrar e ao sahir do mesmo theatro. E foi, que ao entrar, uns philosophos eram platonicos, outros peripateticos, outros academicos, outros cynicos, outros estoicos, outros pitagoricos, outros epicureos, outros gnosticos e os demais, e ao sahir, pelo nome da nova escóla e da nova mestra, todos eram, e se podiam chamar catharinos. Tão forte, e de um só rosto foi nesta segunda aventura, sem duvida, nem excepção, o seu glorioso *si fortè*.

IX

Affrontado Maxmino pelo seu descredito, e muito mais pela injuria e ignominia dos seus deuses conhecidos por falsos: para se vingar da fraqueza dos philosophos, e do valor da que os venceára, resolveu barbaramente matar a todos, mas não com a mesma morte: os philosophos á espada, Catharina á fome. Mandou-a metter ou sepultar em um carcere subterraneo, escuro e medonho, com comminação e pena capital ás guardas, que ninguem lhe désse de comer. Tudo isto era accrescentar trombetas á fama, e novos applausos á gloria de Catharina. E desejando a mesma imperatriz conhecer e vêr com seus olhos, antes que morresse, uma mulher de tão sublimes espiritos, delibera-se a ir em pessoa, e descer secretamente ao mesmo carcere. Mas reparae, senhora, no que fazeis; porque descer a essa masmorra não póde ser sem o mesmo perigo que o Propheta Daniel no lago dos leões. Os leões de industria estavam famintos, sem a ração ordinaria, para que mais rai-

vosa a sua natural fereza com a fome, no mesmo instante remettessem ao Propheta, e despedaçado o comessem. Sabei, pois, que essa mulher que quereis vèr, com fome não menos que de quasi doze dias, como uma leôa esfaimada, se ha de enviar a vós e comer-vos. Mas antes do successo, para que não pareça fabula ou chimera este dito, vejamos quão certo é.

Estando S. Pedro no porto de Joppe em oração ao meio dia, diz o Evangelista S. Lucas, que teve fome: *Cum esuriret;* [1] e em quanto se lhe punha a meza na casa onde estava hospede, viu descer subitamente do céu outra meza tão abundante de iguarias, como maravilhosa e nova: abundante de iguarias, porque eram todas as aves do ar e animaes da terra; e maravilhosa e nova, porque não vinham mortas ou guizadas, senão vivas. Vivas? E como as ha de comer Pedro? Uma voz do céu lh'o disse: *Surge, Petre, occide, et manduca.* [2] Eia, Pedro, mata e come. Nestas duas palavras lhe descobria Deus o mysterio da visão, com similhança e propriedade verdadeiramente divina. O animal, quando o mata o homem, deixa de ser o que é, e quando o come, converte-se no que não é: morto, deixa de ser bruto; comido, passa a ser homem. Da mesma maneira aquelles animaes de todos os generos, significavam os gentios de todas as nações, de todas as seitas e de todos os estados. E como Pedro era a cabeça da Igreja e da Christandade, aquella voz, *Occide et manduca*, foi o mesmo (declara S. Jeronymo) que dizer-lhe o céu a Pedro: *In corpus Ecclesiæ, et tua membra ea converte:* que matando-os e comendo-os, os incorporasse na Igreja, e fizesse membros seus. De sorte, que assim como o animal, matando o homem, deixa de ser bruto, e comendo-o se converte em homem, assim o gentio, por meio da doutrina evangelica, que tem a efficacia de matar e comer, morto deixa de ser gentio, e comido se converte em christão e membro da Igreja. Esta era a fome de Pedro, a quem o mesmo S. Jeronymo compara neste passo ao leão, que só come o que mata; e esta a fome da Catha-

[1] *Act.*, x, 10.
[2] *Ibid.*, 13.

rina, a quem eu comparei á leôa esfaimada, como quem tanta fome tinha da salvação das almas, e que por isso era certo que a imperatriz não escaparia de ser comida. E assim foi.

Desceu a imperatriz ao carcere, imaginando que veria em Catharina a imagem da mesma fome, pallida, macilenta, secca e consumida; porém a Santa estava tão viva, e tão a mesma nas forças, no vigor, na côr e na formosura, como quando alli entrára. Mais desejo creio lhe viria então á imperatriz de a comer a ella, que medo de que ella a comesse. Assim diziam os que amavam muito a Job: *Quis det de carnibus ejus ut saturemur?* [1] Affeiçoada com este primeiro milagre, e ouvindo a celestial eloquencia de Catharina, cada palavra sua lhe levava á imperatriz um boccado do coração, e de tal modo se deixou comer toda, que já não era gentia, nem imperatriz, senão christã e escrava de Christo.

Succedeu aqui a mutua transubstanciação, que o mesmo Christo affirma dos que comem seu corpo: *In me manet et ego in illo.* [2] A imperatriz por fé transubstanciada em Catharina, e Catharina por doutrina transubstanciada na imperatriz. Por isso a mesma imperatriz teve resolução e constancia para d'alli se ir apresentar a Maximino, declarando-lhe que era christã, e exhortando-o a que o fosse tambem. O' como se pudéra então gloriar Catharina no seu carcere, que, se d'antes lhe não pôde conquistar toda a alma ao imperador, agora lhe tinha conquistado ametade! Mas elle porque todo o amôr que devia a esta natural ametade, como esposa, era muito menor que o odio que tinha a Christo; como máu marido, a privou logo do thalamo; como máu imperador, da corôa; e como pessimo e crudelissimo tyranno, da vida. Morreu a imperatriz, trocou a sua corôa pela de martyr, abriram-se-lhe de par em par, como a tão grande princeza, as portas do céu, sendo, pouco antes, uma e a maior das nescias. Esta foi a terceira aventura do animosissimo *si fortè*, o qual eu considero tão admirado, como triumphante, reconhecendo por ventura maior a victoria, que a mesma sua esperança.

---

[1] *Job.*, XXXI, 31.
[2] *Joan.*, VI, 57.

Se a fome da salvação das almas não fôra insaciavel em Catharina, já ella se déra por satisfeita com ter ganhado para Christo tantas, tão illustres, e tão alheias de sua fé. Mas como tivesse cercado o seu carcere um corpo da guarda de duzentos soldados romanos, governados por Porfirio, capitão do imperador, as muitas almas deste grande corpo lhe excitaram e animaram o fervoroso espirito, a que tambem emprehendessem sua salvação. Eu confesso que lhe não aconselhára tão duvidosa empreza; porque não pudesse acontecer, que a natural inconstancia do *si fortè*, nunca segura, puzesse a ultima clausula a proezas tão illustres com algum fim menos glorioso. Muito mais difficultoso é haver de vencer soldados, que ter convencido philosophos. Os soldados não se vencem com argumentos de palavras, senão com syllogismos de ferro. Para os mais subtis de entendimento, o capacete lhes defende a cabeça: e para os mais brandos de vontade, a malha e o arnez lhes endurecem o peito. Toda a força que tem o philosopho consiste em a razão, e toda a razão do soldado consiste na força. Só á maior força, só á maior violencia, só ao maior poder, se abatem as bandeiras, e rendem as armas. Alma e salvação são as duas coisas mais precisas, e por isso as que causam maior medo de se perderem; mas para quem tem piedade de uma, e fé da outra: e do soldado diz o proverbio: *Nulla fides pietasque viris, qui castra sequuntur.* Comtudo, nenhuma destas considerações foram parte, para que Catharina desistisse do seu pensamento, maior que todas ellas. S. Paulo dizia que as suas prisões, ainda que o atavam a elle, não atavam nelle a palavra: *Laboro usque ad vincula; sed verbum Dei non est alligatum.* [1] Assim tambem Catharina. Ella estava preza; mas a palavra de Deus nella tão livre, tão efficaz, e tão poderosa, que a todos os soldados que guardavam a sua prisão, fez seus prisioneiros. O menos que elles fariam, era pôr a Santa em sua liberdade; mas ella queria-lhes abrir a elles as portas do céu, e não que elles lhe abrissem a do carcere. Todos se salvaram, todos renunciaram o imperador da terra, todos se fizeram christãos: maravilha que

[1] *2.ª Epist. ad Tim.*, II, 9.

só se póde encarecer, ponderando, que eram soldados e soldados romanos.

Todos os soldados que concorreram na Paixão de Christo, eram da milicia romana, que presidiavam a Judéa. E que fizeram? No Horto os soldados e cabo da escolta de Judas prenderam a Christo, e atado o levaram a Annás: *Cohors ergo, et tribunus comprehenderunt, et ligaverunt eum, et adduxerunt ad Annam.* [1] No Pretorio os soldados da guarda de Pilatos convocaram contra Christo toda a esquadra: *Milites Præsidis congregaverunt ad eum universam cohortem.* [2] No palacio de Herodes os soldados do seu exercito, e o mesmo rei, o desprezaram e affrontaram: *Sprevit illum Herodes cum exercitu suo.* [3] Remettido outra vez a Pilatos, os soldados lhe teceram a corôa de espinhos, lhe vestiram a purpura de escarneo, e puzeram o sceptro de cana na mão, como aquelles que se prezam de ter nas suas as purpuras, os sceptros, e as corôas dos reis: *Et milites plectentes coronam de spinis imposuerunt capiti ejus, etc.* [4] No Calvario os soldados crucificaram a Christo: *Milites ergo cum crucifixissent eum.* [5] Os soldados o blasphemavam com os Principes dos Sacerdotes: *Illudebant autem ei et milites.* [6] Os soldados lhe repartiram os vestidos, e jogaram a tunica, como gente que para ter que jogar, despirá a Christo, e os seus altares: *Et dixerunt, non scindamus eam, sed sortiamur de illa: et milites quidem hæc fecerunt.* [7] Finalmente, depois de morto Christo, o que se atreveu sobre toda a deshumanidade a lhe romper o peito com a lançada, tambem foi um dos soldados: *Unus militum lancea latus ejus aperuit.* [8]

Isto foi o que obraram contra Christo em Jérusalem a impiedade e perfidia dos soldados romanos, e desta infamia os desaffrontaram a elles, e a si os

[1] *Joan.*, XVIII, 12 e 13.
[2] *Math.*, XXVII, 27.
[3] *Luc.*, XXIII, 11.
[4] *Joan.*, XIX, 2.
[5] *Ibid.*, 23.
[6] *Luc.*, XXIII, 36.
[7] *Joan.*, XIX, 24
[8] *Ibid.*, 34.

soldados, tambem romanos, em Constantinopla. Em Jérusalem o crucificaram, em Constantinopla o adoraram: em Jérusalem negaram a Christo, em Constantinopla o confessaram: em Jérusalem lhe derramaram o sangue, em Constantinopla derramaram o seu por elle: em Jérusalem lhe tiraram a vida, e em Constantinopla lhe sacrificaram, não uma, senão duzentas vidas. O maior dia que houve no mundo, foi o da Paixão e morte de Christo; e no dia em que manava das suas veias, e corria por cinco fontes a salvação, de toda a milicia romana se converteu só o Centurião, que disse: *Vere Filius Dei erat iste.* [1] Era capitão de uma companhia de cem soldados, que isso quer dizer, *centurio;* mas de cem soldados nem um só se converteu em tal dia. E honrou o mesmo Christo tão admiravelmente, e quasi incrivelmente, a morte de Catharina, que no dia em que ella morreu, não só se converteu por seu meio Porfirio, capitão de duas centurias; mas sendo duzentos os seus soldados, todos receberam concordemente a doutrina da nossa fé, todos com o mesmo valor se sujeitaram ao martyrio, sem vacillar nos tormentos, todos deixaram escripto com o proprio sangue o testemunho infallivel da sua victoria, todos, emfim, sem faltar um só, se salvaram.

X

Esta foi a famosa historia, parte natural e humana, parte sobrenatural e divina, que sobre o *ne fortè* do Evangelho nos motivou a roda de Santa Catharina. Só nos resta saber qual foi a mesma roda, e que volta deu. Attonito e raivoso Maximino das victorias de Catharina, para se vingar e as vingar nella, determinou inventar um novo genero de martyrio e tormento, em que excedesse os de Nero e Diocleciano, e os de todos os tyrannos seus successores. Mandou pois fabricar a machina de uma roda, armada por toda a circumferencia de dentes, ou pontas de ferro agudas, em fórma de navalhas, as

[1] *Math.*, XXVII, 54.

quaes, movendo-se no mesmo tempo, executassem em qualquer volta o que os braços de muitos algozes não podiam. As primeiras voltas feririam com innumeraveis golpes o corpo da Santa: as que se seguissem, depois que não houvesse nella parte sã, feririam as feridas, como falla S. Cypriano: e as ultimas, quando não restassem já mais que os ossos, os cortariam e desfariam de sorte, que de todo aquelle formoso composto, mais de alabastro, que de carne, nem ficasse a similhança.

O' cegueira humana, grande em todos os homens, e nos tyrannos e perseguidores dos bons, maior e mais rematada, pois não tem olhos para vêr, que onde machinam a ruina alheia, fabricam a sua! Antigamente havia uma invenção, ou artificio de arcos, cujas settas, depois de despedidas, como se tivessem uso de razão, as suas pennas voltavam com dobrada força as pontas, e feriam a quem as atirava. Assim o suppõe David, chamando a este instrumento, *arco pravo: Conversi sunt in arcum pravum.* [1] E assim contesta com elle Oseas, chamando-lhe *arco doloso: Facti sunt quasi arcus dolosus.* [2] Eu não entendo a arte com que isto podia ser, posto que nas historias ecclesiasticas se leiam muitos milagres similhantes: mas tenho para mim, que é justa providencia do governo divino, que as traições e maldades sejam traidoras a seus proprios auctores, e voltando retrogradamente vão buscar a cabeça que as machinou, e lhe deem a devida paga. O mesmo Propheta Rei, tão exercitado em todo o genero de armas, o disse: *Convertetur dolor ejus in caput ejus et in verticem ipsius iniquitas ejus descendet.* [3] Todos sabemos que a machina da roda de S. Catharina, com impulso superior, e movimento contrario, desarmou sobre seus inimigos. E se quando a Santa estava posta em uma roda, Maximino tivesse olhos para vêr que estava em outra, póde ser que se não atrevesse á Santa. Estava Catharina na roda do seu tyranno, que era o imperador: estava o imperador na roda da sua tyrannia, que era a fortuna: e quando

[1] *Psalm.* LXXVII, 57.
[2] *Ose.*, VII, 16.
[3] *Psalm.* VII, 17.

cuidou que a da Santa lhe despedaçasse o corpo, a sua lhe despedaçou o imperio.

E' esta uma observação, que me admiro não fizessem aqui os historiadores na combinação dos tempos. Eu a farei (para que acabemos com a roda da fortuna, como começamos, e é, que no mesmo anno foi martyrisada Santa Catharina, no mesmo anno entrou a imperar Maximino, e no mesmo anno começou a fatal declinação e ruina do Imperio Romano. Imperando Galerio Maximiano em Roma, e conhecendo por muitas experiencias que uma monarchia tão vasta não podia ser bem governada por um só homem (o que já tinha antevisto o mesmo Jelio Cesar, seu fundador, quando lhe definiu certos limites), determinou dividil-a em duas partes e duas cabeças, como com effeito a dividiu em dois imperadores e dois imperios: um chamado occidental, de que continuou a ser cabeça Roma; outro chamado oriental, de que começou a ser cabeça Constantinopla: e foram os dois novos imperadores, do occidente Severo, e do oriente Maximino, ambos tyrannos, mas com os nomes trocados: porque Maximino não só foi severo, senão o extremo da severidade e da sevicia.

Por esta occasião a aguia, insignia das bandeiras romanas que até então tinha uma só cabeça, começou a apparecer com duas, como hoje a vemos, posto que é mais facil copiar o pintado, que restaurar o verdadeiro. E como a divisão em todas as communidades de homens e de corôas é indicio fatal de declinação e ruina, assim o foi no imperio e aguia romana a divisão daquellas duas cabeças. Já o Propheta Daniel o tinha mostrado na mesma divisão, não das cabeças da aguia, senão dos pés da estatua. Na estatua de Nabucodonosor, formada das quatro monarchias, ou imperios, que successivamente haviam de florescer no mundo; a cabeça de oiro significava o imperio dos Assyrios; o peito de prata, o imperio dos Persas; o ventre de bronze, o imperio dos Gregos; e o resto de ferro até os pés, o imperio dos Romanos. E porque bastou que tocasse os mesmos pés uma pedra arrancada do monte sem mãos, para que cahisse toda a estatua, e o mesmo imperio romano, e as outras monarchias, que nelle por successão se continuavam, ficassem convertidos em pó? Porque naquelles dois pés, divididos entre si, e cada

pé dividido em cinco dedos, e cada dedo dividido em ferro e barro, teve o seu ultimo complemento a divisão do imperio romano. E assim como nas duas cabeças da aguia, em que começou a divisão do mesmo imperio, começou a sua declinação; assim na divisão dos dois pés da estatua, em que teve o ultimo complemento a sua divisão, teve tambem o ultimo fim a sua ruina. De sorte (reduzindo a conclusão aos termos da nossa metaphora) que a roda da fortuna do imperio romano, na divisão das duas cabeças da aguia começou a voltar, e na divisão dos dois pés da estatua acabou a volta.

Agora havemos de ouvir a Plutarcho, famoso philosopho grego, que não é dos que convenceu Santa Catharina, porque floresceu muito antes; mas eu o quero convencer a elle, digno de se ouvir neste caso. Excitando Plutarcho, e disputando uma questão sobre a fortuna do imperio Romano, diz assim: *Fortuna Persis et Assyriis desertis, cùm leviter pervolasset Macedoniam et celeriter abjecisset Alexandrum, Ægyptiosque, deinde et Syriam peragrando regna extulisset et sæpè conversa Carthaginenses tulisset, postquam transmisso Tiberi ad Palatium appropinquavit, alas deposuit, talaria exuit, ac infideli et versatili globo misso, Romam intravit mansura.* Quer dizer: A fortuna, depois de deixar os Persas e Assyrios, depois de voar levemente pela Macedonia, e rejeitar Alexandre, e os que no Egypto lhe succederam, depois de andar pela Syria levantando e desfazendo reinos, e se deter, já prospera, já adversa, com os Carthaginezes, passando finalmente o Tibre, chegou ao Capitolio romano, e alli arrancou dos hombros as azas maiores, e descalçou dos pés as menores, alli se despojou e desarmou do globo, ou roda variavel e inconstante, e alli, isto é, em Roma, fez o seu perpetuo assento, para nella perseverar, e morar sempre firme, e sem mudança. Isto é o que disse Plutarcho, e isto o que criam os imperadores romanos, os quaes sobre esta fé fundaram de oiro uma estatua da sua fortuna e a collocaram no mesmo aposento onde elles dormiam, como que pudessem dormir seguros, pois a fortuna lhes guardava o somno: e quando algum imperador morria, passava e era levada a mesma estatua ao successor, mostrando a vaidade e superstição dos que chegavam a alcançar a corôa ro-

mana, que podiam testar da fortuna, como de patrimonio hereditario e proprio. Estava isto escripto nos seus Annaes, como oraculo dos deuses: isto celebravam os seus poetas, os bucolicos com frautas pastoris á sombra das faias; os heroicos com trombetas marciaes em assombro das outras nações: e assim o cantou com elegante mentira o maior de todos, quando disse:

His ego nec metas rerum, nec tempora pono,
Imperium sine fine dedi.

Agora pudéra eu perguntar aos imperadores romanos, ou dormindo, ou accordados, onde está aquella sua fortuna de oiro, ou o oiro daquella fortuna? Foi volta da mesma fortuna, verdadeiramente lastimosa. Quando Alarico sitiou a Roma, viram-se os romanos tão apertados, que houveram de remir a dinheiro o levantar-se o sitio, e então entre o oiro e prata das outras estatuas dos seus deuses, foi tambem batido em moeda o oiro da sua fortuna. Assim dormiam seguros os que se fiavam da fé de uma traidora, e da vigilancia de uma cega.

Mas eu só quero confundir e envergonhar a Plutarcho com as palavras da sua mesma lisonja. Diz que depoz a fortuna ao pé do Capitolio a roda. E quantas vezes a tornou a tomar, e lhe deu taes voltas na Italia, e dentro da mesma Roma, que metteu a que era cabeça do mundo debaixo dos pés de Attila e Totila, inundada de godos e hunos, de suevos e alanos, e de tantos outros barbaros? Diz do mesmo modo, que tambem depoz alli a fortuna as azas. E quantas vezes as tornou á tomar, e voou ás Germanias, ás Gallias, e ás Hespanhas, que Roma imaginava pacificamente sujeitas com os presidios das suas legiões, contra as quaes porém se levantaram então aquellas mesmas nações, como tão altivas e bellicosas, não só restituindo-se cada uma ao que era seu, mas cortando ás aguias Romanas as unhas com que lh'o tinham roubado? Diz mais, que em Roma fez a fortuna o seu assento, para nella morar perpetuamente. E se no interior da mesma Roma recorrermos ás coisas de maior duração, quaes são os marmores; quantos annos, e quantos seculos ha,

que dos mesmos marmores levantados em obeliscos e arcos triumphaes, se vêem só as miseraveis ruinas, ou meio sepultadas já, ou cobertas de hera? Finalmente aquelle imperio sem fim, a que a fortuna não poz metas ou limites alguns, nem á grandeza, nem ao tempo; diga-nos a mesma fortuna onde está, e onde o tem escondido? Busque-se em todo o mundo o imperio romano, e não se achará delle mais que o nome, e este não em Roma, senão muito longe della.

Acabaram-se as guerras, e victorias romanas, não só fechadas, mas quebrados para sempre os ferrolhos das portas de Jano: acabaram-se os Capitolios: acabaram-se os consulados: acabaram-se as dictaduras: acabaram-se para os generaes as ovações e os triumphos: acabaram-se para os capitães famosos as estatuas e inscripções: acabaram-se para os soldados as corôas civicas, moraes e rostratas: acabaram-se emfim com o imperio os mesmos imperadores, e só vivem e reinam, ao revez da roda da fortuna, os que elles quizeram acabar. Acabou Nero: e vivem e reinam Pedro e Paulo: acabou Trajano: e vive e reina Clemente: acabou Marco Aurelio: e vive e reina Polycarpo: acabou Vespasiano: e vive e reina Apollinar: acabou Valeriano: e vive e reina Lourenço: acabou em fim Maximino: e vive e reina Catharina: elle, e os outros imperadores, porque se fiaram falsamente do imperio sem fim: *Imperium sine fine dedi*: e ella com os seus, e com os outros Martyres, porque reinam e hão de reinar por toda a eternidade com Christo, no reino que verdadeiramente não ha de ter fim: *Cujus regni non erit finis.*

XI

Bem acabava aqui o sermão, se nos não faltára uma circumstancia tão essencial de todo o assumpto como é a acção de graças. Não posso deixar de dizer sobre este ponto uma palavra, e será só uma, para emenda da brevidade mal observada, que prometti ao principio. Mas qual parte, ou qual pessoa da nossa historia nos dará este documento? Para maior exemplo do agradecimento, e maior horror da ingratidão, não quero que seja Santa Catharina, nem

os philosophos, ou soldados convertidos, nem a mesma imperatriz, senão de quem menos se podia esperar, o imperador Maximino. Já vimos como o primeiro motivo desta gloriosa tragedia foi o bando e edicto de Maximino, em que, sob pena da vida, mandou que todos os subditos do seu imperio, pelos beneficios com que os deuses o tinham favorecido e prosperado, lhes viessem dar graças e offerecer sacrificios. E que diremos de tal edicto? Em quanto impio, cruel e sacrilego, foi de tyranno, gentio, barbaro, e idolatra; mas em quanto reconhecido a uma mão superior e divina, de quem confessava haver recebido os beneficios, foi de homem racional, prudente e religioso, posto que enganado.

E seria bem que na occasião da victoria presente se contentasse a nossa fé com as demonstrações e applausos exteriores, sem dar muito de coração as devidas graças áquella soberana Magestade, que, sendo Senhor de todas as coisas, tomou por nome particular o de Senhor dos exercitos? *Dominus exercituum:* O' quanto importa em similhantes casos o sermos agradecidos a Deus, e quanto se póde arriscar, se lhe formos ingratos! Quando os filhos de Israël, da outra parte do mar Vermelho, nos despojos do exercito de Pharaõ, que o mesmo mar lançava á ribeira, reconheceram a sua victoria, e a segurança da sua liberdade; o que fez Moysés com todos os homens, e Maria, irmã do mesmo Moysés, com todas as mulheres, foi, repartidos em dois córos, cantar publicamente a Deus os louvores de tamanha victoria, e dar-lhe as devidas graças e glorias, como unico auctor della. Ditosos elles, se assim perseveraram agradecidos! Mas indignos e inimigos da sua propria felicidade (porque pouco depois trocaram o verdadeiro agradecimento na mais impia, mais barbara, e mais cega ingratidão), do mesmo oiro de que tinham despojado o Egypto, fundiram o idolo fatal do bezerro, e esquecidos do que pouco antes tinham visto e confessado, com novas festas e musicas roubaram outra vez a Deus as graças e louvores que lhe tinham dado, atrevendo-se a dizer e apregoar sem nenhum pejo: *Hi sunt dii tui, qui te eduxerunt de terra Ægypti:* [1] Estes são os deuses que te de-

[1] *Exod.* XXII, 4.

ram a victoria, e te libertaram do poder dos Egypcios. E quantos hoje em Portugal (para que nos espantemos mais de nós) estão dando as graças desta victoria cada um ao seu idolo? Uns á sua sciencia militar, outros á sua disposição, outros ao seu conselho, outros ao seu valor, outros aos seus soccorros. e confirmando todos isto com certidões, que, ainda que uma parte não sejam falsas, por outra são blasphemas, pois é verdadeira blasphemia tirar a Deus o que é de Deus. Dizia Job que pelas mercês recebidas de Deus não se beijava a mão a si mesmo: *Si osculatus sum manum meam.* [1] E quem beija as suas mãos, posto que tivessem muita parte na victoria, saiba que as mãos assim beijadas perdem, quando menos, o fructo della, como o perderam os filhos de Israël. Depois daquella victoria podiam chegar em poucos dias á Terra de Promissão, e porque a não attribuiram a Deus, cuja era, de seiscentos mil que sahiram do Egypto, só dois, que foram Josuë e Caleb, conseguiram o fim da jornada; e todos os outros, em espaço de quarenta annos, ficaram sepultados no deserto. Se formos agradecidos a Deus, por esta victoria nos dará outras victorias, e por esta graça outras graças: *Gratiam pro gratia.* E se pelo contrario formos ingratos, não só perderemos a mercê recebida, mas ella, como diz S. Bernardo, nos perderá a nós: *Studete potius gloriam vestram referre ad illum, à quo est, si non vultis eam perdere, aut certè perdi ab ea.* [2]

[1] *Job.*, XXXI, 27.
[2] D. Bern., Epist. 107.

SERMÃO

DE

SANTA CATHARINA*

Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes. [1]

I

A casa que edificou para si a Sabedoria: *Sapientia ædificavit sibi domum*, [2] era aquella parte mais interior e mais sagrada do Templo de Salomão, chamada por outro nome *Sancta Sanctorum*. Levantavam-se no meio della dois grandes Cherubins, cujo nome quer dizer sabios, e são entre todos os córos dos Anjos os mais eminentes na sabedoria. Com as azas cobriam estes Cherubins a Arca do Testamento, e com as mãos sustentavam o Propiciatorio, que eram o thesouro e o assento da Sabedoria Divina. A Arca era o thesouro da Sabedoria Divina em lettras, porque nella estavam encerradas as Taboas da Lei, primeiro escriptas e depois ditadas por Deus; e o Propiciatorio era o assento da mesma Sabedoria em voz, porque nelle era consultado Deus, e respondia vocalmente, que por isso se chamava Oraculo. As paredes de toda a casa em roda estavam ornadas com sete palmas, cujos troncos formavam outras tantas columnas; e os ramos de umas para as outras faziam

* Foi este Sermão prégado á Universidade de Coimbra, em 1663. Commentando este Sermão, diz o padre Honorati, que é muito para notar com particular estudo a novidade e propriedade da divisão e a qualidade dos argumentos tirados dos mais secretos esconderijos do coração humano.

1 *Math.*, XXV.

2 *Prov.*, IX, 1.

naturalmente seis arcos, debaixo dos quaes se viam em pé seis estatuas tambem de Cherubins. Esta era a fórma e o ornato da casa da Sabedoria, edificada por Salomão, porém traçada por Deus; e não se viam em toda ella mais que Cherubins e palmas, em que a mesma Sabedoria, como vencedora de tudo, ostentava seus tropheus e triumphos.

Mas se Deus naquelle tempo se chamava *Dominus exercituum*, e se presava de mandar sobre os exercitos e batalhas, e dar ou tirar as victorias; parece que as estatuas collocadas debaixo de arcos triumphaes de palmas não haviam de ser de Cherubins sabios, senão de capitães famosos. Não pareceria bem debaixo do primeiro acto a estatua de Abrahão com a espada sacrificadora de seu proprio filho, vencendo a quatro reis só com os guardas das suas ovelhas? Não diria bem debaixo do segundo arco a estatua de Moysés com o bastão da vara prodigiosa, afogando no mar Vermelho a Pharaö, e triumphando de todo o Egypto? Não sahiria bem debaixo do terceiro arco a estatua de Josuë com o sol parado, desfazendo o poder e geração dos Gabaonitas sem deixar homem a vida? Não avultaria bem debaixo do quarto arco a estatua de Gedeão com a tocha na mão esquerda, e a trombeta na direita, mettendo em confusão e ruina os exercitos innumeraveis de Madian e Amalech? Não campearia bem debaixo do quinto arco a estatua de Samsão com o leão aos pés, e a queixada do jumento na mão matando a milhares dos Philisteus? Finalmente, não fecharia esta famosa fileira a estatua de David com a funda e a pedra derrubando o Gigante, e cortando-lhe a cabeça com a sua propria espada? Pois se estas seis estatuas famosas ornariam pomposamente a sala do Senhor dos exercitos: porque razão os arcos triumphaes das palmas cobrem antes estatuas de Cherubins sabios, que de capitães valorosos? Porque é certo na estimação de Deus (ainda que alguns homens cuidem o contrario) que as victorias da sabedoria são muito mais gloriosas que as das armas, quanto vai das mãos á cabeça. Por isso quiz o mesmo Deus que lhe edificasse a casa não o pae, senão o filho; não David, o valente, senão Salomão, o sabio.

Supposta esta verdade, que em toda a parte, e muito mais neste emporio das lettras se deve suppor

sem controversia; acommodando-me á profissão e á celebridade do dia, só fallarei de Santa Catharina hoje, em quanto doutora e sabia. Lá diz Ezechiel, que viu uma roda junto a um Cherubim: *Rota una juxta Cherub unum.* [1] E que Cherubim é aquelle que tem a roda ao lado, senão Santa Catharina? Na casa da Sabedoria a cada palma respondia um Cherubim; nesta, que tambem é da sabedoria, veremos um Cherubim com muitas palmas. O assumpto pois do sermão serão as victorias de Catharina, e o titulo a Sabia vencedora. *Ave Maria.*

II

O mais formoso theatro que nunca viu o mundo, a mais grave e ostentosa disputa que nunca ouviram as academias, a mais rara e portentosa victoria, que nunca alcançou da ignorancia douta e presumida a verdadeira sabedoria, é a que hoje teve por defendente um Cherubim em habito de mulher, ou um rosto de mulher com entendimento e azas de Cherubim - Santa Catharina. A aula ou theatro desta famosa representação, foi o palacio imperial: os ouvintes e assistentes o imperador Maximino, o senado de Alexandria, e toda a côrte e nobreza do Oriente: a questão a da verdadeira divindade de um ou de muitos deuses, e a fé e religião que deviam seguir os homens: os defendentes, de uma parte, uma mulher de poucos annos, e da outra cincoenta philosophos escolhidos de todas as seitas e universidades: e a expectação da disputa e successo da controversia, egual nos animos de todos á grandeza de tão inaudito certame. Em primeiro logar propuzeram os philosophos inchados, seus argumentos applaudidos e victoriados de todo o theatro, e só da intrepida defendente recebidos com modesto riso. E depois que todos disseram quanto sabiam em defeza e auctoridade dos deuses mortos e mudos, que elles chamavam immortaes; então fallou Catharina por parte da Divindade Eterna e sem principio, do Creador do céu e da terra, e da humanidade do Verbo tomada em

[1] *Ezech.*, x, 9.

tempo, para remedio do mundo. Fallou Catharina, e foi tal o peso das suas razões, e subtileza do seu engenho, e a eloquencia mais que humana, com que orou e perorou, que não só desfez facilmente os fundamentos ou erros dos enganados philosophos, mas redarguindo e convertendo contra elles seus proprios argumentos, os confundiu e convenceu com tal evidencia, que sem haver entre elles quem se atrevesse a responder ou instar, todos confessaram a uma voz a verdade infallivel da fé e religião christã. E que faria com este successo Maximino imperador, empenhado e cruel? Affrontado de se vêr vencido nos mesmos mestres da sua crença de quem tinha fiado a honra e defeza della, e enfurecido e fóra de si, por vêr publicamente demonstrada e conhecida a falsidade dos vãos e infames deuses a quem attribuia o seu imperio, em logar de seguir a luz e docilidade racional dos mesmos philosophos, com sentença barbara e impia, mandou que ou sacrificassem logo aos idolos, ou morressem todos a fogo. Todos sem duvidar, nem vacillar algum, acceitaram a morte por Christo, não só constantemente, mas com grande alegria e jubilo, e na mesma hora, e do mesmo theatro onde tinham entrado philosophos, sahiram theologos; onde tinham entrado gentios, sahiram christãos, e onde tinham entrado idolatras, sahiram martyres. Oh victoria da fé a mais illustre e ostentosa que antes nem depois celebraram os seculos da christandade! Oh triumpho de Catharina, não com duas palmas, de Virgem e Martyr, mas com cincoenta palmas aos pés de subtil, de angelica, e de invencivel doutora! Digna por esta inaudita façanha de que no mais alto do monte Sinay, depois de ser throno do Supremo Legislador, as mesmas mãos que escreveram as primeiras lettras divinas, levantassem eterno tropheu á memoria das suas.

Esta foi, Senhores, a famosa acção tão propria do dia, como do logar sobre que determino discorrer neste breve espaço: e para ponderar os quilates della nas circumstancias mais particulares e relevantes de tão admiravel victoria, me offereceu o Evangelho as palavras, que propuz: *Quinque autem ex eis erant fatuæ et quinque prudentes.* [1] Eram as Vir-

[1] *Math.*, XXV, 2.

gens que sahiram a receber o Esposo, dez; e destas dez, cinco sabias, e cinco nescias. Sabias e nescias quando sahiram: *Exierunt obviam sponso et sponsæ;* [1] sabias e nescias, quando se detiveram: *Moram autem faciente sponso;* [2] sabias e nescias, quando umas entraram ás bodas, e outras ficaram de fóra: *Et quæ paratæ erant intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua.* [3] O em que agora reparo, é que sendo estas duas parelhas similhantes no sexo, eguaes no numero, e differentes no entendimento — similhantes no sexo, porque todas eram mulheres; eguaes no numero, porque eram cinco e cinco; differentes no entendimento, porque umas eram sabias, outras nescias: nem todas estas nescias, nem parte, nem sequer uma dellas, com a companhia, com o trato, e com a conversação das sabias se emendasse e deixasse de ser nescia. Se todas as nescias aprendessem, e todas as sabias as ensinassem a o ser, não parece demasiada maravilha de mulheres a mulheres, de cinco a cinco, e de sabias a nescias; mas de mulheres a mulher, de cinco a uma, e de sabias a nescia: que nem esta uma e unica se mudasse com a companhia, nem se emendasse com o trato, nem se convertesse com o exemplo! Assim foi, e assim costuma ser; sendo mais digno de admiração, que as nescias não pervertessem a todas as sabias, que todas as sabias não converterem uma nescia.

Passemos agora a Santa Catharina e vejamos estas mesmas parelhas no sexo, no numero e no entendimento, quão diversas foram na sua batalha, e quanto mais admiraveis na sua victoria. Lá o sexo era o mesmo, porque umas e outras eram mulheres; o numero egual, porque umas e outras eram cinco; as armas e a força maior, porque umas eram sabias e outras nescias; porém na batalha de Catharina com os philosophos, ella era uma e elles cincoenta; ella mulher e elles homens; ella sabia e elles sabios, que é muito mais forte e muito mais difficultosa opposição. E que uma mulher, ou menos que mulher (porque apenas chegava a dezoito an-

[1] *Math.*, XXV, 1.
[2] *Ibid.*, 5.
[3] *Ibid.*, 10.

nos) posta em campo contra tantos e taes homens, não só vencesse a um, nem a muitos, senão a todos, e os sujeitasse a defender com a vida a mesma fé que impugnavam: estas digo, que foram as circumstancias da sua victoria, que a fazem sobre toda a imaginação gloriosa. Vamos agora discorrendo e ponderando cada uma por si, e veremos quão singular foi em cada uma e em todas a nossa Sabia vencedora.

III

Começando pela primeira differença, que é de numero a numero, e de uma a muitos: Se a antiguidade ainda fabulosa, assentou por axioma indubitavel que nem Hercules contra dois, que desafio póde haver mais desegual, e que victoria mais gloriosa, que a de um ou de uma (que ainda é menos) contra cincoenta? No desafio do Gigante Philisteu contra os exercitos de Saül, sempre admirei muito a fórma do cartel, com que os irritava ou provocava ao campo: *Elegite ex vobis virum, et descendat ad singulare certamen.* [1] Escolhei de todo o vosso exercito o homem que quizerdes (dizia o Gigante) e sáia commigo a certame singular, isto é, de corpo a corpo, de soldado a soldado, de homem a homem. Assim continuou a blazonar o Philisteu quarenta dias inteiros, e por mais que experimentava que não havia quem se atrevesse a acceitar o desafio, nunca mudou nem accrescentou o cartel. E isto é o que eu admiro. A estatura deste Gigante, como descreve o Texto sagrado, era de seis covados e um palmo: *Altitudinis sex cubitorum, et palmi.* [2] Pois se era tamanho como tres homens, porque não desafiava a sua arrogancia, ou a tres, ou quando menos dois, senão a um só: *Ad singulare certamen?* Porque sabia, como soldado que era, que um homem contra mais que um homem, por mais gigante e por mais valente que seja, não tem partido. Ainda não está ponderado. Sáem as danças a receber a David em triumpho depois da

---

[1] *1.º Livr. dos Reis.* XVII, 8.
[2] *Ibid.*, 4.

victoria; e o que cantavam era: *Percussit David decem millia:* [1] David em matar o Gigante, matou dez mil. Pois um homem que valia por dez mil homens, não se atreve a desafiar mais que a um homem? Não. A arrogancia nos valentes sempre é maior que a valentia; e não ha valentia nem soberba tão agigantada que se atreva a sahir a campo mais que um com um.

Oh que affrontada ficaria a arrogancia de Golias, se neste dia resuscitára á vista do desafio e certame de Catharina! Uma em campo contra cincoenta, e não contra cincoenta homens, senão contra cincoentas gigantes, porque cada um era o maior e o coripheu da sua escola. Como os oppositores eram cincoenta, podéra justamente Catharina dividir o desafio em cincoenta batalhas e o certame em cincoenta disputas, sustentando a verdade que defendia singular e separadamente contra cada um; mas que tivesse confiança para se oppor a todos juntamente, e valor para os impugnar e vencer a todos juntos! Esta foi a maior circumstancia da maravilha. Naquelle famoso desafio dos tres Horacios romanos contra os tres Curiacios albanezes, dois Curiacios mataram dois Horacios, e o terceiro Horacio que ficou, matou aos tres Curiacios; mas como? Vendo-se só lançou a fugir, e os outros apoz elle; alcançou-o o que mais corria, e voltando-se contra este matou-o, e continuou a fugir; alcançou-o o segundo, e tambem o matou: e depois que não ficava mais que o ultimo, então pelejou só por só com elle, e com a sua morte acabou de vingar as dos dois irmãos, e ficou com a inteira victoria. Tito Livio e os outros historiadores romanos celebram muito esta façanha, dizendo que o terceiro Horacio venceu aos tres Coriacios; mas não dizem bem. Venceu por tres vezes a cada um, mas não venceu a todos tres. E' evidente. Porque elle venceu aquelles com quem pelejou, e nunca pelejou com todos tres, nem com dois, senão com um só. Foram tres victorias de um, mas não foi uma victoria de tres. E é tanto assim, que dos tres fugiu, e tambem dos dois, porque nem com tres, nem com dois se atreveu a pelejar, senão só com um. Muito antes

[1] *Ibid.*, XVIII, 7.

deste caso tinha dito Salomão: *Funiculus triplex difficile rumpitur:* [1] que o cordão de tres fios difficultosamente se rompe. E por isso o prudente e valoroso Horacio, aos mesmos tres que juntos se não atreveu a desafiar, desafiou-os, e deste modo rompeu fio a fio o cordão que não podia romper, unido. Mas não assim Catharina. Não dividiu os seus combatentes, nem pelejou com elles um por um, mas com serem não dois, nem tres, senão cincoenta, a todos cincoenta admittiu juntos, e a todos juntos venceu.

E' tão sublime e tão mais que humano este modo de vencer, que até a mesma Omnipotencia se não obra extraordinariamente — divide para vencer, ou vence dividindo. A maior guerra que a soberba humana intentou contra Deus, foi a dos edificadores da torre de Babel. Presumiam de chegar com ella ao céu: *Cujus culmen pertingat ad cœlum.* [2] E chegou a dizer Deus que o haviam de conseguir, se se não acudisse com tempo á temeridade de seus intentos: *Cœperunt hoc facere, nec desistent à cogitationibus suis donec eas opere compleant.* [3] Emfim, acudiu o mesmo Deus em pessoa, e o modo com que desbaratou os intentos daquelles homens, que eram todos os que havia no mundo, foi dividindo-os. Juntos edificavam a torre contra o céu, divididos não houve mais quem continuasse a obra; e o mesmo edificio que começou em torre acabou em confusão, e por isso se chamou Babel.

Assim venceu Deus então; mas não venceu assim Catharina hoje, posto que uma e outra empreza fossem mui similhantes. Os pensamentos com que se uniram os philosophos, tambem eram não de edificar uma torre que chegasse, mas de sustentar outra que já chegava ao céu; porque no céu e em todos os céus punham as falsas divindades que defendiam. Em céu a Jupiter, em outro céu a Saturno, em outro a Mercurio, em outro a Venus, em outro a Marte, em outro a Diana, em outro a Apollo. E que fez Catharina? Deus aos edificadores da torre confundiu-lhes as linguas: *Venite, confundamus linguam eorum;* [4]

[1] *Eccl.*, IV, 12.
[2] *Genes.*, XI, 4.
[3] *Ibid.*, 6.
[4] *Ibid.*, 7.

e Catharina aos philosophos tambem lhes confundiu as linguas, mas por outro modo. Deus confundiu as linguas aos edificadores, mudando-lh'as de modo que se não entendessem; e Catharina confundiu as linguas aos philosophos, atando-lh'as de modo que não podessem fallar, nem tivessem que responder. Uns e outros ficaram confusos, e uns e outros vencidos: mas Deus venceu aos seus oppositores dividindo-os, e Catharina aos seus sem os dividir. Alludindo a este mesmo artificio de Deus, lhe dizia David em similhante caso: *Præcipita Domine, divide linguas eorum, quoniam vidi iniquitatem, et contradictionem in civitate.* [1] Os meus inimigos, Senhor, unidos todos com Absalão já se começam a dividir em Jérusalem, uns seguindo o conselho de Achitofel, outros o de Chuzay: o que agora vos peço, é, que os dividaes de todo e a todos, como fizestes na torre de Babel, porque os que não posso vencer juntos, eu os vencerei divididos. Oh David! Oh Catharina! David imitando aquella victoria de Deus, quer-se tomar com os inimigos divididos para os vencer; e Catharina sem imitação nem exemplo não pede que venham os inimigos um por um, nem divididos, senão juntos, porque não quer vencer a cada um com muitas victorias, senão a todos com uma.

IV

A razão desta difficuldade e differença em vencer os mesmos juntos ou divididos, é porque ainda que a multidão se compõe de unidades, as mesmas unidades que divididas são fracas ou menos fortes, unidas são fortissimas. D'aqui se entenderá aquelle enigma theologico que com ser verdade definida, sempre se explica e declara com novidade, e nunca acaba de se entender. E' certo que só com os auxilios ordinarios ninguem póde vencer todas as tentações em materia leve; e tambem é certo que só com os mesmos auxilios póde todo o homem vencer cada uma dessas mesmas tentações. Pois se cada uma das

[1] *Psalm.* LIV, 10.

tentações em singular, é a que fórma aquella collecção ou multidão de todas, e todas se compõem só de cada uma dellas, sem se lhe accrescentar outra alguma; eu que posso vencer a cada uma, porque não posso vencer a todas? Porque esse é o mysterio e a força da multidão. Os mesmos contrarios, que divididos se podem vencer sem grande difficuldade, todos e juntamente tomados, ou é muito difficultoso, como nos outros casos, ou impossivel, como neste. E notae ou lembrae-vos (como sabeis) que não fallam os Concilios de collecção simultanea senão successiva; para que se veja quanto é sobre os hyperboles da admiração vencer Catharina, e convencer juntamente a todos os cincoenta philosophos, quando fôra victoria mais que admiravel vencer e convencer successivamente a cada um, sendo tantos.

Disse vencer e convencer, e disse pouco, porque bem podera Catharina vencer e convencer todos aquelles philosophos sem os reduzir nem converter: e este foi o ponto mais arduo da victoria, e por isso mais gloriosa. Não houve theatro mais similhante ao de Alexandria, em que estamos, que o outro famosissimo de Memphis, em que o barbaro Pharaö fez o papel de Maximino. Estava Moysés só de uma parte, e da outra todos os Magos do Egypto, presente o rei e a côrte, suspenso elle, e toda ella na expectação do successo. Não refere o mesmo Moysés (que é o auctor da historia) quantos eram os Magos, porque elle foi tão confiado e generoso, que não poz limite ao numero. E posto que S. Paulo só nomeia a dois, Janes e Mambres, [1] tanto importava que fossem dois como duzentos. E esta é outra grande circumstancia e excellencia do numero que Catharina venceu, porque os cincoenta não foram limitados por ella, senão escolhidos pelo imperador, d'onde se segue que tanto montou vencer a cincoenta, como se foram cinco mil. Converteu pois Moysés a sua vara em serpente, e os Magos tambem as suas em outras egualmente ferozes e grandes; e o fim da batalha foi que a serpente de Moysés comeu todas as outras: *Devoravit virgas eorum*. [2] Agora pergunto: e não bastára

[1] *2.ª Epist. ad Thim.*, III, 8.
[2] *Exod.*, VII, 12.

que a serpente de Moysés matára as serpentes dos Magos? Parece que não só bastava senão que deste modo ficaria a superioridade mais conhecida, a victoria mais ostentosa, o theatro mais funesto e temeroso, e o mesmo Pharaõ mais confuso e compungido. Pois porque razão as serpentes dos Egypcios não foram sómente mortas senão comidas? Porque nesta batalha da serpente de Moysés com as dos Egypcios eram significadas as batalhas e victorias que a sabedoria christã havia de alcançar de todas as seitas dos gentios, tão phantasticas, apparentes e falsas como as serpentes dos magos: e nestas batalhas da fé e da religião é maior e mais difficultosa victoria ficarem os contrarios comidos, que sómente mortos. E porque? Porque ficarem sómente mortos, é ficarem vencidos e convencidos, sem força, alento, nem voz para persistir no que defendiam; porém ficarem comidos e incorporados em quem os comeu, é ficarem não só vencidos e convencidos, senão tambem convertidos, assim como o que se come se converte na substancia de quem o come. E' mysterio altissimo, declarado não menos que pelo mesmo Deus a S. Pedro, quando lhe mostrou todos os gentios em figuras de feras e serpentes, e lhe mandou que não só as matasse senão que tambem as comesse, isto é, que as convertesse e incorporasse em si mesmo: *Occide, et manduca.* [1]

Tal foi a victoria de Catharina, que não só venceu e convenceu os philosophos e suas seitas, mas vencidos e convencidos os converteu a todos da falsa crença das mesmas seitas á verdade da fé que pretendiam impugnar, fazendo-os de membros do demonio, membros de Christo, e incorporando-os em si mesma, bem assim como a serpente de Moysés ás serpentes dos Magos. A serpente de Moysés era uma, e Catharina uma: as serpentes dos Magos muitas, e os philosophos muitos; aquellas não só vencidas mas comidas; estes não só vencidos mas convertidos; aquellas todas e estes todos, sem haver um só que persistisse no seu erro. Só houve de caso a caso, e de victoria a victoria, esta notavel differença, que a serpente

[1] Iat. Greg. Chrysostom. et alii PP. Act. x, 13.

de Moysés comeu as serpentes dos Magos uma a uma, e cada uma por si, assim como elles as formaram: *Projecerunt singuli virgas suas, quæ versæ sunt in dracones.* [1] Porém Catharina não venceu e convenceu os philosophos um por um, e cada um por si, em disputa ou batalha particular, senão a todos juntamente e de uma vez. Da serpente de Moysés diz a propriedade do Texto, que devorou e engoliu as serpentes dos Magos, para mostrar que nenhuma teve força para resistir, assim como o que não tem dureza, ou resistencia se engole facilmente. Mas se esta serpente engolira as outras, não cada uma por si, senão todas juntas e de um boccado, não seria muito maior prodigio? Claro está. Pois se isto que não fez a serpente milagrosa de Moysés, fez Catharina sem milagre, convencendo e convertendo a tantos e tão assignalados philosophos, não a cada um particularmente em muitas disputas, senão a todos em uma só: maravilha singular e sem exemplo.

Quatro vezes em diversos tempos entrou em disputa publica á vista de toda a Africa Santo Agostinho. Mas com quantos contendeu? A primeira vez com Fortunato, Manicheu, a segunda com Felix, tambem Manicheu, a terceira com Fortunio, Donatista, a quarta com Emerito, tambem Donatista. Que sahisse sempre vencedor Agostinho, não é necessario que se diga; mas o que fez mais gloriosas estas victorias, foi que os mesmos vencidos as confessaram, e se reduziram á fé que negavam. E se é tanta gloria do maior athleta da Igreja, que de pessoa a pessoa, e de doutor a doutor, vencesse em quatro disputas a quatro homens insignes nas suas seitas, que gloria incomparavel será a de Catharina vencer e convencer em uma só disputa a cincoenta muito mais famosos nas suas? De S. Gregorio Magno sabemos que em disputa singular venceu tambem e reduziu a Eutichio. Mas quão raras e contadas teem sido em todos os seculos da Igreja similhantes victorias, sendo tão frequentes os exemplos contrarios? Em presença do Papa Zeferino convenceu Cayo a Procho Montanista, mas não se reduziu Procho. No Conci-

[1] *Exod.*, VII, 12.

lio Antiocheno convenceu Melchior a Paulo Samosateno; mas não se reduziu Paulo. Diante de muitos juizes de todas as faculdades convenceu Archelao a Manete Manicheu, mas não se reduziu Manete. Em congresso de muitos bispos, em que se achou tambem o mesmo rei de França, convenceu S. Bernardo a Pedro Abeilardo; mas não se reduziu Pedro. Assim convenceu S. Cyrillo Alexandrino a Nestorio, Maximo abbade a Pyrro, S. Cesario a Juliano, S. Jeronymo a Helvidio, a Joviniano, a Vigilancio; e nenhum delles reconheceu a victoria da verdade, antes affrontados de se verem convencidos se obstinaram mais.

Mas para que é referir exemplos de homem a homem, se aos mesmos Concilios inteiros succedeu outro tanto? Ponde-vos com a memoria em Jérusalem, em Nicéa, em Constantinopla, em Roma, em Carthago, em Trento: que é o que vêdes? Em Trento vereis, que contra a magestade e auctoridade ecumenica, e contra a sabedoria universal de toda a Igreja Catholica, se atreve a resistir um Luthero, e não se rende ao Concilio Tridentino. Em Carthago, que um Celestio, assim mesmo convencido resiste ao Concilio Carthaginense. Em Roma, que um Macedonio se não sujeita ao Concilio Romano. Em Nicéa, que um Arrio contradiz o Concilio Nicéno. Em Constantinopla, que um Dioscoro se oppõe ao Concilio Constantinopolitano. Em Jérusalem, finalmente, que ao Concilio Jerosolymitano, em que presidiu São Pedro e assistiram os Apostolos, um Cerintho contraria e impugna suas definições, e levanta a primeira seita contra sua doutrina. Tal é a rebeldia e obstinação do entendimento humano, quando se deixa inchar da presumpção e cegar da soberba! Agora voltemos com o mesmo pensamento a Alexandria e ponhamos juntamente os olhos naquelles grandes theatros da christandade, e neste. Naquelles, tantos e tão eminentes homens, ainda que convencem claramente, não bastam a reduzir um homem baptizado e christão: e neste uma só Catharina convence, rende e sujeita a Christo tantos e tão eminentes homens, idolatras e gentios. Alli, tantos não prevalecem contra um; aqui uma prevalece contra tantos. O conceito que da combinação deste paralello resulta, forme-o cada um se acaso o comprehende, que eu não tenho palavras com que o rastear, quanto mais encarecer.

V

Se na consideração do numero venceu Santa Catharina as Virgens sabias do Evangelho, reduzindo ella só a cincoenta, quando ellas, sendo cinco, não poderam nem souberam reduzir a uma; não foi menos illustre a sua victoria na consideração do sexo. As Virgens, sendo mulheres, não ensinaram a uma mulher; Catharina, sendo mulher, ensinou a cincoenta homens. O Apostolo São Paulo fiou tão pouco do genero feminino, que a todas as mulheres prohibiu o ensinar: *Docere autem mulieri non permitto.* [1] E que razão teve S. Paulo para um preceito tão universal e tão odioso a ametade do genero humano, e na parte mais sensitiva delle? A razão que teve foi a maior de todas as razões, que é a experiencia: *Adam non est seductus, mulier autem seducta in prævaricatione fuit.* [2] Em Adão e Eva (diz o Apostolo) se viu a differença que ha entre o entendimento do homem e o da mulher; porque Eva foi enganada, Adão não. Ensine logo Adão, ensine o homem: Eva e a mulher não ensine. O que só lhe convém, e o que lhe mando, é que aprenda e calle: *Mulier in silentio discat.* [3] Segundo este preceito, que mais parece natural que positivo, pois o Apostolo o deduz desde Adão e Eva, Catharina havia de aprender e callar como mulher, e os philosophos ensinar como homens, como philosophos, como graduados nas suas sciencias, e como os primeiros e mais insignes mestres dellas. Mas que Catharina falle e os philosophos ouçam; que Catharina ensine e os philosophos aprendam; que Catharina não só dispute, mas defina; não só argumente, mas conclua; não só impugne mas vença, e tantos homens e taes se reconheçam e confessem vencidos; foi victoria que de sexo só teve um exemplo, e de entendimento a entendimento nenhum.

Quiz Deus humilhar a potencia de Jabim, rei dos Cananéos, os quaes tinham mui abatido e humilhado

[1] *1.ª Epist. ad Tim.*, II, 12.
[2] *Ibid.*, 14.
[3] *Ibid.*, 11.

o povo de Israël: *Humiliavit Deus in die illo Jabim regem Chanaan coram filiis Israel.* [1] E diz o mesmo Texto, que para esta grande empreza escolheu ou inventou Deus uma guerra nova: *Nova bella elegit Dominus.* [2] Em guerra nova e inventada por Deus, parece que havia de ser nova e nunca vista a ordem dos esquadrões, novas e nunca vistas as armas, novas as machinas, novos os estratagemas; mas nada disto houve. Pois em que consistiu esta novidade tão celebrada? Consistiu em que da parte dos Cananéos foram vencidos muitos homens, e da parte dos Israelitas foi a vencedora uma mulher. Assim o disse Debora a Barac, que era o general do exercito israelitico: *In hac vice victoria non reputabitur tibi, quia in manu mulieris tradetur Sisara.* [3] Esta vez não ha de ser a victoria nossa, porque Sisara, general dos Cananéos, e todo o seu exercito ha de ser vencido por uma mulher. Notae a palavra: *In hac vice:* esta vez; porque vencer uma mulher e serem vencidos os homens não é coisa que succeda muitas vezes, senão uma vez em todos os seculos; uma vez nas batalhas das armas como em Debora; e outra vez nas das lettras como em Catharina. E se foi tão gloriosa e decantada a victoria de Debora só por ser de mulher contra homens, posto que levasse comsigo quarenta mil; quanto mais admiravel e admirada deve ser a de Catharina, não acompanhada de outros senão ella só, nem em guerra de espada senão de entendimento a entendimento!

Mulher era de alto entendimento, posto que de baixa fortuna a Samaritana, como mostrou no discurso que teve com Christo; e com a sciencia que bebeu no poço de Sichar ficou tão profundamente sabia como a que mereceu ouvir da bocca do mesmo Senhor aquelle altissimo segredo ainda não revelado ao mundo de que elle era o Messias: *Ego sum, qui loquor tecum.* [4] Com esta enchente de sabedoria e luz sobrenatural, em logar da agua que viera buscar, se voltou logo a Samaritana para a sua cidade

---

[1] *Juizes*, IV, 23.
[2] *Ibid.*, V, 8.
[3] *Ibid.*, IV, 9.
[4] *Joan.*, IV, 26.

a levar a fé e noticia de Christo: mas de que modo? E' caso em que todos os Santos e Expositores fazem grande reparo. O que sómente disse foi, que ella no poço de Sichar encontrara um homem, o qual lhe dissera tudo quanto tinha feito em sua vida: que fossem elles vêr se por ventura seria o Messias: *Venite, et videte hominem, qui dixit mihi omnia, quæcumque feci: nunquid ipse est Christus?* [1] Pois se a Samaritana sabia de certo que Christo era o Messias, porque o não prega declaradamente, porque o põe ou propõe sómente em duvida, e diz aos seus cidadãos, que vão elles vêr se por ventura é aquelle: *Nunquid ipse est Christus?* Quando Santo André pela doutrina de seu mestre S. João Baptista soube que Christo era o Messias, logo foi dizer declaradamente a seu irmão S. Pedro, que tinham achado o Messias: *Invenimus Messiam: quod est interpretatum Christus.* [2] E S. Filippe quando teve a mesma noticia, tambem deu a nova declaradamente a Nathanaël: *Quem scripsit Moyses in Lege et Prophetæ, invenimus Jesum.* [3] Pois porque não fallou com a mesma clareza a Samaritana, e sómente poz em duvida e questão o que sabia de certo?

Santo Agostinho, S. Chrysostomo, e todos os Padres dizem que obrou a Samaritana prudentissimamente, não fiando que os da sua cidade lhe dessem credito em materia tão grave. Mas quem declarou a razão desta mesma desconfiança com admiravel energia, foi o mesmo Evangelista S. João, referindo o caso. Notae as palavras: *Reliquit ergo hydriam suam mulier, et abiit in civitatem, et dixit illis hominibus.* [4] Foi a mulher á cidade e disse áquelles homens: e como aquelles a quem havia de converter eram homens, e ella mulher, não teve a Samaritana confiança para crêr, nem animo para esperar que elles se persuadissem só pelo que ella lhes dissesse; por isso tocou sómente o ponto e excitou a questão: *Nunquid ipse est Christus?* Por isso lhes disse que fossem elles e vissem: *Venite et videte.* Como se discorrera

[1] *Joan.*, IV, 29.
[2] *Ibid.*, I, 41.
[3] *Ibid.*, 45.
[4] *Ibid.*, IV, 28.

assim comsigo: se a materia é tão grave, e elles são homens e eu mulher, como me hão de crêr a mim? Vão elles e vejam o que eu vi; vão e ouçam o que eu ouvi, e elles se persuadirão a si, que não eu a elles. Tal foi o prudente temor da Samaritana, desconfiando totalmente de poder converter a homens, sendo ella mulher, posto que tão allumiada por Christo. Para que se veja que quando Catharina não convencera nem convertera os philosophos, só a confiança com que se offereceu a sahir em campo com elles, era de mulher para homens uma grande victoria. Convenceu-os porém, e converteu-os tanto sobre o credito de todas as mulheres, e tanto sobre o conceito de todos os homens, como agora veremos.

VI

Appareceram os Anjos ás Marias na manhã da Resurreição, e appareceu-lhes o mesmo Senhor resuscitado, o qual lhes mandou (como já lhes tinham mandado os Anjos) que levassem a alegre nova aos Apostolos. Foram, disseram todas o que viram, e o que os Anjos e o Senhor dos Anjos lhes tinham dito: e que conceito fizeram os Apostolos, assim da embaixada como do testemunho das Marias: *Visa sunt ante illos sicut deliramentum verba ista, et non crediderunt illis.* [1] O conceito que fizeram de tudo, foi dizerem que eram delirios, e nenhum credito lhes deram. Por certo que não sei quaes eram neste caso os delirantes. Para serem dignas de credito estas testemunhas cada uma por si, e muito mais todas juntas, bastava serem escolhidas pelos Anjos e pelo mesmo Christo para tal embaixada. A qualidade e juizo de Maria Magdalena era bem conhecida e respeitada: as outras duas Marias eram parentas muito chegadas do Senhor, e Maria Salomé, mãe de dois Apostolos, e Maria Jacob de tres. Pois se por tantos respeitos eram dignas de todo credito, e todas affirmavam o mesmo, como testemunhas oculares: porque razão não só se lhes nega o credito, mas é

[1] *Luc.*, XXIV. 11.

censurado de delirios tudo o que dizem? Mais. No mesmo dia disse S. Pedro que Christo lhe apparecera, e todos creram logo que era verdadeiramente resuscitado: *Surrexit Dominus vere, et apparuit Simoni* [1] Pois a Pedro, que pouco ha negou tres vezes a seu Mestre, se dá tanto credito, e ás tres Marias, que o assistiram na Cruz e o foram buscar ao Sepulchro, nenhum? Se Pedro é discipulo, ellas tambem são discipulas; se Pedro é santo, ellas tambem são santas; se Pedro é verdadeiro, ellas tambem são verdadeiras; se a Pedro appareceu Christo, a ellas appareceu e mais os Anjos, que S. Pedro nunca viu: sobretudo Pedro é um, e ellas tres: e que a mesma verdade na bocca de Pedro haja de ser verdade, e na bocca das Marias delirio? Sim, que Pedro é homem, e as Marias mulheres, e não ha nem houve outra razão. Ouvi aos Discipulos que desesperados iam para Emmaüs: *Nos autem sperabamus, et super hæc omnia, tertia dies est hodie: sed et mulieres quædam ex nostris terruerunt nos, dicentes se visionem Angelorum vidisse, qui dicunt eum vivere.* [2] Nós esperavamos, mas sobre tudo o que temos dito, hoje é já o terceiro dia, e além disso umas mulheres das nossas disseram que viram Anjos, e que elle é vivo e resuscitado. Pois este mesmo testemunho de ser o Senhor vivo e resuscitado no mesmo terceiro dia, não era grande motivo antes de crerem que de desesperarem? Sim era, senão fôra testemunho de mulheres. Mas como era testemunho de mulheres, posto que mulheres da mesma escola: *Mulieres quædam ex nostris*, tão longe estiveram de os confirmar na fé, que antes lhes tiraram a esperança: *Nos autem sperabamus, sed et mulieres quædam terruerunt nos.*

Vamos agora ao nosso caso, e vejamos o que não persuadiram as Marias, e o que persuadiu Catharina: e quaes eram os homens, a quem ellas não persuadiram, e quaes aquelles a quem Catharina persuadiu. Os homens a quem não persuadiram as Marias, eram os Apostolos: os que persuadiu Catharina, eram os philosophos. Os Apostolos eram christãos,

[1] *Luc.*, XXIV, 34.
[2] *Ibid.*, 21, 22 e 23.

os philosophos gentios; os Apostolos eram Discipulos de Christo, e todos da mesma escóla; os philosophos uns eram discipulos de Pythagoras, outros de Socrates, outros de Platão, outros de Aristoteles, outros de Democrito, outros de Epicuro; e as escolas e seitas que seguiam, tão diversas e ainda contrarias, como a dos pythagoricos, a dos cynicos, a dos peripateticos, a dos estoicos, a dos academicos, e as demais. Sobre tudo os Apostolos amavam a Christo, e desejavam a mesma resurreição que não criam: e esta que os Theologos chamam *pia affectio* é a melhor disposição para crêr; pelo contrario os philosophos eram inimigos do mesmo Christo e sua lei, e esta mesma malevolencia era a disposição mais repugnante que podiam ter para a fé, porque *in malevolam animam non introibit sapientia.* [1] E sendo uns e outros tão dispostos, os Apostolos para crêr, e os philosophos para não crêr: as Marias por serem mulheres, não persuadiram aos Apostolos um só mysterio da fé, qual era o da Resurreição; e Catharina com ser mulher, persuadiu aos philosophos todos os mysterios da mesma fé, sendo todos contrarios ás suas opiniões.

Os philosophos, uns criam em muitos deuses, outros negavam totalmente a divindade, e Catharina persuadiu a todos que havia Deus, e que este era um em essencia, e trino em pessoas, e que sendo cada uma Deus, não eram tres deuses, senão um só Deus. Os philosophos criam que o mundo fôra *ab æterno*, e uns diziam que o creára Deus necessaria e não livremente; outros que era increado e tinha o ser de si, ou que elle se creára e se fizera a si mesmo: e Catharina persuadiu-lhes que o mundo tivera principio e havia de ter fim, e que Deus o creára voluntariamente em tempo, e não composto de atomos, como outros diziam, senão creado de nada. Os philosophos ensinavam que todas as coisas succediam acaso, que umas não podiam deixar de ser, porque assim o tinham decretado os fados, e outras eram mudaveis e contingentes sem outra dependencia que o arbitrio da fortuna: e Catharina persuadiu-lhes que não havia fortuna, nem fados, nem as coisas succe-

[1] *Sap.*, 1, 4.

diam acaso, senão todas governadas com summa sabedoria, e que a Providencia Divina era a ordem e governo dellas. Os philosophos nunca souberam que houvesse peccado original nem remedio delle; e Catharina persuadiu-lhes que no primeiro homem peccaram todos os homens, antes de serem, e que para remedio deste e dos outros peccados o Verbo, segunda pessoa da Trindade, sem deixar de ser Deus se fizera homem. Os philosophos não conheceram que uma natureza se podesse suppositar na subsistencia de outra; e Catharina persuadiu-lhes que no composto ineffavel de Christo subsistiam no mesmo supposto duas naturezas realmente distinctas, e que sendo o mesmo Christo juntamente Deus e homem, juntamente era infinito e finito, juntamente immenso e limitado, juntamente impassivel e passivel, juntamente immortal e mortal. Os philosophos uns negavam a immortalidade da alma, outros a duvidavam; e Catharina persuadiu-lhes que não só a alma era immortal, senão que tambem os corpos o haviam de ser depois de resuscitados, e que então os havia de julgar Christo mandando os maus para o inferno, e levando os bons para o céu a vêr e gosar de Deus para sempre; e que nesta vista clara de Deus consistia a bemaventurança do homem, sobre a qual os mesmos philosophos tinham tantas e tão diversas opiniões. Finalmente, os philosophos abominavam sobre tudo, e tinham por coisa indigna de homens com juizo adorar por Deus a um crucificado: *Gentibus autem sultitiam;* [1] e Catharina lhes persuadiu que não só haviam de adorar o Crucificado, senão tambem a cruz, ainda que fosse ou tivesse sido o instrumento do mais infame supplicio, e não só a mesma cruz, senão qualquer imagem della. E que todos estes mysterios da fé, sendo tão superiores á razão humana que muitos parecem contrarios a ella, os persuadisse uma mulher a cincoenta philosophos gentios, quando tres santas e de tanta auctoridade, só por serem mulheres, não poderam persuadir um só mysterio da Resurreição a onze Discipulos de Christo; vêde se foi estupenda victoria.

Mas a maior circumstancia della, a meu sentir, ainda não foi esta. E qual foi? Foi que não só per-

[1] *1.ª Epist. ad Cor.*, I, 23.

suadiu Catharina aos philosophos toda a fé de Christo, senão a virtude mais propria de Christo, e nunca conhecida da philosophia, e a mais difficultosa de aprender, que é a humildade. Porque tendo entrado naquelle grande theatro tão soberbos e vãos com as suas sciencias, nenhum duvidou de se sujeitar e render á sabedoria e doutrina de uma mulher, sem repararem nem fazerem caso de que todos os circumstantes vissem, e todo o mundo soubesse que uma mulher os vencera. Tendo Abimelech entrado á força de armas os muros de Thebas, e não lhes restando por render mais que a ultima torre, a cujas portas estava pondo fogo, uma mulher lançou de cima sobre elle uma grande pedra de que cahiu mortalmente ferido na cabeça; mas ainda teve accordo para dizer ao seu pagem da lança estas palavras: *Evagina gladium tuum, et percute me, ne forte dicatur quod à fœmina interfectus sum:* [1] tira depressa pela espada e mata-me, porque se não diga no mundo, que me matou uma mulher. Tão injuriosa coisa é aos homens, principalmente grandes e famosos qual era Abimelech, poder-se dizer que uma mulher os venceu, que antes se deixaram e mandaram matar que soffrer tal injuria. Porém os cincoenta philosophos ensinados por Catharina de tal maneira tinham já desprezado o mundo e todos seus ditos, que não só não tiveram por affronta confessar que uma mulher os vencera, mas em testemunho de ella os ter vencido, e da fé que lhes tinha ensinado, não duvidaram em se deixar matar e queimar vivos, como todos foram mortos e queimados por esta causa. Podéra-se dizer que nesta acção elles se mostraram mais que homens, como Catharina mais que mulher; mas baste que ella fique mulher e elles homens, para que não excedamos o nosso assumpto.

VII

Ponderada a victoria de Catharina pelas duas considerações de numero a numero, e de sexo a sexo: se foi maravilhosamente insigne por ser de uma a cincoenta, e de mulher a homens; a terceira e ultima

[1] *1.º Juizes*, IX, 44.

consideração, e que mais a qualifica de admiravel, é ser de sabia a sabios. Que as cinco Virgens sabias do Evangelho não reduzissem uma nescia, costume é dos nescios serem incorrigiveis; mas que uma sabia reduzisse a tantos sabios, esta digo que foi a mais prodigiosa circumstancia daquella victoria, e o tropheu mais illustre da nossa sabia vencedora.

Aquelle proloquio vulgar dos philosophos, que um similhante não tem actividade contra outro similhante: *Simile non agit in simile*, em nenhum agente se verifica mais que de sabio a sabio. Como pelejam com as armas eguaes, podem-se resistir, mas não se podem vencer. A mais celebrada disputa de que ha memoria nas Divinas Lettras, e como tal a primeira e mais antiga coisa que se escreveu no mundo foi a de Job [1] com aquelles tres philosophos, que o vieram visitar em seus trabalhos. Aconteceu-lhes o que acontece ordinariamente entre lettrados, que começa a visita em conversação e acaba em questão e disputa. Disse pois Job o que dictava a sua dôr, e quando esta lastimosa proposta pedia mais consolações que argumentos, argumentou contra ella em primeiro logar Eliphaz, em segundo Beldad, em terceiro Sophar; e posto que Job respondeu copiosa e efficazmente, assim aos argumentos, como ás instancias, que uma e outra vez replicaram sobre as suas respostas, Eliú, que ouvia de fóra, tomou a mão sobre todos, e o arguiu de novo tão furiosamente que se o mesmo Deus não interpozera sua auctoridade, favorecendo a parte de Job, não se sabe em que viria a parar a disputa. Pois se Job tinha tanta sciencia, assim adquirida, como infusa; se natural e sobrenaturalmente era tão sabio; se fallou tanto e tão altamente, e com aquella força de eloquencia que a mesma dôr ensina, ainda aos que não sabem fallar; sobre tudo se tinha de sua parte a razão, e respondeu a todas as contrarias; como não rendeu, nem convenceu estes amigos antes os irritou mais? Porque todos eram philosophos, todos sabios, todos doutos, e não ha mais difficultosa victoria que de sabio a sabios. E' verdade que a razão estava da parte de Job, como definiu o mesmo Deus; mas elles como

[1] *Job.*, II, 11.

eram philosophos e doutos, ainda que lhes faltasse a razão, ou sophisticas, ou verdadeiras, para tudo tiveram razões. Lêde com attenção o que disseram, para que depois de admirados da profundidade de suas philosophias, vos admireis mais de que Santa Catharina convencesse a tantos philosophos.

O que a mim me admira e pasma, sobre tudo, é, que toda esta victoria fosse unicamente da sabedoria e eloquencia da nossa Santa, sem se valer de prodigios, nem milagres, como em similhantes conflictos fizeram outros Santos, e o mesmo Santo dos Santos. [1] Ponde-vos á vista da cidade de Damasco, vereis toldar-se o céu, bramir os ventos, escurecer-se e accender-se as nuvens, tudo relampagos, tudo trovões, tudo raios: que é isto? E' que desce Christo do céu a reduzir e converter a Saulo. Pois tanto empenho, tanto apparato, tanto estrondo, tanta machina para reduzir a um homem? Não sois vós, Senhor, aquelle mesmo que com um *venite post me* [2] reduzistes a Pedro e André, a João e Diogo? Com um *sequere me* a Matheus? [3] E com um *descende* a Zacheu? [4] Pois para reduzir tambem a Saulo não bastam poucas ou muitas palavras, senão acompanhadas de tamanhos prodigios? Sim, diz a mesma Sabedoria descida do céu. Não sabeis que Saulo é um homem douto, graduado na escola de Gamaliel, e o mais vivo engenho de toda ella? Pois esta é a difficuldade e differença que ha entre os sabios e lettrados aos que o não são, para se reduzirem e converterem. Por isso se veem tantas lettras e tão poucas conversões. Levantam-se os indoutos e idiotas com o reino do céu, e nós com as nossas lettras estamo-nos indo ao inferno, dizia Agostinho a Alipio, e Alipio a Agostinho: e com esta consideração aquelle grande par de Doutores se fizeram egualmente Santos. Mas já que estamos com S. Paulo á vista entremos com elle na Coimbra da Grecia, e vejamos os progressos que faz a sua eloquencia e espirito naquellas escolas.

Entrou S. Paulo na cidade e universidade de Athe-

---

[1] *Act.*, IX, 3.
[2] *Math.*, IV, 19.
[3] *Math.*, IX, 9.
[4] *Luc.*, XIX, 5.

nas, mãe até áquelle tempo de todas as sciencias do mundo: encontrou-se alli (diz o Texto) [1] com varios philosophos, particularmente estoicos e epicureos, com os quaes disputou, e estes o levaram ao Areopago, que era o tribunal supremo da justiça e da sciencia, para que desse conta da nova doutrina que prégava. Era Paulo aquelle famosissimo orador que de tres coisas que desejava vêr S. Agostinho, a primeira era a humanidade de Christo, e a segunda a Paulo prégando. Prégou pois em presença dos Areopagitas com maior pezo de sentenças, com maior efficacia e energia de eloquencia, do que nunca foi ouvido em Athenas Demosthenes: e quantos converteu daquelles sabios? Caso maravilhoso! Um só Dionysio Areopagita nos diz S. Lucas que convertesse: mas eu vos digo, que sendo esta conversão e victoria de um só, não foi toda de S. Paulo. Lembrou-se Dionysio que peregrinando no Egypto com Apolofanes, vinte annos pontualmente antes, em vinte e cinco de março tinha visto na cidade de Heliópolis aquelle estupendo eclypse que o obrigou a exclamar, como elle mesmo escreve: *Aut Deus naturæ patitur, aut mundi machina dissolvetur.* E combinando o que tinha visto com o que ouvia a Paulo, inferindo de uma verdade a outra, deu credito a tudo o mais que prégava. De sorte que bem considerada esta conversão do Areopagita, não foi Paulo propriamente o que converteu a elle, senão elle pelo seu discurso o que se converteu a si mesmo. E se comtudo a quizermos attribuir ás coisas ou instrumentos que para ella concorreram, só a metade da victoria foi de Paulo, e a outra ametade do sol. O sol foi, como pedra de David, o que deu o primeiro golpe naquella grande cabeça, e a espada de Paulo a que consummou a victoria. E se do Apostolo das Gentes, se do Vaso de eleição escolhido nomeadamente por Deus para doutor e Mestre da gentilidade, apenas se póde affirmar com inteiro elogio, que de todos os philosophos de Athenas converteu um, quem poderá dignamente comprehender, ó Catharina, a immensidade de louvor devido a vossos triumphos, pois de cincoenta philosophos escolhidos não só na mesma Athenas, senão

[1] *Act.*, XVII, 16 e 17.

em toda a Grecia, Egypto e Palestina, nenhum houve que resistisse á vossa sabedoria e eloquencia: a todos inteiramente vencestes e convencestes? Mas ainda não está adequado o parallelo.

O modo com que S. Paulo quiz introduzir em Athenas a fé do verdadeiro Deus, foi dizendo que elle achara naquella cidade um altar, o qual tinha por titulo: *Ignoto Deo*, e que este mesmo Deus, o qual Athenas já adorava, mas não conhecia, era o que elle prégava. A razão deste raro e prudentissimo invento foi porque não esperava S. Paulo poder persuadir aos Athenienses que recebessem outro Deus, constando que Socrates, na mesma cidade, fôra condemnado á morte com duzentos e oitenta e um votos do Senado só por querer introduzir deuses novos. Acommodando-se pois o Apostolo á capacidade ou incapacidade dos homens, por uma parte tão supersticiosos da religião, e por outra tão presumidos da sabedoria, absteve-se de nomear nova divindade ou nova adoração, e só lhes propoz e prégou um novo conhecimento da que já adoravam: *Quod ergo ignorantes colitis, hoc ego annuntio vobis.* [1] Como se dissera: não vos prégo que não adoreis o que adoraes; mas só que conheçaes o que não conheceis. Aquelle a quem levantastes altar, vós mesmos credes que é Deus e vós mesmos confessaes que o não conheceis: *Ignoto Deo.* Pois este Deus, que vós já reconheceis por Deus, é o que eu vos prégo, e deste que vós confessaes por não conhecido é que eu vos annuncio o conhecimento. Tão cortez e tão suavemente, e com tanto decoro e reverencia da sabedoria Atheniense lhe quiz introduzir S. Paulo a fé do verdadeiro Deus, mas não pôde. [2] Lá vae S. Paulo navegando para Corintho sem outro despojo de Athenas mais que um philosopho. Porém Catharina, sem mover pé do theatro imperial, tanto maior e mais illustre que o Areopago, alli exprobra livremente aos philosophos a falsidade de seus deuses, alli declara por idolatria as suas adorações e altares, alli os obriga e convence, não só a crêr com o entendimento a verdadeira divindade de um só Deus, e todos os outros

---

[1] *Act.*, XVII, 23.
[2] *Ibid.*, XVIII, 1.

mysterios da fé christã; mas a confessal-os a vozes diante de todos.

VIII

Não sei se ponderaes e sondaes bem o fundo desta ultima clausula. Conhecer um sabio a sua ignorancia ou o seu erro é muito facil; não fôra sabio se o não conhecera. Porém chegar a o confessar, e confessal-o publicamente, é o ponto mais arduo e difficultoso a que se póde reduzir o brio humano, e tanto mais, quanto maior fôr o nome, a opinião e o grau que tiver de douto. Ponderou Nicodemus a doutrina de Christo juntamente com a grandeza de seus milagres, e veiu a conhecer que só ella era a verdadeira, e toda a outra falsa: *Scimus quia à Deo venisti magister: nemo enim potest hæc signa facere, quæ tu facis.* [1] Delibera-se a ir buscar o Divino Mestre e lançar-se a seus pés, para que o ensine; mas como? *Erat homo ex Pharisæis, Nicodemus nomine: hic venit ad Jesum nocte.* [2] Despiu a toga ou a beca, e disfarçado e desconhecido foi buscar ao Senhor de noite. Vêde como o argue S. João Chrysostomo: *Scimus, inquit, quia à Deo venisti magister. Quid ergo noctu venis, et clanculum ad eum, qui divina docet, qui à Deo venit? Quid non aperte profiteris?* [3] Se conheceis que Christo é Mestre vindo do céu, se conheceis que a sua doutrina é divina, e o vindes buscar, porque vindes de noite e ás escondidas, porque não confessaes isso mesmo clara e publicamente? Porque Nicodemus era um mestre de grandissima reputação em Israël. Assim o declara o Texto grego: *Tu es magister ille in Israël.* [4] E posto que elle já reconhecia os seus erros, isso era em segredo, e das portas do seu entendimento para dentro; porém que esses mesmos erros e ignorancias, de que já estava convencido, os houvesse de confessar publicamente, de nenhum modo fez ou se atreveu a fazer tal coisa Nicodemus; porque lh'o não consentia a reputação e o credito, e por

[1] *Joan.*, III, 2.
[2] *Ibid.*, 1 e 2.
[3] *Chrysost. Hom.*, 23.
[4] Maldonat. hic.

isso vinha de noite. De noite reconhecia que era morcego, de dia queria ostentar-se aguia. Oh se os livros fallaram, quantas ignorancias haviam de dizer que consultam com elles de noite, os que de dia se publicam grandes lettrados? Mas não é só a capa da noite a que dissimula estes defeitos. Quantas vezes reconhece o quinau na consciencia o mesmo que na cadeira o defende a vozes? Pouco sabe quem não conhece a força do argumento, e a fraqueza da solução. Uma coisa é responder, outra fallar no cabo. Mas sendo mui frequentes as contricções destes peccados lá no secreto da consciencia, chegar com elles á publica confissão, quem tem opinião de sabio, é milagre só da graça de Santa Catharina. Todos aquelles cincoenta philosophos eram os primeiros mestres nas suas universidades, como vimos; e que cada um reconhecesse a força das demonstrações com que os impugnava Catharina, e dentro de si mesmo se descesse das opiniões que tinha estudado e ditado, muito foi, mas não foi santo; porém que todos em um acto tão publico não duvidassem de confessar esses mesmos erros, e detestar as suas seitas, e não sustentar a toda a força e sem ella, os dogmas das suas escolas; aqui pasma a admiração, e perde o nome o encarecimento!

Puz no ultimo logar o não sustentar os dogmas das suas escolas; porque este é o ultimo castello em que o erro dos sabios, ainda depois de convencido, se sustenta e defende obstinadamente, sem se render á mais conhecida verdade. Grandes exemplos viu a nossa edade destas batalhas de entendimento; e se perguntardes a uns e outros combatentes a causa, não é outra que o amôr natural ou parcial bebido com o leite da primeira doutrina, e a honra e reputação da propria escola. Mas vamos á primitiva Igreja. Contra a publicação da Lei da graça, que Santo Estevão prégava, diz a historia dos Actos Apostolicos, que entre outras escolas de Cicilia e da Asia se levantaram nomeadamente a dos Libertinos, a dos Alexandrinos e a dos Cyrenenses, os quaes disputavam com Estevão; porém que não podiam resistir á força do espirito e sabedoria que nelle fallava: *Surrexerunt quidam de synagoga Libertinorum, et Cyrenensium, et Alexandrinorum disputantes cum Stephane, et non poterant resistere sapientiæ, et spi-*

ritui, qui loquebatur. [1] Supposto, pois, que não podiam resistir, segue-se que se renderam? Nada menos. Antes se viu aqui praticada uma que parece implicação, porque faltando de uma parte a resistencia, da outra não resultou a victoria. Elles não podiam resistir, e Estevão não os podia vencer. Pois, homens sabios, ou presumidos de sabios, se disputastes, se arguistes, se respondestes, se tendes dito uma e outra vez quanto sabieis, e vêdes que não podeis resistir, porque vos não rendeis, porque vos não confessaes vencidos? Porque Libertinos, Alexandrinos e Cyrenenses todos pugnavam pelas suas escolas, e quem pugna pela propria escola, poderá não poder resistir; mas chegar a se confessar vencido não póde ser. Faltar-lhes-hão as razões, faltar-lhes-hão argumentos, ver-se-hão atalhados e mudos, e quando não tiverem outro genero de defeza, arremetterão ás pedras; e assim foi. Em logar de Estevão sahir vencedor da disputa, sahiu apedrejado, e elles tão obstinados e duros como as pedras, mas não convencidos. Alexandrinos podemos dizer que eram todos os cincoenta philosophos que hoje se acharam no theatro de Alexandria; mas todos de tão differentes seitas e escolas como as que já nomeei. O espirito e sabedoria que fallava em Catharina reduziu-os a termos que não podiam resistir: *Non poterant resistere sapientiæ, et spiritui, qui loquebatur.* Mas a victoria maior, e o ponto mais subido della, foi que se confessassem vencidos e convencidos, não só contra o credito das proprias opiniões de cada um, mas contra a soberba e arrogancia das suas mesmas escolas.

Desta maneira triumphou a nossa sabia vencedora de todas as escolas mais famosas da philosophia gentilica; e assim conseguiu de todos os cincoenta philosophos, com o discurso de poucas horas, o que as sabias do Evangelho não poderam conseguir de uma só nescia em muitos dias de companhia e trato. A primeira vez que Ezechiel viu aquelle carro triumphal, [2] chamado da gloria de Deus, tiravam por elle quatro animaes enigmaticos compos-

[1] *Act.*, VI, 9 e 10.
[2] *Ezech.*, I, 10.

tos de homem, de leão, de aguia, de boi. Tornou depois o mesmo Propheta a vêr o mesmo carro, e dos quatro animaes o boi estava transformado em Cherubim: *Facies una facies Cherub, et facies secunda facies hominis, et in tertio facies leonis, et in quarto facies aquilæ.* [1] E d'onde lhe veiu ao boi uma tão notavel melhora? Veiu-lhe da companhia e trato que teve no mesmo carro com o homem e com a aguia, para que entendam os que desejam aprender e saber, quanto importa ainda aos mais rudes tratar com sabios. O Cherubim é um rosto humano com azas; e como o boi no carro acompanhava com o homem e com a aguia, do homem tomou o rosto, e da aguia as azas, e por isso sendo boi, sahiu Cherubim. O mesmo se podéra esperar das cinco nescias, por mais rudes que fossem; mas foi tão pouco efficaz a companhia e trato das sabias, que todas ficaram tão nescias como d'antes eram. Ficou porém reservado o milagre da transformação para o carro triumphal de Catharina com muito maior maravilha da que viu Ezechiel.

E senão pergunto: porque se transformou alli o boi e não o leão? A rudeza ou bruteza do leão como a do boi ambas são de quatro pés: pois se o leão egualmente andava junto com o homem e com a aguia, porque se não transformou tambem em Cherubim? Porque o boi é animal sujeito e humilde, o leão é inchado e soberbo; e por mais racional que seja o entendimento do homem, e mais sublime que seja a agudeza da aguia, onde ha inchação e soberba, nem o homem nem a aguia podem introduzir a sua fórma. Esta é a allegoria do famoso carro, o qual para maior gloria de Catharina tambem hoje transformou os leões. Que eram os cincoenta philosophos, senão outros tantos leões soberbos e inchados com a presumpção e arrogancia das suas sciencias, aos quaes lançou o imperador Maximino a Catharina naquelle segundo amphitheatro de Alexandria, como faziam no de Roma. Mas as razões do juizo de Catharina eram tão superiores ás de todos os homens, e a agudeza do seu discurso tanto mais penetrante que a de todas as aguias, que nenhuma soberba a pôde reba-

[1] *Ezequiel*, x, 14.

ter, nenhuma inchação resistir. Sujeitos, pois, e humilhados assim os cincoenta leões, todos com a grenha cahida, e todos com a bocca tapada, essa mesma sujeição e humildade os fez capazes da fórma de Cherubins e transformados nesta nova figura com pompa jámais vista no mundo, foram os que levaram até o céu o carro triumphal de Catharina, laureado de outras tantas palmas. Elles diante como sabios vencidos, e ella no throno como sabia vencedora: vencedora uma de tantos, vencedora mulher de homens, e vencedora sabia de sabios.

IX

Tenho acabado o meu discurso, e não sei se satisfeito ao que prometti. Seguia-se agora a peroração, e exhortar nella os ouvintes, como se costuma, á imitação da Santa: mas a nossa sabia vencedora, assim na sabedoria como nas victorias, é inimitavel. O que só posso e desejo aconselhar é que todos os estudiosos e doutos, já que não pódem imitar a Santa vencedora, imitem os philosophos vencidos. Duas coisas tiveram insignes estes famosos cathedraticos: a primeira a docilidade, a segunda a constancia. A docilidade com que se renderam á verdade conhecida da doutrina de Catharina, e a constancia firme até á morte com que defenderam a mesma verdade, apezar e a despeito do imperador.

Quem não é docil, senhores, não póde ser douto: antes a mesma docilidade é um synonimo da sciencia. Disse Deus a Salomão, que pedisse o que quizesse, porque tudo lhe concederia. O que pediu foi docilidade: *Dabis servo tuo cor docile*. [1] E o que o Senhor lhe concedeu foi a maior sabedoria que nunca teve nem terá outro homem: *Dedi tibi cor sapiens, et intelligens in tantum, ut nullus ante te similis tui fuerit, nec post te surrecturus sit*. [2] Pois se Deus tinha promettido a Salomão que lhe daria o que pedisse, e elle pediu docilidade, como lhe deu scien-

[1] *3.º Livr. dos Reis*, III, 9.
[2] *Ibid.*, 12.

cia? Por isso mesmo. Porque docilidade e sciencia são a mesma coisa; e não podia Deus, segundo a sua promessa, deixar de lhe dar sciencia, tendo elle pedido docilidade. Assim lh'o disse o mesmo Deus: *Ecce feci tibi secundum sermones tuos.* [1] A sciencia nenhuma outra coisa é que o conhecimento claro de muitas verdades, umas em si, que são os principios, e outras que dellas se seguem, que são as conclusões. E aquelles que não teem docilidade (como são os tenazes do proprio juizo, e ferrados á sua opinião) ainda que a verdade se lhes represente, não são capazes de a receber. Por isso estes taes cada vez sabem menos, e todas as vezes que a opinião passa a erro perseveram nelle. O mesmo havia de succeder aos philosophos de Santa Catharina, persistindo e obstinando-se mais nos erros das escolas que seguiam, e em que foram creados; mas a sua docilidade, que é o que só tinham de sabios, foi a que lhes tirou dos olhos o véu da cegueira, com que conheceram claramente a verdade, e conhecida a abraçaram e defenderam.

Nesta defeza consistiu a sua admiravel constancia, conservando-se firmes no maior perigo, e invenciveis na maior tentação em que costumam fraquear e cahir os doutos. Qual vos parece que é a maior e mais forte tentação em que se póde vèr um homem lettrado? A maior tentação de um lettrado é conhecer a inclinação, a vontade, e o empenho do rei, e não torcer da verdade, nem acommodar as suas lettras ao que elle quer. E neste ponto tão arduo e difficultoso é que se provou a constancia dos cincoenta philosophos verdadeiramente sabios e doutos, depois que na escola de Santa Catharina aprenderam o que não sabiam, e conheceram a verdade. A vontade e empenho do imperador Maximino, era que pugnassem pela divindade de seus falsos deuses, e defendessem sua adoração; mas elles sendo chamados e escolhidos a esse fim, e conhecendo a vontade e empenho do imperador, e o risco a que se expunham de cahir na sua desgraça, e nas mãos da sua crueldade enfurecida, antes quizeram perder a vida, e ser lançados como foram em uma fogueira, que des-

[1] *3.º Livr. dos Reis*, 12.

dizer nem torcer um minimo ponto do que entenderam que era verdade.

Oh que ditosas seriam as republicas, que veneraveis as universidades, e quão bemaventurados os mestres e doutores dellas se imitassem a verdade, o valor e a constancia destes philosophos! *Beatus vir, qui non abiit in consilio impiorum, et in via peccatorum non stetit, et in cathedra pestilentiæ non sedit.* [1] Estas são as primeiras palavras com que David, Rei e Propheta, deu principio ao livro dos Psalmos, cheios de tão altos mysterios; sendo muito digno de se notar que os homens tambem primeiros de que fallou fossem os Doutores e Cathedraticos. Bemaventurados (diz) os que não ajuntarem o seu voto ao conselho dos impios, os que não assistirem e defenderem o caminho dos peccadores, e os que se não assentarem na cadeira da peste. E se os que isto fazem são por isso bemaventurados, os que fizerem o contrario que serão? As cadeiras das universidades, ainda que sejam de theologia, de leis, de Canones, todas são de medicina, porque todas se ordenam á saude publica. E que seria se os cathedraticos da saude se trocassem em cathedraticos da peste: *In cathedra pestilentiæ?* Pois saibam que taes são os que, tentados da ambição, da lisonja ou do temor, em logar de desenganarem com a verdade aos principes que os consultam, se deixam enganar do seu ou de outros despeitos, e o que elles desejam ou pertendem, isso respondem que é justo. Mudam as leis como as velas, segundo o vento que corre, dissera eu; mas David o declarou com comparação mais vil, e por isso mais propria, dizendo que se deixam levar do mesmo vento como o pó da terra: *Tanquam pulvis, quem projicit ventus à facie terræ.* [2] Os que são ou podem ser tentados desta tentação, ouçam ao grande Theodoreto na exposição deste mesmo Texto: *Nam quando tentatio flaverit, arguuntur, tanquam pulvis terræ, hinc inde dispersi ad placitum Dynastarum sententiam mutantes.* A tentação é a esperança ou o temor; os doutores inconstantes são o pó solto e leve; a vontade ou inclinação dos dynastas é o vento; e o voto, a sen-

[1] *Psalm.* I, 1.
[2] *Ibid.*, 4.

tença, e a interpretação das leis o que elles querem ou se presume quererem. E por esta perversão das lettras e dos lettrados, as mesmas universidades e cadeiras d'onde havia de manar a saude publica, veem a ser o veneno, a ruina e a peste dos reinos: *Cathedra pestilentiæ.*

Se eu prégara onde agora me não querem ouvir, não deixára de representar aos reis ou a seus ministros, o exemplo nunca assaz louvado de Balthasar, e o premio que tirou Daniel da verdade e constancia com que lhe interpretou as suas lettras. Continha-se nellas não menos que a morte do rei, a perda da corôa imperial e a sujeição de toda a monarchia a seus inimigos; e não lhe restando a Balthasar mais que poucas horas de vida, na mesma em que annunciou Daniel uma tão funesta sentença, o mandou vestir de purpura e levantar á maior dignidade. Assim premiou um tal desengano, quem tão enganado vivia. Mas esta generosidade e justiça de um rei gentio falta hoje em muitos principes christãos, e desejosos de parecer justos, os quaes antes querem imitar ao imperador Juliano, tão apostata da verdade, da razão e da sua mesma corôa, como o tinha sido da fé. Tendo frequentado Juliano a universidade de Athenas, e presando-se de douto, só estimava e premiava aquelles lettrados que não conheciam outra lei mais que a da sua vontade. Assim o escreve delle seu antigo condiscipulo S. Gregorio Nazianzeno: *Alios honoribus capiens, nimirum eos, qui nullum aliam legem, quam Principis voluntatem agnoscebant.* E onde os professores das lettras teem os augmentos seguros na adulação, e perigosos na verdade, vêde se lhes é mais necessario serem jubilados na constancia, que graduados nas sciencias?

Sobre esta injustiça dos premios ainda accresce outra maior, e que mais reforça a tentação. E qual é? E' que estes hereges das leis (ainda que sejam canonicas) são os applaudidos de lettrados, e os reputados por doutos: e pelo contrario os que defendem a razão e pugnam pela verdade, ficam tidos por idiotas e ignorantes, como ficaram os nossos philosophos na opinião de Maximino, e dos seus aduladores. Esta circumstancia de tentação, como dizia, é a mais forte, e para animos generosos a mais sensivel, quanto vae do interesse á honra. Mas para que todo o

lettrado christão não tema o boato destas opiniões, posto que coroadas, e vença a vaidade dellas com a verdade, tome na memoria uma só sentença, com que acabo, digna de se mandar gravar com lettras de bronze em todas as universidades do mundo: *Penes regem noli velle videri sapiens.* [1] Guarda-te de querer ser tido por sabio no conceito dos reis. E de quem é este conselho, este aviso, e esta cautela? Não é menos que do Espirito Santo por bocca do Ecclesiastico, para que ninguem a duvide. Mas se o que mais estimam os homens e o porque mais trabalham, assim na paz como na guerra, é que os reis tenham boa opinião delles; que razão particular ha nos sabios para que a não queiram? A razão é porque os reis (commummente) não teem por doutos e sabios, senão aquelles que em tudo approvam e se conformam com os seus dictames e interesses politicos, e com as razões ou pretextos com que os querem justificar; e como isto muitas vezes não póde ser sem offensa das leis divinas, e violencia das humanas, melhor é para os taes casos ser reputado por menos douto, e não ter para com os reis opinião de sabio: *Penes regem noli velle videri sapiens.* E notae, que não só diz o Espirito Santo, não queiras ter tal opinião com os reis; mas o que diz, é, não queiras querel-a ter: *Noli velle;* não queiras querer. De sorte que não só prohibe o desejo, senão o desejo do desejo, nem só prohibe a vontade, senão a vontade da vontade: *Noli velle*, porque se quem não quer, está longe de desejar, quem não quer querer, ainda está mais longe. E tão longe como isto deve estar todo o sabio de querer parecer sabio diante dos reis: *Penes regem noli velle videri sapiens.*

Isto é o que todo o sabio deve não querer, e queira Deus que todos não queiram, assim como não quizeram todos os philosophos que Santa Catharina fez, não só verdadeira, mas constantemente sabios. A mesma sabia vencedora, pela grande valia que tem com Deus, alcance a todos os presentes esta fortaleza e constancia, para que vencedores de tão grave tentação, e perseverando até á morte na mesma victoria, mereçam ser admittidos, com os que ella ensinou, á companhia e gloria de seu triumpho. Amen.

---

[1] *Eccl.*, VII, 5.

SERMÃO

DE

SANTA BARBARA *

Simile est Regnum Cœlorum thesauro abscondito in agro, quem qui invenit homo, abscondit, et præ gaudio illius vadit, et vendit universa, quæ habet, et emit agrum illum. [1]

I

Assim como ha uns homens que nasceram só para si, e outros que nasceram para si e para a republica, e por isso são os mais benemeritos do genero humano e celebrados da fama; assim ha uns Santos que foram escolhidos só para louvar a Deus, e outros para louvar a Deus e favorecer e ajudar aos homens. E sendo esta segunda prerogativa tão parecida ao mesmo Deus, que não nasceu para si, senão para nós; e tão similhante aos Anjos, que juntamente vêem a Deus no céu, e nos guardam na terra: se fizermos comparação no mesmo genero entre todos os Santos e Santas, facilmente acharemos, que não só egua-

---

[1] *Math.*, XIII.

* Este Sermão, commenta o padre Honorati, é mui notavel pela sublimidade do estylo e riqueza da linguagem. Elle está cheio de largas e elegantes descripções dos males que causou a invenção da polvora; ellas servem ao orador, que prégava a soldados d'artilheria, no dia da sua Padroeira, para lhes mostrar a urgente necessidade que sempre e, maximé, de presente tinham do patrocinio de Santa Barbara. E' um Sermão rico e sensibilisador.

lou, mas excedeu a todos: Quem? A gloriosa Santa Barbara, a cuja protecção e memoria com tanto estrondo e abalo dos elementos, se dedica este alegre dia.

Nas palavras que propuz, diz Christo Mestre divino e Senhor nosso, que é similhante o reino do céu a um thesouro escondido no campo, o qual como o achasse um homem venturoso, se foi logo a vender quanto tinha, para comprar o campo e se fazer senhor do thesouro. Para intelligencia de que thesouro escondido fosse este, é necessario saber primeiro, qual seja o reino do céu, que Christo chama similhante a elle: *Simile est Regnum Cœlorum thesauro abscondito*. S. Gregorio Papa adverte aqui doutamente, que o reino do céu nas Divinas Lettras se divide ou distingue em dois reinos: um eterno, outro temporal; um futuro, outro presente; um na Igreja triumphante, que descança em paz no céu, outro na guerreira e militante, que ainda trabalha e peleja na terra. D'aqui se segue, que assim como ha dois reinos similhantes ao thesouro escondido, assim ha dois thesouros escondidos, similhantes a um e outro reino: e estes são os dois thesouros que Santa Barbara comprou com o preço de quanto tinha: *Vendit universa, quæ habet, et emit agrum illum.*

Tinha Santa Barbara, como filha unica e herdeira de Dioscoro seu pae, senhor nobilissimo da cidade de Nicomedia, um riquissimo patrimonio dos bens que chamam da fortuna. Tinha mais outro mais precioso e mais rico, que era o de todos os dotes da natureza e graça, formosura, discrição, honestidade, e as demais virtudes por onde o desejo e emulação de todos os grandes a procuravam por esposa. E tendo já consagrado tudo isto a Deus na flôr da edade, até a liberdade e a vida lhe sacrificou a sua fé e o seu amôr: a liberdade em um dilatado martyrio preza por muito tempo, e aferrolhada em um castello: e a vida em outro martyrio, mas muito mais cruel, sendo variamente atormentada com todos os generos de tyrannias, e finalmente degolada com a maior de todas, por mão de seu proprio pae.

Este foi o preço verdadeiramente de tudo quanto possuia, com que Barbara comprou os dois thesouros, um para si, outro para nós. Para si, o da eterna corôa que goza em paz na Igreja triumphante do

céu: para nós, o do perpetuo soccorro com que nos ajuda a batalhar e vencer na militante da terra. Deste, que é o que hoje vimos reconhecer diante de seus altares em perpetua acção de graças, é o de que tratarei sómente. Confessando porém primeiro, que para publicar os poderes e louvores de Santa Barbara, assim como os trovões da artilharia são mudos, assim as vozes mais polidas dos prégadores, e toda a nossa eloquencia é barbara. *Ave Maria.*

II

Simile est Regnum Cœlorum thesauro abscondito

Uma das coisas admiraveis que fez, e tem Deus neste mundo, e de que sua sabedoria e grandeza muito se préza, são os seus thesouros escondidos. Por ventura (diz Deus a Job) entraste tu nos meus thesouros da neve, ou viste os meus thesouros da saraiva, os quaes eu tenho guardado para o tempo dos inimigos, e para o dia da guerra e da batalha? *Numquid ingressus es thesauros nivis, aut thesauros grandinis vidisti; quæ præparavi in tempus hostis, et in diem pugnæ, et belli?* [1] Por ventura pôde atégora a especulação dos philosophos descobrir a origem e verdadeiras causas dos ventos, tão inconstantes e leves elles, e tão encontrados nas suas opiniões, como o norte e o sul? Mas por isso os desenganou David, que só Deus, que creou os ventos, lhes conhece o nascimento, e os tira, quando e como é servido, do decreto de seus thesouros: *Qui producit ventos de thesauris suis.* [2] Não é menor maravilha, que não crescendo a superficie do mar um dedo, com todas as correntes dos rios, que nelle desaguam, sejam taes as inundações do mesmo mar, que tenham afogado cidades, e sepultado provincias inteiras. Mas todos estes diluvios particulares, sem serem ajudados do céu, nem das nuvens, os tem depositado Deus nos

[1] *Job.*, XXXVIII, 22 e 23.
[2] *Psalm* CXXXIV, 7.

occultos e profundos abysmos dos seus thesouros: *Ponens in thesauris abyssos.* [1] Finalmente destes mesmos thesouros escondidos tinha já prophetisado Jacob: *Inundationem maris quasi lac sugent, et thesauros absconditos arenarum.* [2]

De maneira, que na terra, na agua, no ar, como em differentes e vastissimos campos, tem Deus escondidos seus thesouros. Mas nenhum destes, com serem tão grandes e tão varios, é o que o mesmo Deus descobriu a Santa Barbara, e de que ella com os cabedaes de seu merecimento se fez senhora. O maior, o mais nobre, o mais maravilhoso, e o mais escondido thesouro do universo, é o quarto elemento, o fogo. E' tão escondido, que Pitagoras, e outros que refere Santo Agostinho, porque não vemos a esphera do fogo, a negaram totalmente. Os logares em que a natureza collocou os elementos, occupam todo o espaço que se estende desde o centro do mundo até o céu. A terra ao redor do centro, a agua sobre a terra, o ar sobre a agua, o fogo sobre o ar até o concavo da lua, ou do empyreo. Mas se a esphera do fogo é tão immensa, e o fogo naturalmente luminoso, como a não vemos ao menos de noite? Logo signal é (inferiam estes Auctores) que o fogo não tem esphera. Mas sendo evidente por outras demonstrações que a perfeição do universo não podia carecer deste thesouro; o que deviam inferir, como nós dizemos, é, que se não vê, por ser thesouro escondido. E porque o não possam contradizer philosophos, nem mathematicos, leiam-se as primeiras palavras com que a Escriptura Sagrada descreve a creação do mundo, e acharemos nellas expressamente a terra, a agua, o ar; mas o fogo não: *Terra autem erat inanis, et vacua, et Spiritus Domini ferebatur super aquas. Terra autem*, eis ahi a terra: *Super aquas*, eis ahi a agua: *Spiritus Domini*, eis ahi o ar. [3] E porque razão Moysés, assim como fez menção dos outros tres elementos, a não fez tambem do quarto? Se fez menção da terra, da agua e do ar, porque a não fez tambem do fogo? Porque Moysés, como notam S. Basilio, S. João Damasceno,

---

[1] *Psalm.* XXXII, 7.
[2] *Deut.*, XXXIII, 19.
[3] *Gen.*, I, 2.

e Béda, só fallou das coisas manifestas, e que se vêem. E assim como callou a creação dos Anjos, porque são invisiveis, assim não fallou do fogo elementar, porque está escondido a nossos olhos.

Este thesouro, pois, tão propriamente escondido, é o que Deus descobriu, e de que deu o dominio a Santa Barbara, fazendo-a governadora, protectora, e defensora do fogo. O' gloriosa filha de Eva, maior senhora que a primeira mulher, ainda no estado da innocencia e na felicidade do Paraiso! O maior poder, ou poderes, que nunca Deus deu a algum homem, foi a Adão. E que poderes lhe deu? Sobre a terra, sobre a agua, sobre o ar: *Ut præsit piscibus maris, et volatilibus cœli, et bestiis, ac universæ terræ.* [1] Tudo o que se move neste mundo, ou andando na terra, ou nadando na agua, ou voando no ar, será sujeito a teu imperio. Mas assim como Deus deu a Adão o dominio dos tres elementos inferiores, o do quarto e supremo porque lh'o não deu? Se ao imperio da terra ajuntou o da agua, e ao da agua o ar; ao do ar porque não ajuntou tambem o do fogo? Porque esse reservou-o Deus pra si. Lêde os Prophetas, que são os que vivendo na terra só podiam entrar e vêr a côrte do céu, e achareis que todo o apparato da Magestade de Deus é fogo, e tudo quanto decreta e executa, por instrumentos de fogo. Se está assentado, o seu throno é de fogo: *Thronus ejus flammæ ignis:* [2] Se sáe a passear como em carroça, as rodas são de fogo: *Rotæ ejus ignis accensus:* Se leva diante a sua guarda real, os archeiros são de fogo: *Ignis ante ipsum præcedet:* [3] Para qualquer parte que volte o rosto, sáem delle chammas de fogo: *Ignis a facie ejus exarsit:* [4] Se olha, é com olhos de fogo: *Oculi ejus tanquam flamma ignis:* [5] Se ouve, com ouvidos de fogo: *Deus, qui exaudiet per ignem:* [6] Se falla, com vozes de fogo: *Audisti verba illius de medio ignis:* [7] E até o mesmo Deus se cria vulgarmente, que

---

[1] *Gen.*, I, 26.
[2] *Dan.*, VII, 9 e 10.
[3] *Psalm.* XCVI, 3.
[4] *Ibid.*, XVII, 9.
[5] *Apoc.*, I, 14.
[6] *3.º Livr. dos Reis*, XVIII, 24.
[7] *Deut.*, IV, 36.

era fogo: *Deus noster ignis consumens est.* [1] Isto é o que viram os Prophetas do céu, e tambem o viu todo o povo na terra, quando Deus desceu a lhe dar a Lei no Monte Sinay: *Totus autem mons Sinai fumabat: eo quod descendisset Dominus super eum in igne:* [2] De todo o monte sahiam e subiam nuvens espessas de fumo, porque Deus tinha descido sobre elle em fogo. Tudo o que se ouvia, eram trovões: tudo o que se via, relampagos: *Et ecce coperunt audiri tonitrua, et micare fulgura.* [3] Até os Gentios, por estes effeitos, ao seu Jupiter chamaram Tonante, e lhe deram por armas os raios, cantando os seus poetas do falso deus, o mesmo, nem mais nem menos, que David affirmou do verdadeiro: *Intonuit de Cœlo Dominus, et Altissimus dedit vocem suam: grando, et carbones ignis.* [4] E este é, como dizia, o imperio e governo do quarto e supremo elemento, que Deus reservou para si, e tendo-o negado a Adão, e não concedido a algum de tantos famosos heroes que passaram em tantos seculos, o delegou finalmente em Santa Barbara, sujeitando a esphera do fogo, e seus prodigiosos e temerosos effeitos ao arbitrio de seus poderes e o soccorro e remedio delles á invocação de seu nome.

III

E se me perguntardes quando lhe deu Deus a investidura deste imperio, ou a posse deste governo, e de que modo? Respondo que por meio de dois raios fataes, pouco depois da morte da mesma Santa. Concorreram para a morte, ou para o triumpho de Barbara, dois barbaros, um menor, outro maior tyranno, ambos cruelissimos. O primeiro tyranno, e menor, foi Marciano, que martyrisou o corpo innocente e virginal da Santa com os mais exquisitos tormentos: o segundo tyranno, e maior, foi Dioscoro, seu pae, que com entranhas mais feras que as das mesmas fe-

[1] *Deut.*, IV, 24.
[2] *Exod.*, XIX, 18.
[3] *Ibid.*, 16.
[4] *Psalm.* XVII, 14.

ras, desembainhou a espada, e lhe cortou a cabeça. Que faria á vista deste espectaculo o fogo, que com instincto occulto e mais que natural, já sentia naquelles sagrados e coroados despojos, e já começava a reconhecer a nova sujeição e obediencia, que depois de Deus lhe devia? Rasgam-se no mesmo tempo as nuvens, ouvem-se dois temerosos trovões, disparam-se furiosamente dois raios, os quaes derrubando, abrazando e consumindo os dois tyrannos, em um momento os desfizeram em cinzas. Ah, miseraveis idolatras e tyrannos impiissimos, que se no mesmo tempo em que os dois relampagos vos feriram os olhos, invocasseis o nome da mesma victima a quem tirastes a vida, ella sem duvida vos livraria da morte! Mas nem os tyrannos cegos souberam conhecer onde tinham o seu remedio, nem os mesmos raios, que nesta execução começavam já a professar o culto e veneração de Barbara, esperaram seu imperio ou consentimento para vingar suas injurias: porque não obravam como causas naturaes por proprio impulso, mas guiados por destino occulto e entendimento superior que os governava.

E para que vejamos quão entendidamente serviram a Santa Barbara, e sem esperar sua obediencia lhe obedeceram, comparemos estes dois raios sem uzo de razão, com outros dois raios racionaes e de grande entendimento. Aos dois irmãos S. Thiago e S. João mudou-lhes Christo o nome, ou accrescentou-lh'o, chamando-lhes raios: *Jacobum Zebedæi, et Joannem fratrem Jacobi, et imposuit eis nomina Boanerges, quod est filii tonitrui.* [1] *Boanerges* propriamente quer dizer filhos do trovão: e porque do trovão nasce o raio, *Boanerges* em phrase hebrea, ou syriaca, qual era a vulgar daquelle tempo, significa raios. E que fizeram estes dois raios tão entendidos? Negando os Samaritanos a Christo a entrada da sua cidade, quizeram ambos castigar este desprezo e vingar esta injuria de seu Mestre, fazendo como raios, que descesse fogo do céu e abrazasse os Samaritanos: mas este fogo, este zelo, e este pensamento tão bravo e tão bizarro tudo ficou no ar; porque? Porque consultaram, e pediram licença a Christo: *Domine, vis*

[1] *Marc.*, III, 17.

dicimus, ut descendat ignis de cœlo, et consumat illos? [1] Respondeu o Senhor, que elle não viera ao mundo a matar homens, senão salval-os, e que elles como seus discipulos haviam de perdoar as injurias, e não vingal-as. O mesmo havia de responder Santa Barbara, se os nossos dois raios a consultaram, ou lhe pediram seu consentimento para vingar as suas injurias, e matar e abrazar os tyrannos. Mas elles, sendo raios sem entendimento, entenderam melhor o caso. Ha casos em que por pedir licença se perdem as mais gloriosas acções. Notou discretamente S. João Chrysostomo, que se a Magdalena pedira licença a Christo para lhe derramar uma vez aos pés, outra sobre a cabeça os seus preciosos unguentos (que eram as aguas de Cordova ou de Ambar daquelle tempo, como este regalo fosse tão contrario á mortificação que o Senhor professava, claro está que lhe não havia de conceder a licença. Mas o mesmo Senhor, que não havia de conceder licença pedida, depois que a Magdalena, sem a pedir, lhe fez aquelle obsequio, não só defendeu a obra mas a approvou e louvou: *Bonum enim opus operata est in me.* [2] O mesmo havia de succeder aos dois raios do Apostolado, se elles abrazaram os Samaritanos, como justamente mereciam. Mas o que elles, sendo tão entendidos, não entenderam, nem fizeram, fizeram sem entendimento os nossos raios, porque eram governados por outra intelligencia mais alta.

No caso da prizão de Christo, S. Pedro sem pedir licença tirou pela espada, investiu os inimigos, e começou a cortar orelhas: os outros Discipulos, pelo contrario, chegaram-se ao Senhor e pediram licença: *Domine, si percutimus in gladio?* [3] E quem se mostrou mais fiel servo, mais valente, e mais zeloso da vida e da honra de seu Senhor? Não ha duvida que Pedro, e como tal o louvam todos os Santos. Entre os outros Discipulos tambem se achavam os dois *Boanerges*, os dois raios, mas quem se portou como raio foi Pedro, porque essa é a bizarra natureza dos raios, ferir, e executar primeiro, e depois protestar a sua su-

[1] *Luc.*, IX, 54.
[2] *Math.*, XXVI, 10.
[3] *Luc.*, XXII, 49.

jeição e obediencia. E' Texto excellente no livro de Job: *Nunquid mittes fulgura, et ibunt, et revertentia dicent tibi: Adsumus?* [1] Por ventura, diz Deus a Job, são taes os teus poderes, como os meus, que despidas do céu os raios, e elles depois de executarem tornem a ti, e te digam: Aqui estamos promptos para obedecer o que nos mandares? Caetano, demasiadamente subtil neste passo, disse que estão aqui as palavras trocadas, e que primeiro se haviam de apresentar os raios obedientes e dizer, *Adsumus*, e depois executar o que lhes mandassem. Mas com razão é regeitada de tôdos esta subtileza, como alheia do Texto e da condição do raio; porque os raios, depois de qualificarem a sua obediencia com a execução, então é que a protestam com dizerem, aqui estamos: *Ibunt, et revertentia dicent; Adsumus.* Isto é o que fizeram os dois raios vingadores das injurias de Santa Barbara, começando a protestação e reconhecimento da sua obediencia e sujeição á Santa, pela anticipada execução do que deviam á sua honra, sem esperar o mandado, ou licença do seu imperio. *Est nimirum hæc circumlocutio obsequentissimorum famulorum*, diz com S. Gregorio Papa o doutissimo Pineda.

IV

Temos visto como Santa Barbara dominou o mais escondido thesouro da natureza, que é o fogo, e como Deus lhe sujeitou as mais violentas e temerosas partes, ou effeitos delle, que são os raios. Dizendo porém o Evangelho que os thesouros de que falla ninguem os alcança de graça, senão comprados, e comprados com tudo quanto possue: *Vendit universa, quæ habet, et emit agrum illum;* segue-se que vejamos qual foi o preço proporcionado e justo com que a nossa Santa, e ella só, comprou e mereceu este extraordinario dominio. E' questão curiosa e não facil. Para intelligencia della havemos de suppor que estes thesouros, quaesquer que sejam, ou os compram os Santos por mão propria, ou por mão alheia. Os Confes-

sores compram por mão propria, com as virtudes e boas obras que elles por si mesmos exercitam: os Martyres compram por mão alheia, com os tormentos e crueldades que lhes fazem padecer os tyrannos. Mas d'aqui parece que se segue, que esta singular prerogativa de Santa Barbara, qualquer outra Virgem e Martyr a mereceu egualmente, porque deu o mesmo preço. A mesma natureza parece tambem que confirma este direito em duas excepções, ou limitações, com que produz os raios. Não só os poetas, que merecem pouco credito, mas os auctores da historia natural, como Plinio e os mais, exceptuam da jurisdição dos raios, entre as aves a aguia e entre as arvores o louro. E assim como a aguia e o louro não são dominadas, senão predominantes ao raio, assim á Virgem e á Martyr parece que é devido este predominio: á Virgem em quanto martyr, como á aguia, pela corôa; e á Martyr, em quanto virgem, como ao louro, pela laureola. Que causa ha logo, ou que razão de differença entre tantas Virgens e Martyres, para que a singular prerogativa deste dominio a désse a Divina Justiça, como premio de seu merecimento, unicamente a Santa Barbara?

A razão manifesta, é, porque o martyrio de Santa Barbara, entre todas e todos os Martyres, foi o mais violento e furioso de quantos se padeceram a mãos dos tyrannos. Os outros Martyres padeceram a mãos dos Neros e dos Dioclecianos; Santa Barbara a mãos de seu proprio pae: genero de martyrio pela atrocidade desta circumstancia, não só singular e inaudito, mas não imaginavel. Soube Dioscoro que sua filha era christã, e porque nenhum meio lhe bastou de promessas ou ameaças, de benevolencia ou rigor, com que a pudesse apartar da Fé, primeiramente a entregou ao presidente Marciano debaixo de juramento, que todos os tormentos e generos de martyrios, quantos até então se tinham inventado, os havia de experimentar e executar nella: e assim o jurou e se fez. Os eculeos, as catastas, os escorpiões e pentes de ferro, as laminas ardentes, os chumbos derretidos, os peitos cortados, os dentes e voracidade das feras, tudo se experimentou em Barbara, não havendo parte sã, e de que não corresse sangue em todo o delicado corpo, e ferindo-se já não o corpo, senão as feridas umas sobre outras. Vencido pois Marciano, e

vendo esgottados em vão todos seus tormentos, pronunciou finalmente a ultima sentença, e mandou aos verdugos, que cortassem a cabeça a Barbara. Os verdugos? replicou o pae, isso não. Eu sou, e com estas mãos, o que lhe hei de tirar a vida. Isto disse desembainhando a espada, e descarregando-a com toda a força na garganta innocente, com um golpe lhe apartou a cabeça dos hombros. O' espectaculo, ó portento de deshumanidade, nunca visto, como dizia, nem ouvido, nem imaginado!

Um só pae lemos nas Escripturas, que tirasse a vida a sua filha, que foi Jephtë, em cumprimento de um voto que tinha feito a Deus. Mas que comparação tem aquelle caso com este? Aquelle foi um excesso de religião, este um prodigio de crueldade. Alli o pae era sacerdote, aqui sacrilego, impio e blasphemo. Um sacrificava a filha amada a Deus, outro a filha aborrecida aos idolos. Um derretendo-se-lhe as entranhas de compaixão como cera, outro com o coração mais duro que os marmores. Um correndo-lhe dos olhos lagrimas de piedade e amôr, outro vomitando pela bocca labaredas de odio e ira. Um derramando o sangue da filha como proprio, outro não só como alheio, mas como do maior inimigo. Um tremendo-lhe a mão da espada, outro triumphando de a vêr tingir na purpura que lhe sahira das veas. Um matando a quem desejava a vida, outro tirando-a a quem a tinha dado. Um com o maior exemplo da fé, outro com o maior escandalo e horror da natureza. Emfim, ambos paes e filhas, mas com tal differença em um e outro espectaculo, que vendo o sacrificio de Jephtë choravam de lastima mulheres e homens, e á vista do parricidio de Dioscoro pasmavam e estavam attonitos os leões e os tigres. E como o martyrio de Barbara foi o mais violento e furioso de todos os martyrios, por isso mereceu com elle o dominio do mais violento e furioso de todos os elementos.

Comparae-me o pae de Barbara, na violencia e furia desta sua acção, com o fogo, e vereis quão parecidos e similhantes são um e outro. Notou advertidamente Seneca, que é natural da violencia e efficacia do fogo, não consentir que as coisas sejam o que

são: *Ignis nihil esse, quod sit, patitur.* [1] Era Dioscoro pae de Barbara, mas a violencia e furia, ou, por melhor dizer, o fogo da sua tyrannia não consentiu que fosse o que era. Era pae, e deixou de ser pae. Mas assim havia de ser, ou deixar de ser o que era, para mais propriamente ser como o fogo. Entre todos os elementos só o fogo não é pae; todos os outros geram e são fecundos, só o fogo é esteril e não gera. Essa é a propriedade da etymologia, com que os Latinos sabiamente lhe chamaram *ignis*. Compõe-se o nome de *ignis* de *in* e de *gigno*, como se disseram, *non gignens*, o que não gera: porque as salamandras que alguns lhe perfilham, são fabula. Mais fizeram. Para guardar perpetuamente o fogo que chamavam sagrado, instituiram a religião das Virgens Vestaes. E porque razão virgens? Para que ellas e o fogo a quem guardavam, fossem similhantes: elle por natureza, e ellas por instituto, sem geração. Oiçamos ao auctor do seu ritual no livro dos Fastos:

Nec tu aliud Vestam, quam vivam intellige flammam.
Nataque de flamma corpora nulla vides.
Jure igitur virgo est, quæ semina nulla remittit
Nec capit. [2]

E como o pae de Barbara, sendo pae por natureza, deixou de ser pae por tyrannia, e tendo-a verdadeiramente gerado, lhe tirou tão cruelmente a vida como se a não gerara, em perpetua memoria deste portento da deshumanidade lhe deu justamente Deus o dominio do elemento, que só não é pae, nem gera: e assim como ella padeceu a violencia e furia do mais violento e furioso de todos os martyrios, assim dominasse a violencia e furia do mais violento de todos os elementos.

E se a singularidade do martyrio de Santa Barbara mereceu este dominio commum sobre o fogo, não foi menos devido á causa do mesmo martyrio o dominio e imperio sobre as partes mais violentas e furiosas do mesmo fogo, que são os raios. Quando o pae já cruel encerrou a Santa naquella torre, man-

---

[1] *Sen. Q. Nat.* Lib. II, Cap. 41.
[2] Ovid. in Fastis.

dou que se abrissem nella duas janellas; e como depois visse abertas tres, e soubesse da mesma filha, que ella tinha accrescentado a terceira em honra da Trindade do verdadeiro Deus, trino e uno, que adorava; esta fé e protestação constante foi a causa do seu martyrio. Vamos agora ao mysterio e proporção do premio com que Deus o remunerou. Em todas as coisas que Deus creou, como marca ou caracter proprio (a modo dos grandes artifices) imprimiu alguns vestigios do seu soberano ser, trino e um, posto que muitos os não conheçam, como disse David: *Et vestigia tua non cognoscentur*. [1] Mas entre todas as creaturas irracionaes, nenhuma traz mais impresso e expresso em si este caracter, que o raio, o qual é um tridente de fogo dividido em tres pontas, e por isso chamado trino, ou trisulco. *Ille Pater, Rectorque Deum, cui dextra trisulcis ignibus armata est*, diz Ovidio; e Seneca: *Opifex trisulci fulminis sensit Deus*. Por outra parte, a mais natural hostilidade dos raios (que sempre buscam o mais alto) é combater e escallar as torres. Tanto assim, que em alguns logares de Italia, que refere Plinio, foi vedado no tempo da guerra levantarem-se torres, porque todas batiam e destruiam os raios: *Turres bellicis temporibus defixere fieri, nulla non earum fulmine diruta*. [2] E como a causa do martyrio de Santa Barbara foi a fé e protestação da Santissima Trindade esculpida ou declarada nas tres janellas da sua torre; para que o premio fosse proporcionado não só ao martyrio senão tambem á causa, em memoria da Trindade deu-lhe o dominio dos raios, que representam a mesma Trindade nas suas tres pontas; e em memoria da torre fel-a Tutelar das torres e dos castellos, para que as guarde e defenda dos mesmos raios.

V

Para bem vos sejam, todo poderoso e todo piedoso Deus (que me não quero congratular neste caso com a nossa e vossa Santa, senão com a vossa infinita bon-

---

[1] *Psal.*, LXXVI, 20.
[2] *Plin.*, Lib. II, Cap. 4.

dade). Para bem vos sejam estes mesmos poderes que communicastes á vossa grande serva e defensora nossa, para que tenha a vossa misericordia, quem modere os rigores de vossa justiça, e quando a vossa mão armada de raios queira fulminar o mundo, ou vos tenha mão no braço, ou os apague e divirta, antes de chegarem á terra.

E' tal a bondade de Deus (o qual ainda quando mais irado se não esquece de sua misericordia), que quando quer castigar os homens, o que mais sente é não haver algum que se lhe opponha e lhe resista. Esta é a queixa que faz por bocca de Isaias no Capitudo cincoenta e nove, onde o Propheta descreve ao mesmo Deus irado contra os captivos de Babylonia, e armado de justiça, de zelo, de indignação e vingança para os castigar e destruir como inimigos: *Indutus est justitia, ut lorica, et galea salutis in capite ejus: indutus est vestimentis ultionis, et opertus est quasi pallio zeli; sicut ad vindictam quasi ad retributionem hostibus suis, et vicissitudinem inimicis suis.* [1] Estas eram as armas de que Deus já estava vestido de ponto em branco para executar o castigo naquelles homens. E a sua queixa no meio desta mesma deliberação, qual era? Bemdita seja tal bondade e tal amôr! *Et vidit quia non est vir: et aporiatus est, quia non est qui occurrat.* [2] Assim provocado de sua justiça, assim irado, assim armado, assim deliberado a castigar, e já com os instrumentos da vingança nas mãos, o que Deus mais sentia, o que mais o magoava, o que mais o affligia, e quasi desesperava (que tudo isso significa *aporiatus est*), emfim, o de que só se queixava o bom Senhor, é de não haver um homem que se oppuzesse e contrariasse a sua mesma deliberação, e accudisse pelos que queria castigar, e rogasse e intercedesse por elles, e com efficacia de razões, como Moysés, o persuadisse a perdoar; ou luctando com elle, como Jacob, á força de braços e abraços o reduzisse e rendesse.

A mesma queixa fez outra vez Deus pelo Propheta Ezechiel, dizendo: *Non ascendistis ex adverso* [3] (ou

[1] *Isai.*, LIX, 17 e 18.
[2] *Ibid.*, 16.
[3] *Ezech.*, XIII, 5.

como lê o Original hebreu, *non ascendistis in fracturas, et interruptiones) neque opposuistis murum pro domo Israel, ut staretis in prælio in die Domini.* Foi o caso, que tinha Deus sitiado a cidade de Jérusalem com o exercito dos Chaldeus para a castigar e destruir: e tendo já aberto brechas para o assalto real (que isso quer dizer *fracturas et interruptiones)* queixa-se Deus de que os cercados não fizessem contramuros ás mesmas brechas: *Neque opposuistis murum*, e não sahissem a defender fortemente a entrada dos inimigos. Pois se o sitiador era Deus, e o exercito de Deus, e de Deus havia de ser a victoria e o castigo, *In die Domini;* porque se queixa o mesmo Deus de não haver quem se lhe oppuzesse e resistisse, *Non ascendistis ex adverso, neque opposuistis murum?* Porque sendo a condição de Deus não condemnar, senão perdoar; não assolar, senão consolar; não matar, senão dar vida; quando, a mais não poder, toma as armas para nos castigar, o que mais deseja e estima é achar quem lhe resista e o obrigue a embainhar a espada. Por isso quando dá similhantes poderes contra si, ou sobre si mesmo a Barbara, não a ella, nem a nós, senão ao mesmo Deus dou eu o parabem; porque se d'antes dizia: *Non est vir, qui occurrat*, e se queixava de não ter um homem que se lhe oppuzesse, já agora terá uma mulher que o vença e o desarme.

As mais temerosas e formidaveis armas de Deus são os trovões e os raios: *Dominum formidabunt adversarii ejus: et super ipsos in cœlis tonabit.* [1] Armado destas armas nos pinta David ao mesmo Deus, com tal horror de palavras, que até pintado faz tremer: *Commota est, et contremuit terra: fundamenta montium concussa sunt, et conquassata, quoniam iratus est eis. Ascendit fumus de naribus ejus, et ignis de ore ejus vorabit; carbones succensi sunt ab eo. Inclinavit cœlos et descendit: et caligo sub pedibus ejus. Præ fulgore in conspectu ejus, succensi sunt carbones ignis. Tonabit de cœlo Dominus, et excelsus dabit vocem suam. Misit sagittas, et dissipavit eos; fulgur, et consumpsit eos. Et apparuerunt effusiones maris, et revelata sunt fundamenta orbis, ab increpatione Do-*

1.º *Livr. dos Reis,* II, 10.

mini, ab inspiratione spiritus furoris ejus. [1] Não ha lingua que possa declarar a prosopopea tremenda desta descripção, senão emmudecendo. Inclinará Deus os céus, e avisinhar-se-ha mais á terra para castigar seus habitadores: debaixo dos pés trará um remoinho de nuvens negras, escuras e caliginosas: das ventas lhe sahirão fumos espessos de ira, de indignação, de furor: da bocca, como de fornalha ardente, exhalará um vulcão de fogo tragador, que tudo accenda em brazas e converta em carvões: atroará os ouvidos attonitos com os brados medonhos de sua voz, que são os trovões: cegará a vista com o fusilar dos relampagos alternadamente accesos, abrindo-se e tornando-se a cerrar o céu temerosamente fendido: disparará finalmente as suas settas, que são os raios e coriscos: abalar-se-hão os montes, retumbarão os valles, afundar-se-hão até os abysmos os mares, descobrir-se-ha o centro da terra, e apparecerão revoltos os fundamentos do mundo. E no meio desta confusão, assombro, terror e desmaio, quaes estarão os corações dos homens, e que será delles? Consumil-os-ha Deus, diz David, *Et consumpsit eos.* Mas isto se entende do tempo em que David escreveu, muitos seculos antes de haver na terra a gloriosa defensora destas baterias e destes tiros do céu, até então invenciveis. Porém depois que no mundo foi conhecido aquelle nome sagrado, ou o sagrado daquelle nome, por mais que as nuvens se rasguem em trovões, se accendam em relampagos, e se desfaçam em raios, (Santa Barbara!) em se invocando e soando este poderoso e portentoso nome, os trovões, os relampagos, os raios tudo se dissipou, e aquelles estrondos, medos e ameaços do céu, não só pararam sem effeito e se desfizeram sem damno; mas donde a terra temia ser abrazada, se viu regada, porque os raios se resolveram em rios, e o fogo se converteu em agua: *Fulgura in pluviam fecit.* [2]

Eu não quero, nem posso dizer, que depois que no mundo houve Santa Barbara, os raios não fossem nocivos aos homens, ou assombrando-os só com o

---

[1] *2º Livr. dos Reis*, XXII, 8, e seg.
[2] *Psal.* CXXXIV, 7.

ar, ou tirando-lhes a vida e fazendo-os em cinza com o fogo, pois estão cheias as historias de mortes notaveis de grandes personagens feridas e despedaçadas com raios. Mas o que só quero dizer é, que de pessoa que invocasse a Santa Barbara, e algum raio a offendesse, nenhuma historia ha, nem, como logo direi, a póde haver. Seneca nas questões naturaes depois de disputar sobre a origem e formação dos raios, conclue com uma sentença verdadeiramente estoica: *Malo fulmen non timere, quam nosse:* Antes quero não temer o raio que conhecel-o. Tu, Lucilio, ensina aos outros como os raios se fazem, eu para mim só quizera saber como se não temam: *Itaque alios doce quemadmodum fiant: ego mihi metum illorum excuti malo, quam naturam indicari.* E se perguntarmos ao mesmo Seneca como se podem não temer os raios? Responde, que não temendo a morte. Só quem não teme a morte, não teme o raio. E não bastará, fallando gentilicamente, encommendar-se um homem aos deuses? Absolutamente não. Porque os raios, diz elle, uns são fataes e necessarios, e estes de nenhum modo se podem evitar: outros são contingentes e arbitrarios, e só para estes podem aproveitar as orações e os votos: *Quædam enim à diis immortalibus ita suspensa relicta sunt, ut in bonum vertant, si admotæ diis preces fuerint, et vota suscepta.* [1] Até aqui Seneca, como grande philosopho, mas sem fé. Para nós, porém, que sabemos que não ha fado mais que a Providencia Divina, sempre livre e toda poderosa, digo que nenhum raio poderá fazer mal a quem se encommendar a Santa Barbara. E porque? Porque assim o prometteu Deus á mesma Santa. Antes de offerecer a garganta á espada do tyranno, fez Barbara oração a Deus, que a todos os que a tomassem por intercessora concedesse sua divina Magestade o que pedissem: e no mesmo ponto se ouviu uma voz do céu, que dizia: Assim será como desejas. Logo nenhum raio póde ferir a quem tomar por intercessora a Santa Barbara. A consequencia é evidente. Porque aquella voz que se ouviu do céu, foi voz de Deus; e o raio que sáe do trovão, tambem é voz de Deus, como diz Job: *Tonabit Deus in voce sua.* [2] Logo esta

[1] *Sen. in Q. Nat.* Lib. I, Cap. 37.
[2] *Job.*, XXXVII, 5.

segunda voz de Deus é força que se conforme com aquella primeira tambem de Deus, porque não seriam vozes da summa verdade, se uma contrariasse a outra.

VI

Até aqui temos visto quaes são os poderes e dominio de Santa Barbara sobre o fogo natural, e contra os mais violentos e furiosos partos delle, quaes são os raios. Mas de trezentos annos a esta parte tem crescido muito mais a jurisdição e imperio da mesma Santa sobre o elemento do fogo. Até o anno de Christo mil e trezentos e quarenta e quatro, o campo em que dominava Santa Barbara, *Emit agrum album*, era a região do ar, com os seus relampagos e raios, e com todos os outros meteoros ardentes, que nelle accende o fogo, em que tambem entram os vastissimos corpos e formidaveis incendios dos cometas. Este universal dominio como governadora e protectora exercitou a nossa Santa por espaço mais de mil annos, que tantos se contaram desde o seu martyrio até o anno já referido de mil trezentos e quarenta e quatro. E faço esta distinção de tempos e de poderes, porque neste anno se accrescentou á mesma Santa sobre a jurisdição do fogo elementar e natural, a dos fogos artificiaes, cujos prodigiosos excessos, que cada dia vemos crescer mais e mais, com novos horrores da natureza, então tiveram seu principio. [1] Com razão clamam as Escripturas, que das partes septentrionaes e do norte sahiria todo o mal. Assim se viu na Germania, porque della sahiu naquelle anno, para peste universal do genero humano, a fatal invenção da polvora, sendo seu descobridor Bertoldo Negro, o qual já trazia no appellido a côr que havia de ter o seu infernal invento. O primeiro Propheta que prophetisou os males que no Septentrião haviam de ter sua origem, foi Jeremias, quando em figura de uma caldeira ardente, *Ollam succensam ego video*, [2] viu o incendio com que Nabuzardão havia de abrazar a Jé-

[1] Spondanus anno Christi 1344.
[2] *Jer*, 1, 13.

rusalem. E verdadeiramente que as suas palavras muito mais naturalmente se podem entender do incendio com que Bertoldo abrazou o mundo. *Ab Aquilone pandetur malum super omnes habitatores terræ.* [1] Aquelle fogo abrazou sómente os habitadores de Jérusalem, este tem abrazado e consumido a todas as nações do mundo. E delle se diz com maior propriedade, *Pandetur malum*, que o mal se abriria e descobriria, porque até então estava encerrado e occulto nos segredos da natureza, e quando se inventou então se descobriu, *Pandetur.*

Os primeiros que se acham haver usado da artilheria pelo artificio da polvora (ao menos na Europa), foram os Moiros contra os Christãos na batalha de Algezira em Hespanha. De maneira, que bem advertida a chronologia dos tempos, no mesmo seculo, e quasi pelos mesmos annos, tiveram seu infausto nascimento as maiores duas pestes do mundo, a polvora, e o Imperio Ottomano. E parece que assim estava prophetisada uma e outra muitos seculos antes por Daniel no Cap. 7.º Falla alli o Propheta dos quatro mais famosos imperios do mundo, e com grande especialidade das tres partes do Romano, que lhe havia de roubar e dominar o Turco na Asia, na Europa, e na Africa, chamando ao mesmo Turco: *Cornu parvulum*, [2] pela baixeza de seus principios. E na mesma ordem da narração, diz que viu a Deus assentado no throno de sua magestade, e que da bocca lhe sahia um rio de fogo arrebatado: *Fluvius igneus, rapidusque egrediebatur à facie, hoc est, ab ore ejus.* [3] E que rio de fogo nomeadamente arrebatado e furioso é este senão o da polvora no mesmo tempo do imperio turquesco, como logo nota o mesmo Propheta: *Aspiciebam propter vocem sermonum grandium, quos cornu illud loquebatur?* [4] Era o auctor deste invento de profissão Religioso, ao qual, como bem diz Espondano, fôra melhor que no tempo em que fazia aquellas experiencias, se estivesse encommendando a Deus: mas permitte o mesmo Deus similhantes inven-

[1] *Jerem.*, I, 14.
[2] *Daniel*, VII, 8.
[3] *Ibid.*, 10.
[4] *Ibid.*, 11.

ções, assim para castigo dos máus, como para gloria e exaltação de seus Santos. Primeiramente sahia este rio de fogo da bocca de Deus, porque não só as coisas naturaes são effeitos da sua bocca, e da sua voz: *Ipse dixit, et facta sunt;* [1] senão tambem as artificiaes, quando querendo, ou permittindo, dispõe sua Providencia que se façam. Este rio, pois, do fogo arrebatado e furioso da polvora, se dividiu logo em tantos canaes, uns maiores outros menores, quantos são os canos de ferro ou bronze por onde o mesmo fogo furiosamente rebenta, e por isso se chamam boccas de fogo. Na cavallaria as pistolas e as caravinas, nos infantes os mosquetes e os arcabuzes, nos exercitos e nos muros das cidades, os canhões, e as culebrinas. E todos estes instrumentos, e os que os manejam, ficaram desde então sujeitos ao imperio, e debaixo da protecção de Santa Barbara.

Vêde quanto se augmentou o seu dominio com o invento da polvora na multidão, na variedade, na força, nos effeitos, e ainda na facilidade dos tiros e machinas de fogo a que preside. Para se gerar um raio, é necessario que as terras não sejam extremamente frias, que por isso na Scythia são rarissimos: é necessario que o tempo seja estio, ou outono: que as nuvens sejam espessas e humidas: que as exhalações sejam seccas e calidas: que o movimento ou anteparistesis as accenda: que a rotura por onde sáe seja pela parte inferior, e não pela de cima: e que a materia seja crassa e pingue, porque se não dissipe ou apague o fogo, antes que chegue á terra. Tudo isto é necessario para formar um raio na região do ar. Na terra, porém, quão pouco basta? Basta que aos que teem o supremo poder lhes suba á cabeça um vaporzinho, ou de cubiça, ou de ambição, ou de inveja, ou de odio, ou sómente de vaidade e gloria, para que contra uma fortaleza, ou sobre uma cidade, chova tanta multidão de raios, quantas são as pedras das suas muralhas. Os raios que cáem do céu em muitos annos, são contados; os que se fulminam da terra na bateria ou defeza de uma praça, não teem conto. Ainda quando os do céu se não contentam com ferir os montes, ou com se empregar nas feras, e nas en-

[1] *Psal.*, XXXII, 9.

sinhas, ou só com metter medo aos homens; raro é o raio que seja réo mais que de um homicidio. Mas os que saem de uma peça de artilheria, se o não vistes, ouvi o estrago que fazem. Na batalha naval entre os cesarianos e francezes na ribeira de Salerno, matou uma bala de artilheria quarenta cesarianos: na batalha campal dos allemães contra os hespanhoes junto a Ravena, matou outra peça com um só tiro mais de cincoenta allemães: na guerra de Alberto Cesar contra os polacos em Bohemia, não dizem as historias de qual das partes, mas affirmam que uma só bala matou oitenta soldados.

Que similhança têm com a sombra disto as ballistas, as terebras, os arietes, as catapultas, e todos os outros instrumentos bellicos, que com tanta força de engenho inventaram primeiro os Gregos, depois os Romanos, e com tanta força de braços não conseguiam em muito tempo e trabalho, o que faz em um momento uma mão com um botafogo? Muitos houve que quizeram imitar os raios, que a gentilidade chamava de Jupiter, em que foi tão famosa a arrogancia de Sulmon, rei de Elide, vivendo, como é fabuloso, no inferno, o castigo do seu atrevimento. Virgilio lhe chama louco, porque quiz imitar o raio, que não é imitavel:

Demens, qui nimbos, et non imitabile fulmen
Ære, et cornipedum cursu simularat equorum.

Mas se a sua Musa adivinhára que do mesmo inferno havia de sahir a polvora, de nenhum modo dera ao raio o nome de inimitavel, pois a nossa artilheria não só o limita, mas vence. Todo o apparato e fabrica estrondosa de um raio, a que se reduz no ar? A uma nuvem, a um relampago, a um trovão, e ao mesmo raio. E tudo isto se vê e experimenta com vantagem no tiro de uma peça. O fumo é a nuvem, o fogo o relampago, o estrondo o trovão, a bala o raio. E digo com vantagem, porque a nuvem acabou no primeiro parto, e em se rompendo se desfez e desvaneceu: e a peça inteira e solida dura annos, e seculos, disparando, e lançando de si no mesmo dia e na mesma hora, não só um, senão muitos raios. Pouco ha dissemos que o fogo natural era esteril, e não gerava; mas depois que o artificial se ajuntou com a

polvora, em todo o genero de viventes tem filhos de fogo. Animaes de fogo nos camelos, serpentes de fogo nos basiliscos, aves de fogo nos falcões, e em todos os outros instrumentos sulphureos, homens de fogo. Homens de fogo na artilheria, homens de fogo nas bombas, homens de fogo nas granadas, homens de fogo nos petardos, homens de fogo nos trabucos, homens de fogo nas minas, e assim sobre a terra, como debaixo della, homens de fogo, que nelle e delle vivem.

VII

Tão necessario é ao intrepido e temeroso officio da artilheria (que tudo isto comprehende), o patrocinio de Santa Barbara na terra. E passando da terra ao mar, bem se deixa vêr quanto mais importante será, e quanto mais admiravel e milagroso, defendendo aos que pelejam com os mesmos instrumentos de fogo, mettidos em um lenho, e sobre as ondas. Averiguada conclusão é entre os mestres de uma e outra milicia, que comparada a da terra, com a do mar, esta é muito mais trabalhosa e perigosa. Na terra peleja contra vós um elemento, no mar todos quatro: na terra tendes para onde vos retirar; no navio estaes preso, e não tendes outra retirada, que lançando-vos ao mesmo mar. Na terra ajudam uns esquadrões a outros esquadrões, e uns terços a outros terços, no mar estaes com os companheiros á vista, e nem elles muitas vezes vos podem soccorrer a vós, nem vós a elles. E quanto ao exercicio da artilheria, na terra borneaes a vossa peça coberto de um parapeito de pedra de cinco pés, ou de uma trincheira de faxina de dezoito, no mar de fraz de uma taboa de tres dedos. Na terra corre a artilheria sobre uma esplanada firme e segura, no mar sobre um convez sempre inquieto e tambem inquieto da parte contraria o ponto a que se nivella o tiro. Os Gregos chamaram á peça de artilheria *bombarda* pelo boato, os Latinos *tormentum*, pelo que atormenta o corpo opposto que fere: eu na terra chamara-lhe tormento, e no mar tormenta: *Ignis, et sulphur, et spiritus procellarum*. Grande sciencia geometrica é necessaria para entre dois pontos inconstantes tirar uma linha certamente recta, qual ha de seguir a bala para se empregar

com effeito. Mas tudo isto póde fazer o sabio artilheiro nautico com maiores estragos do inimigo, dos que acima referimos, conseguindo com um só tiro, por ser no mar, o que não póde succeder na terra. Explicar-me-hei com um exemplo famoso da Sagrada Escriptura.

Por occasião do testamento de David, faz a Escriptura um catalogo dos seus mais insignes capitães, que é a melhor e mais preciosa herança que um rei póde deixar a seu filho, como bem o experimentou Filippe II nos que herdou de Carlos. Começa pois o catalogo: *Hæc nomina fortium David:* [1] Estes são os nomes dos valentes de David. Eram estes valentes trinta, escolhidos entre todo o exercito, os quaes se chamavam os trinta fortes de Israël: destes trinta eram escolhidos tres, os quaes se chamavam os tres fortes: e destes tres era escolhido um, o qual não se chamava o fortissimo, senão o sapientissimo. As palavras notaveis do Texto são estas: *Sedens in cathedra sapientissimus Princeps inter tres: ipse est quasi tenerrimus ligni vermiculus, qui octingentos interfecit impetu uno:* Está assentado na cadeira o Principe sapientissimo entre tres, o qual de um impeto matou oitocentos, e é como o bichinho sem força, que roe as raizes da arvore. Tres duvidas não vulgares tem este Texto. Se este primeiro e mais afamado capitão de David matou oitocentos, como os podia matar de um só impeto: *Interfecit octingentos impetu uno?* E se não só entre os trinta, senão entre os tres fortes de Israël, era elle o mais forte; porque não se chama o fortissimo, senão sapientissimo: *Sapientissimus inter tres?* Finalmente, se aquella sua grande façanha a declara a Escriptura por uma comparação, porque se compara a um bichinho sem força, que roe as raizes da arvore: *Ipse est tanquam tenerrimus ligni vermiculus?* Deixada a interpretação litteral desta historia, que não é facil, eu que só a referi, e tomei por exemplo, digo que nella está admiravelmente retratado quanto póde obrar o sabio artilheiro com um só tiro, não na terra, senão no mar. Atirando a uma capitania, ou a outra grande náu de guerra, se lhe penetrar com a bala o paiol da polvora, ou lhe

[1] *2.º Livr. dos Reis*, XXIII, 8.

romper outra parte vital, como algumas vezes tem acontecido, sem duvida a deitará a pique com um só tiro, e no tal caso de um só impeto matará oitocentos, e ainda mais homens: *Occidit octingentos impetu uno* E por uma victoria tão notavel, que nome ou fama alcançará o artilheiro? Não nome ou fama de fortissimo, senão de sapientissimo; porque aquella acção não foi obra das forças do seu braço, senão da sciencia pratica da geometria militar, com que governou tão acertadamente o tiro, e por isso sapientissimo na arte: *Sapientissimus inter tres.* Finalmente, para tirar a admiração de um tão grande estrago, executado por um instrumento sem forças, traz a Escriptura a comparação do bichinho, que sem ellas roeu as raizes da arvore; porque alo¸ados muitos homens debaixo de uma grande arvore, se ella por lhe faltarem as raizes cahiu subitamente sobre elles, a todos opprimiu, e acabou de um só golpe, não sendo a causa principal de tamanha ruina, a grandeza e pezo da arvore, senão o bichinho que lhe roeu a raiz: *Ipse est tanquam tenerrimus ligni vermiculus.*

Por este singular exemplo se vê quanto mais poderosa é a artilheria no mar, que na terra, ajudando-se e dando-se a mão o elemento da agua com o do fogo. Já antigamente tinham feito a mesma companhia entre si estes dois elementos contra Pharaö: *Grando, et ignis mista pariter ferebantur:* [1] e a mesma fazem naturalmente em todas as batalhas ou conflictos navaes. O fogo queima, a agua afoga, o fogo mata, a agua sepulta. Mas se tanto é o estrago que faz e póde fazer uma peça de artilheria nas náus inimigas, d'aqui se deve fazer reflexão (como a fazia Agamenon no incendio de Troya), que o mesmo fará nas nossas, se não tivermos alguma mais poderosa protecção, que nos defenda e livre. Verdadeiramente, que é tão pia e christã, como bem entendida architectura aquella com que em todas as náus de guerra, que são cidades nadantes, a casa que os hereges e outros menos devotos chamam praça de armas, nós como templos pequenos a dedicamos a Santa Barbara, e a fundamos sobre os armazens mais secretos, em que a polvora vae guardada. Como se dissera a nossa

[1] *Exod.*, IX, 24.

Fé, ou a nossa confiança, com os olhos na vigilancia de tão soberana protectora: *Non sinet perfodi domum suam:* [1] Para mim não são necessarios outros milagres de Santa Barbara, mais que este tão universal, e tão continuo em todos os vasos de guerra prenhes de mais apparelhados incendios que o cavallo Troyano.

Vendo Moysés nos desertos de Madian, que a sarça ardia, e não se queimava, disse: *Vadam, et videbo visionem hanc magnam:* [2] Quero ir vêr este grande milagre. O milagre consistia em que estando o fogo tão visinho á sarça, ella, comtudo, sem o admittir em si, estivesse tão verde, que, como bem disse Philo Hebreu, mais parecia que a sarça queimava o fogo que o fogo a sarça; e que em vez de o mesmo fogo a abrazar, a regava, para que mais reverdecesse. Por isso Moysés não só lhe chamou milagre, mas grande: *Visionem hanc magnam.* E não seria grande, nem milagre, se a fome e voracidade do fogo não fosse qual é. O mysterio com que os antigos fingiram a Vulcano, deus do fogo, manco e arrimado a um bordão, é porque só o fogo, entre todos os elementos, necessita de materia em que se sustente. A terra, a agua, o ar, sustentam-se, e conservam-se em si mesmos; o fogo, se não tiver em que se sustente, apaga-se e morre. Assim se apagou nas alampadas das Virgens nescias pela falta de oleo. E desta mesma necessidade de comer para se sustentar, nasce ao fogo aquella voracidade com que tão facilmente se ateia, e tanto mais quanto a materia é mais disposta. Supposto isto, quem não terá por milagre, e continuos milagres de Santa Barbara, principalmente nas náus de guerra, em que perpetuamente se conserva o fogo, e muitos fogos, abster-se elle de se atear em materias tão dispostas, como as dos mesmos corpos navaes? Póde haver materia mais disposta, e mais gulosa para o fogo, que taboas seccas, breu, alcatrão, sebo, estopa, e polvora, e tudo isto assoprado dos ventos, e em perpetuo moto, que por si mesmo é causa do calor, e o calor do fogo? Se as nuvens humidas e frias, naturalmente produzem fogo por anteparistesis, como não obra os mes-

---

[1] *Math.*, XXIV, 43.
[2] *Exod.*, III, 3.

mos effeitos em materias tão dispostas todo o elemento da agua que as rodea, por natureza mais humido, e mais frio? Mas para que são argumentos, onde as mesmas maravilhas se demonstram melhor nas experiencias da vista, do que as póde considerar ou arguir o discurso? Ponde-vos no galeão S. Domingos, Capitania Real de nossa armada nas quatro batalhas navaes de Pernambuco, sustentando a bateria de trinta e cinco náus hollandezas: e que é o que se via dentro e fóra em toda aquella formosa e temerosa fortaleza nos quatro dias destes conflitos? Jogava o galeão sessenta meios canhões de bronze em duas cobertas: tinha guarnecidas por um e outro bordo o convez, os castellos de popa e proa, as duas varandas e as gaveas, com seiscentos mosqueteiros. E sendo um Ethna, que lentamente se movia, vomitando labaredas, e raios de ferro e chumbo por tantas boccas maiores e menores, dando todos, e recebendo polvora, carregando e descarregando polvora, e tendo nas mesmas mãos os murrões com duas mechas accezas, ou os botafogos fincados junto aos cartuchos: e que bastando qualquer faisca para excitar um total incendio, e voar em um momento toda aquella machina; que entre tanta confusão, e visinhança de polvora e fogo, estivesse o galeão tremulando as suas bandeiras, tão seguro e senhor do campo, como uma rocha batida só das ondas, e não das balas; quem negará que suppria alli a vigilancia e patrocinio de Santa Barbara, o que nenhuma providencia humana pudéra evitar?

VIII

Sobre este conhecimento e reconhecimento, que vivas e louvores deve toda a milicia catholica, assim no mar, como na terra, á sua grande Protectora? E que documentos darei eu aos officiaes maiores e menores da nobilissima arte da artilheria, seus subditos e devotos? Para o triumpho de Santa Barbara se me offerecia a carroça de Elias por ser de fogo; mas posto que tão singular entre todas as que viu com admiração o mundo: porque de nenhum modo iguala a pompa e magestade que é devida ás victorias da nos-

sa Santa só nos servirá para notar no mesmo fogo a differença, como servem as sombras, e os oppostos para mais illustrar os contrarios. Descrevendo a Escriptura o modo com que Elias arrebatado da terra se apartou de Eliseu, diz que foi em uma carroça, por que tiravam cavallos, e que a carroça e os cavallos tudo era de fogo: *Et ecce currus igneus, et equi ignei diviserunt utrumque.* [1] E sendo que o Texto sagrado nos dá neste logar a razão porque triumphou Elias pelo ar em carroça de fogo, podendo ser antes de nuvens mais vistosamente doiradas com os raios do sol: de outros logares da mesma Escriptura tiram os Santos Padres a verdadeira causa. Estando Elias retirado em um monte, mandou-o chamar El-rei Ochosias por um capitão de infanteria, acompanhado de cincoenta soldados o qual lhe deu o recado do rei com estas palavras: *Homo Dei, hæc dixit rex: Festina, descende;* [2] Homem de Deus, diz El-rei, que desçaes logo e lhe vades fallar. E que responderia Elias? *Si homo Dei sum, descendat ignis de cœlo, et devoret te, et quinquaginta tuos:* Se sou homem de Deus, desça o fogo do céu, que te abraze a ti e aos teus cincoenta. Assim o disse, e assim se cumpriu logo: desceu subitamente fogo do céu, que abrazou e consumiu o capitão e os soldados. Sabido o caso por El-rei, mandou outro capitão com outra companhia do mesmo numero: e como este désse o recado com egual comedimento; a resposta de Elias foi como a primeira, e o capitão e os soldados todos foram abrazados com fogo do céu em um momento. Tal era o imperio que Deus tinha dado a Elias sobre o fogo de que elle usava tão despoticamente! E esta foi a razão porque o mesmo fogo, como sujeito e subdito seu, se converteu em carroça e cavallos para o levar em triumpho: *Ignis Eliam quasi suum imperatorem reveretur, eique quasi famulus suum ultro offert obsequium*, diz com S. Chrysostomo, e os outros Interpretes litteraes, Cornelio. [3]

Combinemos agora fogo com fogo, imperio com imperio, e Barbara com Elias. A Elias e a Barbara

[1] *4.º Livr. dos Reis*, II, 11.
[2] *Ibid.*, I, 11.
[3] Cornel. in cap. *Eccl.*, XLVIII, 8.

deu Deus o imperio do fogo; mas com differente magestade exercita um e outro o mesmo imperio? Elias manda ao fogo que queime, e Barbara que não queime: Elias manda-lhe que abraze homens, e Barbara que os não toque: obedecendo porém o fogo a Elias, queima e abraza como fogo que é, mas obedecendo a Barbara, como se perdera a propria natureza, quasi deixa de ser o que é, por não faltar ao que deve. Da parte de Elias parece que é egual o poder no imperio; mas da parte de Barbara mostra que é muito maior na obediencia. Se quando Daniel foi lançado no lago dos Leões, elles o comeram, não era maravilha; mas que famintos e com o pasto á vista refreassem a propria voracidade, a sua abstinencia era a que provava o milagre: e aquillo é o que fazia Elias nos homens, que dava a comer ao fogo, isto o que faz Barbara nos que livra dos incendios. Verdadeiramente era galante a consequencia com que Elias fazia descer o fogo do céu! *Si homo Dei sum, descendat ignis de cœlo, et devoret te:* Se sou homem de Deus, desça fogo do céu que te abraze. Basta que o signal de ser de Deus era abrazar e consumir homens! Para bem parece que havia de dizer: Se sou de Deus, eu rogarei a Deus por ti, eu te guardarei, eu te defenderei: e isto é com que prova a nossa Santa ser mais propriamente de Deus. Elias imperando ao fogo, mostrava que era de Deus; mas de Deus vingador, de Deus rigoroso, de Deus severo: e Barbara no mesmo imperio mostra tambem que é de Deus: mas de Deus perdoador, de Deus piedoso, de Deus benigno, emfim de Deus, no de que mais se préza Deus.

Não ha duvida que na comparação de imperio a imperio, o uso e exercicio delle foi muito mais humano e benefico, e por isso mais divino em Santa Barbara, que em Elias. E passando a comparação de fogo a fogo, assim como no que domina Santa Barbara descobriremos uma grande novidade, assim na combinação do mesmo dominio subiremos com a verdade onde só póde chegar o encarecimento, e de nenhum modo passar a imaginação.

Já dissemos, com a opinião commum dos historiadores, quem e quando foi o primeiro inventor da polvora. Mas se bem se lerem e entenderem as Escripturas, acharemos que quatro mil annos antes a tinha já inventado Deus no fogo artificial, que choveu

sobre Sodoma. Que fosse artificial e não natural aquelle fogo, consta das palavras com que Moysés refere a mesma historia, dizendo que o Senhor choveu do céu enxofre, e fogo feito pelo mesmo Senhor: *Dominus pluit super Sodomam sulphur, et ignem à Domino de cœlo.* [1] Onde é muito novo e digno de se notar aquelle termo, *Dominus à Domino*, para declarar, como advertem todos os Interpretes, que tal genero de fogo não foi effeito das causas naturaes, mas da arte e sabedoria divina, a qual não cria nada de novo, mas das coisas já creadas, compondo-as e unindo-as entre si, produz effeitos novos e maravilhosos, qual foi aquelle fogo verdadeiramente artificial. Mas que o artificio fosse o mesmo da polvora, não basta este só Texto para o provar, porque só faz menção do enxofre, *Ignem, et sulphur.* Temos porém outro em que o mesmo Moysés no Deuteronomio torna a descrever o mesmo fogo, e diz expressamente que era composto de enxofre e salitre, que são os dois ingredientes da polvora: *Sulphure, et salis ardore comburens, in exemplum subversionis Sodomæ.* [2] Deste fogo, pois, e do primeiro incendio que causou no mundo a polvora, livrou Deus a Loth. Mas por meio de quem? Não só de dois Anjos, mas esses representadores de duas pessoas divinas, porque eram dois dos tres que appareceram a Abrahão no valle de Mambrè (bem assim como o Anjo que livrou aos tres meninos da fornalha de Babylonia, representava a segunda pessoa da Trindade, o Filho: *Et species quarti similis Filio Dei.)* [3] E quando Deus para livrar a um homem, qual era Loth, do primeiro incendio da polvora, commette esta diligencia a dois Anjos, e esses representadores de duas pessoas divinas, vêde qual é o imperio, o dominio e a jurisdição de Santa Barbara, pois a ella só encarregou Deus o cuidado e superintendencia universal de livrar e defender a todos os homens, assim na terra, como no mar, do fogo e incendios da mesma polvora!

Fabriquem pois os Seraphins, que são espiritos tambem de fogo, novo carro triumphal a Santa Bar-

---

[1] *Gen.*, XXIX, 24.
[2] *Deut.*, XXIX, 23.
[3] *Dan.*, III, 92.

bara, melhor, e mais glorioso que o de Elias: diante do qual não sejam levadas em urnas tristes e funestas as cinzas de homens abrazados e mortos, mas vivos, dando vivas á soberana Protectora todos aquelles (numero sem numero) que livrou do fogo e dos incendios. E o nosso insigne capitão do mar e da guerra, que hoje com tanto apparato e grandeza celebra a mesma triumphadora, leve como nobilissima parte dos seus triumphos, rodando em carretas doiradas, os canhões ganhados em tantas e tão famosas victorias, com os quaes melhor, que com columnas de bronze, se honram as portadas de sua illustrissima Casa: digno successor daquelle immortal heroe, que como Marte da patria, a defendeu na guerra, e como pae, cerradas as portas de Jano, a deixou victoriosa em paz.

IX

E a vós (animosos ministros de Vulcano, que continuamente exercitaes o perigoso manejo do fogo nos maiores e mais arriscados instrumentos da vossa arte) o que só vos digo por fim é que não deixeis de vos aproveitar de uma só coisa boa que trouxe ao mundo o uso e invento da polvora. Das viboras não só se tira veneno, senão tambem triaga. E que coisa boa trouxe ao mundo a polvora? Um desengano universal, de que nenhum homem se deve já fiar das suas proprias forças. Antigamente havia Achilles, havia Hercules, havia Samsões: depois que a polvora veiu ao mundo, acabou-se a valentia dos braços. Um pygmeu com duas onças de polvora póde derrubar o maior gigante. Que fundamento cuidaes que teve a philosophia symbolica das fabulas, para fingir que os gigantes fizeram guerra ao céu, e quizeram apear de seu throno a Jupiter, senão porque entenderam e quizeram declarar aquelles sabios, que os homens que se fiam em suas grandes forças, não temem a Deus, nem o veneram como se não dependeram delle. Ouvi a arrogancia sacrilega e blasphema com que fallava um destes chamado Mesencio: *Dextra mihi Deus, et telum, quod missile libro:* O meu Deus é o meu braço e a minha lança. Por certo, soberbissimo capitão, que não havieis de fallar tão confiadamente, se fôra em tempo que

o menor soldadinho do exercito contrario, vos podéra responder com uma bocca de fogo. Este é pois o desengano que trouxe ao mundo a polvora, para que todo o homem, e muito mais os que vivem na guerra e da guerra, se persuadam que só Deus lhes póde conservar a vida, e não o seu braço, nem a sua espada. Assim o dizia David, aquelle soldado tão esforçado e tão forçoso, que com as mãos desarmadas escalava ursos e afogava leões: *Gladius meus non salvabit me.* [1]

Sirva pois a polvora, que sempre trazeis nas mãos, de vos lembrar o perigo em que egualmente trazeis a vida, vivendo de maneira que seja agradavel a Deus, de quem por tão ordinarios accidentes está mais dependente, que a dos outros homens. E valendo-vos da poderosa intercessão da vossa vigilantissima protectora a gloriosa Santa Barbara, de cuja devoção e invocação vos prometto por fim o que a mesma Santa tem provado ao mundo com varios exemplos. Ainda os que estão ardendo no meio das labaredas, invocando o seu nome, se elle lhes não salva totalmente a vida temporal, ao menos lh'a sustenta quanto baste, para que, recebidos os Sacramentos, alcancem a eterna.

[1] *Psal.* XLIII, 7.

SERMÃO

DE

S. JOÃO EVANGELISTA *

Conversus Petrus vidit illum discipulum, quem diligebat Jesus, sequentem. [1]

I

Cuidava eu que só dos que seguem ao mundo havia venturosos e desgraçados. Tambem na santidade ha fortuna. S. João Baptista foi desgraçado com reis; S. João Evangelista foi venturoso com principes. S. João Baptista foi desgraçado com reis, porque um rei o fez nascer em uma montanha, e outro rei o fez morrer em um carcere. S. João Evangelista foi venturoso com principes, porque o Principe do céu e o Principe da Igreja, ambos andam em competencia neste Evangelho sobre qual se lhe ha de mostrar mais afeiçoado. Fez Christo a S. Pedro Principe universal da sua Igreja, e apontando S. Pedro para S. João, disse: *Domine, hic autem quid?* [2] Senhor, se a mim me daes o Pontificado, se a mim me entregaes as chaves do céu, aos merecimentos de João, que lhe haveis de dar? Que responderia Christo a S. Pedro? *Sic eum volo manere donec veniam, quid*

---

* Foi prégado este Sermão na festa do Principe D. Theodosio, na Capella Real, no anno de 1644. E' este Sermão, commenta o erudito Honorati, muito engenhoso no estylo e na materia, muito appropriado ao Principe, em cuja honra se pregava, o qual era um espirito d'elevada cultura intellectual.

[1] *Joan.*, XXI.

[2] *Ibid.*, XXI, 21.

ad te? [1] Se eu quero que João se fique assim, quem vos mette, Pedro, a vós nisso? Quem vos fez procurador de João? *Quid ad te?* Notavel resposta de Christo, e notavel proposta de Pedro! Christo e Pedro ambos parece que estão queixosos pelo que haviam de estar agradecidos. Na repartição dos logares sentem-se as dignidades que se dão aos outros: nos negocios dos amigos, sente-se que haja descuidados, mas não que haja cuidadosos. Pois se Christo era amigo de João, e Pedro estava feito Pontifice, porque se mostra sentido Pedro da dignidade que lhe dava Christo? Porque se mostra sentido Christo do cuidado que mostrava Pedro? Os sentimentos eram diversos, mas a causa era a mesma. Sentiam-se ambos, porque ambos amavam muito a S. João. Pedro sentia-se da dignidade que lhe dava Christo; porque como Pedro amava muito a João, queria a dignidade para elle, e não para si: Christo sentia-se do cuidado que mostrava Pedro, porque como Christo amava mais que todos a João, não queria que houvesse quem se mostrasse mais cuidadoso que elle. Onde está João, dizia Pedro, porque me hão de dar o Pontificado a mim? *Hic autem quid?* Onde estou eu, dizia Christo, porque ha de ter outrem cuidado de João? *Quid ad te?* De maneira, que o Principe da Igreja, e o Principe da Gloria andavam ambos em competencia sobre qual havia de amar mais a S. João, porque ser amante do Evangelista amado, ou é destino ou é obrigação dos maiores Principes.

Tão qualificada, Senhor, e tão auctorisada como isto tem V. A. a devoção do seu amado Evangelista S. João: auctorisada com os cuidados do Principe da Igreja, e mais auctorisada com as emulações do Principe da Gloria. Comtudo, Senhor, eu quando considero a V. A. principe de Portugal, não deixo de ter meus escrupulos nesta devoção. S. João foi o valido de Christo; e um principe de Portugal logo em seus primeiros annos affeiçoado a validos! Devoção a valido, ainda que santo, em um principe! Escrupulosa devoção! Lá diziam os Israelitas a Deus, que lhe não haviam de chamar Baalim, que quer dizer, Senhor meu; porque ainda que Baalim era nome

[1] *Joan.*, XXI, 22.

de Deus, equivocava-se com Baal, que era nome do idolo. Pois se o nome do idolo, ainda que posto em Deus, era perigoso; o nome de valido, ainda que posto em S. João, porque o não será? Valido, ainda que seja S. João, é valido: e affeição a valido no nosso principe! Pois por certo, Senhor, que não são esses os exemplos que V. A. vê: não é essa a doutrina com que V. A. é creado. Quanto mais que havendo de haver valido, parece que não havia de ser S. João. Os validos inventaram-se para os principes descançarem nelles; e S. João era um valido, de quem diz o Evangelista: *Recubuit super pectus Domini:* [1] Que esteve encostado sobre o peito de seu Senhor. Lindo talento de valido! Em vez de o Principe descançar nelle, elle descança no Principe!

II

Com isto se representar assim eu acho duas razões muito forçosas para o principe nosso senhor se affeiçoar a este grande valido de Christo. A primeira, pelas partes do valido: a segunda, pela auctoridade de quem o inculcou. Quiz El-rei Athalarico tomar por seu valido a Tholonico, patricio romano, e escreveu-lhe assim em uma Epistola, que é a nona do liv. 8.º de Cassiodoro: *Ad relevandam florentissimæ ætatis nostræ solicitudinem visum est te virum prudentissimum adhibere, quem constat etiam domino avo nostro laudabiliter adhæsisse:* Quero-vos por companheiro no governo destes meus primeiros annos, diz Athalarico a Tholonico, por duas razões; porque tendes prudencia para o ser, e porque o fostes primeiro do senhor Theodorico meu avô: *Quem constat etiam domino avo nostro laudabiliter adhæsisse.* Estas mesmas são as razões que o principe, que Deus guarde, tem para ser tão affeiçoado a este grande valido de Christo. A primeira, porque tem grandes partes para o ser: a segunda, porque o foi primeiro do serenissimo D. Theodosio seu avô: *Etiam domino avo nostro laudabiliter adhæsisse.* Sendo S. A. de muito me-

[1] *Joan.*, XXI, 20.

nos annos, sonhou que lhe apparecia o senhor D. Theodosio, que lhe encommendava muito que fosse grande devoto de S. João Evangelista, de quem elle toda a vida fôra devotissimo. Não foi esta a vez primeira, que felicidades de S. João tiveram principio em sonhos. Este sonho mysterioso foi o principio desta devoção: e esta herança divina foi a que deixou a um tal neto um tal avô.

Já outra vez ao pé da cruz foi S. João Evangelista deixado em herança; e a meu vêr, este é um dos grandes louvores do Discipulo amado: ser um amigo de quem se póde testar. Um dos grandes escandalos que tenho do mundo, é porque se não ha de testar dos amigos? Na morte testam os homens de todos seus bens, e por essa mesma razão parece que haviam de testar dos amigos em primeiro logar; porque entre todos os bens, nenhum bem ha maior que os amigos, e entre todas as coisas nossas, nenhuma é mais nossa que os amigos. Pois se os amigos são os nossos maiores bens, e os bens mais nossos, porque não testamos delles? A razão é esta: porque os bens de que testam e podem testar os homens, são aquelles que permanecem depois da morte: e os amigos, ainda que sejam os nossos maiores bens, são bens que se acabam com a vida. O maior amigo permanece até a morte, depois da morte ninguem é amigo. Morreu Lazaro estando Christo ausente: e é muito de reparar o modo com que Christo Senhor nosso deu esta nova aos Apostolos. A primeira vez disse: *Lazarus amicus noster dormit:* [1] Lazaro nosso amigo dorme. D'ahi a pouco explicou-se mais, e disse: *Lazarus mortuus est:* [2] Lazaro é morto. Notavel differença! Quando Christo diz que Lazaro dorme, chama-lhe amigo nosso: *Lazarus amicus noster dormit;* quando diz que Lazaro é morto, não lhe chama amigo: *Lazarus mortuus est.* Pois se lhe chama amigo quando disse que dormia, porque não lhe chama amigo, quando disse que morrêra? Porque quando disse que dormia, suppunha-o vivo, que o dormir em rigor é de quem vive; quando disse que morrêra, declarava-o morto; e o nome de amigo acaba-se com

---

[1] *Joan.*, XI, 11.
[2] *Ibid.*, 14

a vida: depois da morte ninguem é amigo. Lazaro vivo é amigo: *Lazarus amicus noster;* Lazaro morto é Lazaro: *Lazarus mortuus est.* E como as amizades humanas são bens que não permanecem depois da morte, por isso os homens não testam destes bens, por isso se não deixam os amigos em testamento. Só S. João Evangelista foi excepção desta regra, como de todas. Fez Christo seu testamento na hora da morte, e a principal herança de que testou, foi S. João: *Mulier, ecce filius tuus.* [1] Sabia que o amôr do seu amado não se havia de acabar com a vida; por isso foi a herança principal de seu testamento.

No Sacramento da Eucharistia consagrou Christo egualmente seu corpo e sangue: mas no modo da consagração reparo eu em uma differença grande. A' consagração do calix, chamou-lhe Christo testamento: *Hic calix novum testamentum est in meo sanguine:* [2] á consagração do corpo não lhe chamou testamento: *Hoc est corpus meum,* [3] e não disse mais. Pois se Christo chama testamento ao sangue, porque não chama testamento ao corpo? E se testou do sangue, porque não testou do corpo? A razão muito a nosso intento é esta: porque as finezas do corpo de Christo acabaram com a morte; as finezas do sangue de Christo, ainda depois da morte perseveraram. O corpo de Christo concorreu á Redempção, padecendo; o sangue de Christo concorreu á Redempção, derramando-se: pois por isso testou Christo de seu sangue, e não testou de seu corpo, porque o corpo depois da morte não padeceu; o sangue depois da morte ainda se derramou: *Exivit sanguis:* [4] Essa foi a causa porque advertidamente o Evangelista fallando da lança, não disse que ferira, senão que abrira: *Latus ejus aperuit:* [5] porque a lançada não foi ferida para o corpo, foi porta para o sangue: não foi ferida para o corpo, porque o corpo não a sentiu; foi porta para o sangue, porque o sangue sahiu por ella: *Exivit sanguis.* E como no corpo depois de morto não havia

---

[1] *Joan.*, XIX, 26.
[2] *Luc.*, XXII, 20.
[3] *Ibid.*, 19.
[4] *Joan.*, XIX, 34.
[5] *Ibid.*

sentimento para padecer, e no sangue depois da morte ainda havia impulsos para sahir, por isso testou Christo de seu sangue, e não de seu corpo: *Hic calix novum testamentum est in meo sanguine.* O' divino João, que bem mostraes ser sangue de Christo na fineza de vossa amizade! Não se acabaram vossas finezas com a morte, antes depois que Christo morreu por vós, morrestes vós mais por elle: por isso testou de vós vosso Mestre: por isso testaram de vós nossos Principes.

Ora eu me puz a considerar em razão de herdeiro, a qual devia mais o principe, que Deus guarde, se a El-rei nosso senhor, se ao senhor D. Theodosio? Em quanto herdeiro d'El-rei nosso senhor, a herança é o reino de Portugal: em quanto herdeiro do senhor D. Theodosio, a herança é S. João Evangelista. Pois a qual deve mais S. A. em razão de herdeiro? Não ha duvida, senhor, que em razão de herdeiro deve V. A. mais ao senhor D. Theodosio, que a El-rei nosso senhor. Provo em proprios termos. Quando Christo fez o seu testamento na Cruz, teve duas coisas de que testar: testou do reino, e testou de S. João. Saibamos: E a quem deixou estes dois legados? O reino deixou-o a Dimas, S. João deixou-o a sua Mãe. Pois como assim, parece que se haviam de trocar os legados: o Discipulo bastava deixal-o a um amigo, o reino convinha deixal-o á Mãe: pois porque deixa o Discipulo á Mãe, e o reino a Dimas? Porque a quem Christo amava mais, era bem que deixasse o melhor legado. E com o reino de Christo ser o melhor do mundo, á Mãe, a quem amava mais, deixou a João: a Dimas, a quem amava menos, deixou o reino. Porque muito menor herança era o reino, do que João. S. Ambrosio expressa e estremadamente: *Matri dixit: Ecce filius tuus: Latroni dixit: Hodie mecum eris in paradiso: pluris putans, quòd pietatis officia dividebat, quàm quòd regnum cœleste donabat.* [1] A' Mãe, a quem amava mais, deu a João; a Dimas, a quem amava menos, deu o reino: porque pondo em fiel balança de uma parte o reino do céu, de outra parte a João, entendeu Christo, que dava mais a sua Mãe em lhe dar a João, do que a Dimas em lhe dar o rei-

[1] *Luc.*, XXIII, 43.

no: *Plurius putans, quòd pietatis officia dividebat, quàm quòd regnum cœleste donabat.* E se S. João sem lisonja é melhor herança que o reino do céu, sem ingratidão podemos dizer, que é melhor herança tambem, que o nosso de Portugal.

Esta é a primeira razão e mui justificada, que S. A. tem para ser mui affecto ao grande valido de Christo, por ser herança do senhor D. Theodosio seu avô. A segunda é, pelas boas partes que em S. João se acham para valido como agora veremos.

III

A primeira boa parte que eu reconheço em S. João para valido, é ser Evangelista. Os validos hão de ser Evangelistas. O officio dos Evangelistas é dizer verdade; e os validos hão de ter o dizer verdade por officio. Alguns homens teem havido Evangelistas, muitos homens teem havido validos; mas valido e Evangelista juntamente só S. João o foi. A razão, ou sem razão disto, é porque os que são validos não querem ser Evangelistas: e os que são Evangelistas não chegam a ser validos. Só em S. João se ajuntaram estas duas propriedades, das quaes se compõe a maior prerogativa sua. Sabeis qual é a mais singular prerogativa do Evangelista amado? E' ser amado sendo Evangelista. Reparo eu muito no nosso Evangelho em uma coisa em que não vejo reparar: *Et scimus quia verum est testimonium ejus:* [1] diz S. João por fim de seu Evangelho, que tudo o que diz nelle é verdade. Ociosa advertencia ao que parece, por certo. Leiam-se todos os Evangelistas, e nenhum se achará que fizesse similhante advertencia. Pois se os outros Evangelistas não dizem que é verdade o que escreveram: porque diz S. João, que é verdade o que escreveu? Não tinha egual auctoridade? Não era Evangelista como os demais? Sim, era: mas era Evangelista amado: e porque o amôr podia fazer suspeitosa a verdade, advertiu, que ainda que era amado, era verdadeiro: *Discipulum quem diligebat et scimus quia*

[1] *Joan.*, XXI, 24.

verum est testimonium ejus. Ordinariamente nas côrtes dos principes, os que contrafazem a verdade, são os que grangeam o amôr. Na côrte de Christo não é assim: os que teem por profissão ser verdadeiros, são os que teem por premio ser amados. O' que grande gloria de Christo! O' que grande gloria de João! Grande gloria de Christo, que o seu amado seja um Evangelista: grande gloria de João, que sendo Evangelista seja o amado. Mas isto não se acha em toda a parte: só na côrte do céu e na de Portugal; só no Principe da Gloria e no nosso principe. O que importa, senhor, é que seja sempre assim. Os amados sejam só os Evangelistas, e quem não fôr Evangelista, não seja amado.

E qual é a razão porque os Evangelistas devem ser os amados? A razão é evidente: porque o maior merecimento para ser amado é amar, e a maior prova de amar, é fallar verdade. Perguntou Dalila a Samsão por tres vezes, em que parte tinha vinculada sua fortaleza, e que remedio podia haver para ser vencido? Respondeu Samsão a primeira vez, que se o atassem fortemente com nervos: a segunda vez, que se o atassem com cordas: a terceira vez, que se o atassem com os cabellos; mas de todas as tres vezes rompeu elle com facilidade as ataduras. E que faria Dalila vendo-se assim enganada? Queixou-se muito de Samsão, disse que sabia de certo que a não amava, e fez-lhe este argumento: *Quomodo dicis quòd amas me? Per tres vices mentitus es mihi:* [1] Como dizes tu, Samsão, que me amas, se me mentiste tres vezes? Bem tirada consequencia: mentiste-me, logo não me amas. A consequencia é clara; porque amar é entregar o coração; mentir é encobril-o: bem se segue logo, que quem não falla verdade, não ama: porque como ha de entregar o coração, quem o encobre? De maneira, que da verdade de cada um póde julgar o principe o seu amôr; com advertencia, porém, que não deve esperar, como Dalila, pela terceira mentira: *Per tres vices mentitus es mihi.* Pela primeira falsidade em que o vassallo fôr achado, ha de cahir logo da graça do principe, e cahir para sempre. Parece demasiado rigor, porque a graça de Deus não se perde

[1] *Juizes.*, XVI, 15.

por qualquer mentira: bem póde um homem não fallar verdade, e mais ficar em graça de Deus. Comtudo, no principe não é bem que seja assim. Porque? Porque para Deus, que conhece os corações, bem póde haver mentiras veniaes, mas para quem os não conhece, todas é bem que sejam mortaes, e que por todas se perca a graça. A graça consiste no amôr: quem não falla verdade, não ama, logo onde se prova o desamôr, bem é que se perca a graça. Perca-se a graça, onde se provar o desamôr, que é mentira: ganhe-se a graça, onde só se provar o amôr, que é verdade: e andem juntos como em S. João o titulo de Evangelista com o de amado.

Não sou amigo de deixar duvidas na minha doutrina. Todos me estão pondo contra esta uma grande instancia. S. Matheus, S. Marcos, S. Lucas tambem foram Evangelistas; comtudo não alcançaram privilegios de amados: logo S. João não foi amado por ser Evangelista, e se foi amado por Evangelista, qual é a maior razão? A maior razão é esta: porque S. João Evangelista, como notou S. Jeronymo, disse no seu Evangelho muitas coisas que os outros Evangelistas deixaram de dizer: e dizer as verdades que os outros dizem, não é acção que mereça singular amôr; mas dizer as verdades que os outros deixam de dizer, quem isto faz, merece ser singularmente amado. As verdades que disse S. Matheus, disse-as S. Marcos, disse-as S. Lucas: as verdades que disse S. Marcos, disse-as S. Lucas, disse-as S. Matheus: as verdades que disse S. Lucas, disse-as S. Matheus, disse-as S. Marcos: nas muitas verdades que disse S. João, não as disse S. Matheus nem S. Marcos, nem S. Lucas: elle só as disse. E quem sabe dizer as verdades que todos os outros callam, elle só merece ser mais amado que todos. Não ha de ser o amado quem calla as verdades que os outros dizem, senão quem diz as verdades que os outros callam. Assim o fez S. João, e por isso foi o singularmente amado: *Discipulum quem diligebat.*

IV

A segunda qualidade de valido que teve S. João, e a que eu admiro muito neste grande Santo, é ser um valido, que ficou assim: *Sic eum volo manère.*

Perguntou S. Pedro a Christo: *Domine, hic autem quid?* Senhor, se a mim me fazeis Principe da vossa Igreja, S João, o vosso valido, que ha de ser? Respondeu o Senhor: *Sic eum volo manère:* Quero que fique assim. Esta é, a meu vêr, uma das grandes excellencias do Evangelista, ser um valido, que ficou assim. Ser valido, é ficar logo de outra maneira, isso acontece a todos; mas ser valido, e ficar assim como d'antes, é singularidade de S. João. S. Pedro, que media a S. João pelos outros validos, imaginava que havia de crescer muito com o valimento: *Hic autem quid?* Mas S. João, que se media comsigo, ficou-se assim como d'antes era: *Sic eum volo manère.*

Uma das circumstancias em que reparo muito na creação do mundo, é formar Deus a Eva do lado de Adão: não a pudéra formar da cabeça, para que fôra entendida? Não a pudéra formar das mãos, para que fôra executiva? Não a pudéra formar dos pés, para que fôra diligente? Pois porque a fórma do lado? Porque o lado de Adão era a parte mais accommodada para o que Deus pertendia. Deus de uma pequena parte de Adão queria fazer subitamente uma Eva que fosse tão grande como elle; pois por isso a formou do lado, e não d'outra parte, porque é propriedade dos lados crescer muito em pouco tempo. Ainda agora costa, e já Eva? Ainda agora uma parte tão pequena do lado de Adão, e já tão grande como o mesmo todo de que era parte? Sim; porque a costa era parte do lado de Adão. Adão era principe universal de todo o creado; e não ha coisa que mais cresça, nem mais depressa, que os lados dos Principes. Veja-se em José com El-rei Pharaó: veja-se em Amão com El-rei Assuero; veja-se em Daniel com El-rei Dario. E que sendo tão natural o crescer nos lados dos Principes, que S. João, que era o lado do maior Príncipe do mundo, não tratasse de accrescentamento, e se deixasse ficar assim: *Sic eum volo manère?* Grande excellencia do Evangelista!

Tres coisas ha neste mundo, que sempre crescem, e nunca ficam assim: uma faz a natureza, outra faz a graça, outra faz a fortuna. A natureza as palmas: a graça os Santos: a fortuna os validos. A estatura da alma santa, diziam as outras Almas suas companheiras, que era similhante á pal-

ma: *Statura tua assimilata est palmæ.* [1] E porque mais á palma, que a outro corpo bizarro e vistoso de quantos creou nos campos a natureza? Porque todas as outras arvores, ainda que sejam os cedros mais gigantes do Libano, teem limite no crescer, e termo na estatura: só a palma não, sempre cresce. Taes são as almas dos santos. Como a virtude não tem termo, como a perfeição não tem limite, sempre estão crescendo na virtude, sempre estão subindo na perfeição, sempre se estão renovando e melhorando, *à claritate in claritatem*, como diz S. Paulo. [2] Esta é a estatura das palmas alentadas pela natureza; esta é a estatura dos santos inspirados pela graça; e esta é a estatura dos validos assoprados pela fortuna. Estatura que por mais crescida e por mais remontada até as nuvens que a vejamos, sempre cresce mais e mais. E senão lembrae-vos dos tres que agora dizia. Deu Jacob por benção a José, que crescesse sempre: *Filius accrescens Joseph, filius accrescens:* [3] e onde se cumpriu esta benção? Na privança e valimento de Pharaõ. Amam, grão privado de Assuero, até o dia em que acabou, cresceu; e porque não teve mais para onde crescer, acabou. Pareceu desgraça, e foi natureza; que assim acontece á palma, ou crescer ou acabar. Daniel, na privança de Dario, tendo subido a ser um dos tres supremos pontifices de toda a monarchia, ainda o rei queria que crescesse mais, e que fosse só sobre todos: *Porro rex cogitabat constituere eum super omne regnum.* [4] Offenderam-se os grandes de tanto crescer; e o remedio que inventaram para que não crescesse mais Daniel, foi buscarem-lhe occasião com que o tirassem do lado do rei. Não é phrase só da nossa lingua, senão do mesmo Texto sagrado: *Unde principes, et satrapæ quærebant occasionem ut invenirent Danieli ex latere regis* [5] Do lado o queriam tirar, porque do lado lhe vinha o crescer. Não sei que influencias tem o lado do principe, que em

1 *Cant.*, VII, 7.
2 *2.ª ad Corinth.*, III, 18.
3 *Gen.*, XLIX, 22.
4 *Dan.*, VI, 4.
5 *Ibid.*

todo este elemento em que vivemos, não ha parte tão fertil e tão fecunda como aquelles dois pós de terra: tudo alli se dá, tudo alli medra, tudo alli cresce. Crescem os parentes, os amigos, os criados: crescem as honras, os postos, os titulos: cresce a casa, a fazenda, o regalo: cresce o poder, o dominio, o respeito, a adoração, e, sobre tudo, cresce a estatura dos mesmos adorados. Hontem pygmeus, hoje homens, ámanhã gigantes, o outro dia colossos. Pesa-me desta ultima comparação, porque quando lhes accrescentei a grandeza, lhes tirei a alma. Não assim o maior valido do maior Principe, S. João: *Sic eum volo manère.* Sempre ficou na mesma estatura, sempre se conservou do mesmo tamanho, e nem apparencias de maioria lhe grangeou o lado.

Levantou-se questão entre os Apostolos, qual d'elles fosse maior? *Quis eorum videretur esse major?* [1] Esta questão, a meu juizo, foi o maior louvor de S. João. Que seja S. João sem questão o valido, e que ainda esteja em questão quem é o maior! Grande louvor de valido! Naquella mesma hora, e naquelle mesmo logar em que se levantou a questão, que foi á meza da Cêa, tinha Christo feito publica entrega do seu lado a S. João: e naquella mesma hora, e naquella mesma meza se tinha S. Pedro valido de sua valia, para saber por ellè o segredo do traidor, e elle o tinha perguntado a Christo. Pois se o valimento de S. João estava tão declarado, se o lado do seu Principe lhe estava tão publicamente entregue todo, e só a elle: como duvidam ainda os Apostolos e contendem sobre qual dos doze é o maior? Não está claro que o maior entre todos é João? Assim havia de ser, se João não fôra um valido que ficou assim. Era S. João tanto do seu tamanho sempre, tão medido com a sua estatura, e tão egual só comsigo, que por mais que cresciam os valimentos, elle sempre se ficava assim como d'antes era: na valia era sem contenda o maior, mas na maioria como os demais: *Quis eorum videretur esse major.* E notae, que a contenda em rigor não foi sobre quem era o maior, senão sobre quem o parecia: *Quis eorum videretur.* E tinha crescido e medrado tão pouco S. João com o seu valimento, que to-

[1] *Luc.*, XXII, 24.

dos os outros Apostolos não só podiam pleitear com elle a maioria, senão ainda as apparencias. De sorte que no cume da sua privança, e no mais subido e remontado do seu valimento, não só não era maior, mas nem o parecia: *Quis eorum videretur*. Só isto é ficar assim.

Mas neste ficar assim de S. João, quem ficou mais acreditado, o lado ou o valido? Eu cuido que ambos. Assim como nos validos, que não ficam assim, tanto é o descredito dos validos, como o dos lados; assim neste grande valido, que ficou assim, tão acreditado ficou o lado, como o valido. Não fiava tão delgado como isto a mãe de S. João, e fiada no sangue que corre pelas veias, pediu a Christo para cada um de seus filhos um dos lados, e uma das maiores cadeiras do Reino: *Dic ut sedeant hi duo filii mei, unus ad dexteram, et alius ad sinistram in regno tuo.* [1] Não deferiu Christo por então, mas a seu tempo, de ametade desta petição fez dois despachos: deu um lado a S. João, e deu uma cadeira a S. Pedro. Pois se a mãe pedia para S. João a cadeira, e mais o lado, porque lhe não deu Christo o lado e mais a cadeira? E já que lhe não quiz dar ambas as coisas que pedia, senão uma só, porque lhe não deu a cadeira, senão o lado? Deu-lhe o lado, e não a cadeira, para acreditar o lado; e deu-lhe o lado sem a cadeira, para acreditar a S. João. Se Christo amando a S. João mais que a todos lhe não dera o lado, senão a cadeira, mostrava que estimava mais a cadeira, que o lado; e era desacreditar o lado: e se lhe desse o lado e a cadeira juntamente, mostrava que S. João não só estimava e queria o lado, senão tambem a cadeira; e era desacreditar a S. João. Por isso lhe não deu a cadeira, senão o lado, e por isso lhe deu o lado sem a cadeira. Querer antes a cadeira, que o lado, é affrontar o lado: querer o lado e mais a cadeira, é affrontar-se o valido: querer o lado e não querer a cadeira, é honra do valido e mais do lado. Isto é o que ninguem faz, isto é o que fez João, e isto o que Christo queria: que fosse seu valido S. João, e que sendo valido seu, se ficasse assim: *Sic eum volo manère.*

[1] *Math.*, xx, 21.

V

A terceira qualidade admiravel que resplandece no Evangelista, foi ser um valido que fez do segredo ignorancia. Um dos argumentos de seu valimento, que S. João allega neste Evangelho, foi perguntar a Christo: *Quis est qui tradet te?* [1] Quem era o traidor que o havia de entregar? Respondeu-lhe o Senhor, que era Judas: e accrescenta o Evangelista: *Hoc autem nemo scivit discumbentium:* [2] que isto ninguem o soube dos que estavam á meza: logo não o soube o mesmo S. João, que era um dos que estavam a ella. E' consequencia de S. Agostinho. Pois se Christo o disse a S. João, como é possivel que S. João o não soubesse? Claro está que o soube: pois se o soube S. João, como diz que o não soube? *Hoc autem nemo scivit?* A razão é esta: porque o que Christo disse a S. João, disse-lh'o em segredo, e S. João o que sabe em segredo não o sabe. Nos outros homens o saber em segredo é saber, em S. João o saber em segredo é ignorar: *Nemo scivit.* Nenhum segredo é segredo perfeito, senão o que passa a ser ignorancia: porque o segredo que se sabe, póde-se dizer; o que se ignora, não se póde manifestar. Esta é a causa de os homens commummente não saberem guardar segredos; porque encommendam o segredo á memoria, sendo que o haviam de encommendar ao esquecimento. O segredo encommendado á memoria corre perigo: o segredo encommendado ao esquecimento está seguro. A razão é, porque o segredo encommendado á memoria é cautela, e o que se guarda com cautela, póde-se perder: o segredo encommendado ao esquecimento é ignorancia, e o que se ignora totalmente, não se póde manifestar. Logo o perfeito segredo é só o que chega a ser ignorancia; e tal era o de S. João: *Hoc autem nemo scivit discumbentium.* Busquei prova a este pensamento, e só em um Homem-Deus a achei.

Falla Christo da incerteza do dia do Juizo e diz assim: *De die autem illo nemo scit, neque Angeli, neque*

---

[1] *Joan.*, XXI, 20.
[2] *Ibid.*, XIII, 28.

Filius: [1] O dia do Juizo ninguem o sabe, nem os Anjos, nem o mesmo Filho do homem. Este Texto é um dos mais difficultosos que tem o Testamento Novo; tão difficultoso, que se cançaram nelle todos os quatro Doutores da Igreja contra a heresia dos Arianos. Dizer Christo que nem o mesmo Christo sabe quando ha de ser o dia do Juizo! Notavel proposição! Christo em quanto Deus sabe quando ha de ser o dia do Juizo, porque a sciencia divina é commum e egual em todas as tres divinas Pessoas: Christo em quanto homem tambem sabe quando ha de ser o dia do Juizo, porque ainda que a sciencia de Christo em quanto homem não é infinita, é universal e perfeitissima, e conhece todos os futuros e decretos divinos. Pois se Christo em quanto Deus e em quanto homem sabe quando ha de ser o dia do Juizo, porque diz que o não sabe: *De die autem illo nemo scit, neque Filius?* A exposição deste passo mais recebida de todos os Doutores, é esta: porque ainda que o Filho de Deus sabia muito bem quando havia de ser o dia do Juizo, sabia-o de maneira que não queria revelar este segredo aos Apostolos: e nas Pessoas divinas, como Christo, o saber em segredo é ignorar. S. Hylario: *Quod Filius hominis nescit, sacramentum est, quod taceat.* O que Christo chama ignorancia do dia do Juizo, não é ignorancia, é segredo; mas chama-se o segredo ignorancia, porque nas Pessoas divinas o encobrir é como o ignorar. O mesmo passou em S. João (que delle e de Deus fallam com o mesmo estylo os Evangelistas) quiz dizer que encobrira, e disse que ignorára: *Hoc autem nemo scivit discumbentium.*

Ainda não está encarecido o fino do segredo de S. João. Tornemos ao nosso Texto: *Qui recubuit supra pectus Domini, et dixit: Quis est qui tradet te?* Diz S. João, que viu S. Pedro aquelle Discipulo amado do Senhor, o qual na Cêa esteve reclinado sobre seu peito, e lhe perguntou quem era o traidor. Reparo. Parece que S. João não havia de dizer que era aquelle que perguntou a Christo quem era o traidor, senão que era aquelle a quem Christo disse quem era o traidor. Fundo a duvida: porque o intento de S. João era provar que elle era o amado de Christo,

[1] *Marc.*, XIII, 32.

e o amôr de Christo para com S. João não se prova com S. João perguntar o segredo a Christo, senão com Christo revelar o segredo a S. João. Pois se Christo revelou o segredo a S. João, porque não diz S. João, que Christo lhe revelou o segredo? Porque diz sómente, que elle lh'o perguntou: *Et dixit: Quis est qui tradet te?* Não se podia subir a mais em materia de segredo. Foi tão escrupuloso valido em materias do segredo S. João, que nem quiz dizer os segredos que lhe disseram, nem quiz dizer que lhe disseram segredos. Que os perguntára, sim; que lh'os disseram, não. Não dizer um homem o segredo que sabe, é muito; mas não dizer que sabe o segredo, é muito mais. Porque? Porque não dizer o segredo que sabe, é guardar segredo ás coisas: mas não dizer que sabe o segredo, é guardar segredo ao segredo. A' vista de S. Paulo se verá melhor esta fineza de S. João. A S. Paulo arrebatou-o Deus ao terceiro céu, e revelou-lhe grandes segredos: *Audivi arcana verba, quæ non licet homini loqui:* [1] Ouvi segredos, que se não podem contar. Ora vêde quanto vae de S. Paulo a S. João. S. Paulo não disse os segredos que ouvira, mas disse que ouvira segredos: *Audivi arcana verba, quæ non licet homini loqui.* S. João não disse os segredos que lhe disseram, nem disse que lhe disseram segredos, que os perguntára só disse: *Et dixit: Quis est qui tradet te?* S. Paulo guardou segredo ás coisas, porque não disse as revelações; mas não guardou segredo ao segredo, porque disse que lh'as revelaram. S. João guardou segredo ás coisas, porque não disse quem era o traidor; e guardou segredo ao segredo, porque não disse que lhe descobriram quem era. Que muito logo, que sendo tão secretario S. João, fosse tão valido! *Discipulum, quem diligebat Jesus, et dixit: Quis est qui tradet te?*

VI

A quarta e ultima boa parte que admiro em S. João, é ser valido que quiz a graça por amôr da graça. Logo me explicarei mais. No Sacramento da Eu-

[1] *2.ª ad Corinth.*, XII, 4.

charistia deixou Christo as fontes de sua graça; mas é muito de reparar que não quiz Christo que ficasse alli a substancia do pão. Fundo o reparo. Menos milagres eram necessarios para estar o corpo de Christo e a substancia de pão juntamente, que para estar o corpo de Christo sem a substancia de pão. Pois se com menos milagres se podia fazer cabalmente o mysterio, Deus que sempre acurta de milagres, porque não quiz que ficasse a substancia do pão no Sacramento? Eu não vos direi a verdadeira razão, mas dir-vos-hei uma moralidade muito verdadeira. Todos os Sacramentos são instrumentos da graça, e este de mais graça que todos: e não quiz Christo que a graça se désse junta com o pão, nem que o pão andasse junto com a graça. O maior abuso, e o maior risco que tem a graça dos principes, é andarem o pão e a graça juntos. Se no altar se dera o pão a moios, ainda que não fôra consagrado, muitas communhões se haviam de fazer por amôr do pão, que se não fazem por amôr da graça. Querer a graça por amôr da graça, é devoção; querer a graça por amôr do pão, é fome. Por isso ha tantos famintos, ou tantos esfaimados da graça. Todos querem ser cheios de graça, mas não de graça vazia: *Gratia Dei in me vacua non fuit*, dizia S. Paulo em bem mais honrado sentido. [1] A graça ha de ser para vós encherdes as obrigações da graça, e não para a graça vos encher a vós, ou vós vos encherdes com ella. Então seria a graça menos custosa a quem a dá, e mais bem avaliada em quem a logra. Por isso Christo não quiz que o pão andasse junto com a graça. Mas porque os omnipotentes do mundo não fazem esta separação, como poderam, sem grande milagre, chegou a graça a transubstanciar-se tanto no pão, que ninguem busca já a graça por amôr da graça, senão a graça por amôr do pão; e pela medida do pão, ou pelo pão sem medida, se avalia a graça. Porque tem hoje mais pão que todos, quem hontem não tinha um pão? Porque está mais na graça que todos. O' que grosseria tão grande! Mas que bem acudiu Christo a este

[1] *1ª ad Corinth.*, XIV, 10.

inconveniente! No mesmo Sacramento, ainda que não está pão, quanto á substancia, está pão, quanto aos accidentes: porém a graça não se mede com o pão. Muitas vezes quem communga uma hostia muito grande, leva pouca graça, e quem communga uma particula muito pequena, leva muita graça: para que entendam os homens, que a graça não se deve medir com o pão.

O' que bem governado andaria o mundo, se vissemos pobres de pão, os que vemos ricos da graça! Mas só na de Deus é isto: na graça dos homens querem elles que seja de outra maneira. Ninguem teve mais graça com o seu principe, que David com Jonathas: e qual foi a prova dessa graça? O Texto sagrado o diz: *Spoliavit se Jonathas tunica qua erat indutus, et dedit eam David:* [1] Despojou-se Jonathas de seus vestidos, e deu-os a David. De sorte que a prova da graça do principe são os despojos: *Spoliavit se.* Notavel coisa! Que cuidem os homens, que não tem a graça do principe, senão quem lhe leva até os vestidos! E que tenha a graça despojos, como se fôra guerra! Os despojos são signaes de haver vencido ao inimigo: e que a graça dos amigos dos principes tenha os mesmos signaes! Por isso eu temo que este modo de conquistar a graça é fazer guerra: só quem faz guerra quer despojos. Quem conquista a graça pela graça, contenta-se com o coração. Veja-se no nosso Evangelista. Conquistou a graça de Christo, e veiu-se a rematar a conquista, em que? Em lhe render Christo o coração: *Recubuit supra pectus ejus.* Muito estimou S. João o coração do seu Principe: mas estimou-o, porque se lhe rendeu, e não porque lhe rendia. O coração do principe ha se de estimar pelo rendimento, e não pelas rendas: ha se de estimar nelle o rendido, e não o rendoso. Só S. João soube estimar a graça do principe, como se ha de estimar: a graça por amôr da graça, e nada mais.

Tres ou quatro vezes falla S. João em si neste Evangelho, e sempre se chama aquelle Discipulo, nunca se chama João: *Discipulus ille.* Pois porque se não chama S. João pelo seu nome? Apertemos a duvida. S. João neste Evangelho falla em Christo, falla em

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XVIII, 4.

Pedro, e falla em si: a Christo chama-lhe Christo, a Pedro chama-lhe Pedro, mas a si não se chama João: pois se a Christo chama Christo, e a Pedro Pedro, a João porque lhe não chama João? A razão é porque João quer dizer graça: e amou S. João a graça tanto por amôr de si mesma, que nem o nome de graça quiz ter com ella. Os que amam a graça dos principes mais desinteressadamente, ao menos querem com a graça o nome, querem com a graça as vozes; mas S. João amou a graça do seu Principe tão finamente desinteressado, que quiz a graça ainda sem o nome, quiz a graça ainda sem as vozes. Por isso callou o nome de João, porque era nome de graça. A graça por amôr da graça: este é o timbre do Evangelista.

O mais fino amôr da graça, consente comsigo outro amôr, que é amar a graça por amôr da gloria. Só S. João passou adiante, e até do amôr da gloria quiz separar o amôr da graça. Moysés dizia a Deus: *Si inveni gratiam in oculis tuis, ostende mihi faciem tuam:* [1] Senhor, se achei graça em vossos olhos, mostrae-me o vosso rosto, em que consiste a gloria. E S. João que dizia? *Vidimus gloriam ejus, gloriam quasi unigeniti à Patre, plenum gratiæ:* [2] Vimos a sua gloria, como gloria do Unigenito do Padre cheio de graça. De sorte que Moysés amava a graça de Deus, como graça de um Deus cheio de gloria: e S. João amava a gloria de Deus, como gloria de um Deus cheio de graça. Vae muito de uma consideração á outra: porque amar a graça por amôr da gloria, é querer gosar o premio: amar a gloria por amôr da graça, é querer segurar o amôr. Qual é a melhor coisa que tem a bemaventurança? A melhor coisa que tem a bemaventurança, não é o gosar a gloria, é o segurar a graça; porque os bemaventurados não podem perder a graça de Deus: e isto é o que considerava S. João. Moysés considerava a graça como penhor da gloria, S. João considerava a gloria como seguro da graça. O amôr de Moysés, era interessado, porque ordenava a graça á gloria, encaminhava o amôr á vista. O amôr de S. João era fino e puro, porque

---

[1] *Exod.*, XXXIII, 13.
[2] *Joan.*, I, 14.

queria a graça por amôr da graça; queria amar sem attenção a vêr.

D'aqui se entenderá um mysterio grande, e nunca assaz entendido do nosso Evangelho: *Discipulum, quem diligebat, qui et recubuit in cœna supra pectus Domini.* Encarece S. João o amôr que havia entre elle e Christo, e para prova deste amôr, diz que adormeceu sobre o peito do Senhor. Boa prova de amôr, por certo! Amar é desvelo, adormecer é descuido: pois como póde ser, que o descuido seja prova de desvelo; e que o adormecer seja prova do amar? Adormeceu, logo amou: é boa consequencia esta? Sim; porque S. João adormeceu com o peito reclinado sobre o peito de Christo; e não póde haver mais fino nem mais provado amôr, que aquelle que entrega o coração, e fecha os olhos. Entregar o coração com os olhos abertos, é querer a vista por premio do amôr: entregar o coração com os olhos fechados, é não querer no amôr nem o premio da vista. D'onde se infere claramente, que teve mais perfeitas circumstancias o amôr de S. João, que o amôr dos bemaventurados: porque os bemaventurados amam com os olhos abertos, S. João amou com os olhos fechados. Os bemaventurados amam com as satisfações da vista, S. João ama sem os interesses de vêr. Se é boa a minha consequencia, digam-no os mesmos Serafins da Gloria. Viu Isaias os dois Serafins que assistem ao throno de Deus, e diz que com duas azas voavam, e com outras duas cobriam o rosto: *Duabus volabant, et duabus velabant faciem.* [1] Pois se todos os Anjos estão sempre vendo a Deus, como cobriam estes Serafins os olhos? E' que como os Serafins no céu são por antonomasia os amantes, queriam ao menos na representação offerecer a Deus um amôr mais fino que o dos outros espiritos bemaventurados. E amôr mais fino que o amôr dos bemaventurados, é abrir o coração, e fechar os olhos: *Duabus volabant:* eis ahi o coração aberto: *Duabus volabant:* eis ahi os olhos fechados. Os outros bemaventurados amam com o coração aberto, e com os olhos abertos: mas os Serafins que os vencem no amôr, amam com o coração aberto, e com os olhos fechados. Bem assim como S. João,

[1] *Isai.*, VI, 2.

de quem aprenderam esta fineza: *Discipulum, quem diligebat, qui recubuit supra pectus Domini.*

VII

E como em S. João havia tantas qualidades de amante, e tão grandes partes de valido, que muito que o amasse tanto o Principe da gloria Christo: que muito que o amasse tanto o Principe da Igreja Pedro! Para que acabemos por onde começamos: o maior encarecimento que se póde dizer de um valido, é o que disse Curcio de Epaminondas, privado de Alexandre Magno: *Multa ille sine rege prosperè, rex sine illo nihil magnæ rei gessit.* Foi tão grande homem Epaminondas, que sendo valido de Alexandre Magno, elle fez muito grandes coisas sem Alexandre, Alexandre nenhuma coisa grande fez sem elle. Outro tanto podemos dizer de S. João com toda a propriedade: sendo valido, não de Alexandre, mas do mesmo Christo. João fez muitas coisas grandes sem Christo visivelmente presente: Christo não fez as maiores coisas sem João. S. João sem Christo venceu os tormentos de Roma, sem Christo bebeu os venenos de Efeso, sem Christo padeceu os desterros de Pathmos, sem Christo converteu e reduziu a Christo a Asia, sem Christo ensinou a todo o mundo, e propagou a lei do amôr de Christo. Grandes coisas fez S. João sem Christo: *Multa ille sine rege prosperè.* Pelo contrario. Christo sem João apenas fez coisa grande. Fez Christo o primeiro milagre nas bodas, e ahi estava S. João: resuscitou Christo a filha do Principe da Synagoga, e levou comsigo a S. João: instituiu Christo o Santissimo Sacramento da Eucharistia, que foi a maior de suas maravilhas, e tinha a S. João sobre o peito: transfigurou-se Christo no Tabôr, e S. João assistiu naquella gloria: derramou sangue Christo no Horto, e S. João acompanhou-o naquella pena: emfim, remiu Christo o mundo morrendo na cruz, e não teve outrem a seu lado senão S. João: *Rex sine illo nihil magnæ rei gessit.*

E se isto succedeu ao Principe da gloria, que muito que ao Principe da Igreja acontecesse o mesmo? Arrojou-se S. Pedro ao mar para buscar a seu Mestre, mas S. João foi o que lhe mostrou a Christo. Quiz

saber S. Pedro na Cêa quem era o traidor, mas S. João foi o que perguntou: atreveu-se S. Pedro a entrar no atrio do Pontifice, mas S. João foi o que o introduziu: resolveu-se S. Pedro a reconhecer a sepultura de Christo, mas S. João foi o que o guiou. De maneira que o Principe da gloria, e o Principe da Igreja, ambos se valiam de S. João; mas com esta differença: o Principe da gloria valia-se de S. João como de valido, o Principe da Igreja valia-se de S. João como de valedor. E o nosso principe como? Por ambos os titulos. Tem V. A., senhor, em S. João, valido e valedor: valido para a devoção, valedor para a necessidade. Restituiu Deus a V. A. a seus reinos em tempo que é necessario defendel-os com a espada na mão. Deu a fortuna a V. A. por competidor um principe Balthasar, tão poderoso como o de Babylonia. Mas sabida coisa é, que bastaram tres dedos com uma penna para fazer tremer a Balthasar. O' que accommodada empreza para o nosso principe! Tres dedos de S. João, com uma penna e uma lettra que diga: *Contra Balthasarem satis:* com amôr e entendimento tudo se acaba. Esta penna é da phenix do amôr: esta penna é da aguia dos entendimentos. Com esta penna se escreverá a sentença de uma demanda tão justa: com esta penna, se confirmarão as escripturas de nossa conservação: com esta penna se farão authenticos os vaticinios, que tão gloriosamente fallam da corôa de V. A. neste feliz reinado. Finalmente (que finalmente aqui vem a parar tudo), com esta penna, que é de um Evangelista, que tem por nome-graça--se firmarão a V. A., depois de cumpridissimos annos, os decretos da Gloria.

SERMÃO

DE

SANTO ESTEVÃO

NA PRIMEIRA OITAVA DO NATAL

Prégado domesticamente no Collegio da Companhia de Jesus da Bahia *

Transeamus usque ad Bethlehem, et videamus hoc Verbum, quod factum est. [1]
Hierusalem, Hierusalem, quæ occidis Prophetas, et lapidas eos, qui ad te missi sunt. [2]

O' Belem! O' Jérusalem! O' Belem, cidade pequena; ó dia fausto e alegre para os Pastores! O' Jérusalem, cidade grande! O' dia cruel e funesto para os Prophetas! Isto é o que cantam e choram os Textos que propuz. E posto que um annuncia o nascimento do segundo Adão, e o outro a morte do primeiro Martyr, muito bem se atam comtudo estes dois dias; o de hontem, e o de hoje. Hontem (diz S. Fulgencio) celebrámos o nascimento temporal do Rei eterno; hoje os triumphos do martyrio de um seu soldado: hontem o Rei da gloria se dignou visitar o mundo, sahindo do purissimo claustro de uma Virgem; hoje o seu soldado, deixando o tabernaculo do corpo, se passou aos ceus triumphante: hontem Christo, encoberta

---

* Faz este Sermão parte da Collecção dos trabalhos posthumos do genial prégador e appareceo na collecção das *Vozes Saudosas*, subordinado ao titulo de *Voz Filosofica*. Foi composto, tambem, como a *Voz Rhetorica*, ou Sermão do Nascimento do Menino Deus, já publicado, para ser recitado no Collegio da Bahia, por um Religioso de poucos annos.

1 *Luc.*, II, 15.
2 *Math.*, XXIII, 37.

a magestade do ser divino, tomando o habito militar, entrou em as campanhas do mundo a pelejar como soldado; hoje Estevão, depondo a chlamyde corruptivel do corpo, subiu aos celestiaes palacios para perpetuamente reinar como Rei. Hontem desceu Deus coberto com a vestidura de nossa humanidade; hoje o homem e tal homem, subiu coroado com os laureis de seu sangue. Isto é o que diz S. Fulgencio, combinando elegantemente a correspondencia destes dois dias. E eu que direi? Combinando tambem um dia com outro dia, e uma celebridade com outra, quizera dizer que o dia de hontem foi prognostico do dia de hoje: e que o nascimento e presepio de Christo prognosticou hontem em Belem o martyrio que Estevão padeceu, e com que triumphou hoje em Jérusalem.

Lembra-me que em tal dia como o de hontem, o anno passado, sobre as palavras do Anjo aos Pastores: *Hoc vobis signum, invenietis Infantem pannis involutum, et positum in præsepio*, [1] provei, que naquelle signal se comprehendiam todos os signaes, não só *in genere*, senão tambem *in specie;* nem só em commum, senão tambem em particular. Disse o anno passado, que fôra signal formal, em quanto incognito; e signal instrumental, em quanto conhecido: disse então, que fôra signal natural, em quanto proprio da benignidade Divina; e signal *ex instituto*, em quanto traçado por sua sabedoria, e decretado por sua vontade. Agora digo, seguindo e adiantando o mesmo pensamento, que outra vez, e por outro modo foi signal, porque foi signal prognostico.

Entre o nascimento de Christo, e o martyrio de Santo Estevão passaram trinta e quatro annos; e os philosophos dividindo os signaes, em quanto abraçam todas as differenças dos tempos, por distantes que sejam, dizem, que, ou são demonstrativos, ou rememorativos, ou prognosticos: os demonstrativos mostram o presente; os rememorativos trazem á memoria o passado; os prognosticos annunciam ou prenunciam o futuro: e tal digo eu que foi o signal de Christo Infante, em respeito do martyrio de Santo Estevão. Isto supposto, será o argumento ou assumpto do meu discurso este: — Que o dia e mysterio de hontem pro-

[1] *Luc.*, II, 12.

gnosticou o dia e celebridade de hoje; porque o nascimento de Christo foi signal do martyrio de Estevão; e o presepio do Salvador prognostico da coròa do Proto-Martyr. — Bem conheço quão grande difficuldade é o achar e conciliar união entre coisas tão diversas e tão distantes; mas toda a minha confiança ponho na graça daquella Senhora, em cujo sacrario virginal se uniram as mais diversas e distantes de todas, qual era, Deus e homem. *Ave Maria.*

I

Os signaes prognosticos, segundo a lei geral com que a Providencia Divina governa o universo, guardam entre si tal ordem no tempo e no logar, que primeiro apparecem os signaes no céu, e depois se verificam os prognosticos na terra. Exemplo sejam os cometas, de que tão fertil foi nestes ultimos annos o nosso seculo. Os cometas, diz Tibullo, prognosticam guerras: *Belli mala signa cometæ.* Os cometas, diz Arato, prognosticam tempestades: *Sæpe dat horrendas tempestas sicca cometas.* Os cometas, diz Lucano, prognosticam mudanças de reinos: *Crinemque timendi syderis, et terris mutantem regna cometen.* Os cometas, diz Pontano, significam destruição dos povos e mortes dos reis: *Magnorum, et clades populorum, et funera regum.* E quando as guerras, as tempestades, as mudanças dos reinos, as destruições dos povos, as mortes dos reis, e os outros effeitos destes prognosticos se experimentam na terra, já da mesma terra se tinham visto no céu os funestos signaes delles; por isso disse geralmente Claudiano: *Et nunquam terris spectatum impune cometen.* Deixados porém os poetas, cuja fé é duvidosa e incerta, temos em prova desta verdade o oraculo infallivel do mesmo Christo: *Erunt signa in sole, et luna, et stellis:* [1] Apparecerão diz o Senhor, no fim do mundo varios signaes no sol, na lua e nas estrellas. E quando estes signaes se virem no céu, que succederá na terra? *Et in terra pressura gentium.* Na terra se verão as

[1] *Luc.*, XXI, 25.

oppressões e calamidades que os mesmos signaes prognosticam. De sorte que a lei geral com que Deus governa o universo, é, que primeiro se vejam os signaes no céu, e que depois se verifiquem os prognosticos na terra. Hoje, porém, ou hoje e hontem, o signal viu-se na terra, e o prognostico verificou-se no céu. Que viram hontem os Pastores na terra? O signal que lhes deu o Anjo, que foi Christo Infante reclinado no Presepio: *Hoc vobis signum, invenietis Infantem pannis involutum, et positum in Præsepio.* [1] E que viu hoje Estevão no céu? *Ecce video cœlos apertos, et Filium hominis stantem à dextris virtutis Dei:* [2] Vejo (diz) os ceus abertos, e ao Filho do homem em pé á mão direita de Deus. Notavel differença por certo! Não canta a Igreja, e não nos ensina a Fé, que Christo está assentado á dextra do Padre: *Qui sedet ad dexteram Patris?* Pois se Christo está no céu assentado, como o viu Estevão em pé? Excellentemente S. Cypriano: *Stabat quasi solicitus, ut coronaret Martyrem:* Estava como solicito, porque via padecer martyrio, e queria corôar o martyr. Nascendo no Presepio, deu-lhe o exemplo, e posto em pé no céu, lhe preparava o premio; porque, como diziamos no principio, o nascimento de Christo prognosticou o martyrio de Estevão; e o presepio do Salvador foi prognostico da corôa do Proto-Martyr.

Mas porque entre o signal geralmente, e muito mais entre o signal prognostico, e a coisa, ou effeito prognosticado, deve de haver proporção, conveniencia, e similhança; que similhança, que conveniencia, ou que proporção tem, ou póde ter o nascimento e presepio de Christo com o martyrio de Estevão, principalmente sendo o nascimento o principio natural da vida, e o martyrio o fim violento della? O cardeal S. Pedro Damião o disse tão altamente, como em poucas palavras: *Reclinatus Dei Filius in præsepio legem martyrii præfigebat:* [3] Nascendo (diz) o Filho de Deus em um presepio, naquellas columnas semi-rotas do portal de Belem fixou as leis do martyrio. O signal, e o prognostico, a similhança e proporção do nascimen-

[1] *Luc.*, II, 12.
[2] *Act.*, VII, 55.
[3] *S. Petr. Dam.*

to de Christo com o martyrio, não esteve no nascer, senão no modo, no logar, no tempo, e nas outras circumstancias, com que nasceu em um presepio: *Reclinatus in præsepio.* A dureza da mangedoura, a aspereza das palhas, a companhia irracional dos brutos, o desabrigo do portal, a escuridade da noite, o frio e rigor do inverno, a apertura das faxas com que estava atado de pés e mãos. *Et Dei manus, pedesque stricta cingit fascia;* sobre tudo o apartamento da Mãe, posto que em pequena distancia, não chegado a seu peito e em seus braços, senão separado delles, como exposto: *Positum in præsepio;* e tudo isto padecido com um silencio soffrido, e um soffrimento calado, sem se queixar dos que o não receberam em suas casas, nem fallar palavra, que isso quer dizer *Infantem.* Esta foi a similhança do signal, esta a proporção do prognostico, e este o prognostico do martyrio.

Verdadeiramente é muito digno de grande reparo, que os tres dias, e as tres festas, de que se acompanha esta soberana solemnidade do nascimento do Salvador, todas tres sejam de martyres. Martyr Santo Estevão, Martyr S. João, Martyres os Santos Innocentes; e não só martyres de qualquer modo, senão martyres com tal differença, que nestes tres se comprehendem todas as especies de martyrios. Assim o notou com exquisita subtileza o dôutissimo e devotissimo Bernardo: *Habemus in Beato Stephano martyri: simul, et opus, et voluntatem: habemus solam voluntatem in Beato Joanne, solùm in Beatis Innocentibus opus. Biberunt omnes hi calicem salutaris, aut corpore simul, et spiritu, aut solo spiritu, aut corpore solo:* Temos nestas tres festas (diz o Santo) as tres especies que ha, ou póde haver de martyrio: martyrio de morte sem vontade, martyrio de vontade sem morte, e martyrio de morte, e juntamente de vontade. Nos Innocentes martyrio de morte sem vontade; porque morreram antes do uso da razão: em S. João martyrio de vontade sem morte: porque não morreu violentamente: em Santo Estevão martyrio de morte, e juntamente de vontade, porque sobre a vontade, e ardentissimo desejo com que se abrazava seu coração de morrer por Christo, verdadeiramente padeceu crudelissima morte a mãos dos cruentissimos tyrannos, mais dura, que as mesmas pedras, de que contra elle se armaram. Todos finalmente beberam o calix do Senhor, que é o mar-

tyrio: *Aut corpore solo:* Ou só no corpo, como os Innocentes: *Aut solo spiritu;* ou só no espirito, como S. João: *Aut corpore simul, et spiritu;* ou no corpo e no espirito juntamente, como Estevão. Mas porque razão é este, e não outro o apparato de que se orna a solemnidade do nascimento de Christo; e o não acompanham nella outros santos e cortezãos do céu de eminentissimas dignidades, senão os martyres sómente, e os martyres não só de uma, senão de todas as especies de martyrio? Sem duvida, porque estes foram os effeitos prognosticados pelo signal do Presepio de Christo; e estes foram os fructos do seu nascimento, inundação de todo o genero de martyrios, diz o mesmo S. Bernardo: *Utili proinde dispensatione triplex ista solemnitas Natale Domini comitatur, ut non modò inter continuas solemnitates devotio continua perseveret, sed et fructus Dominicæ nativitatis exundet.*

II

E para que vejamos em particular, quão cumpridamente se verificou no valoroso Proto-Martyr o prognostico desta inundação, a qual nelle foi tão forte, que chegou a levar comsigo as pedras, necessario é que advirtamos primeiro, qual foi a condição da lei, com que o Senhor recemnascido publicou a do martyrio no seu Presepio: *In præsepio reclinatus legem martyrii præfigebat.* Por ventura bastará padecer constantemente a violencia e rigor dos tormentos, sem resistencia, nem movimento proprio em contrario, como o mesmo Senhor o não teve nos rigores do seu Presepio? Absolutamente digo, que não bastará, se juntamente não concorre a primeira e principal condição do signal prognosticante, com o qual se deve proporcionar o prognosticado. Qual foi a primeira condição, ou propriedade do signal? O Anjo que o assignalou o disse: *Hoc vobis signum, invenietis Infantem. Infantem* não só quer dizer menino, mas menino que não falla: e assim estava o Menino Deus, padecendo no Presepio todos os rigores que ponderámos, do tempo e do logar, das semrazões dos homens, tendo elle em quanto homem perfeitissimo uso de razão: mas mudo, e sem

fallar palavra: *Infantem.* Para observar a perfeita lei da paciencia no martyrio, não basta só padecer, nem muito padecer, mas é necessario padecer e calar: é necessario padecer infante, para chegar a ser martyr. Esta é a qualidade singular, por que a mesma Igreja Catholica canonisa a paciencia dos Martyres.

Traduntur gladiis more bidentium,
Non murmur resonat, non querimonia,.
Sed corde impavido mens benè conscia
Conservat patientiam.

Padecem os Martyres os tormentos, diz a Igreja, e não se ouve da sua bocca uma só palavra de queixa, nem alta, nem baixa, nem declarada, nem escura, e entre dentes, que isso quer dizer *non murmur resonat.* E porque? Porque conhecem, como bem entendidos: *Mens benè conscia*, que só por este modo, padecendo e calando, se conserva a paciencia: *Conservat patientiam.* Amiravel sentença por certo! Assim como o licor precioso, se a bocca da redoma não está tapada, exhala e evapora o cheiro, e perde a virtude; assim a paciencia de nenhum modo se conserva na sua perfeição, se o silencio constante lhe não tapa e emmudece a bocca: porque só padecendo e calando ha verdadeira paciencia.

Depois que o demonio em um dia, ou em uma hora, despojou a Job de tudo o que com tanta abundancia possuia, lavouras, gados, escravos, casas, filhos, sem que nenhuma destas perdas, ou todas juntas, bastassem a lhe derrubar a constancia e enfraquecer a paciencia; vencido nesta primeira batalha, pediu e alcançou licença de Deus o mesmo demonio, para passar dos accidentes á substancia, e combater novamente ao vencedor antagonista de mais perto, e não de fóra, mas na sua propria pessoa. Com isto se viu em outro momento o mesmo Job não coberto de chagas, mas feito todo uma chaga viva, que dos pés á cabeça o cobria, excepta, como elle diz, a bocca: *Et derelicta sunt tantummodo labia circa dentes meos.* [1] Nesta excepção reparo, e pergunto ao demonio: Vem cá, espi-

[1] *Job.*, XIX, 20.

rito soberbo e infernal, se tão inimigo és de Job, tão forte e tão ardiloso: se injuriado de te ver vencido o accommettes raivoso a segunda vez; e se és tão cruel, que parte por parte o feriste e atormentas todo, porque perdoas á bocca, e lh'a deixas livre? Deus na licença que te deu, só exceptuou a vida; pois se elle não faz esta excepção, porque a fazes tu, em tudo o mais cruel, e só com a bocca piedoso? Não foi piedade, não (diz Chrysostomo) senão ardil subtilissimo do demonio, que assim lhe quiz armar o laço para o derrubar da virtude, em que foi mais eminente. Job na primeira victoria alcançou o famoso titulo não só de exemplo, mas de exemplar da paciencia; pois para que caia e fique vencido nella, deixemos-lhe livre o instrumento da falla e da queixa; porque desafogando a dôr pela bocca, não se poderá dizer da sua: *non murmur resonat, non querimonia;* e com o não padecer mudo e calado, ainda que padeça muito, perderá a perfeição e lustre da perfeita paciencia, que consiste em padecer e calar: e como neste silencio soffrido, ou neste soffrimento mudo, consiste a principal observancia da lei do martyrio; por isso o prototypo dos Martyres no seu Presepio, e o Proto-Martyr no seu tormento, ambos padeceram sem fallar, e cada um delles como infante: *Invenietis Infantem.*

Fallando Santo Estevão, era tão poderosa a efficacia de suas palavras, que ninguem podia resistir a ellas: *Et non poterant resistere sapientiæ, quæ loquebatur:* [1] e comtudo, quando impetuosamente o arrebataram para o apedrejar, nenhuma palavra lhes disse, nem de queixa, nem de repugnancia; deixando-se levar da furia da multidão mudamente, e sem o menor movimento de resistencia. Pois se ninguem lhe podia resistir, quando fallava, porque não fallou tambem agora, para elle resistir não a outros, senão aos mesmos que tantas vezes tinha vencido? Porque d'antes obrava como mestre, e agora como martyr: e como era a maior gloria do seu magisterio que ninguem podesse resistir á sua sapiencia; assim era a maior gloria do seu martyrio, que a ninguem resistisse a sua paciencia. A sapiencia invencivel fallando, e a paciencia calando, tambem invencivel. E aqui se deve notar

[1] *Act.*, VI, 10.

muito o modo ou cautela, com que a mesma multidão dos tyrannos se atreveram a pôr as mãos no Martyr, e lhe atiraram as pedras. Diz o Texto Sagrado, que primeiro taparam os ouvidos, e assim arremetteram impetuosamente a elle: *Continuerunt aures suas, et impetum fecerunt unanimiter in eum.* [1] Qual foi pois o motivo desta tão extraordinaria cautela, com que taparam primeiro os ouvidos? Que importára que ouvissem a Estevão, ou não o ouvissem, se estavam determinados a lhe tirar a vida? Importava muito. Dos aspides, diz David, que tapam os ouvidos, para que o sabio encantador com as suas vozes os não encante; e de bravos e venenosos os não domestique e amanse: *Sicut aspidis surdæ, et obturantis aures suas, quæ non exaudiet vocem incantantium, et venefici incantantis sapienter.* [2] Eram aspides venenosos e feros aquelles inimigos mortaes de Estevão e de Christo, a quem prégava; e como tinham experimentado tantas vezes, que em fallando Estevão, como sabio encantador, com a virtude de suas palavras os encantava e rendia de maneira, que não havia quem lhe resistisse; por isso agora, temendo-se que fallando obrasse nelles os mesmos effeitos, cerraram primeiro os ouvidos para o não poderem ouvir, e surdos como aspides empregaram nelle o seu veneno. Enganaram-se, porém, tão cegos, como surdos; porque tão necessarias eram as suas vozes á sua sabedoria, como o seu silencio á sua paciencia: as vozes necessarias á sabedoria para não ser resistida e vencer, e o silencio necessario á paciencia para não resistir e ser ferida.

III

Torno a dizer — para não resistir, nem ser ferida —, clausula ou consequencia, que parece pouco coherente, como se a resistencia, que é a que repara o corpo dos golpes, fosse a que o expozesse ás feridas; mas na paciencia é assim: quando a paciencia resiste, não são tanto os contrarios, os que recebem as feridas, quanto a mesma paciencia, a qual resistindo-lhe

---

1 *Ibid.*, VII, 56.
2 *Psalm.*, LVII, 5 e 6.

a elles, se fere a si mesma. De Estevão, diz a Historia de S. Lucas, que não só obrava milagres de qualquer modo, senão grandes, prodigiosos e estupendos: *Stephanus autem plenus gratia, et fortitudine, faciebat prodigia et signa magna in populo:* [1] e segundo estes poderes extraordinarios que Deus tinha delegado nelle, sem offensa do espirito que professava, bem pudéra, como prégador zeloso, como varão apostolico, e como Discipulo de Christo, resistir de tal maneira á furia de seus inimigos, que, ou os fizesse cahir mortos diante de si, ou, quando menos, lhes atasse as mãos de modo, que lhe não podessem atirar as pedras. Como prégador zeloso pudéra fazer que do céu sahissem raios de fogo, que os abrazassem, como Elias aos soldados de Achab: como varão apostolico pudéra fazer que cahissem mortos a seus pés, como S. Pedro a Ananias, e Saphira: e como Discipulo de Christo pudéra fazer que nem nas mãos tivessem força, com que atirar as pedras, nem nos olhos vista, com que vêr a quem haviam de apedrejar: *Tulerunt lapides, ut jacerent in eum; Jesus autem abscondit se.* [2] Pois se tudo isto pudéra fazer Estevão, como fazia outros grandes prodigios; porque o não fez em sua defeza, resistindo a seus inimigos? Porque se assim resistisse feriria a sua paciencia, a qual elle tinha obrigação de conservar, não só muda na bocca, senão illeza nas mãos, como a do Infante de Belem, que no Presepio, sendo omnipotente, as tinha atadas: *Et Dei manus, pedesque stricta cingit fascia.* Tudo é pensamento altissimo de Tertulliano, o qual disse, que quando Pedro, resistindo aos soldados que vinham prender a Christo, feriu a Malco, recebeu Christo aquella mesma ferida na sua paciencia: *Patientia Christi in Malcho vulnerata est.* Bem mereciam os tyrannos, ou algozes de Estevão, que elle, como Pedro, quando menos lhes cortasse as orelhas, pois elles *continuerunt aures suas, et impetum fecerunt unanimiter in eum.* Mas assim como o Senhor mandou embainhar a espada do Principe dos Apostolos, assim o Principe dos Martyres embainhou a do seu poder: e antes quiz não receber ferida na sua paciencia, que cural-a em

---

[1] *Act.*, VI, 8.
[2] *Joan.*, VIII, 59.

Malco. E para concluir com o maior elogio da paciencia do Proto-Martyr, mais prodigiosa que todos os outros seus prodigios, e em materia e occasião que muito nos póde servir de exemplo para imitar, diz o mesmo Texto de S. Lucas, que todas as synagogas, ou escólas, que naquelle tempo se achavam em Jérusalem, de todas as tres partes do mundo, os Alexandrinos da Asia, os Libertinos da Africa, os Cyrinenses e outros da Europa, todos disputavam contra Estevão: *Surrexerunt autem quidam de synagoga, quæ appellatur Libertinorum, et Cyrinensium, et Alexandrinorum et eorum, qui erant à Cilicia, et Asia disputantes cum Stephano.* [1] Só Estevão era o que defendia, e todos os outros o pertendiam impugnar; mas como não pudessem resistir á sua sabedoria: *Non poterant resistere sapientiæ, et spiritui, qui loquebatur,* [2] que fizeram? Primeiramente fizeram, o que muitos fazem, que quando não podem soltar os argumentos, soltam a lingua em injurias, chamando-lhe blasphemo; e sobre isso passaram das linguas ás mãos e ás pedras, com que, multiplicando os tiros, o deixaram sepultado debaixo dellas. Tiraram-lhe a vida, mas não lhe venceram a paciencia; porque o invencivel Proto-Martyr, tendo só voz, e altas vozes, com que orava a Deus por elles, nenhuma se lhe ouviu, nem de queixa contra seus atormentadores, nem de resistencia ou repugnancia contra os tormentos. Este foi o glorioso fim da disputa, em que a pedra não era do defendente, mas eram as pedras dos argumentantes; e este foi o triumpho da paciencia de Estevão, em que não digo que deu quinau á de Job, mas que mereceu um paralogismo de maior louvor, que á sua.

Já vimos como o demonio, para fazer cahir a Job, e lhe escurecer a gloria da paciencia, lhe armou o laço na bocca, deixando-lhe livre a lingua: e qual foi o successo desta sua astucia? A Historia de Job divide-se toda em duas partes. A primeira, em que por meio dos inimigos o despojou de todos os bens: a segunda, em que por meio dos amigos altercou com elle uma larga disputa. Na perda dos bens esteve tão forte e constante a sua paciencia, que diz della o Texto sa-

---

[1] *Act.*, VI, 9.
[2] *Ibid.*, 10.

grado: *In omnibus his non peccavit Job labiis suis, neque stultum quid loquutus est contra Deus.* [1] Porém na disputa com os amigos, respondeu o mesmo Job de maneira que Deus o reprehendeu, dizendo: *Quis est iste involvens sententias sermonibus imperitis?* [2] E o mesmo Job confessou de si, que tinha fallado ignorantemente: *Ideo insipienter loquutus sum.* [3] Pois se Job não perdeu a sabedoria e a paciencia na perda dos bens, porque a perdeu na disputa? Porque o calor e fervor do disputar, batalha em que se não empenha a fazenda ou a saude, senão o entendimento, é o mais rigoroso exame da paciencia. Conservou-se a paciencia de Job em tantas perdas, e perdeu-se em uma disputa: *Ideo insipienter loquutus sum.* [4] Nota-se muito a paciencia: *Loquutus sum*, para que se veja a victoria da paciencia de Estevão, e a razão da mesma victoria. Job disputava contra tres homens, Estevão contra tres escolas inteiras: Job com amigos, e Estevão com os mais duros e crueis inimigos. Mas Job respondia contra os argumentos, e contra as injurias; e Estevão pelo contrario, sendo injuriado com injurias de blasphemo, e impugnado com syllogismos de pedra, nem uma só palavra se lhe ouviu contra ellas: e como um padeceu fallando, e outro callando; por isso Job, que ainda não tinha o exemplo do Infante de Belem, perdeu a paciencia no que fallou: *Insipienter loquutus sum;* e Estevão pelo contrario, conservou e qualificou a sua paciencia no silencio, porque imitou o do mesmo Infante no seu Presepio: *Invenietis Infantem positum in Præsepio.*

IV

Isto é o que eu pretendi dizer do glorioso Proto-Martyr, a quem peço perdão do pouco e mal que disse. Mas á vista do exemplo do seu martyrio, e muito mais, á vista do seu Exemplar no Presepio, que me

---

1 *Job.*, I, 22.
2 *Ibid.*, XXXVIII, 2.
3 *Ibid.*, XLII, 3.
4 *Ibid.*

posso eu dizer a mim, e aos que me ouvem? A Igreja no dia de hoje com palavras tomadas de Santo Agostinho, a maior prerogativa que considera em Estevão, é ser o primeiro que com a morte propria pagou a Christo a morte que elle se dignou padecer por nós: *Mortem enim, quam Salvator noster dignatus est pro nobis pati, hanc ille primus reddidit Salvatori.* Morreu Estevão por Christo; porque Christo morrendo por todos nós, tambem morreu por elle. Eu, porém, creio que a divida que o Proto-Martyr pagou a Christo, não foi esta, senão outra mais antiga. Não só pagou a Christo com a morte a morte, senão tambem o nascimento; porque para Deus nos obrigar a morrer por elle, não foi necessario que elle morresse por nós; mas bastou que nascesse por nós, e para nós. Assim o disse n'outra occasião o mesmo Santo Agostinho com mais alto pensamento: *Opportebat enim ut primum Immortalis pro mortalibus susciperet carnem, ut hic mortalis pro Immortali susciperet mortem:* [1] Depois que o Immortal encarnou, e nasceu por amôr do mortal, logo ficou obrigado o mortal a mórrer pelo Immortal. Assim que, no nascimento de Christo é que contrahiu Estevão a obrigação de morrer por Christo: e porque Christo nascendo se pareceu com Estevão, por isso ficou obrigado Estevão a se parecer com Christo morrendo, diz o mesmo Santo Doutor: *Sicut Christus nascendo Stephano, ita Christo Stephanus moriendo conjunctus est.*

Esta é a nossa obrigação no dia de hontem, e de hoje, não só de dar a vida por Christo, porque morreu por nós, senão tambem porque nasceu por nós: e não nos desobriga desta correspondencia chamarnos Christo á sua fé em tempo e em terra onde não ha tyrannos; porque a todos nos chamou á Religião, a qual se não é martyrio tão rigoroso e tão duro, como o de Estevão, como bem disse S. Bernardo, é martyrio mais dilatado. O que importa é que nós pontualmente observemos as leis deste martyrio, que o soberano Legislador em entrando neste mundo publicou logo no seu Presepio: *In Præsepio reclinatus, legem martyrii præfigebat.* Sejamos martyres, como elle no seu Presepio foi martyr, padecendo em silencio, e sem

[1] Aug. Serm. 1.º De Sanctis.

queixa, todas aquellas mortificações, que á nossa fraqueza se offerecem dentro das occasiões domesticas, em que ao presente vivemos. Se o aposento fôr incommodo, e mais sujeito ás inclemencias do tempo, como se queixará um Religioso de mal agasalhado, se do Creador do mundo se diz: *Non erat ei locus in diversorio?* Se a cama fôr menos branda, a quem lhe não parecerá muito mimosa, á vista da dureza daquella mangedoira, e da aspereza daquellas palhas: *Reclinavit eum in Præsepio?* [1] Se o vestido fôr da estofa mais grosseira, quem o não terá por gala, sendo esta a do Principe da Gloria: *Et pannis eum involvit?* Se o companheiro não fôr o de mais agradavel condição, quem se não concordará com elle, sendo os de Deus humanado dois brutos irracionaes? Se a pobreza lhe atar as mãos, e a obediencia e a clausura os pés, quem se atreverá a bolir pé, nem mão, vendo atado de pés e mãos ao Omnipotente? E, o que mais se póde sentir, quem se resentirá, ou dará por aggravado de o apartarem de si, ainda que seja para muito longe, os que distribuem os logares, se a mesma Mãe do Filho de Deus, e seu, o apartou de seu peito, e de seus braços, e o poz Infante em um presepio: *Infantem positum in præsepio?* Desta maneira acharam os Pastores no Presepio ao divino Exemplar da paciencia muda: e ditoso e bemaventurado aquelle Religioso, que assim fôr achado na hora da morte, e em todos os dias, horas, ou instantes da vida: *Positum*, posto em qualquer logar, onde o puzer a obediencia: e *Infantem*, sem fallar, nem replicar, nem pedir ou desejar mudança do mesmo logar; porque com esta resignação e indifferença imitará a Christo, como o Proto-Martyr o imitou na terra, e o verá, como elle o viu no céu: *Ad quod nos perducat Dominus Jesus. Amen.*

[1] *Luc.*, II, 7.

SERMÃO

DO

NASCIMENTO DA MÃE DE DEUS *

Maria, de qua natus est Jesus. [1]

I

Se eu licitamente me pudera queixar do Evangelista, neste dia me queixara, e cuido que com razão. Calla nelle o Evangelista tres coisas não pequenas, que devêra dizer, e diz só uma, posto que grande, que devêra callar. A obrigação dos historiadores nos nascimentos das grandes personagens, é dizer o logar onde nasceram, o tempo em que nasceram, e os paes de que nasceram. E celebrando o mundo hoje o nascimento da maior Pessoa depois de Deus, que sahiu á luz do mesmo mundo, o Evangelho que cantà e nos propõe a Igreja Catholica, nem do logar, nem do tempo, nem dos paes de que nasceu faz memoria ou menção alguma. Isto é o que calla o Evangelista, que devêra dizer. E que é o que diz, que devêra callar? Diz que de Maria nasceu Jesus: *Maria, de qua natus est Jesus.* E' verdade que anticipando os olhos

* Foi prégado este Sermão em Odivellas, no Convento das Religiosas do Patriarcha S. Bernardo. O Sermão, commenta Honorati, tem duas partes; a primeira é incomiastica e forma por si só um elegante e douto panegyrico; a segunda é moral, appropriada aos dous auditorios que estavam presentes, fóra e dentro das grades do mosteiro. Esta divisão faz com que o orador abata algum tanto o estylo, especialmente na segunda parte, mas com maior proveito dos ouvintes, como pede o fim dos panegyricos.

[1] *Math.*, I.

ao futuro a soberana Princeza que hoje nasce, nasce para que della haja de nascer Jesus; mas se o Evangelista calla o *quando*, calla o *d'onde*, e se calla o *de quem* nasceu, porque diz o *para que?* Bem se mostra que a penna que isto escreveu, foi tirada das azas do Espirito Santo. Nos nascimentos humanos fazem grande caso os filhos de Adão da conjuncção do tempo e constellação em que nascem: prezam-se muito da grandeza da terra e patria onde nascem: estimam e estimam-se sobre tudo da nobreza da geração e paes de quem nascem. Mas quando nasce A que o Espirito Santo preveniu com a graça original para Esposa sua, não quer o mesmo Espirito Santo que se diga que nasceu na sexta idade do mundo e no quarto anno da Olympiada cento e noventa; nem que nasceu na cidade de Nazareth, chamada por antonomasia Flor de Galilea; nem que nasceu de Joaquim e Anna, nos quaes se uniu desde Abrahão e David por legitima e continuada descendencia o sangue de todos os Patriarchas e Reis: e só manda escrever que nasce A de quem nasceu Jesus. Porque? Porque só quando se sabe o *para que* nasceu cada um, se póde fazer verdadeiro juizo do seu nascimento. Quereis saber quão feliz, quão alto é, e quão digno de ser festejado o Nascimento de Maria? Vêde o *para que* nasceu. Nasceu para que della nascesse Deus: *De qua natus est Jesus.* Este *para que* será toda a grande materia do meu discurso. E para que vejamos quão gloriosa é para a Virgem Maria, e quão proveitosa para nós, peçamos á mesma Senhora a assistencia de sua graça. *Ave Maria.*

II

Para fundamento do que pertendo dizer sobre o soberano nascimento de que celebramos a memoria neste felicissimo dia, consideremos primeiro que coisa é nascer, e philosophemos um pouco. Os homens (deve de ser porque são mortaes) o que costumam festejar com maiores demonstrações de gosto, parabens e applausos, assim publica, como privadamente, são os nascimentos. Mas isto de nascer, pelo que tem de si, nem merece alegria, nem tristeza; antes, se bem se considera, mais digno é de tristeza, que de alegria. Não debalde com ser o risivel a primeira pro-

priedade de nossa natureza, a mesma natureza nos ensina a nascer chorando. Com lagrimas choraram muitas nações os nascimentos que nós solemnisamos com festas, e não sei se nos deveram tornar o nome de barbaros, que lhes damos. Queixamo-nos da vida, e festejamos os nascimentos, como se o nascer não fôra principio da mesma vida, que nos traz queixosos. O nascimento é o principio da vida, como a morte o fim: e uma carreira que tem o fim tão duvidoso; uma navegação que tem o porto tão pouco seguro, como pode ter o principio alegre? Nascemos sem saber para que nascemos, e bastava só esta ignorancia, para fazer a vida pesada, quando não tivera tantos encargos sabidos. Os ditosos e os desgraçados todos nasceram, e como são mais os que accusam a fortuna, que os que lhe dão graças, maior materia dão os nascimentos ao temor que á esperança. A esperança promette beus, o temor ameaça males, e entre promessas e ameaças tanto vem a se padecer o que se espera, como o que se teme. A quem começa a vida, tudo fica futuro, e no futuro nenhuma distincção ha de males a beus, todos são males, porque todos se padecem. Os males padecem-se, porque se temem; os beus padecem-se, porque se esperam: e para affligir o mal, basta ser possivel: para molestar o bem, basta ser duvidoso. Se alguma coisa nos podera segurar os sobresaltos desta contingencia, parece que era o tempo, o logar, e as pessoas de que nascemos; mas por mais que destas circumstancias conjecture a vã sabedoria felicidades, o certo é que nem o tempo as influe, nem a patria as produz, nem dos mesmos paes se herdam. Do mesmo pae nasceu Isaac e Ismaël, e um foi o morgado da fé, outro da heresia. Na mesma hora nasceu Jacob e Esaü, e um foi amado de Deus, outro aborrecido. Na mesma terra nasceu Caïm e Abel, e um foi o primeiro tyranno, outro o primeiro martyr. Assim que avaliar o nascimento pelos paes, é vaidade; medil-o pelo tempo, é superstição; estimal-o pela patria é ignorancia; e só julgado pelo fim, é prudencia.

Salomão, o mais sabio de todos os que nasceram, faz uma comparação tão superior ao nosso juizo que só podia caber no seu. Compara o dia da morte com o do nascimento: e na differença destes dois extremos, quem não imaginará que se compara o dia com

a noite, a luz com as trevas, a alegria com a tristeza, a felicidade com a desgraça, a coisa mais desejada com a mais temida, e com a mais terrivel a mais amavel? Sendo porém tão prenhe de admiração a proposta, mais digna de espanto é a sentença. Resolve Salomão, que melhor é o dia da morte, que o dia do nascimento: *Melior est dies mortis die nativitatis.* [1] E que tem o dia da morte para ser melhor que o do nascimento? O dia do nascimento não é o mais alegre, e o da morte o mais triste? O do nascimento não é o que povoa o mundo, o da morte o que abre e enche as sepulturas? O do nascimento o que veste de gala as familias e as côrtes, o da morte o que as cobre de lutos? A morte não é o maior inimigo da vida, e o nascimento não é o que, sendo ella mortal, a immortaliza? Que é o nascer, senão o remedio do não ser, e que seria do mundo se em logar dos mortos não nasceram outros que lhes succedessem? Até em Deus necessita do nascimento a mesma Trindade, porque sendo só a Pessoa do Padre innascivel, Deus sem nascimento seria um, mas não seria trino. Pois se tantos são os bens e felicidades que traz comsigo o dia do nascimento, os quaes todos funesta, consome, e acaba o dia da morte; que motivo teve o juizo de Salomão para antepôr o dia da morte ao dia do nascimento? Entendeu-o melhor que todos o maior interprete das Escripturas. E' melhor (diz S. Jeronymo) o dia da morte que o dia do nascimento, porque no dia do nascimento ninguem póde saber o para que nasce, e só no dia da morte se sabe o fim para nasceu: *Certe quod in morte quales simus notum sit, in exordio verò, nascendi qui futuri simus, ignoratur.* Se no nascimento de Judas e Dimas se levantasse figura certa ao que cada um havia de ser em sua vida; a do primeiro diria que havia de ser Apostolo, a do segundo que havia de ser ladrão: e assim foram na vida: mas o verdadeiro juizo do fim para que cada um delles nascêra, ainda estava incerto: veiu finalmente o dia da morte, que foi o mesmo em que ambos acabaram e esse dia declarou com assombro do mundo, que Judas, nascêra para morrer enforcado como ladrão, e Dimas para confessar e prégar a Chris-

[1] *Eccl.*, VII, 2.

to como Apostolo. E como se não póde fazer verdadeiro e certo juizo do nascimento sem se saber juntamente o *para que* nasce quem nasce; por isso no dia do nascimento de Maria nos diz o Evangelho, que nasce, para della nascer Jesus: *De qua natus est Jesus:* e quando se publica e se sabe o felicissimo e altissimo fim para que nasceu, então se solemnisa e festeja com razão o dia do seu nascimento.

III

O mais notavel nascimento que houve no mundo, foi o do mesmo mundo. Tirou-o Deus do não ser ao ser, e das entranhas do nada ás existencias e perfeição de tudo: e como o parto era tão grande, tardou em acabar de nascer seis dias. Seguiu-se o setimo, e a este santificou Deus: *Requievit die septimo, et sanctificavit illum.* [1] Mas se perguntarmos de que santo era este dia setimo, e a que festa foi dedicado, diz Philo Hebreu em duas partes, que foi dedicado ao nascimento do mundo: *Septimus dies mundi natalis est.* Pois se o mundo por maior nasceu no primeiro dia, e por partes nos seguintes, porque razão se não faz a festa do natal e nascimento do mundo ao primeiro dia em que foi creado, senão ao dia setimo? Faz dias o mundo, como se fizera annos, em um dia; e a festa do seu nascimento não se lhe faz no mesmo dia, senão em outro? Sim; porque as festas dos nascimentos não se podem fazer seguramente senão depois de se saber o fim para que nasce quem nasce. E como o fim para que nasceu o mundo era o homem, e o homem foi creado ao dia sexto, por isso se guardou a festa do nascimento do mundo para o setimo. Em quanto o mundo se creou e foi nascendo por partes, esteve suspenso e duvidoso o applauso entre a esperança e o temor, porque não se sabia o fim para que nascia; porém tanto que ao sexto dia appareceu o homem, glorioso fim para que fôra creado o mundo, por isso logo se lhe dedicou dia de festa, e foi dia santo o do nascimento do mundo: *Septimus dies natalis est mundi: et sanctificavit illum.*

---

[1] *Gen.*, II, 2 e 3.

Mas d'aqui nasce outra duvida não menos bem fundada, antes mais. Se ao nascimento do mundo, que nasceu para servir ao homem, se dedicou dia de festa; ao nascimento do homem, que nasceu para senhor do mesmo mundo, porque se não dedicou mais dignamente esse dia, ou quando menos outro? S. Ambrosio: *Quia laudatio hominis non in exordio, sed in fine est.* O dia em que acabou de nascer o mundo, foi o mesmo dia sexto em que tambem nasceu o homem: mas ao mundo podia-se-lhe dedicar o dia de festa logo depois do nascimento, que foi ao setimo, e ao homem não. E porque o fim para que nasceu o mundo, foi para servir ao homem: o fim para que nasceu o homem, foi para servir a Deus: e aquelle fim sempre foi certo desde o nascimento das outras creaturas; e no homem pelo contrario sempre foi e é duvidoso até o dia da sua morte. Por isso Deus assim como iam nascendo as outras creaturas, ia juntamente louvando: *Vidit Deus quod esset bonum:* [1] porém ao homem, posto que o viu quando nasceu, não o louvou, porque a bondade e felicidade do seu fim ainda estava duvidosa quando Deus o viu a elle, e só estaria segura quando elle visse a Deus. Foi logo necessario que a festa do nascimento do homem se trasladasse para o dia da morte, e assim o faz a Igreja, que ao dia da morte dos Santos chama *natalitia Sanctorum.* Se Moysés fallára como Propheta, poderia dizer o que callou como historiador; mas o que elle não fez no nascimento de Adão, fez S. Matheus no nascimento de Maria, annunciando o seu Evangelho quando nasce, que nasce para della nascer Jesus: *De qua natus est Jesus.*

D'aqui se infere contra o atrevimento dos juizos humanos, posto que elles o façam com os olhos nas estrellas, que o solemnisar e festejar nascimentos, só os Prophetas o podem fazer sem erro, nem os outros crêr sem ignorancia. Advertiu Origenes, e é certo, que em todo o Testamento Velho se não lê que algum homem santo fizesse festa ao nascimento de seus filhos: *Nemo ex omnibus sanctis invenietur diem festum egisse in die natalis filii, aut filiæ suæ.* Com isto ser assim, vemos comtudo que o nascimento do Ba-

[1] *Gen.*, I, 10.

ptista, nascendo de paes santos, elles o celebraram com tantas festas, que então alegraram toda a montanha, e depois o mundo. Pois se os santos não costumam celebrar nascimentos, porque se celebra o do Baptista em casa de Zacharias? A razão é, porque a casa de Zacharias era casa de Prophetas. Prophetisava Zacharias, prophetisava Isabel, prophetisava o mesmo Baptista, e como todos tinham espirito de prophecia, por isso só naquella casa se celebra o nascimento do filho: que só onde se sabem os successos futuros, se podem festejar com razão os nascimentos presentes. Bem se vê no modo com que o festejaram os montanhezes, porque o estribilho de suas alegrias era: *Quis putas Puer iste erit?* [1] Quem vos parece que ha de ser este menino? De sorte que não o festejaram pelo que era, senão pelo que havia de ser; não porque era nascido, senão porque havia de ser o maior dos nascidos. E como para as festas dos nascimentos serem bem fundadas, é necessario saber os successos futuros da pessoa que nasce, por isso o Evangelista com grande conveniencia anticipou em prophecia as leis da historia, e quando havia de dizer que nasceu Maria, disse, Maria, de quem nasceu: *De qua natus est Jesus.*

IV

Este foi o novo e mysterioso estylo, que depois do nascimento da Mãe de Deus observou o Evangelista como Propheta do passado: e o mesmo tinham já feito muito antes do seu nascimento todas as Escripturas do Testamento Velho, como Evangelistas do futuro. Diz S. João Damasceno, que desde o principio do mundo contendiam os seculos sobre a felicidade de qual delles se havia de honrar com o nascimento da que nasceu para della nascer o Redemptor do mesmo mundo. E todas as grandes matronas, que dentro da successão dos mesmos seculos, ou a graça ou a fortuna, ou a natureza fez singulares, foram a sombra deste Sol, foram a figura desta verdade, foram a representação

[1] *Luc.*, I. 66.

deste nascimento. Em todas nasceu Maria, ou todas tornaram hoje a nascer em Maria muito mais avantajadas que em si mesmas, e para fins muito mais gloriosos. Nasce hoje Eva [1] para metter debaixo do pé e quebrar a cabeça á antiga e enganosa serpente, que com o veneno original tinha inficionado toda sua descendencia. Nasce hoje Sara [2] para ser mãe universal da fé, e de todos os que desde então haviam de esperar escuramente, e depois crèr com toda a luz, a divindade do Messias. Nasce Rebecca [3] para tirar a benção do cego Isaac ao rustico e fero Esaü, e dal-a ao manso e religioso Jacob. Nasce Rachel [4] para ser a mais formosa, a mais servida, e a mais amada que Lia, mas como Lia a mais fecunda. Nasce Esther [5] para ser a maior senhora do mundo, a mais respeitada do seu supremo monarcha, isenta de todas as leis, e superior a todas. Nasce Debora [6] a famosa guerreira a quem seguìam como soldados em ordenados esquadrões as estrellas do céu e por quem os soldados venciam sem ferida como estrellas na terra. Nasce Judith [7] para libertar dos exercitos inimigos a sitiada Bethulia, e arvorar sobre seus muros, cortada com a propria espada, a cabeça do soberbo Holofernes. Nasce Abigail [8] para convencer com sua prudencia e applacar com sua piedade, não a David descortezmente offendido, mas ao mesmo Deus, das vinganças justamente irado. Nasce Ruth, [9] não só para colher, mas para regar com o orvalho do céu e crear as espigas, de que se ha de fazer o pão, que ha de ser o sustento do mundo. Nasce finalmente hoje Maria, [10] não a irmã, mas a Mãe do verdadeiro Moysés, para passar o mar Vermelho a pé enxuto, para ser a primeira que cante o triumpho da tyrannia de Pharaõ, e a primeira que ponha os passos seguros no caminho da Terra de Promissão.

---

1 *Gen.*, 3.
2 *Ibid.*, 17.
3 *Ibid.*, 25.
4 *Ibid.*, 29.
5 *Esther*, 5.
6 *Jud.*, 4.
7 *Judith.*, 13.
8 *1.º Livr. dos Reis*, 25.
9 *Ruth.*, 4.
10 *Exod.*, 15.

Tudo isto quer dizer, que de Maria, que hoje nasce, ha de nascer Jesus. E quer dizer mais alguma coisa? Muitas e grandes, estampadas tambem todas nas paginas dos segredos divinos. E para que não possa imaginar algum pensamento humano, que são isto estatuas mortas fabricadas pelo affecto da devoção ao nascimento da verdadeira Mãe dos viventes; oiçamos, antes que passemos adiante, o que sempre entenderam e ensinaram os maiores Lumes da Igreja catholica. S. Agostinho tomando por testemunha ao mesmo Deus: *Sola meruit Deum, et hominem paritura suscipere, sicut nos docuisti figuris.* [1] S. Ildefonso com os olhos em todo o Testamento Velho: *Hæc est illa Virgo gloriosa, cujus ineffabile meritum longe ante figuris legalibus prænunciabatur.* [2] E S. Anselmo fallando nomeadamente do mysterio deste dia: *Nativitatem ejus magna quædam atque miranda divinorum signorum indicia præcurrisse.* [3] O mesmo deixaram escripto S. Cyrillo, S. Jeronymo, S. Ambrosio, S. Pedro Damião, S. João Damasceno, S. Bernardo, e outros Padres. Mas o que nesta materia por illustração divina nos descobriu o mais occulto, o mais antigo, e o mais profundo segredo, foi S. Methodio.

Quarenta dias esteve Moysés com Deus dentro daquella nuvem escura e caliginosa no cume de monte Sinay: e bastando muito menos tempo para elle ouvir o que então declarou ao povo, e depois escreveu no deserto, é questão curiosa saber em que se gastou o resto de tantos dias entre Deus e aquelle seu grande valido. Dizem os antigos Hebreus, cuja opinião nesta parte não só é verosimil, mas recebida dos mais doutos Interpretes das Lettras sagradas, que em todo este tempo revelou Deus a Moysés, a que elles chamam Lei oral, ou Lei de bocca, na qual se continham os mysterios mais profundos, de que então o mesmo povo não era capaz se lhe descobrissem e fiassem: os quaes em quanto não chegava a Lei da graça, só ficaram em tradição na fé dos Patriarchas. Tal foi o mysterio altissimo da Trindade, o da divindade do Messias, o do Santissimo Sacramento da Eucharistia, e

---

[1] August. lib. de Assumpt.
[2] Ildeph. de B. Virg.
[3] Anselm. de Excel. Virg. c. 2.

muito particularmente (que é o nosso ponto) as figuras que pertenciam á Virgem Senhora nossa. Isto é o que não só affirma, mas suppõe como indubitavel S. Methodio, por estas palavras: *Nonne Moyses ille magnus propter figuras intellectu difficiles, quæ te, ó Virgo, tangebant, diutius in monte commoratus, ut ignota de te, ó casta, Sacramenta edoceretur?* [1] De sorte, que o tempo da maior demora que Moysés teve no monte com Deus, o empregou o mesmo Deus em ensinar a Moysés, e lhe descobrir a verdadeira e occulta intelligencia dos segredos que se encerravam nas figuras daquella Virgem, que havia de ser sua Mãe. Estas figuras que tanto antes do seu nascimento ainda não estavam retratadas nas Escripturas (porque ainda não havia Escripturas) depois que as houve, que foi successivamente em muitos seculos, com a mesma successão se foram estampando nellas, posto que com sombras escuras, e côres pouco vivas, porque estava ainda muito longe a vida de que haviam de receber a luz. Isto é o que nota o mesmo Santo, dizendo que aquellas figuras eram difficultosas de entender: *Figuras intellectu difficiles:* porque, como bem distinguiu Sophronio, [2] quando chamou á mesma Senhora: *Figuris, et ænigmatibus præsignatam*, as figuras que representaram, e significaram a Mãe de Deus, antes que o fosse, umas eram naturaes e animadas, como as que temos referido, e por isso de mais facil intelligencia; outras porém artificiaes e enigmaticas, que não se podiam entender senão com grande difficuldade, e são as que agora diremos.

V

As pinturas de que se formavam os corpos destes enigmas, eram notaveis. Em um se via no meio de uma horrenda tempestade uma grande machina de madeira, a que hoje chamariamos náu, mas sem mastros, nem velas, nem leme: [3] em outro uma escada,

1 Method. serm. de Hipapen. Domini.
2 Sophron. serm. de Assumpt.
3 *Gen.*, VI.

que com o pé se firmava na terra, e com as pontas tocava nas estrellas: [1] em outro um cajado de pastor não enroscada, mas entalhada nelle, desde a cabeça até á cauda, uma serpente: [2] em outro dois Cherubins que se olhavam reciprocamente com as azas estendidas, e sobre ellas uma lamina de oiro: [3] em outro um throno de seis degraus, assistido cada um de dois leões, que de uma e outra parte o defendiam: [4] em outro uma torre alta, e de formosa architectura, de cujas ameias estavam penduradas as armas, e estas só eram escudos: [5] em outro uma arca doirada cerrada, mas sem fechaduras, e coroada com duas corôas: [6] em outro um pavilhão forrado de pelles, e um grandioso templo todo coberto de oiro: [7] em outro um formoso jardim regado de quatro fontes, e no meio duas arvores muito altas, ambas carregadas de fructos: [8] em outro um meio corpo de Anjo sobre duas columnas, uma de nuvem, que reparava os raios do sol, outra de fogo, que alumiava a noite: [9] em outro finalmente, deixando por brevidade os demais, uma vara, e uma flor, mas assim a flôr, como a vara, nascidos da mesma raiz. [10] E sendo tanta a variedade das figuras sem lettra até então que as declarasse, bem se vê quão difficultosa seria a intelligencia: *Figuras intellectu difficiles*, e que só Deus podia ser o Mestre que as ensinasse a Moysés: *Ut ignota de te Sacramenta edoceretur.*

Mas o que sobretudo difficultava o entendimento de tantos e tão varios enigmas, era ser um só o sentido de todos. E qual era? Era a prodigiosa Menina que hoje nasce, e o fim e fins altissimos para que nasceu. Nasce (ide agora lembrando-vos, ou desenrolando as figuras), nasce para ser arca de Noé, em que o genero humano afogado no diluvio se reparasse do naufragio universal do mundo. Nasce para ser escada

---

1 *Gen.*, 28.
2 *Exod.*, 4.
3 *Ibid.*, 35.
4 *3.º Livr. dos Reis*, 5 e 10.
5 *Cant*, 4.
6 *Exod.*, 37.
7 *Ibid.*, 26
8 *Gen.*, 2.
9 *Exod.*, 3.
10 *Isai.*, 2.

de Jacob, e não para que os descuidados de sua salvação se não aproveitassem della, como o mesmo Jacob dormindo, mas para que vigilantes e seguros, subam por ella da terra ao céu. Nasce como vara de Moysés, para ser o instrumento de todas as maravilhas de Deus, e a segunda jurisdição, fama, e alegria de sua omnipotencia. Nasce para ser o verdadeiro e infallivel Propiciatorio, em que o Deus das vinganças, offendido e irado, trocada a justiça em misericordia, o tenhamos sempre propicio. Nasce para ser throno do Rei dos reis o Salomão divino, ao qual Throno as tres gerarchias das creaturas visiveis, e as tres das invisiveis servem de peanha, não humildes como degráus, por se confessarem sujeitas á sua grandeza, mas soberbas como leões, por accrescentarem altura á sua magestade. Nasce para ser torre fortissima de David, fornecida e armada de milhares de escudos, tão promptos e apparelhados sempre á nossa defeza, como seguros e impenetraveis a todos os tiros e golpes de nossos inimigos. Nasce para ser verdadeira Arca do Testamento, coroada com as duas corôas de Mãe e Virgem, dentro da qual não só se conservavam sempre inteiras as Taboas da Lei, mas esteve e está encerrado o Manná que desceu do céu, d'onde quotidianamente o podemos colher, por isso coberto e encoberto, mas não fechado. Nasce para ser Tabernaculo no deserto, e Templo em Jérusalem: Tabernaculo em que Deus havia de caminhar peregrino, e Templo em que havia de morar de assento, tão immovel e permanente nella como em si mesmo. Nasce para ser, não uma, senão as duas arvores famosas do Paraiso terreal, a da vida, e a da sciencia; porque della havia de nascer o bemdito fructo, em que estão depositados todos os thesouros da sciencia e sabedoria de Deus, e o da vida da graça no mesmo Paraiso perdida, e por ella restaurada. Nasce para ser em seus passos como os daquellas duas columnas que guiaram o povo escolhido á Terra de Promissão: uma de nuvem para nos amparar e defender dos raios do Sol de Justiça; e outra de fogo, para nos allumiar na noite escura desta vida, até nos collocar seguros no dia eterno da gloria. Nasce em fim, para ser Vara de Jessé, de cujas raizes havia de nascer a mesma Vara Maria, que hoje nasce, e a mesma flôr Christo Jesus que della nasceu: *Maria, de qua natus est Jesus.*

VI

Para todos estes bens nasce hoje esta grande Menina, posto que entre figuras e enigmas, como sol entre nuvens, as quaes porém desatadas em orvalho e chuva de beneficios, não é necessario já recorrer á escuridade de oraculos passados, mas á experiencia ocular dos effeitos presentes. Infinitos são os nomes ou sobrenomes com que a mesma Virgem Maria costuma ser invocada e louvada, nascidos todos (notae) na etymologia dos mesmos beneficios, que é o mais nobre e sublime nascimento que elles podem ter. Uma das mais notaveis questões, e para muitos Interpretes, uma das mais difficultosas da Escriptura, é aquella a que deram occasião as palavras de Jacob, depois que accordou do somno em que viu a escada que chegava da terra ao céu. E que disse então Jacob? *Si dederit mihi Deus panem ad vescendum, et vestimentum ad induendum, erit mihi Dominus in Deum:* [1] Se Deus me der pão para comer, e panno para vestir, eu o terei por Deus. Pois Jacob não tinha a Deus por Deus; não o venerava e adorava como Deus? Sim. Com o mesmo nome de Deus o acabava de nomear pouco antes, e isso mesmo significa o nome *Dominus*, absolutamente pronunciado: Senhor, porque com sua omnipotencia creou o mundo: Senhor, porque com sua magestade o domina: Senhor, porque com sua providencia o governa. Pois se Jacob o reconhece, venera, e adora como Deus; porque diz que o terá por Deus, e será para elle Deus, se lhe der o que pede: *Si dederit mihi, erit mihi in Deum?* Porque no tal caso não só obraria Deus como Senhor, quanto ao dominio do poder, senão como Deus quanto á etymologia do nome. Ora vêde. A etymologia deste nome Deus, deriva-se do verbo dar: chama-se Deus, porque dá: *Deo qui dat omnibus affluenter*, diz o Apostolo Santiago, [2] neste sentido: e no mesmo a Igreja: *Veni dator munerum.* Diz pois Jacob: Se Deus me der o de que eu tenho necessidade para comer e vestir: *Si dededit mihi pa-*

[1] *Gen.*, XXVIII, 20 e 21.
[2] *Jacob.*, I, 5.

nem, et vestimentum, então obrará commigo como Deus, e eu o reconhecerei como Deus, não só pelo que é, senão pelo que significa o seu nome. O seu nome significa dar: logo se me der a mim: *Si dederit mihi*, será para mim Deus que dá: *Erit mihi in Deum, idest, datorem juxta nomen suum.*

De passagem vejam os humanistas esta mesma energia e bizarria de rhetorica no Principe dos poetas: *Vos ó mihi Manes este boni.* Falla Virgilio de um desconfiado ou desesperado dos deuses superiores, que são os do céu, o qual recorria aos inferiores, que são os do inferno, e se chamam *Manes: Vos ó mihi Manes este boni, quoniam superis adversa voluntas.* Mas naquelle *este boni*, em que pede aos *Manes* que sejam bons, parece que se esfriou e abateu, não pouco, senão muito, o espirito ardente e sublime de tão insigne poeta: porém não foi assim, senão que nisto mesmo mostrou a sua grande erudição e eloquencia. *Manes*, na etymologia antiga, e já antiquada, era o mesmo que *boni*, como se prova da palavra *Immanes*, que significa o contrario. Diz pois o que invocava aquelles deuses subterraneos: *Vos ó mihi Manes este boni;* como se dissera: *Esto mihi quales appellam'ni:* já que a etymologia de *Manes* é *boni*, e quer dizer bons, sede bons para commigo: *Este mihi boni:* e sereis propriamente Manes, respondendo á significação do vosso nome. Assim tambem Jacob dois mil annos antes de Virgilio, não como imitador, mas como exemplar desta poesia, diz com a mesma energia, e com o mesmo sentido: se Deus me der o que hei mister, será para commigo Deus: *Si dederit mihi, erit mihi in Deum:* não porque não seja Deus ainda que não dê, mas porque dando, responderá á etymologia e significação do nome Deus, que significa dar. Taes são todos os nomes e sobrenomes, com que a christandade invoca, venera e dá graças á Virgem Maria, tirados todos, e fundados nas etymologias dos beneficios já experimentados e recebidos, para obradora dos quaes hoje nasce ao mundo.

E senão perguntemos a todos os estados do mesmo mundo, e mais aos que mais padecem as suas miserias, que todos nos dirão este *para que*. Perguntae aos enfermos para que nasce esta celestial Menina, dir-vos-hão que nasce para Senhora da Saude: perguntae aos pobres, dirão que nasce para Senhora dos

Remedios: perguntae aos desamparados, dirão que nasce para Senhora do Amparo: perguntae aos desconsolados, dirão que nasce para Senhora da Consolação: perguntae aos tristes, dirão que nasce para Senhora dos Prazeres: perguntae aos desesperados, dirão que nasce para Senhora da Esperança. Os cegos dirão que nasce para Senhora da Luz, os discordes, para Senhora da Paz, os desencaminhados, para Senhora da Guia, os captivos para Senhora do Livramento, os cercados, para Senhora do Soccorro, os quasi vencidos, para Senhora da Victoria. Dirão os pleiteantes, que nasce para Senhora do Bom Despacho, os navegantes para Senhora da Boa Viagem, os temerosos da sua fortuna, para Senhora do Bom Successo, os desconfiados da vida, para Senhora da Boa Morte, os peccadores todos, para Senhora da Graça, e todos os seus devotos para Senhora da Gloria. E se todas estas vozes se uniram em uma só voz, todas estas perguntas em uma só pergunta, e todas estas respostas em uma só resposta, ou, mais abreviadamente, todos estes nomes em um só nome, dirão que nasce Maria para ser Maria, e para ser Mãe de Jesus: *Maria, de qua natus est Jesus.*

VII

Temos visto como para os nascimentos se festejarem não vãmente, e por costume, senão com verdadeiro e solido fundamento, é necessario saber primeiro dos mesmos nascidos, o fim para que nasceram. E deste principio tão certo e evidente, inferiu e provou o nosso discurso quão digno é de ser celebrado com as maiores demonstrações de festa, applauso e alegria, o felicissimo nascimento de Maria Senhora nossa, pois sabemos que o fim para que nasceu, foi para nascer della o Filho de Deus, e seu, o Redemptor do mundo. Agora será razão que este mesmo discurso o dobremos, e volte sobre nós, e consideremos todos, e cada um, o fim para que nascemos. As coisas não começam do principio como se cuida, senão do fim. O fim porque as emprehendemos, começamos, e proseguimos, esse é o seu primeiro principio; por isso ainda que sejam indifferentes, o fim, segundo é bom ou máu, as faz más ou boas. Tal é, como di-

ziamos, o nascer. Importa pois considerar o fim para que nascemos, e se as acções da nossa vida são taes, que devamos esperar dellas que hajam de conseguir esse fim. Assim como esta grade divide o auditorio, e esta divisão é tão grande quanto vae do céu á terra; assim dividirei eu tambem as consequencias do que tenho dito. Comecemos pelos ouvintes de fóra.

O fim para que Deus nos creou, e para que nascemos neste mundo, não é para servir ao mesmo mundo, como os pequenos, nem para nos servirmos delle, como os grandes, mas para grandes e pequenos (em que somos todos eguaes) servirmos a Deus nesta vida, e o vermos e gosarmos na outra. E ha alguem que saiba de certo em quanto vive neste valle de miserias, se ha de conseguir aquella summa felicidade, e se ha de vêr a Deus ou não? O que só sabemos com certeza infallivel, é que este fim para que nascemos é fim sem fim. No fim da vida se abrem as portas da eternidade, ou para dizer tudo, de duas eternidades: uma a que sobem os bons a gosar os eternos bens; e outra a que descem os máus a pennar e a padecer os males tambem eternos. E o estado em que de presente estamos, qual é? E' a suspensão, a duvida, a incerteza, a ignorancia de qual destes dois é, será, e ha de ser o fim para que realmente nascemos. O' terrivel consideração! O' cuidado que sempre nos devêra trazer attonitos e pasmados, em comparação do qual todos os outros em que tão divertidos andamos, importam nada!

Nesta vida muitos ha que lhes não peza de ter nascido, e por fundamentos tão leves, que não é muito que lhes não peze, nem pèze. Outros lançam maldições ao dia e hora em que nasceram, e tambem com pouca razão, porque olham para o que padecem, e não para o fim. Até Job, com ser o exemplo da paciencia, cahiu nesta fraqueza. Afogado naquelle naufragio de todos os bens, e martyrisado pelo mais cruel de todos os tyrannos, com tantos tormentos e dôres, volta-se Job contra o dia de seu nascimento, lançando-lhe maldições, quaes se não podiam imaginar da sua paciencia, e do seu juizo; e diz assim: *Pereat dies in qua natus sum: non numeretur in mensibus: non requirat eum Deus desuper, et non illustretur lumine*, etc. [1]

[1] *Job.*, III, 3, 4 e 6.

Pereça e morra o dia em que nasci: não seja contado nos mezes do anno: não faça caso delle Deus lá de cima, nem nasça nelle o sol; seja mais escuro e tenebroso que a noite: os trovões, as tempestades, os raios, o façam horrendo e medonho; e muitas outras pragas a este tom, que eu não posso deixar de lh'as estranhar. E bem, Job, este dia não passou já ha tantos annos, e todas estas maldições que lançaes sobre elle, não são impossiveis? Pois como vos entram no juizo, e vos saem á bocca taes dissonancias e implicações? Deus vos livre de dôres maiores que grandes: não só atormentam o corpo e alma, mas tiram o juizo. Assim o tiraram a Job as suas dôres. Mas nunca chegariam a tanto, se elle como empregou toda a vista em olhar para os trabalhos, olhára tambem para o fim. Se Job olhára para o fim dos mesmos trabalhos que padecia, é certo que abendiçoaria mil vezes, e daria mil parabens ao dia em que nasceu. Mas este erro ponderou e emendou depois admiravelmente o Apostolo Santiago: *Sufferentiam Job audistis, et finem Domini vidistis:* [1] Ouvistes, dizia, paciencia de Job, e ouvistes tambem as pragas e maldições, que lançou sobre o dia do seu nascimento? Pois se queireis padecer animosa, constante, e alegremente sem cahir em similhante fraqueza, olhae para o que elle não olhou, e vêde o fim que Deus teve em lhe dar aquelles grandes trabalhos, que foi fabricar-lhe delles no céu uma corôa egual a elles.

Esta é a razão porque nenhum homem em nenhuma fortuna se devia queixar do dia em que nasceu. E haverá algum tão mofino, que justamente lhe deva pezar de ter nascido? Sim, e muitos. Todos aquelles que esquecidos do fim para que nasceram, por seguirem desatinadamente os seus appetites e se entregarem aos vicios sem arrependimento e sem fim, em logar de conseguirem a eternidade do céu, cahiram na do inferno. Assim o disse Christo Senhor nosso de Judas, estando ainda nesta vida: *Bonum erat ei, si natus non fuisset homo ille:* [2] Quanto melhor lhe fôra a tão mofino homem nunca haver nascido! Porque se não nascera, ainda que não conseguisse o fim

[1] *Jac.*, v, 11.
[2] *Math*, xxvi, 24.

da bemaventurança, para que todos fomos creados, ao menos não estaria ardendo no inferno, nem padecera os tormentos que não padecem os que não nasceram, nem nós padeciamos antes que nascessemos. Supposta esta sentença da Summa Verdade, não ha duvida que vivem hoje neste mundo muitos, e queira Deus que não estejam alguns neste auditorio, que lhes fôra muito melhor não nascerem nunca. E se me perguntarem quem são, como Judas perguntou a Christo: *Nunquid ego sum Rabbi?* [1] Assim como Christo lhe respondeu: *Tu dixisti:* tu o dissestes: assim respondo eu a cada um que elle o diga. O fim para que fomos creados goza-se na outra vida, mas depende desta: nesta vida fomos creados para servir e amar a Deus, e na outra para o gosar: e como o gosar a Deus no céu depende de o servir e amar na terra; veja cada um se o serve e se o ama, e d'ahi infira se vae bem encaminhado para o ultimo fim. Todos nesta vida servem, e todos amam. Mas a quem servis e a quem amaes? Vós o sabeis. Se é a Deus, esperae nelle, que elle vos espera com a gloria apparelhada: mas se é alguma creatura, temei e tremei, porque ireis parar onde ella vos leva.

Se a verdade e evidencia desta consideração vos persuadir alguma coisa, vejo que me estaes perguntando: Pois que farei para segurar este fim tão incerto e duvidoso? A resposta que vos darei, é muito segura e sem duvida, porque é da bocca do mesmo Christo. Contam os Evangelistas que veiu um mancebo desejoso de sua salvação perguntar a Christo Senhor nosso, como Mestre de todo o bem, que boas obras faria nesta vida para alcançar a eterna: *Magister bone, quid boni faciam, ut habeam vitam æternam?* Respondeu-lhe o Senhor: *Si vis ad vitam ingredi, serva mandata:* [2] Se te queres salvar, e alcançar a vida eterna, guarda os mandamentos. Esta é a resposta que limpa a pauta e tira toda a duvida aos que a teem de sua salvação. Se quereis saber se vos haveis de salvar, e conseguir o fim para que nascestes neste mundo, vêde se guardaes os mandamentos, e guardae-os sempre. O que noto aqui e reparo mui-

[1] *Math.*, 25.
[2] *Ibid.*, XIX, 16 e 17.

to muito, é que não fallou Christo uma só palavra em predestinação, que é o maior tropeço desta mesma duvida. Se sou predestinado salvar-me-hei: se não sou predestinado, não me posso salvar. Pois se assim é, porque não respondeu o Senhor com a predestinação? Não respondeu por este nome, que é muito embaraçado e escabroso, mas como bom Mestre, *Magister bone*, reduziu toda a materia a termos mais claros, que são os mandamentos de Deus. Quereis saber se sois predestinado e vos predestinou Deus, vêde se guardaes ou não guardaes os seus mandamentos. Se guardaes os mandamentos de Deus, e perseverardes na guarda delles, sois predestinado, e se os não guardaes, ou deixardes de os guardar, sois precito. Notae as palavras do mesmo Christo: *Si vis ad vitam ingredi:* Se vos quereis salvar: logo na vossa vontade está o salvarmo-nos, ou não. D'aqui se colhe que a predestinação foi, *prævisis meritis*, com previsão das nossas obras. De sorte que se eu quizer cooperar com a graça de Deus, e guardar seus mandamentos, tão seguro está na minha mão o salvar-me, que não está na mão de Deus negar-me o Paraiso.

Estaes já contentes? Ainda me parece que vos remorde na consciencia um escrupulo, e é, que a observancia dos mandamentos, ainda que sejam só dez, e esses se reduzem a dois, é muito difficultosa e apertada. Por isso o mesmo Christo fallando da mesma observancia e dos mesmos mandamentos, disse que o caminho do céu é muito estreito. Mas já eu apontei no principio deste ultimo discurso o remedio muito facil, com que o mesmo caminho de estreito se póde fazer largo, e muito largo e tambem muito largos os mandamentos. Em que está este remedio? Nos olhos. Em olharmos para o ultimo fim para que fomos creados. Expressamente o Real Propheta: *Omnis consummationis vidi finem, latum mandatum tuum nimis:* [1] Eu, diz David, olhei para o fim ultimo e consummado para que Deus me creou, e logo com esta só vista, voltando-a para os mandamentos do mesmo Deus, que me pareciam muito estreitos, conheci claramente que eram muito largos. O tempo que ha de durar a observancia dos mandamentos, é o estreito, porque ha de

[1] *Psalm.* CXVIII, 96.

acabar com a vida; porém o premio e o fim, esse ha de durar por toda a eternidade. E como o fim é tão largo e tão immenso, como podem não ser largos tambem os meios: *Latum mandatum tuum nimis?*

VIII

Muito me detive com o auditorio das grades para fóra, que é o que tem necessidade de maior doutrina. Agora que hei de fallar com almas Religiosas, fallarei tambem como Religioso. A primeira coisa que digo fallando commigo, é o assombro que me causa considerar que tambem de um Religioso se possa verificar que lhe seria muito melhor nunca ter nascido: *Bonum erat ei, si natus non fuisset homo ille.* Homem chamou Christo a Judas neste caso, e não Religioso, nem sacerdote, nem discipulo, que foi o mesmo que degradal-o da ordem e das ordens, e despir-lhe tremendamente o habito naquelle cadafalso publico. Foi Judas não só Religioso, senão bom Religioso, e tão santo, que fez muitos milagres. Mas foi máu sacerdote, porque commungou em peccado, e máu Discipulo, porque depois deste horrendo sacrilegio accrescentou o de ir vender a seu Mestre. Se na escola de Christo, se na communidade dos doze Apostolos succede uma desgraça como esta: quem se dará por seguro na Religião, e quem não temerá de si que lhe fôra muito melhor não haver nascido?

Já fallei commigo: agora, muito veneraveis senhoras, que poderei dizer a esta tão grave, como religiosa Congregação? Direi o que de outra muito santa refere o Propheta Jeremias muito a proposito da materia em que estamos. A cidade de Jérusalem chamava-se por antonomasia a Cidade Santa: mas como não ha logar neste mundo, em que a santidade esteja segura, cahiu a santidade, e a cidade com ella. Lamentando Jeremias esta miseria, representa a Jérusalem em uma figura viva, como outra Magdalena antes de convertida: *Mulier in civitate peccatrix:* e diz, ou chora desta maneira: *Peccatum peccavit Jerusalem;* [1] Peccou Jérusalem e continúa no seu peccado:

[1] *Ther.*, I, 8.

Sordes ejus in pedibus ejus: está encravada no lodo, sem se tirar, ou arrancar delle: *Nec recordata est finis sui:* e a toda esta miseria chegou, porque se não lembrou do seu fim. De que nos lembramos, se disto nos esquecemos? E que se póde esperar, ou temer deste esquecimento, ainda nos logares mais santos, senão o que o Propheta lamenta, e nós não choramos. De sorte, que o cahir Jérusalem do cume da santidade no abysmo do lodo e do peccado, não foi por outro descuido ou negligencia, senão por se haver esquecido de olhar para o seu fim: *Nec recordata est finis sui.*

Toda a vida humana, por mais religiosa que seja, se não trouxer sempre diante dos olhos o fim para que nasceu, é navio sem norte, é cego sem guia, é dia sem sol, é noite sem estrella, é republica sem lei, é labyrintho sem fio, é armada sem farol, é exercito sem bandeira; em fim, é vontade ás escuras sem luz do entendimento que lhe mostre o mal e o bem, e lhe dite o que ha de querer, ou fugir. Que logar mais religioso e mais santo (para que não vamos mais longe) que este mesmo Côro? Que exercicio mais agradavel a Deus que a oração, e de muitos? Que orações mais approvadas que as de que se compõe o Officio Divino, ditadas pelo Espirito Santo? Que compostura, que modestia, que harmonia do canto, que pausas do silencio, que retrato de um côro dos Anjos no céu, como este na terra? E bastará toda esta união de pessoas, de vozes, de corações para fazer consonancia aos ouvidos de Deus? Se os olhos não estiverem postos no fim para que elle nos creou, não bastará. Ouvi a prova, que não póde ser mais authentica, nem mais admiravel. O Psalterio de David, de que principalmente se compõe a reza ecclesiastica, contém cento e cincoenta Psalmos, e a terceira parte delles alternadamente tem por titulo: *In finem, in finem, in finem:* Ao fim, ao fim, ao fim. E porque se lembra tantas vezes o fim, e no titulo e principio dos Psalmos, como antiphona universal de todos? Por ventura para que se chegue depressa ao fim das horas, rezando tumultuariamente, como se faz em alguns Côros com tanta indecencia? Só o interesse e a indevoção dirá que sim. Pois porque se lembra e repete tantas vezes nos Psalmos: *In finem, in finem, in finem?* Porque sendo as nossas orações um dos principaes actos

de religião, e nas Religiões o mais frequente não só de dia, mas de noite; se nellas faltar a consideração do fim para que nascemos, será o mesmo que se á musica faltasse o compasso, com que as vozes em logar de fazerem harmonia, offenderiam os ouvidos, e seriam dissonancia, confusão e tumulto.

Este fim tão necessario, fallando destas grades para dentro, por ventura é o mesmo que eu preguei dellas para fóra, que foi a observancia dos mandamentos? Não. E' outro fim muito mais alto, muito mais sublime, muito mais santo. Tambem tem duas partes como o outro, e esse é o fim de que falla David: *In finem dirigens nos in præsenti ad justitiam, in futuro ad gloriam*, diz Hugo Cardeal, e antes e depois delle todos os Interpretes. E' o fim que de presente nos encaminha ás obras da graça, e de futuro aos premios da gloria. Mas assim de presente como de futuro o fim das almas que professam Religião é muito mais alto. Na mesma historia do mancebo que veiu perguntar a Christo como se salvaria, temos a differença. Respondeu-lhe o Senhor que se queria ir ao céu, guardasse os mandamentos: *Si vis ad vitam ingredi, serva mandata.* E como elle respondesse que desde menino os tinha guardado, então lhe revelou o divino Mestre, e lhe abriu outro caminho menos rasteiro e muito mais sublime: *Si vis perfectus esse, vade, vende omnia quæ habes, et da pauperibus, et veni, sequere me:* [1] Se queres ser perfeito, vae e vende quanto tens, e dá-o aos pobres, e vem e segue-me. Estas palavras, diz nosso Padre S. Bernardo, são as que encheram os claustros de Religiosos e Religiosas, e os desertos e as covas de Anacoretas: *Hæc sunt quæ monachis claustra replent, deserta anachoritis.* [2] Em summa, que para ir ao céu ha dois caminhos, um da salvação, outro da perfeição: da salvação, *Quid faciam ut habeam vitam æternam:* da perfeição, *Si vis perfectus esse.* O caminho da salvação é o dos mandamentos: o da perfeição, o dos conselhos: o dos mandamentos é forçoso e necessario; o dos conselhos é voluntario e livre: no dos mandamentos obriga-nos Deus a nós; no dos conselhos obrigamo-nos nós a Deus, e

[1] *Math.*, XIX, 21.
[2] Bern. in Declamat. sub initium.

isto é o que fazem todos os que professam Religião. Deus a ninguem obriga a guardar pobreza, castidade e obediencia, e estas tres virtudes são os tres votos essenciaes da Religião a que todos os Religiosos se obrigam, sacrificando a Deus e offerecendo-lhe em perfeitissimo holocausto tudo o que são e o que têm: o que têm, são os bens temporaes, e desses se despojam pelo voto da pobreza: o que são, é o corpo e alma de que somos compostos, o corpo dão-no a Deus pela castidade, e a alma pela obediencia. E como o fim com que os Religiosos e Religiosas servem a Deus nesta vida é tanto mais alto; assim tambem o é na outra o fim do que hão de gosar no céu. Vêde-o nas palavras da primeira resposta que Christo deu ao mancebo que perguntava como se poderia salvar: *Si vis ad vitam ingredi, serva mandata:* Se queres entrar no céu, guarda os mandamentos. Notae muito aquelle *ingredi*. Para entrar no céu e para ir ao céu, basta guardar os mandamentos: mas uma coisa é poder entrar no céu, outra ter e gosar no céu um logar e um throno muito alto e altissimo, e este é o fim dos que na terra guardam os conselhos de Christo. Lastimosa e lastimosissima coisa é que neste mundo todos queiramos ser dos maiores, e só para o céu nos contentemos com ter lá um cantinho: *Si vis ad vitam ingredi.*

Ora, senhoras, para que o fim que vos espera no céu seja não só alto, mas altissimo (sendo certo que o gráu em que lá havemos de vêr e gosar a Deus, se ha de medir com a mesma vantagem e excesso com que o servirmos e amarmos na terra) que exemplo vos proporei eu para imitar nesta primeira parte do mesmo fim? Estou quasi certo que nunca ouvistes deste logar uma lisonja que agora vos direi. E qual é? Que para agradecerdes a Deus o terdes nascido neste mundo, imiteis a mesma Virgem Maria, que hoje nasceu. E em que? Naquelle mesmo fim com que provamos ser digno das maiores demonstrações de festa, applauso e alegria, o dia do seu nascimento. O fim com que provamos esta verdade, não foi nascer Maria para della nascer Jesus: *Maria, de qua natus est Jesus?* Pois este mesmo fim, e em proprios termos, é a lisonja que vos prometti dizer. Vêde se póde ser maior. Vem a ser: que nenhuma filha de S. Bernardo, pois é filha de tal pae, se contente com

menos que com ser Mãe de Jesus. Nosso Padre S. Bernardo fallando nesta materia mais altamente que todos, disse com a eminencia de seu espirito e juizo, que havendo Deus de ter Mãe, não era decente que fosse senão Virgem, e que havendo uma Virgem de ter Filho, não era tambem decente que fosse senão Deus. *Poterat Deum hujusmodi decebat nativitas, qua non nisi de Virgine nasceretur: talis et congruebat Virgini partus, ut non pareret nisi Deum.* [1] Não é coisa logo alheia do estado virginal, ó Virgens consagradas a Deus, que cada uma de vós imite a Virgem das Virgens em ser Mãe de Jesus. E para que nenhuma humildade religiosa se assombre com a grandeza deste nome, saiba toda esta veneravel communidade, que eu me não atrevera a dizer tanto, se o mesmo Jesus e o mesmo Filho, que nasceu de Maria, o não dissera.

Estava Christo prégando ou a primeira vez, ou uma das primeiras vezes que ensinou em publico, quando lhe disseram que sua Mãe e seus parentes o buscavam. E o Senhor levantando mais a voz, respondeu: *Quæ est Mater mea, et qui sunt fratres mei?* [2] Quem é minha Mãe e quem são os meus parentes? *Quicumque fecerit voluntatem Patris mei, ipse meus frater, et Mater est:* Quem fizer a vontade de meu Pae, esse é meu irmão e minha irmã e minha Mãe. Destes tres parentescos já sabieis que vos tocava o *soror:* eu accrescento que não só o *soror*, senão o *soror* e *mater*. Os parentescos do espirito teem muito maior largueza que os da carne e sangue. *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa.* [3] Ser irmã, e ser esposa fóra do parentesco espiritual, não póde ser, e comtudo toda a virgem consagrada a Deus sabe que não só é soror, senão soror e esposa de Christo. O ser *soror* e *mater* parece união mais difficultosa; mas basta que o mesmo Filho da Virgem Maria, sem fazer aggravo a sua Santissima Mãe, affirme e conceda que o podem ser outras. O modo só resta saber: perguntando a nossa admiração como perguntou a da Virgem das Virgens ao Anjo: *Quomodo fiet istud?* [4] Como pó-

---

1 Bern. sup. missus.
2 *Math.*, XII, 48.
3 *Cant.*, IV, 9.
4 *Luc.*, I, 34 e 35.

de ser uma coisa tão alta e tão divina? Respondeu o Anjo á Senhora: *Spiritus Sanctus superveniet in te:* O Espirito Santo sobrevirá em vós. Para entendimento desta resposta, temos aqui um discreto e subtil reparo; e de quem havia de ser, senão de S. Bernardo? Porque não diz o Anjo que virá o Espirito Santo, senão que sobrevirá? Sobrevir é vir sobre ter já vindo: e quando o Espirito Santo veiu no dia da Encarnação para que a Virgem concebesse o Verbo corporalmente e fosse Mãe de Jesus no corpo, já tinha vindo para que o concebesse espiritualmente, e fosse Mãe de Jesus no espirito. *Ideo non dixit, venit in te, sed addidit super, quia jam prius quidem in ea fuit.* De sorte que foi a Virgem duas vezes Mãe de Jesus, uma no corpo depois, e outra na alma primeiro.

E qual destas duas maternidades é mais excellente, mais alta e mais sublime, a corporal com que nasceu d'ella, *Quod nascetur ex te:* [1] ou a espiritual com que nasceu nella, *Quod in ea natum est?* [2] Não ha duvida que a maternidade espiritual, quanto vae do espirito á carne, e da alma ao corpo. Assim o resolve sem controversia a Theologia, assim o celebram todos os Santos, e assim o definiu o mesmo Christo. Quando a mulher do Evangelho lhe disse: *Beatus venter qui te portavit*, respondeu o Senhor: *Quinimmo Beati, qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud;* [3] não porque quizesse diminuir as excellencias do sagrado ventre, mas para ensinar que havia outro modo de maternidade mais excellente e mais alto, com que o mesmo Verbo já encarnado podia ser concebido, não corporal, mas espiritualmente. Na primeira maternidade é singular a Virgem Maria, mas na segunda admitte companhia, e esta é principalmente das outras virgens consagradas a Deus: *Adducentur Regi virgines post eam:* [4] e porque? Porque a dignidade de conceber a Deus, e ser Mãe de Deus, como tambem disse o nosso S. Bernardo, é privilegio proprio da virgindade: *Virginitate concepit.* Este foi o altissimo fim

---

1 *Luc.*, I, 35.
2 *Math.*, I, 20.
3 *Luc.*, XI, 27 e 28.
4 *Psalm.* XLIV, 15.

para que hoje nasceu a Virgem Maria; e este é, não fingida, senão verdadeiramente, o mesmo para que nasceu cada uma das virgens de que se compõe esta santa communidade, isto é, para ser Mãe de Jesus, como foi Mãe de Jesus a mesma Virgem Maria: *Maria, de qua natus est Jesus.*

SERMÃO

DO

NASCIMENTO DA VIRGEM MARIA *

Debaixo da Invocação de Nossa Senhora da Luz: titulo da Egreja e Collegio da Companhia de Jesus na cidade de S. Luiz do Maranhão, no anno de 1657

De qua natus est Jesus. [1]

I

Celebramos hoje o nascimento; mas que nascimento celebramos? Se o perguntarmos á Igreja, responde que o nascimento de Maria: se consultarmos o Evangelho, lemos nelle o nascimento de Jesus: *De qua natus est Jesus.* Assim temos encontrados nas mesmas palavras que propuz, o Texto com o mysterio, o thema com o sermão, e um nascimento com outro. Se a Igreja celebrara neste dia o nascimento glorioso de Christo, muito accommodado Evangelho nos mandava lêr; mas o dia e o nascimento que festejamos, não é o do Filho é o da Mãe. Pois se ainda hoje nasce a Mãe, como nos mostra já a Igreja e o Evangelho, não a Mãe senão o Filho nascido: *De qua natus est Jesus?* Só no dia de Nossa Senhora da Luz se pudera responder cabalmente a esta duvida. O sol, se bem advertirdes, tem dois nascimentos: um nascimento com que nasce quando nasce, e outro nascimento com que nasce antes de nascer. Aquella primeira luz da manhã que apaga ou accende as sombras da noite, cuja luz é? E' luz do sol. E esse sol então está já nascido? Não, e sim: Não, porque ainda não está nas-

---

* Este Sermão, commenta Honorati, é inteiramente panegyrico de Nossa Senhora da Luz. O estylo é por vezes poetico e geralmente florido e sublime.

[1] *Math.*, I.

cido em si mesmo. Sim, porque já está nascido na sua luz. De sorte que naturalmente vêem os nossos olhos ao sol duas vezes nascido: nascido quando nasce, e nascido antes de nascer.

Grande prova temos desta philosophia na mesma Historia evangelica, e é um dos mais apparentes encontros que se acham em toda ella. Partiram as Marias ao Sepulchro na manhã do terceiro dia, e referindo o Evangelista S. Marcos a hora a que chegaram, diz assim: *Valde manè una subbatorum veniunt ad monumentum, orto jam sole.* [1] Ao domingo muito de madrugada chegaram ao Sepulchro, senão já o sol nascido. Notavel dizer! Se era já o sol nascido: *Orto jam sole*, como era muito de madrugada: *Valde manè?* E se era muito de madrugada: *Valde manè*, como era já o sol nascido: *Orto jam sole?* Tudo era, e tudo podia ser, diz S. Agostinho, porque era o sol nascido antes de nascer. [2] Ora vêde. O tempo em que vieram as Marias ao Sepulchro era muito de medrugada: *Valde manè*, diz S. Marcos; *Valde diluculo:* diz S. *Lucas.* [3] Era muito de madrugada: *Valde manè?* Logo já havia alguma luz (que isso quer dizer *diluculo)* Havia luz? Logo já o sol estava nascido: *Orto jam sole.* Provo a consequencia: porque o sol, como diziamos, tem dois nascimentos: um nascimento quando vem arraiando aquella primeira luz da manhã a que chamamos aurora, outro nascimento, quando o sol descobre ou acaba de apparecer em si mesmo. E como o sol não nasce quando nasce em si mesmo, senão tambem quando nasce na sua luz: por isso disse o Evangelista com toda a verdade, que era de madrugada, e que era o sol nascido. Nenhuma destas palavras é minha, todas são da Glossa de Lyrano, seguindo a S. Agostinho: *Valde manè, orto jam sole: sol enim potest oriri dupliciter; uno modo perfecte, quando primò egreditur, et apparet super terram: alio modo quando lux ejus incipit apparere, scilicet in aurora: et sic accipitur hic ortus solis.* Não o podia dizer mais em portuguez. De maneira que áquella primeira luz com que se rompem as trevas da noite chamou S.

---

1 *Marc.*, XVI, 2.
2 *Aug.*, Lib. III de cons. Evang. C. 24.
3 *Luc.*, XXIV, 1.

Marcos nascimento do sol; porque em todo o rigor da verdade evangelica, não só nasce o sol quando nasce em si mesmo, senão quando nasce na sua luz. Um nascimento do sol é quando nasce em si mesmo e apparece sobre a terra: *Quando primò egreditur, et apparet super terram;* o outro nascimento é antes de nascer em si mesmo, quando nasce e apparece a sua luz: *Quando lux ejus incipit apparere.* E' o que estamos vendo neste dia, e o que nos está prégando a Igreja neste Evangelho. O dia mostra-nos nascida a luz: o Evangelho mostra-nos nascido o sol, e tudo é. Não é o dia em que o sol appareceu nascido sobre a terra: *Quando primò egreditur, et apparet super terram;* mas é o dia em que apparece nascido na luz da sua aurora: *Quando lux ejus incipit apparere, scilicet in aurora:* porque se o sol não está ainda nascido em si mesmo, já está nascido na luz de que ha de nascer: *De qua natus est Jesus.*

Estava dito; mas porque parecerá novidade dar dois nascimentos, e dois dias de nascimento a Christo, saibam os curiosos, que não é novidade nova, senão mui antiga, e uma das mais bem retratadas verdades que o Creador do mundo nos pintou no principio delle. No primeiro dia do mundo creou Deus a luz, no quarto dia creou o sol. Sobre estes dois dias e estas duas creações ha grande batalha entre os Doutores, porque se o sol é a fonte da luz, que luz é esta que foi creada antes do sol? Ou é a mesma luz do sol, ou é outra luz differente? Se é a mesma, porque não foi creada no mesmo dia? E se é differente, que luz é, ou que luz póde haver differente da luz do sol? Santo Thomaz, e com elle o sentir mais commum dos Theologos, resolve que a luz que Deus creou o primeiro dia foi a mesma luz de que formou o sol ao dia quarto. De modo que em ambos estes dias, e em ambas estas creações foi creado o sol. No primeiro dia foi creado o sol informe, no quarto dia foi creado o sol formado. São os termos de que usa Santo Thomaz. No primeiro dia foi creado o sol informe; porque foi creado em fórma de luz: [1] no quarto dia foi creado o sol formado, porque foi creado em fórma de sol. Em

[1] D. Thom. q. 67 art. 4 ad 2 et q. 70 art. 2 ad 3 sequutus Dion. Areop. c. 4 de Diu. Nom. Suar. de Op. sex Dier. L. 2 c. 8 et alii.

conclusão, que entre todas as creaturas só o sol teve dois dias de nascimento, o primeiro dia e o quarto dia. O quarto dia em que nasceu em si mesmo, e o primeiro em que nasceu na sua luz. O quarto dia em que nasceu sol formado, e o primeiro em que nasceu na luz de que se formou. Póde haver propriedade mais propria? Agora pergunto eu (se alguem me não entendeu ainda). Quem é este Sol duas vezes nascido? E quem é esta Luz de que se formou este Sol? O Sol é Jesus; a Luz é Maria, diz Alberto Magno. E não era necessario que elle o dissesse. Assim como o sol nasceu duas vezes e teve dois dias de nascimento, assim como o sol nasceu uma vez quando nascido e outra antes de nascer, assim como o sol uma vez nasceu em si mesmo e outra na sua luz, assim nem mais nem menos o Sol Divino, Christo, nasceu duas vezes, e teve dois dias de nascimento. Um dia em que nasceu em Belem, outro em que nasceu em Názareth. Um dia em que nasceu quando nascido, que foi em vinte e cinco de dezembro, e outro dia em que nasceu antes de nascer, que foi neste venturoso dia. Um dia em que nasceu sua Mãe, outro dia em que nasceu com ella. Um dia em que nasceu em si mesmo, outro dia em que nasceu naquella de quem nasceu. *De qua natus est Jesus.*

Temos introduzido e concordado o Evangelho, que não é a menor difficuldade deste dia. Para satisfazermos á segunda obrigação (que não é senão a primeira) peçamos á Senhora da Luz nos communique um raio da sua. *Ave Maria.*

II

De qua natus est Jesus. Supposto que temos neste *natus* do Evangelho dois nascidos, e neste nascimento dois nascimentos: o nascimento da Luz, Maria, nascida em si mesma, e o nascimento do Sol, Christo, nascido na sua Luz: qual destes nascimentos faz mais alegre este dia? E por qual delles o devemos mais festejar? Por dia do nascimento da Luz, ou por dia do nascimento do sol? Com licença do mesmo Sol (ou com lisonja sua) digo que por dia do nascimento da Luz. E porque? Não por uma ra-

zão, nem por duas, senão por muitas. Só quatro apontarei, porque desejo ser breve. Primeira razão: porque a luz é mais privilegiada que o sol. Segunda: porque é mais benigna: Terceira, porque é mais universal. Quarta: porque é mais apressada para nosso bem. Por todos estes titulos é mais para festejar este dia por dia do nascimento da Luz, que por dia ou por vespera do nascimento do Sol.

Mas porque este Sol e esta Luz, entre os quaes havemos de fazer a comparação, parecem extremos incomparaveis como verdadeiramente é incomparavel Christo sobre todas as puras creaturas (entrando tambem neste numero sua mesma Mãe) antes que eu comece a me desempenhar deste grande assumpto, ou a empenhar-me nelle, declaro que em tudo o que disser, procede a comparação entre Christo como Sol de Justiça, e a Senhora da Luz como Mãe de misericordia. E que assim como os effeitos da luz se referem á primeira fonte della, que é o sol, assim todos os que obra a Senhora em nosso favor são nascidos e derivados do mesmo Christo, cuja bondade e providencia ordenou que todos passassem e se nos communicassem por mão de sua Mãe como advogada e medianeira nossa e dispensadora universal de suas graças. Assim o suppõe com S. Bernardo a mais pia e bem recebida theologia: *Nihil Deus nos habere voluit, quod per manus Mariæ non transisset.* Isto posto.

III

Começando pelo primeiro titulo, de ser a luz mais privilegiada, digo que é mais privilegiada a luz que o sol, porque o dia, que é a vida e a formosura do mundo, não o faz o nascimento do sol, senão o nascimento da luz. E' advertencia de Santo Ambrosio, e advertencia que quiz o grande Doutor que soubessemos que era sua: *Advertimus quod lucis ortus, antequam solis, diem videatur aperire.* [1] Tenho advertido (diz Santo Ambrosio) que o que primeiro abre e faz o dia, é o nascimento da luz e não o do sol. Está esta

[1] Amb in Hexam. Lib. 1, C. 9.

grande machina e variedade do universo, coberta de trevas; está o mundo todo fechado no carcere da noite, e qual é a chave que abre as portas ao dia? O sol? Não, senão a luz: porque ao apparecer do sol já o mundo está patente e descoberto: *Diem sol clarificat; lux facit.* O sol faz o dia mais claro, mas a luz é a que faz o dia. E senão vêde, diz o Santo: *Frequenter cœlum nubibus texitur ut sol tegatur, nec ullus radius ejus appareat, lux tamen diem demonstrat.* Quantas vezes acontece forrar-se o céu de nuvens espessas com que não apparece o sol nem o menor de seus raios, e comtudo, ainda que não vemos o sol, vemos o dia. Porque? Porque nol-o mostra a luz. Bem se segue logo que o dia tão necessario e tão proveitoso ao mundo, é filho da luz, e não filho do sol.

Parece que tem alguma coisa de sofistico este discurso de Santo Ambrosio, porque sendo a luz effeito do sol, quem faz a luz faz o dia. Assim parece, mas não é assim. E quero dar uma prova valente a uma razão que parece fraca. Noutras occasiões declaradamos a Escriptura com o Santo, agora declararemos o santo com a Escriptura. Diz Santo Ambrosio que o dia é filho da luz, e não do sol. Provo e pergunto: O sol em que dia o creou Deus? Diz a Sagrada Escriptura que creou Deus o sol ao dia quarto: *Luminare majus ut præsset diei, et factum est dies quartus.* [1] Deus creou o sol ao dia quarto? Logo antes de haver sol já havia dias. Antes de haver sol já havia dias? Logo o dia não é filho do sol. Pois de quem é filho? E' filho da luz. O mesmo Texto sagrado: *In principio creavit Deus cœlum et terram:* [2] No principio antes de haver dia nem noite, nem tempo, creou Deus o céu e a terra. *Et tenebræ erant super faciem abyssi:* [3] E o mundo todo estava sepultado em um abysmo de trevas. *Dixitque Deus: fiat lux: et facta est lux:* [4] Disse Deus: faça-se a luz; e foi feita a luz. *Appellavitque lucem diem, et tenebras noctem: et factus est dies unus:* [5] E chamou Deus á luz dia,

---

1 *Gen.*, 1, 16 e 19.
2 *Ibid.*, 1, 1.
3 *Ibid.*, 2.
4 *Ibid.*, 3.
5 *Ibid*, 5.

e ás trevas noite: e deste modo se fez o primeiro dia que houve no mundo. De maneira (como bem dizia Santo Ambrosio) que o dia é filho da luz, e não do sol: ao nascimento da luz, e não ao do sol deve o mundo o beneficio do dia. O tempo ditosissimo da Lei da graça, em que estamos, é o dia do mundo: o tempo da Lei da natureza e da Lei escripta, que já passou, foi a noite. Assim o diz S. Paulo: *Non præcessit; dies autem appropinquavit.* [1] E quem foi a aurora que amanheceu ao mundo este dia tão alegre, tão salutifero e tão vital senão aquella Luz Divina? O sol fez o dia mais claro; mas a luz foi a que rompeu as trevas, a luz foi a que venceu e despojou a noite, a luz foi a que fez o dia: *Diem sol clarificat; lux fecit.* Grande privilegio da luz sobre o sol, que ella e não elle (ou ao menos, que ella primeiro que elle) seja a auctora do dia.

Mas eu sem me sahir do mesmo passo ainda hei de dizer outro privilegio maior da mesma luz. Creou Deus a luz tres dias antes de crear o sol. Tanto que houve sol no mundo, logo houve tambem olhos que o vissem e que gosassem de seus resplandores, porque o sol foi creado ao quarto dia, e as aves e os peixes ao quinto, os animaes da terra e os homens ao sexto. De sorte (como notou S. Basilio) [2] que todos os tres dias em que a luz esteve creada antes da creação do sol, não havia olhos no mundo. Pois senão havia olhos no mundo, para que creou Deus a luz? Que crie Deus o sol ao quarto dia, bem está, porque no quinto, e no sexto dia havia de crear os olhos de todos os viventes: mas se no segundo, no terceiro e no quarto dia não houve nem havia de haver olhos, porque cria Deus a luz primeiro? Porque o sol creou-o Deus para os olhos dos homens e dos animaes: a luz creou-a Deus para os seus olhos. E assim foi. *Fiat lux, et facta est lux et vidit Deus lucem quod esset bona.* [3] Disse Deus: Faça-se a luz, e fez-se a luz; e no mesmo ponto que nasceu e appareceu a luz, logo foi o emprego e suspensão dos olhos de Deus: *Vidit Deus lucem.* Digo emprego e suspensão, porque quando Deus creou a luz já estava creado o céu, a terra, os elementos, os

---

[1] *Ad Rom.*, XIII, 12.
[2] D. Basil. in Hexameron.
[3] *Gen.*, I, 4.

Anjos; e nada disto levou apoz si os olhos de Deus senão a luz. Ella encheu os olhos de Deus de maneira que sendo os olhos de Deus immensos, parece que não deixou nelles logar para os pôr n'outra coisa. Alfim era a luz creada para os olhos de Deus, como o sol para os dos homens e dos animaes.

Não cuideis que digo injurias ao Sol Encarnado, que assim quiz elle que fosse. Apparece no mundo o Sol Encarnado, Christo; e que olhos o viram nascido? Olhos de homens, e olhos de animaes. Para o verem nascido olhos de animaes, elle mesmo foi buscar os animaes a um presepio: e para o verem nascido olhos de homens, elle os mandou buscar por uma estrella entre os réis, e por um Anjo entre os pastores. Os homens pelo peccado estavam convertidos em animaes: *Homo cum in honore esset, non intellexit: comparatus est jumentis.* [1] Por isso se mostra o Sol nascido aos olhos dos homens e dos animaes, porque nascia para fazer de animaes homens. Porém a Luz como nascia para Mãe de Deus, occulta-se a todos os olhos creados, e só nasce manifesta aos divinos: *Vidit Deus lucem.* Os olhos de Deus foram os que festejaram o nascimento desta Soberana Luz, e festejaram-na aquelles tres dias em que não houve sol, nem outros olhos, porque tomou cada pessoa da Santissima Trindade um dia da festa por sua conta: *Ipse est enim lux, quæ prima distinxit dierum nostrorum Trinitatem*, disse S. Dionysio Areopagita. [2] Os olhos do Padre festejaram o nascimento da Luz o primeiro dia: *Et vidit Deus lucem, quòd esset bona;* e viu Deus Padre que a Luz era boa para Filha. Os olhos do Filho festejaram o nascimento da Luz o segundo dia: *Et vidit Deus lucem, quòd esset bona;* e viu Deus Filho que a Luz era boa para Mãe. Os olhos do Espirito Santo festejaram o nascimento da Luz o terceiro dia: *Et vidit Deus lucem, quòd esset bona;* e viu Deus Espirito Santo que a Luz era boa para Esposa. Assim festejou toda a Santissima Trindade o nascimento daquella Soberana Luz, e assim o devemos festejar nós. Ponde os olhos, christãos, naquella Luz, e pedi-lhe que os ponha em vós, e vereis como

---

[1] *Psalm.* XLVIII, 13.
[2] D. Dionys. Areopag. de D. nomin. Cap. 4.

é boa para tudo: *Vidit lucem, quòd esset bona.* Boa para a consolação, se estiverdes affligido: boa para o remedio, se estiverdes necessitado: boa para a saude se estiverdes enfermo: boa para a victoria, se estiverdes cahido, e fóra da graça de Deus: boa e só ella boa para vos reconciliar com elle. Tão cheia de privilegios de Deus nasce hoje esta Luz de quem elle ha de nascer: *De qua natus est Jesus.*

IV

O segundo titulo porque se deve mais festejar o dia deste nascimento, é por ser a luz mais benigna. E' a luz mais benigna que o sol, porque o sol allumia, mas abraza; a luz allumia e não offende. Quereis vêr a differença da luz ao sol? Olhae para o mesmo sol, e para a mesma luz de quem elle nasce, a aurora. A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flôres, a harmonia das aves, a vida e alento do mundo. Começa a sahir e a crescer o sol, eis o gesto agradavel do mundo, e a composição da mesma natureza toda mudada. O céu accende-se: os campos seccam-se: as flôres murcham-se: as aves emmudecem: os animaes buscam as covas: os homens as sombras. E se Deus não cortara a carreira ao sol, com a interposição da noite, fervera e abrazara-se a terra, arderam as plantas, seccaram-se os rios, sumiram-se as fontes, e foram verdadeiros e não fabulosos, os incendios de Phaetonte. A razão natural desta differença é porque o sol (como dizem os Philosophos) ou verdadeiramente é fogo, ou de natureza mui similhante ao fogo, elemento terrivel, bravo, indomito, abrazador, executivo, e consumidor de tudo. Pelo contrario a luz em sua pureza, é uma qualidade branda, suave, amiga, emfim, creada para companheira e instrumento da vista, sem offensa dos olhos, que são em toda a organisação do corpo humano a parte mais humana, mais delicada, e mais mimosa. Philosophos houve, que pela subtileza e facilidade da luz, chegaram a cuidar que era espirito e não corpo. Mas porque a philosophia humana ainda não tem alcançado perfeitamente a differença da luz ao sol, valhamo-nos da sciencia dos Anjos.

Aquelle Anjo visivel que guiava os filhos de Israël pelo deserto, diz o Texto que marchava com duas columnas de prodigiosa grandeza: uma de nuvem de dia, outro de fogo de noite: *Per diem in columna nubis, per noctem in columna ignis.* [1] E porque, ou para que levava o Anjo estas duas columnas de nuvem e fogo? A de nuvem para reparo do sol: a de fogo para continuação da luz. Tanto que anoitecia, accendia o Anjo a columna de fogo sobre os arraiaes, para que tivessem sempre luz. E tanto que amanhecia atravessava o Anjo a columna de nuvem, para que ficassem reparados e defendidos do sol. De maneira que todo o cuidado do Anjo sobre os seus encommendados consistia em dois pontos: o primeiro, que nunca lhes tocasse o sol: o segundo, que nunca lhes faltasse a luz. Tão benignas qualidades reconhecia o Anjo na luz e tão rigorosas no sol.

Estas são as propriedades rigorosas e benignas do sol e da luz natural. E as mesmas (se bem o considerarmos) acharemos no Sol e na Luz Divina. Christo é Sol, mas Sol de Justiça, como lhe chamou o Propheta: *Sol Justitiæ.* [2] E que muito que no que Sol haja raios, e na Justiça rigores? Todos os rigores que tem obrado no mundo o sol natural, tantas seccas, tantas esterilidades, tantas sêdes, tantas fomes, tantas doenças, tantas pestes, tantas mortandades, tudo foram execuções do Sol de Justiça, o qual as fez ainda maiores. O sol material nunca queimou cidades, e o Sol de Justiça queimou e abrazou em um dia as cinco cidades de Pentapolis inteiras, sem deixar homem á vida, nem dos mesmos edificios e pedras mais que as cinzas. Taes são os rigores daquelle Sol Divino. Mas a benignidade da Luz que hoje nasce, e de que elle nasceu, como a poderei eu explicar? Muitas e grandes coisas podera dizer desta Soberana Benignidade: mas direi só uma que vale por todas. E' tão benigna aquella Divina Luz, que sendo tão rigorosos e tão terriveis os raios do Divino Sol, ella só basta para os abrandar e fazer tambem benignos.

Porque vos parece que nasce a Virgem Maria em tal dia como hoje? Se o dia do nascimento de Christo foi mysterioso, e mysterioso o dia do nascimento do

[1] *Exod.*, XIII, 21.
[2] *Malach.*, IV, 2.

Baptista, por ser o Precursor de Christo, quanto mais o dia da Mãe de Christo? Pois que mysterio tem nascer a Senhora neste dia? Muito grande mysterio. O mysterio do dia do nascimento de Christo (como notou Santo Agostinho) foi porque naquelle tempo volta o sol para nós, e começam os dias a crescer. O mysterio do dia do nascimento do Baptista foi porque naquelle tempo se aparta o sol de nós e começam os dias a diminuir. E o mysterio do dia do nascimento da Senhora, é porque neste tempo passa o sol do signo de Leão para o signo de Virgem, e começa o mesmo sol a abrandar. O caminho do sol é pelos doze signos celestes em que tem differentes effeitos, conforme a constellação e qualidades de cada um. Quando o sol anda no signo de Leão, como se tomára a natureza daquelle animal colerico e assanhado, taes são os seus effeitos: calores, seccuras, enfermidades malignas, tresuarios, sangue, mortes. Porém tanto que o sol passa do signo de Leão ao signo de Virgem, já o Leão começa a abrandar, já vae manso, já vae pacifico, já vae cordeiro. O mesmo succedeu aos rigores do nosso Sol. Lêde o Testamento Velho, e achareis que Deus antigamente afogava exercitos, queimava cidades, alagava mundos, despovoava paraisos. E hoje sendo os peccados dignos de maior castigo pela circumstancia do tempo, da fé, e dos beneficios, não se vêem em Deus similhantes rigores. Pois porque, se Deus é o mesmo, e a sua justiça a mesma? Porque então estava o sol no signo de Leão, agora está no signo de Virgem. Como o sol entrou no signo de Virgem, logo aquella benigna Luz lhe amansou os rigores, lhe embargou as execuções e lhe temperou de tal maneira os raios, que ao mesmo fogo abrazador de que eram compostos, lhe tirou as actividades com que queimava, e só lhe deixou os resplendores com que luzia. Grande caso, mas provado!

Vê Moysés no deserto uma sarça, que ardia em fogo e não se queimava. [1] Pasma da visão, parte a vel-a de mais perto, e quanto mais caminha e vê, tanto mais pasma. Ser fogo o que estou vendo, não ha duvida: aquella luz intensa, aquellas chammas vivas, aquellas lavaredas ardentes, de fogo são: mas a sarça

[1] *Exod.*, III, 3.

não se consome, a sarça está inteira, a sarça está verde. Que maravilha é esta? Grande maravilha para quem não conhecia o fogo, nem a sarça; mas para quem sabe que o fogo era Deus, e a sarça Maria, ainda era maravilha maior, ou não era maravilha. O fogo era Deus que vinha libertar o povo. Assim o diz o Texto. A sarça era Maria em quem Deus tomou fórma visivel, quando veiu libertar o genero humano. Assim o diz S. Jeronymo, S. Athanasio, S. Basilio, e a mesma Igreja. Como o fogo estava na sarça, como Deus estava em Maria, já o seu fogo não tinha actividades para queimar; luzir sim, resplandecer sim, que são effeitos de luz; mas queimar, abrasar, consumir, que são effeitos de fogo, isso não que já lh'os tirou Maria. Já Maria despontou os raios ao sol, por isso luzem e não ferem, ardem e não queimam, resplandecem e não abrasam. Parece-vos maravilha, que assim abrandasse aquella benigna Luz os rigores do Sol? Parece-vos grande maravilha, que assim lhe apagasse o fogoso e abrasado, e lhe deixasse só o resplandecente e luminoso? Pois ainda fez mais.

Não só abrandou ou apagou no sol os rigores do fogo, senão tambem os rigores da luz. O sol não é só rigoroso e terrivel no fogo com que abrasa, senão tambem na luz com que allumia. Em apparecendo no Oriente os primeiros raios do sol, como se foram archeiros da guarda do grande rei dos planetas, vereis como vão diante fazendo praça, e como em um momento alimpam o campo do céu, sem guardar respeito, nem perdoar a coisa luzente. O vulgo das estrellas que andavam como espalhadas na confiança da noite, as pequeninas sómem-se, as maiores retiram-se; todas fogem, todas se escondem, sem haver nenhuma (por maior luzeiro que seja) que se atreva a parar, nem a apparecer diante do sol descoberto. Vêdes esta magestade severa? Vêdes este rigor da luz do sol, com que nada lhe pára, com que tudo escurece em sua presença? Ora deixae-o ao signo de Virgem, e vereis como essa mesma luz fica benigna e tratavel.

Viu S. João no Apocalypse um novo signo celeste: *Signum magnum apparuit in cœlo.* [1] Era uma mulher vestida do sol, calçada da lua, e coroada das es-

[1] *Apoc.*, XII, 1.

trellas: *Mulier amicta sole, luna sub pedibus ejus, et in capite ejus stellarum duodecim.* [1] Não reparo no sol e na lua; no sol e nas estrellas reparo. Calçada da lua, e vestida de sol, bem póde ser; porque diante do sol tambem apparece a lua. Mas vestida de sol, e coroada de estrellas? Sol e estrellas juntamente? Não é possivel, como acabamos de vêr. Pois se na presença do sol fogem e desapparecem as estrellas, e o sol estava presente, e tão presente no vestido da mesma mulher, como appareciam, nem podiam apparecer as estrellas da corôa? Ahi vereis quão mudado está o sol, depois que vestiu uma mulher, ou depois que uma mulher o vestiu a elle! Este signo em que o sol appareceu a S. João, era o signo de Virgem: *Signum magnum apparuit in cœlo; Mulier amicta sole.* [2] E depois que o Sol entrou no signo de Virgem, depois que o Sol se humanou nas entranhas da Virgem Maria, logo os seus raios não foram temerosos, logo a sua magestade não foi terrivel, logo a grandeza e soberania da sua mesma luz, foi tão benigna, que já não fogem, nem se escondem della as estrellas, antes lhes consente que possam luzir e brilhar em sua presença. Assim amansou aquella Luz Divina o Sol, n'outro tempo tão severo; assim humanou a intoleravel grandeza de sua luz, assim temperou e quebrou a força de seus raios. Para que vejamos quanto se deve alegrar neste dia, e quanto deve festejar o nascimento desta benigna Luz o genero humano todo, e mais aquelles que mais teem offendido o Sol. Quantas vezes havia de ter o Sol de Justiça abrazado o mundo? Quantas havia de ter fulminado com os seus raios as rebeldias de nossas ingratidões, e as abomições de nossos vicios, senão fôra pela benignidade daquella Luz? Para isso nasceu, e para isso nasce hoje; para o fazer humano antes de nascer, e para lhe atar as mãos e os braços depois de nascido: *De qua natus est Jesus.*

V

O terceiro titulo porque se deve mais festejar o dia deste nascimento, é por ser a luz mais univer-

[1] *Apoc.*, XII, 1.
[2] Bern. Vestis eum, et vestiris ab eo.

sal. E' a luz mais universal que o sol; porque o sol nunca allumia mais que meio mundo, e meio tempo; a luz allumia em todo o tempo e a todo o mundo. O sol nunca allumia mais que meio mundo, porque quando amanhece para nós, anoitece para os nossos antipodas: e quando amanhece aos antipodas, anoitece para nós. E nunca allumia mais que meio tempo, porque das vinte e quatro horas do dia natural, as doze assiste em um hemispherio, e as doze no outro. Não assim a luz. A luz não tem limitação de tempo, nem de logar; sempre allumia, e sempre em toda a parte, e sempre a todos. Onde está o sol, allumia com o sol: onde está a lua, allumia com a lua; e onde não ha sol nem lua, allumia com as estrellas; mas sempre allumia. De sorte que não ha parte do mundo, nem momento de tempo, ou seja dia, ou seja noite, em que (maior ou menor) não haja sempre luz. Tal foi a disposição de Deus no principio do mundo. Ao sol limitou-lhe Deus a jurisdição no tempo e no logar; á luz não lhe deu jurisdição limitada, senão absoluta para todo o logar, e para todo o tempo. Ao sol limitou-lhe Deus tempo, porque mandou que allumiasse o dia: *Luminare majus, ut præsset diei:* [1] E limitou-lhe logar, porque só quiz que andasse dentro dos tropicos de Cancer e Capricornio, e que delles não sahisse. Porém á luz não lhe limitou tempo, porque mandou que allumiasse de dia por meio do sol, e de noite por meio da lua e das estrellas: *Luminare majus, ut præsset diei: luminare minus, ut præsset nocti, et stellas.* [2] E não lhe poz limitação de logar, porque quiz que allumiasse, não só dentro dos tropicos, senão fóra delles, como faz a luz, que dentro dos tropicos allumia por meio do sol e da lua, e fóra dos tropicos por meio das estrellas; para que por este modo, de dia e de noite, no claro e no escuro, na presença e na ausencia do sol, sempre houvesse luz, como ha.

Esta mesma differença se acha na verdadeira Luz, e no verdadeiro Sol, Christo, e sua Mãe. Christo é Sol do mundo; mas Sol que tem certo hemispherio, Sol que tem seus antipodas, Sol que quando nasce, nasce para alguns, e não para todos. Assim o dis-

---

[1] *Gen.*, I, 16.
[2] *Ibid.*

se Deus por bocca do Propheta Malachias: *Orietur vobis timentibus nomen meum Sol Justitiæ.* [1] Nascerá o Sol de Justiça para vós os que temeis o meu nome. Falla o Propheta, não da graça da Redempção, ou sufficiente, que é universal para todos, senão da santificante e efficaz, de que muitos por sua culpa são excluidos. E por isso diz que o Sol de Justiça não nasce para todos, senão só para aquelles que o temem. Todo este mundo tomado nesta consideração, se divide em dois hemispherios: um hemispherio dos que temem a Deus, outro hemispherio dos que o não temem. No hemispherio dos que temem a Deus, só nasce o Sol de Justiça, e só para elles ha dia, só elles são allumiados. No hemispherio dos que não temem a Deus, nunca jámais amanhece o Sol, sempre ha perpetua noite, todos estão em trevas, e ás escuras. Neste sentido chamou o Propheta a este Sol, Sol de Justiça: *Sol Justitiæ.* O sol material, se bem se considera, é sol sem justiça, porque trata a todos pela mesma fórma, e tanto amanhece para os bons, como para os máus: *Qui solem suum oriri facit super bonos, et malos.* [2] E' possivel que tanto sol ha de haver para o bom como para o máu? Para o christão, como para o infiel? Para o que adora a Deus, como para o que adora o idolo? Tanto ha de amanhecer o sol para o diligente, como para o preguiçoso? Tanto para o que lhe abre a janella, como para o que lh'a fecha? Tanto para o lavrador que o espera, como para o ladrão que o aborrece? Notavel injustiça do sol material! Não assim o Sol de Justiça. E' Sol de Justiça, porque trata a cada um conforme o que merece. Só para os bons amanhece, e para os máus esconde-se: só allumia aos que o temem; e aos que o não temem, sempre os tem ás escuras.

Parece coisa difficultosa, que no mesmo hemispherio, na mesma cidade, e talvez na mesma casa, estejam uns allumiados, e outros ás escuras; mas assim passa, e já isto se viu com os olhos no mundo algum dia. Uma das pragas do Egypto foram as trevas. E descrevendo-as o Texto diz assim: *Factæ sunt tenebræ horribiles in universa terra Ægypti. Nemo*

[1] *Malac.*, IV, 2.
[2] *Math.*, V, 45.

vidit fratrem suum, nec movit se de loco in quo erat: ubicumque autem habitabant filii Israel, lux erat. [1] Houve em toda a terra do Egypto umas trevas tão horriveis que nenhum egypcio via ao outro, e nenhum se podia mover do logar onde estava; mas onde habitavam os hebreus, no mesmo tempo havia luz. Brava maravilha! Em toda a terra do Egypto havia umas casas que só eram habitadas de egypcios, outras que só eram habitadas de hebreus, outras que eram habitadas de hebreus e egypcios juntamente. Nas que eram habitadas de egypcios, todos estavam em trevas, nas que eram habitadas de hebreus, todos estavam em luz, nas que eram habitadas de hebreus e de egypcios juntamente, os hebreus estavam allumiados, e os egypcios ás escuras. Isto que fez no Egypto a vara de Moysés, faz em todo o mundo a vara do Sol de Justiça. Muitas casas ha no mundo em que todos são peccadores; algumas casas haverá em que todos sejam justos; outras ha (e é o mais ordinario) em que uns são justos, e outros peccadores. E com toda esta diversidade de casas e de homens, executa a vara do Sol de Justiça, o que a de Moysés no Egypto. Na casa onde todos são justos, todos estão em luz; na casa onde todos são peccadores, todos estão em trevas; na casa onde ha peccadores e justos, os justos estão allumiados, e os peccadores ás escuras. De sorte que o Sol de Justiça (nesta consideração em que fallamos) é Sol tão particular e tão parcial, que não só no mundo tem differentes hemispherios, mas até na mesma casa tem antipodas.

Não assim aquella Luz que hoje nasce, que para todos, e para todo o tempo, e para todo o logar, é sempre Luz. Viram os Anjos nascer hoje aquella formosa Luz, e admirados de sua belleza, disseram assim: *Quæ est ista, quæ progreditur, quasi aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol?* [2] Quem é esta que nasce e apparece no mundo, diligente como a aurora, formosa como a lua, escolhida como o sol? A' aurora, á lua e ao sol, comparam os Anjos esta Senhora, e parece que dizem menos em tres comparações, do que diriam em uma. Se disseram só que

---

[1] *Exod.*, x, 22 e 23.
[2] *Cant.*, vi, 9.

era similhante ao sol, diriam mais, porque de sol á lua é minguar, de sol á aurora é descer. Pois porque razão (que não podia ser sem grande razão) uns espiritos tão bem entendidos como os Anjos, ajustam umas similhanças tão deseguaes, e comparam a Senhora quando nasce, á aurora, á lua, e ao sol juntamente? Deu no mysterio advertidamente o papa Innocencio III. Comparam os Anjos a Maria, quando nasce, juntamente ao sol, á lua, e á aurora, para mostrar que aquella Senhora é Luz de todos os tempos. Todos os tempos, ou são dia, ou são noite, ou são aquella hora de luz duvidosa, que ha entre a noite e o dia. Ao dia allumia o sol, á noite allumia a lua, á hora entre noite e dia, allumia a aurora. Pois por isso chamam os Anjos juntamente á Senhora, Aurora, Lua e Sol; para mostrarem que é Luz que allumia em todos os tempos. Luz que allumia de dia como sol; Luz que allumia de noite como Lua; Luz que allumia quando não é noite nem dia, como aurora. E que são ou que significam estes tres tempos? Ouvi agora a Innocencio: *Luna lucet in nocte, aurora in diluculo, sol in die. Nox autem est culpa, diluculum pœnitentia, dies gratia.* A lua allumia de noite, e a noite é a culpa; a aurora allumia de madrugada, e a madrugada é a penitencia; o sol allumia de dia, e o dia é a graça. E para todos estes tempos, e para todos estes estados, é Maria Luz universal. Luz para os justos que estão em graça; Luz para os peccadores que estão na culpa; e Luz para os penitentes que querem passar da culpa á graça: *Qui ergo jacet in nocte culpæ, respiciat lunam, deprecetur Mariam: Qui surgit ad diluculum pœnitentiæ, respiciat auroram, deprecetur Mariam. Qui vivit in die gratiæ, respiciat solem, deprecetur Mariam.* Pelo que (conclue exhortando o grande Pontifice) se sois peccador, se estaes na noite do peccado, olhae para a lua, fazei oração a Maria, para que vos allumie, e vos tire da noite do peccado, para a madrugada da penitencia. Se sois penitente e estaes na madrugada do arrependimento, ponde os olhos na aurora, fazei oração a Maria, para que vos allumie, e vos passe da madrugada da penitencia ao dia da graça. Se sois justo, se estaes no dia da graça, ponde os olhos no sol, fazei oração a Maria, para que vos sustente, e vos augmente nesse dia, porque desse

dia tão ditoso não ha para onde passar. Assim allumia aquella Soberana Luz universalmente a todos sem excepção de tempo nem de estado. O Sol de Justiça allumia só aos que o temem: *Timentibus nomen meum;* mas a Luz de Misericordia allumia aos que o temem, porque o temem, e aos que o não temem, para que o temam; e a todos allumia. O Sol de Justiça nasce só para os justos, mas a Luz de Misericordia nasce para os justos, e mais para os peccadores. E por este modo é mais universal para todos a Luz que hoje nasce, do que o mesmo Sol que della nasceu: *De qua natus est Jesus.*

VI

O quarto e ultimo titulo porque se deve mais festejar este dia, é por ser a luz mais apressada para nosso bem. Ser mais apressada a luz que o sol, é verdade que vêm os olhos. Parte o sol do Oriente, e chega ao Occidente em doze horas. Apparece no Oriente a luz, e em um instante fere o Occidente opposto, e se dilata e estende por todos os horisontes, allumiando em um momento o mundo. O sol, como dizem os astrologos, corre em cada hora trezentas e oitenta mil leguas. Grande correr! Mas toda esta pressa e ligeireza do sol em comparação da luz, são vagares: o sol faz seu curso, em horas, em dias, em annos, em seculos: a luz sempre em um instante. O sol no inverno parece que anda mais tardo no amanhecer, e no verão mais diligente, mas nunca se levanta tão cedo o sol, que não madrugue a luz muito diante delle. O' Luz Divina, como vos pareceis nesta diligencia á luz natural!

Foram convidados a umas bodas, a Luz e o Sol, Christo e Maria. Faltou no meio do convite aquelle licôr, que noutra meza (depois do Sol posto, e antes de o Sol se pôr) deu materia a tão grandes mysterios. Quiz a piedosa Mãe accudir á falta, fallou ao Filho, mas respondeu o Senhor tão seccamente, como se negára sel-o: *Quid mihi et tibi est mulier? Nondum venit hora mea.* [1] Que ha de mim para ti, mulher?

[1] *Joan.*, II, 4.

Ainda não chegou a minha hora. Aqui reparo. Esta hora não era de fazer bem? Não era de encobrir e accudir a uma falta? Não era de remediar uma necessidade? Pois como responde Christo, que não era chegada a sua hora: *Nondum venit hora mea?* E se não era chegada a sua hora, como trata a Senhora do remedio? Era chegada a hora de Maria, e não era chegada a hora de Christo? Sim, que Maria é Luz, e Christo é Sol, e a hora do sol sempre vem depois da hora da luz: *Nondum venit hora mea.* Ainda não era vinda a hora do Sol, e a hora da Luz já tinha chegado. Por isso disse Christo a sua Mãe com grande energia: *Quid mihi et tibi?* Como se dissera: Reparae, Senhora, na differença que ha de mim a vós, na materia de soccorrer aos homens, como agora quereis que eu faça. Vós os soccorreis, e eu os soccorro; vós lhes accudis, e eu lhes accudo; vós os remediaes, e eu os remedeio, mas vós primeiro e eu depois; vós logo, e eu mais devagar; vós na vossa hora, que é antes da minha, e eu na minha, que é depois da vossa: *Nondum venit hora mea.* E' aquella gloriosa differença que Santo Anselmo se atreveu a dizer uma vez, e todos depois delle a repetiram tantas: *Velocior nonnunquam salus memorato nomine Mariæ quam invocato nomine Jesu.* Que algumas vezes é mais apressado o remedio, nomeado o nome de Maria, que invocado o de Jesus. Algumas vezes, disse o Santo, e quizera eu que dissera, sempre, ou quasi sempre. Vêde se tenho razão!

Todos os caminhos de Christo, e os de Maria, foram para remedio do homem: mas tenho eu notado que são mui differentes as carroças que este Rei e Rainha do céu escolheram para correr á posta em nosso remedio. Christo escolheu por carroça o Sol, e Maria escolheu a Lua. O primeiro viu-o David: *In sole posuit tabernaculum suum.* [1] O segundo viu-o S. João: *Et luna sub pedibus ejus.* [2] Cá nas côrtes da terra vemos o rei e a rainha (quando saem) passearem juntos na mesma carroça: o Rei e a Rainha do céu, porque o não fariam assim? Porque razão não apparece a Rainha do céu na mesma carroça

[1] *Psalm.* XVIII, 6.
[2] *Apoc.*, XII, 1.

do Sol como seu Filho? Porque divide a carroça, e escolheu para si a da lua? Eu o direi. A lua é muito mais ligeira que o sol em correr o mundo. O sol corre o mundo pelos signos do Zodiaco em um anno; a lua em menos de trinta dias. O sol corre o mundo em um anno, uma só vez; a lua doze vezes, e ainda lhe sobejam dias e horas. E como as manchadas pias que rodam a carroça da lua, são muito mais ligeiras que os cavallos fogosos que tiram pelo carro do sol, por isso Christo apparece no carro do sol, e Maria no da lua. Não é consideração minha, senão verdade prophetica, confirmada com o testemunho de uma e outra visão, e com os effeitos de ambas. Tomou Christo para si o carro do sol; e que se seguiu? *Exultavit ut gigas ad currendam viam*, diz David. [1] Largou o sol as redeas ao carro, e correu Christo com passos de gigante. Tomou Maria para si a carroça da lua, e que se seguiu? *Datæ sunt mulieri alæ duæ aquilæ magnæ, ut volaret*, diz S. João. [2] Estando com a lua debaixo dos pés, deram-se a Maria duas azas de aguia para que voasse. De sorte que Christo no carro do sol corre com passos de gigante, e Maria na carroça da lua vôa com azas de aguia. E quanto vae das aguias aos gigantes, e das azas aos pés, e do voar ao correr, tanto excede a ligeireza velocissima com que nos soccorre Maria, á presteza (posto que grande) com que nos soccorre Christo. Não vos acode primeiro nas vossas causas o advogado que o juiz? Pois Christo é o Juiz, e Maria a Advogada.

Mas não deixemos passar sem ponderação aquella advertencia do Evangelista: *Aquilæ magnæ:* que as azas com que viu a Senhora não só eram de aguia, senão de aguia grande. De maneira que Christo para correr em nosso remedio com passos mais que de homem, tomou pés de gigante: *Exultavit ut gigas;* e a Senhora para correr em nosso remedio com passos mais que de gigante, tomou azas de aguia: *Datæ sunt mulieri alæ duæ aquilæ.* Mas essas azas não foram de qualquer aguia, senão de aguia grande: *Aquilæ magnæ:* para que a competencia ou a vanta-

[1] *Psalm.*, XVIII, 6.
[2] *Apoc.*, XII, 14.

gem fosse de gigante a gigante. Que coisa é uma aguia grande, senão um gigante das aves? Christo correndo como gigante, mas como gigante dos homens: a Senhora correndo como gigante, mas como gigante das aves. Christo como gigante com pés; a Senhora como gigante com azas. Christo, como gigante que corre: a Senhora, como gigante que vôa. Christo como gigante da terra: a Senhora como gigante do ar. Mas assim havia de ser, para fazer a Senhora em nosso remedio os encarecimentos, verdades. O maior encarecimento de acudir com a maior presteza, é acudir pelo ar. Assim o faz a piedosissima Virgem. Christo, com passos de gigante, acode aos homens a toda a pressa, mas a Senhora, com azas de aguia, acode-lhes pelo ar. Isso mesmo é ser Luz, que pelo ar nos vem toda.

E para que de uma vez vejamos a differença com que esta Soberana Luz se avantaja ao Divino Sol na diligencia de acudir a nosso remedio, consideremol-os e comparemol-os divididos. E que acharemos? Coisa maravilhosa! Acharemos, que quando o nosso remedio mais se apressa, é por diligencia da Luz; e quando alguma vez se dilata, é por tardanças do Sol. Veste-se de carne o Verbo nas entranhas da Virgem Maria, e diz o Evangelista que logo com muita pressa se partiu a Senhora com seu Filho a livrar o Menino Baptista do peccado original: *Exurgens autem Maria abiit in montana cum festinatione.* [1] Nasce emfim Christo, cresce, vive, morre, resuscita, e do mesmo dia da Encarnação a trinta e quatro annos institue o Sacramento do Baptismo: *Baptizantes eos in nomine Patris et Filii, et Spiritus Sancti.* [2] O Baptismo, já sabeis que é o remedio do peccado original, que foi o que Christo principalmente veiu remediar ao mundo, como restaurador das ruinas de Adão. Pois se Christo veiu ao mundo, principalmente a remediar o peccado original, e se em chegando ao mundo o foi remediar logo no menino Baptista, como agora dilata tantos annos o remedio do mesmo peccado? Então parte no mesmo instante, e depois dilata-se tanto tempo? Sim. Porque então estava Christo em sua Mãe: *Exurgens Maria;* e agora estava fóra e apartado

[1] *Luc.*, I, 39.
[2] *Math.*, XXVIII, 19.

della. E para remediar os males do genero humano é mui differentemente apressado Christo em si mesmo, ou Christo em sua Mãe. Christo em sua Mãe, obra por ella, e ella como Luz obra em instante. Christo fóra de sua Mãe obra por si mesmo, e elle como Sol obra em tempo e em muito tempo. Vêde se mostra a experiencia o que eu dizia, que quando o nosso remedio mais se apressa, é por diligencia daquella Divina Luz, e da mesma maneira, quando se dilata, ou quando se perde (bem que por culpa nossa) é com tardanças do sol?

Das dez Virgens do Evangelho, com desgraça não imaginada, perderam-se cinco; e posto que a causa de sua perdição foi a sua imprudencia, a occasião que teve essa causa foi a tardança dos desposados. Se os desposados não tardaram até á meia noite não se apagaram as alampadas; e se as alampadas se não apagaram, não ficaram excluidas as cinco Virgens. Agora pergunto. E qual dos desposados foi o que tardou? O esposo nesta parabola é Christo, a esposa é Maria. Qual foi logo dos dois o que tardou, se acaso não foram ambos? Foi o Esposo, ou a Esposa? Foi Christo ou sua Mãe? Não é necessario que busquemos a resposta nos Commentadores, o mesmo Texto o diz: *Moram autem faciente Sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt.* [1] E como tardasse o Esposo, adormeceram todas e dormiram. De modo que o que tardou foi o Esposo. E' verdade que o Esposo e a Esposa estavam juntos, mas o que tardou ou o que foi causa da tardança, não foi a Esposa, senão o Esposo: *Moram autem faciente Sponso.* Atemos agora esta desgraça das Virgens com a ventura do Baptista. No Baptista conseguiu-se o remedio por diligencias; mas cujas foram as diligencias? Estavam juntos Maria e Christo, mas as diligencias foram de Maria: *Exurgens Maria abiit in montana cum festinatione.* Nas Virgens perdeu-se o remedio (como sempre se perde) por tardanças; mas cujas foram as tardanças? Estavam juntos o Esposo e a Esposa, mas a tardança foi do Esposo: *Moram autem faciente Sponso.* O Divino Esposo de nossas almas, é certo que nunca falta, nem tarda: nós somos os que lhe falta-

[1] *Math.*, XXV, 5.

mos e lhe tardamos. As suas diligencias e as de sua Santissima Mãe, todas nascem da mesma fonte, que é o excessivo amôr de nosso remedio: mas é a Senhora (por mais agradar e mais se conformar com o desejo do mesmo Christo) tão sollicita, tão cuidadosa, tão diligente, em acudir, em soccorrer, em remediar aos homens, que talvez (como aconteceu neste caso) as diligencias de seu Filho, comparadas com as suas, parecem tardanças. Tudo é ser elle Sol, e ella Luz. O sol nunca tarda, ainda quando sáe mais tarde, porque quem vem a seu tempo, não tarda. Assim o disse o Propheta Habacuc fallando á lettra não de outrem, senão do mesmo Christo: *Si moram fecerit, expecta illum, quia veniens veniet, et non tardabit:* [1] Se tardar esperae por elle, porque virá sem duvida e não tardará. Como não tardará, se já tem tardado e ainda está tardando: *Si moram fecerit non tardabit?* São tardanças de sol, que ainda quando parece que tarda, não tarda, porque vem quando deve vir. Mas esse mesmo sol, que regulado com suas obrigações nunca tarda, comparado com as diligencias da luz, nunca deixa de tardar. Sempre a luz vem diante, sempre a luz sáe primeiro, sempre a luz madruga e se antecipa ao sol.

Oh Divina Luz Maria, ditoso aquelle que merecer os lumes de vosso favor! Ditoso aquelle que entrar no numero dos vossos favorecidos, ou dos vossos alumiados! Tendo-vos de uma parte a vós, e da outra a vosso Filho, dizia aquelle grande servo e amante de ambos: *Positus in medio, quò me vertam? nescio.* [2] Posto em meio dos dois não sabe Agostinho para que parte se ha de voltar? E quando Agostinho confessa que não sabe, soffrivel é em qualquer homem qualquer ignorancia. *Ut minus sapiens dico:* como ignorante digo, Virgem Santissima (perdôe-me vosso Filho, ou não me perdôe) que eu me quero voltar antes a vós. Já elle alguma hora deixou a seu Pae por sua Mãe: não estranhará que eu faça o mesmo. Tenha a prerogativa de Esaü quem quizer, que eu quero antes a dita de Jacob. Esaü era mais amado e mais favorecido de seu pae; Jacob era mais favorecido e mais

---

1 *Habac.*, II, 3.
2 *S. August.*

amado de sua mãe; mas a benção levou-a Jacob. E porque levou Jacob a benção? Pelo que temos dito atégora. Porque as diligencias da mãe foram mais apressadas que as do pae. *Quomodo tam citò invenire potuisti, fili mi?* [1] Como pudeste achar tão cedo (disse Isaac) o que eu mandei prevenir para lançar a benção ao meu primogenito? E que respondeu Jacob? Sendo que tudo tinham sido prevenções e diligencias de sua mãe, respondeu que fôra vontade de Deus: *Voluntas Dei fuit:* [2] e assim é. A mãe de Jacob representava neste passo a Mãe Santissima; e quem tem de sua parte as diligencias desta Mãe, sempre tem de sua parte a vontade de Deus. Esaü teve de sua parte as diligencias do pae, mas quando chegou, chegou tarde, porque por mais diligencias que faça o sol, sempre as da luz chegam mais cedo: *Quomodo tam citò?* As diligencias da mãe já tinham chegado, e as do pae ainda haviam de chegar. Assim como hoje: a Luz já tem nascido e o Sol ainda ha de nascer: *De qua natus est Jesus.*

VII

Ora, Christãos, supposto que aquella Soberana Luz é tão apressada e diligente para nosso remedio, supposto que é tão universal para todos e para tudo, supposto que é tão piedosa e benigna, para nos querer fazer bem, supposto que é tão privilegiada e favorecida por graça e benignidade do mesmo Sol, mettamo-nos todos hoje debaixo das azas desta Soberana Protectora, para que nos faça sombra e nos dê luz, para que nos faça sombra, e nos defenda dos raios do Sol de Justiça, que tão merecidos temos por nossos peccados, e para que nos dê luz para sahir delles, pois é Senhora da Luz. Aquella mulher prodigiosa do Apocalypse que S. João viu com as azas estendidas, toda a Igreja reconhece que era a Virgem Maria. E nós podemos accrescentar, que era a Vir-

---

[1] *Gen.*, XXVII, 20.
[2] *Ibid.*

gem Maria debaixo do nome e invocação de Senhora da Luz. A mesma luz o dizia e o mostrava, que da peanha até á corôa toda era luzes: a peanha lua, o vestido sol, a corôa estrellas: toda luzes e toda luz. E pois a Senhora da Luz está com as azas abertas, mettamo-nos debaixo dellas, e muito dentro nellas, para que sejamos filhos da luz: *Dum lucem habetis, credite lucem ut filii lucis sitis*, [1] diz Christo. Em quanto se vos offerece a luz, crêde na luz, para que sejaes filho da luz. Sabeis, Christãos, porque não acabamos de ser filhos da luz? E' porque não acabamos de crêr na luz. Creamos na luz, e creamos que não ha maior bem no mundo que a luz, e ajudem-nos a esta fé os nossos mesmos sentidos.

Porque estimam os homens o oiro e a prata mais que os outros metaes? Porque teem alguma coisa de luz. Porque estimam os diamantes e as pedras preciosas mais que as outras pedras? Porque teem alguma coisa de luz. Porque estimam mais as sedas que as lãs? Porque teem alguma coisa de luz. Pela luz avaliam os homens a estimação das coisas, e avaliam bem, porque quanto mais teem de luz, mais teem de perfeição. Vêde o que notou Santo Thomaz. Neste mundo visivel umas coisas são imperfeitas, outras perfeitas, outras perfeitissimas; e nota elle com subtileza e advertencia angelica, que as perfeitissimas teem luz e dão luz; as perfeitas não teem luz, mas recebem luz; as imperfeitas, nem teem luz, nem a recebem. Os planetas, as estrellas e o elemento do fogo, que são creaturas sublimes e perfeitissimas, teem luz e dão luz: o elemento do ar e o da agua, que são creaturas diaphanas e perfeitas, não teem luz, mas recebem luz: a terra e todos os corpos terrestres, que são creaturas imperfeitas e grosseiras, nem teem luz, nem recebem luz, antes a rebatem e deitam de si. Ora não sejamos terrestres, já que Deus nos deu uma alma celestial: recebamos a luz, amemos a luz, busquemos a luz, e conheçamos que nem temos, nem podemos, nem Deus nos póde dar bem nenhum, que seja verdadeiro bem, sem luz. Ouvi umas palavras admiraveis do Apostolo Sant-Iago na sua Epistola.

---

[1] *Joan.*, XII, 36.

Omne datum optimum, et omne donum perfectum, de sursum est, descendens a Patre luminum. [1] Toda a dadiva boa, e todo o dom perfeito descende do Pae dos lumes. Notavel dizer! De maneira que quando Deus nos dá um bem que seja verdadeiramente bom, quando Deus nos dá um bem que seja verdadeiramente perfeito, não se chama Deus Pae das misericordias, nem Fonte das liberalidades, chama-se Pae dos lumes, e Fonte da luz, porque no lume e na luz, que Deus nos dá com os bens, consiste a bondade e a perfeição delles. Muitos dos que nós chamamos bens de Deus, sem luz são verdadeiramente males; e muitos dos que nós chamamos males, com luz são verdadeiros bens. Os favores sem luz são castigos, e os castigos com luz são favores: as felicidades sem luz são desgraças, e as desgraças com luz são felicidades: as riquezas sem luz são pobreza, e as pobrezas com luz são as maiores riquezas: a saude sem luz é doença, e a doença com luz é saude. Emfim, na luz ou falta de luz, consiste todo o bem ou mal desta vida, e todo o da outra. Porque cuidaes que foram santos os Santos, senão porque tiveram a luz, que a nós nos falta? Elles desprezaram o que nós estimamos, elles fugiram do que nós buscamos, elles metteram debaixo dos pés o que nós trazemos sobre a cabeça, porque viam as coisas com differente luz do que nós as vemos. Por isso David em todos os Psalmos, por isso os Prophetas em todas suas orações, e a Igreja nas suas, não cessam de pedir a Deus luz e mais luz.

Este é o dia, Christãos, de despachar estes petições. Peçamos hoje luz para nossas trevas, peçamos luz para nossas escuridades, peçamos luz para nossas cegueiras: luz com que conheçamos a Deus, luz com que conheçamos o mundo, e luz com que nos conheçamos a nós. Abramos as portas á luz, para que allumie nossas casas, abramos os olhos á luz, para que allumie nossos corações, abramos os corações á luz, para que more perpetuamente nelles. Venhamos, venhamos a buscar luz a esta Fonte de Luz, e levemos d'aqui cheias de luz nossas almas. Com esta luz saberemos por onde havemos de ir, com esta luz conheceremos donde nos havemos de guardar, com

[1] *Jacob.*, I, 17.

esta luz, emfim, chegaremos áquella luz, onde mora Deus, a que o Apostolo chamou Luz inaccessivel: *Qui lucem inhabitat inaccessibilem:* [1] que só por meio da Luz, que hoje nasce, se póde chegar á vista do Sol, que della nasceu: *De qua natus est Jesus.*

[1] *1.ª ad Thim.*, VI, 16.

EXHORTAÇÃO DOMESTICA

EM VESPERA

DA VISITAÇÃO*

Discessit ab illa Angelus: Exurgens autem Maria abiit in montana cum festinatione in civitatem Juda. [1]

I

Em todas as suas idades, e em todas as suas acções, ensinou sempre o Filho de Deus aos homens, o que cada um deve obrar conforme seu estado. E na presente solemnidade, o que ensina aos Irmãos noviços desta nossa Provincia, é que comecem a ser missionarios desde o ventre da Mãe. Este será, carissimos, só para elles, o argumento desta breve Exhortação: e este é o mais proprio e natural das palavras que propuz.

II

Concluido o sublime mysterio da Encarnação, diz o Evangelista S. Lucas, que o Anjo se apartou da Virgem Maria: *Discessit ab illa Angelus:* e que a Virgem se poz logo a caminho com toda a pressa para as montanhas de Judéa: *Exurgens Maria abiit in montana cum festinatione in civitatem Juda.* [2] O Anjo apar-

---

* Foi esta Exhortação proferida na Bahia, na Capella interior do Noviciado, para e com o mesmo fim da outra já publicada e que foi proferida em vespera do Espirito Santo, na Capella interior do Collegio.

[1] *Luc.*, I.

[2] *Ibid.*, 1, 39.

tando-se da Senhora tornou para o céu a levar a resposta da sua embaixada; e a Senhora caminhando para as montanhas, levou na custodia virginal de seu purissimo ventre ao Filho de Deus, e seu, para que elle santificasse o Baptista. Agora pergunto: E qual dos dois fez melhor caminho: o Anjo indo para o céu, ou o Menino recem-concebido indo a pôr em graça aquella alma? Esta questão já foi proposta e disputada entre os dois primeiros Geraes da Companhia, nosso Santo Patriarcha, e seu successor o Padre Mestre Laines. Laines, com todas as suas lettras disse, que em similhante caso, se a eleição fosse sua, escolheria ir logo para o céu. Porém S. Ignacio, com o heroico e sublime de seu espirito, respondeu, que antes elegeria ficar no mundo servindo a Deus na salvação dos proximos, ainda com incerteza do mesmo céu. Esta admiravel sentença approvou e canonisou a Igreja, e a mandou estampar na vida do nosso Santo, para gloria sua, para imitação de seus filhos, e para confusão de todos aquelles que do emprego e empenho da salvação das almas não fazem a estimação que devem: *Auditus aliquando dicere: Si optio daretur, malle se beatitudinis incertum vivere, et interim Deo inservire, et proximorum saluti, quam certum ejusdem gloriæ statim mori.* Quasi me pesa de que S. Paulo tivesse similhante résolução. Mas com tal companheiro bem se póde renunciar a singularidade.

Em certa occasião não duvidou S. Paulo dizer: *Optabam ego ipse anathema esse à Christo pro fratribus meis:* [1] e escrevendo aos Philippenses, diz assim: *Mihi vivere Christus est, et mori lucrum. permanere autem carne necessarium propter vos.* [2] Como a minha vida é Christo, que já está no céu, para mim o mais conveniente é morrer logo: mas para vós o mais necessario é viver eu, e estar comvosco. Dividido, pois, e suspenso, entre esta minha conveniencia, e esta vossa necessidade, me vejo como em talas, e não sei a qual das duas partes me hei de inclinar, e qual devo eleger: *Coarctor autem à duobus, et quid eligam ignoro.* Mas quanto se deteve o grande Apostolo nesta duvida, ou nesta suspensão?

[1] *Rom.*, IX, 3.
[2] *Phil.*, I, 21 e 24.

Immediatamente sem interpôr palavra retratou aquelle *ignoro* com um *scio*, *et hoc confidens scio:* e confiada e absolutamente resolveu, que havia de continuar e perseverar com os proximos para proveito seu, e para augmento, ou, como elle diz, para alegria da fé: *Et hoc confidens scio, quia manebo, et permanebo vobis, ad profectum vestrum, et gaudium fidei.* Note-se muito esta ultima palavra, *et gaudium fidei.* De sorte que quando ha quem tracte do proveito e bem das almas, alegra-se a fé, e não cabe em si de prazer, *gaudium fidei;* pelo contrario, quando não ha quem se applique a esta grande obra, entristece-se a fé, chora a fé, lamenta-se a fé: *Et non est qui consoletur eam.* [1] O' que alegre estará a fé nesta occasião, e que agradecida á nossa Provincia, pois, sem embargo de estar tão necessitada de sugeitos, pelo grande zelo que tem, e sempre teve da salvação das almas, não duvidou de soccorrer a mesma fé, para as gentilidades do Maranhão, com tantos e fervorosos missionarios, não menos que quinze: maior numero que o que Christo escolheu para a conversão de todo o mundo.

III

Tornando porém a S. Paulo, não é justo que eu passe em silencio umas notaveis palavras que elle ajuntou entre as referidas: *Desiderium habens dissolvi, et esse cum Christo, multo magis melius.* O meu desejo é desatar-me das prisões do corpo, e ir logo para o céu a estar com Christo, que é muito melhor. Ainda o encarece mais o Apostolo. Não só diz que é muito melhor, senão muito mais melhor: *Multo magis melius.* Pois se é muito melhor, e muito mais melhor ir ao céu, e estar com Christo; como se resolve o mesmo Apostolo a ficar e perseverar com os homens, para os aproveitar: *Manebo, et permanebo vobis ad profectum vestrum?* Logo se S. Paulo depois de dizer o que disse, escolheu antes ficar com os homens para os aproveitar, segue-se que este *mais* é muito mais que aquelle *mais* e este *me-*

[1] *Thren.*, I, 17.

lhor é muito melhor que aquelle *melhor*. Assim é: e não seria S. Paulo S. Paulo, se assim o não entendêra, e assim o fizera. E qual é ou qual póde ser a razão deste *mais*, em negocio tão grande, e deste *melhor* em materia tão boa? O mesmo S. Paulo o disse com palavras de Christo, fallando nos mesmos termos, e accrescentando o mesmo *mais* sobre outro comparativo: *Beatius est magis dare, quam accipere.* [1] Combinemos agora o *magis beatius*, com o *magis melius*. De modo que é *magis melius* o tratar da conversão das almas, que o estar com Christo no céu; porque é *magis beatius* o dar, que o receber. Que faz o que vae ao céu, e que faz o que vae converter almas? O que vae ao céu, vae receber o céu para si; o que vae converter almas, vae dar o céu aos que converte: logo isto é o melhor, e mais melhor, e isto sobre o bemaventurado o mais bemaventurado: *Beatis est magis dare, quam accipere.*

E se insistirmos na palavra *beatius*, nella temos mais profundamente a razão desta mesma razão. E qual é? Porque indo eu ao céu, vou participar a gloria dos bemaventurados; porém tractando da salvação das almas na terra, faço-me participante da gloria do mesmo Filho de Deus. Admiravelmente S. João! *Verbum caro factum est, et habitavit in nobis: et vidimus gloriam ejus, gloriam quasi Unigeniti à Patre plenum gratiæ, et veritatis.* [2] Fez-se o Verbo Eterno Homem, habitou, e morou comnosco: e vimos a sua gloria como gloria verdadeiramente de Filho Unigenito do Padre, cheio de graça e de verdade. Aquelle *plenum* refere-se ao *Verbum*. E porque diz que veiu o Verbo cheio de graça e de verdade? Porque veiu cheio do que faltava no mundo, para encher o mesmo mundo. O mundo estava cheio de peccados, e por isso veiu cheio de graça: o mundo estava cheio de erros e ignorancias, e por isso veiu cheio de verdade: cheio de graça, para communicar a graça de Deus aos que estavam fóra da graça; e cheio de verdade, para ensinar as verdades da fé aos que estavam ignorantes della. Isto é o que fez o Verbo vindo ao mundo, e isto é o que fazem quando vão

[1] *Act.*, XX, 35.
[2] *Joan.*, I, 14.

ás gentilidades os missionarios da Companhia: levam a graça aos que estão na miseria do peccado; e levam a verdade aos que estão nas trevas da ignorancia. Por isso são bemaventurados, não com a gloria dos homens, ou Anjos que estão no céu, senão bemaventurados com a gloria do mesmo Filho Unigenito de Deus quando foi visto na terra: *Vidimus gloriam ejus quasi Unigeniti à Patre.*

Ainda não está dito. E quanto vae de uma gloria a outra gloria? Diremos que vae tanto de uma a outra, quanto vae de ser glorificador a ser glorificado? Não digo tal, porque é pouco. Vae tanto de uma gloria a outra gloria, quanto vae de ser santificador a ser glorificador. Dentro da mesma grandeza e omnipotencia de Deus, é maior e mais excellente obra a de santificar, que a de glorificar; porque glorificar é dar a gloria, e o santificar é dar a graça, que é melhor que a gloria. Por isso o Verbo sendo glorificador no céu, veiu a ser santificador na terra, e tanto que poz os pés na mesma terra, ou antes de os pôr, foi logo a toda a pressa a santificar o Baptista. E tal é a gloria de que o mesmo Verbo faz participantes aos que se occupam em converter e santificar almas. Não gloria como a dos bemaventurados no céu, mas gloria como a do mesmo Filho de Deus, que os faz bemaventurados; e que para os fazer bemaventurados os enche primeiro de graça e de verdade: *Gloriam quasi Unigeniti á Patre plenum gratiæ et veritatis.*

IV

Esta é, irmãos carissimos, a nossa e vossa vocação, a qual muitos não conhecem quando pedem ser admittidos a ella. Imos áquella portaria, vemo-nos cercados de muitos que andam pedindo, e se lhes perguntarmos porque pedem a Companhia; respondem: Padre, porque me quero salvar e ir ao céu. Se para isso só pedis: *Nescitis quid petatis:* se só quereis salvar a vossa alma e ir ao céu, ide a outras Religiões muito santas, mas não á Companhia. O espirito da Companhia não é só salvar a alma propria, senão as alheias: não é só ser bemaventurado, mas fazer bemaventurados: não é só ir ao céu, mas levar

e metter no céu todos os que por falta de fé, ou de graça, andam longe delle. Este é o altissimo fim que ha de pôr e trazer diante dos olhos todo o noviço da Companhia. Isto ha de aprender e emprehender: isto ha de procurar e exercitar desde o mesmo noviciado, que, como disse ou quiz dizer ao principio, é o ventre da Mãe.

Uma das mais notaveis acções de Christo Senhor nosso, foi esta primeira de sua vida, que imos ponderando: *Abiit in montana cum festinatione in civitatem Juda.* Não reparo que a sua primeira jornada fosse a livrar do peccado uma alma, nem reparo que esta alma fosse de um homem natural de Judéa, porque o Senhor, como elle mesmo disse, foi missionario particularmente daquella nação: *Non sum missus nisi ad oves, quæ perierunt, domus Israel.* [1] Mas o que muito admiro, e devem admirar todos, é que comece esta missão antes de nascer. Nasça primeiro, e então fará esta jornada, e muitas outras jornadas: nasça primeiro, e então irá livrar do peccado esta alma, e muitas outras almas. Porém, que não aguardando o nascer, e que estando ainda no ventre de sua Mãe deixe a patria, no ventre de sua Mãe caminhe as montanhas, no ventre de sua Mãe vá dar principio á sua missão, com tanta pressa? Sim. Porque Christo Redemptor nosso, não só havia de dar o exemplo, senão tambem ser o exemplar de todos os missionarios, em sua maior perfeição: e o perfeito e consummado missionario ha de começar a sua missão desde o ventre da mãe.

Assim o fez o Menino Deus recem-concebido; e assim o havia de fazer, porque assim estava prophetisado delle por Isaias, quanto á vocação, quanto ao nome, e quanto ao officio, tudo desde o ventre da Mãe. Desde o ventre da Mãe quanto á vocação: *Dominus ab utero vocavit me:* [2] desde o ventre da Mãe quanto ao nome: *De ventre Matris meæ recordatus est nominis mei:* desde o ventre da Mãe quanto ao officio: *Formans me ex utero servum sibi.* E porque, e para que? Porque? Porque era missionario do povo de Israël. E para que? Para que convertesse

[1] *Math.*, XV, 24.
[2] *Isai.*, XLIX, 1 e 5.

e reduzisse o mesmo povo a Deus. Assim o declara expressamente o Propheta: *Formans me ex utero servum sibi, ut reducam Jacob ad eum.* A maior missão que nunca houve no mundo, foi a do povo de Israël. Maior, por ser a gente que Deus tinha escolhido e separado para si, entre todas as nações: maior, por ser a gente mais inclinada e dada ás idolatrias da gentilidade: maior, por ser a gente mais rebelde, mais obstinada, e de mais dura cerviz. E como a empreza era tão ardua e difficultosa, em que todos os Patriarchas e Prophetas tinham trabalhado e padecido tanto, sempre debalde: para que o ultimo e principal missionario de tal gente, na diligencia, na applicação, e na efficacia, respondesse ás obrigações de tamanho empenho; por isso foi não só conveniente, mas necessario (ainda naturalmente) que désse principio á sua missão, logo desde o ventre da Mãe. Esta é a razão porque Deus lh'o mandou inculcar assim, uma, duas, e tres vezes, não só como a missionario de Israël, mas como mestre, e exemplar de todos os missionarios do mundo. Uma vez, para que se lembrem de sua vocação: *Vocabit me nomine meo:* outra vez, para que respondam á significação de tão grande nome: *De ventre matris meæ recordatus est nominis mei:* e a terceira, para que se não contentem com menos, que fazer do proprio officio natureza: *Formans me ex utero servum sibi.* Esta é a energia daquelle *formans*; formando-se desde o ventre da mãe, onde tudo o que vive e sente, recebe a fórma, segundo a sua especie.

V

O ventre da Religião, meus carissimos, é o noviciado. Porque assim como no ventre da mãe o que ha de ser homem se concebe em um embrião imperfeito e informe, e pouco a pouco se vae dispondo e organisando, até que em todos os membros e officinas das potencias e sentidos, seja capaz de receber, e se lhe infundir a alma, e com ella a vida racional; assim no noviciado com o conhecimento e exercicio das virtudes se purgam e purificam as imperfeições que trouxemos do mundo, e nos imos dispondo e habilitando para receber o espirito da Religião, e viver

vida religiosa em cada uma, segundo seu Instituto. Nas outras Religiões signala-se para isto um anno de noviciado, na Companhia dois annos. E porque? Porque as nossas obrigações são maiores, e pedem sugeitos que se não geram senão mais de vagar. Os elephantes, como dizem os naturaes, audam dois annos no ventre da mãe: e não por outra razão, ou providencia da natureza, senão porque hão de ser elephantes. Hão de ser uns corpos tão grandes, tão fortes e tão robustos, que cada um delles leve sobre si um castello: e não basta para sustentar tão grande peso, que só cresçam depois de nascidos; mas que comecem a se lhes criar, endurecer os ossos, e furnir os membros dentro do ventre da mãe. Admiravel coisa é, que luctasse Jacob com Deus, e lhe resistisse tão fortemente, que confessando-se o mesmo Deus por vencido, lhe dissesse: *Si contra Deum fortis fuisti, quanto magis contra homines prævalebis?* [1] Se contra Deus foste tão forte, quanto mais prevalecerás contra os homens? E d'onde lhe veiu a Jacob tanta fortaleza, e como chegou a ser tão valente luctador, e tão invencivel? Porque começou a exercitar esta arte, e estas forças, desde o ventre da mãe, luctando com Esaü, *Collidebantur in utero.* [2] O verdadeiro e valente misionario ha de luctar com Deus, e luctar com os homens: com Deus, obrigando-o por meio da oração; e com os homens, convencendo-os por meio da prégação: e tudo isto se ha de começar a exercitar do ventre da mãe, e não esperar, como Christo hoje não esperou, para depois de nascer.

Neste mesmo dia cantou Zacharias a Christo: *Illuminare his, qui in tenebris, et in umbra mortis sedent:* [3] Allumiae, Senhor, aos que estão em trevas, e na sombra da morte. Assim allumiou Christo ao Baptista, que estava nas trevas do peccado original, que verdadeiramente é sombra da morte. Mas quando o allumiou? Malachias diz que Christo nasceria como sol: *Orietur vobis sol justitiæ:* [4] e este Sol quando allumiou aquellas trevas? Por ventura depois de nas-

---

1 *Gen.*, XXXII, 28.
2 *Ibid*, XXV, 22.
3 *Luc.*, I, 79.
4 *Malach.*, IV 2.

cido? Não. E' propriedade do sol allumiar antes de nascer. Quando o sol nasce, já estão dissipadas as trevas, e allumiado o mundo por meio da aurora. Assim allumiou Christo ao Baptista antes de nascer, por meio da sua aurora, que é a Virgem Maria: *Exurgens Maria, quasi aurora consurgens.* [1] Ainda estava escondido no ventre da Mãe, mas assim escondido, e antes de nascer allumiou tambem antes de nascer, ao maior dos nascidos: o allumiador e o allumiado ambos por meio das mães: *Ut facta est vox salutationis tuæ in auribus meis, exultavit in gaudio infans in utero meo.* [2]

Não posso deixar de reconhecer aqui o que nos acontece no sertão, quando o missionario não sabe a lingua do que ha de converter. Neste caso toma-se um, e, não poucas vezes, dois interpretes; um interprete, por quem falla o missionario, e outro interprete, por quem ouve o gentio. Assim foram interpretes nesta occasião a Virgem, e Santa Isabel. Christo, que ainda não tinha o uso da lingua, fallou pela voz da Virgem, *Vox salutationis tuæ:* o Baptista, que ainda não tinha o uso de ouvir, ouviu pelos ouvidos de Isabel, *In auribus meis:* e desta maneira póde o mudo fallar ao surdo, e o missionario converter, e o pagão ser convertido, não por si mesmos, senão por meio das mães, estando cada um no ventre da sua.

VI

Isto é o que fez e ensinou Christo, isto o que imitou o Baptista, e isto o que ordenou S. Ignacio, para que exercitando-se os noviços da Companhia desde o ventre da mãe no que hão de obrar quando maiores, o façam com a perfeição que é bem. Ordenou S. Ignacio que os noviços fizessem doutrinas nesta Capella, e as fossem fazer áquella portaria, e que assistissem todos á repetição dos tons, e que decorassem um quarto de hora cada dia: para que? Para que assim se ensaiassem e facilitassem a doutrinar e prégar. Or-

---

[1] *Luc.*, I, 39. *Cant.*, V, 9.
[2] *Luc.*, I, 44.

denou que no primeiro anno do noviciado tivessem quatro semanas de exercicios espirituaes: na primeira meditando os motivos da via purgativa, na segunda e na terceira os da illuminativa, na quarta os da unitiva: para que? Para que alli ajuntassem cabedal de razões fortes, solidas e efficazes, com as quaes, assim como se tinham persuadido e convencido a si mesmos, depois persuadissem, e convencessem os do mundo. Ordenou, que um mez servissem nos hospitaes, e outro mez andassem em peregrinação, e mais tempo, quando convier: para que? Para que abraçassem juntamente os dois polos, em que se revolve, e resolve todo o ministerio de salvar almas, que são, ensinar e padecer. Assim o ensinou o Divino Mestre a S. Paulo: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus;* eis-ahi o ensinar: *ego enim ostendam illi quanta oporteat eum pro nomine meo pati,* [1] eis ahi o padecer.

Sáem tres noviços do noviciado em Portugal, sem mais que o seu bordãosinho na mão, e o seu alforge ao tiracolo, debaixo das capas remendadas: e que fazem? Caminhando pelas estradas, vão sempre a pé, e com olhos baixos, pedindo esmola, e sustentando-se pobremente da que lhe dão, e mais pobremente da que lhe negam, recolhendo-se de noite aos hospitaes, e, onde os não ha, dormindo nos palheiros: para que? Para que aprendam, se endureçam, e se costumem a padecer. E que mais fazem? Entrando pelas villas e logares convocam os meninos, e gente rude, vão ás Igrejas ou ermidas, sobem ao pulpito; primeiro que tudo ensinam a doutrina christã, logo fallam temerosamente da morte, do juizo, e do inferno, bradando com as vozes ainda delgadas contra os peccados: e para que? Para o que se experimenta commummente nos ouvintes; porque ouvindo-os daquella edade se enternecem, e elles os persuadem tanto com as suas palavras, como com a sua modestia e exemplo.

Lembra-me, que estando em Albano, quatorze milhas de Roma, em uma quinta nossa, vieram alli fazer noite tres noviços da Companhia: e que tinham feito naquelle dia? Pela manhã tinham prégado na parochia, que é do Cardeal Ursino, onde então re-

[1] *Act.*, IX, 15 e 16.

sidia, ficando egualmente edificado de os ouvir aquelle principe, tão grande no secular, como no ecclesiastico. A' tarde foram em romaria a Nossa Senhora da Richa, onde viram debaixo de uma arvore uns homens jogando. Chegaram-se a elles: referiram-lhe o exemplo e documento de S. Francisco de Borja, o qual dizia, que no jogo se perdiam quatro coisas: o tempo, o dinheiro, a paciencia, e muitas vezes a alma, e foi tal a efficacia com que lhe detestaram aquelle custoso genero de divertimento, que os jogadores, mais picados do que ouviam, se levantaram do jogo, e lhes entregaram as cartas, que elles rasgaram. Lá fingiram os poetas, que o seu Hercules no berço despedaçára serpentes. Tardaram em dizer no berço; porque os nossos Alcides dentro no ventre da mãe as despedaçaram. E não é isto ser já verdadeiros e valentes missionarios? Pois todos eram noviços.

VII

E que direi dos nossos? E' certo que não farão menos no mesmo ventre da mãe, senão muito mais: e não d'aqui a muito tempo, senão dentro de poucas horas. Amanhã renovam os seus votos, votos offerecidos a Deus, e feitos propriamente antes de nascerem, porque quando embora fizerem os do Collegio, então sáem do ventre da mãe, e então é que nascem. E disse *que não farão menos ámanhã, senão muito mais;* porque por meio dos mesmos votos, não só despedaçarão serpentes, mas degolarão os tres monstros capitaes, a que se reduzem todos os vicios do mundo. *Quidquid est in mundo* (diz S. João) *concupiscentia carnis est, concupiscentia oculorum, et superbia vitæ.* [1] *Concupiscentia oculorum*, é o amôr das riquezas, e este degolam, e mettem debaixo dos pés dizendo, *Voveo paupertatem. Concupiscentia carnis*, é o appetite da intemperança, e este degolam, e pizam, dizendo, *Voveo castitatem. Superbia vitæ*, é a ambição de mandar, e esta degolam, não pizando, mas deixando-se pizar, e dizendo, *Voveo obedientiam.* Dego-

[1] *Joan.*, II, 16.

lados, pois, em si mesmos desde o ventre da mãe estes tres monstros; que se segue de uma tão grande e primeira victoria? Segue-se, que já ficam d'aqui tão valentes e poderosos missionarios, que, sahindo depois a conquistar as gentilidades, facilmente derrubarão todas suas idolatrias. Os maiores, e mais adorados idolos da gentilidade, tambem eram tres: Jupiter no Céo, Neptuno no mar, Plutão debaixo da terra. E á voz dos que votaram pobreza, cahirá Plutão, que é o idolo das riquezas; á voz dos que votaram castidade, cahirá Neptuno, que é o idolo da intemperança; á voz dos que votaram obediencia, cahirá Jupiter, que é o idolo do mando e do imperio. E deste modo triumpharão de toda a idolatria da gentilidade, quando sahirem ao campo, os que antes da guerra e da batalha a levam já vencida.

VIII

Todos estes monstros, e todos estes idolos, pizou o menino Baptista com aquelles saltos que deu no ventre da mãe; que tão depressa arma e fortalece Christo aos que faz seus missionarios, qual o mesmo Baptista foi: *Fuit homo missus à Deo.* [1] Ainda não tinha voz o que havia de ser *vox clamantis*, [2] e com os gestos, movimentos, e saltos do corposinho, que só tinha, já começava a prégar, que era chegado o Messias: ainda não tinha voz o mais que Propheta, e já prophetisava quaes haviam de ser os impulsos e empenhos da sua vida: ainda não tinha voz o Precursor missionario, e já ia diante dos nossos mostrando-lhes como o haviam de imitar e seguir. Elle havia de morar no deserto; os nossos pelos mattos e pelos bosques: elle havia de vestir pelles de camello; os nossos o burel de algodão grosseiro tinto nos tujucos: elle havia de se sustentar de gafanhotos; os nossos até de lagartos: elle havia de matar a sêde com mel silvestre; os nossos com o lodo dos charcos, e com as cacimbas das praias: elle havia de baptisar

[1] *Joan.*, I, 6.
[2] *Isai.*, XL, 3.

no pequeno rio Jordão: os nossos no immenso das Amazonas: elle havia de converter homens, a que chamou viboras, mas da sua nação e da sua lingua; os nossos, a homens que se podem chamar feras, em linguas tão estranhas e barbaras, como as vozes dos brutos. Para isto hão de sahir e partir d'aqui, deixando as capellas doiradas, e os corredores azulejados, e os eirados de flôres, e vistas alegres; sem saudades, sem repugnancias, sem temores, antes com jubilos de alegria, e saltos de prazer: *Exultavit in gaudio infans in uterò meo.*

Finalmente, sobre tudo: *Ut facta est vox salutationis tuæ:* com a voz, com a luz, com a assistencia, e com a protecção da Virgem Maria, não só protectora e advogada, mas suavissima Mãe de todos os noviços da Companhia, que a mesma Senhora instituiu. Em sua soberana presença hão de renovar ámanhã os seus votos: *Coram sacratissima Virgine Maria.* E como todos aqui a servem com tão affectuosos e filiaes obsequios, e a visitam e saudam tão frequentemente todos os dias, não ha duvida que a mesma sacratissima Virgem no dia de sua Visitação os visite, e encha de todos os dons e graças do céu, de que encheu o menino Precursor no ventre da mãe, e a mesma mãe, e a toda a casa de Zacharias. Zacharias quer dizer, *Memoria Domini;* e que casa ha mais digna deste nome, e na qual a memoria de Deus seja o perpetuo exercicio da vida, e a alma de todas as acções mais propriamente, que este sagrado retiro da Companhia de Jesus? Como póde logo o mesmo Jesus deixar de visitar esta casa, e trazer a ella sua santissima Mãe, para ambos santificarem as novas e innocentes almas, que tão anticipadamente desde o ventre da mãe se offerecem e dedicam ao serviço de uma e outra Magestade no exercicio que sobre todos mais lhes agrada, qual é o das missões para que se criam? Assim será egualmente sem duvida, por mercê, por privilegio, e por graça propria deste dia, em que o mesmo Jesus, levado no purissimo ventre de sua santissima Mãe, a levou a santificar o seu primeiro missionario com tanta pressa: *Exurgens Maria abiit in montana cum festinatione.*

SERMÃO

DA

VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA *

Ut facta est vox salutationis tuæ in auribus meis, exultavit in gaudio infans in utero meo. [1]

I

Viu o Propheta Malachias em espirito aquella felicissima jornada, que havia de fazer do céu á terra o Redemptor e Restaurador do mundo, e dando as boas novas a todos os homens, como a enfermos pelo peccado de Adão, diz assim: *Orietur vobis Sol Justitiæ, et sanitas in pennis ejus.* Alegra-te, enfermo genero humano, alegra-te, e começa a esperar melhor de teus males, porque virá o Sol de Justiça, e trará a saude nas azas.

Cumprida temos hoje esta tão esperada prophecia, e cumprida, se eu me não engano, em dois sentidos. Tanto que o divino Sol de Justiça, Christo, se vestiu da nuvem branca de nossa humanidade, tanto que tomou carne o Filho de Deus nas entranhas purissimas da Virgem Maria, como elle era a intelligencia soberana, que movia aquelle céu animado, no

---

* Foi este Sermão prégado no Hospital da Misericordia da Bahia, na occasião em que chegou áquella cidade o Marquez de Montalvão, Vice-Rei do Brazil. Commenta Honorati a respeito d'este Sermão: Fóra do exordio e da peroração, em que o orador se cinge ao Evangelho segundo o seu estylo, no corpo do Sermão entra desembaraçadamente em politica, mais como estadista, que como prégador. Pediam-no as circumstancias do Brazil e Vieira mostrou-se n'esta sua verdadeira phillippica não inferior a Tullio e Demosthenes.

[1] *Luc.*, 1.

mesmo ponto, diz o Evangelista S. Lucas, que se partiu a Senhora para as montanhas de Judeia: *Exurgens Maria abiit in montana;* e accrescenta, *cum festinatione*, com passos mui apressados, porque nem á delicadeza da Donzella se lhe fizeram asperas as montanhas, nem á grandeza da Mãe de Deus lhe pareceram desauctorisadas as pressas. Que errado que anda o mundo, e mais o nosso, em julgar e introduzir que os passos vagarosos sejam os mais auctorisados! Se por vagares se perde o mundo todo, como póde consistir a auctoridade delle nos mesmos meios de sua perdição? Na fabrica deste universo que vemos creou Deus o sol e a lua ao quarto dia, e não ao primeiro, diz S. Severiano, porque como ainda então não havia creaturas que influir, nem hemispherio que allumiar, estiveram-se os planetas ociosos e parados, em grave descredito de seus resplandores: que a quem Deus fez para sol, não o fez para estar quieto. Foram formadas aquellas duas tochas do céu, para com alternado imperio governarem o dia e a noite: *Luminare majus ut præsset diei, luminare majus, ut præsset nocti*. E como nasceram para todos, andam sem descançar em perpetua roda; que é gloriosa pensão do bem universal, correr e nunca estar parado. Por isso Christo hoje, assim como o sol material, tanto que recebeu a investidura dos raios, no mesmo instante partiu de carreira, e começou a fazer velocissimamente seu curso: assim o divino Sol de Justiça, tanto que se vestiu de nossa humanidade nas entranhas da Virgem Mãe, no mesmo ponto arrebatou aquella celestial esphera, e a levou ás montanhas com tanta pressa, com tão arrebatado curso, *cum festinatione*, que para o explicar Malachias na terra, houve de fingir um monstro no céu: *Orietur vobis Sol Justitiæ et sanitas in pennis ejus.* Sol com azas! Quem negará que é uma resplandecente monstruosidade? E accrescenta com muita propriedade o Propheta, que levará o Sol nas azas a saude, porque a dar saude, e não a outro fim, parte hoje o Redemptor com tanta pressa.

Estava a casa de Zacharias nesta occasião (para que fallemos com phrase de hospital) feita uma enfermaria de diversos males. O velho Zacharias havia seis mezes que emmudecera; S. Isabel sobre os da velhice padecia os achaques de pejada, e, mais mortal que todos, o menino Baptista jazia enfermo do

peccado original, reliquias daquelle antigo veneno, que dentro em uma maçã prohibida deu a serpente a nossos primeiros paes. Se por uma maçã tomada contra vontade de seu dono se perdeu o mundo todo, que muito que se perca tanta parte delle em tempo que se toma tanto? Emfim, chegou a Senhora, que nunca tarda a quem a ha mister, e aos primeiros abraços que deu a S. Isabel, ás primeiras palavras de cortezia com que a saudou, ouviu-as o menino enfermo, e logo ficou são: *Ut facta est vox salutationis tuæ in auribus meis, exultavit in gaudio infans in utero meo.* O' como quizera que entenderam d'aqui as pessoas soberanas, que com abraços, e com boas palavras podem dar vida! Se muitas vezes pela impossibilidade dos tempos é força que estejam as mãos fechadas, porque não estarão os braços abertos? E que avareza póde ser mais cruel, que negar a vida a um homem, quem lh'a póde dar com palavras? Tão alentado, tão alegre ficou o menino Baptista com as da soberana Princeza, que a saltos de prazer começou a inquietar o silencio das entranhas maternas, e quasi a sahir de si com alegria: *Exultavit infans in gaudio.* Montanheza cortezia parece receber a saltos uma Magestade tão soberana, mas acomodou-se o menino á estreiteza do logar, e não fez pouco, porque fez o que pôde.

Este foi o principal effeito que causou a entrada de Christo em casa de Zacharias, e similhante a este é, excellentissimo senhor, o estado em que se acha a Bahia, hoje alentada com a boa vinda, e alegre com a tão desejada presença de vossa excellencia. Solemnisou-a esta cidade com menos alegrias sumptuosas, com menos festas publicas do que costuma, mas bem desculpa S. Isabel a falta destes applausos exteriores, que o prazer de S. João todo foi por dentro, e a alegria verdadeira toda é de entranhas: *Exultavit infans in utero.* Como levantaria arcos triumphaes a cabeça de uma provincia vencida, assolada, queimada, e por tantas vezes, e de tantas maneiras consumida? Prudente se portou em suas alegrias esta cidade, por não desmentir seu estado, acommodou-se como S. João á estreiteza do tempo, e reservou os triumphos para o dia das victorias, que espera. Quanto mais, senhor, que nunca ninguem entrou por arcos

triumphaes mais gloriosos, que quem foi recebido nos corações de todos.

Alegra-se pois o enfermo Brazil (e será o segundo sentido das palavras), porque vê tambem cumprida em si aquella prophecia, que havia de vir um Sol de Justiça a restaural-o, que traria a saude nas azas. Que maior alegria para um enfermo afflicto, que luz e saude? A nenhum lhe importa mais uma e outra, que ao Brazil, porque não sei qual o tem posto sempre em maior perigo, se a enfermidade, se as trevas. As trevas cederam ao sol, a enfermidade obedecerá á saude, e como todo este bem nos vem com azas, certa será a melhoria. Curará a diligencia o que damnou a remissão, e recuperará a pressa o que os vagares perderam. Muitas occasiões ha tido o Brazil de se restaurar, muitas vezes tivemos o remedio quasi entre as mãos, mas nunca o alcançamos, porque chegámos sempre um dia depois. Como havia de aproveitar a occasião a quem a tomou pela calva sempre? E como estamos tão lastimados das tardanças, o primeiro bom annuncio que temos, senhor, é sabermos que nos vem a saude nas azas, e que voando mais que correndo, partiu vossa excellencia a restaurar este Estado, sem reparar nos novos inconvenientes que da ultima fortuna sobrevieram, nem em quão descahido está o Brazil das forças e do poder, com que vossa excellencia acceitou a restauração delle. Aconteceu-lhe a vossa excellencia com o Brazil, o que a Christo com Lazaro. Chamaram-no para curar um enfermo: *Ecce quem amas infirmatur*: e quando chegou, foi-lhe necessario resuscitar um morto. Morto está o Brazil, e ainda mal, porque tão morto e sepultado: fumeando estão ainda, e cobertas de suas cinzas essas campanhas. E' verdade que nunca se viu esta Provincia tão auctorisada como agora, mas podem-lhe servir os titulos de epitaphios, que pois a vemos levantada a vice-reino entre as mortalhas, bem se póde dizer por ella tambem: que depois de ser morta foi rainha. Mas assim como S. João á voz da Senhora, assim como Lazaro á voz de Christo, assim resuscitará tambem o Brazil á voz e ao imperio de vossa excellencia, podendo dizer victorioso dentro em pouco tempo, o que disse Paulo Fabio orando no Senado: *Macedoniam in potestatem populi Romani redegi, et quod bellum quatuor ante me Consules ita ges-*

serunt, ut semper successori traderent gravius, id ego paucis diebus perfeci. Restaurei a Macedonia, reduzindo-a á sujeição do imperio Romano, diz o grande Fabio, e acabei felizmente em poucos dias aquella guerra, que tinham governado quatro Consules antes de mim, entregando-a sempre cada um a seu successor em peor estado. Quatro generaes teem governado a guerra do Brazil depois de occupado Pernambuco. Grande conjectura de ser a enfermidade mortal, mudarmos tantas vezes a cabeceira! Todos foram capitães famosos, todos se portaram com grande valor e prudencia militar, mas é desgraça levar o leme no tempo da tempestade; e quando o castigo é do céu, como o hão de resistir braços humanos? Passou-se a fortuna a Hollanda, nós a retirar, nós a descahir, nós a perder, de sorte que de quatro generaes valerosos, nenhum governou a guerra, que a não entregasse a seu successor em peor estado do que a recebêra. Mas assim como a restauração de Macedonia estava reservada para o grande Fabio, assim espera a sua o Brazil do valerosissimo braço de vossa excellencia, tantas vezes armado, e tantas victorioso contra inimigos da fé.

Para que se logrem melhor os felizes auspicios desta tão desejada saude, representarei eu hoje a vossa excellencia neste sermão o estado do nosso enfermo Brazil, as causas de sua enfermidade, e, do modo que souber, o remedio della. E porque nos não saiamos do Evangelho (ainda que os casos grandes escusam qualquer divertimento) irão as enfermidades do Brazil retratadas na doença de S. João, a quem a Virgem Maria hoje foi visitar e dar saude. Todos sabem que esta saude foi de graça. Peçamol-a ao divino Espirito por intercessão da mesma Senhora. *Ave Maria.*

II

Ut facta est vox salutationis tuæ in auribus meis, exultavit in gaudio infans.

Comecemos por esta ultima palavra. Bem sabem os que sabem a lingua latina, que esta palavra, *infans*, infante, quer dizer o que não falla. Neste estado estava o menino Baptista, quando a Senhora o

visitou, e neste esteve o Brazil muitos annos que foi, a meu vêr, a maior occasião de seus males. Como o doente não póde fallar, toda a outra conjectura difficulta muito a medicina. Por isso Christo nenhum enfermo curou com mais difficuldade, e em nenhum milagre gastou mais tempo, que em curar um endemoninhado mudo: *Erat ejiciens dæmonium, et illud erat mutum.* O peor accidente que teve o Brazil em sua enfermidade, foi o tolher-se-lhe a falla: muitas vezes se quiz queixar justamente, muitas vezes quiz pedir o remedio de seus males, mas sempre lhe afogou as palavras na garganta, ou o respeito, ou a violencia; e se alguma vez chegou algum gemido aos ouvidos de quem o devêra remediar, chegaram tambem as vozes do poder, e venceram os clamores da razão. Por esta causa serei eu hoje o interprete do nosso enfermo, já que a mim me coube em sorte; que tambem S. João não fallou por si, senão por bocca de S. Isabel. Na primeira informação da enfermidade consiste o acerto do remedio; e assim procurarei que seja muito verdadeira e muito desinteressada: fallaremos, já que nos é licito, para que se não diga do Brazil o que se disse da cidade de Amidas, que a perdeu o silencio: *Silentium Amidas perdidit.* E como a causa é geral, fallarei tambem geralmente, que não é razão, nem condição minha, que se procure o bem universal com offensas particulares.

III

A enfermidade do Brazil, senhor, é como a do menino Baptista, peccado original. S. Thomaz, e os Theologos, definem o peccado original com aquellas palavras tomadas de S. Anselmo: *Est privatio justitiæ debitæ:* Que o peccado original é uma privação, uma falta da devida justiça. Bem sei de que justiça fallam os Theologos, e o sentido em que entendem as palavras; mas a nós, que só buscamos a similhança, servem-nos assim como soam. E' pois a doença do Brazil, *privatio justitiæ debitæ*, falta da devida justiça, assim da justiça punitiva, que castiga máus, como da justiça distributiva, que premeia bons. Premio e castigo são os dois polos em que se revolve e

sustenta a conservação de qualquer monarchia: e porque ambos estes faltaram sempre ao Brazil, por isso se arruinou e cahiu. Sem justiça não ha reino, nem provincia, nem cidade, nem ainda companhia de ladrões que possa conservar-se. Assim o prova S. Agostinho com auctoridade de Scipião Africano, e o ensinam conformemente Tullio, Aristoteles, Platão, e todos os que escreveram de republica. Em quanto os Romanos guardaram egualdade, ainda que nelles não era verdadeira virtude, floresceu seu imperio, e foram senhores do mundo; porém tanto que a inteireza da justiça se foi corrompendo pouco a pouco, ao mesmo passo enfraqueceram as forças, desmaiaram os brios, e vieram a pagar tributos os que os receberam de todas as gentes. Isto estão clamando todos os reinos com suas mudanças, todos os imperios com suas ruinas, o dos Persas, o dos Gregos, o dos Assyrios. Mas para que é cançar-me eu com repetir exemplos, se prego a auditorio catholico, e temos auctoridades de fé? *Regnum de gente ingentem transfertur propter injustitias*, diz o Espirito Santo, no Capitulo decimo do Ecclesiastico: Que a causa por que os reinos e as monarchias se não conservam debaixo do mesmo Senhor, a causa porque andam passando inconstantemente de umas nações a outras, como vemos, é *propter injustitias*, por injustiças. As injustiças da terra são as que abrem a porta á justiça do céu. E como as nações estranhas são a vara da ira divina, *Assur virga furoris mei*, com ellas nos castiga, com ellas nos desterra, com ellas nos priva da patria; que é mui anfiga razão de estado da providencia de Deus, quando se não guarda justiça na sua vinha, dal-a a outros lavradores: *Vineam suam locabit aliis agricolis*. Pois se por injustiças se perdem os estados do mundo, se por injustiças os entrega Deus a nações estrangeiras, como poderiamos nós conservar o nosso, ou como o poderemos restaurar depois de perdido, senão fazendo justiça? O contrario seria resistir a Deus e porfiar contra a mesma fé.

Sem justiça se começou esta guerra, sem justiça se continuou, e por falta de justiça chegou ao miseravel estado em que a vemos. Houve roubos, houve homicidios, houve desobediencias, houve outros delictos, muitos e enormes, que não sei se chegaram a tocar na religião; mas nunca houve castigo, nunca houve um rigor que fizesse exemplo. Muitos bandos

se lançaram muito justos, muitas ordens se deram muito acertadas, mas, como disse Aristoteles, as leis não são boas, porque bem se mandam, senão porque bem se guardam. Que importa que fossem justos os bandos se não se guardavam mais, que se se mandára o que se prohibia? Que importa que fossem acertadas as ordens, se nunca foi castigado quem as quebrou, e póde ser que nem reprehendido? Baste por todo encarecimento nesta materia, que em onze annos de guerra contínua e infeliz, onde houve tantas rotas, tantas retiradas, tantas praças perdidas, nunca vimos um capitão, nem ainda um soldado, que com a vida o pagasse. Oh aprendamos, aprendamos se quer de nossos inimigos, que nesta ultima fortuna tão grande que tiveram, quando com um poder tão desegual nos derrotaram a maior armada que passou a Linha; a dois capitães sabemos, que degollaram no Recife, e a outros inhabilitaram com supplicios menos honrosos, só porque andaram remissos em acudir á sua obrigação. Pois se o inimigo quando ganha dá mortes de barato, se quando consegue o intento, se quando se vê victorioso sabe cortar cabeças: nós que sempre perdemos, e nem sempre por falta de poder, porque não atalharemos a novas perdas com castigo exemplar de quem fôr a causa? Porque ha de ser consequencia na guerra do Brazil, se me renderem passarei a Hespanha e despachar-me-hei? Ha resolução mais indigna de hespanhoes? Ha razão mais indigna de catholicos?

Toda esta falta de castigo, toda esta remissão de culpas nasceu de uma razão de estado, que cá se praticou quasi sempre: que se não hão de matar os homens em tempo que os havemos tanto mister: que não é bem que se perca em uma hora um soldado, que se não faz senão em muitos annos: que justiçar um homem porque matou outro, é curar uma chaga com outra chaga, e que se não remedeiam bem as perdas accrescentando-as: que a primeira maxima do governo é saber permittir, e que se ha de dissimular um damno, por não o evitar com outro maior: como se não fôra maior damno a destruição de toda a republica, que a morte de um particular, como se não fôra grande expediente resgatar com uma vida as vidas de todos: *Expedit ut unus moriatur homo, ne tota gens pereat.* Ah triste e miseravel Brazil, que porque esta razão

de estado se praticou em ti, por isso és triste e miseravel! Não é miseravel a republica onde ha delictos, senão onde falta o castigo delles: que os reinos e os imperios não os arruinam os peccados por commettidos, senão por dissimulados. Dissimular com os maus, é mandar-lhes que o sejam, disse Seneca, e mais era gentio: *Qui non vetat peccare, cùm possit, jubet.* A conquistar dilatadissimas provincias caminhava Moysés, general dos Israelitas, e não duvidou degollar de uma vez vinte e quatro mil homens, como se lê na Escriptura, porque entendia, como experimentado capitão, que mais lhe importava no seu exercito a observancia da justiça, que o numero dos soldados. Quem pelejou nunca no mundo com numero mais desegual que Judas Macchabeu? E comtudo nem os exercitos de Apollonio, nem os ardis de Seron, nem os elephantes de Antiocho o poderam jámais vencer, antes elle sahiu sempre carregado de despojos e de victorias: porque? Porque primeiro tirava a espada contra os seus, e depois contra os inimigos. Pelejava com poucos soldados e mais vencia, porque poucos com justiça é grande exercito. Alagou Deus o mundo com o diluvio universal, e para restauração delle não guardou mais que Noé com tres filhos seus em uma arca. Pois, Senhor, parece que puderamos replicar: quereis restaurar o mundo, quereil-o restituir a seu antigo estado, e para uma facção tão grande não guardaes mais que quatro homens em um navio? Sim; que depois de um castigo tão grande, depois de uma justiça tão exemplar, quatro homens e um só navio bastam para restaurar o mundo inteiro. Vêde se nos sobejaram sempre soldados para restaurar o Brazil, se nos não faltára a justiça.

IV

E não só é necessaria ao nosso enfermo esta justiça punitiva, que castiga malfeitores, senão a outra parte da justiça distributiva, que premeie liberalmente aos benemeritos. Assim como a medicina, diz Philo Hebreu, não só attende a purgar os humores nocivos, senão a alentar e alimentar o sugeito debilitado: assim a um exercito ou republica não lhe basta aquella

parte da justiça, que com o rigor do castigo a alimpa dos vicios, como de perniciosos humores, senão que é tambem necessaria a outra parte, que com premios proporcionados ao merecimento esforce, sustente, e anime a esperança dos homens. Por isso os Romanos, tão entendidos na paz e na guerra, inventaram para os soldados as corôas civicas e muraes, as ovações, os triumphos, e outros premios militares, porque como o amôr da vida é tão natural, quem se atreverá a arriscal-a intrepidamente, senão alentado com a esperança do premio? Quando David quiz sahir a pelejar com o Gigante, perguntou primeiro: *Quid dabitur viro, qui percusserit philisthæum hunc?* Que se ha de dar ao homem que matar este philisteu? Já naquelle tempo se não arriscava a vida, senão por seu justo preço, já então não havia no mundo quem quizesse ser valente de graça. Necessario é logo que haja premios, para que haja soldados; e que aos premios se entre pela porta do merecimento: dêem-se ao sangue derramado, e não ao herdado sómente: dêem-se ao valor, e não á valia; que depois que no mundo se introduziu venderem-se as honras militares, converteu-se a milicia em latrocinio, e vão os soldados á guerra a tirar dinheiro com que comprar, e não a obrar façanhas com que requerer. Se se guardar esta egualdade, entrará em esperanças o mosqueteiro e soldado de fortuna, que tambem para elle se fizeram os grandes postos, se os merecer: e animados com este pensamento, os de que hoje se não faz caso, serão leões, e farão maravilhas: que muitas vezes debaixo da espada ferrugenta está escondido o valor, como talvez debaixo dos taliz bordados anda doirada a cobardia. Assim que, é necessario que haja Saues liberaes, para que se levantem Davids animosos; e muito mais necessario, que os premios se dêem a quem disparar a funda e derrubar o Gigante, e não a quem ficar olhando desd'os arraiaes. Nenhuns serviços paga Sua Magestade hoje com mais liberal mão, que os do Brazil, comtudo a guerra enfraquece, e a reputação das armas cada vez em peor estado, porque acontece nos despachos o de que ordinariamente se queixa o mundo, que os valorosos levam as feridas, e os venturosos os premios. Na philosophia bem ordenada primeiro é a potencia e o acto, depois o habito; cá, se olharmos para os peitos dos homens, acharemos mui-

tos habitos e mui pensionados, onde nunca houve acto, nem ainda potencia. Desta desegualdade se segue, que o effeito dos premios militares vem a ser contrario a si mesmo, porque em vez de com elles se animarem os soldados, antes se desanimam e desalentam. Como se animará o soldado a buscar a honra por meio das bombardas e dos mosquetes, se vê em um peito o sangue das ballas e n'outro a purpura das Cruzes? Como se alentará a padecer os trabalhos e perigos de uma campanha, se vê premiado a Jacob, que ficou em casa, e sem premio a Esaü, que correu os montes? Se ás pelles de Jacob se dá o morgado, e ás settas de Esaü se nega a benção; se alcança mais este com o seu engano, que o outro com a sua verdade; quem haverá que trabalhe? Quem haverá que se arrisque? Quem haverá que peleje? Não ha duvida, que á vista de similhantes mercês, dirão os valorosos, que vão errados; terão contricção do que deveram ter complacencia: arrepender-se-hão de seus brios, condemnarão suas passadas finezas, e se chegarem a pelejar valentemente, será por desesperação; que não ha coisa que assim desespere os benemeritos, como vêr os indignos premiados.

Mas muitas graças sejam dadas a Deus, que para remedio deste grande mal não só temos justiça na terra, senão justiça de sol, como diz Malachias: *Orietur vobis Sol Justitiæ*. Sol para allumiar, para conhecer, para distinguir: justiça para premiar com egualdade. Por isso eu lá dizia, que não sei qual lhe fez sempre maior mal ao Brazil, se a enfermidade, se as trevas. Muitas vezes prevaleceu o engano contra a verdade nesta guerra, muitas vezes luziu o que não era oiro, e foi tão injusta a fama, que trocou os nomes ás coisas e ás pessoas, e soaram pelo mundo erradamente. O maior escandalo que tenho contra a natureza, é um que cada hora experimentamos na artilheria. Porque razão ha de fazer tanto estrondo uma peça que perdeu o pelouro, como outra que empregou o tiro? Ha maior injustiça, ha maior deformidade da natureza? A peça que acertou, sôe muito embora, atrôe o mundo, estremeça a terra com seu estampido: mas a peça que errou, a peça que não fez nada, a peça que não fez mais que empobrecer os armazens d'el-rei sem proveito, porque ha de soar, porque ha de ser ouvida? Ainda tenho advertido mais nesta ma-

teria. Quando aqui estivemos sitiados no anno de trinta e oito, tirava o inimigo muitas ballas ao baluarte de S. Antonio: os pelouros que acertavam, ficavam enterrados na trincheira, os que erravam, voavam por cima, vinham rompendo os ares com grande ruido, e os que andavam por estas ruas, aqui se abaixava um, acolá se abaixava outro, e muita gente lhes fazia cortezias demasiadas. De sorte que o pelouro que errou, esse fazia os estrondos, a esse se faziam as reverencias: e o outro que acertou, o outro que fez sua obrigação, esse ficava enterrado. Ah quantos exemplos destes se acharam na guerra do Brazil! Quantos foram mais venturosos com seus erros, que outros com seus acertos? Algum que sempre errou, que nunca fez coisa boa, nomeado, applaudido, premiado: e o que acertou, o que trabalhou, o que subiu a trincheira, o que derramou o sangue, enterrado, esquecido, posto a um canto. Importa pois que não roube a negociação o que se deve ao merecimento; que se desenterrem os talentos escondidos, que sepultou a fortuna, ou a sem-razão; que não haja benemerito que não seja bem afortunado; que se corte a lingua á fama, se fôr injusta; que se qualifiquem papeis, que se examinem certidões, que nem todas são verdadeiras. Se foram verdadeiras todas as certidões dos soldados do Brazil, se aquellas rumas de façanhas em papel foram conformes a seus originaes, que mais queriamos nós? Já não houvera Hollanda, nem França, nem Turquia; todo o mundo fôra nosso.

V

Não pretendo dizer com isto que não merecem muito os soldados desta guerra, porque antes tenho para mim, como é opinião de todos, que não ha soldados no mundo, nem que mais valentes sejam, nem que mais sirvam, nem que mais trabalhem, nem que mais mereçam. Já outra vez tive este pensamento, e agora me torno a confirmar mais nelle, que para se despacharem os soldados do Brazil, principalmente os que andam em campanha, não teem necessidade de mais certidão, que tomar o Capitulo onze da segunda Epistola de S. Paulo aos Corinthios, firmada e jurada por

seus generaes, que bem o poderão fazer sem nenhum escrupulo. Faz alli o Apostolo uma ladainha mui comprida de seus serviços e trabalhos, e diz assim: *In laboribus plurimis, in carceribus abundantius, in plagis supra modum, in mortibus frequenter, etc.* Demol-o por lido, e vamos applicando. *In laboribus plurimis;* que soldados padecem no mundo maiores trabalhos, que os do Brazil? *In carceribus abundantius;* tambem muitas vezes são prisioneiros, e nas prisões nenhuns mais cruelmente tratados que elles. *In plagis supra modum;* quantas sejam as feridas que recebem, e quão continuas, bem o dizem esses hospitaes, bem o dizem essas campanhas, e tambem os peitos vivos o podem dizer, que apenas se achará algum, que não ande feito um crivo. *In mortibus frequenter;* frequentemente mortos, porque não ha guerra no mundo, onde se morra tão frequentemente, como na do Brazil, de dia e de noite, no inverno e no verão, na trincheira e na campanha, nas nossas terras e nas do inimigo; e agora nesta jornada ultima e milagrosa, onde se não deu quartel, o mesmo foi ser ferido, que morto, deixando os amigos aos amigos, e os irmãos aos irmãos por mais não poderem, ficando os miseraveis feridos nesses mattos, nessas estradas, sem cura, sem remedio, sem companhia, para serem mortos a sangue frio, e cruelmente despedaçados dos alfanges hollandezes, pelo rei, pela patria, pela honra, pela religião, pela fé. O' valorosos soldados, que de boa vontade me detivera eu agora comvosco prégando vossas gloriosas exequias, mas vou depressa seguindo aos que vos deixam, perdoae-me. *In itineribus sæpe;* quem andou nunca, nem ainda correu com a imaginação os caminhos que fazem estes soldados? D'aqui a Pernambuco, d'aqui á Parahiba, d'aqui ao Rio Grande, e mais abaixo, por sertões de trezentas e quatrocentas legoas, levando sempre as munições ás costas, e os mantimentos nos ferros dos chuços, e nas boccas dos arcabuzes. *Periculis fluminum;* atrevessando rios, tantos e tão caudalosos, sem barca, sem ponte mais que os braços, e a industria para os passar. *Periculis latronum;* sahindo-lhes os ladrões a cada passo. *Periculis ex genere;* sendo hespanhoes, a quem os hollandezes teem mortal odio. *Periculis ex gentibus;* arriscados a mil emboscadas do gentio rebelde. *Periculis in civitate;* com perigos na cidade, como o

que tiveram nesta, quando a preço de tantas vidas a defenderam valorosamente. *Periculis in solitudine;* com perigos no deserto, porque são vastissimos os despovoados que passam, sem gente, e muitas vezes sem rasto de fera, nem de animal, mais que céu e terra. *Periculis in mari;* com perigos no mar, que ainda que atégora os não havia, bem se sabe quão grandes foram os que se padeceram na armada, e ainda não se sabe tudo. *Periculis in falsis fratribus;* com perigos de falsos irmãos, porque nem com os nossos portuguezes estão seguros na campanha, que o temor da morte os obriga a descobrir muitas vezes o que não deveram. *In frigore, et nuditate;* nús, despidos, descalços, ao sol, ao frio, á chuva, ás inclemencias dos ares deste clima, que são os mais agudos que se sabem. *In fame, et siti, in jejuniis multis;* jejuando, e padecendo as mais extraordinarias fomes e sêdes, que nunca supportaram corpos mortaes, sustentando a triste e animosa vida com as ervas do campo, com as raizes das arvores, com os bichos do matto, com as fructas agrestes e venenosas, e tendo-se por mui regalados, se chegavam a alcançar para comer meia libra de carne de cavallo. Ha mais invencivel paciencia? Ha mais dura e pertinaz constancia? Se isto sabeis, hollandezes, em que fundaes vossas esperanças, como não desistis da empreza, como não desmaiaes, como não vos ides? Tendo os soldados de Julio Cesar sitiada a cidade de Dyrrachio, chegaram a comer não sei que pão feito de ervas, mas pão em fim; o qual como o visse Pompeu, que era o capitão sitiado, primeiramente disse, que elle pelejava com feras e não com homens; e logo mandou que aquelle pão não apparecesse, porque se o vissem seus soldados, sem duvida desmaiariam, e não se atreveriam a resistir a gente de tanta constancia e pertinacia. *Ne visa patientia, et pertinacia hostis, animi suorum frangerentur*, diz Suetonio. Bem digo eu logo, Hollandezes, se vêdes o pão com que se sustentam nossos soldados, de cujo veneno morreram em uma noite mais de vinte, se vêdes esta paciencia, esta constancia, esta pertinacia, como se vos não quebram os animos, como não desistis da empreza? Mas agora o fareis, agora o veremos com o favor divino, que já é chegado o tempo.

Por tudo isto dizia S. Paulo: *Plus omnibus labo-*

ravi: Que trabalhou mais que todos os Apostolos: e pela mesma razão digo eu dos soldados do Brazil: *Plus omnibus laboraverunt:* Que trabalharam, e trabalham mais que todos os soldados do mundo, e se mais que todos trabalham, bem merecem ser premiados mais que todos. Mas, *ó fortuna viris invida fortibus!* dizia Hercules. O' fortuna sempre invejosa aos varões fortes! Bem experimentam nossos soldados, que se ajuntam poucas vezes valor e fortuna, porque assim são mais que todos desgraçados. Não ha infanteria no mundo, nem mais mal paga nem mais mal assistida: é possivel que hão de andar descalços e despidos uns corpos tão ricos de valor! Descalços e despidos os soldados do rei das Hespanhas, do mais poderoso monarcha do mundo! Bem sabemos a quanta estreiteza está reduzida a fazenda real no tempo presente, mas quando El-rei neste Estado não tivera outra coisa, a camisa (como dizem) havia de tirar para vestir taes soldados. Nenhum monarcha do mundo chegou nunca a tanta pobreza, como Christo Redemptor nosso na Cruz; e comtudo, tanto que se viu com titulo de rei sobre a cabeça: *Rex Judæorum*, não só os vestidos exteriores, senão a tunica interior deu aos soldados; e não a soldados que defendiam a fé, senão a soldados que crucificavam a Christo: *Milites ergo cum crucifixissent eum, acceperunt vestimenta ejus, et tunicam.* E que fizeram esses soldados logo? Tomaram os vestidos do Senhor, e puzeram-se a jogal-os. Pois se o verdadeiro Rei se despe para que os soldados tenham que jogar, quanto mais se deve despir, para que tenham que vestir? E mais quando elles são tão valentes e tão briosos, que andando tão rotos, e tão despidos, que poderam ter esquecido o vestir, nem por isso se esquecem do investir. E certo, Senhores, para que digamos e confessemos tudo, não haveria muito de que nos espantar, quando assim o fizeram. Quando Deus perguntou a Adão, porque se escondêra no bosque do Paraiso, respondeu elle: *Timui, eo quod nudus essem, et abscondi me:* Senhor, olhei para mim, vi-me despido, por isso temi, e me escondi. O mesmo poderam fazer os soldados desta guerra, temerem e esconderem-se na occasião, e quando lhes perguntassem porque? Responder: *Timui, eo quod nudus essem, et abscondi me:* Escondi-me em um matto, temi a morte, não quiz pelejar com

os hollandezes, porque quando olho para mim, vejo-me despido, e não quero dar o sangue por quem me não dá de vestir. Isto poderam dizer os nossos soldados como filhos de Adão, mas como filhos e descendentes daquelles portuguezes famosos, pelejam, trabalham, cançam, morrem, e quando olham para si, como andam despidos, veem-se a si, e fazem como quem são. Ha maior fineza? Ha maior constancia? Ha maior fidelidade? Portugueza emfim. Lá Jacob um dia que se viu mui favorecido de Deus, sahiu com um voto, e disse desta maneira: *Si dederit mihi panem ad vescendum, et vestimentum ad induendum, erit mihi Dominus in Deum:* Se Deus me der pão para comer, e roupa para vestir, eu faço voto a sua divina Magestade de o servir como a meu Senhor. Vós passaes pelo descanço da condição, pela valentia da promessa? Pois este era aquelle famoso Jacob, a quem se lançavam escadas do céu á terra, a quem o mesmo Deus vigiava o somno. Para que conheça Hespanha, para que conheça nosso grande monarcha quanto mais deve aos fidelissimos soldados desta guerra, pois com as obras e com o sangue prometteram sempre a vozes, que haviam de servir a seu rei, e morrer por elle, ainda que nunca lhes désse de comer nem de vestir.

E se sem vestir, e sem comer, obraram até-qui tão valorosamente, agora que a cuidadosa providencia do marquez vice-rei, que Deus guarde, de nenhuma coisa mais tratou, que de trazer com que vestir e sustentar esta infanteria; que farão ou que não farão? Que não farão agradecidos, se tanto fizeram descontentes? Que não merecerão trabalhando os que tanto trabalharam sem merecer? Não ha duvida que alentados os bons, que serão os mais, com o premio; e refreados os maus, que serão os menos, com o castigo, entre as resistencias do temor, e os impulsos da esperança, tornará o Brazil em si, e debaixo das azas de uma e outra justiça, recobrará a perfeita saude, que tanto lhe desejamos.

VI

Mas como a experiencia ensina, que para a saude ser segura e firme não basta sobresarar a enfermidade, senão se arrancam as raizes, e se cortam as

causas della; é necessario vermos ultimamente, quaes são, e quaes foram as causas desta enfermidade do Brazil. A causa da enfermidade do Brazil bem examinada é a mesma que a do peccado original. Poz Deus no Paraiso Terreal a nosso pae Adão, mandando-lhe que o guardasse, e trabalhasse: *Ut operaretur, et custodiret:* e elle parecendo-lhe melhor o guardar, que o trabalhar, lançou mão á arvore vedada, tomou o pomo que não era seu, e perdeu a justiça, em que vivia para si, e para o genero humano. Esta foi a origem do peccado original, e esta é a causa original das doenças do Brazil, tomar o alheio, cubiças, interesses, ganhos, e conveniencias particulares, por onde a justiça se não guarda, e o Estado se perde. Perde-se o Brazil, senhor (digamol-o em uma palavra), porque alguns ministros de Sua Magestade não veem cá buscar nosso bem, veem cá buscar nossos bens. Assim como dissemos que se perdeu o mundo, porque Adão fez só ametade do que Deus lhe mandou, em sentido averso, guardar sim, trabalhar não; assim podemos dizer, que se perde tambem o Brazil, porque alguns de seus ministros não fazem mais que ametade do que El-rei lhes manda. El-rei manda-os tomar Pernambuco, e elles contentam-se com o *tomar*. Se um só homem que tomou, perdeu o mundo, tantos homens a tomar, como não hão de perder um Estado? Este tomar o alheio, ou seja o do rei, ou o dos povos, é a origem da doença: e as varias artes e modos, e instrumentos de tomar, são os symptomas, que, sendo de sua natureza mui perigosa, a fazem por momentos mais mortal. E senão, pergunto, para que as causas dos symptomas se conheçam melhor: Toma nesta terra o ministro da justiça? Sim, toma. Toma o ministro da fazenda? Sim, toma. Toma o ministro da republica? Sim, toma. Toma o ministro da milicia? Sim, toma. Toma o ministro do Estado? Sim, toma. E como tantos symptomas lhe sobrevem ao pobre enfermo, e todos acommettem á cabeça, e ao coração, que são as partes mais vitaes, e todos são attractivos e contractivos do dinheiro, que é o nervo dos exercitos e das republicas, fica tomado todo o corpo, e tolhido de pés e mãos, sem haver mão esquerda que castigue, nem mão direita que premeie: e faltando a justiça punitiva para expellir os humores nocivos, e a distributiva para alentar e alimen-

tar o sugeito, sangrando-o por outra parte os tributos em todas as veias, milagre é que não tenha espirado.

Como se havia de restaurar o Brazil (não fallo de hontem, nem de hoje, que a enfermidade é muito antiga, ainda mal) como se havia de restaurar o Brazil, se ia o capitão levantar uma companhia pelos logares de fóra, e por lhe não fugirem os soldados, trazia-os na algibeira? E como apoz este ia logo outro do mesmo humor, que os trazia egualmente arrecadados, houve pobre homem nestes arredores, que sem sahir da Bahia, como se quatro vezes fôra a Argel, quatro vezes se resgatou com o seu dinheiro. Como se havia de restaurar o Brazil, se os mantimentos se abarcavam com mão d'El-rei e talvez os vendiam seus ministros, ou os ministros de seus ministros (que não ha Adão que não tenha Eva), pondo os preços ás coisas a cubiça de quem vendia, e a necessidade de quem comprava? Como se havia de restaurar o Brazil, se os navios que sustentam o commercio, e enriquecem a terra, haviam de comprar o descarregar, e o dar querena, e o carregar, e o partir, e não sei se tambem os ventos? Como se havia de restaurar o Brazil, se o capitão de infanteria por comer as praças aos soldados, os absolvia das guardas, e das outras obrigações militares, envilecendo-se em officios mecanicos, os animos que hão de ser nobres e generosos? Como se havia de restaurar o Brazil, se o capitão de mar e guerra fazia cruel guerra ao seu navio, vendendo os mantimentos, as munições, as enxarcias, as velas, as antenas, e se não vendeu o casco do galeão, foi porque não achou quem lh'o comprasse? E como, mais ou menos, por nossos peccados, sempre houve no Brazil alguns ministros destas qualidades, que importava que os generaes illustrissimos fossem tão puros como o sol, e tão incorruptiveis como os orbes celestes? Digo isto, porque sei que o vulgo é monstro de muitas cabeças, que não se governa por verdade, nem por razão, e se atreve a pôr a bocca no mesmo céu, sem perdoar nem guardar decoro ainda ao maior planeta. O certo é que muitas coisas se dizem, que não são, e ha successores de Pilatos no mundo, que por se lavarem as mãos a si, lançam as culpas á cabeça. Que haviam as cabeças de executar meneando-se com taes mãos, e obrando

com taes instrumentos? Desfazia-se o povo em tributos, e mais tributos, em imposições, e mais imposições, em donativos, e mais donativos, em esmolas, e mais esmolas (que até á humildade deste nome se sujeitava a necessidade, ou se abatia a cubiça), e no cabo nada aproveitava, nada luzia, nada apparecia. Porque? Porque o dinheiro não passava das mãos por onde passava. Muito deu em seu tempo Pernambuco: muito deu, e dá hoje a Bahia, e nada se logra; porque o que se tira do Brazil, tira-se do Brazil; o Brazil o dá, Portugal o leva.

VII

Com terem tão pouco do céu os ministros que isto fazem, temol-os retratados nas nuvens. Apparece uma nuvem no meio daquella Bahia, lança uma manga ao mar, vae sorvendo por occulto segredo da natureza grande quantidade de agua, e depois que está bem cheia, depois que está bem carregada, dá-lhe o vento, e vae chover d'aqui a trinta, d'aqui a cincoenta leguas. Pois, nuvem ingrata, nuvem injusta, se na Bahia tomaste essa agua, se na Bahia te encheste, porque não choves tambem na Bahia? Se a tiraste de nós, porque a não despendes comnosco? Se a roubaste a nossos mares, porque a não restitues a nossos campos? Taes como isto são muitas vezes os ministros que veem ao Brazil, e é fortuna geral das partes ultramarinas. Partem de Portugal estas nuvens, passam as calmas da Linha, onde diz que tambem refervem as consciencias, e em chegando, *verbi gratia*, a esta Bahia, não fazem mais que chupar, adquirir, ajuntar, encher-se (por meios occultos, mas sabidos), e ao cabo de tres ou quatro annos, em vez de fertilisarem a nossa terra com a agua que era nossa, abrem as azas ao vento, e vão chover a Lisboa, esperdiçar a Madrid. Por isso nada lhe luz ao Brazil, por mais que dê, nada lhe monta, e nada lhe aproveita, por mais que faça, por mais que se desfaça. E o mal mais para sentir de todos é, que a agua que por lá chovem e esperdiçam as nuvens, não é tirada da abundancia do mar, como n'outro tempo, senão das lagrimas do miseravel, e dos suores do pobre, que não

sei como atura já tanto a constancia e fidelidade destes vassallos. Tenho reparado muito, que em nenhum tormento da Paixão desceu Anjo do céu a confortar a Christo senão quando suou no Horto. Pois porque mais nos suores do Horto, que nos açoites da columna, nos tormentos da cruz, ou n'outro daquelles trances rigorosissimos? Os porquês de Deus são só a elle manifestos. Mas o que elle nos revelou daquelle caso, é que suou, e que suou pela saude, pela vida, e pela glorificação dos homens. E que hajam de viver outros á custa do meu suor! Que haja de suar eu para que outros vivam! Que haja de suar eu para que outros triumphem! E' um ponto tão rigoroso, considerado humanamente, como Christo então o considerava, é um ponto tão rigoroso, é um trance tão apertado, que até o coração de um Homem-Deus parece que ha mister que venha um Anjo do céu a o confortar, que não ha forças na natureza, nem cabedal para tanto. Muitos trances destes tens padecido, desgraçado Brazil, muitos te desfizeram para se fazerem, muitos edificam palacios com os pedaços de tuas ruinas, muitos comem o seu pão, ou o pão não seu, com o suor do teu rosto: elles ricos, tu pobre: elles salvos, tu em perigo: elles por ti vivendo em prosperidade, tu por elles a risco de expirar. Mas agora alegra-te, anima-te, torna em ti, e dá graças a Deus, que já por mercê sua estamos em tempo, que, se concorrermos com o nosso suor, ha de ser para nossa saude. Pelo que, senhores, vós os que governaes a republica, não attenteis só para a fraqueza do enfermo, que bem vemos quão pouca substancia tem, e quão debilitado está, mas olhae muito para o bem da saude, e para a importancia do remedio. O doente que quer sarar, levado do amòr da vida, nada põe por diante, em nada repara, por asperos que sejam os medicamentos, a tudo fecha os olhos. Bem sei que se hão de ouvir ais, bem sei que se hão de ouvir gemidos, e muito justos, mas compadecer, e cortar (como seja com a egualdade e moderação devida) que ser nesta parte cruel, é a maior piedade. Anime-se, pois, a fidelidade e liberalidade deste nobre povo a se soccorrer e ajudar nesta causa tão justa e tão sua, estando mui certo e seguro, que se der o suor, se der o sangue, não ha de ser para que outros vivam e triumphem, senão para que nós vivamos e trium-

phemos de nossos inimigos. Tudo o que der a Bahia, para a Bahia ha de ser: tudo o que se tirar do Brazil, com o Brazil se ha de gastar.

VIII

E porque sei de certo que assim o havemos de vêr, como digo, quero acabar este sermão com uma prophecia alegre, fundada na mesma verdade, e é, que desta vez se ha de restaurar o Brazil. Deemme licença para que pondere um logar, que hoje tudo foram palavras, mas foi necessario dizer muito: outro dia prégaremos pensamentos. *Sacramento Eucharistiæ totus mundus subjugatus est*, diz Santo Eligio na Homilia onze, e é auctoridade mui recebida de toda a Igreja, que com o Santissimo Sacramento da Eucharistia sujeitou Christo, e restaurou o mundo. Na cruz alcançou a primeira victoria; mas com o Sacramento de seu corpo e sangue foi restaurando e restituindo a seu imperio quanto o demonio lhe tinha tyrannisado. Ora examinemos, e saibamos porque mais com o Sacramento da Eucharistia, que com outro mysterio. Christo nascido, Christo morto, Christo resuscitado não podéra restaurar o mundo? Pois porque mais Christo sacramentado? Porque se tomou por instrumento desta restauração o mysterio sagrado da Eucharistia? Lavremos um diamante com outro diamante, e expliquemos um santo com outro santo. S. Thomaz, fallando do Santissimo Sacramento do altar, nota uma coisa muito digna de ponderação, e é, que neste soberano mysterio quanto Christo recebeu de nós, tudo despende comnosco: *Et hoc insuper quod de nostro assumpsit, totum nobis contulit ad salutem.* Que recebeu Christo de nós na Encarnação? Recebeu a carne, e recebeu o sangue. E que nos dá Christo na Eucharistia? Dá-nos essa mesma carne na hostia, dá-nos esse mesmo sangue no calix. E este soberano Principe é tão justo, e tão desinteressado, que quanto recebe de nós, tudo despende comnosco, e quanto toma dos homens, tudo gasta com os homens para sua sustentação e proveito: *Quod de nostro assumpsit, totum nobis contulit ad salutem.* Logo com muito fundamento ao mysterio em que exercita esta

grande acção, mais que a nenhum outro se deve e se attribue a restauraração do mundo: *Sacramento Eucharistiæ totus mundus subjugatus est:* que em se despendendo com os homens tudo o que se recebe dos homens; em se gastando em beneficio do povo tudo o que do povo se tira (como d'aqui por diante se ha de fazer), logo a restauração está certa e a victoria segura.

Tenho provada a minha prophecia? Pois ainda a confirmo com outra razão, e vae por conta dos enfermos deste hospital, os quaes me pediram désse as graças ao senhor Marquez, da piedade tão christã, e zelo verdadeiramente de pae de soldados, com que a primeira acção que sua excellencia fez em saltando em terra, foi mandar chamar o provedor e irmãos desta Santa Casa, e sendo informado do aperto em que estavam os doentes, e as miserias que padeciam, ordenar que se fizesse novo hospital, e que com toda a caridade e liberalidade se acudisse á saude e regalo destes pobres enfermos. Desta acção infiro eu, e confirmo, que é chegada a restauração do Brazil, e vêde se o provo. Mandou S. João Baptista uma embaixada a Christo por dois Discipulos de sua escola, em que dizia assim: *Tu es qui venturus es, an alium expectamus?* Sois vós, Senhor, o que haveis de vir restaurar-nos, ou havemos de esperar ainda por outro? Não poderam perguntar mais a proposito, se nós dictaramos a pergunta. Nenhuma coisa lhes respondeu Christo de palavra: manda buscar pela terra os cegos, os surdos, os mancos, os leprosos, em fim, quantos enfermos se puderam achar, e depois de os curar a todos, virou-se então para os embaixadores, e disse: *Renuntiate Joanni quæ audistis, et vidistis.* Ide, dizei a João o que ouvistes e vistes. Pois, Senhor, com licença vossa esta resposta parece que não diz com a pergunta. Perguntam-vos se sois o Messias esperado, perguntam-vos se sois vós o que haveis de restaurar o mundo, e por resposta pondo-vos a curar enfermos? Sim, com muita razão, diz S. Cyrillo: *Ut congrua ratione summentes fidem ipsius, ad eum revertantur, qui misit eos.* Poz-se Christo a curar enfermos diante dos embaixadores do Baptista, para que desta acção que lhe viam fazer, cressem e inferissem por boa razão, que elle era o Restaurador do mundo, por quem perguntavam. Este Senhor trata

de curar enfermos: *Cæci vident, claudi ambulant, leprosi mundantur?* Logo elle é o que ha de restaurar o mundo: *Tu es qui venturus es;* porque não ha conjectura mais verdadeira, nem consequencia mais formal de ser Restaurador, que ter grande cuidado dos enfermos, e tratar destas obras de misericordia.

E senão diga-nos o nosso Evangelho, qual foi a primeira acção que fez no mundo o Redemptor e Restaurador delle? A primeira acção que Christo fez em pondo o pé em terra, foi partir-se para as montanhas de Judéa, a curar, como dissemos, um menino enfermo. Não é phrase minha, senão do cardeal Toledo, que fecha e confirma todo este discurso: *Mira Christi, et Matris visitatio attulit Joanni peccati medicinam.* Esta visita de Christo, e sua Mãe Santissima, foi como visita de Medico soberano, que curou a enfermidade de S. João, e lhe trouxe a medicina do peccado. Tão proprio é de quem ha de restaurar mundos, consagrar a primeira acção á cura e ao remedio dos enfermos. Mas como não são menos de Deus os fins que os principios, e nas prophecias e prognosticos humanos nos ensina a fé a dizer, *Deus sobre tudo*, peçamos á divina Magestade seja servido prosperar-nos estas tão bem fundadas esperanças, e ouvir os suspiros e gemidos já cançados deste enfermo e afflicto Brazil. E para que mais efficazmente alcancemos o desejado despacho desta tão justa petição, tomemos por valedora a Virgem Mãe do mesmo Deus, por quem hoje se começou a dispensar a primeira graça, para que nos alcance esta, offerecendo-lhe tres Ave Marias.

SERMÃO

DA

VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA

A SANTA ISABEL

Prégado na Misericordia da Bahia

Em acção de graças pela victoria da mesma cidade, sitiada e defendida, no anno de 1638

Et unde hoc mundi? [1]

I

Festejar as mercês do céu; reconhecel-as como recebidas da mão de Deus; e dar-lhe infinitas graças por ellas, é a primeira obrigação da fé, é a primeira confissão do agradecimento, e são os primeiros impulsos da alegria christã e bem ordenada. Assim o cantou hoje a Virgem Maria, já Mãe de Deus, entrando em casa de Zacharias, e visitando a Santa Isabel. Reconhecida a Senhora á dignidade infinita do mysterio ineffavel, que a mesma Isabel por revelação do céu tambem reconhecia e celebrava; que fez e disse? Louvou e magnificou a Deus: *Magnificat anima mea Dominum:* [2] alegrou-se no interior do seu espirito com demonstrações similhantes ás do Baptista no ventre da mãe: *Exultavit spiritus meus in Deo salutari meo:* [3] e declarou e confessou que as grandezas que já começavam a sahir á luz, nascidas do que dentro em si trazia, eram obra do braço todo poderoso do

---

1 *Luc.*, I.
2 *Ibid.*, I, 46.
3 *Ibid.*, 47.

Senhor, e seu santo nome: *Quia fecit mihi magna qui potens est, et sanctum nomen ejus.* [1]

Isto é o que nas grandes mercês do céu deve festejar e reconhecer a fé e agradecimento humano; mas não basta. E que mais é necessario? E' necessario que voltando os homens os olhos para a terra, os ponham em si com verdadeiro conhecimento da propria indignidade: e (porque a Providencia Divina sempre requer disposição, ou cooperação de suas creaturas para repartir com ellas os thesouros de suas misericordias) que considerem todos, e se pergunte cada um a si mesmo, e diga com Santa Isabel: *Et unde hoc mihi?* E donde a mim tão extraordinaria mercê? Assim o fez tambem a mesma Virgem Maria no meio dos mesmos louvores com que magnificou a Deus, e com que se via magnificada: olhando para si mesma (como diz) e não achando, nem reconhecendo em si outro motivo, outra razão, ou outro porquê das mesmas grandezas, senão o da sua humildade: *Quia respexit humilitatem ancillæ suæ.* [2] Quer dizer: vós, ó Isabel, cheia do Espirito Santo me apregoaes por Mãe de Deus: *Ut veniat Mater Domini mei ad me:* Vós me chamaes bemdita entre todas as mulheres: *Benedicta tu inter mulieres:* e vós me canonizaes por bemaventurada nesta vida, porque no resto della se cumprirão em mim todas as promessas do Anjo: *Et beata, quæ credidisti, quoniam perficientur in te, quæ dicta sunt tibi à Domino.* [3] E eu não acho nem vejo em mim senão o que só viu o mesmo Senhor pondo os olhos na sua menor escrava: *Respexit humilitatem ancillæ suæ.*

Até aqui a famosa historia da Visitação da Mãe de Deus á mãe do Baptista, na qual, como em parabola, fallei alégora de nós e comnosco, posto que o não parecesse. Duas coisas ponderei nella. A primeira, e que naturalmente move a todo o homem, é festejar os seus bens; e se é homem christão, e com fé, louvar a Deus por elles, e dar-lhe as devidas graças. A segunda não parar neste exterior da felicidade humana, como se fôra fortuna, ou caso; mas fazer reflexão sobre si mesmo, e considerar se acha

---

[1] *Luc.*, I, 49.
[2] *Ibid.*, 48.
[3] *Ibid.*, 45.

em si algum fundamneto de boas obras, pelo qual Deus se inclinasse ou se deixasse obrigar a lh'a conceder. Já cuido que me tenho explicado. Muitos dias ha que esta nossa cidade festeja a illustre victoria com que Deus lhe fez mercê de se defender tão gloriosamente do poder do inimigo commum, com que se viu sitiada. E não ha na mesma cidade templo, em que com universal concurso e applauso da piedade christã e portugueza, se não tenham rendido as devidas graças ao soberano Auctor da liberdade que gozamos. Eu hoje nesta materia, tão repetida e tão batida como a mesma cidade, já a podéra passar em silencio, e emmudecer com Zacharias; mas escolhi antes (porque a Deus não o cançam os agradecimentos) fallar com Isabel.

Das duas palavras escolhi por thema sómente as da admiração com que se pergunta a si mesma, *Unde hoc mihi?* Não fallarei em meu nome, mas a Bahia será a que se admire da victoria, a que tão pouco costumados estavamos, e a que se pergunte a si mesma donde lhe veiu esta ventura tão extraordinaria e tão nova. A Bahia perguntará o *donde*, e ouvirá opiniões dos que cuidam que a elles se lhes deve a victoria. Eu, depois de responder a cada um por si, concluirei com a que tenho por mais certa e verdadeira. Isto é o que ouviremos no discurso do sermão; e desde logo o que só posso dizer é, que para descobrir e achar o *donde* não será necessario ir buscal-o á campanha, nem sahir á rua, porque o acharemos dentro nesta mesma casa, como se fôra a de Zacharias. Lá e cá temos derramando graças a fonte da graça. *Ave Maria.*

II

Et unde hoc mihi? Esta mercê, este favor, este beneficio do céu tão grande: esta felicidade, de que estive tão duvidosa e agora estou tão segura: esta victoria tão honrada e tão festejada, e de que tão desacostumado está o Brazil ha tantos annos, donde a mim? *Unde mihi?* Assim pergunta fallando comsigo a Bahia, e admirada da sua propria fortuna busca dentro em si a causa della. Mas vejo que desta mesma

pergunta, que sempre suppõe duvida se dá ou póde dar por muito offendido o valor dos nossos soldados, e por egualmente aggravada a reputação das nossas armas. *Unde*, donde? E quem ha tão cego que o não visse nos relampagos do fogo, quem tão surdo que o não ouvisse nos trovões da artilheria, quem tão seguro e sem receio, que o não temesse em mil e seiscentos raios contados, que as baterias furiosas do inimigo choveram sobre a Bahia em quarenta dias, e quarenta noites de sitio? Em outros tantos dias e noites se formou o diluvio universal, que alagou o mundo; e assim como então diz o Texto sagrado, que não só da parte combatente se abriram as cataractas do céu, mas tambem da parte combatida se romperam as fontes do abysmo, assim nesta inundação, verdadeiramente de monte a monte, se foi apertada e pertinaz a força dos combates, não foi menor, antes mais forte e poderosa, a das resistencias, de que em fim se confessou por vencida a soberba e presumpção dos mesmos combatentes, quando a sua, não retirada, mas manifesta fugida, debaixo da capa da noite, mal lhe cobriu as espaldas. A artilheria deixada e carregada nas plataformas, sem retirar o inimigo uma peça: o pão cozendo-se nos fornos, as olhas dos soldados ao fogo, as tendas, as barracas, as armas, a polvora, tudo desamparado, sem ordem no precipicio da desesperação, não só temerosa, mas attonita: sobre tudo o silencio das caixas e das trombetas, com que tão confiados se tinham aquartellado, mudo e insensivel ás nossas sentinellas: isto assim junto como por partes é o que está respondendo e dizendo a brados a Bahia a quem deve, e donde lhe veiu o *donde* porque pergunta. *Unde*, donde? Da prudencia dos nossos illustrissimos generaes, e da bem aconselhada dissimulação (mal entendida do vulgo) com que deixaram marchar sem opposição o inimigo até o logar onde estava antevista a sua ruina. *Unde*, donde? Da bizarra resolução dos nossos mestres de campo, posto que de tres nações differentes, unidos em tomar o governo das armas, em que só o imperio e obediencia dellas entre os dois generaes esteve duvidoso. *Unde*, donde? Do valor dos nossos famosissimos capitães e soldados, que antes de haver trincheiras, elles o foram a peito descoberto, e depois de as haver, dentro com as proprias granadas e bombas do inimigo,

e fóra com a espada na mão, semearam a campanha de tantos corpos mortos, para cuja sepultura pediram treguas, sementeira de que elles logo colheram o desengano, e nós pouco depois o fructo da victoria.

Assim responde a nossa triumphante milicia á pergunta da Bahia, a qual, posto que testemunha das suas façanhas, ainda duvidosa inquire, e quer saber qual fosse verdadeiramente o motivo que Deus da nossa parte tivesse, e qual mais propriamente o *onde*, donde lhe veiu o favor do céu, que tão repetidamente celebra e festeja, querendo dar a gloria a aquella parte de si mesma, á qual mais propria e mais verdadeiramente se deva.

III

Primeiramente respondendo á resposta de nossos soldados, não direi com licença sua, que é muito propria da arrogancia militar, mas não posso deixar de dizer que egualmente é alheia da fé e piedade christã. Que diz a fé? Que Deus é o Senhor dos exercitos, e que dá ou tira a victoria a quem é servido, por meio das armas sim, mas sem dependencia dellas. Em proprios termos a Sagrada Escriptura como se fallára nomeadamente do nosso caso: *Non salvatur rex per multam virtutem, et gigas non salvabitur in multitudine virtutis suæ:* [1] Salvou-se a cidade do Salvador, do perigo em que se viu tão apertada, mas não foi o numeroso dos seus presidios, nem o valoroso dos seus soldados o que a salvou, porque na guerra e nas batalhas nem aos reis os salva o poder dos seus exercitos: *Non salvatur rex per multam virtutem;* nem aos gigantes os salvam as desmedidas forças dos seus braços: *Et gigas non salvabitur in multitudine virtutis suæ.*

Oiçam os soldados uma e outra coisa da bocca de um tambem soldado, e soldado que foi rei, e soldado que venceu gigantes: *Non enim in arcu meo sperabo, et gladius meus non salvabit me.* [2] Eu, diz David, nunca puz nem porei a esperança da victoria no meu arco, nem confiarei que me salvará das mãos de meus

---

[1] *Psalm.* XXXII, 16.
[2] *Ibid.*, XLIII, 7.

inimigos a minha espada. No arco entendem-se as armas de longe, na espada as de perto, e em umas e outras parece que experimentou o mesmo David o contrario do que diz, porque no desafio do Gigante de longe com o tiro da funda lhe metteu a pedra na testa, e de perto com a espada do mesmo inimigo já prostrado lhe cortou a cabeça. Pois se David venceu o Gigante com o tiro da funda e com o talho da espada, como diz que não ha de pôr a sua esperança nem nas armas de longe, nem nas de perto? Porque uma coisa é vencer por meio das armas, outra é pôr a esperança nellas. Pôr a esperança nas armas é presumpção e vaidade gentilica, pol-a só em Deus, que é o Senhor das victorias, é fé e piedade christã. Assim succedeu no mesmo caso, e o disse o mesmo David respondendo ás arrogancias do Gigante: *Tu venis ad me in gladio, et hasta, et clypeo: ego autem venio ad te in nomine Domini exercituum:* [1] Tu, ó Gigante, vens contra mim coberto de ferro, com a espada cingida, com a lança em uma mão, e o escudo na outra, eu venho contra ti desarmado, mas em nome dos exercitos. E que se seguirá desta batalha tão desegual? *Et dabit te Dominus in manu mea, et percutiam te, et auferam caput tuum à te:* [2] Seguir-se-ha que Deus com todas essas armas te entregará nas minhas mãos, e eu, como me vês, desarmado te cortarei a cabeça. E que mais? *Et noverit universa Ecclesia hæc, quia non in gladio, et hasta salvat Dominus, ipsius enim est bellum:* [3] e conhecerá todo este immenso theatro dos dois grandes exercitos postos á vista, que para Deus dar a victoria a uns, e pôr em fugida a outros não ha mister, nem faz caso de armas, porque é Senhor da guerra.

Não sei se teve David pensamento particular em chamar á multidão dos que o viam e ouviam, nomeadamente Igreja: *Et noverit universa Ecclesia hæc.* Porque a fé daquella doutrina nem pertencia ao gentio, quaes eram os Philisteus, nem a reconhece o herege, quaes são os de Hollanda (e foram os que lá e cá desenganados da sua fraqueza fugiram) mas só e

---

[1] *1.º Livr. dos Reis,* XVII, 45.
[2] *Ibid.,* 46.
[3] *Ibid.,* 47.

propria dos filhos da verdadeira Igreja, quaes somos nós os catholicos. Por isso David não só disse Igreja, mas *universa*, que quer dizer catholica: *Et noverit universa Ecclesia.* E para que esta fé, e este conhecimento? Para que a fortuna das nossas armas, posto que victoriosas, nos não desvaneça, antes temamos as nossas mesmas victorias, se ingratos e infieis a Deus as attribuirmos ás nossas armas e ao nosso valor. Detraz da carroça dos triumphadores romanos era costume ouvir-se um pregão, que dizia: *Memento te esse mortalem:* Lembra-te, ó triumphador, que és mortal. E eu neste mesmo ponto quero fazer outro memento, e publicar outro pregão aos nossos capitães e soldados: pregão não decretado no Capitolio de Roma, mas no Consistorio do Triumvirato divino: e não para nos diminuir a alegria do presente triumpho; mas para que a moderemos com a razão, e a seguremos com o temor.

Annunciou o Propheta Amós a El-rei Amasias que do seu exercito, que constava de quatrocentos mil homens, licenciasse e despedisse cem mil, porque eram de gente que estava fóra da graça de Deus (notem as consciencias militares quanto importa estarem em graça de Deus ou fóra della): e como Amasias reparasse nesta diminuição do seu exercito, e no soldo de cem talentos de prata, com que já os tinha pago, respondeu o Propheta, e declarou ao rei da parte de Deus um segredo, que nem elle então entendia, professando a verdadeira fé, nem hoje acabam de o entender os que a professam. Ouvi o segredo e o pregão: *Quod si putas in robore exercitus bella consistere, superari te faciet Deus ab hostibus: Dei quippe est adjuvare, et in fugam convertere:* [1] Porque has de saber, ó rei, que se imaginares que os felizes successos da guerra, e as victorias consistem no numero e fortaleza dos exercitos, pelo mesmo caso e por esta só imaginação fará Deus que sejas vencido de teus inimigos: para que entenda e se desengane o mundo, que dar a victoria a uns, ainda que sejam poucos e fracos, e pôr em fugida a outros, ainda que sejam muitos e fortes, não é consequencia das armas e do valor, mas regalia propria do Senhor dos exercitos. Logo não foi o es-

[1] *2.º Livr. dos Paralip.*, XXV, 8.

força nem a sciencia militar dos nossos defensores o *onde*, donde a Bahia pergunta que lhe veiu o bem da victoria que festeja: *Unde hoc mihi?*

IV

A esta primeira resposta, e mais palpavel á vista, se segue a segunda menos visivel, mas muito mais poderosa ainda, que é de mãos desarmadas. Desarmadas estavam as mãos de Moysés quando elle orava no monte, e o exercito de Josuë pelejava na campanha. E foi maravilha então notada de todos, e cuja memoria quiz Deus ficasse estampada não em laminas de bronze ou diamante, mas nos caracteres immortaes dos seus Livros, que quando Moysés levantava as mãos ao céu, vencia Josuë, e quando ellas, como de braços cançados já com a velhice, descahiam um pouco, prevalecia o inimigo: *Cumque levaret Moyses manus, vincebat Israel, sin autem paululum remisisset, superabat Amalec.* [1] Moysés no monte, Josuë no campo raso ambos assestavam as suas baterias contra o exercito de Amalec: mas as machinas militares, e a pontaria dos tiros eram muito diversas. Josuë batia o inimigo, Moysés batia o céu: Josuë com ferro e fogo, Moysés com as mãos desarmadas: Josuë ferindo, Moysés orando: e a victoria estava tão dependente da oração de um, e tão pouco sujeita ás armas do outro, que estas sem o soccorro da oração eram vencidas, e só pela força e perseverança da oração vencedoras.

Lembremo-nos agora de nós. Quem visse interiormente a Bahia naquelles quarenta dias e quarenta noites, em que esteve sitiada, mais a julgaria na contínua oração por uma thebaida de anacoretas, que por um povo e communidade civil divertida em tantos outros officios e exercicios. Nos conventos religiosos, nas Igrejas publicas, nas casas e familias particulares, todos oravam. Os paes, os filhos, e quantos podiam menear as armas, assistiam com Josuë na campanha: e as mães, as filhas, e todo o outro sexo

[1] *Exod.*, XVII, 11.

ou edade imbelle, orando continuamente pelas vidas daquelles que por instantes temiam lhes entrassem pelas portas ou mal feridos, ou mortos. O estrondo das baterias inimigas e nossas espertando com a evidencia e temor do perigo os animos, não lhes permittia quietação nem socego: e então a Bahia, como propriamente Bahia de todos os Santos, invocando a intercessão e auxilio de todos, não por intervallos como Moysés, mas perpetuamente e sem cessar batia as muralhas do céu.

Esta bateria das mãos desarmadas, mas levantadas ao céu, foi mais verdadeiramente a que nos deu a victoria. E porque a proposta, como de quem não professa as armas, não pareça suspeitosa aos professores dellas, oiçamos o testemunho de um soldado, e seja o mesmo que já ouvimos na resposta passada, David. Este grande soldado, como capitão general das armas catholicas daquelle tempo, em um Psalmo que compoz estando para sahir em campanha, apontando para os esquadrões do exercito contrario, que já tinha á vista, diz assim: *Hi in curribus, et hi in equis, nos autem in nomine Dei nostri invocabimus:* [1] A milicia de nossos inimigos e a nossa (ó companheiros) segue mui differentes maximas: elles poem o seu poder, e toda a sua confiança na multidão da sua cavallaria, e nas machinas dos seus carros. Porém nós, que temos outra fé e outra experiencia, posto que com as armas nas mãos, não pômos a confiança nellas; mas todo o nervo da nossa guerra consiste em outros instrumentos bellicos muito mais fortes, que são as orações e preces com que invocamos a Deus: *Nos autem in nomine Domini invocabimus.* E cuja será a victoria em tanta differença de uns e outros combatentes? Eu vol-o direi (diz David) antes da batalha tanto ao certo como se já tivera succedido; e não só como Propheta, mas como capitão: *Ipsi obligati sunt, et ceciderunt; nos autem surreximus, et erecti sumus.* [2] Elles com as suas armas estando levantados, cahiram vencidos; nós com as nossas orações estando cahidos, levantamo-nos vencedores.

Tudo isto é o que succedeu na nossa victoria. E

---

[1] *Psalm.* XIX, 8.
[2] *Ibid.*, 9.

se eu me atrevesse a dizer, que o mesmo Propheta a anteviu e descreveu tão pontualmente, não faltará quem me diga que não apaixone tanto por ella, pois tem a objecção ou replica muito á flôr da terra. O Propheta falla de inimigos confiados na sua cavallaria e carros militares, que são os que a milicia antiga chamava falcatos: e os nossos inimigos não trouxeram cavallaria, nem carros bellicos para nos sitiar. Mas a differença desta circumstancia não desfaz a prophecia; porque o mesmo Propheta, fallando das náus e armadas maritimas, lhes chama cavallos e carros: *Viam fecisti in mari equis tuis; et quadrigæ tuæ salvatio:* [1] e taes foram os cavallos e carros militares, com que na sua poderosa armada naval nos sitiou por mar o inimigo: *Hi in curribus, et in equis.* Elles porém, posto que tão exercitados nesta cavallaria nadante, tendo entrado tão soberbos e inchados como as suas velas, e tão levantados com os successos da passada fortuna, como as suas bandeiras no tope, sendo ainda mais altos os seus pensamentos, cahiram: e nós, posto que verdadeiramente cahidos com a adversidade dos mesmos successos, se nos levantamos vencedores e triumphantes, é porque a força da oração, e não a das armas, neste levantar e cahir trocou as balanças de Marte: *Ipsi obligati sunt, et ceciderunt; nos surreximus, et erecti sumus.*

V

Naquella famosa batalha dos Troyanos contra os Latinos, diz o Principe dos Poetas, que em quanto a victoria esteve duvidosa, Jupiter sustentava na mão duas balanças eguaes, até que uma cahiu vencida, e outra se levantou vencedora:

Jupiter ipse duas æquato
examine lances
Sustinet, etc.

E Philo Hebreu proseguindo a mesma metaphora, não fabulosa e poeticamente, mas fundado na verdade da Historia Sagrada, diz que as armas de Josuë como

[1] *Habac.*, III, 15 e 8.

postas em balança sem a oração de Moysés cahiam, e com a oração de Moysés se levantavam: *Cum igitur aliquantisper manus, bilancis in morem, nunc sursum tollerentur, nunc deorsum vergerent, certaretur marte dubio; tandem repente, velut pennas habentes pro digitis, sublatæ volitabant per ærem manentes in sublimi, donec Hebræis certa victoria contigit, hostibus internectione deletis.* Notem-se muito aquellas palavras, *nunc sursum tollerentur, nunc deorsum vergerent bilancis in morem:* de sorte que a victoria estava posta na balança da oração, já descendo, já subindo, não conforme Josuë mais ou menos fortemente meneava as armas; mas segundo as mãos de Moysés, ou orando remissamente, desfalleciam, ou instantemente levantadas ao céu, como se os seus dedos fossem azas, voavam: *Velut pennas habentes pro digitis sublatæ volitabant.*

D'aqui se segue que se a justiça com as balanças em uma mão, e a espada na outra, houver de julgar a nossa victoria a quem mais verdadeiramente se deve, não ha de ser a espada dos que, como Josuë, pelejavam na campanha, senão as mãos levantadas dos que no mesmo tempo, como Moysés, oravam no monte. E para que os nossos capitães se não offendam desta proposição, e desafiem a quem a quizer sustentar: lembrem-se que no antigo povo de Deus, em que houve Josuë, Samsão, Gedeão e David, o mais afamado capitão de todos foi Judas Macchabeu: e lembrem-se tambem que entre as mais celebradas e fataes espadas (ainda que entrem nesta conta as forjadas na officina de Vulcano, batidas e limadas por Brontes e Esterope, e caldeadas na lagôa Estigia) nenhuma houve egual á do mesmo Macchabeu, a qual trazida do céu, e doirada nos resplandores liquidos das estrellas lhe entregou a alma do Propheta Jeremias. Mas quaes foram os tropheus e triumphos deste Achilles com tão prodigiosa espada? E' certo, e de fé, que foram tantas as suas victorias, quantas as batalhas, como se trouxesse a soldo a fortuna debaixo das suas bandeiras: comtudo, depois de tantas vezes vencedor o famoso Macchabeu, e de ter conquistado o glorioso nome de invicto entre todas as nações do mundo, finalmente na batalha contra Bacchides, tendo triumphado de outros muito maiores exercitos, foi vencido e morto. E porque? Porque este valorosissimo capi-

tão, ou conquistando, ou defendendo, ou sitiando, ou sendo sitiado, ou guerreando em campanha aberta, sempre ás forças do braço e da espada ajuntava as da oração; e só nesta ultima e infeliz batalha (como em muitos logares nota o A' Lapide) não se lê na Escriptura que orasse. Tão fortes e invenciveis são as armas acompanhadas da oração, e tão fracas e sujeitas a ser vencidas, se as não assiste este divino e todo poderoso soccorro. Assim que se a Bahia ainda duvída, e pergunta donde lhe veiu a felicidade da victoria, com que se vê segura e triumphante: *Unde hoc mihi?* saiba que mais a deve ás mãos levantadas, que ás mãos armadas: mais aos que batiam o céu, que aos que combatiam o inimigo: mais aos que por ella oravam, que aos que pelejavam por ella.

VI

Temos respondido á Bahia com duas resoluções, ambas certas, e me detive tanto na prova de ambas, porque ainda estamos em tempo de as haver mister. O inimigo, ainda que fraco, nunca se ha de desprezar, quanto mais poderoso! E se é poderoso e affrontado, então se deve temer e esperar com maior cautela. Desenganados pois no primeiro discurso, que as victorias se não devem attribuir só ao valor dos soldados e força das armas, e persuadidos no segundo, que antes se deve esta gloria á efficacia e soccorro das orações, com que a nossa defeza de dia e de noite, publica e privadamente foi tão assistida; agora quero eu declarar o meu pensamento, e peço que antes de ouvidos os fundamentos delle, m'o não estranhem ou condemnem.

Respondendo pois terceira vez absoluta e resolutamente á pergunta da Bahia: *Unde hoc mihi?* Digo que o donde lhe veiu a victoria que celebra, é desta mesma Casa de Misericordia, em que estamos, e que os soldados, aos quaes principalmente se deve, são os que militam debaixo da sua bandeira. Os que militam debaixo da bandeira da Misericordia, por diverso modo, ou são os Irmãos que exercitam as obras da mesma Misericordia com os pobres e enfermos, ou são os mesmos pobres e enfermos, que elles sustentam, re-

medeiam e curam: e posto que estes pareçam incapazes de pelejar, a uns e outros se deve egualmente a gloriosa defeza da nossa metropole. Tudo isto provará em seu logar o nosso discurso.

Beatus qui intelligit super egenum, et pauperem. [1] Ditoso e bemaventurado (diz o Propheta Rei) todo aquelle que entende e se occupa em servir e remediar os pobres. Não é este o fim e instituto da santa Irmandade da Misericordia, como se foram as palavras trasladadas do seu proprio compromisso? Sim. E porque diz o Propheta, que são ditosos e bemaventurados todos os que se exercitam e occupam em obra tão pia? Segue-se o porque: *In die mala liberabit eum Dominus.* [2] Porque no dia máu, isto é, nas occasiões de aperto e perigo os livrará Deus: e se o perigo e aperto fôr de guerra, em que se virem accommettidos, sitiados, ou assaltados, Deus não permittirá que sejam entregues ao poder de seus inimigos: *Et non tradet eum in animam inimicorum ejus.* [3] Note-se a palavra *in animam*. O animo com que vinha o inimigo, era de que a Bahia se lhe entregasse, (offerecimento que tantas vezes nos fez pelos seus Trombetas) e por consequencia se lhe rendesse o resto do Brazil. Mas Deus lhe desanimou esse animo, e lh'o desmaiou de tal maneira, como mostrou o successo.

E porque não pareça que esta promessa divina de defender aos que se occupam no remedio e cura dos pobres, é só feita a elles; é digna de se não passar em silencio uma subtileza de Hugo Cardeal, sobre as palavras: *Dominus conservet eum*, [3] que se seguem no mesmo Texto: *Conservet eum* (diz o grande Commentador) *id est, cum aliis servet.* O verbo simples *servare* significa guardar e defender absolutamente: o composto *conservare*, por virtude ou additamento daquella proposição, *com*, não só significa, guardar e defender de qualquer modo, senão guardar e defender-se a si com outros, ou a outros comsigo: *Conservet eum, id est, cum aliis servet.* Explico e applico juntamente por não gastar dois tempos. Assim como uma cidadella muito forte não só defende aos que es-

---

1 *Psalm.* XL, 1.
2 *Ibid.*, 3.
3 *Ibid.*

lão dentro, senão aos de toda a cidade, assim esta Casa da Misericordia (por isso não acaso, senão com grande providencia levantada, e collocada no coração da Bahia) não só guardou e defendeu aos da mesma Casa, que são os que nella exercitam as obras de misericordia, senão a todos os mais. E' o que já tinha dito com o mesmo pensamento Santo Agostinho: *Deus, qui habitat in vobis, custodiet vos ex vobis, id est, si alter sit solicitus ex altero.* [1] Quando vós fordes sollicitos, e procurardes o bem e saude uns dos outros, Deus que habita em vós, guardará tambem a uns pelos outros, isto é, *vos ex vobis*, vós que não tendes essa occupação, nem esse cuidado, pelos que o teem. Quem tem o cuidado dos pobres: *Qui intelligit super egenum, et pauperem?* Os que curam delles, e os servem nesta Casa de Misericordia; pois vós, os que não sois da mesma casa, e não professaes ser Irmãos da Misericordia, tambem vós sereis guardados e defendidos, não por vós, senão por elles: *Vos ex vobis.* Só apontando com o dedo se póde isto declarar. Vós que não sois Irmãos da Misericordia, por beneficio e merecimento de vós, que o sois: *Vos ex vobis.*

VII

Já temos o primeiro e principal fundamento da nossa felicidade, que foi livrar-nos Deus do poder e intentos do inimigo: *In die mala liberabit eum Dominus, et non tradet eum in animam inimicorum suorum.* Passemos agora ao glorioso da victoria, sem nos apartar em nada, antes confirmando em tudo a verdadeira causa della. Entrou Christo, Redemptor nosso, triumphando em Jérusalem, e os que acompanhavam e seguiam o triumpho com acclamações e applausos: *Cædebant ramos de arboribus*, [2] cortavam ramos das arvores, diz o Evangelista; e estes ramos, como declara o uso e tradição da Igreja, e refere o antiquissimo Clemente Alexandrino, [3] eram de oliveira e

[1] Aug. in Regula Clericorum.
[2] *Math.*, XXI, 8.
[3] Clemens, Lib. 1. Pa dag. Cap. 5.

palma. Não pare o triumpho, mas reparemos nós na união destes ramos. Os ramos da palma muito bem diziam com o triumpho, porque cada folha dos ramos das palmas é uma espada; porém a oliveira, que antes significa paz que guerra; misericordia e piedade, e não violencia nem rigor, porque se ajunta neste triumpho com a palma? Por isso mesmo. Porque a palma significa a victoria, a oliveira significa a misericordia, e nos triumphos dos christãos, como no de Christo, os ramos da palma andam tão unidos, e como enxertados nos da oliveira, que da oliveira dependem as palmas, e da misericordia as victorias. Drogo Hostiense: *Egredere cum pueris Hebræis, qui transeunt simpliciter in occursum Domini, sterne in via ramos olivarum, et opera misericordiæ pedibus ejus accommoda: accipe frondes palmarum, ut triumphes.* [1] Se quereis victorias, soldados de Christo, não vos digo que imiteis os Samsões, nem os Gedeões dos hebreus, senão a simplicidade dos meninos de Jérusalem. E como? Diz o Evangelista que os meninos lançavam os ramos no caminho, por onde o Senhor triumphante havia de passar: *Sternebant in via:* [2] e vós da mesma maneira os ramos da oliveira, que são as obras de misericordia, applicae-as aos pés de Christo, que são no seu corpo mystico os pobres e miseraveis: *Et opera misericordiæ pedibus ejus accommoda:* e logo tomae e levantae os ramos das palmas victoriosas, porque sem duvida triumphareis: *Accipe frondes palmarum, ut triumphes.*

Já vereis a imagem da victoria armada, e com a espada em uma mão, e a palma na outra; eu quero emendar esta imagem, porque mais parece gentilica que christã. Acceito a palma em uma mão, e porque se não queixem os soldados, tambem a espada na outra: mas ainda lhe falta a esta pintura a principal insignia da victoria. E qual é? A corôa. *Non coronabitur, nisi qui legitimè certaverit:* [3] Não será coroado como vencedor, senão o que pelejar legitimamente. Entre os Romanos havia grande multidão e variedade de corôas: civicas, muraes, rostratas, cas-

1 Drog. de Pass. Sacram.
2 *Math.*, XXI, 8.
3 *2.ª ad Thim.*, II, 5.

trenses, etc., e as principaes eram formadas de hervas e plantas, como tambem as dos imperadores; porque naquelle tempo, coroava-se a honra, e não a cubiça. De que ha de ser pois formada ou tecida esta corôa da imagem da victoria emendada? Diga que ha de ser tecida de ramos de oliveira, e de oliveira signaladamente, porque a oliveira é symbolo da misericordia, e das obras della. Ouvi um grande Texto. David era tão piedoso e compassivo como valente: virtudes que sempre andam juntas, assim como a crueldade é propria dos covardes e fracos. E fallando aquelle grande capitão com a sua alma com a qual os que seguem as armas costumam ter pouca conversação diz-lhe assim: *Benedic anima mea Domino: et noli oblivisci omnes retributiones ejus: qui propitiatur omnibus iniquitatibus tuis, qui redimit de interitu vitam tuam, qui coronat te in misericordia, et miserationibus:* [1] Louva, alma minha, a Deus, e não te esqueças das grandes mercês que tens recebido de sua liberal e poderosa mão. Lembra-te que elle é que te tem perdoado os teus peccados, elle o que na guerra te livrou tantas vezes a vida, e elle o que te coroou nas victorias com a misericordia e suas obras; isso quer dizer: *In misericordia, et miserationibus; misericordia in habitu, miserationibus in effectu.* [2] E cuja foi esta misericordia que coroou a David victorioso? Foi a misericordia de Deus, que por sua misericordia o coroou, ou foi a misericordia de David, o qual nella deu a materia a Deus para o côroar? Responde Didimo, antigo Padre Grego, exquisita e finamente, que a misericordia e obras de misericordia de David, foram a materia de que Deus lhe teceu a corôa com que o coroou: *Coronat te in misericordia, et miserationibus, quippe coronæ materia est misericordia, et miseratio: sicut enim alii coronam justitiæ percipiunt ex justitia contextam; sic etiam tu (ó anima mea) ex misericordia, et miserationibus coronaberis.* [3] Notem-se muito aquellas grandes palavras: *quippe coronæ materiæ est misericordia, et miseratio.* De sorte que a materia de que foi formada e tecida por Deus a corôa

---

[1] *Psalm.* CII, 2, 3 e 4.
[2] Hugo ibi.
[3] Didym. ibi in Catena Græcor. PP.

de David victorioso, foi a misericordia e obras de misericordia do mesmo David. E como a misericordia em divinas e humanas lettras é symbolisada na oliveira, de oliveira ha de ser a corôa, que na imagem ou estatua da victoria emendada se lhe ha de accrescentar á palma.

VIII

Agora se segue o que parece mais difficultoso na minha proposta, e é dever-se a nossa victoria a todos os que militam debaixo da bandeira da misericordia, e não só misericordia activa, que são os ministros da irmandade, que a exercitam, senão tambem os pobres enfermos da passiva, que a recebem. Outra alma tão piedosa e compassiva como a de David, que é a que vulgarmente se chama Alma santa, nos dará a prova. Sahiu ella de casa em seguimento do sagrado Esposo, e como o não encontrasse nas ruas, nem nas praças, chegou até os muros da cidade, e alli diz que os soldados que estavam de guarda nos mesmos muros, a feriram e lhe tomaram a capa. Capa diz, e não manto, porque já então os trajos e vestidos dos homens começavam a se ir effeminando, e passando ás mulheres: *Percusserunt, et vulneraverunt me, et tulerunt pallium meum custodes murorum.* [1] Quem fossem ou representassem estes soldados que guardavam os muros da cidade, interpretam variamente os Expositores daquelle livro, que todo é allegorico, e a allegoria que com mais propriedade e doçura se accommoda ás circumstancias do Texto, é dos que teem para si, que aquelles soldados da guarda significavam os pobres. Assim como o pobre é epitheto do soldado, assim não é muito que o soldado seja sinonymo do pobre. Diz pois a Alma, que aquelles pobres a feriram, porque a vista delles e da sua miseria, a trespassou toda, e lhe feriu o coração de lastima e dôr. E accrescenta que lhe levaram a capa, porque, como estava fóra de casa, e não tinha outra coisa com que os soccorrer, lh'a largou, e deu de esmola. Já temos a Alma em corpo, que é o habito do

[1] *Cant.*, v, 7.

soldado. E como ella na piedade com que se compadeceu dos pobres, e na liberalidade com que os soccorreu, mostrou bem ser da irmandade desta Casa, e dos que militam debaixo da bandeira da misericordia, não hão mister elles maior prova do seu valor, e do muito que podem e obram na guerra: *Tulerunt pallium meum.* Levaram-me (dizem) os pobres a capa: e se quem dá ametade da capa aos pobres, é Martinho, quem dá toda a capa é Marte.

Accrescento em confirmação, que se quando os irmãos da Misericordia tiram a capa para tomar a veste da Irmandade, se soubesse o mysterio, que debaixo della se encerra, ninguem lhe poderia duvidar a grande parte que tiveram na nossa victoria. Louva Salomão no seu Epitalamio os cabellos do divino Esposo, Christo, e como as comparações deste grande sabio são tão profundas como a sua mesma sabedoria, diz que os cabellos do mesmo Senhor são como os ramos da palma, e negros como um corvo: *Comæ capitis tui sicut elatæ palmarum, nigræ quasi corvus.* [1] Enigma temos, e não facil de adivinhar. Santo Agostinho, S. Jeronymo, Santo Ambrosio e S. Gregorio, todos os quatro Doutores da Igreja, dizem que Samsão foi figura de Christo, e eu dissera, que alludiu Salomão aos cabellos do mesmo Samsão, e por isso com muita propriedade os compara ás palmas, porque os tropheus de Samsão e as suas famosas victorias sempre elle as trouxe pendentes nos seus cabellos. E esses cabellos em que consistia a fortaleza de Samsão, quantos eram? Outros tantos quantas são as obras de misericordia, sete. Digamos logo que se comparam os sete cabellos de Samsão ás palmas, porque ás obras de misericordia quiz Christo que andassem vinculadas as victorias dos christãos. Parece que não estava máu o sentido do enigma, nem o empenho do pensamento, se tivesse fiador. Eu o tenho e muito abonado, S. Paulino, e sobre o mesmo passo. Repara o Santo no que nós ainda não ponderamos, e é que Salomão depois de comparar os cabellos de Christo ou de Samsão (que ambos são nazarenos) ás palmas, diga que são negros como um corvo: *Comæ tuæ sicut elatæ palmarum, nigræ sicut cor-*

---

[1] *Cant.*, v, 11.

vus. E que resolve o engenho doutissimo de Paulino? Não toma o corvo em commum, senão em particular, e não só diz que era, senão tambem qual não era: *Bonus iste corvus non ille ad arcam revertendi immemor, sed ille pascendi Prophetæ memor*. Na Escriptura Sagrada temos dois corvos muito celebres: o de Noé, e o de Elias. E a este diz o Santo que se comparam os cabellos de um ou outro Samsão, depois de comparados ás palmas. E porque? Porque a este corvo o escolheu Deus para se servir delle como de seu irmão da misericordia. Muitos neste mundo alcançam os cargos só pelo merecimento do seu vestido: e este merecimento não lhe faltava tambem ao corvo de Elias pela côr das pennas, e similhança da veste preta: *Nigræ quasi corvus:* mas Deus, posto que tão amigo das proporções, não o elegeu só por esta para ministro e irmão da sua Misericordia, senão porque o era nas obras della: *Ille pascendi Prophetæ memor*. Andava Elias no tempo daquella grande fome pobre, fugitivo e desterrado, e o corvo, com admiravel pontualidade e perpetua assistencia, todos os dias pela manhã e á tarde, lhe levava não só o necessario senão tambem com muita abundancia: *Panem, et carnes mane, similiter panem, et carnes vespere*. [1] E como este corvo era tambem Irmão da Misericordia (e Irmão da Meza) por isso Salomão á comparação das palmas ajuntou a do corvo, para que se veja quão devidas são, e quanto se devem aos irmãos da Misericordia as victorias. A proposito da nossa e deste corvo me lembra a diligencia e valor do outro tão famoso e conhecido, que foi o primogenitor daquelles, cuja memoria e descendencia se conserva na nossa Sé de Lisboa. Sahiu ás praias de Portugal o corpo defunto do nosso padroeiro S. Vicente, voou logo o corvo como Irmão da Misericordia aos Officios da sepultura, e porque um lobo naquella occasião lhe quiz dar outra bem differente na sua voracidade, o valente e animoso corvo ferindo-o com o bico, e sacudindo-o com as azas, lhe fez tal guerra que com mais sangue que a fome que trazia delle, deixou a preza e a empreza, e com tanto medo, como se fôra de um leão, se retirou fugindo. Isto quanto aos Irmãos da Misericordia activa.

[1] *3.º Livr. dos Reis*, XVII, 6.

IX

Quanto aos pobres da passiva, que dissemos militar debaixo da mesma bandeira e que guardaram a nossa cidade: *Custodes murorum;* aqui entra o que elegantemente diz S. João Chrysostomo: *Sunt et hic castra pauperum, et bellum, in quo pro te pauperes pugnant.* Tambem os pobres teem os seus arraiaes, e outro genero de guerra, no qual pelejam por nós e nos defendem. Quem quizer vêr estes arraiaes, e a ordem, repartição e architectura militar delles, entre por essas enfermarias. Mas de homens enfermos, feridos, estropeados, e alguns delles sem mãos e sem braços, que defeza se póde esperar? Já houve quem o dissesse, e em sitio mais apertado que o nosso. Quando David novamente recebido por todo Israël quiz mudar a côrte de Hebron para Jérusalem, defendiam a fortaleza de Sião os Jebuseos, os quaes cercados não por uma, como nós, senão por todas as partes, apparecendo em cima das muralhas diziam por mofa aos conquistadores, que se queriam lá entrar haviam de tirar primeiro de dentro os mancos, cegos, aleijados. *Non ingredieris huc, nisi abstuleris cæcos, et claudos, dicentes, non ingredietur David huc.* [1] As feridas são a gala e gloria dos soldados como dos Martyres: quanto mais feridos, mais retalhados e mais despedaçados, tanto mais valentes, mais honrados, mais famosos. A isto alludiam as barbatas dos Jebuseos, como escreve Josepho querendo dizer, que os que defendiam aquella fortaleza eram soldados velhos, não só curtidos, mas cortados nas batalhas, tanto melhor vistos e intelligentes da guerra, quanto nella tinham perdido os olhos, e tanto de melhores mãos e maior firmeza a pé quedo, quanto mancos e aleijados. [2]

Até aqui a historia, de que eu não quero mais que a similhança. Entrae nesse hospital ou nessas casas fortes da caridade, e vel-as-heis cheias ou alastradas de pobres todos, ou enfermos, ou feridos e uns sem pés, outros sem braços, e algum sem olhos, mas es-

---

[1] *2.º Livr. dos Reis*, v, 6.
[2] Lib. VII. Antiq. Cap. II.

ses mesmos no tempo em que nos sitiava o inimigo, pelas boccas das suas mesmas feridas lhe estavam dizendo: *Non ingredieris huc*, não has de entrar cá. Succedeu então na Bahia uma troca, ou metamorphose admiravel, e foi que os mesmos soldados que por feridos e mal feridos eram trazidos em hombros ou braços alheios da campanha a esta Casa da Misericordia, nem por isso deixavam de pelejar, antes agora o faziam não só com maior valor e maiores forças, senão tambem em muito maior numero. Os nossos olhos não viam esta maravilha, mas os olhos de Deus a estavam vendo. E todo este augmento de forças, e multiplicação de numero donde lhe vinha? De entrarem neste segundo corpo da guarda, e se aggregarem aos *custodes murorum*, que são (como já vimos) os pobres que a Casa da Misericordia sustenta e cura. A prova desta maravilha ainda diz mais do que eu tenho dito. No Psalmo decimo e undecimo diz o Texto sagrado repetidamente, que os olhos de Deus estão olhando para o pobre: *Oculi ejus in pauperem respiciunt:* [1] e nomeando-se dez vezes os pobres nestes mesmos Psalmos, nota Genebrardo, que em todos estes logares é com tal palavra na lingua hebraica, que juntamente quer dizer pobre, e quer dizer exercito: *Oculi ejus in pauperem respiciunt, oculi ejus in exercitum respiciunt.* De sorte que os nossos olhos em cada um daquelles soldados retirados da campanha por mal feridos estavam vendo um pobre homem fraco, desfalecido, estropeado, e os olhos de Deus o estavam vendo não só forte, valente, são e inteiro, senão multiplicado em muitos. Cada um na campanha entre os soldados era um só homem, no hospital entre os pobres era um exercito: *In pauperem, in exercitum.*

Isto viam, ou se via nos olhos de Deus. E nos ouvidos do mesmo Deus succedia outra não menor maravilha. Os ais desse mesmo soldado desvahido de sangue, e quasi desmaiado, e os gemidos das curas, cujas dôres são muito maiores que as das feridas, estes ais e estes gemidos chegavam aos ouvidos divinos, e como se fossem caixas ou trombetas que tocassem arma ao mesmo Deus. Agora, diz o mesmo Omnipotente, me levantarei eu, e me porei em campo a

[1] *Psalm.* x, 5.

soccorrer-vos: *Propter miseriam inopum, et gemitum pauperum nunc exurgam, dicit Dominus.* [1] Note-se muito aquelle *nunc*, agora, agora, e não antes; não quando os nossos soldados sahiram a impedir o passo ao inimigo, que tão arrogante marchava em demanda da cidade: não quando as nossas baterias começaram a responder furiosamente ás suas: não quando a nossa mosquetaria chovia sobre elles balas: não quando as suas mesmas alcanzias rechaçadas como péllas lhes tornavam a rebentar na cara; mas quando os ais e os gemidos dos lastimosos feridos chegavam aos ouvidos de Deus. Agora, agora, disse Deus, me levantarei: *Nunc exurgam, dicit Dominus.* E que havia de succeder levantando-se Deus? Levantou-se Deus, levantou-se o sitio, levantou-se o inimigo, lá vae fugindo. A nossa artilheria alegre despediu-se das suas popas com tres salvas, mudos e tristes sem trombeta, nem bandeira.

X

Parece-me que tenho bastantemente provado o meu pensamento, sem sahir, como dizia, desta Casa. Agora sigamos a Virgem Senhora nossa até á de Zacharias, que não é outra senão esta mesma: e nella verá a Irmandade da Misericordia a sua bandeira, a sua milicia e as suas victorias: e dentro do mysterio da Visitação veremos todos o que atégora temos ouvido.

Exurgens Maria abiit in montana cum festinatione, et intravit in domum Zachariæ. [2] Concluida a embaixada do Anjo, partiu-se elle de Nazareth, onde se tinha obrado o altissimo mysterio da Encarnação do Filho de Deus, e a Virgem já Mãe do mesmo Filho, não se deteve na mesma cidade um momento, mas logo a toda diligencia partiu para as montanhas, onde Zacharias tinha a sua casa. O que lá fez e disse a Senhora, sem fallar outra palavra, foi o seu famoso cantico da *Magnificat*, o qual se divide em duas partes. A primeira contém a acção de graças tão devota e tão

[1] *Psalm.* XI, 6.
[2] *Luc.*, I, 39 e 40.

humilde da mesma Virgem por tão soberana mercê: *Quia respexit humilitatem ancillæ suæ, quia fecit mihi magna qui potens est, et sanctum nomen ejus.* A segunda canta as victorias do braço de Deus, então encarnado contra os soberbos e poderosos do mundo: *Fecit potentiam in brachio suo, dispersit superbos mente cordis sui, deposuit potentes de sede.* E' o que do mesmo dia, e do mesmo logar se refere nos Livros da Sabedoria: *Omnipotens sermo tuus de cœlo à regalibus sedibus, durus bellator in mediam exterminii terram prosilivit.* [1] Mas se todo este mysterio se obrou na cidade de Nazareth, a celebridade delle porque se não fez na mesma cidade, e o *Te Deum*, e as festas se foram ás montanhas? Nem é menos digno de notar, que esta mudança de logares não só a fez a Virgem Maria: *abiit in montana*, senão tambem o mesmo Espirito Santo. Em Nazareth: *Spiritus Sanctus superveniet in te:* [2] nas montanhas: *Repleta est Spiritu Sancto Elisabeth.* [3] Que razão houve logo (que não podia ser sem novos e grandes motivos) para que a primeira parte do Cantico da Senhora, que foi a acção de graças, e a segunda, que foram as victorias de seu Filho, se não cantassem em Nazareth, onde tinha a sua mesma casa, senão nas montanhas, e em casa de Zacharias? A razão manifesta foi, porque em casa de Zacharias exercitou a Senhora as primeiras obras de misericordia, e em Nazareth não havia materia para isso. Ora vède. O que o Anjo em Nazareth disse á Virgem foi: *Et ecce Elisabeth cognata tua, et ipsa concepit filium in senectute sua:* [4] que sua parenta Isabel naquella sua velhice tinha concebido um filho. As obras de misericordia dividem-se em dois generos: obras de misericordia espirituaes, e obras de misericordia corporaes. Ao filho, que era o Baptista, livrou e santificou a Senhora do peccado original, que foi obra de misericordia espiritual: á mãe assistiu-a nas molestias da prenhez, as quaes naquella edade são maiores, que foi obra de misericordia corporal: (por isso tendo dito o Anjo que

---

1 *Sap.*, XVIII, 15.
2 *Luc.*, I, 35.
3 *Ibid.*, 41.
4 *Luc.*, I, 36.

já estava no sexto mez: *Et hic mensis sextus est illi*, [1] a assistencia da Senhora foi dos tres mezes que faltavam para o parto: *Mansit autem cum illa quasi mensibus tribus:)* [2] e como na casa de Zacharias se exercitaram as obras de misericordia, o que não podia ser na de Nazareth, por isso naquella casa da misericordia se fez a acção de graças, como nós a fazemos nesta, e naquella casa da misericordia se cantaram as victorias do braço de Deus, como nós cantamos nesta a nossa victoria, confessando que foi sua.

Agora vêde como na mesma casa da misericordia, onde as primeiras obras de misericordia se exercitaram, e a Virgem com seu Filho as exercitou, alli levantou a Senhora a primeira Irmandade da Misericordia, e alli levantou a bandeira desta piedosa e sempre victoriosa milicia. Falla a Virgem Maria de si mesma nos Cantares de Salomão, e assim como della diz hoje o Evangelista: *Intravit in domum Zachariæ*, [3] assim diz de si a Senhora: *Introduxit me in cellam* (ou como está no hebreu: *In domum vinariam*) *et ordinavit in me charitatem*. Que casa fosse esta, a que o Texto chama *vinaria*, entendem commummente os Interpretes, que era uma casa particular, onde naquelle ameno retiro, que El-rei Salomão chamou *Saltus Libani*, bosque do Libano, se guardavam os mais preciosos licôres das vinhas do mesmo monte. Eu, com licença de todos, que não teem na Escriptura mais fundamento que o mesmo nome, sem o mudar nem me apartar delle, entendo que era uma casa onde o mesmo Salomão tinha depositado todos os segredos e extractos da sua physica, e arte medica, a qual professava e ensinava publicamente em uma grande sala do mesmo retiro, como tão necessarios á pratica da mesma sciencia, depois de tantos e tão excellentes Livros que tinha escripto della, e foram as fontes derivadas pelo Egypto, d'onde depois a beberam os Hppocrates e Galenos. Tanto assim que um Salomão allegado por Avicena [4] entendem muitos que foi o rei de Israël. Esta casa podia ser aquella, da qual es-

---

[1] *Luc.*, I, 36.
[2] *Ibid.*, 56.
[3] *Cant.*, II. 4.
[4] Avicena e Serapion.

creve S. Jeronymo nas tradições Hebraicas, que se chamava: *Domus Nechota*, [1] a qual, e similhantes boticas, diz expressamente Isaias, se conservavam no mesmo palacio que finha sido de Salomão, em tempo d'El-rei Ezechias, quando as mostrou, que não devèra, aos embaixadores de Babylonia: *Et ostendit eis cellam aromatum, et odoramentorum, et unguenti optimi, et omnes apothecas supellectilis suæ.* [2] E quanto ao nome de *vinaria, cellam vinariam*, tão longe está de desfazer ou encontrar esta minha exposição, que antes a confirma; porque a palavra *vinaria* debaixo de um só nome significa toda a medicina, e todos os medicamentos. Ovidio, poeta latino:

Temporibus medicina juvat,
data tempore prosunt,
Et data non apto tempore
vina nocent.

E Paniasis, poeta grego citado por Atheneu: [3]

...vinum mortalibus ipsum
Cujus vis medicina mali.

E o que mais é, os dois grandes Doutores da Igreja, S. João Chrysostomo, e Santo Agostinho, [4] um tambem latino, e outro grego, ambos pelas mesmas palavras: *Vinum omnes animi languores delet.*

Entrada, pois, ou introduzida a Virgem Senhora nossa naquella casa universal de todos os remedios e medicamentos, e por isso figura expressa desta em que estamos, que fez o Senhor que levava dentro em si? *Introduxit me Rex in cellam vinariam, et ordinavit in me charitatem.* O que fez, diz a mesma Senhora, que foi instruir nella e com ella, e por ella, uma Ordem chamada da caridade, que é a Irmandade da Misericordia: *Ordinavit in me charitatem.* E que mais? Admiravelmente o Texto hebreu: *Vexillum posuit in me Charitas:* Essa mesma Ordem da Caridade.

[1] *Gen.*, XLI.
[2] *Isai.*, XXXIX, 2.
[3] Atheneus. Lib. 2.
[4] Chrys. Homil. de cast. et sobriet. Aug. ad Virgin. Cap. 1.

e Irmandade da Misericordia levantou em mim a sua bandeira, sendo eu na mesma bandeira a sua insignia. E essa bandeira é de paz, ou de guerra? De guerra e militar, dizem todos os Expositores da palavra *ordinavit*. E entre elles o doutissimo Del Rio, commentando a mesma e a que se segue, *in me*, diz assim: *Statuit me sub vexillo charitatis: jussit me in hoc ordine militare*. De sorte que não só quiz Deus que a Senhora fosse a Padroeira desta Ordem, e a insignia da sua bandeira, senão que tambem com a mesma Irmandade militasse debaixo della.

Em fim, para que a Bahia saiba com toda a certeza donde lhe veiu a victoria que festeja, e de que dá graças a Deus: *Unde hoc mihi*, veja como marchou esta Ordem militar contra seus inimigos, e como vollou triumphante delles. Tudo viram e celebraram os Anjos com duas admirações. A primeira admiração começou perguntando: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi aurora consurgens:* [1] Quem é esta que vae caminhando como a aurora quando se levanta? Como aurora, dizem, porque a aurora é a mãe do sol, e tanto que a Virgem o teve concebido, então se levantou, e caminhou ou marchou: *Exurgens Maria abiit in montana*. Agora se segue o que obrou com a sua milicia ou Ordem militar. *Terribilis ut castrorum acies ordinata:* [2] a palavra *ordinata* significa a mesma Ordem: e a palavra *terribilis* o effeito. O effeito e fim da nossa victoria consistiu propriissimamente no terror com que o medo e confusão poz em fugida o inimigo, de noite, em silencio, precipitadamente, e desamparando tudo. Deste primeiro effeito se seguiu o segundo, e a segunda admiração dos Anjos, já depois da victoria, vendo elles e ouvindo o que nós estamos ouvindo e vendo. *Quid videbis in Sunamite nisi choros castrorum?* [3] Que vereis em Sunamite (que é a mesma Virgem) senão os arraiaes da sua milicia convertidos em côros? Um côro devoto e pio, outro festivo e triumphante: um côro cujas vozes sobem ao céu, outro que alegra a terra: um côro que canta a acção de graças a Deus, o outro que canta e celebra a sua e a nossa victoria.

---

[1] *Cant.*, VI, 9.
[2] *Ibid.*, VII, 1.
[3] *Ibid.*

XI

Satisfeita a duvida, e respondida a pergunta da Bahia: *Unde hoc mihi:* agora quero eu fallar tambem com ella, e dizer-lhe duas palavras. Mas quaes serão estas? Digo, Bahia, que assim como te mostras tão agradecida a Deus pela tua, ou sua victoria, não sejas, nem deves ser ingrata áquelles a quem principalmente a deves. Não pertendo defraudar os nossos capitães e soldados, mas assegurar-lhe pelo meio que direi, as outras victorias que ainda havemos mister, para debellar inteiramente a potencia e orgulho dos nossos inimigos. Na memoravel batalha de Judas Macchabeu contra Nicanor, posto em fugida, depois de mortos muitos, o exercito inimigo, a primeira coisa que fizeram os vencedores foi dar graças a Deus pela victoria: *Benedicentes Dominum, qui liberavit eos in isto die, misericordiæ initium stillans in eos:* [1] e logo recolhidos os despojos, a parte tambem primeira delles dedicaram aos pobres, enfermos, orphãos e viuvas, e depois destas primicias tão piamente empregadas, repartiram o demais entre si: *Debilibus, orphanis, et viduis diviserunt spolia, et residua ipsi cum suis habuere.* [2] Agora saibamos que politica militar foi a destes soldados tão pouco usada nos exercitos ainda christãos e catholicos. O que succede muitas vezes é que depois da victoria, sobre a repartição dos despojos se dêem batalhas entre si os mesmos soldados vencedores. Que motivo tiveram logo os Macchabeus para trocarem esta cubiça natural em uma piedosa liberalidade, e cederem do seu direito applicando não só parte dos seus despojos, senão a primeira, aos pobres e enfermos? Nas palavras notaveis com que deram as graças a Deus, declararam a sua tenção: *Misericordiæ initium stillans in eos.* Applicaram de commum consentimento aquella obra de misericordia aos pobres e enfermos, para que a misericordia que Deus tinha usado com elles, dando-lhe uma tão insi-

[1] *2.º Livr. Macchab.*, VIII, 27.
[2] *Ibid.*, 28.

gne victoria, fosse principio das que esperavam de sua misericordiosa e poderosa mão.

Isto quer dizer aquelle *misericordiæ initium*. E isto mesmo é o que eu digo á Bahia, não só em quanto composta da parte politica e civil, senão tambem da militar: que a primeira parte dos despojos da nossa victoria seja dos pobres enfermos e feridos deste hospital, e dos que a mesma guerra, pela morte dos paes, ou maridos, fez orphãos e viuvas: *Debilibus, orphanis, et viduis diviserunt spolia.* Oh que bem pareceriam quatro daquelles oito canhões das baterias inimigas na porta desta Casa da Misericordia, para eterna memoria da misericordia divina, com que ella nos livrou do perigo em que nos vimos: *Qui liberavit eos in isto die* e para que esta misericordia e esta victoria seja principio das que havemos mister: *Misericordiæ initium stillans in eos!* Não deixemos passar sem ponderação esta ultima palavra, nunca em toda a Escriptura usada nesta materia e em tal sentido. Que quer dizer *stillans in eos?* Não diz que lhe deu Deus a victoria, ou que usou com elles de sua misericordia, senão que a estillou nelles, *stillans in eos*. De sorte que chamaram áquella victoria o estillado da divina misericordia: nome que nós tambem podemos dar á nossa. Se fôra o estillado da Divina Justiça, o qual se faz dos peccados, havia de ser castigo, assolação e captiveiro, que é o que o inimigo pertendia. Assim diz o Texto Sagrado, que no exercito de Nicanor vinham já os mercadores que haviam de comprar por escravos aos Hebreus depois de vencidos. E porque o general e soldados vencedores entenderam que o estillado da misericordia de Deus se faz das obras de misericordia dos homens, por isso tão sabia como piedosamente applicaram áquella obra de misericordia os seus despojos, para que os despojos de uma victoria fossem o principio das outras. *Misericordiæ initium stillans in eos.*

Dir-me-ha a Bahia, que está mui carregada de tributos para sustentar os seus presidios. E eu ainda que lhe não inculcarei minas ou thesouros de prata, responder-lhe-hei com duas sentenças ou alvitres de oiro. Uma sentença é de S. João Chrysostomo, cujo sobrenome quer dizer: o da bocca de oiro: a outra é de S. Pedro Chrysologo, cujo appellido tambem não menos precioso, quer dizer: o das palavras de

oiro. Chrysostomo diz assim: *Hos itaque conspiciens milites quotidie pro te pugnantes, à temetipso istud tributum exige eorum alimenta.* Supposto que os pobres são os soldados que quotidianamente estão pelejando por vós, e defendendo os vossos muros, assim como os reis poem tributos a toda a cidade, para que sustente os seus presidios, assim cada um de vós voluntariamente deve impôr a si mesmo outro tributo, com que sustente estes seus defensores. Isto é de Chrysostomo. E Chrysologo que diz? Que entre as pagas de uns e outros soldados, as dos pobres devem ser as primeiras, como fez o grande Macchabeu, porque os pobres nos livros ou nas matriculas de Deus são as primeiras planas. Vêde-o na paga geral do dia do Juizo: *Venite, benedicti: esurivi enim, et dedistis mihi manducare.* [1] Pelos pobres se começa a paga geral do dia do Juizo, e pelos que os sustentam, porque uns e outros, como vimos, são os que activa e passivamente militam debaixo da bandeira da Misericordia. As palavras do Santo são mais que de oiro: *Prima stipendia pauperis tractantur in cœlo, erogatio pauperis prima divinis inscribitur in diurnis.*

Supposto, pois, senhores, que esta precedencia teem no céu os pobres e as obras de misericordia, razão é que a tenham tambem na terra. Não ponhaes os olhos nestes soldados estropeados, muitos delles sem mãos e sem braços, para desconfiar dos seus soccorros; mas applicae os ouvidos, como dizia, aos seus ais, e aos seus gemidos, que são os que mais penetram o céu e movem a misericordia divina, e por ella a sua omnipotencia para nos ajudar. Nesta efficacissima intercessão, nesta mais que em nenhuma outra devemos pôr a nossa esperança, para que seja segura. Assim nol-a ensina a mesma Virgem Senhora, nossa mestra, com o seu exemplo, e protectora com o seu amparo desta sua Casa. Diz Santo Ambrosio fallando da mesma Mãe de Deus (o que ninguem podéra imaginar por este mesmo titulo): *Non in incerto divitiarum, sed in prece pauperis spem reponens.* Notavel dizer, e por infinitas razões admiravel! A Virgem Maria não é aquella, de quem canta

[1] *Math.*, XXV, 34 e 35.

a Igreja, que é toda a nossa esperança, saudando-a e invocando-a com este mesmo titulo: *Spes nostra, salve?* Pois como a que é a esperança nossa, põe a sua esperança na oração dos pobres? Mais: e agora comprehenderei em uma palavra o infinito desta admiração. O mesmo Filho de Deus, fazendo oração a seu eterno Padre na cruz, pede que o salve por intercessão da Mãe que quando o concebeu se chamou escrava sua: *Salvum fac filium ancillæ tuæ.* [1] Pois se o mesmo Verbo encarnado não allega a seu Pae ser Filho seu, senão de sua Mãe, e nella põe suas esperanças, como a mesma Mãe, esperança nossa e esperança sua, põe a sua esperança na oração e intercessão dos pobres: *In prece pauperis spem reponens?* Não respondo, porque esta admiração não tem outra resposta, senão a mesma admiração. Ficae com ella nos ouvidos e nos corações para que ninguem duvide que a esta Casa da Misericordia e aos pobres della devemos a victoria passada, e que no seu remedio e nas suas orações devemos segurar as futuras. A mesma Mãe da misericordia, e o mesmo Pae das misericordias se dignem de nol-o conceder assim, nesta vida com muita graça, penhor da gloria, etc.

[1] *Psalm.* LXXXV, 15.

SERMÃO

DE

NOSSA SENHORA DO CARMO *

Prégado na festa da sua Religião com o Santissimo Sacramento exposto, na igreja e convento da mesma Senhora, na cidade de S. Luiz do Maranhão, no Anno de 1659

Beatus venter, qui te portavit, et ubera, quæ suxisti: quinimo beati, qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud. [1]

I

Notavel coisa é (e não sei se notada) na Historia evangelica, que todas as vezes que a Christo lhe fallaram no nascimento de sua Mãe, sempre o Senhor respondeu com o nascimento de seu Pae. Pediu a mãe dos Zebedeus as duas cadeiras para os filhos, pelo parentesco que tinham com Christo por parte de sua Mãe; e logo o Senhor respondeu com o nascimento de seu Pae: *Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est à Patre meo:* [2] Não está em mim dar-vos o que pedis, porque já esse despacho está decretado por meu Pae. Prégando Christo outra hora no Templo de Jérusalem, disseram-lhe ao Senhor, que estava fóra sua Mãe, e que o buscava, e logo respon-

---

* Diz Honorati a proposito d'este Sermão que é um engenhosissimo panegyrico da Ordem do Carmo bem fundado em theologia e muito eloquente e que a conclusão tem novidade muito accommodada ao argumento e não impropria do Sermão encomiastico.

[1] *Luc.*, XI.
[2] *Math.*, XX, 23.

deu da mesma maneira, com o nascimento de seu Pae: *Quicumque fecerit voluntatem Patris mei, qui in cœlis est, ipse meus frater, et soror, et mater est.* [1] Quem fôzer a vontade de meu Pae, que está no céu, esse é minha Mãe e todos os meus parentes. Quando a mesma Senhora achou a seu Filho, perdido de tres dias, entre os Doutores, declarou-lhe o amôr e a dôr com que o buscava, dizendo: *Fili, quid fecisti nobis sic?* [2] Filho, porque nos tratastes assim? E até nesta occasião respondeu tambem o Senhor com o nascimento de seu Pae: *Nesciebatis, quia in his, quæ Patris mei sunt, oportet me esse?* [3] Não sabeis, que me importava assistir ao serviço de meu Pae? Deste estylo, ou desta razão de estado de Christo, se entenderá, em não vulgar sentido, a consequencia da resposta do mesmo Senhor, sobre as vozes da mulher do Evangelho. Acabava Christo de convencer com razões as calumnias de seus emulos, os Escribas e Phariseus: achou-se no auditorio uma mulher de qualidade ordinaria, mas de grande entendimento e coração grande: levantou a voz no meio de todos e disse: *Beatus venter, qui te portavit, et ubera, quæ suxisti:* [4] Bemaventurada a Mãe, que trouxe em suas entranhas e sustentou a seus peitos tal Filho. Não parece que o prégador em publico, devia responder a similhantes palavras e a similhante pessoa: mas como lhe fallaram no nascimento de sua Mãe, respondeu o Senhor, e respondeu como costumava, com o nascimento de seu Pae: *Quinimo beati, qui audiunt Verbum Dei, et custodiunt illud:* [5] Antes te digo, que bemaventurados são os que ouvem o Verbo de Deus e guardam o que ouvem. Notae o *Verbum Dei*. Como lhe fallaram a Christo no nascimento da Mãe, acudiu ao nascimento do Pae, advertindo, que se por uma parte era parto de Maria, por outra era Verbo do Padre. Assim declara altamente esta resposta o veneravel Beda, não entendendo no *Verbum Dei*, a palavra de Christo, senão o mesmo Christo, que, segundo a Divindade, é o Verbo e a palavra do Padre:

---

1 *Math.*, XII, 50.
2 *Luc.*, II, 48.
3 *Ibid.*, 49.
4 *Ibid.*, XI, 25.
5 *Ibid.*, 28.

Non autem tantummodo iam, quæ Verbum Dei corporaliter generare meruerat, sed omnes, qui idem Verbum spiritualiter audire, fide concipere, et boni operis custodia, vel in suo, vel in proximorum corde parere, et quasi alere studuerint, asserit esse beatos.

Oh sagrada Religião do Monte Carmelo, como vos fez similhante a si, quem vos fez só para si, e para que levasseis tantos a elle? Tudo isto fazia Christo para introduzir nos animos dos homens a fé de sua divindade, e ensinar ao mundo, que assim como havia nelle duas naturezas, assim tinha dois nascimentos: um nascimento antiquissimo e eterno, em que era Filho de seu Pae, e outro nascimento novo e em tempo, em que era Filho de sua Mãe. E assim como Christo teve dois nascimentos, e ambos virginaes (como lhe chamou S. Gregorio Nazianzeno) um antiquissimo e eterno, em que nasceu de Pae sem Mãe, outro novo e em tempo, em que nasceu de Mãe sem Pae; assim a sagrada Religião Carmelitana teve dois nascimentos tambem virginaes: um antiquissimo na Lei escripta, em que nasceu de Elias Virgem, que foi nascimento de Pae sem Mãe: outro antigo na Lei da graça, em que nasceu da Virgem Maria, que foi nascimento de Mãe sem pae. As duas côres e as duas peças do habito Carmelitano, são a prova e a herança destes dois nascimentos. A prova e a herança do nascimento do Pae sem mãe é o manto branco dado por Elias nas mãos de Eliseu Carmelita: a prova e a herança do nascimento de Mãe sem pae, é o escapulario pardo dado pela Virgem Maria nas mãos de Simão, tambem Carmelita, e Geral santo dos Carmelitas. Só parece differença entre os dois nascimentos de Christo e desta sagrada Religião, que no nascimento de Christo o Pae era do céu e a Mãe da terra: no nascimento dos Carmelitas, o Pae era da terra e a Mãe do céu. Mas nesta troca do céu e a terra, tinham tanto de celestiaes estes nascimentos, e tanto de celestiaes estas duas peças ou divisas do habito Carmelitano, que a Mãe trouxe o escapulario descendo do céu á terra; e o Pae lançou o manto subindo da terra ao céu.

Não ha Religião (posto que todas sejam santissimas) que tivesse taes principios, nem se possa gloriar de taes progenitores. E como estes bemditos filhos foram duas vezes nascidos, e por duas gerações,

ambas miraculosas, ambas singulares, ambas celestiaes e divinas; não será excesso de devoção, nem encarecimento de louvor, que com as mesmas vozes do Evangelho os acclamemos neste dia duas vezes bemaventurados: bemaventurados por filhos de tal Mãe: *Beatus venter, qui te portavit:* e bemaventurados por filhos de tal Pae: *Beati qui audiunt Verbum Dei, et custodiunt illud.* Estas duas clausulas do Texto, e estes dois nascimentos serão o fundamento e materia do nosso discurso. Dae-me attenção, e ajudae-me a pedir graça. *Ave Maria.*

II

Beatus venter, qui te portavit.

A maior excellencia da Virgem Maria, é ser Mãe do Filho de Deus: a maior excellencia da sagrada Religião Carmelitana, é serem os seus filhos, filhos da Mãe de Deus. Para esta gloriosa applicação não temos necessidade de mudar as palavras do Evangelho, senão de as estender mais um pouco: não de as mudar de Mãe a Mãe, porque a Mãe é a mesma; sómente de as estender de Filho a filhos, porque os filhos são diversos, posto que tão parecidos, como em seu logar veremos.

Fallando o Espirito Santo do mesmo ventre virginal, de quem exclamou a voz do Evangelho: *Beatus venter:* diz assim no Capitulo setimo dos Canticos: *Venter tuus sicut acervus tritici, vallatus liliis:* [1] O vosso bemdito ventre, Senhora, é como um monte de trigo cercado de lyrios. Não reparo nos lyrios, nem no trigo; reparo no monte. Os lyrios (diz S. Ambrosio) denotam a pureza virginal do ventre santissimo: o trigo é o Filho que nelle e delle nasceu, como disse o mesmo Christo: *Nisi granum frumenti cadens in terram.* [2] Mas d'aqui mesmo nasce a duvida. Porque se o trigo é um só grão: *Granum frumenti;* como é um monte de trigo: *Acervus tritici?* O ventre bemaventurado e o ventre cercado de lyrios, de que falla um e outro Testamento, é o mesmo ven-

---

[1] *Cant.*, VII, 2.
[2] *Joan.*, XII, 24.

tre virginal. Pois se o trigo que nelle e delle nasceu, é um só grão, como é um monte? E se o grão é Christo, o monte que monte é? E' o monte do Carmo; porque o grão de trigo, e o monte de trigo, ambos são partos do mesmo ventre, ambos são filhos da mesma Mãe. Assim o definiu e declarou o supremo Oraculo da Igreja, o Papa Xisto IV. Ouvi as palavras, que são notaveis: *Venustissima Virgo Maria, quæ Dominum nostrum Jesum Christum admirabili cooperante virtute Spiritus Sancti genuit, ipsa produxit Ordinem Beatæ Mariæ de Monte Carmelo:* A formosissima Virgem Maria, que por virtude admiravel do Espirito Santo gerou a Nosso Senhor Jesus Christo, essa mesma Virgem produziu a Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo. De sorte, que o grão de trigo e o monte, ambos são parto do mesmo ventre, porque a mesma e unica Mãe que gerou um Filho, produziu os outros. Quando gerou a Christo: *Beatus venter, qui te portavit:* quando produziu a Religião do Carmo: *Venter tuus, sicut acervus tritici.* Alli um só Filho, aqui muitos filhos; mas no Filho que gerou, e nos filhos que produziu, sempre a mesma Mãe: *Ipsa, ipsa produxit Ordinem Beatæ Mariæ de Monte Carmelo.*

D'aqui se entenderá aquelle Texto de S. Lucas, em que tropeçou Elvidio, não só como máu theologo, senão tambem como ruim grammatico. Descrevendo S. Lucas o admiravel parto da Virgem Maria em Belem, diz que pariu a Senhora a seu Filho primogenito: *Peperit Filium suum primogenitum.* [1] Primogenito? Logo a Virgem Maria teve outros filhos? Elvidio dizia blasphema e hereticamente que sim: e eu tambem digo que sim catholicamente. A Virgem Maria tem Filho primogenito, e filhos segundos: o Filho primogenito é Christo: os filhos segundos são os seus Carmelitas. Onde Deus é o primeiro, bem se póde ser segundo. Neste sentido refutaram a Elvidio, S. Anselmo, Ruperto, e Guerrico Abbade. Mas porque a applicação destes Auctores é mais universal, tomemos as palavras de Xisto, que não só nos deram o fundamento desta soberana prerogativa mas tambem nos darão a razão della. A Christo diz o Pontifice,

[1] *Luc.*, II, 7.

que o gerou a Virgem Maria: *Genuit:* a Ordem e Familia Carmelitana, diz que a produziu: *Produxit.* E esta é a differença de Filho a filhos, e do Primogenito aos segundos. O Primogenito é Filho gerado: os segundos são filhos produzidos. Subamos um ponto mais acima, para melhor entender este. O Eterno Padre depois que gerou o Verbo, não póde gerar outro filho: mas ainda que não póde gerar, póde produzir: *Ad intra*, póde produzir, e produz o Espirito Santo egual ao Filho: *Ad extra*, póde produzir filhos, mas não eguaes, que são os filhos adoptivos, a quem faz participantes do mesmo Espirito: *Ut adoptionem filiorum reciperemus, misit Deus Spiritum Filii sui in corda vestra.* [1] O mesmo passa na Virgem Santissima, a quem S. Agostinho por isso chamou idéa de Deus: *Si formam Dei te appellem, digna existis.* Filho propriamente gerado e natural, não tem nem póde ter a Virgem Maria mais que um, aquelle que juntamente é Filho Unigenito do Padre: filhos porém, produzidos e adoptivos, póde a mesma soberana Mãe ter muitos, e estes são por especial prerogativa e filiação os Religiosos Carmelitas, aos quaes produziu *ad dextra*, dando-lhe o nome e adopção de filhos: *et ad intra* (que assim se póde dizer) communicando-lhes e produzindo nelles seu proprio Espirito (como veremos) *ipsa produxit.*

III

Eu bem sei que entre o Filho natural, e os filhos adoptivos da Virgem, ha distancia infinita: mas nestes mesmos termos se me transluz uma certa excellencia, que ainda na comparação de filhos a Filho, quasi parece vantajosa. Pergunto: Qual é maior prerogativa, e maior excellencia, ser filho natural, ou filho adoptivo? A adopção é supplemento da natureza; logo parece que maior coisa e mais excellente é ser filho por natureza, que por adopção. Comtudo, absoluta e precisamente fallando, digo, que alguma coisa tem de maior prerogativa ser filho adoptivo, que filho natural. No filho natural funda-se a preferencia na filiação: no adoptivo, funda-se a filiação na preferen-

[1] *Galat.*, IV, 5.

cia. O filho natural ama-se, porque é filho: o filho adoptivo é filho, porque se ama. Ser natural, é fortuna: ser adoptivo, é merecimento. A razão de toda esta differença, é porque os filhos naturaes são partos da natureza: os adoptivos são filhos da eleição. Nos primeiros não tem parte a vontade nem o juizo: nos segundos tudo é juizo, e tudo vontade. Assim o notou advertidamente Santo Ambrosio na Epistola *ad Fisinum*. *Aut natura filios suscipimus, aut electione: in natura, casus est: in electione, judicium.* Os filhos ou são por natureza, ou por eleição: se por natureza, é caso: se por eleição, é juizo. Quanto vae da sorte á escolha, tanto vae de uns filhos a outros. Se os paes escolheram os filhos, muitos haviam de trocar os seus pelos alheios, e talvez antes não quereriam ter filhos, que taes filhos. Parece-vos que escolheria Adão a Caïn, Noé a Cam, Isaac a Ismaël, Jacob a Ruben, David a Absalão? Claro está que não. Mas contenta-se cada um com aquelles filhos que lhe couberam em sorte; porque nesta parte tambem os filhos entram em conta de bens de fortuna. Nos filhos adoptivos, é pelo contrario; porque como o escolher este ou aquelle, depende da nossa eleição, da nossa vontade, do nosso juizo; muito errado será o juizo e a vontade de quem não escolher o melhor de todos, o mais excellente, e o mais digno: *Non est dignus adoptari, nisi qui fortissimus meretur agnosci*, disse Cassiodoro. E a razão que logo dá, é a mesma differença que diziamos: *In sobole frequenter fallimur, ignavi autem esse nesciunt, quos judicia pepererunt.* Nos filhos naturaes não se satisfaz muitas vezes o desejo, porque ainda que são partos da natureza, dá-os a fortuna: nos adoptivos sempre o acerto e a satisfação é segura; porque são filhos da eleição, e partos do juizo: *Quos judicia pepererunt.*

Tal é, ou quasi tal, (com ser infinita a distancia das pessoas) a differença que se acha gloriosamente entre o Filho natural, e estes filhos adoptivos da Virgem Maria. O natural e os adoptivos, um e outros são filhos da mesma Mãe; mas Christo, Filho das entranhas de seu corpo: *Beatus venter, qui te portavit;* os Carmelitas, filhos das entranhas do seu Filho: *Quos judicia pepererunt.* A maior excellencia da Virgem Maria, e, como lhe chama Santo Anselmo, estupenda, é que Maria e Deus sejam Paes do mesmo

Filho: e a maior que se póde dizer desta sagrada Religião, é que os Carmelitas e Christo sejam filhos da mesma Mãe. Nem Deus podia fazer mais a Maria, que dar-lhe a seu Filho por Filho; nem Maria podia fazer mais aos Carmelitas, que dar-lhes a seu Filho por Irmão. E ainda que Christo é Filho natural da mesma Mãe, e elles filhos adoptivos, a filiação natural é parto do corpo: *Beatus venter;* a filiação adoptiva, parto do juizo: *Quos judicia pepererunt.* Não sei se me atreva a dizer nesta differença: *Quinimo Beati.* Mas vêde, bemditos Padres, de que juizo sois filhos. Não sois filhos do juizo de Jacob, como Manassés, e Efraïm, nem do juizo de Augusto ou Trajano, como os seus adoptivos; mas filhos do juizo da Mãe de Deus. Vós e os pensamentos da Mãe de Deus, sois filhos do mesmo juizo. Vêde se vos póde faltar a sua memoria, sendo irmãos legitimos de seus pensamentos. Só o Verbo Eterno é Filho de melhor juizo que vós, porque elle é gerado pelo entendimento de seu Pae, e vós pelo juizo de sua Mãe.

IV

Mas passemos do juizo á vontade, que é a outra parte da alma que concorre para a adopção ou geração dos filhos adoptivos. Fallando Santiago na adopção e dignidade de Filhos de Deus, a que somos levantados pelos merecimentos de Christo, nota muito o Apostolo, e pondera como coisa particular, que neste modo de geração nos gera Deus voluntariamente: *Voluntarie genuit nos Verbo veritatis.* [1] A circumstancia de voluntaria é transcendente e universal em todas as obras de Deus, e em todos os beneficios naturaes e sobrenaturaes, que de sua liberalidade recebem os homens. Voluntariamente nos creou, voluntariamente nos remiu, voluntariamente nos conserva, sustenta, e governa, e tudo quanto faz ou não faz, é voluntariamente. Pois se a vontade e o voluntario de Deus, é tão inseparavel de todas suas acções; como nesta da geração dos filhos adoptivos faz tanta reflexão Santiago, e carrega com tanto pezo em ser voluntaria: *Voluntarie genuit nos?* Das mesmas palavras do Apostolo tirou S. Fulgencio a razão da dif-

[1] *Jac.*, 1, 18.

ferença. Já antes a tinha tocado S. Athanasio, e é digna de ambos. De tres coisas fez menção o Apostolo naquellas palavras: do voluntario, da geração, e do Verbo: *Voluntarie genuit nos Verbo veritatis.* Diz agora S. Fulgencio: *Nos Deus voluntarie genuit, quia voluntas generationem præcessit: in Unigeniti autem generatione nulla generantis præcessit voluntas, ubi sine initio naturali permanet æterna nativitas.* A geração eterna com que o Padre gera o Verbo, não é, nem póde ser voluntaria; porque o Filho é gerado pelo acto de entendimento, com que o Padre se conhece e comprehende a si mesmo, antecedente a todo acto da vontade. E como a geração do Filho natural não é voluntaria, nem livre, senão necessaria, por isso o Apostolo quando fallou na geração dos filhos adoptivos, carregou tanto na circumstancia de ser voluntaria: *Voluntarie genuit nos;* mostrando a differença, e contrapezando a desegualdade, como se dissera: Ainda que Deus não póde gerar mais que um Filho natural, póde comtudo, e gera, muitos filhos adoptivos: e posto que estes não tenham o mesmo ser, os mesmos attributos, e a mesma egualdade com Deus; teem porém uma circumstancia, com que muito se contrapeza essa desegualdade; porque se a geração adoptiva tem de menos o não ser natural, tem de mais o ser voluntaria. E esta circumstancia de ser voluntaria é de tanto pezo, e tanto preço, que quasi se suppre o excesso da primeira geração com o voluntario da segunda. Na primeira dá o Padre ao Filho natural todo o ser divino, mas sem concurso da vontade: na segunda dá o mesmo Padre aos filhos adoptivos só a participação desse ser, mas voluntariamente: *Voluntarie genuit nos.* Não me detenho em applicar á Mãe, o que tenho dito do Pae, porque vou por diante.

Perguntam os Theologos, se Christo é Filho natural de Deus, ou Filho adoptivo? Em quanto Deus, e em quanto Verbo, não ha duvida que é Filho natural. Em quanto homem, Scoto e muitos outros, disseram que era Filho adoptivo. Mas a conclusão mais commum, mais recebida, e mais certa com S. Thomaz, é que tambem em quanto homem é Filho natural. D'aqui se segue, que Christo é duas vezes, e por dois modos, Filho natural de Deus, uma pela geração eterna, outra pela geração temporal. Mas porque razão quiz Deus que o seu Filho Unigenito e natural,

fosse duas vezes seu Filho, e como não contente com o ter gerado uma vez, o quiz gerar outra? Porque ainda que na primeira geração estava satisfeita a natureza, parece que não estava satisfeito o amôr: e para satisfação do mesmo amôr, não só quiz que fosse Filho seu por natureza, senão Filho por natureza e por eleição: uma vez Filho natural com todas as propriedades de natural: e outra vez Filho natural, mas com alguma propriedade de adoptivo. Na primeira geração de Filho de Deus, como vimos, não teve parte alguma a vontade, porque foi geração necessaria, e não livre. Pois para que a vontade e o amôr tenha tambem parte na geração do Filho, torne-se o Filho a gerar outra vez, e assim como é Filho natural por natureza, seja tambem Filho natural por eleição. Foi pensamento altissimo de S. Hyppolito em umas difficultosas palavras, em que parece que ainda diz mais; mas só isto é o que disse, e quiz dizer: *Qualem igitur Filium suum Deus per carnem misit, nisi Verbum; quod à principio, scilicet, Filium vocabit, quia futurum erat, ut ortum caperet. Et cum Filius vocatur, commune nomen amoris erga homines sumit. Nec enim Verbum per se, et sine carne perfectus Filius erat, cum tamen perfectum esset Verbum Unigenitus.* O Filho Unigenito de Deus, (diz Hyppolito) antes de encarnar, e *ab æterno*, sempre foi perfeito Filho, quanto á perfeição e inteireza infinita da natureza: mas quanto á satisfação e nome do amôr, faltava-lhe o concurso da vontade, porque era gerado necessaria, e não livremente; por natureza, e não por eleição: e por isso desde a mesma eternidade lhe decretou, e como adoptou Deus outra geração em tempo; para que se supprisse, e como aperfeiçoasse na segunda, o que sem imperfeição (antes com summa perfeição) não pôde ter na primeira. Na primeira foi o Verbo Filho da natureza fecundissima do Padre, mas sem affecto, como diz S. Gregorio Nisseno: *Pater Filium genuit sine affectu.* Na segunda uniu-se o affecto á natureza, e não contente o Padre com amar o Filho, depois que o gerou, quil-o gerar outra vez amando-o, e porque o amava: e que assim como d'antes se chamava Filho do seu entendimento, se chamasse tambem Filho do seu amôr: *Filii dilectionis suæ*, diz S. Paulo. [1]

[1] *Colos.*, 1, 13.

Estas são as vossas prerogativas, filhos da Virgem do Carmo, que parece competiu a Mãe com o Pae, como Rebecca com Jacob; elle no amôr do filho primeiro, e ella no amôr dos segundos. Sois filhos da Virgem Maria; mas que filhos? Filhos do seu entendimento, e da sua vontade, do seu juizo, e do seu amôr. O seu juizo vos preferiu, e o seu amôr vos elegeu: o juizo vos concebeu, e o seu amôr vos gerou. Não sois filhos do ventre virginal de Maria, porque esse é privilegio singular do Filho de Deus, e seu: *Beatus venter, qui te portavit.* Mas com prerogativa, que não parece menor, antes em certo modo mais sublime, sois filhos das entranhas da sua alma: na sua alma concebidos, na sua alma gerados, e da sua alma nascidos. E quem negará precisamente considerado, que é mais nobre, e mais excellente modo de geração, ser concebido e gerado na alma, que concebido e gerado no corpo? O mesmo Christo fez a comparação neste mesmo caso, e o mesmo Christo o decidiu e resolveu assim. Beatificou Marcella o ventre santissimo da Virgem, por haver concebido e gerado o Christo: *Beatus venter, qui te portavit.* E que respondeu o divino Mestre? *Quinimo beati, qui audiunt Verbum Dei, et custodiunt illud.* Antes te digo, que mais bemaventurados são os que me concebem e geram no coração e na alma, ou seja a minha mesma Mãe, ou qualquer outra. Este é o natural sentido daquellas palavras, como expõe S. Agostinho, e todos os Interpretes. De sorte, que de dois modos concebeu e gerou a Virgem Maria a Christo: concebeu-o no ventre, e concebeu-o no coração: gerou-o no corpo, e gerou-o na alma; e este segundo modo de conceber e gerar, foi muito mais nobre, e muito mais excellente que o primeiro: *Felicius Christum corde, quam ventre gestavit*, diz S. Agostinho. Licença nos dá logo o mesmo Christo, para dizermos destes segundos filhos de sua Mãe, ainda em comparação do *beatus venter, quinimo beati.* Porque sendo Christo e os Carmelitas filhos da mesma Senhora, elle nesta consideração é Filho natural, e elles filhos adoptivos: elle concebido no ventre de Maria, e elles no coração; elle no corpo, e elles na alma; porque são filhos do seu juizo, e do seu amôr.

V

Muito parece que tinhamos dito, se a universalidade deste grande privilegio lhe não tirára o preço de raro, e a estimação de singular! Vejo que me estão dizendo os doutos, e muito mais os interessados, que ser filhos adoptivos da Virgem Maria, não é prerogativa particular desta só Religião, senão de muitas outras Congregações e Communidades, approvadas tambem pela Sé Apostolica, que debaixo do mesmo nome servem e veneram a Mãe de Deus. Estes são os primeiros e maiores oppositores. Os segundos são todos os devotos da mesma Senhora, que com particular affecto e obsequio se lhe teem dedicado; porque ninguem a quiz receber por Mãe, que ella o não acceitasse por filho. Quando Christo na Cruz disse a S. João: *Ecce Mater tua:* [1] accrescenta logo o mesmo Evangelista: *Et ex illa hora accepit eam discipulus in sua.* Ou, como outros lêem: *In suam.* Que desde aquella hora a recebeu o Discipulo por sua. Onde é muito de notar, que da parte de João diz o Texto, que recebeu a Senhora por Mãe, mas da parte da Senhora não diz que o acceitou por Filho. Pois se diz que elle a recebeu, porque não diz que ella o acceitou? Porque não era necessario dizer-se. Tanto que recebemos a Virgem Maria por Mãe, logo ella nos acceita por filhos, sem ser necessaria outra declaração: *Expressit, quod magis dubium esse poterat: tacuit quod minus erat dubium*, commenta Salmeirão. A duvida está em nós a querermos por Mãe: em a benignissima Senhora nos acceitar por filhos, não ha duvida. Oh que grande consolação para todo o peccador! Mas ainda temos mais oppositores, que são todos os fieis, quaesquer que sejam, porque todos os christãos são filhos da Mãe de Christo. Assim o dizem S. Agostinho, Origenes, S. Anselmo, Ruperto, e outros muitos Padres. A razão é porque pela união da fé, e pela regeneração do baptismo, todos os fieis somos membros de Christo, que é a cabeça deste corpo mystico; e a Mãe de Christo é Mãe de todos seus

[1] *Joan.*, XIX, 27.

membros: *Ipsa unica Virgo Mater, quæ se Patris unicum genuisse gloriatur, eumdem unicum suum in omnibus membris ejus amplectitur, omniumque, in quibus Christum suum formatum, vel formari cognoscit, Matrem se vocari non confunditur:* diz Guerrico. E Geliberto Abbade, ainda com palavras mais breves, e mais vivas: *Mater Christi, Mater est membrorum Christi: unde etiam ab omnibus Mater appellatur, et ab omnibus cultu debito, ut Mater honoratur.* Pois se todos os christãos, se todos os devotos da Virgem, se todos os que por instituto se dedicam a seu serviço debaixo do nome e patrocinio de Maria Santissima, são, e se chamam verdadeiramente filhos desta Senhora; que prerogativa é esta da Religião Carmelitana, que tanto atégora encarecemos? Se elles só foram filhos da Mãe de Deus, era uma soberania singularissima, e serem a excepção de todos os homens: porém, sendo esta mesma graça de tantos; é grande, é excellente, é gloriosa, sim; mas parece que não tem nada de singular? Antes por isso mesmo digo, que é singular, e singularissima. Porque serem elles os filhos da Senhora, quando a Senhora é Mãe de tantos e tão illustres filhos, essa é a prerogativa que não tem par.

Não ha coisa que mais me admire na Historia evangelica, que vêr a pompa amorosa, e estylo singular, com que S. João Evangelista calando o nome proprio com que nomeia aos outros Apostolos, quando falla de si, se chama sempre o Discipulo amado: *Discipulum, quem diligebat Jesus.* [1] Tende mão, aguia divina. E Pedro, e André, e os demais, não são discipulos de Jesus? Sim, são; e primeiro discipulos que vós. E Pedro e André não são tambem amados? Sim, são; e primeiro amados, primeiro escolhidos, primeiro chamados. Pois se os outros Apostolos tambem são discipulos, e discipulos amados, que excepção, ou que prerogativa é esta, de que tanto vos prezaes? E' a maior e a mais singular que podia ser. Se não houvera outros discipulos, e outros amados, não era tão excessivo louvor; mas havendo tantos discipulos, e tantos amados; que João seja o Discipulo amado, essa é a gloria singularissima de João. Não

[1] *Joan.*, XXII, 20.

está a singularidade em ser só, nem a grandeza em ser grande; entre muitos ser o só, e entre grandes ser o grande, essa é a singularidade. O mesmo digo dos filhos de Maria; mas quero que primeiro nol-o diga o mesmo S. João. A ultima clausula do testamento de Christo na morte, foi deixar sua Mãe a S. João, e S. João a sua Mãe; ella por Mãe, e elle por filho: *Ecce filius tuus: ecce Mater tua.* [1] Pergunto: E por esta clausula ficaram excluidos os outros Apostolos? Não. É assim o declarou o mesma testador Christo depois de sua Resurreição, quando mandou as Marias aos Apostolos, dizendo: *Ite, nuntiate fratribus meis:* [2] Ide, levae as novas a meus irmãos. Pois se os Apostolos depois desta nomeação de filho em S. João ficaram tambem os irmãos de Christo, e filhos de sua Mãe; que mais lhe deu Christo a elle que aos outros? E se em S. João foi privilegio especial; porque o estendeu aos demais? Para que fosse mais seu, e mais excellente a especialidade. Deu-lhe a companhia para fazer singular, e a comparação para o fazer incomparavel. Os outros Apostolos tambem irmãos de Christo: os outros Apostolos tambem filhos de Maria: mas João entre todos esses filhos, o filho: *Ecce filius tuus.* Assim como S. João em respeito de Christo entre os Discipulos, é o Dscipulo, e entre os amados, o amado, assim em respeito da Virgem, entre os filhos, é o filho. Aos outros deu Christo o nome, a João a antonomasia: aos outros a filiação, a João a especialidade de filho: *Ecce filius tuus, ecce Mater tua.*

Já agora me havereis entendido, e quão proprio e particular é desta bemdita Religião o privilegio singular de filhos de Maria. Filho com os demais, mas não filhos como os demais: com especial eleição, com especial amôr, com especial nome, com especial prerogativa, em fim, com especial filiação, como entre os demais filhos, elles os filhos. Em tres gerarchias particulares dividimos os filhos desta Senhora, cada um de maior a maior excellencia. Na primeira e infima entram todos os christãos, na segunda e meia, todos os devotos da Virgem, na terceira e suprema, todos os dedicados a seu serviço com particular insti-

[1] *Joan.*, XIX, 26.
[2] *Math.*, XXVIII, 10.

futo. Mas sobre todas estas gerarchias, verdadeiramente angelicas, a especialmente escolhida, e como escolhida amada da Rainha dos Anjos, é sua familia Carmelitana. O mesmo Christo Auctor desta graça (como de todas) nos ha de dar a confirmação della. Por bocca e em figura de Salomão no Cap. 6.º dos Canticos, diz assim: *Sexaginta sunt reginæ: et octoginta concubinæ, et adolescentularum non est numerus: una est columba mea, perfecta mea: una est Matri suæ, electa genitrici suæ.* [1] Todos os Padres e Expositores concordam em que nas tres differenças desta divisão, rainhas, mulheres segundas, e damas, se comprehendem tres estados, ou ordens de almas, as quaes, em maior ou menor gráu de perfeição e união com Christo, todas são esposas suas e filhas de sua Mãe. E atéqui temos bem distinctas e expressas as tres gerarchias, que diziamos, de filhos adoptivos da Senhora. O que mais accrescenta Salomão, é, que entre estas tres gerarchias, ou ordens, e sobre todas ellas, ha uma, que é a unica e singularmente escolhida de sua Mãe: *Una est Matri suæ, electa genitrici suæ.* Mas qual é esta unica e singularmente escolhida? Ponderae bem as palavras, e vereis como não é, nem póde ser outra, que a Religião carmelitana: *Una est Matri suæ, electa genitrici suæ.* Não diz só, que é unica, e escolhida de sua Mãe: *Matri suæ:* senão nomeadamente de sua Mãe, que a gerou: *Genitrici suæ:* distinguindo na mesma maternidade dois nomes, e dois modos de ser Mãe. De todas as outras Ordens de filhos seus, é Mãe a Virgem Santissima: mas da Ordem Carmelitana, é Mãe e genetris; porque a gerou e produziu, como dissemos: *Ipsa produxit ordinem Beatæ Mariæ de monte Carmelo.* E porque o modo de produzir e gerar estes filhos, foi a eleição especial, que delles fez; por isso ajuntou logo e declarou a mesma eleição: *Electa genitrici suæ.* Dos outros é Mãe, porque elles, por sua devoção e affecto, elegeram a Senhora: dos Carmelitas é Mãe e genetris, porque ella, por especial eleição, os elegeu: *Electa genitrici suæ.* E por isso unicos filhos entre tantos filhos, e unica Ordem entre tantos institutos: *Una est Matri suæ, electa genitrici suæ.*

---

[1] *Cant.*, VI, 7 e 8.

Houve-se a Senhora na eleição da Ordem Carmelitana, houve-se esta Mãe na eleição destes filhos, como se houve Deus na eleição de sua Mãe. Para Deus eleger por Mãe a Virgem Maria, fez primeiro tres eleições e tres separações de melhor que havia no mundo. De todos os povos elegeu e separou primeiro um povo, que foi o povo hebreu em Abrahão: de todas as tribus desse povo elegeu e separou logo uma tribu, que foi a de Judá: de todas as familias dessa tribu elegeu e separou depois uma familia, que foi a familia de David: ultimamente dessa familia elegeu uma pessoa a mais digna, que foi a Virgem Maria: *Ad Virginem desponsatam viro, de domo David.* [1] O mesmo fez a Mãe de Deus na eleição destes filhos, para que entre todos os seus filhos, elles fossem os unicos, e o escolhido dos escolhidos: *Una est Matri suæ, electa genitrici suæ.* De todos os povos e gentes do mundo escolheu o povo christão, que são os seus filhos por fé: de todos os christãos escolheu os seus devotos, que são os seus filhos por affecto: de todos os seus devotos escolheu as Congregações, que a servem debaixo de seu nome e patrocinio, que são os seus filhos por instituto: e, finalmente, de todos os institutos passados, presentes e futuros escolheu a Ordem do monte Carmelo, para que ella fosse a unica e escolhida entre todos os outros filhos, e sobre todos elles sua: *Matri suæ, electa genitrici suæ.* Todos os outros com mais ou menos prerogativa, e sempre com grande dignidade, são filhos da Virgem Maria, mas os Carmelitas são os seus filhos, os seus: *Matri suæ: genitrici suæ.*

Em respeito dos mesmos paes uma coisa é ser filho seu, e outra muito differente ser o seu filho. Jacob tinha tantos filhos, como sabemos, mas o seu filho era José. Entre os outros filhos tambem havia tres distincções: uns eram de Bala, outros de Zepha, outros de Lia; mas José, que era o primogenito de Rachel, esse era o seu filho. Esta foi a allusão deshumana, com que os invejosos irmãos acompanharam o recado da tunica ensanguentada: *Vide, utrum tunica filii tui sit, an non?* [2] E esta foi a energia da

[1] *Luc.*, I, 27.
[2] *Gen.*, XXXVII, 32.

dôr, com que Jacob, reconhecendo-a, respondeu: *Tunica filii mei est.* [1] Os filhos chamaram-lhe o vosso filho: *Filii tui:* e o Pae chamou-lhe o meu filho: *Filii mei;* porque ainda que todos eram filhos de Jacob, José era o seu filho. E para maior expressão do que nenhum delles duvidava, ajuntando-se (diz o Texto) todos os filhos para consolar o pae: *Congregatis cunctis liberis ejus, ut lenirent dolorem patris:* o que lhes disse, foi: *Descendam ad filium meum lugens in infernum:* [2] Não quero outra consolação, senão a morte, para ir buscar e vêr a meu filho. Pois todos estes que aqui tendes presentes, não são tambem filhos vossos? Sim, são: são meus filhos, mas não são o meu filho. Os outros tambem eram filhos, não o negava Jacob; mas o seu filho era José. Vae muito de ser filho, a ser seu filho. Esta é a differença com que na eleição da Virgem Maria, sendo tantos os seus filhos, e todos queridos, se distinguem muito uns dos outros. Os demais são filhos da Senhora; mas os Carmelitas são os seus filhos: *Una est Mater suæ, electa genitrici suæ.*

VI

Sem nos apartarmos da historia de José, mostrarei o instrumento authentico, e o padrão firmissimo desta differença. Diz o Texto sagrado, que Jacob amava a José sobre todos os outros filhos: *Israel diligebat Joseph super omnes filios suos.* [3] E este excesso e differença do amôr do pae, diz o mesmo Texto, que o viam muito bem os outros irmãos de José: *Videntes autem fratres ejus, quod à patre plus cunctis filiis amaretur.* [4] O amôr é um affecto tão invisivel, como a mesma alma onde nasce e onde vive. E se o amôr não se vê; como viam os outros filhos o amôr de Jacob, e o viam tão distinctamente, que conheciam sem duvida ser José o mais amado: *Videntes quod à Patre plus cunctis filiis amaretur?* Viram-no pelos effei-

[1] *Gen.*, XXXVII, 33.
[2] *Ibid.* 35.
[3] *Ibid.*, 3.
[4] *Ibid.*, 4.

tos, e distinguiram-no pelas côres: *Fecit ei tunicam polymitam.* [1] Fez Jacob a José uma tunica variada de côres, mais nobre que aos outros: e este foi o signal manifesto, por onde conheceram a differença. Quereis vêr como os Carmelitas são os Josés da Virgem Maria? Olhae para aquelle Escapulario, que teem nas mãos, que a mesma Senhora lhes deu, e fez só para elles: *Fecit ei tunicam polymitam. Polymitam*, quer dizer variada de côres. Aquellas duas faxas tiradas das guarda-roupas do céu, com que a Senhora variou o habito branco de Elias, são o caracter do seu amôr, e o signal visivel de serem estes filhos, entre todos os outros, os seus.

Bem sei, que não foi só José o invejado pela singularidade do vestido. Muitas linguas e pennas houve, que quizeram escurecer e impugnar esta gloria, e despir della aos Religiosos Carmelitas, como os invejosos irmãos despiram a tunica a José. Mas já não podem ladrar estes Cerbéros, porque lhes tapou a bocca a Igreja com tantas bullas dos Summos Pontifices. Declararam e confirmaram esta verdade, Alexandre V, Clemente VII, Paulo III, Paulo V, Gregorio Decimoterceio, e outros: e primeiro que todos João XXII, ao qual appareceu a mesma Senhora e lhe revelou que seria promovido ao Pontificado, com condição e promessa, que confirmaria a certeza e privilegios do seu Escapulario a que o mesmo Pontifice chama: *Habitus sancti signum.* Quiz a Virgem, depois de dar esta prenda aos Carmelitas, tornal-a a reconhecer por sua, e dizer como Jacob: *Hæc est tunica filii mei.* Esta, esta é a tunica dos meus filhos. Que muito, logo, que haja invejosos? Deixae-os, que teem muita razão. Eu estou muito bem com as invejas bem nascidas, ainda entre os filhos dos mesmos paes. Invejou Caïn a Abel: e porque o não havia de invejar? Invejou-lhe o ser mais bem visto de Deus; e teve tanta razão, como não tem nenhuma os que invejam outras coisas. Só a graça de Deus se ha de invejar, e depois della (que sempre andam juntas) a graça da Mãe de Deus. Porque não havia de invejar ao filho segundo o outro irmão, se viu que o pae o vestia com primeira estola: *Proferte stolam primam?* Se aquella é a primeira es-

---

[1] *Gen.*, XXXVII, 3.

tola da Mãe de Deus; porque não hão de ser invejados estes filhos? Elles são os filhos segundos da Virgem, em respeito de Christo, e a sua estola é a primeira em respeito de todos os outros filhos. Vestiu ao Primogenito natural, e vestiu aos primogenitos adoptivos, e a um e outros assignalou e distinguiu com a divisa das côres. Quando lhe perguntaram á Senhora, qual era o seu amado sobre todos: *Qualis est dilectus tuus ex dilecto?* [1] Respondeu, que era branco e encarnado, escolhido entre milhares: *Dilectus meus candidus, et rubicundus, electus ex millibus.* [2] Ao Filho amado sobre todos, vestiu do encarnado da humanidade, sobre o branco da divindade; aos filhos amados sobre todos, vestiu-os do pardo seu, sobre o branco de Elias.

No Cap. XIX do 3.º Liv. dos Reis, lançou Elias o manto sobre Eliseu, que foi deitar-lhe o habito da sua Religião, como dizem grandes Expositores daquelle logar, e se provou logo com a renunciação que Eliseu fez de seus bens, e da casa de seu pae, seguindo sempre e obedecendo a Elias. [3] D'alli a tempos, como se conta no 4.º Liv. Cap. 2.º, despediu-se Elias de Eliseu, dizendo-lhe, que pedisse o que queria: e pediu, que se dobrasse nelle o seu espirito: *Fiat in me spiritus tuus duplex.* [4] Respondeu Elias, que era coisa difficil, a que pedira: mas que lhe seria concedida, com condição, que o visse, quando se ausentasse delle: *Si videris me, quando tollar à te.* [5] Apparece nisto o carro de fogo, voa Elias pelos ares, rasga Eliseu as suas vestiduras: *Scidit vestimenta sua.* [6] E depois levantou e tomou para si a capa de Elias, que lhe tinha cahido lá de cima, quando ia voando: *Levavit pallium Eliæ, quod ceciderat ei.* [7] Infinitas coisas havia que ponderar neste famoso successo. Primeiramente parece demasiado desejo, e ainda atrevimento, pedir Eliseu o espirito de Elias dobrado: quanto mais que nem elle lhe podia dar o seu espirito, e muito menos, o que não tinha. E se Deus lhe havia de dar esse espirito, que impor-

---

1 *Cant.*, v, 9.
2 *Ibid.*, 10.
3 *3.º Livr. dos Reis*, XIX, 19.
4 *4.º Livr. dos Reis*, II, 9.
5 *Ibid.*, 10.
6 *Ibid.*, 12.
7 *Ibid.*, 13.

tava que Eliseu visse ou não visse a Elias depois de arrebatado e partido? E se Eliseu já tinha o habito de Elias, para que lh'o deita segunda vez? E se lh'o queria dar, porque lh'o não deu na terra, em quanto estava com elle? E finalmente, porque rasga o seu vestido Eliseu, ficando com um e outro, com o seu rasgado, e com o cahido do céu inteiro?

Tudo isto não foi mais que uma figura prophetica do que depois havia de succeder á Religião Carmelitana, que em Eliseu, como em cabeça, se representava. Pediu propheticamente Eliseu, que se lhe dobrasse o espirito; porque o espirito que tinha recebido na Lei escripta, se lhe havia de dobrar, e aperfeiçoar na Lei da graça; mas não por meio de Elias. Prova-se do mesmo Texto; porque quando Elias a primeira vez lançou o manto sobre Eliseu, disse-lhe, que elle tinha feito de sua parte quanto podia: *Quod enim meum erat, feci tibi.* [1] Logo não era Elias o que lhe havia de dar segunda vez o habito, nem o que lhe havia de dobrar o espirito; e por isso Eliseu não disse: *Da mihi:* senão, *Fiat in me:* E Elias quando respondeu á petição, não disse: *Dabo:* senão: *Erit tibi.* Era pois o mysterio representado propheticamente nesta figura, que os successores de Elias haviam de receber outra vestidura, e que com ella se lhes havia de dobrar o espirito, como succedeu com o sagrado Escapulario. Por isso esta segunda vez não foi dada a vestidura na terra, senão cahida do céu. E por isso Elias pediu a condição, de que o vissem depois de partido: porque se os Carmelitas se não conservassem no mesmo instituto, tendo sempre a Elias diante dos olhos, não mereceriam este favor da Mãe de Deus, nem a mesma Senhora os visitaria no Monte Carmelo, como visitava frequentemente: nem elles no mesmo logar lhe edificariam, ainda antes de sua Assumpção, o primeiro templo. E por isso com admiravel propriedade Eliseu rasgou o habito que tinha recebido de Elias, e levantou e tomou o que cahiu do céu, porque assim o fizeram os Carmelitas, abrindo a vestidura antiga de Elias, e fazendo della o manto branco, e tomando o Escapulario pardo, e a tunica da mesma côr, com que ficaram inteiramente vestidos e signalados por filhos da Santissima Mãe.

---

[1] *3.º Livr. dos Reis*, XIX, 20.

Succedeu-lhe á Senhora com Elias, o mesmo que a Jacob com Labão. Concertou-se Labão com Jacob, que todos os cordeiros que nascessem de duas côres, seriam de Jacob, e os que sahissem brancos, seriam seus: e a este fim deu-lhe só as ovelhas brancas, para que os cordeiros sahissem tambem brancos. Porém Jacob, pondo diante dos olhos ás ovelhas certas varas, nasciam os cordeiros de duas côres: *Factum est, ut parerent maculosa, et diverso colore respersa.* [1] Assim no monte Carmelo, em quanto a Religião Carmelitana teve diante dos olhos só a Elias: *Si videris me, quando tollar à te:* eram os seus cordeiros brancos da côr do habito de Elias, como refere S. Epiphanio, que o viu vestido sua Mãe, quando o concebeu; porém depois que se lhe variou este objecto, e se lhe poz diante dos olhos a vara da raiz de Jessé, a Virgem Santissima, com o Escapulario pardo, sahiram d'alli por diante todos os cordeiros vestidos de lã de duas côres: *Diverso colore respersa.* E por isso signalados com o caracter e divisa de sua Mãe, como filhos especiaes, singulares e mais seus, e distinctos de todos os outros.

VII

Parece-me, que temos satisfeito á evidencia desta gloriosa especialidade e differença; e só nos resta mostrar a razão e fundamentos della, que não serão menos gloriosos. A filiação adoptiva, como se funda, não em caso, ou fortuna da nobreza, senão em eleição do juizo e da vontade, necessariamente suppõe merecimento; e quanto o juizo é mais sublime, e a vontade mais recta, tanto maior merecimento suppõe. Qual é logo, ou quaes são os merecimentos, por cuja singularidade e grandeza mereceram os filhos da Religião Carmelitana ser preferidos e antepostos a todos os outros na eleição da Mãe de Deus? Confesso que em materia tão grave, e em que todas as sagradas Religiões, podem allegar tantos e tão illustres titulos de merecimentos, de obsequio, de devoção, e de serviços tão particulares feitos á Virgem Santissima, não

[1] *Gen.*, xxx, 19.

me soube por muito tempo resolver, até que o mesmo Evangelho, por caminho tão extraordinario, como logo vereis, me guiou a acertar com a verdadeira razão, ou a que eu tenho por tal.

Digo, que foram preferidos os Carmelitas pela grande similhança que esta sagrada Religião, desde seus antiquissimos principios, teve com Christo. E era razão que aquelles fossem preferidos na eleição de filhos adoptivos, que mais similhantes e mais conformes eram ao Filho natural. Governou-se a Mãe de Deus neste decreto da sua eleição pelas mesmas idéas das eleições e decretos divinos. Como decretou Deus *ab æterno* os seus filhos adoptivos? Disse-o S. Paulo no Cap. 8.º da Epist. ad Rom.: *Quos præscivit, et prædestinavit, conformes fieri imaginis Filii sui, ut sit ipse Primogenitus in multis fratribus.* [1] Os que Deus predestinou para filhos adoptivos, predestinou-os tambem para serem similhantes e conformes a seu Filho natural, para que o Filho natural seja o primogenito, e os adoptivos, segundos. De maneira que como os filhos do mesmo Pae todos são irmãos, é bem que sejam parecidos e similhantes; e como Christo, que é o Primogenito, é tambem o exemplar dos demais, para que os adoptivos, que são os segundos, lhe sejam similhantes, é necessario que se retratem por elle e se conformem com elle, porque de outro modo seriam irmãos, e não seriam parecidos. Esta é a fórma dos decretos de Deus das suas eleições; e tal foi o da Virgem Maria nesta sua; só com uma differença, que Deus faz similhantes aos que quer adoptar por filhos; e a Senhora adoptou por filhos aos que achou similhantes. Elias lhes deu a similhança, e a Senhora a adopção; mas a adopção fundada na similhança: *Conformes imaginis Filii sui, ut sit ipse Primogenitus in multis fratribus.*

Quanta fosse desde seu principio a similhança dos Carmelitas com Christo, isto é, dos primogenitos adoptivos da Senhora com o seu Primogenito natural, testificou-o Salomão, não menos que nomeando aos Carmelitas por seu proprio nome. Descreve o Esposo á Esposa no Cap. 7.º dos Canticos, retratando suas perfeições uma por uma; e chegando á cabeça, faz esta

[1] *Rom.*, VIII, 29.

notavel comparação: *Caput tuum ut Carmelus.* [1] A vossa cabeça, Esposa minha, é como o monte Carmelo. Não me espanto que Salomão compare a cabeça da Esposa a um monte, porque as suas comparações são tão extraordinarias, como a sua sabedoria; mas porque mais ao monte Carmelo, que a outro? Saibamos qual é a cabeça comparada, e logo veremos a propriedade da comparação. A Esposa, de que se trata nos Canticos, é a Igreja: a cabeça desta Esposa e do corpo mystico da Igreja, é Christo: *Et ipsum dedit caput supra omnem Ecclesiam, quæ est corpus ipsius:* diz S. Paulo: [2] E querendo comparar Salomão a Christo com alguma coisa da terra, não achou outra que fosse mais similhante a elle, que o monte Carmelo, porque era habitado dos Carmelitas. Justo Orgelitano: *In carmelo monte Sanctus Elias, et Eliseus sæpe receptaculum habuerunt, qua propter in capite Ecclesiæ Domino nostro Jesu Christo, quo sublimius nihil est, justi habitaculum recipiunt.* Muitos varões justos e Santos fizeram celebres e famosos outros montes de Israël e fóra delle; mas não compara Salomão a Christo, nem ao monte Sinay, venerado pela lei de Moysés, nem ao monte Moria, santificado com o sacrificio de Abrahão, nem ao monte Olivete, regado com as lagrimas de David, nem ao monte Libano, frequentado de Josias e Ezechias; mas só e singularmente ao monte Carmelo, porque era o solar nobilissimo dos Carmelitas, consagrado com a santidade de sua vida e instituto. E não houve naquelles tempos nem outra vida, nem outro instituto tão similhante a Christo. E senão, appareça Christo no mundo, e vejamos a quem o comparam os homens, e a quem dizem, que é similhante.

Perguntou Christo aos Apostolos: *Quem dicunt homines esse Filium hominis?* [3] Que opinião havia delle no povo; quem diziam que era? E responderam: *Alii Joannem Baptistam, alii autem Eliam, alii verò Jeremiam, aut unum ex Prophetis:* [4] Uns dizem, Senhor, que sois o Baptista, outros Elias, outros Jeremias, ou algum dos Prophetas. Bravos inimigos

---

[1] *Cant.*, VII, 5.
[2] *Ephes.*, I, 22 e 23.
[3] *Math.*, XVI, 13.
[4] *Ibid.*, 14.

são os homens da edade em que nasceram. Mais depressa crêem que podem resuscitar os grandes homens passados, que nascer de novo outros tão grandes como elles. Sempre a inveja foi vicio de vivos e dos presentes: e até Deus, depois que se sujeitou a nascer, não ficou isento desta injuria do tempo. Mas supposto que cuidavam e diziam, que era um dos antigos, parecia-me a mim, que o haviam de comparar com os Reis, e não com os Prophetas; porque o Messias era esperado como rei, e Christo como rei foi acclamado e adorado dos Magos, titulo que tanto sangue custou aos Innocentes; e as turbas o quizeram levantar por rei no deserto; e finalmente em Jérusalem o receberam com triumpho e applausos publicos de rei: *Benedictus qui venit in nomine Domini, Rex Israel.* [1] Comtudo, era tanta a similhança, que Christo tinha com os Carmelitas, e os Carmelitas com Christo; que a ninguem lhe parecia senão Carmelita. Elias era carmelita, e o primeiro Pae e fundador dos Carmelitas, como consta de toda a Escriptura. O Baptista era carmelita, como dizem S. Gregorio Nazianzeno, S. Macario, S. Antonino: Jeremias era carmelita, senão no logar, ao menos no instituto da vida, como se colhe de S. Jeronymo, na prefação do mesmo Propheta: os outros Prophetas tambem muitos eram Carmelitas; tanto assim, que a Religião Carmelitana pelo nome mais commum se chamava *Cœtus Prophetarum:* congregação dos Prophetas. E como os Carmelitas desde seu nascimento foram tão similhantes e tão parecidos a Christo; havendo a Mãe de Deus de dar irmãos adoptivos ao seu Filho natural, e ao seu Primogenito filhos segundos, claro está, que estes não haviam, nem deviam ser outros senão aquelles que eram mais similhantes, e mais conformes a elle: *Conformes imaginis Filii sui, ut sit ipse Primogenitus in multis fratribus.*

VIII

Só estou vendo, que se me póde instar, e fortemente: Se a similhança com Christo foi o merecimento desta prerogativa; ainda que concedamos liberal-

[1] *Math.*, XXI, 9.

mente aos antigos Carmelitas tudo o que essencialmente pertence, e constitue uma verdadeira Religião; não ha, nem póde haver duvida, que as Religiões da Lei da graça participam muito maior e mais perfeita similhança com Christo: logo, ou qualquer dellas havia de ser a preferida nesta filiação, ou não é este o verdadeiro fundamento e merecimento della. Torno a dizer, que sim. E não me quero valer de um escudo, com que este e similhantes golpes se podiam rebater facilmente; e é, que as leis e regras do amòr não são *stricti juris*. Ainda que as razões do amòr padeçam instancias, nem por isso se faz prova contra a verdade e certeza de suas eleições: antes por isso são mais suas ainda de paes a filhos. Dá a razão a Escriptura, porque Jacob amava mais a José que a todos os outros filhos; e diz, que era, *eo quod in senectute genuisset eum:* [1] porque o havia gerado na velhice. Contra: que esta mesma razão favorecia muito mais a Benjamin, o qual nasceu depois de José, e foi o ultimo filho de Jacob. Comtudo, a conclusão era certa, e a razão em que se fundava, verdadeira, e por tal a qualifica o Texto sagrado. O mesmo podia eu responder, quando a objecção e a instancia subsistira; mas não subsiste. A Religião Carmelitana, havendo começado mais de mil annos antes das mais antigas, teve dois tempos e duas edades: uma depois, e outra antes de Christo. Depois de Christo foi tão perfeita Religião como qualquer das outras da Lei da graça: antes de Christo teve toda a perfeição que permittia aquelle tempo e aquelle estado: e esta circumstancia de ter começado antes, e tanto antes de Christo, é uma prerogativa que a faz unica e singular, e incomparavel na mesma similhança em que se funda a sua preferencia. As outras Religiões foram similhantes a Christo por imitação de Christo: os Carmelitas foram similhantes a Christo antes de haver no mundo Christo a quem imitar. E este modo de ser similhante excede incomparavelmente a todas as outras similhanças. De Job disse Deus, que não tinha similhante na terra: *Nunquid considerasti servum meum Job, quod non sit ei similis in terra?* [2] E porque? S. Agostinho:

[1] *Gen.*, XXXVII, 3.
[2] *Job.*, I, 8.

Quis tantum potuit promereri, cui tale testimonium Dominus perhiberet, nisi hic, qui non imitator invenitur, sed author eorum, quæ gessit: Não teve Job similhante no mundo, porque não foi imitador, senão auctor. Os outros imitaram, elle não teve a quem imitar: elle foi original, os outros copia: elle mestre, os outros discipulos; e mestre antes de vir ao mundo o Mestre do mundo. Mudae o nome de Job em Elias, e tem respondido por mim S. Agostinho.

Mas dê-me licença a vossa devoção, para que eu desenvolva um pouco do muito que está encoberto na differença desta similhança. Diz Christo: *Beati, qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud:* Bemaventurados os que ouvem a palavra de Deus, e a guardam: quanto mais bemaventurados serão os que guardam a palavra de Deus sem a ouvirem? Pois esta é a vantagem que faz a Religião Carmelitana a todas as outras Religiões da Igreja. As outras Religiões ouviram a palavra de Deus, e guardaram-na: a Religião Carmelitana guardou a palavra de Deus antes de a ouvir: as outras Religiões ouviram a palavra de Deus, e guardaram-na; porque primeiro Christo prégou os conselhos evangelicos, em que consiste a perfeição religiosa, e depois os seguiram e abraçaram os fundadores dessas Religiões, e se consagraram ao serviço de Deus debaixo daquelle instituto. Porém a Religião Carmelitana, e seus antiquissimos e santissimos fundadores, ainda Christo não tinha prégado, nem ensinado ao mundo a perfeição e alteza dos conselhos evangelicos, e já elles os guardavam com religiosissima observancia. Ainda Christo não tinha prégado o desprezo do mundo, e já elles tinham deixado o mundo; ainda não tinha prégado a pobreza, e já elles por voto eram pobres; ainda não tinha prégado a castidade e a obediencia, e já elles por voto eram castos e obedientes. Emfim, Christo não tinha prégado nem aconselhado o estado de Religião, e já elles eram Religiosos. Diz S. Paulo, que ninguem póde obrar sem crêr, nem crêr sem ouvir, nem ouvir sem prégador: *Quomodo credent ei, quem non audierunt? Quomodo autem audient sine prædicante?* [1] E os Religiosos Carmelitas, vencendo gloriosamente este impossivel, antes

[1] *Rom.*, x, 14.

de se prégar o Evangelho, o crêram, e antes de o ouvir, obraram: sendo evangelicos antes de haver Evangelho; sendo apostolicos antes de haver Apostolos; sendo christãos antes de haver Christo. Não disse bem. Muito mais é ser Religioso, que ser christão. E quando no mundo ainda não havia quem fosse christão, já todos os Carmelitas eram Religiosos. Marcella levantou a voz, dizendo: *Beatus venter, qui te portavit:* Christo sobre aquella voz levantou mais, e disse: *Quinimo beati, qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.* E os Religiosos Carmelitas, com um contraponto altissimo, podem accrescentar, em gloria do mesmo Christo, outro *quinimo*, e dizer: *Quinimo beati, qui non audierunt, et custodierunt;* porque guardaram a palavra de Christo antes de a ouvir.

Dos Anjos diz David uma coisa notavel: *Facientes verbum illius ad audiendam vocem sermonum ejus.* [1] Que fazem a palavra de Deus para a ouvirem. Não entendo; ou os termos estão trocados. Parece que havia de dizer: os Anjos ouvem a palavra de Deus para a fazerem; e não, os Anjos fazem a palavra de Deus para a ouvirem; porque primeiro é ouvir o que Deus manda, e depois fazel-o. Pois porque diz que fazem para ouvir, e não ouvem para fazer? Porque é tão grande a promptidão e a diligencia com que os Anjos executam a palavra de Deus, que parece que primeiro a fazem, do que a ouvem: no mesmo instante ouvem e executam. Assim se entendem estas palavras, nem admittem outro sentido nos Anjos do céu: porém nos Anjos do Carmelo, sim, porque verdadeiramente executaram a palavra de Christo antes de a ouvirem, e não só antes, e muito antes, senão oitocentos annos antes, que tanto precedeu Elias a Christo. Oitocentos annos antes de se ouvir no mundo a palavra de Christo, já no Carmelo se guardava o Evangelho: *Facientes verbum illius ad audiendam vocem sermonum ejus.* Ainda a palavra de Christo não era ouvida, e já era executada: ainda a palavra de Christo não tinha voz, e já tinha obediencia: ainda a palavra de Christo não era palavra, e já era obras. A maior sentença que disseram os sete Sabios da Grecia, foi: *Sequere Deum.* Mas o espirito e as obras de Abrahão foram

[1] *Psalm.* CII, 20.

tão antecipadas, diz S. Ambrosio, que já elle tinha feito muitos annos antes, o que os Sabios disseram depois: *Quod pro magno inter septem sapientium dicta celebratur* (Sequere Deum) *fecit Abraham, factoquè sapientum dicta prævenit.* E se fazer e executar antes, o que os Sabios de Grecia disseram depois, é grande louvor de Abrahão; qual será o dos Carmelitas em haverem anticipado com as suas obras as palavras da Sabedoria eterna: em fazerem o que Christo ensinou, antes de Christo o ensinar: em serem discipulos de Christo, antes de serem ouvintes de Christo? *Qui non audierunt verbum Dei, et custodierunt illud.*

IX

Mas para que esta similhança entre o Filho natural da Virgem, e os filhos adoptivos, fosse reciproca; não só elles foram imitadores de Christo, mas Christo, em quanto podia ser, os imitou a elles. Não só foram os Carmelitas os que fizeram antes o que a palavra de Deus não tinha dito, mas a palavra de Deus foi a que disse e ensinou depois, o que os Carmelitas tinham feito. Elles guardaram o que Christo não tinha ensinado; e Christo guardou o que elles tinham guardado: *Custodierunt illud.*

Será prova não difficultosa desta maravilhosa excellencia um dos mais difficultosos logares do Evangelho: *Nolite putare, quoniam veni solvere Legem, aut Prophetas: non veni solvere, sed adimplere:* [1] Ninguem cuide de mim, diz Christo, que vim desfazer a Lei e os Prophetas, porque a vim guardar e cumprir. E' certo que Christo veiu desfazer a Lei, porque em logar da Lei escripta, veiu substituir a Lei da graça. Pois se Christo veiu desfazer a Lei; como diz que a não veiu desfazer, senão que a veiu cumprir? Eu o direi, dae-me attenção. A Lei de Moysés (não fallando na parte judicial, que não pertence aqui) tinha duas partes: a cerimonial, e a moral. A cerimonial, essa foi a que Christo desfez, como se desfaz a sombra com a

[1] *Math.*, xv, 7.

luz, a figura com o figurado, a promessa com o promettido, e a esperança com a posse. A parte moral não a desfez Christo, antes a aperfeiçoou, e de dois modos: o primeiro declarando e tirando os abusos com que os Phariseus a tinham depravado; o segundo, accrescentando-lhes os conselhos evangelicos, não com necessidade de preceito, mas como ornamento e corôa da mesma Lei, para os que livremente a quizessem alcançar. E porque a Religião dos Prophetas, isto é, Elias e seus successores, tinham dado principio (ainda que em menor perfeição) aos mesmos conselhos, e Christo observou e guardou uma e outra coisa, por isso disse: *Non veni solvere Legem, aut Prophetas, sed adimplere.* E que este seja o verdadeiro sentido do Texto, prova-se de todas as circumstancias e consequencias delle. Porque primeiramente a materia, de que Christo actualmente fallava, eram os mesmos conselhos evangelicos: *Beati pauperes spiritu, etc.* [1] As pessoas com quem fallava, eram os Apostolos, chamados para seguir a perfeição dos mesmos conselhos: *Accesserunt ad eum discipuli ejus, et aperiens os suum docebat eos.* [2] O premio que promettia, era ser grande no céu: *Hic magnus vocabitur in regno cœlorum,* [3] que só se dá aos observadores dos conselhos: o nome com que os significou, foi de mandamentos minimos: *De mandatis istis minimis.* Porque os conselhos não chegam a ser mandamentos, nem teem força de preceito, nem excluem do reino do céu: *Minimus vocabitur in regno cœlorum.* Finalmente, aquella disjunctiva, *aut; Legem, aut Prophetas,* mostra claramente, que a doutrina dos Prophetas, de que Christo fallava, era distincta da Lei; porque, se tomára os Prophetas só como os Interpretes da Lei, havia de dizer: *Legem, et Prophetas,* como quando disse: *Lex, et Prophetæ usque ad Joannem.* [4] Mas os Prophetas de que aqui fallava, não eram os Interpretes da Lei, senão os que seguiam vida e instituto superior a ella, qual era o que Christo actualmente estava prégando. E porque Elias, Eliseu, e seus successores, que commum-

[1] *Math.*, v, 3.
[2] *Ibid.*, 1 e 2.
[3] *Job*, XIX.
[4] *Luc.*, XVI, 16.

mente eram Prophetas, e se chamavam os Prophetas, tinham dado principio, antes de Christo os prégar, a estes que depois foram conselhos evangelicos; por isso diz Christo, que nem viera a desfazer a Lei, quanto aos preceitos, nem os Prophetas, quanto á perfeição, senão a observal-a e a cumpril-a: *Non veni solvere, sed adimplere.*

Conforma-se mais a verdade e propriedade desta explicação, com outras palavras notaveis do mesmo Texto: *Donec transeat cœlum, et terra, jota unum, aut unus apex non præteribit à lege, donec omnia fiant.* [1] E' prophecia e promessa de Christo, na qual assegura que a Lei de que fallava, e os apices della, se hão de observar até o fim do mundo. Até o fim do mundo? Logo não fallava Christo da lei cerimonial, que já acabou, senão da moral, que actualmente estava reformando e aperfeiçoando, accrescentando-lhe os conselhos, que são os apices da mesma lei, isto é, as partes e os pontos mais miudos, e mais delicados, e mais altos, a que por isso chama mandamentos minimos: *Apex est evangelica perfectio*, diz a Glossa. E S. Chrysostomo: *Non pro veteribus legibus hoc dicit, sed pro his, quæ ipse erat præcepturus, quæ quidem minima vocat, licet magna sint.* D'onde se segue claramente, que os Prophetas, de que Christo disse: *Legem, aut Prophetas*, eram aquelles Prophetas que observavam instituto similhante aos conselhos evangelicos. E por isso neste segundo Texto não fez distincção da lei dos Prophetas, nem disse lei e Prophetas, senão sómente lei: *Non præteribit à lege.* Porque depois que a lei moral e a escripta passou a ser lei evangelica, dentro della se comprehenderam tambem os conselhos, que no tempo da lei escripta andavam na tradição, e exemplo dos homens santos, e não no corpo da lei. Esta mesma lei, pois, e estes mesmos apices della, que agora são conselhos evangelicos, e antigamente eram institutos propheticos em Elias e seus successores, não só diz Christo que hão de durar até o fim do mundo, (quando virá o mesmo Elias contra o Antechristo) mas que o mesmo Christo os veiu guardar e cumprir: *Non veni solvere legem, aut prophetas: non veni solvere, sed adimplere.*

[1] *Math.*, v, 18.

Oh grande gloria desta Religião grande, singular, ineffavel! Que vindo Deus ao mundo a desfazer uma lei, que elle mesmo instituira, diga, que veiu não a desfazer, senão a guardar as leis que instituiram os Carmelitas! Esta é a differença que vae desta sagrada Religião ás nossas. Nós imos pelos passos de Christo, e Christo diz que vae pelos seus: nós caminhamos por onde Christo pizou, e Christo pizou por onde os precursores do Carmelo tinham caminhado. Entra Christo triumphando em Jérusalem, acompanhado de infinita gente, clamando e acclamando todos: *Hosanna Filio David.* [1] E notam os Evangelistas, que uns iam diante, outros detraz: *Et qui præibant, et qui sequebantur.* [2] Perguntam agora os Doutores, quem eram, ou quem representavam os que iam diante, e quem os que iam detraz? E respondem com S. Hilario, que os que iam diante, eram os Santos da Lei velha, que vieram antes de Christo: e os que seguiam detraz, eram os santos da Lei nova, que vieram depois de Christo. Os que iam diante, eram os Elias, os Eliseus, os Jeremias, os Baptistas: os que iam detraz, eram os Pedros, os Paulos, os Agostinhos, os Domingos, os Franciscos. E que differença havia entre uns e outros? A differença era, que os que iam detraz, seguiam; os que iam diante, eram seguidos. Os que iam detraz, caminhavam por onde Christo pizava: os que iam diante, pizava Christo por onde elles tinham caminhado. E este era o logar em que iam os Carmelitas. Tão adiantados em guardar a palavra e doutrina de Christo, que em vez de elles seguirem a Christo, veiu Christo (do modo que se póde entender) a os seguir a elles: *Non veni solvere Legem, aut Prophetas, sed adimplere.*

Mais mysterio ha no caso. Os que iam diante, que já dissemos quem eram, lançavam as capas no chão, para que Christo passasse por cima dellas: *Eunte autem illo substernebant vestimenta sua.* [3] D'onde infere advertidamente S. Paschasio, que Christo neste triumpho não deixou pégadas, porque não assentava os passos de seu caminho sobre a terra, senão sobre os mantos. Pois se Christo veiu a este mundo para que se-

[1] *Math.*, XXI, 9.
[2] *Marc.*, XI, 9.
[3] *Luc.*, XIX, 36.

guissem suas pizadas os que viessem depois delle: *Ut sequamini vestigia ejus;* [1] porque não deixou pizadas neste caminho? Porque aquellas capas dos que iam diante, vinham a ser os mantos e os habitos dos Carmelitas: e onde estavam os habitos dos Carmelitas, elles substituiam as pizadas de Christo; porque o que Christo ensinou depois geralmente com a sua doutrina, e com os seus passos, isso é o que os Carmelitas tinham exercitado e ensinado antes com o seu habito, com o seu exemplo, com a sua profissão. Os que iam detraz, não é muito que o fizessem depois de ouvirem e verem a Christo: mas que o fizessem os que iam diante, sem verem a Christo, nem o ouvirem, esta foi a maravilha, e esta é a excellencia singular dos Carmelitas: *Qui non audierunt verbum Dei, et custodierunt illud.*

Nem cuide alguem, que é ou póde parecer contra a dignidade e suprema primazia de Christo esta precedencia de tempo. Porque toda essa virtude, todo esse exemplo, toda essa luz, ainda que antecedente, foi derivada do mesmo Christo. Na primeira semana do mundo creou Deus o sol ao quarto dia, e poz o sol no quarto céu. E porque no quarto céu, e ao quarto dia? Com admiravel providencia e mysterio. No quarto dia precederam tres dias atraz, e seguiram-se outros tres adiante: no quarto céu ficavam tres planetas abaixo, e outros tres acima: e foi destinado ao sol aquelle tempo, e aquelle logar; aquelle dia, e aquelle céu, para que estando no meio, como primeira fonte de luz, tanto podesse allumiar os planetas de baixo, como os de cima: tanto os dias que ficavam atraz, como os que iam adiante. Nos planetas está claro: nos dias tambem é certo, porque aquella luz que precedeu nos primeiros tres dias da creação, como diz S. Thomaz com o commum dos Theologos, era parte da mesma luz, posto que menos intensa, da qual depois foi formado o sol. Nem mais, nem menos o Sol de Justiça. O tempo em que veiu ao mundo, foi no meio dos annos: *In medio annorum notum facies.* [2] O logar em que naseeu no mundo, foi no meio da terra: *Operatus est salutem in medio terræ:* [3] para que

[1] *1.ª Epist. Petr.*, II, 21.
[2] *Habac.*, III, 2.
[3] *Psalm.* LXXIII, 12.

entendessemos como verdadeiramente era, que a luz, a sabedoria, a virtude, a graça, o exemplo, e o instituto de vida de todos os homens santos, ou os que vieram antes, ou os que se seguissem depois, em qualquer tempo, e em qualquer logar, tudo manava daquella primeira fonte, tudo eram raios daquelle Sol, e tudo effeitos daquella suprema causa. Todas as Religiões vieram ao mundo depois de Christo: a Carmelitana abraçou ambos os tempos, porque já era antes, e foi depois: quando imitou, e quando não tinha a quem imitar: quando seguiu, e quando não tinha a quem seguir: quando ouviu, e quando não tinha ouvido: sempre foi inspirada, movida, e antecipada de Christo: teve planetas abaixo do sol, e planetas acima: teve dias depois do Sol, e dias antes; mas todos alluniados do mesmo Sol. Oh com quanta gloria, e com quanta propriedade se póde dizer desta sagrada Familia: *Permanebit cum sole, et ante lunam.* [1] Sempre com o sol, mas antes da lua. Sempre som o sol; porque em ambos os tempos, e em ambos os estados, sempre foi alluniada de Christo: mas antes da lua, porque no primeiro tempo, e no primeiro estado, foi antes da Virgem Santissima. Mas por serem antes da Mãe, nem por isso deixaram de ser sempre seus filhos. Antes por isso mesmo mais proprios, e mais singulares filhos, e mais parecidos ao seu Primogenito; porque é prerogativa unica desta soberana Mãe, ser Mãe de filhos que já eram antes de ella ser: *Et genitrix quando non, quæ sæculorum generavit authorem?* Foi Mãe destes filhos, que já eram em tempo, assim como foi Mãe do Filho, que era desde a eternidade: *Beatus venter, qui te portavit.*

X

Tenho acabado o meu discurso; mas direis, e com muita razão, que mal acabado. Pois tendo honrado esta solemnidade com sua presença o Divinissimo Sacramento, e sendo a primeira e principal parte della, não teve parte no sermão. Não me tenhaes por tão

[1] *Psalm.* LXXI, 5.

descuidado. A este fim ficaram reservadas e intactas aquellas duas palavras do thema: *Et ubera, quæ suxisti.* [1] E não hão de vir desatadas no discurso.

Os filhos primeiros já sabeis que teem obrigação de dar alimentos aos filhos segundos: e esses alimentos, conforme a sua qualidade, a sua nobreza, o seu estado. E como os Religiosos Carmelitas são irmãos segundos de Christo por parte de sua Mãe, era obrigado Christo a lhes dar alimentos, e taes alimentos, que fossem dignos de filhos da Mãe de Deus. Pois que alimentos haviam de ser estes, senão o mesmo Deus, dado em alimento? E' verdade que o Santissimo Sacramento do altar foi instituido para todos; mas póde ser applicado com differença. Dar Christo este pão do céu aos outros homens, foi graça, foi liberalidade: dal-o aos Religiosos do Carmo, foi divida, e foi obrigação. Aos outros homens foi graça, e foi liberalidade; porque não lhes devia Christo este Sacramento como Redemptor. Aos Carmelitas foi divida, e foi obrigação; porque lhes devia estes alimentos como irmão maior. Direis, que alimentos sim; mas não estes. Alimentos sim, por irmãos seus, e filhos de sua Mãe. Mas que estes alimentos fossem tirados de sua propria substancia, e debaixo de accidentes diversos, qual é o mysterio sagrado da Eucharistia, porque razão? Ora vêde. Christo, como irmão primogenito, devia sustentar os filhos de sua propria Mãe, e seus irmãos segundos com taes alimentos, quaes eram aquelles com que sua Mãe o sustentava. E que alimentos eram estes? *Et ubera, quæ suxisti.* O alimento com que a Senhora sustentou a seu Filho, foi o leite de seus peitos. E o leite, que alimento e que substancia é? Perguntae-o a Aristoteles e a Galeno: o leite é sangue branco; e não ha outra distincção entre o sangue e o leite, senão que o leite é sangue branco, e o sangue leite vermelho. A substancia é a mesma, os accidentes diversos. De sorte que a Virgem Senhora nossa deu o sangue por duas vezes, e por dois modos a Christo: deu-lhe uma vez o sangue de suas entranhas, de que se formou o corpo sagrado, quando o gerou: *Beatus venter, qui te portavit.* E deu-lhe outra vez, e mil vezes, o sangue de seus peitos, com que o sus-

[1] *Luc.*, XI, 27.

tentou e alimentou: *Et ubera, quæ suxisti.* E entre um e outro sangue, que todo se convertia em substancia de Christo, não havia mais differença que a brancura dos accidentes; e como a Virgem alimentava ao seu Filho primogenito com a substancia mesma de seu corpo, debaixo de accidentes brancos; corria obrigação a Christo, como Filho maior, de alimentar os Filhos segundos de sua Mãe com a mesma substancia do seu corpo, debaixo de accidentes da mesma côr, que é o Sacramento Santissimo.

O primeiro Carmelita foi o primeiro que logrou estes alimentos, e tomou em figura a posse delles. Fugiu Elias para o deserto, lançou-se ao pé de uma arvore, adormeceu, accordou-o um Anjo, e deu-lhe pão para que comesse. Comeu Elias, tornou a adormecer, e tornou o Anjo a accordal-o, e a dar-lhe mais pão; e comeu outra vez. E' commum allegoria dos Padres, que este pão representava o Santissimo Sacramento. E ser o pão dado por modo de alimento, as circumstancias o mostram; porque o comeu Elias sem lhe custar nenhum trabalho, nem cuidado, comendo e dormindo. O irmão maior, é o que tem o cuidado, e o trabalho dos alimentos: os filhos segundos poem-lhe alli os seus alimentos limpos e seccos; comem, e dormem. Mas quando lhe deram a este grande Carmelita o Sacramento em alimentos? No deserto, e á sombra de uma arvore. O deserto, diz Hugo Cardeal, significava o retiro do mundo; a arvore significava a cruz. O deserto já o havia, porque já Elias o professava: a cruz não a havia ainda, porque Christo ainda não era nascido. Mas os alimentos do Sacramento não se deram a Elias, senão depois que elle esteve no deserto e á sombra da cruz: porque não haviam de lograr os Carmelitas estes alimentos, em quanto filhos de Elias, senão em quanto irmãos de Christo; não pela geração passada de seu Pae, senão pela filiação futura de sua Mãe: *Beatus venter, qui te portavit, et ubera, quæ suxisti.*

Agora tenho acabado. Se disse pouco, quem elegeu o prégador, me desculpa. Se fui largo, assaz castigo é dizer pouco, e não ser breve. E se acaso alguem das sagradas Religiões que me ouvem (e das que me não ouvem tambem) tem alguns embargos ao que disse, ainda me fica com que responder a quaesquer artigos de nova razão. Mas a melhor e ultima

seja, conhecermos todos, que o que se diz da Sagrada Religião do Carmo, sendo particular, é commum; e sendo prerogativa só desta Religião, é gloria de todas. Quem hoje para louvar a Christo, disse: *Beatus venter*, sabia, que o louvor da Mãe, é louvor dos filhos. Este é o exemplo que segui, suppondo (como verdadeiramente é) que todos somos filhos deste instituto, e todos descendemos delle. Assim o diz S. Jeronymo, S. Macario, S. Isidoro, S. Bernardo. Não refiro as palavras de cada um, por não ser mais largo: mas fiquem ao pé do monte Carmelo as de Baptista Mantuano, que com espirito do mesmo Parnaso as ligou e resumiu nestas regras.

Illinc perpetuis, ceu missi è fontibus omnes,
Religio, et sacri fluxit reverentia cultus.
Quidquid habent alii montes pietatis, ab isto
Ducitur: hac una plures è vite racemi
Diffusi, late terras, atque æquora complent.
Hinc Carthusiacis æterna silentia claustris:
Hinc varias Benedictus oves collegit: ab isto
Canabe nodosa tunicas arcêre fluentes
Lignipedes dedicere viri: quique arva colebant
Invia, et assiduo terras ardore calentes,
Et quos Cyriacus de litore vexit Ibero
Hinc orti, sanctum, et summo genus ordine dignum,
Hinc nostri venère patres.

E como desta sagrada e primitiva Religião, manaram e se propagaram todas as outras, como troncos da mesma raiz, como rios da mesma fonte, ou como raios do mesmo sol; o que só resta, é, que todos demos o parabem á Soberana Mãe de taes filhos, e aos bemditos filhos de tal Mãe: *Beatus venter, qui te portavit* E que entendam todas, e cada uma das outras Religiões, e se persuadam, que tanto maior parte terão nas mesmas glorias, quanto mais e melhor observarem o que elles guardaram e não ouviram: *Beati, qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud.*

SERMÃO

DA

GLORIA DE MARIA

MÃE DE DEUS *

Prégado na igreja de Nossa Senhora da Gloria, em Lisboa, no Anno de 1644

Maria optimam partem elegit. [1]

I

Bem se concordam neste dia e neste logar, o titulo da casa com o da festa, e o da festa com o da casa: a casa da Senhora da Gloria, e a festa da gloria da Senhora. O Evangelho que deve ser o fundamento de tudo o que se ha de dizer, tambem eu o quizera concordar com esta gloria: mas o que delle e della se tem dito atégora, não concorda com o meu desejo, nem com o meu pensamento. O Evangelho diz, que escolheu Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit;* e os Santos e Theologos, que mais se alargaram, applicando esta escolha e esta parte á gloria da Senhora, só dizem, que verdadeiramente foi a melhor: porque a gloria a que a Senhora hoje subiu, e está gosando no céu, é melhor e maior gloria que a de todos os bemaventurados. Os bemaventurados da gloria, ou são homens ou Anjos, e não só em cada uma destas comparações, senão em ambas, dizem que é

---

* E' este um Sermão muito simples na argumentação, ainda que o seu assumpto é verdadeiramente sublime. E posto que o seja, o admiravel orador não levanta o estylo, antes parece abatel-o de proposito para tornar mais proveitosa e edificante a materia do sermão.

[1] *Luc.*, 10.

maior a gloria de Maria que a de todos os homens, e a de todos os Anjos, e não divididos, mas juntos. Grande gloria! grande, incomparavel, immensa! O sol não só excede na luz a cada uma das estrellas, e a cada um dos planetas, senão a todas e a todos incomparavelmente. Por isso a Senhora neste dia se chama escolhida como o sol: *Quæ est ista quæ ascendit, electa ut sol.* [1] O mar não só excede na grandeza a cada uma das fontes, e a cada um dos rios, senão a todas e a todos immensamente; por isso a Senhora se chama Maria, que quer dizer mar, e só por este nome (que não tem outra coisa no Evangelho) se lhe applicam as palavras delle: *Maria optimam partem elegit.* Isto é, como dizia, tudo o que dizem os Santos e Theologos; mas nem o Evangelho assim entendido, nem a gloria da Senhora assim declarada, nem a comparação della assim deduzida, concordam com o meu pensamento. O Evangelho dizendo: *optimam partem*, parece-me, que quer dizer muito mais: a gloria de Maria, sendo de Maria Mãe de Deus, parece-me que é muito maior, e a comparação com os outros bemaventurados sómente, parece-me muito estreita e quasi indigna. O meu pensamento é (Deus me ajude nelle) que a comparação de gloria a gloria, não se deve fazer só entre a gloria de Maria com a gloria de todas as outras creaturas humanas e angelicas, senão com a gloria do mesmo Creador dellas, a quem Maria creou. O Texto e a palavra *optimam*, a tudo se estende, porque sendo superlativa, põe as coisas no summo logar, do qual se não exclue Deus, antes se inclue essencialmente. Neste tão remontado sentido, pretendo provar e mostrar hoje, que comparada a gloria de Maria, com a gloria do mesmo Deus, e fazendo da gloria de Deus e da gloria de Maria duas partes, a melhor parte é a de Maria: *Maria optimam partem elegit.* Até não me ouvirdes, não me condemneis. E espero que me não haveis de condemnar, se a mesma Senhora da Gloria me assistir com sua graça. *Ave Maria.*

---

[1] *Cant*, VI, 9.

II

Maria optimam partem elegit. Suspensos considero todos os que me ouvem, na expectação do assumpto que propuz: os curiosos com indifferença, os devotos com alvoroço, os criticos com a censura, já prevenida, e todos com razão. E' certo, e de fé, que por grande e grandissima que seja a gloria de Maria Senhora nossa, a gloria de Deus é infinitamente maior, assim como elle (que só se comprehende) é por natureza infinito. Pois se a gloria de Maria, como gloria de pura creatura, posto que creatura a mais excellente de todas, é gloria finita, e infinitamente menor que a gloria de Deus; como me atrevo eu a affirmar, e como se póde entender, que, ainda em comparação da gloria do mesmo Deus, se verifiquem as palavras do Evangelho na gloria de Maria, e que gose Maria a melhor parte: *Maria optimam partem elegit?*

Para intelligencia desta verdade, nas mesmas palavras do Evangelho temos outra duvida não menos difficultosa, que se deve averiguar primeiro. Esta, que o Texto chama a melhor parte, diz o mesmo Texto, que Maria a escolheu: *Maria optimam partem elegit;* e tambem esta escolha não tem logar, nem se póde verificar na gloria da Senhora. A eleição para a gloria, é só de Deus: Deus é o que elegeu e escolheu para a gloria todos os bemaventurados, que por isso se chamam escolhidos; e ainda que entre todos os escolhidos a Senhora tenha o primeiro e mais sublime logar, ella tambem foi escolhida, e não a que escolheu. Assim o canta a Igreja quando canta a mesma entrada da Senhora no céu: *Elegit eam Deus, et præelegit, in tabernaculo suo habitare facit eam.* Pois se Maria foi a escolhida para a glória que tem no céu, e a escolha foi de Deus e não sua; como diz a mesma Igreja nas palavras que lhe applica, que a Senhora foi a que escolheu e elegeu essa melhor parte: *Maria optimam partem elegit?* Na intelligencia desta segunda duvida consiste a solução da primeira. Ora vède e com attenção. E' certo, que a Senhora foi escolhida por Deus para a gloria, e tambem é certo que a gloria de Deus é infinitamente maior que a gloria da Senhora; e comtudo diz o Evangelho, que Maria foi a que escolheu, e que escolheu a melhor parte, uma e outra coisa com grande mysterio e energia Diz que Maria foi a que

escolheu; porque ainda que a eleição não foi da Senhora, a grandeza de sua gloria é tão immensa, que não parece que foi a gloria escolhida para ella, senão que ella foi a que a escolheu para si. E diz que Maria escolheu a melhor parte; porque ainda que a gloria de Deus é infinitamente maior que a sua, a melhor parte que póde escolher uma mãe, é que a gloria de seu Filho seja a maior. Como Maria é Mãe de Deus, e Deus Filho de Maria, mais se gloría a Senhora de que seu Filho gose essa infinidade de gloria, e de ella a gosar em seu Filho, do que se a gosára em si mesmo. E d'aqui se segue que considerada a gloria de Deus, e a gloria de Maria em duas partes, porque a parte de Deus é a maxima, por isso a parte de Maria é a optima: *Maria optimam partem elegit.*

Para todos os que sois paes e mães, não hei mister maior, nem melhor prova do que digo, que os vossos proprios affectos, e o ditame natural dos vossos corações. Dizei-me, se houvera neste mundo uma dignidade, uma honra, uma gloria maior que todas, e se puzéra na vossa eleição, e na vossa escolha querel-a para vós ou para vosso filho: para quem a havieis de querer? Não ha duvida que para vosso filho. Pois isto mesmo é o que devemos considerar na gloria da Senhora. E' verdade que a gloria de Deus é infinitamente maior que a de sua Mãe; mas como todo esse excesso de gloria é de seu Filho, e está em seu Filho, ella a possue e gosa em melhor parte, que se a gosára em si mesma. Assim entendo e supponho que o entendem todos os que são paes e mães. Mas porque muitos dos que me ouvem, não têm esta experiencia, e porque em algum coração humano, ainda que paterno, ou materno, póde estar este mesmo affecto menos bem ordenado; para gloria da Senhora da Gloria, e para maior evidencia de que mais gloriosa é pela gloria de seu Filho que pela sua, e que gosando nelle toda essa gloria, a gosa na melhor parte, ouçamos e provemos esta mesma verdade, pelo testemunho universal e concorde de todas as Letras sagradas, ecclesiasticas e profanas. No primeiro logar ouviremos os philosophos, no segundo os Santos Padres da Igreja, no terceiro as Escripturas divinas, e no ultimo ao mesmo Deus na pessoa do Pae; e veremos quão conforme foi o seu affecto com o desta Soberana Mãe, pois ambos são Pae, e Mãe do mesmo Filho.

III

Começando pelos philosophos, põe em questão Seneca. [1] e disputa subtilissimamente no livro terceiro dos cinco que intitulou *de Beneficiis*, se póde um filho vencer em algum beneficio a seu pae? A razão de duvidar é, porque o primeiro e maior beneficio é o ser, e havendo o pae dado o ser ao filho, o filho não póde dar o ser a seu pae. Mas esta differença não tem logar no nosso caso, porque fallamos de um Pae, e de uma Filha, em que o Pae é juntamente Pae e Filho da mesma Mãe, e a Mãe é juntamente Mãe e Filha do mesmo Pae. Abstrahindo porém deste impossivel da natureza, que os philosophos gentios não conheceram, resolve o mesmo Seneca que bem póde um filho vencer no maior beneficio a seu pae, e o prova com o exemplo de Eneas, o qual por meio das lanças dos Gregos, e do incendio e lavaredas de Troya, levando sobre seus hombros ao velho Anchises, deu mais heroicamente a vida a seu pae do que delle a recebera. A' vista deste famoso espectaculo de valor e de piedade, não ha duvida que venceu o filho ao pae: mas qual foi então mais glorioso, o filho vencedor, ou o pae vencido? A este exemplo ajunta o mesmo philosopho o de Antigono, e de outros que deram a seus paes mais ainda que o ser e a vida, que lhes deviam, e conclue assim: *Felices qui vicerint, felices qui vincentur: quid autem est felicius quam sic cedere?* Quando os filhos vencem aos paes, e se ostentam maiores que elles, felizes são os que vencem, e felizes os vencidos; mas muito mais felizes os paes vencidos que os filhos vencedores, porque não póde haver maior gosto, nem maior gloria para um pae, que vêr-se vencido de seu filho. Grande gloria é do filho que vença ao pae, que lhe deu o ser: mas muito maior gloria é do mesmo pae, vêr que deu o ser a um tal filho que o vença a elle.

Isto que disse Seneca, fallando dos beneficios, corre egualmente, e muito mais em todas as outras acções ou grandezas, em que os paes se vêem vencidos dos

[1] *Seneca*, De Offic. Lib. 2.

filhos. Oiçamos a outro philosopho, que melhor ainda que Seneca, conheceu os affectos naturaes, e não só em mais harmonioso estylo, mas com mais profunda especulação que todos, penetrou a anatomia do coração humano. Faz parallelo Ovidio entre os dois primeiros Cesares, Julio e Augusto, aquelle pae, e este filho; e depois de assentar que a maior obra de Julio Cesar foi ter um tal filho como Augusto: *Nec enim de Cæsaris actis ullum maius opus, quam quod pater extitit hujus.* [1] Suppõe com a commum opinião de Roma, que um cometa que na morte de Julio Cesar appareceu, era a alma do mesmo Julio collocada entre os Deuses como um delles. E no meio daquella imaginada bemaventurança, qual vos parece que seria a maior gloria de um homem que nesta vida tinha logrado todas as que póde dar o mundo? Diz o mesmo Ovidio, (tão falso na supposição como poeta mas, tão certo no discurso como philosopho) que o que fazia lá de cima Julio Cesar era olhar para seu filho Augusto, e que considerando as grandezas do mesmo filho, e reconhecendo e confessando, que eram maiores que as suas, o seu maior gosto e a sua maior gloria era vêr-se vencido delle. *Natique videns benefacta, fatetur esse suis maiora, et vinci gaudet ab illo.* Ah Virgem Gloriosissima, no céu estaes verdadeiramente, como crê e adora a nossa fé, mas nas sombras escuras e falsas deste fabuloso pensamento, que consideração haverá que não reconheça quaes são lá os mais intensos affectos, e as maiores glorias do vosso? Estaes vendo e contemplando, como em um espelho clarissimo, o infinito ser, os infinitos attributos, a infinita e immensa magestade de vosso Unigenito Filho, conheceis e confessaes que as suas grandezas excedem, e são tambem infinitamente maiores que as vossas: *Fatetur esse suis maiora;* mas a mesma evidencia de que vosso Filho vos vence, e excede na gloria, é a melhor parte da mesma gloria vossa, e a de que mais vos gozaes, e gozareis eternamente com elle: *Et vinci gaudet ab illo.* Quem podera imaginar que Julio Cesar, vencedor de Scipião e de Pompeu — e de tantos outros capitães famosos, que junto a estes perdem o nome — triumphador da Africa, do Egypto, das

[1] Ovid. *Metamorph.*

Gallias, e das Hespanhas e da mesma Roma; aquelle, em fim, de tão altivo coração que ninguem soffreu lhe fosse superior ou egual no mundo; quem podera imaginar, digo, que havia de gostar e gloriar-se de ser vencido de outro? Mas como Augusto que o vencia, era filho seu, o ser vencido delle era a sua maior victoria, este o maior triumpho de seus triumphos, esta a maior gloria de suas glorias: *Et vinci gaudet ab illo.*

Mas porque neste exemplo nos não fique o escrupulo de ser adulação poetica, posto que tão conforme ao affecto natural, confirmemol-o com testemunho historico e verdadeiro, em nada menor que o passado, e por ventura mais notavel. [1] Celebra Plutarcho, tão insigne historiador como philosopho, o grande extremo com que Filippe, rei de Macedonia, amava a seu filho Alexandre, já digno do nome de Grande em seus primeiros annos, pela indole e generosidade real que em todos seus pensamentos, ditos e acções, resplandecia. E para prova deste extremado affecto, refere uma experiencia que nos vassallos podera ser tão arriscada, como do rei mal recebida, se o amôr de pae a filho a não interpretára d'outra sorte. Foi o caso, que os Macedonios, sem embargo da fé que deviam a Filippe, publicamente chamavam a Alexandre o rei, e a Filippe o capitão. Mas como castigaria Filippe este aggravo? Não ha ciumes mais impacientes, mais precipitados e mais vingativos que os que tocam no sceptro e na corôa. Apenas tem havido purpura antiga nem moderna, que por leves suspeitas neste genero, se não tingisse em sangue. E que soffra Filippe, aquelle que tanto tinha dilatado o imperio de Macedonia, que seus proprios vassallos em sua vida, e em sua presença lhe tirem o nome de rei, e o dêem a Alexandre? Muito fôra que o soffresse, mas muito mais foi, que não só o soffria, senão que o estimava, e se gloriava muito disso. Ouvi a Plutarcho. *Hunc filium non immerito Philippus dilexit, ut etiam gauderet, cum Alexandrum Macedones regem, Philippum appellarent Ducem.* Era Filippe pae, e Alexandre filho, e tão fóra estava o pae de sentir que lhe antepuzessem o filho, que antes o tinha por lisonja e glo-

[1] Plutarch. *in Alexandro.*

ria, e esse era o seu maior gosto: *Ut etiam gauderet.* Quando lhe tiravam a corôa para a darem a seu filho, então se tinha Filippe por mais coroado: quando já faziam a Alexandre herdeiro do reino, antes de lhe esperarem pela morte, então se tinha por immortal: quando o appellidavam com menor nome, então se tinha por maior. E quando lhe diziam que elle só era capitão, então acceitava esta gloriosa injuria, como os vivas e applausos da mais illustre victoria; porque a maior gloria de um pae é ser vencido de seu filho: *Et vinci gaudet ab illo.*

A razão, e philosophia natural deste affecto é, porque ao maior desejo, quando se consegue, segue-se naturalmente o maior gosto: e o maior desejo que tem e devem ter os paes, é serem taes seus filhos que não só os egualem, mas os vençam e excedam a elles. Assim o disse ou cantou ao imperador Theodosio, Claudiano, tão insigne na philosophia, como na poetica. Descreve copiosamente as virtudes imperiaes, militares e politicas com que seu filho Honorio se adiantava admiravelmente aos annos, e não só egualava, mas excedia a seu pae; e fazendo uma apostrophe a Theodosio, lhe diz confiadamente assim: *Aspice nunc quacumque micas, seu Circulus Austri, Magne Parens, gelidi seu te meuère Triones, aspice, completur votum, jam natus adæquat te meritis, et quod magis est optabile, vincit.* [1] De lá, onde como estrella de Marte illustraes o mundo com vossas victorias, ou seja no circulo do astro, ou no frio septentrião, olhae, felicissimo Cesar, para Honorio vosso filho, e se como imperador tendes conseguido o nome de Grande, chamando-vos a voz publica Theodosio o Magno, a minha (diz Claudiano) não vos invoca com o nome de grande imperador, senão com o de grande pae: *Magne parens;* e o que celebro mais entre todas as glorias de vossa felicidade, e o que tenho por mais digno do emprego de vossa vista, é que vejaes e torneis a vêr: *Aspice, aspice;* que chegasles a ter um filho, o qual não só vos egualla, que é o que desejam os paes, mas que já vos excede, e vence, que é o que mais devem desejar: *Et quod magis est optabile, vincit.* Notae muito as palavras: *Quod magis est optabile;* e applicae-as

[1] *Claudianus,* Consul. in 2. *Honor.*

ao nosso caso. O que mais se deve desejar é o melhor que se póde escolher; e como o que mais devem desejar os paes é que os filhos os vençam, e os excedam, bem se conclue, que se entre a Gloria de Deus, e a de sua Mãe, fôra a escolha da mesma Mãe, o que a Senhora havia de escolher para si, é que seu Filho a excedesse e vencesse na mesma Gloria, como verdadeiramente a excede e vence: *Et quod magis est optabile, vincit.* Vence Deus incomparavelmente a sua Mãe na gloria infinita que gosa, mas como este mesmo excesso é o mais que Maria podia desejar, e o melhor que devia escolher como Mãe, por isso se diz com razão, que Maria escolheu hoje a melhor parte: *Maria optimam partem elegit.*

IV

Temos ouvido os philosophos, que fallam pela bocca da natureza; oiçamos agora os Santos Padres, que fallam pela da Igreja. [1] S. Sidonio Apollinar, bispo arvernense, e Padre do quinto seculo, escrevendo a Audaz, prefeito dos reis Godos no tempo em que dominaram Italia, promette-lhe suas orações, e conclue com estas palavras: *Deum posco, ut te filii consequantur, et quod magis decet velle, transcendant.* Rogo a Deus por vós, e por vossos filhos, diz o eloquentissimo Padre, e o que peço para elles é que vos imitem; o que peço para vós é que vos excedam. Que vos imitem, porque isso é o que elles devem fazer: que vos excedam, porque isto é o que vós deveis desejar: *Et quod magis decet velle, transcendant.* [2] Oh quizesse Deus que fossem hoje taes os paes, e tal a creação dos filhos, que por uns e outros lhe podessemos fazer esta oração! Mas é tanto pelo contrario, que podemos chorar da nossa edade o que o outro gentio lamentava da sua. *Etas parentum peior avis tulit nos nequiores, mox daturos progeniem vitiosiorem.* Os avós foram máus, os filhos são peores, os netos serão pessimos. Haviam-se de prezar os paes, não só de ser bons, mas de dar tal creação aos filhos, que se po-

[1] Sidon. Apol. *Epist. ad Audac.*
[2] *Horatius.*

dessem gloriar de serem elles melhores. Mas deixadas estas lamentações, que não são para dia tão alegre, continuemos a ouvir os Santos Padres, e sejam os dois maiores da Igreja Grega e Latina, Nazianzeno, e Agostinho.

Faz duas elegantes Epistolas S. Gregorio Nazianzeno, [1] uma a Nicobulo, famoso lettrado, em nome de um seu filho, e outra ao filho, em nome do mesmo Nicobulo; e na primeira pedindo o filho ao pae que lhe dê licença para frequentar as escólas, e seguir as lettras, diz assim: *Gratia, quam posco, genitor charissime, patris est magis, quam nati:* a graça que vos peço, pae meu, é mais para vós que para mim, e mais é vossa que minha. Se isto dissera o moço, que ainda não tinha mais que o desejo de saber, não me admirára o dito; mas fallando por bocca delle o grande Nazianzeno, do qual com singular elogio affirma a Igreja, que em nenhuma coisa das que escreveu, errou; como póde ser verdade, que a gloria do filho seja mais do pae que do mesmo filho: *Patris est magis quam nati?* E se esta proposição é verdadeira, segue-se della, applicada ao nosso intento, que a gloria de Deus é mais de Maria que do mesmo Deus, porque Deus é Filho, e ella Mãe. E porque não faça duvida o fallarmos da gloria de um e outro, com a mesma palavra se explica o Santo Padre nas que logo accrescenta: *Gloria namque patris natorum est fama, decusque, ut rursus natis est gloria fama parentum.* Como póde ser logo neste caso, ou em algum outro, que a gloria do filho seja mais do pae que do filho: *Patris est magis, quam nati?* Não ha duvida que fallou nesta sentença Nazianzeno, como quem tão altamente penetrava e distinguia a subtileza dos affectos humanos, entre os quaes o amôr paterno, como é o mais efficaz e muito forte, é tambem o mais fino. Diz que a gloria do filho é gloria do pae, e mais sua do pae, que do mesmo filho; porque mais se gloriam os paes de a gosarem seus filhos, ou de a gosarem nelles, que se a gosaram em si mesmos. E neste sentido se póde dizer com verdade e propriedade natural, que a gloria de Deus em certo modo é mais de Maria que do mesmo Deus; porque não sendo sua, como não é, é

[1] Nazianzen. *ad Nicobulum., 1 et 2.*

do filho unicamente seu, em quem ella mais a estima, e da qual mais se gloría, que se podera ser, ou fôra sua.

Isto é o que disse Nazianzeno ao pae por bocca do filho; vejamos agora o que diz e responde ao filho por bocca do pae: *Sis sane præstantior ipse parente.* [1] Queres, filho, seguir-me na profissão e ser grande, como o mundo e a fama diz que sou, na sciencia e nas lettras? Sou contente; mas não me contento só com isso: o que peço a Deus é que saias tão eminente nellas, que me faças grandes vantagens, e sejas muito maior que teu pae: *Sis sane præstantior ipse parente.* Assim diz Nicobulo, ou Nazianzeno por elle, e dá a razão tão propria do nosso caso, como se eu a dera: *Gaudet enim genitor, cum palma, præripit ipsi virtutis sua progenies: maiorque voluptas hinc oritur, quam si reliquos præverteret omnes.* Desejo, filho, que sejas maior que eu; porque não ha gosto para um pae, como vêr que seu filho lhe leva a palma, e de se vêr assim vencido delle, se gloría muito mais que se vencera, e se avantajára a todos quantos houve no mundo. Mudae agora o nome de *Genitor* em *Genitrix*, e entendei que fallou Nazianzeno da gloria de Maria no céu, onde tão gloriosamente se vê vencida da gloria de seu Filho: *Gaudet enim Genitrix, cum palmam præripit ipsi virtutis sua progenies.* Vê-se Maria, quando vê a Deus, infinitamente vencida da immensidade de sua gloria; mas como é gloria, não de outrem, senão de seu Filho: *Sua progenies*, o vêr-se vencida delle, é a sua victoria e a sua palma: *Cum palmam præripit ipsi.* Nas outras contendas a palma é do vencedor, mas quando contende o filho com o pae ou com a mãe, a palma é do pae, ou da mãe vencida; porque a sua maior gloria é ter um filho que a vença nella. Este dia da Senhora da Gloria, chama-se tambem da Senhora da Palma; porque, como é tradição dos que assistiram a seu glorioso transito, o Anjo embaixador de seu Filho, que lhe trouxe a alegre nova, lhe metteu juntamente na mão uma palma, com a qual, como vencedora da morte e do mundo, entre as acclamações e vivas de toda a Côrte beata, entrasse triumphante no céu. Subi, Senhora, subi, subi ao throno

[1] Nazianzen.

da gloria, que vos está apparelhado sobre todas as Gerarchias, que lá vos espera outra palma infinitamente mais gloriosa. E que palma? Não aquella com que venceis em gloria a todos os espiritos bemaventurados, senão aquella com que na mesma gloria sois vencida de vosso filho: *Cum palmam præripit ipsi sua progenies.* Grande gloria da Senhora é, como lhe canta a Igreja, vêr-se exaltada no céu sobre todos os córos, e gerarchias dos espiritos angelicos: grande gloria que os Principados, e Potestades, que os Cherubins, e Serafins lhe ficam muito abaixo, e que no logar, na dignidade, na honra, na gloria excede incomparavelmente a todos; porém o vêr que neste mesmo excesso de gloria é excedida infinitamente de seu Filho, isso é o que naquelle mar immenso de gloria mais se gloría, isto é o que naquelle verdadeiro paraiso dos deleites eternos mais a deleita: *Maiorque voluptas hinc oritur, quam si reliquos præverteret omnes.*

Mas oiçamos já a Agostinho, [1] que mais subtilmente ainda penetrou os effeitos e causas desta tão verdadeira, como racional complacencia. Escreve S. Agostinho em seu nome e no de Elvidio a Juliana, mãe da Virgem Demetriade, bem celebrada nas Epistolas de S. Jeronymo; e porque esta senhora romana de nobreza consular, desprezadas as grandezas, riquezas e pompas do mundo, se tinha dedicado toda a Deus no estado mais sublime da perfeição evangelica, dá o parabem Agostinho á mãe com estas ponderosas palavras: *Te volentem, gaudentemque vincit: genere ex te, honore supra te: in qua etiam tuum esse carpit, quod in te esse non potuit.* Vossa filha Demetriade, ó Juliana, vence-vos, sim, na alteza do estado, a que a vêdes sublimada; mas muito por vossa vontade, e muito por vosso gosto vos vence: *Volentem, gaudentemque vincit;* porque é filha vossa aquella de quem vos vêdes vencida: *Genere ex te, honore supra te:* a honra que gosa é muito sobre vós, mas como a geração que tem é de vós, tambem esta mesma é vossa; porque o que não podieis ter, nem alcançar em vós e por vós, já o tendes e gosaes nella por ser vossa filha: *In qua etiam tuum esse carpit, quod in te esse non potuit.* Vae por diante Agostinho, ainda com mais profundo

[1] Aug. *ad Julian.*

pensamento: *Illa carnaliter non nupsit, ut non tantum sibi, sed etiam tibi, ultra te, spiritualiter augeretur, quoniam tu ea compensatione minor illa es, quod ita nupsisti, ut nasceretur.* Demetriade, vossa filha, é maior que vós, e vós menor que ella; mas se ella vos excedeu a vós no que tem de maior, não vos excedeu só para si, senão tambem para vós; porque esse excesso se compensa com nascer de vós: *Non tantum sibi, sed etiam tibi, ultra te, ea compensatione ut nasceretur.* Em uma só coisa não vem propria a similhança, porque Maria póde ser Mãe como Juliana, e Virgem juntamente como Demetriade; mas em tudo o mais especulou e ponderou a agudeza de Agostinho, quanto se póde dizer no nosso caso.

Te volentem, gaudentemque vincit. Venceu-vos vosso Filho na gloria, Virgem Mãe, mas muito por vossa vontade e por vosso gosto; porque esse mesmo excesso de gloria por ser sua, é o que mais quereis e de que mais vos gosaes: *Genere ex te, honore supra te:* a sua honra, a sua grandeza, a sua magestade, a sua gloria immensa e infinita, é muito sobre vós, porque elle é Deus, e vós creatura: *Honore supra te;* mas a geração desse mesmo Deus, que é tanto sobre vós, é de vós: *Genere ex te.* E que se segue d'aqui? Segue-se que tendes o que podeis ter, e que toda a gloria que é sua, começa tambem a ser vossa: *Etiam tuum esse capit, quod in te esse non potuit.* Vós não podieis ser Deus, mas como Deus póde fazer que fosseis sua Mãe. Tudo o que não podieis ter em vós, tendes nelle. Elle é maior que vós, e vós menor: *Minor es;* mas tudo o que tem de maior, (que é tudo) não só o tem para si, senão tambem para vós: *Non tantum sibi, sed tibi, ultra te.* Oh quem podera declarar dignamente a união destes termos, *ultra te, et tibi!* Em quanto a gloria de Deus é infinita e immensa, estende-se muito além de vós: *Ultra te;* mas em quanto é gloria de vosso Filho, toda se contrahe e reflecte a vós: *Tibi.* Para os raios do sol fazerem reflexão, é necessario que tenham limite onde parem; mas a gloria da Divindade de vosso Filho, que não tem nem póde ter limite, por isso se limitou á Humanidade, que recebeu de vós, para reflectir sobre vós, nascendo de vós: *Ea compensatione, ut nasceretur.* E chama-se este nascer de vós, compensação ou recompensa, com que Deus vos compensou toda a grandeza e gloria, que tem mais que vós; porque nascendo de vós, é

vosso verdadeiro Filho, e sendo toda essa gloria de vosso Filho, tambem é vossa, e vossa naquella parte onde a tendes por melhor: *Optimam partem elegit.*

V

Parece que não podia fallar mais concordemente ao nosso intento, nem a philosophia dos gentios, nem a theologia dos Santos Padres: vejamos agora o que dizem as Escripturas Sagradas. O primeiro exemplo que ellas nos offerecem, é o famoso de Barcelay. [1] No tempo em que Absalão se rebellou contra David, (que tão mal pagam os filhos a seus paes o amôr que lhes devem) um dos senhores que seguiram as partes do rei, foi este Barcelay, o qual o assistiu sempre tão liberal e poderosamente, que elle só, refere o Texto, lhe sustentava os arraiaes. Restituido pois David á corôa, e lembrado deste serviço ou gentileza, de que outros principes se esquecem com a mudança da fortuna, quil-o ter junto a si na côrte, e fazer-lhe a mercê e honra que sua fidelidade merecia: e para o vencer na liberalidade, ou não ser vencido delle, disse-lhe, que elle mesmo se despachasse, porque tudo quanto quizesse lhe concederia: *Quidquid tibi placuerit, quod petieris a me, impetrabis.* Generoso rei! Venturoso vassallo! Mas para quem vos parece que quereria toda esta ventura? Era Barcelay pae, tinha um filho que se chamava Caimam, escusou-se de acceitar o logar e mercê que o rei lhe offerecia, e o que só lhe pediu foi, que a fizesse a seu filho. *Est servus tuus Caimam, ipse vadat tecum, et fac ei quidquid tibi bonum videtur.* Dirão as que têm lido esta historia, que se escusou Barcelay porque se via carregado de annos, como elle mesmo disse: mas isso só foi um desvio e modo de não acceitar cortezmente, e não é razão que satisfaça, pois vemos tantas velhices decrepitas, tão enfeitiçadas das paredes de Palacio, que tropeçando nas escadas, sem vista e sem respiração as sobem todos os dias, bem esquecidos dos que lhes restam de vida. E quando Barcelay não fosse tocado deste contagio, ao menos podia dividir a mercê entre si e o filho, e apparecerem ambos na côrte, co-

[1] 2.º *Livr. dos Reis*, XIX, 38.

mo vemos muitos titulos com duas caras, (a modo do Deus Jano) uma com muitas cãs, e outra sem barba. Mas a verdadeira razão porque este honrado pae não acceitou a mercê do rei para si, e a pediu para seu filho, nem a dividiu entre ambos, podendo, pois estava na sua eleição, foi (como dizem litteralmente Lira e Abulense) porque era pae, e entendeu que tanto lograva aquella honra em seu filho, como em si mesmo. Eu accrescento, que mais a lograva nelle do que em si, porque nelle era mais sua, como acima disse S. Gregorio Nazianzeno. E porque o Santo não deu a razão desta sua sentença, nós a daremos, e provaremos agora com outro mais notavel exemplo da Escriptura.

Quando Abrahão sacrificou seu filho Isaac, [1] é coisa mui notavel e mui notada, que sendo Isaac a victima do sacrificio, os louvores desta acção e desta obediencia, todos se dêem a Abrahão e não a Isaac. Isaac, não se offereceu com grande promptidão ao sacrificio? Não se deixou atar? Não se inclinou sobre o altar, e se lançou sobre a lenha? Não viu sem horror desembainhar a espada? Não aguardou sem resistencia o golpe? Que mais fez logo Abrahão, para que a obediencia de Isaac se passe em silencio, e a de Abrahão se estime, se louve, se encareça com tanto excesso? Nenhuma differença houve no caso, senão ser Abrahão pae, e Isaac filho. Amava Abrahão mais a vida de Isaac que a sua, e vivia mais nella que em si mesmo; e posto que ambos sacrificaram a vida e a mesma vida, o sacrificio de Abrahão foi maior e mais heroico que o de Isaac, porque se Isaac sacrificou a sua vida, Abrahão sacrificou a vida que era mais que sua, porque era de seu filho. Atéqui está dito e bem dito; mas eu passo ávante, e noto o que a meu vêr é digno ainda de maior reparo. Premiou Deus esta famosa acção de Abrahão, e como a premiou, e em quem? Não a premiou no mesmo Abrahão, senão em Isaac: *Quia fecisti rem hanc, benedicentur in semine tuo omnes gentes: in Isaac vocabitur tibi semen.* Pois se a acção do sacrificio foi celebrada em Abarhão e não em Isaac, porque foi premiada em Isaac e não em Abrahão? Por isso mesmo. A acção foi celebrada em Abrahão e não em Isaac, porque Isaac sacrificou a sua vida, e Abrahão sacrificou a vida que estimava mais

[1] *Gen.*, XVII, 10.

que a sua, porque era de seu filho; e da mesma maneira foi premiada em Isaac e não em Abrahão, para que o premio, sendo de seu filho, fosse tambem mais estimado delle do que se fôra seu. A vida que sacrificastes era mais que vossa, porque era de vosso filho! Pois seja o premio tambem de vosso filho, para que seja mais que vosso. E como os paes estimam mais os bens dos filhos que os seus proprios, e os logram e gosam mais nelles que em si mesmos, vêde se escolheria ou quereria a Senhora a immensa gloria de seu Filho, antes para elle que para si, se a terá por sua e mais que sua, e se as mesmas vantagens de gloria, em que infinitamente se vê excedida, serão as que mais gloriosa a fazem, e de que mais se gloria?

O mesmo Filho de Maria, por ser Filho seu, se chama tambem Filho de David; e na historia do mesmo David, nos dá a Escriptura Sagrada o maior e mais universal testemunho, que para prova desta verdade, se póde desejar nem ainda inventar. Chegado David aos fins da vida, quiz nomear successor do reino, e mandou ungir a seu filho Salomão por rei. Deu esta ordem á Banaias, capitão dos guardas da pessoa real, o qual lhe beijou a mão pela eleição, que não era pouco controversa, e o cumprimento com que fallou ao rei foi este: *Quomodo fuit Dominus cum Domino meo rege, sic sit cum Salomone, et sublimius faciat solium ejus a solio Domini mei regis David:* [1] assim como Deus assistiu sempre e favoreceu a vossa magestade, assim assista e favoreça o reinado de Salomão, e sublime e exalte o seu throno muito mais que o throno de vossa magestade. Executou-se promptamente a ordem, ungiram a Salomão no monte Gihon com todas as cerimonias que então se usavam em similhante celebridade; entrou o novo rei por Jérusalem a cavallo, com trombetas e atabales diante, entre vivas e acclamações de todo o povo e exercito; vieram todos os principes e ministros maiores das doze Tribus congratular-se com David, e as palavras com que lhe deram o parabem, foram outra vez as mesmas: *Amplificet Deus nomen Salomonis super nomen tuum, et magnificet thronum ejus super thronum tuum:* seja maior o nome de Salomão, senhor, que o vosso nome,

[1] *3.º Livr. dos Reis*, I, 37.

e mais alto e glorioso o seu throno, do que foi o vosso. O que me admira sobre tudo neste caso, é que dissessem a mesma coisa. Estas são as occasiões, em que a discrição, o engenho e a cortezania dos que dão o parabem aos reis, se esmera em buscar cada um novos modos de congratulação, novos motivos de alegria, e ainda novos conceitos de lisonja, e mais, os que fazem a falla em nome dos seus tribunaes ou republicas. Como logo em tantas Tribus, tantos ministros, tantos principes e senhores, (que, como diz o Texto, vieram todos) não houve quem fallasse por outro estylo, nem dissesse outra coisa a David, senão que Deus fizesse a seu filho maior que elle, e sublimasse e exaltasse o throno de Salomão, mais que o seu throno? Isto disseram todos, porque a um rei tão famoso e glorioso como David, nenhuma outra felicidade nem gloria lhe restava para desejar, senão que tivesse um filho que em tudo se lhe avantajasse e o excedesse, e que o throno do mesmo filho fosse muito mais levantado e sublimado que o seu. A David, em quanto David, bastava-lhe por gloria ter sido David: mas em quanto pae, não lhe bastava. Ainda lhe restava outra maior gloria que desejar, e era ter um tal filho, que na magestade, na grandeza, na gloria e no mesmo throno, o vencesse e excedesse muito: *Et magnificet thronum ejus super thronum tuum.*

Dois thronos ha no céu mais sublimes que todos: o de Deus e o de sua Mãe: o de Deus infinitamente mais alto que o de sua Mãe, e o de sua Mãe quasi infinitamente mais alto que o de todas as creaturas. Mas a maior gloria de Maria, não consiste em que o seu throno exceda o de todas as jerarchias creadas, senão em ter um Filho, cujo throno excede infinitamente o seu. E este é o parabem que no céu lhe estão dando hoje, e lhe darão por toda a eternidade todos os espiritos bemaventurados, sem haver em todos os córos de homens e Anjos, quem diga, nem possa dizer outra coisa, senão: *Thronum ejus super thronum tuum.* Vence Maria no céu a todas as Virgens; na gloria que se deve á pureza, a todos os Confessores; na que se deve á humildade, a todos os Martyres; na que se deve á paciencia, a todos os Apostolos, Patriarchas e Prophetas; na que se deve á Fé, á Religião, ao zelo e culto da honra de Deus. Mas assim os Confessores como as Virgens, assim os Martyres como os Aposto-

los, assim os Patriarchas como os Prophetas, deixadas todas essas prerogativas, em que gloriosamente se vêem vencidos, os louvores e euges eternos com que exaltam a Gloriosissima Mãe, é ser inferior o seu throno ao de seu Filho: *Thronus ejus super thronum tuum*. Vence Maria a todos os Anjos e Archanjos, a todos os Principados e Potestades, a todos os Cherubins e Serafins, na virtude, no poder, na sciencia, no amôr, na graça, na gloria. Mas todos estes espiritos angelicos, passando em silencio os outros dons sobrenaturaes que tocam a cada uma das jerarchias, em que veneram e reconhecem a soberana superioridade, com que a Senhora, como rainha de todas, incomparavelmente as excede; todos, como tão discretos e entendidos, o que só dizem e sabem dizer, o que sobre tudo admiram e apregoam, é: *Thronus ejus super thronum tuum*. Assim que, homens e Anjos, unidos no mesmo conceito, e enlevados no mesmo pensamento, o que cantam, o que louvam, o que celebram, prostrados diante do throno da segunda Magestade da gloria, e os vivas que lhe dão concordemente, é ser Mãe de um Filho, que excedendo ella a todos em tão sublime gráu na mesma gloria, elle a vence e excede infinitamente. E isto é o que divididos em dois córos de innumeraveis vozes, e unidos em uma só voz, applaudem, acclamam, festejam, e tudo o mais calam, conformando-se nesta eleição com a parte da mesma gloria, que a Senhora elegeu por melhor: *Optimam partem elegit*.

VI

E porque a preferencia desta eleição não fique só no juizo dos entendimentos creados, subamos aos arcanos do entendimento divino, e vejamos como o Eterno Pae, em tudo o que teve liberdade para eleger e escolher, tambem escolheu esta parte, e a teve por melhor.

Para intelligencia deste ponto havemos de suppor, que tudo quanto tem e gosa o Filho de Deus, o recebeu de seu Padre, mas por differente modo. O que pertence á natureza e attributos divinos recebeu o Verbo Eterno do Eterno Padre, não por eleição e vontade livre do mesmo Padre, senão natural e necessariamente. E a razão é, porque a geração Divina do Verbo procede por acto do entendimento, antecedente

a todo acto da vontade, sem o qual não ha eleição. E' verdade que ainda que a geração do Verbo não procede por vontade, nem é voluntaria, nem por isso é involuntaria ou contra vontade. E d'aqui se ficará entendendo a energia e propriedade daquellas difficultosas palavras de S. Paulo [1] onde diz: que a egualdade que o Filho tem com o Padre na natureza e attributos divinos, não foi furto, nem o mesmo Verbo o reputou por tal: *Non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo.* E porque declarou S. Paulo o modo da geração do Verbo pela similhança, ou metaphora do furto, dizendo, que não foi furto, nem como furtado ou roubado o que recebeu do Padre? Divinamente por certo, e não se podia declarar melhor. O furto é aquillo que se toma, ou se retem e possue, *invito domino*, contra vontade de seu dono. E a Divindade que o Verbo recebeu do Padre, ainda que da parte do mesmo Padre não fosse voluntaria, com tudo não foi invita; não foi voluntaria, sim, mas não foi contra vontade: e como o Padre não foi *invito* na geração do Verbo e na communicação da sua Divindade (posto que fosse necessaria e não livre) por isso a egualdade, que o Verbo tem com elle, é verdadeiramente sua e não roubada: *Non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo.*

Até qui o que o Filho recebeu do Padre necessariamente, e sem eleição sua. E que é o que recebeu por vontade livre e por verdadeira e propria eleição? O que logo se segue e accrescentou o mesmo S. Paulo: *Sed semetipsum exinanivit formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, et habitu inventus ut homo: propter quod et Deus exaltavit illum: et donavit illi nomen, quod est super omne nomen.* Recebeu o Filho do Padre, por verdadeira e propria eleição, o officio e dignidade de Redemptor do genero humano, fazendo-se juntamente homem, e com esta nova e ineffavel dignidade recebeu um nome sobre todo nome, que é o nome de Jesus, mais sublime e mais veneravel pelo que é, e pelo que significa, que o mesmo nome de Deus: *Ut in nomine Jesu omne genu flectatur.* Recebeu a potestade judiciaria, que o Padre demittiu de si, competindo ao Filho privativamente o juizo uni-

[1] *Philip.*, II, 6.

versal e particular de vivos e mortos: *Pater non judicat quemquam, sed omne judicium dedit Filio* [1] Recebeu o primeiro throno entre as tres Pessoas da Santissima Trindade, assentando-se á mão direita do mesmo Padre: *Dixit Dominus Domino meo, sede á dextris meis.* [2] Tudo isto, e o que disto se segue, com immensa exaltação e gloria recebeu o Filho de Deus de seu Eterno Padre, por vontade livre, e propria eleição.

Mas se toda esta nova exaltação, e toda esta nova gloria não era devida á Pessoa do Filho, por força ou direito da geração eterna, em que sómente era egual ao Padre na natureza e attributos divinos, e a eleição livre de dar ou tomar a mesma exaltação e gloria estava e dependia da vontade do mesmo Padre, porque a não tomou para si? Assim como encarnou a Pessoa do Filho, assim podera encarnar a Pessoa do Padre; e no tal caso a nova dignidade de Redemptor, o nome sobre todo o nome, a maior veneração e adoração de homens e Anjos, e todas as outras prerogativas e glorias, que pelo mysterio da Encarnação e Redempção sobrevieram e accresceram ao Filho, não haviam de ser do Filho, senão do mesmo Padre. Pois se a eleição voluntaria e livre de tudo isso estava na mão do Padre, e podia tòmar para si toda essa exaltação e gloria; porque a quiz antes para a Pessoa do Filho? Por nenhuma outra razão senão porque era Filho, e elle Pae: *Ego autem constitutus sum rex ab eo super Sion montem sanctum ejus: Dominus dixit ad me, Filius meus es tu.* [3] Assim como o Eterno Padre, para encarecer o amôr que tinha aos homens, não se nos deu a si, senão a seu Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret,* [4] assim para manifestar o amôr que tinha ao mesmo Filho, não tomou para si estas novas glorias, senão que todas as quiz para elle e lh'as deu a elle, entendendo que quando fossem de seu Filho, então eram mais suas, e que mais e melhor as gozava nelle, que em si mesmo.

---

1 *Joan.*, v, 22.
2 *Psalm.* cix, 1.
3 *Psalm.* ii, 6.
4 *Joan.*, iii, 16.

E que Filho é este, Virgem Gloriosissima, senão o mesmo Filho vosso, Filho Unigenito do Eterno Padre, e Filho Unigenito de Maria? E se o Eterno Padre, em tudo o que póde ter eleição propria, escolheu os excessos de sua gloria para seu Filho, essa mesma gloria, que elle gosa em si, e vós nelle, em que infinitamente vos vêdes excedida, quem póde duvidar, se tem inteiro juizo, que seria tambem vossa a mesma eleição? Toda a Igreja triumphante no céu, e toda a militante na terra, reconhece e confessa que entre todas as puras creaturas, ou sobre todas ellas, nenhuma ha mais parecida a Deus Padre, que aquella singularissima Senhora, que elle creou e predestinou *ab æterno* para Mãe do seu Unigenito Filho; porque era justo, que o Pae e a Mãe de quem elle recebeu as duas naturezas de que ineffavelmente é composto, fossem, quanto era possivel, em tudo similhantes. E se o amôr do Pae, por ser amôr de Pae, e Pae sem Mãe, escolheu para seu Filho e não para si as glorias que cabiam na sua eleição, não ha duvida, que o amôr da Mãe, e Mãe sem Pae, escolheria para o mesmo Filho tambem, e não para si, toda a gloria infinita que elle gosa. E esta é a eleição que teria por melhor: *Maria optimam partem elegit.*

Assim o entendeu da mesma Mãe o mesmo Pae: e o provou maravilhosamente o juizo e amôr da mesma Senhora para com seu Filho, onde a eleição foi propriamente sua. Quando o Eterno Padre quiz dar Mãe a seu Unigenito, foi com tal miramento e attenção á grandeza e magestade da que sublimava a tão estreito e soberano parentesco, que não só quiz que fosse sua, isto é, do mesmo Pae a eleição da Mãe, senão que tambem fosse da Mãe a eleição do Filho. Bem podera o Eterno Padre formar a Humanidade de seu Filho nas entranhas purissimas da Virgem Maria, sem consentimento, nem ainda conhecimento da mesma Virgem, assim como formou a Eva da costa de Adão não accordado, e estando em si, senão dormindo. Mas para que o Filho que havia de ser seu, posto que era Deus, não só fosse seu, senão da sua eleição, por isso (como diz S. Thomaz) [1] lhe destinou antes por embaixador um dos maiores Principes da sua côrte, o qual

[1] *D. Thom.*

de sua parte lhe pedisse o sim, e negociasse e alcançasse o consentimento, e o acceitasse em seu nome. Este foi, como lhe chamou S. Paulo, o maior negocio que nunca houve, nem haverá entre o céu e a terra, difficultado primeiro pela Senhora, e depois persuadido e concluido por S. Gabriel. Mas quaes foram as razões, e os motivos de que usou o Anjo para o persuadir e concluir? E' caso digno de admiração, e que singularmente prova da parte de Deus, do Anjo, e da mesma Virgem, qual é na sua eleição a melhor parte.

Repara Maria na embaixada, insta o celeste embaixador, e as promessas que allegou para conseguir o consentimento, foram estas: *Ecce concipies, et paries Filium, et vocabis nomen ejus Jesum: hic erit magnus, et Filius Altissimi vocabitur: dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus, et regnabit in domo Jacob, et regno ejus non erit finis.* [1] O Filho de que sereis Mãe, terá por nome Jesus, que quer dizer, o redemptor do mundo: este será grande, chamar-se-ha Filho de Deus, dar-lhe-ha o mesmo Deus o throno de David seu pae: reinará em toda a casa de Jacob; e seu reino e imperio não terá fim. Não sei se advertís no que diz o Anjo, e no que não diz; no que promette, e no que não promette. Tudo o que promette, são grandezas, altezas e glorias do Filho; e da Mãe, cóm quem falla, nenhuma coisa diz; e á mesma a quem pretende persuadir nada lhe promette. Não poderá Gabriel dizer á Senhora com a mesma verdade, que ella seria a florescente vara de Jessé; que nella resuscitaria o sceptro de David; que a sua casa se levantaria, e estenderia mais que a de Jacob; que seria rainha sua, e de todas as jerarchias dos Anjos; Senhora dos homens, Imperatriz de todo o creado; e que esta magestade e grandeza tambem a logrària sem fim? Tudo isto, e muito mais, podia e sabia dizer o Anjo. Pois porque diz e promette só o que ha de ser o Filho, e não diz nem promette o que ha de ser a Mãe? Porque fallou como Anjo, conforme a sua sciencia; e como embaixador, conforme as suas instrucções: por isso, nem elle diz, nem Deus lhe manda dizer, senão o que ha de ser seu Filho; porque nas materias onde Maria tem a eleição livre, o que mais pesa no seu juizo, e o que mais move

[1] *Luc.*, I, 31.

e enche o seu affecto, são as grandezas e glorias de seu Filho, e não as suas. As de seu Filho, e não as suas, porque as tem mais por suas, sendo de seu Filho: as de seu Filho, e não as suas, porque as estima mais nelle e as gosa mais nelle, que em si mesma. Isto é o que, segundo o conhecimento de Deus, e o do Anjo, e o seu, elegeu Maria na terra: e isto é o que na presença de Deus, dos Anjos, e de todos os bemaventurados tem por melhor no céu: *Maria optimam partem elegit.*

VII

E nós, Senhora, que, como filhos de Eva, ainda gememos neste desterro, e como filhos, posto que indignos, vossos, esperamos subir comvosco, e por vós a essa bemaventurada patria, o que só nos resta depois desta consideração de vossa gloria, é dar-vos o parabem della. Parabem vos seja a eleição, parabem vos seja a parte, e parabem a melhoria. Parabem a eleição, que, ainda que não foi, nem podia ser vossa, na predestinação com que fostes escolhida para a gloria de Mãe de Deus, foi vossa no consentimento voluntario e livre, que se vos pediu, e déstes para o ser. Parabem vos seja a parte que comprehende aquelle todo incomprehensivel de gloria, que só póde abarcar, e abraçar o ser immenso, e conter dentro em si o infinito, que vós tambem com maior capacidade que a do céu tivestes dentro em vós. Parabem vos seja finalmente a melhoria, pois melhor vos está como Mãe, que toda essa immensidade e infinidade de gloria seja de vosso Filho, e melhor a gosaes por este modo, segundo as leis do perfeito amôr, que se a gosáreis em vós mesma. E assim como vos damos o parabem, e nos alegramos com todo o affecto de nossos corações, de que a estejaes gosando, e hajaes de gosar por toda a eternidade; assim vos pedimos humildemente prostrados ao throno de vossa Gloriosissima Magestade, que, como Senhora da Gloria, e liberalissima dispensadora de todas as graças de vosso bemditissimo Filho, alcançadas e merecidas pelo sangue preciosissimo, que de vós recebeu, nos communiqueis, augmenteis, e conserveis até o ultimo dia, em que passarmos, como vós hoje, desta vida, aquella graça que nos é necessaria para vos louvarmos eternamente na gloria.

INDICE

	PAG.
Sermão de Santa Iria	5
Sermão de Todos os Santos	31
Sermão do Beato Estanislau Kostka	71
1.º Sermão de Santa Catharina	97
2.º Sermão de Santa Catharina	133
Sermão de Santa Barbara	167
Sermão de S. João Evangelista	199
Sermão de Santo Estevão	221
Sermão do Nascimento da Mãe de Deus	235
Sermão do Nascimento da Virgem Maria	261
Exhortação Domestica em Vespera da Visitação	289
1.º Sermão da Visitação de Nossa Senhora	303
2.º Sermão da Visitação de Nossa Senhora	327
Sermão de Nossa Senhora do Carmo	357
Sermão da Gloria de Maria	393

252
V 673
9111
AUTHOR
VIEIRA, ANTONIUS
TITLE
Sermoes IX
DATE LOANED
BORROWER'S NAME
ROOM NUMBER
STORAGE - CBPL
9111